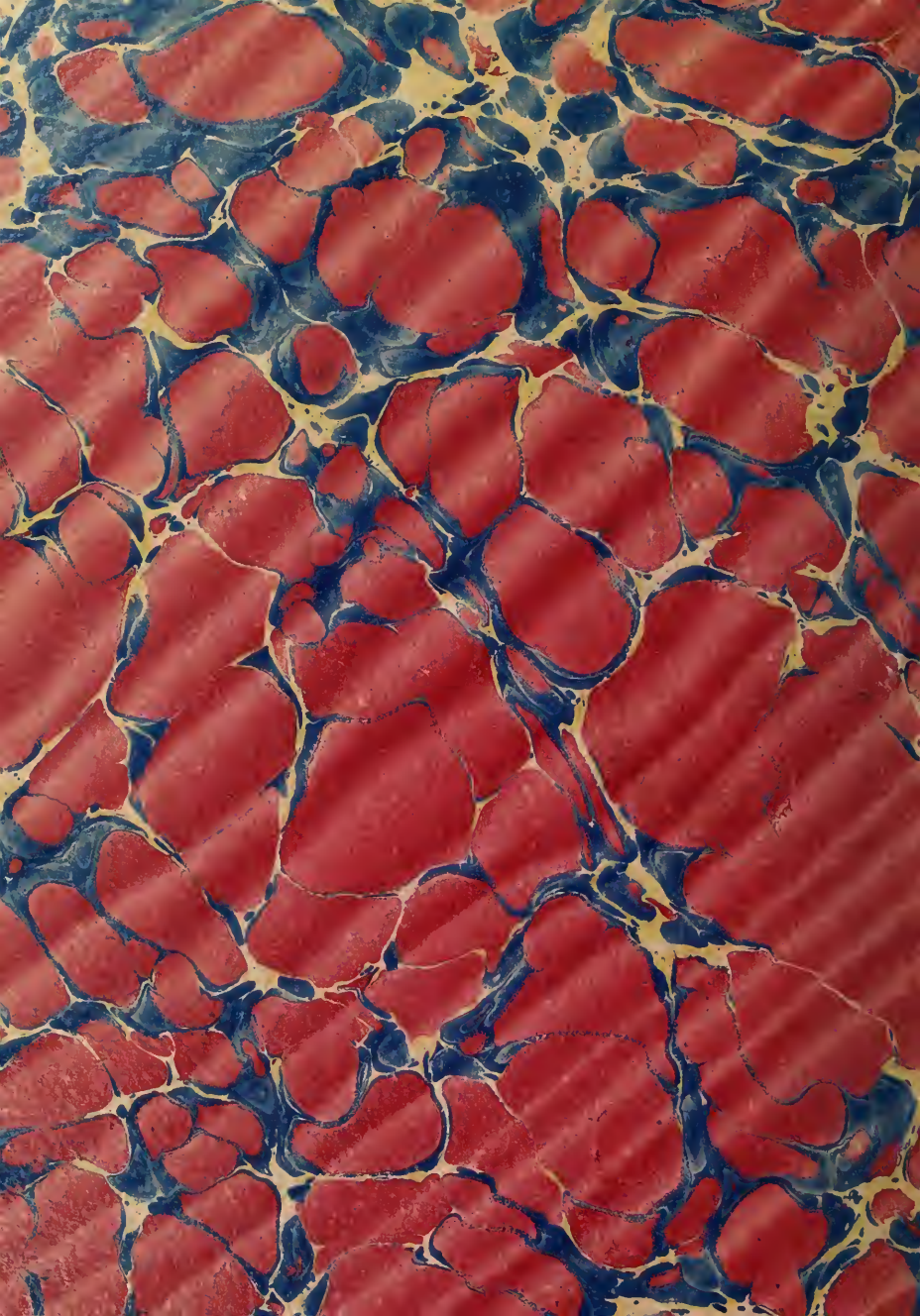
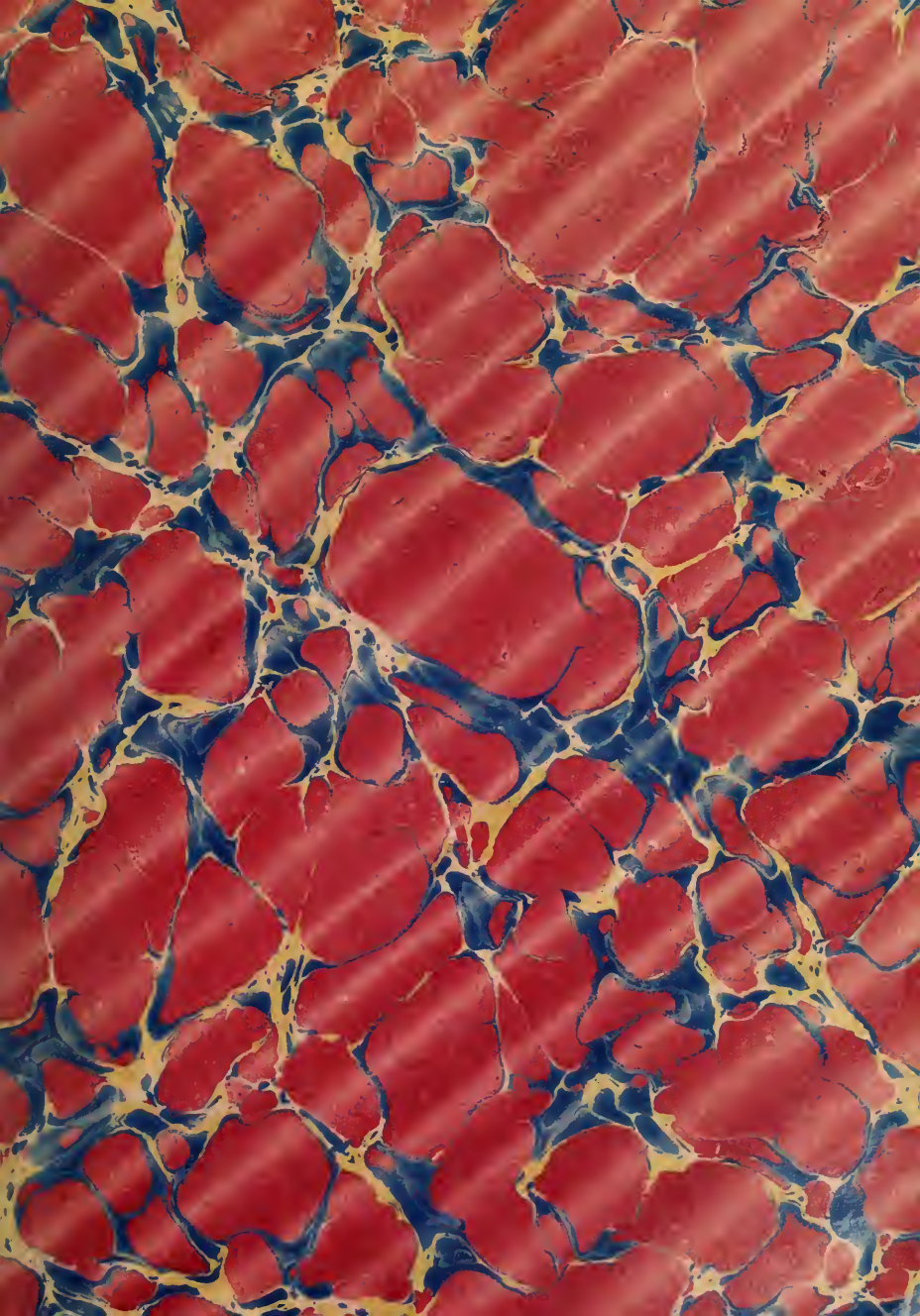








CENTENARIO
DO
DESCOBRIMENTO DA AMERICA

MEMORIAS
DA
COMMISSÃO PORTUGUEZA



LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1892





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

CENTENARIO
DO
DESCOBRIMENTO DA AMERICA

MEMORIAS
DA
COMMISSÃO PORTUGUEZA

CENTENARIO
DO
DESCOBRIMENTO DA AMERICA
MEMORIAS
DA
COMMISSÃO PORTUGUEZA



LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1892



E
111
A168

INDICE

A Commissão Portugueza da Exposição Colombina, por Joaquim de Araujo.

Centenario da Descoberta da America, por Theophilo Braga.

Breve noticia sobre o Descobrimento da America, por Augusto C. Teixeira de Aragão.

Catalogo dos objectos de arte e industria dos indigenas da America, por A. C. Teixeira de Aragão.

Estudos sobre navios Portuguezes, por Henrique Lopes de Mendonça.

Memoria sobre a residencia de Christovam Colombo na Ilha da Madeira, por Agostinho de Ornellas.

Os navios de Vasco da Gama, por João Braz d'Oliveira.

O Descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral, memoria de A. A. Baldaque da Silva.

Carta de El-Rei D. Manuel ao Rei Catholico, por Prospero Peragallo.



A COMMISSÃO PORTUGUESA

DA

EXPOSIÇÃO COLOMBINA

POR

JOAQUIM DE ARAUJO

Secretario da Commissão

Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisbon



A COMMISSÃO PORTUGUESA

DA

EXPOSIÇÃO COLOMBINA



Na sessão de assembleia geral da Academia Real das Sciencias, verificada em 5 de novembro de 1891, e sob proposta do sr. J. P. de Oliveira Martins, foi votada a nomeação de uma Commissão especial encarregada de estudar o modo como Portugal deveria ser representado no quarto centenario da descoberta da America, celebrado no paiz visinho, com certamens, exposições e festas, em que realça a apothiose da figura de Colombo, o genovês illustre, cujos serviços, desaproveitados pelo nosso D. João II, se converteram no maior dos pedestaes em que na Historia ficou esculpturado o vulto da singular Rainha que, por uma curiosa coincidencia, em tanto comprehendera as ambições e o character desse notavel rei a quem ella appellidara — o *Homem*.

De sete membros se compunha a Commissão a que alludimos; presidida pelo sr. Pinheiro Chagas, tinha como vogaes, além do proponente, os srs. conde de Ficalho, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, Jayme

Constantino de Freitas Moniz, Alvaro Rodrigues de Azevedo, e como secretario o sr. Theophilo Braga.

O resultado dos seus trabalhos não se fez esperar, e a breve trecho o sr. Oliveira Martins, relator, apresentava em uma lucida exposição preparatoria um conjuncto de propostas que o governo se deu pressa em mandar realisar, de um modo honrador para o nosso paiz: alludimos á reproducção da celebre esphera de Nuremberg, de uma planificação para globo, e á impressão do livro monumental de Duarte Pacheco Pereira — *Esmeraldo De situ orbis* —, de cujo original, infelizmente hoje perdido (andava na casa de Abrantes, antes do seu desaparecimento), se mantinham duas ou tres copias, a mais completa das quaes, pertencente á Bibliotheca de Evora, rica de opulentissimos thesouros, serviu de base á edição que vimos apontando.

Cumpria, porém, systematizar todos os esforços, dar o que moderadamente se chama *unidade* aos trabalhos, com que houvessemos de nos representar, occupando o lugar que nos compete, como iniciadores desse grande e fecundante movimento das descobertas, que no seculo xvi transformou completamente o mundo. Governo e Academia intenderam-se neste pensamento commum de honrar a nossa terra, iniciadora desses altos commettimentos, e a breve trecho o *Diario do Governo* publicava o decreto encarregando o primeiro estabelecimento scientifico portuguez de dirigir e preparar a nossa representação no grandioso ágape em que mundo antigo e mundo novo fraternisam, num preito de admiração, ao genovês immortal, que veio evocar do promontorio de Sagres os segredos mysteriosos, escondidos para além dos mares. . .

Esse decreto, base organisadora da Comissão que tomou o nome de — Comissão Portuguesa da Exposição Colombina —, é do teor seguinte:

«Tendo o governo de Hispanha convidado oficialmente o governo de Portugal para tomar parte na exposição, que se propõe celebrar em Madrid, no mez de outubro do corrente anno, em commemoração do quarto centenario do descobrimento da America, e em homenagem á memoria de Christovam Colombo;

Sendo um dever nacional concorrer áquella grande festividade, não só para corresponder a tão honroso convite da nação vizinha, mas também para afirmar a parte gloriosa que tiveram nossos maiores na descoberta do novo mundo;

Attendendo a que a Academia Real das Sciencias de Lisboa se promptifica a tomar sobre si o encargo da organização e direcção dos serviços e trabalhos necessarios para que Portugal se faça representar condignamente na projectada exposição;

Considerando que esta illustre corporação, composta de pessoas versadas nos diversos ramos das sciencias, letras e bellas artes, é sem duvida, pela sua elevada cathegoria, mui competente para o indicado fim;

Tendo ouvido o conselho de ministros:

Hei por bem decretar o seguinte:

1.º É encarregada a Academia Real das Sciencias de Lisboa de concentrar, dirigir e preparar todos os documentos, e quaesquer objectos nacionaes que devam figurar na exposição, que ha de celebrar-se em Madrid no mez de outubro de 1892, por occasião do quarto centenario em honra de Chistovam Colombo; devendo formular desde já o respectivo programma, e podendo nomear commissões e sub-commissões para mais facil e prompta realisação de cada uma das partes do mesmo programma, que será submettido á approvação do governo pelo ministerio da instrucção publica e bellas artes;

2.º Todas as auctoridades, estações officiaes, corporações e estabelecimentos de qualquer ordem satisfarão as requisições que lhes forem dirigidas pela Academia Real das Sciencias, que ficará assim representando o governo em todos os assumptos que digam respeito ao centenario do descobrimento da America.

O presidente do conselho de ministros e os ministros e secretarios de estado de todas as repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 28 de janeiro de 1892.—REI.—*José Dias Ferreira*—*Antonio Ayres de Gouveia*—*Joaquim Pedro de Oliveira Martins*—*Jorge Candido Cordeiro Pinheiro Furtado*—*Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*—*Antonio de Sousa Silva Costa Lobo*—*Visconde de Chancelleiros.*»

Communicado este decreto á Academia, para logo constituiu ella por votação unanime o nucleo da Commissão, que aggregada de alguns novos membros, cuja cooperação veio a dar-lhe merecido lustre, ficou em definitivo assim composta: Presidente, Conde de Ficalho, 1.º secretario, Manuel Pinheiro Chagas, 2.º secretario, Joaquim de Araujo, thesou-

reiro, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, vogaes, A. Arthur Baldaque da Silva, José Duarte Ramalho Ortigão, Henrique Lopes de Mendonça, Theophilo Braga, José Ramos Coelho, Prospero Peragalho, João Braz de Oliveira, Xavier da Cunha, Thomaz Lino da Assumpção, Alvaro Rodrigues de Azevedo, Raphael Basto, Visconde de Condeixa, Gabriel Victor do Monte Pereira, Agostinho de Ornellas e Vasconcellos, Thomaz de Carvalho, Francisco Marques Sousa Viterbo.

Acceitaram a nomeação de delegados da Comissão, no Porto, o sr. governador civil, João Antonio Brissac das Neves Ferreira, em Coimbra, o Rev.^{mo} Bispo Conde de Arganil (D. Manuel Correia de Bastos Pina), em Guimarães, o sr. Francisco Martins Sarmento e nos Açores, o sr. Ernesto do Canto.

Reunida a Comissão, estudados os programmas e regulamentos da exposição hispanhola, combinado com o Governo o indispensavel subsidio, que as Camaras votaram na sessão de 1892, approvando os pareceres a tal respeito elaborados, entendeu-se que por quatro sub-commissões diversas deveriam correr os trabalhos constitutivos da nossa Exposição, essencialmente dividida em quatro ramos ou secções fundamentais:

- I) *Maritima.*
- II) *Documentaria e Bibliographica.*
- III) *De Ethnographia Americana.*
- IV) *De Arte ornamental.*

Como esboço e nota de programma foi enviado á Legação hispanhola em Lisboa o seguinte elencho, confeccionado por José Duarte Ramalho Ortigão e Joaquim de Araujo, augmentado ao depois em muitos capitulos e especies, e diminuido em outros que a experiencia demonstrou serem menos exequiveis, ou referirem-se a numeros e indicações que um estudo mais proficiente e mais detido da sua authenticidade fez retirar da discussão:

I

Secção marítima¹

A

Mappas e quadros demonstrativos dos descobrimentos portuguezes e historia dos methodos de navegação e conhecimentos geographicos em Portugal nos seculos xv e xvi.

B

Collecção de cartas marítimas e portulanos, relativos a Portugal e suas colonias nos referidos seculos.

C

Collecção completa dos atlas e cartas modernas, de Portugal e suas colonias.

D

Modelos das embarcações portuguezas nos seculos xv e xvi.

E

Collecção completa das actuaes embarcações de pesca nas costas portuguezas.

F

Collecção de todos osapparelhos de rede e anzol, empregados na industria da pesca em Portugal.

G

Collecção de trabalhos de marinheiro na real armada portuguesa, empregados na arte de navegação.

¹ O Catalogo desta secção, abrangendo 506 numeros, acha-se publicado em um opusculo de 34 pag. in-8.º

H

Collecção de quadros do natural documentando o estudo da ictyologia marítima, fluvial e lacustre nas aguas de Portugal.

I

Collecção de motivos de ornamentação: remos, fatchas, redes, boias, cabaças, velas, camaroeiras, nassas, tresmalhos; collecção de bandeiras e estandartes.

J

Documentos de historia e archeologia marítima: padrão de Diogo Cão, janella da casa dita de Christovam Colombo na Madeira, sineta da nau capitanea de Vasco da Gama, imagem de S. Raphael (figura de prôa da nau de Vasco da Gama), modelo-reconstrucção da referida nau, astrolabios, etc.

II

Secção bibliographica e documentaria

A

Catalogo dos documentos mais importantes relativos aos descobrimentos portuguezes desde o seculo xv até meados do seculo xvi.¹

¹ Archivamos neste logar a seguinte interessante nota, apresentada numa das sessões da Comissão pelo sr. Gabriel Pereira:

Documentos de Diogo d'Azambuja

Pergaminhos varios da Misericórdia de Evora

1460—N. 2. Doação: a fr. Diogo d'Azambuja cavalleiro freire conventual da ordem de Aviz e guarda roupa do infante D. Pedro: por serviços feitos ao infante e á ordem. Constitue uma commenda, de 1460 em diante, nas rendas das coutadas da Chancellaria e Cova do Piam, coimas da coutada de S. Gens e Montinho em termo de Alter Pedroso e

B

Fac-similes e reproduções de alguns dos mais notaveis dos referidos documentos.

C

Collecção de roteiros, manuscriptos e livros antigos, concernentes aos descobrimentos e arte nautica no periodo indicado.

D

Memorias originaes, especialmente feitas, sobre descobertas e navegações nos seculos xv e xvi.

as deste lugar, e o foro de uma horta. Feita na villa de Aviz, 1 de outubro de 1460. Roy Vaz a fez. Assign.=IP.º=infante Pedro. Foi depois rei de Aragão e conde de Barcelona. Orig.^{al} bem conservado; não restam fragmentos do sello.

1464—N. 3. Trespado de procuração: 22 de Junho de 1464, em Coimbra, na rua da Calçada, ante as portas das casas de morada de Joã de Freitas, . . . estando presente Luiz Affonso bacharel em degredos e vigario geral de D. João Galvão bispo de Coimbra; procuração em latim, feita em 8 de maio de 1464, que mandaram traduzir.

Diogo d'Azambuja cavalleiro de Aviz, commendador de Alter Pedroso a de Seda, guarda roupa e guarda mor do muito nobre e excellente D. Pedro, rei d'Aragom, de Cizilia, de Valença, das Maiorcas, de Sardenha e de Corsia, e conde de Barcelona, nomeia procurador seu pai Pero d'Azambuja, escudeiro, morador em Monte mor o velho. Feita em Barcelona no paço do reverendo bispo de Barcelona no qual o dito serenissimo snr. rei sua morada continúa faz. Testemunhas D. João de Castro copeiro mor. Pero de Sousa Cavalleiro mordomo da casa do dito rei. Antonio França notario d'elrei.

1485—N. 5. Licença a Diogo d'Azambuja para pôr no escudo um castello. C. de D. João 2.º Pelos grandes servigos de Diogo d'Azambuja, cavalleiro da ordem de Aviz, do nosso conselho, commendador de Cabeço de Vide, Rio Maior, montados de Pedroso, alcaide mor de Monsaraz. . . assi nas guerras como no fazimento do castello de S. Jorge, que é nas partes de Guiné. . . . que no escudo das armas metta um castello alem das outras armas. Dada em Beja, 17 de março de 1485.

N. 7 e 8 (1494 e 1495). Compras de propriedades no termo de Monsaraz, feitas por D. d'Azambuja.

1509—N. 13. Trespado de Carta d'el-rei D. Manuel, dada em Abrantes a 27 de

E

Impressão expressamente feita do manuscripto de Duarte Pacheco Pereira (1505) *Esmeraldo De situ orbis*.

III

Secção ethnographica americana¹

A

Instrumentos de pedra americanos.

B

Ceramica.

Junho de 1507. Concede a D. d'Azambuja a capitania e alcaidaria mor do castello de Mogador... pelos serviços no fazimento do castello real de Mogador com despeza de sua fazenda. Trelado feito em 21 de novembro de 1509, em Montemor o velho no paço do Concelho.

1510—N. 14. Provisão, carta de mercê e mudança de renda. D. Manuel... temos dado uma carta a Diogo de Azambuja do nosso conselho, nosso veador mor d'artilharia... *transcreve a carta...* esguardando aos muitos e extremados serviços... de Diogo d'Azambuja do nosso conselho e capitão na nossa cidade de Çaffi... mercê des o 1.º de Janeiro de 1509... de juro e herdade de 150:000 rs. de renda na capitania da villa e castello d'Aguez, que é no rio dos Savées, junto com a dita cidade de Çaffi... muda depois esta renda para o almoxarifado de Coimbra. Dada em Almeirim a 20 de Janeiro de 1510. A 1.ª dada em Cintra 18 d'agosto de 1508.

1512—N. 17. Instituição de uma capella e posses das propriedades. Em 1 de setembro de 1512, em Montemor o velho, nas casas do dr. João Pinheiro, deão que foi da capella d'el-rei, onde ora pousa o commendador Diogo d'Azambuja. Deste doc. consta que era filho de Pero Eannes d'Azambuja e de Maria Gonçalves, e tinha uma irman, Iza-bel de Azambuja.

¹ O Catalogo desta secção, que melhormente chamariamos um inventario critico, abrange 457 numeros, descriptos em 44 paginas. Vae neste volume.

C
Armas.

D
Tecidos.

E
Mascaras e ornatos.

F
Utensilios domesticos.

G
Mumias e idolos.

IV

Secção de arte ornamental¹

A

Peças de ourivesaria portuguesa no seculo xvi provenientes das collecções publicas e particulares.

¹ Á falta de Catalogo desta secção, por em quanto ainda não elaborado, consignamos neste logar a relação dos objectos requisitados, pelo sr. Ramalho Ortigão, do Museu de Bellas Artes, installado no palacio das Janellas Verdes, e bem assim dos que foram escolhidos em Evora pelo sr. Teixeira de Aragão:

1. Gancho de ferro; baste torcida; representa a pomba da Arca, com o ramo no bico. É uma suspensão de lampada.
2. Estante representando um pelicano. É uma estante de côro. O original pertence ao côro da Sé de Visen. É uma ave que rasga o seio. O pelicano, divisa de D. João II, por exemplo na vinheta da *Vita Christi*, impressa em Lisboa em 1495, e nos *jetons* do tempo, tem as mesmas fórmas.
3. Tapete de Arrayollos. Folhagens e flores sobre fundos amarello e verde. Bordado simples sobre linhagem. O fundo amarello na tarja e centro. Ainda hoje em Arrayol-

B

Moveis portugueses de inspiração indiana, tapessarias, etc.

los se preparam lans e se fabricam alguns objectos neste genero. Esta industria dos tapetes esteve antigamente relacionada com a de Sevilha; houve em Portugal tapeceiros mouriscos. No seculo xviii foi importante o fabrico de tapetes em Arrayollos, especialmente para as egrejas.

4. Tapete de Arrayollos, menor que o antecedente. Os mesmos elementos artisticos.
 5. Armeiro de carvalho, estilo *renascimento*. Entalhados finos ornamentando em folhagens e figuras. As mascaras ou bustos de guerreiros com ornamentos que recordam o Oriente. Ha outros exemplares analogos; é trabalho português do meiado do seculo xvi.
 6. Mesa indiana. Ornatos de embutidos circulares com centros em marfim; duas gavetas com espelhos em latão aberto. Trabalho indiano.
 7. Arca, madeira forrada de couro sem pregos com fechos, cantos, argolas e ornatos em ferro.
 8. Contador ou gabinete indiano; os pés em cariatides, finos espelhos de fechaduras e argolas em latão aberto; ornamentado de embutidos circulares crusados.
 9. Quadro de Epiphania.¹
 10. Pintura em madeira representando um cavalleiro de S. Thiago. Era do mosteiro de Palmella, e fez parte de collecção. O cavalleiro ajoelhado, fazendo voto, com o elmo ante si. A Virgem entre nuvens; ao fundo grupos de cavalleiros mouros e christãos promptos a entrar em lucta.
 11. Pintura em madeira. Familia sagrada. S. José aquecendo ao fogareiro roupas do Menino Deus. Ao fundo o presepio. Grupos de anjos. Paisagem azulada.
 12. Pintura em madeira. Adoração dos Reis. Notavel a indumentaria, as joias, os bordados. Um pagem no segundo plano parece estar em rigoroso costume do começo do seculo xvi. Homens armados, de guarda dos reis, tem rostos portugueses.
- Este e o antecedente tem fundos em paisagem azul.
13. Arca. Em madeira nua. Optimo exemplar. Cinco gavetas. Espelhos e pregos ornamentaes.
 14. Medalhão (familia L. della Robia). Tem as armas reaes de Portugal. O escudo portu-

¹ Sobre a antiga pintura portuguesa são muito notaveis os magistraes estudos de Joaquim de Vasconcellos, benemerito creador da nossa historia da Arte. O illustre membro da Commissão Colombina, sr. Sousa Viterbo, tem em elaboração uma monographia sobre Pintores portugueses que, certamente faria parte do presente volume de *Memorias*, se a doença na não privasse da cooperação de tão incansavel quanto erudito investigador.

C

Photographias dos principaes monumentos portuguezes, egrejas, tumullos, pelourinhos, etc., da epocha manuelina e mais importantes detalhes da architectura da referida epocha, destinados a exemplificar a originalidade do estilo português e suas differenças caracteristicas do pleteresco hespanhol.

guês entre anjos, encimado pela corôa aberta; moldura de folhas e fructos. Os escudos de azul, e ponteagudos. Sete castellos (D. João II ou D. Manuel).

15. Estante terminando pela esphera armillar e cruz de Malta. Em carvalho, entalhado. É uma estante de côro.

16. Colcha n.º 118.

17. Colcha n.º 119.

18. Colcha n.º 98.

Pratas

19. Nossa Senhora do Espinheiro. É um porta-paz. Sobre um *espinheiro* está a Virgem e o Menino. Allude a uma antiga lenda milagrosa. Era do convento ou mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro de Evora. Ourivesaria portugueza do seculo xv. É joia capital para o estudo da arte em Portugal.
20. Custodia. Gothico com poucos elementos do renascimento. Figuras na base. É tambem trabalho de primeira ordem para a historia da arte e da ourivesaria portugueza no seculo xv e mudança ou transição para o seculo xvi. Haja vista o que diz Vasari, de And. Contucci, o Sansovino.
21. Calice. É uma joia complexa. Nó em gothico com tres campainhas. Ornamentação bysantina na base. Pequeno *calvario* esmaltado. A *capa* pode ser do seculo xiii. Em Portugal como em Hispanha ha muitas joias que soffreram modificações.
22. Santo Antonio. A imagem sobre a esphera armillar. Rosas de *filigrana*. A esphera sobre vides com cachos, sarmentos e grainhas. Estas sobre rans. Base com silva de renascimento rudimentar.
23. Cruz procissional. Prata dourada. É uma cruz floreteada em lizes. No centro o Christo, entre symbolos dos Evangelistas. Figuras phantasticas (talvez de origem franceza, fazem lembrar os grotescos da varanda de Notre-Dame de Paris). Rosacea trabalhada no verso. Pode ser, e é provavelmente portugueza, porque está em perfeita harmonia com a architectura. Seculo xv.

24. }
 25. } Cofres em tartaruga lavada com fechos e firmesas em prata. Seculo xvi.
 26. }

27. Relicarios do Convento da Conceição de Beja. Peças muito raras. Este convento está ligado á familia de D. Manuel. Provavelmente eram peças antigas que existiam nessa

D

Collecções de livros, illuminuras, encadernações, etc., nos seculos xv e xvi.

Bibliographia artistica.

- familia. São pequenos relicarios em gothico do seculo xiv. O relicario redondo tem as reliquias dos Santos Martyres de Marrocos. Devem ser peças rarissimas.
28. Patena de calice. A ceia do Senhor em fino esmalte. No verso o Christo e a Virgem.
29. Naveta em fôrma de galeão. Era fôrma usual das navetas, vasos para incenso nas egrejas, nos seculos xv e xvi. Muitas vezes, o thuribulo tinha a fôrma de torre ou castello.
- 30, 31 e 32. Cofres de tartaruga com fechos e ornatos de prata; cofres para joias, para roupas de imagens, para lenços finos ou rendas, muito usados nos seculos xvi-xvii.
33. Ampulheta d'el-rei D. Manuel; com o escudo real no tempo superior.
34. Cofre em filigrana de prata. A filigrana entrou sempre na ourivesaria portugueza. Já apparece no calice da Sé de Coimbra, feito por Geda Menendiz, no seculo xu. Usada ainda hoje na ourivesaria popular.
35. Arca indiana } Estes dois moveis jogam perfeitamente com a mesa e contador já
36. Cofre indiano } mencionados.
37. Photographias dos monumentos e obras de arte nacionaes, da Academia das Bellas Artes.
- 38, 39, 40 e 41. Quadros, pintura em madeira, da primeira metade do seculo xvi. Do arcaz da sacristia do extincto Mosteiro da Madre de Deus. Quatro quadros, mas em taboas pintadas no anverso e reverso; originalmente *vultos* ou pinturas procissionaes. Referem-se as pinturas ao casamento de D. João III, e á entrada solemne no mosteiro, do corpo de Santa Auta. Pinturas seguramente executadas em Portugal, pois o edificio que se vê é o proprio ainda existente.

Objectos de Evora

1. Casula de D. Theodosio de Bragança. Relevos de velludo sobre lhama branca. Na tarja central bordados e pintura sobre o tecido. O escudo mostra ter pertencido á *Cartuxa* de Scala Cœli (Evora).—Pertence á Sé de Evora.
 2. Doel. Bordado de folhagens ornamentaes a matiz e fio de oiro sobre velludo carmezim. Das melhores tapeçarias que temos em Portugal. Em perfeita harmonia com os pequenos docéis muito lavrados representadas nas pinturas do seculo xv e começo do xvi. Pertence á Sé de Evora.
 3. Mitra com applicações de prata.
-
4. Côco para agua, com pedestal, ornatos e tampa de prata lavrada e dourada. Seculo xvi. Pertence ao sr. duque de Palmella.

Entre a sessão inicial de 19 de fevereiro e a ultima de 28 de setembro, vinte e tres vezes se reuniu a Commissão, discutindo e adoptando alvitres cuja somma se achia reunida no conjuncto da Exposição que vae effectuar-se; investigando sollicitamente quanto lle pareceu digno de um estudo de maior; preparando elementos que hão certamente enriquecer as collecções nacionaes; inventariando objectos notaveis na historia da nossa evolução artistica dos seculos xv e xvi; chamando para o nosso paiz documentos curiosos e importantes como o inapreciavel mappa de Cantino, que ha pouco ainda fôra citado entre nós a primeira vez pelo sr. Gabriel Pereira;¹ elaborando monographias originaes que honram singularmente os seus autores, rebuscando no Archivo Nacional os mais preciosos documentos para a historia dos nossos navegadores; colleccionando e recolhendo memorias de descobertas e descobridores;

¹ A bella copia photographica deste mappa, enviado pela Societ  Geografica Italiana de Roma ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros e por este remettda   Commiss o, vinha acompanhada do seguinte curioso traslado:

Raccolta di documenti e studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana.

(PART. III, VOL. I, PAG. 153).

XI.

Râma, 19 novembre 1502.

Illustrissimo principi et excellentissimo duci et domino domino Herculi duci Ferrarie etc. et domino meo benefactorique observantissimo.

Illustrissime princeps et excellentissime dux et domine domine mi observantissime etc. Per una de vostra excellentia in risposta d'una mia   giorni passati a quella drizata, ho inteso quanto in epsa se contiene; et maxime circha la carta del navichare. il che humilmente a vostra signoria respondendo adviso: che dicta charta lassai in Genoa a dicto messer Francesco Catanio, et da lui hebbi ducati vinte striti, cio  de libre tre ciascuno: vero   che dicta charta in Portogallo a me de pacto facto mi cost  ducati dodice d'oro in oro: ma astretto dal bisogno et non avendo ove ricorrere, fui sforzato a tuor dieti denari, et fare quanto a vostra signoria scrissi. la charta   di tal sorte, et spero che in tal maniera piacer  a vostra excellentia, che non gli ser  molesto haver per epsa exbursato dicta quantitate, purch  di quel pi  che sopraspender  vostra signoria, cio  de dodice ducati che mi cost  quella, mi faci creare suo debitore: si che vostra excellentia, piacendoli, mi advisi

procedendo a averiguações sobre o paradeiro de reliquias dos nossos fastos artisticos e historicos; procurando enfim documentar os trechos desse periodo admiravel da civilisação portugueza, que vêm desde a ultima parte do seculo xv até meados do seculo xvi.

E num paiz onde a linha dos estudos historicos parece desde muito ir-se perdendo é consolador ver ainda na brecha e na estacada, como que continuando as tradições antigas, trabalhos eguaes aos que a secção documentaria da Comissão Colombina poudo perseverantemente realizar. O volume — *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do*

quanto circha questo ho adoperare, et continuamente fra numero dé suoi fidei servitori mi tenga.

Rome, die .19. novembris .1502.

Illustrissime et excellentissime ducalis dominationis vestre servitor

Albertus Cantinus subscriptus.

(Arch. di Stato in Modena, Cancelleria ducale, Carteggio degli Ambasciatori Estensi).

Além do mappa de Cantino enviamos á exposição de Madrid os seguintes:

Lazaro Lviz — Liuro De Todo ho vniuerso... feito na era de mil he qinhētos he sesēta he tres annos... Collecção preciosissima de mappas illuminados em pergaminho.

Mappas de Fernão Vaz Dourado, ua primorosa edição *fac-simile* de Munich.

Mappas dos *Roteiros* de D. João de Castro.

Fac-simile do mappa de Diogo Ribeiro (1529).

Fac-simile — Africa, extrahido do Atlas M. S. feito por Diogo Homem em 1558, existente no Museu Britannico: publicado pelo conde de Lavradio em 1860.

Collecção, o mais completa possivel, de mappas do visconde de Santarem.

Collecção de mappas da secção cartographica do ministerio da marinha.

Collecção de mappas da secção geodesica.

Collecção de magnificos mappas originaes, mandados levantar expressamente, sob a direcção do sr. Baldaque da Silva, e representando descobertas dos portuguezes:

Mappa com o cabo de S. Vicente, promontorio de Sagres e logar de Rapozeira, representando a posição geographica do ponto escolhido pelo infante D. Henrique para centro dos seus empreendimentos, etc. (1418). 1^m,40 alt., 1^m larg.

Mappa com as descobertas de Porto Santo e Madeira. João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, 1418-1419. 1^m,25 alt., 0^m,80 c. larg.

Mappa com as descobertas além do cabo Bojador, comprehendendo a do archipelago de Cabo Verde. Gil Eannes, 1419; Antonio Noli, 1460. 1^m,00 alt., 0^m,98 c. larg.

Tombo ácerca das Navegações e Conquistas Portuguezas, abrangendo integras e summarios em numero superior a 300 e comprehendendo a epocha que vae de 1415 a 1528, ou seja desde a tomada de Ceuta até ao tratado das Molucas, recorda honradoramente os aureos tempos de Ribeiro dos Santos, de Amaral e de João Pedro Ribeiro; a edição do *Esmeraldo* apresenta-se a competir em annotações e documentação com o que de melhor tem sido dado á estampa nos paizes em que tarefas semelhantes são como que profissionais; o volume do sr. Pinheiro Chagas—*Os descobrimentos portuguezes e os de Colombo*, cota-se como um tomo de boa e

Mappa com a descoberta do archipelago dos Açores. Gonçalo Velho Cabral, 1444. 1^m,45 alt., 1^m,10 larg.

Mappa com as descobertas do reino do Congo e rio Zaire. Diogo Cão, 1484. 1^m,45 alt., 1^m,5 larg.

Mappa com a descoberta do Cabo das Tormentas (*Boa Esperança*). Bartholomeu Dias, 1485. 1^m,60 alt., 1^m,05 c. larg.

Mappa com a primeira viagem de Vasco da Gama para a India. 1497-1499. 1^m,30 alt., 1^m,45 larg.

Mappa com a descoberta do Brazil e com a descoberta da terra dos bacalhaus (Terra Nova). Pedro Alvares Cabral, 1500; João Vaz Côrte Real, 1463; Gaspar Côrte Real, 1500 (Passagem do N. W. Canadá) 1^m,60 alt., 1^m,13 larg.

Mappa com a primeira viagem de circumnavegação do Globo. Fernão de Magalhães, 1519-1522; Sebastião del Cano. 0^m,93 c. alt., 1^m,40 larg.

Mappa demonstrativo da vantagem de cortar a linha a oeste das ilhas de Cabo Verde para ir do hemispherio norte para o hemispherio sul, 1497-1538. Desde Vasco da Gama até D. João de Castro. 1^m,35 alt., 1^m larg.

Mappas das ilhas da Madeira, Porto Santo e Funchal, pelo general A. P. de Azevedo.

Reprodução da esfera de Nuremberg.

A esta secção deveremos juntar o *Livro das naus da India*, collecção preciosa de aquarellas dos navios da epocha das descobertas, que a Academia adquiriu recentemente por diligencias e cuidado do sr. Theophilo Braga, o *Breve tratado da marinharia*, comprado pelo sr. duque de Palmella no leilão da livraria do marquez de Castello Melhor (v. n.º 254 do respectivo *Catalogo*), e a magnifica collecção de Memorias sobre construcções navaes obtida pelo sr. Ramalho Ortigão, incansavel organisador da Exposição de Madrid e delegado e representante official da Commissão da Academia. Tambem não são para somenos individuações as *Lendas da India* de Gaspar Correia, o *Prestes Joham das Indias*, o *Esmeraldo*, em summa, toda a valiosa collecção de volumes que se relacionam nesta serie de materias.

segura critica; e finalmente este livro de *Memorias da Commissão portuguesa* apresenta-nos um contexto de estudos, que sobremaneira avanta-jam fóros aos eruditos que os alevantaram. O phenomeno da desco-berta da America e da sua influencia na civilisação europeia é caracte-risado por modo firme nos promenores da monographia do sr. Theo-philo Braga; seguidamente o sr. Teixeira de Aragão historia os primor-dios e a realisação dessa grande empreza, com solidos conhecimentos sobre o assumpto, patenteando saber, entre nós pouco vulgar, em tal especialidade; o sr. Lopes de Mendonça junta materiaes para o estudo de navios portuguezes dos seculos xv e xvi, com lucidissimos resulta-dos, apontando-nos specimens estimaveis como o da celebre Bica do Des-terro em Lisboa; o sr. Agostinho de Ornellas occupa-se com são criterio da residencia de Christovam Colombo na Madeira, discutindo a tradição da casa que se suppõe ter sido habitada pelo grande Navegador; o sr. João Braz de Oliveira trabalha com vigoroso tino critico sobre os na-vios de Vasco da Gama; o sr. A. A. Baldaque da Silva estabelece como obedecendo a um plano determinado e a um estudo scientifico tão ri-goroso, quanto a epocha o comportava, a descoberta do Brazil attri-buida geralmente a acasos de uma navegação invernos; e o sr. Pros-pero Peragallo, que é decerto entre nós o mais notavel colombista, elu-cida e commenta, com o amplo cabedal da sua valiosa erudição, a Carta de el-rei D. Manuel ao rei catholico, narrando-lhe as viagens portugue-sas á India desde 1500 até 1505. Em volta desta abençoada messe de *Memorias historicas*, gravitam, como subsidios muito para serem citados, a edição do capitulo de Gaspar Fructuoso, extrahido das *Saudades da Terra* pelo sr. Ernesto do Canto,¹ delegado da Commissão Colombina no

¹ Cap. 22, Liv. 1: *Do descobrimento das Antilhas, que agora se chamam Indias occi-dentaes, e como os reis de Castella as possuem, declarando a linha da repartição da con-quistista entre Elles e os Reis de Portugal.*

A edição deste capitulo inédito das *Saudades da Terra* (tiragem 50 exemplares, *Typ. do Archivo dos Açores, Ponta Delgada, 1892*), tem junta a celebre carta do dr. Jeronymo Montario, publicada com bastantes erros na *Folha do Sul*, de Evora (1864), e reprodu-zida mais tarde em opusculo, sobre uma copia expressamente tirada pelo consciencioso bi-bliographo sr. A. Fernandes Thomaz. O sr. Ernesto do Canto appensou algumas notas ponderosas, a esta nova reproducção.

archipelago açoriano, a succinta mas interessante dissertação do sr. Gabriel de Almeida sobre *Pescarias nos Açores*, a collecção de textos de Ruy de Pina, Garcia de Rezende e João de Barros, rubricando a estada de Colombo em Lisboa, (edição critica e comparativa dos originaes e impressões diversas, annunciada pela Inspecção Geral das Bibliothecas), a conferencia do sr. Oliveira Martins pronunciada no Atheneu de Madrid, o curioso opusculo genealogico do sr. Antonio Maria de Freitas, sobre a *Mulher de Colombo*, e a exposição em que o sr. Baldaque da Silva expendeu o seu plano critico da reconstituição, que tão proficientemente levou a effeito, de um modelo da nau de Vasco da Gama.

Não são algumas destas publicações da lavra de academicos ou membros da Commissão Colombina portuguesa; cumpre todavia inventariar-as, em graça da verdade, como producto da corrente estabelecida nos trabalhos e investigações da Commissão, cujos annaes tracejamos em summula nas breves linhas deste rapido esboço. Essa corrente é como que a contraprova da viva solidariedade que nos prende ao certamen hispanhol, ou, melhor diríamos, á grande affirmacção occidental. Acaso sem as iniciações épicas de audacia que entre nós tão levantadamente o precederam, se não lançaria Colombo oceano em fóra; nem dando a mão a Fernão de Magalhães, Pedro Alvares Cabral e Vasco da Gama fixaria na Historia esse gigantesco padrão de unidade de ideal religioso-aventureiro que nos seculos xv e xvi ligou a Peninsula de um a outro extremo, na mesma communhão de aspirações.



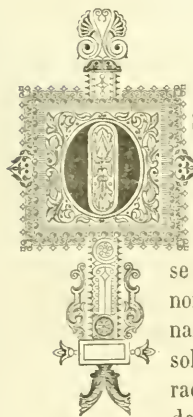
CENTENARIO
DA
DESCOBERTA DA AMERICA

POR
THEOPHILO BRAGA

Socio effectivo da Academia real das Sciencias



CENTENARIO DA DESCOBERTA DA AMERICA



S estados e nacionalidades modernas da Europa constituem os seus annaes com os factos historicos da sua actividade isolada; mas esses factos só apresentam um verdadeiro sentido quando relacionados com a vida de conjuncto d'este grande organismo em que se concentrou o maximo progresso humano, que se denomina a *Civilisação occidental*. Cada estado ou nacionalidade europêa é um membro cooperador d'esse todo solidario, que por um concurso de circumstancias naturaes e voluntarias, casuaes e unicas, o tornaram o factor dos mais altos destinos da humanidade. É este o criterio que tem de interpretar os successos notaveis de cada seculo, a intuição social de cada homem de genio, e o ideal das agitações politicas quando tendem para uma acção commum. Muitas vezes os successos manifestam-se por uma fôrma inconsciente, os actos são motivados pelo estimulo de velhas ficções e erradas idéas, o concurso das nações, como

nas cruzadas, suggerido por interesses transitorios; mas, apesar d'isto, as suas manifestações ou resultam de uma aspiração immanente na evolução superior da Civilisação geral, ou se reflectem de um modo imprevisto n'essa marcha vertiginosa de transformação.

É assim que o seculo xv, caracterisado historicamente como o limiar dos tempos modernos, se synthetisa em tres factos, que deram á Civilisação occidental a sua fórma definitiva, e facilitaram a dissolução dos velhos elementos de uma ordem atrazada que a embaraçava na sua expansão. Esses tres factos são a descoberta da *Polvora*, a descoberta da *Imprensa* e a descoberta da *America*.

I

A Europa achava-se sob o arbitrio da força material de uma classe aristocratica e guerreira ou o regimen feudal, que cultivava por distinctivo de nascimento a pericia das armas e se entretinha nas guerras privadas; era impossivel, ás classes servas, formadas pelas guerras romanas e invasões germanicas e arabes, elevarem-se á dignidade social e defenderem-se no seu trabalho livre. Pela descoberta da polvora acabou o privilegio da força, e a actividade militar, tornando-se successivamente defensiva, converteu-se em uma funcção estipendiada, que veio pelos exercitos permanentes coadjuvar a dictadura temporal da realza, centro coordenador de uma ordem empirica, mas necessaria, para o desenvolvimento do proletariado activo e da burguezia capitalisadora.

A compressão da força não era mais terrivel do que a apathia mental, sustentada pela preponderancia da immutabilidade dos dogmas do regimen theologico que dirigia as intelligencias. Entre a Civilisação greco-romana e o Catholicismo existia uma solução de continuidade: o saber antigo e a revelação eram inconciliaveis. A Civilisação humana tinha de refazer-se, ignorando completamente o seu passado; levaria seculos esse esforço. Manifestou-se pela revolta dos espiritos, que, pelo trabalho es-

teril da discussão dialectica dos Ontologistas, e por um froixo reflexo da sciencia da Grecia, veio dissolver por uma fórma negativa esse regimen ou synthese mental da theologia, mas sem um plano systematico e fundamentado. No seculo xv a descoberta da Imprensa, determinada pelo interesse do lucro dos copistas e em concorrência com a sua industria, vem no momento opportuno coadjuvar a libertação da intelligencia, dando ao novo regimen mental da critica os elementos essenciaes da sua especulação, facilitando-lhe o conhecimento de todo o saber antigo da Grecia e de Roma, os poemas, os tratados de geographia, os livros de historia, os codigos, a moral, a sciencia de observação, enfim os subsídios para uma synthese social, que se conflagraram de um modo estupendo em todo o percurso do grande seculo xvi. Não admira, pois, que esses dois seculos, tão intimamente solidarios, se esquecessem, na sua violenta crise social e mental, do elemento affectivo ou sentimental, que teria coadjuvado a transição para os tempos modernos. O seculo xv absorveu-se no exame do saber antigo, entregou-se ao trabalho de compilação, architectou Encyclopedias, a que chamava por um espirito de universalidade *Imagens do mundo*, como a de Jehan de Beauvau, de mestre Gassouin e do cardeal Pedro d'Ailly. N'essa leitura intensa appareciam á imaginação factos surprehendentes, indicações maravilhosas ácerca da natureza e do mundo, da especie humana e dos seus costumes, que provocavam a vontade da verificação, a audacia da aventura e da descoberta. Muitas vezes a sabedoria dos livros era contradictoria e inconciliavel, como nas questões que estavam respondidas pela Biblia e pelos padres da Igreja; mas, ou pela propria hallucinação da fé, ou pelo interesse politico, ou pelo instincto da aventura individual, a Civilização era servida pela conversão espontanea da sciencia dos livros em sciencia das cousas, como o formulou tão pittorescamente Fontenelle. Quando se vê como Colombo citava nas suas cartas a auctoridade de Aristoteles e de Seneca emquanto á fórma da terra, e trazia consigo a *Imagem do mundo* de Pedro d'Ailly, e conciliava as palavras do Evangelho e as de Santo Agostinho com a esperança de que a um continente novo chegaria a palavra de Christo, observa-se como esse syncretismo de idéas e imperio de crenças, que nos outros espiritos se manifestava pela duvida, achava no seu temperamento

de visionario o esforço para caminhar deliberado e convicto através das ficções seculares para a descoberta da realidade.

A descoberta da America era o problema dominante em todas as intelligencias especulativas e politicas, porque correspondia á maior necessidade da Civilisação occidental, que pelo seu grande desenvolvimento, deslocando-se do seu berço mediterraneo, tinha de alargar-se na expansão pelo Atlantico. No seculo xv, terminada a actividade guerreira do feudalismo e os recursos das conquistas dos estados entre si, e desenvolvido o proletariado como classe trabalhadora, a Europa carecia naturalmente de prolongar as suas forças pacificas, na industria e no commercio, e a descoberta de um continente novo succedia no momento o mais opportuno para realisar-se a verdadeira transição para a idade moderna. A descoberta da America é a coroação de todos os esforços accumulados para a deslocação da Civilisação occidental das orlas do Mediterraneo para a vastidão do Atlantico. Coube a Christovam Colombo, pela sua perseverança através de todos os preconceitos religiosos e scientificos e de todo o empirismo boçal dos governos, o rematar esta epopéa de esforços, em que o genio italiano, fecundado pelas descobertas marítimas dos portuguezes, e coadjuvado pelo espirito de aventura e audacia hespanhola, se tornou perante a historia uma das mais bellas manifestações da nossa *occidentalidade*.

Emquanto as navegações antigas dos phenicios, jonios, carthaginezes e italiotas se faziam dirigidas unicamente pela estrella polar e pela constellação da Ursa, ellas nunca poderam transpôr as columnas de Hercules, e a Civilisação occidental confinava-se na bacia do Mediterraneo. Desde que se achou a *bussola*, conhecida desde o seculo xii, estava-se de posse do instrumento que tornava possivel as grandes navegações atlanticas. Coube aos portuguezes a gloria de se servirem scientificamente d'este instrumento na investigação do Mar Tenebroso, que levou o homem á circumducção e posse completa do planeta.

II

O centro principal das civilizações mais elevadas da humanidade estabeleceram-se nas bordas do Mediterraneo, d'onde refluiu sobre a Asia na época de Alexandre, e se estendeu por toda a Europa pela acção dos romanos, até que, incorporados os povos barbaros e constituindo novas nacionalidades, se deslocou para o Atlantico. Este facto determina uma era incomparavel na evolução da humanidade; realisado pela actividade marítima dos portuguezes, bastava esta alta missão historica para tornar inolvidavel o povo que a cumpriu. Sob a dependencia material da contiguidade do espaço pode-se dizer que a Historia universal está condensada no grupo das Civilizações mediterraneas, como tão lucidamente o reconheceu Herder. Segundo Mommsen, essas Civilizações apresentam quatro phases: a *Egyptica* ao sul, a *Arameana* ao oriente, a *Hellenica* ao oeste e a *Italica* ao occidente; é em volta da bacia do Mediterraneo que a humanidade apresenta estas extraordinarias manifestações da sua capacidade progressiva. O periodo arameano desenvolve o genio cosmopolita, que levou os phenicios á exploração mercantil, tentando as navegações atlanticas. Era a indole pacifica da Civilização occidental, revelada em um dos seus germens primarios. Mas na raça semita esse genio cosmopolitico facilmente se dissolvia em um nomadismo incoherente de tribu. No periodo hellenico os navegadores jonios tambem saem do Mediterraneo seguindo os esteiros phenicios, mas o seu cosmopolitismo, em vez de desagregar-se em tribus, funda colonias e estados. Tal era o caracter essencial da grande raça árica, que havia de dar á Civilização occidental o corpo de uma confederação de nações. «Na raça árica, disse Renan, ha uma expansão cosmopolita, apoiada no desenvolvimento das formas sociaes, que a fortaleceu contra o nomadismo, dando-lhe a consistencia de nações.» Esse typo de organização social, que prevaleceu em todos os ramos da migração árica, foi o Municipio, base de ordem em to-

das as suas crises, fonte de toda a sua liberdade civil e politica pelos primeiros pactos defensivos de ligas, amphictyonias, behetrias e federações rudimentares. O grande abalo da invasão dos barbaros da Germania no Occidente não pode já extinguir a Civilisação occidental; assimilaram-se a ella, produzindo-se o phenomeno grandioso da creação das nacionalidades modernas. Essas mesmas nacionalidades, logo que tiveram de expandir-se pela actividade industrial, a necessidade da lucta estimulou-lhes o genio colonizador, fundando sobre o globo e em territorios ignorados Nações activas e poderosas, como o Brazil e todas as Republicas das duas Americas, em que o cosmopolitismo dos Portuguezes, Hespanhoes e Inglezes se apoia indiscutivelmente no fecundo desenvolvimento das fórmas sociaes. N'este grande quadro, em que está implicito o futuro da Humanidade, o Atlantico tornou-se para a Civilisação occidental um outro Mediterraneo, confinado pela Europa, Africa e Americcas. Esse vasto campo exige uma mais intensa acção, não do homem contra o homem, mas uma liga de cooperação para nos apropriarmos das energias da natureza. Era este o drama que tanto agitava a imaginação dos aventureiros que se lançavam á exploração do Mar Tenebroso. Onde terminava esse mar? Qual seria a margem do outro lado, do oeste? A estas perguntas da curiosidade natural succediam-se outros problemas, então insoluveis, ácerca da configuração da terra. E d'essa concepção dependia o modo de responder hypotheticamente a taes perguntas; uns acceitavam a concepção de que a terra era chata, seguindo a auctoridade dos Psalmos, de Homero e de Leucippo, e n'este caso o Mar Tenebroso terminava no abysmo, e todas as tentativas de navegação ao largo eram temerarias; outros já concebiam a terra como espherica, seguindo a auctoridade de Pomponio Mela, de Macrobio, e de Isidoro, bispo de Sevilha. Era portanto navegavel o Mar Tenebroso, e essa navegação, cheia das mais extraordinarias surpresas, provocava todas as iniciativas para verificar se avançando para oeste se poderia tocar a costa da Asia, indo *al levante por el poniente*, como dizia o proprio Colombo, synthetizando n'esta phrase o pensamento completo da sua empreza.

A entrada dos turcos na Europa difficultara o caminho por terra para a Asia. Era necessario achar uma nova passagem por mar. Duas so-

luções se apresentaram: uma caboteando pela costa da Africa para o sul, realisada pelos navegadores portuguezes, por Bartholomeu Dias e por Vasco da Gama, que dobra o Cabo das Tormentas e segue *por mares nunca d'antes navegados*; a outra, atravessando o Atlantico de léste para oéste, até ir tocar na margem fronteira á Europa. Para activar esta empreza não foi sem uma importancia decisiva a leitura das Viagens de Marco Polo, que descrevia terras e reinos desconhecidos da Asia, taes como o Cathay e Cipango. As imaginações estavam cheias das phantasias dos lendarios celticos, das narrativas de Mandeville, e dos textos fragmentarios dos poetas, philosophos e geographos da antiguidade, resumidos ou extractados nas Encyclopedias medievaes. Existiria algum continente entre a Europa e a Asia? As Cartas geographicas, que representavam o mundo conhecido, n'esta parte incognita inscreviam as vistas subjectivas e theoricas que dominavam nos espiritos. Collocavam ali as *Ilhas sagradas* de Plutarcho, que no seculo xv já estavam a oéste das Canárias com o nome de *Afortunadas*. No mappa marítimo da Bibliotheca de Weimar é a *Antilia*; o mesmo no planisphere e Atlas de Biancho e nos mappas de Bedrazio; para Toscanelli a *Antilia* e as *Sete Cidades* eram uma ilha; por ultimo as ilhas *Fortunatas*, no mappa de Pizigano, de Parma, eram chamadas *Brendan* (Borondon). Outros cartographos mais severos ou menos imaginosos não preenchiam essa lacuna, até então satisfeita pela sciencia das palavras e não pela sciencia das cousas: ha falta d'esses paizes na carta nautica e geographica de Gabriel Valseca, na italiana de 1430 e na de marear de Antonio Ortis. Não admira que a imaginação tratasse de vencer a difficuldade, porque o mysterio impenetravel resultava de não se terem os navegadores anteriores a Colombo internado no Atlantico além de cento e trinta leguas. O genio de Colombo revelou-se no facto de vencer todos os preconceitos sobre os antipodas e habitabilidade da terra sob o equador, avançando no Atlantico até tocar a outra margem; emquanto ás idéas estava com os erros do seu tempo, julgando que se dirigia para a Asia para oéste, e que a tinha tocado depois de descoberta. E emquanto Colombo se achava no mar, em 1492, na rota do desconhecido, em Neuremberg, um geographo que andara ao serviço de Portugal durante muitos annos, e era casado nos Açores, Martim

de Behaim, construia um globo de mais de meio metro de diametro, em pergaminho, e sobre elle distribuia as partes da Terra conhecidas, ajudando-se das noticias dos navegadores portuguezes, e completando as falias com as noticias de viajantes como Marco Polo e Mandevile, e escriptores da antiguidade. Onde Colombo imaginava ir encontrar o Cathay e Cipango, Martim de Behaim fazia pintar *Sam Borondon* e a *Antilia*, que equiparara ás *Sete Cidades*. No globo de Behaim não estão indicadas as costas do Brazil, nem o Estreito que se denominou de Magalhães, nem ilha ou costa alguma da America. Evidentemente pela data da construcção do globo e pelas suas representações pode-se concluir que a obra de Behaim não influio na empreza de Colombo. Para Hassel as duas ilhas da Antilia ou Sete Cidades e S. Brendan representam as duas partes do continente americano, e estavam separadas por um estreito que no seculo xvi se procurava em Veragua e Panamá. No globo de Martim de Behaim as duas ilhas têm as seguintes inscripções, que bem exprimem as illusões mentaes provocadas por desencontradas tradições: «*Ilha Antilla chamada Sette Cidades*: No anno de 734 depois do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, em que toda a Hespanha se sujeitou aos pagãos que vieram de Africa, a dita ilha chamada Sette Cidades foi habitada por um Arcebispo do Porto em Portugal, e mais seis Bispos, com um numero de christãos, homens e mulheres que haviam passado fugindo da Hespanha com os seus gados e bens. Em 1414 o que mais se lhe aproximou foi um navio hespanhol.» E sob a inscripção das *Ilhas de S. Brendan*: «No anno de 565, depois do nascimento de nosso senhor Jesus Christo, chegou Sam Brendan com o seu navio a esta ilha, onde viu muitas cousas maravilhosas, e passados sete annos voltou ao seu paiz.» Vê-se que as lendas christãs agitavam a imaginação dos crentes; e o que no fim do seculo xv attraía os aventureiros para o Atlantico era o mesmo movel que fazia procurar na Tartaria e na Ethiopia o reino do Preste João das Indias. Essa exclusiva preocupação da Asia fez com que as Americas recebessem tambem o nome de Indias occidentaes, e Colombo, empenhando-se para vencer as difficuldades da sua empreza, prometia consagrar as riquezas que lhe resultassem das suas descobertas ao resgate do santo sepulchro de Jerusalem. D'onde se infere que para a acção

é sempre necessario o estimulo de uma idéa, embora incompleta ou errada, comtanto que se subordine a um fim social. É assim que muitas vezes o individuo, seguindo o proprio temperamento, se acha servindo uma causa humana, uma tendencia immanente na ordem das cousas, por essa saudavel subordinação social. E este aspecto, tão necessario para comprehender as individualidades historicas, é o que nos explica como o espirito, sem se libertar de uma alluvião de erros, chega á verdade, e como a acção, proseguindo um mundo chimerico, attinge a realidade.

III

Duas causas attraíam os navegadores italianos para as explorações atlanticas; a rivalidade entre Veneza e Genova fazia com que os marinheiros d'esta segunda republica se empenhassem em mudar a rota da viagem para o Oriente, então procurada pelos portuguezes. As descobertas das ilhas atlanticas iniciadas desde D. João I eram um attractivo incessante, e á ilha da Madeira concorriam ousados italianos, como os Spinolas, Cezares, Uzadamari, Cataneos, Salvagos, Lomellinos, Dorias, Grimaldi. Não é um facto accidental o ter obedecido Christovão Colombo a esta corrente, vindo ligar-se á actividade maritima dos portuguezes e ficando-se n'essa ilha entre 1470 e 1474. Foi na ilha da Madeira que elle concebeu a grande empreza, que proseguiu através de todas as difficuldades durante mais de vinte annos. A ilha da Madeira era então uma terra da aristocracia, e uma cõrte poetica, onde se cultivavam todas as qualidades da cavalleria; Colombo namorou-se de D. Filippa Moniz, da casa dos Capitães donatarios de Porto Santo, filha de Bartholomeu Perestrello, e da qual escrevem os linhagistas—*fora moça muy linda*. Depois do casamento, que se colloca em 1475, segundo certa plausibilidade, Colombo veio fixar a residencia da familia no Funchal, nascendo-lhe em 1476 o primogenito Diogo Colombo. Na biographia escripta pelo seu filho natural Fernando Colombo relata-se que em fevereiro do anno 1477

fizera uma viagem ás regiões arcticas, facto que se poz em duvida por-que se escreveu erradamente Frieslandia por *Islandia*, que condiz com os dados descriptivos. A ausencia de Colombo da sua casa e familia na Madeira, um anno depois do nascimento do seu primogenito, leva os linhagistas a inferirem que D. Filippa Moniz teria então fallecido, e seria esse desgosto o motivo que o levou uma a tão remota viagem? Nos manuscritos genealogicos lê-se que D. Filippa Moniz «*pouco viveu depois do nascimento de seu filho*». O sentimento é um dos mais intensos factores das determinações humanas; mesmo as idéas, para se tornarem universaes e suggestoras da vontade, têm de transformar-se em sentimento. Colombo reconcentrou-se nas suas leituras dos escriptores antigos, que elle extractava ou trazia comsigo, e absorveu-se no pensamento exclusivo da travessia do Atlantico, servindo-se de todas as informações oraes dos marinheiros portuguezes. Narrava-se em volta d'elle a maravilha do phenomeno da *miragem*, então inexplicado, em que appareciam no oceano ilhas encantadas (*ouvinhas e empoadas*), que ainda hoje subsistem na imaginação popular nos Açores. Alguns phenomenos particulares revelavam a existencia de terra para oéste, taes como o apparecimento de um páo esculpido trazido pelos ventos de oéste para Porto Santo; grandes pinheiros de fôrma desconhecida atirados pelos mesmos ventos para os Açores; plantas americanas, como a *mimosa scandens*, que ainda hoje chegam áquellas ilhas; enfim o apparecimento de dous cadaveres de uma raça extranha que chegaram ás aguas das Flores. Todos estes signaes o incitavam a affrontar o desconhecido; mas as idéas theoricas dominantes envolviam-no no erro, que em nada prejudicou o seu objectivo. Constará a Colombo que D. Affonso v consultara o celebre astronomo florentino Toscanelli, que, impressionado pela leitura das Viagens de Marco Polo, julgava que a Asia se prolongava para o Oriente, tornando-se possivel o chegar ao Cathay pela via do Occidente, facilitando assim o commercio da Europa com a Asia. D. Affonso v encarregou Fernão Martins de pedir a Toscanelli umas instrucções minuciosas sobre o caminho da India pela via de oéste. A resposta, datada de Florença de 25 de junho de 1474, era acompanhada de um mappa em que Toscanelli dividira vinte e seis espaços, entre Lisboa e a extremidade do Cathay, de duzentos e

cinquenta milhas cada um (menos 110 grãos do que é na realidade). A carta e mappa de Toscanelli produziram a excitação de uma seductora theoria, e a Colombo chegou a noticia d'essa informação dada pelo astrónomo florentino; para obtel-a empregou a influencia do negociante Lorenzo Giraldi, que estava estabelecido em Lisboa, que o poz em relação directa com Toscanelli. Um pensamento patriótico o animava e lhe facilitava a cooperação de Giraldi e de Toscanelli: o de dar a Genova a primazia na maior descoberta maritima do seculo. É certo que Toscanelli mandou a Colombo uma copia da carta e do mappa que enviara a Fernão Martins, acompanhada de outra em que lhe dizia: «Applaudo o vosso empenho de navegar para o Occidente, e estou convencido que tereis reconhecido pela minha carta anterior que a expedição que tentaes não é muito facil; mas que a rota, isto é, a travessia das costas occidentaes da Europa ás Indias das especiarias é segura, seguindo os caminhos que vos deixei apontados.» A carta anterior, a que Toscanelli allude, e em que lhe mandava as instrucções do caminho da India pela via de oeste, continha: «Vejo que tendes o nobre e grande empenho de passar aos paizes onde nascem as especiarias, e em resposta á vossa carta envio copia d'aquella que dirigi ha tempos a um amigo que está ao serviço do serenissimo rei de Portugal, e que por ordem de sua alteza me escrevera sobre este assumpto.» O mappa sobre que Colombo estudara a sua empreza acha-se assim descripto na instrucção de Toscanelli: «sobre uma carta semelhante ás cartas maritimas desenhei pela minha mão toda a extremidade do Occidente desde a Irlanda até ao fim da Guiné para o sul, com todas as ilhas que se acham n'esta róta. Colloquei frente a frente das costas da Irlanda e da Africa, em linha a oeste, o começo das Indias com as ilhas e os logares em que podereis aportar.» Por certo que não foi n'esse mesmo anno de 1474 que Colombo entrou em relações com Toscanelli; Colombo offereceu a Genova a sua empreza, pedindo auxilio para realizar a navegação para o Oriente pelo Occidente. E foi depois da recusa da sua patria que veio offerecer-se ao rei de Portugal, D. João II, que tambem se preocupava com a descoberta dos reinos phantasticos do *Ogané* e do *Preste João*.

As perturbações dos primeiros annos do reinado de D. João II não

davam ao monarcha ensejo para attender as propostas do navegador genovez; é certo que em consultas e pareceres sobre os projectos de Colombo, em que se repetiam os cansados argumentos de auctoridade dos escriptores classicos e dos padres da Egreja, perdeu elle bastante tempo, até que em 1484, depois de uma recusa formal do monarcha portuguez, se ausentou de Lisboa. Segundo Muñoz, refere-se que ainda uma outra vez se apresentara em Genova, instando por uma coadjuvação da república para levar por diante o seu projecto; uma segunda vez a patria lhe negara os recursos. É então que Colombo, possuido da realidade das terras da sua imaginação, vem para a côrte de Hespanha, offerecendo esse novo mundo a Fernando e Isabel, que realisavam a unificação politica dos estados peninsulares. De 1485 até 1492 gastou o ousado navegador o melhor da sua coragem e enthusiasmo a lutar contra os preconceitos dos conselheiros e altos dignitarios dos reis catholicos; seria longo o acompanhar esse doloroso drama, em que o pedantismo auctoritario se impunha á evidencia dos factos. É possível que a rivalidade entre as duas côrtes de Portugal e Castella determinasse a resolução requerida; uma carta de D. João II, datada de 20 de março de 1488, convidava Colombo a regressar a Portugal, e uma ordem real datada de Cordova de 12 de maio de 1489 dá-lhe o privilegio de aposentadoria por estar ao serviço dos reis catholicos. As duas côrtes disputavam um mundo.

IV

Consideremos um factor ainda não comprehendido. Colombo era uma natureza sentimental «eloquente, de uma doçura e bondade extremas», como o pintam seu filho Fernando e Las Casas; assim encontrou nas mulheres, no elemento affectivo, que não exercia uma acção directa na revolução occidental, o principal apoio que o levou á realisação da sua empreza. D. Beatriz Bobadilha, marquez de Moya, protegia Colombo diante da rainha D. Isabel; e quando o navegador era mais intrigado junto dos

reis catholicos, D. Joanna de la Torre tomava a sua defeza. Já vencido na sua lucta contra os preconceitos, e sabendo que o rei Fernando de Aragão era contrario á empreza por causa das despezas, que julgava inúteis, Colombo resolveu partir para França, a recommençar as suas tentativas, em principio de fevereiro de 1492. Foi então que se revelou a intuição genial da rainha Isabel, que deliberou que se dêsse começo á empreza, dizendo as celebres palavras: «Encarrego-me da empreza para a minha corôa de Castella, ainda que para isso tivesse de empenhar as minhas joias.» Á intervenção d'este elemento *sentimental* no grande conflicto social e mental da crise europêa é que se deve a descoberta que deu á civilisação moderna a sua fórma e destino definitivo. A longa crise de dissolução catholico-feudal, que se torna systematica no seculo xv, manifesta-se sempre violenta, porque já emquanto á dictadura monarchica, já emquanto ás dissidencias doutrinarias, faltava a necessaria ponderação do elemento affectivo. Quando elle apparece dirigindo a acção ou a especulação, é sempre grande e sublime, como acontece com a rainha Isabel dando apoio a Colombo para descobrir a America, ou com a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, implantando em Portugal as Misericordias, a Imprensa e o Theatro nacional.

Em uma carta escripta durante a sua terceira viagem Colombo consagra a alta intuição da rainha D. Isabel: «No meio da incredulidade geral, o todo poderoso animou a rainha, minha senhora, com um espirito de sabedoria e energia, e emquanto todas as pessoas, na sua ignorancia, só discutiam as difficuldades e as despezas da expedição, sua magestade approvou-a, pelo contrario, e sustentou-a com todo o seu poder.» Quando finalmente, no meio de mil contrariedades e injustiças depois da grande descoberta, Colombo confiava unicamente na rectidão da rainha, recebeu a noticia do seu fallecimento. «A rainha, como escreve Fernando Colombo, tinha-o sempre favorecido e protegido, ao passo que o rei não se tinha mostrado sómente indifferente, mas opposto aos seus projectos.» Esta falta do elemento affectivo na grande crise occidental reflectiu-se na fórma da occupação d'esse chamado *Novo-mundo*. Ali se estabeleceram feitorias e soberanias militares, reproduzindo o decadente feudalismo; expandiu-se o fanatismo proselytico da religião, que na Europa accendia as fogueiras

inquisitoriaes; e as raças inferiores e as civilisações primitivas foram extintas entre roubos e carnificinas, creando-se para affronta da humanidade a escravidão colonial. Pode-se dizer que sobre o solo da America se continuaram com o mesmo aspecto os successos que se passavam na Europa nos seculos xvi e xvii, como um mais vasto campo de acção onde os monopolios e as grandes companhias mercantis, e a escravidão dos negros para a exploração do trabalho, representam para aquelle continente novo a mesma sombra que a dos seculos do feudalismo europeu. Por seu turno a America reage sobre a Europa, accelerando a dissolução do regimen catholico-feudal pela alteração da economia dos estados: a riqueza deixa de ser um excedente da producção; é um accidente casual dos thesouros roubados ou do achado de minas auríferas e outros metaes preciosos. As nações que se apoderaram d'essas riquezas desprezaram o trabalho industrial e agricola, e a crise politica commum da transição catholico-feudal aggravou-se de uma fôrma intensa, tomando o aspecto que ainda prevalece nas questões europêas desde o meado do seculo xvi como commercial e economica. Por outro lado a aquisição de novas materias primas d'aquella nova região viera augmentar a circulação dos valores e facilitar a corrente da colonisação, que, pela sempre crescente rapidez dos transportes, tornaram a America um prolongamento da Europa e fóco onde a sua civilisação se manifestou com mais audaciosas iniciativas.

V

Nas cousas humanas o acaso ou o accidente fortuito, e a autosugestão provocada pelas miragens subjectivas, são um dos principaes factores da historia; sobre a successão dos acontecimentos e dos seus complicados effeitos é que se estabelece uma systematisação gradual e se determinam relações implicitas que dão na extensão do tempo uma como trajectoria racional e progressiva da humanidade. Colombo, ao tocar no dia 12 de outubro de 1492 em terra americana, depois de setenta dias

de navegação, imaginou ter tocado o lado oriental da Asia. A Europa consagrou a illusão com que aquelle espirito morreu, chamando-lhe *Indias occidentales*. Uma circumstancia fortuita fez com que o destino da civilisação da America recebesse uma fôrma particular, como notou Irving, quando diz que, se Colombo tivesse seguido o conselho de Martin Alonso Pinzon, continuando a navegar para oêste, entraria na corrente do *Gulf-stream*, seria levado para a Florida, e porventura para o cabo Hatteras e para a Virginia, e uma população hespanhola e catholica desenvolver-se-ia no territorio que sob o nome de Estados-Unidos foi occupado por uma raça saxonica e protestante. Este facto não escapou á perspicacia de Alexandre de Humboldt e de Cournot, que vêem na indicação de Pinzon uma circumstancia que teria determinado por uma outra fôrma a distribuição das raças romanicas e germanicas na America. A distribuição fez-se segundo o espirito de aventura, que se extinguiu na Europa, e segundo a violencia dos conflictos religiosos. As raças romanicas levaram a sua unidade catholica e monarchica, a sua intolerancia e o seu absolutismo, enxertos tardios de um carcomido tronco; as raças germanicas, foragidas ou exiladas pelas luetas protestantes, achavam-se colligadas pelo seu radicalismo religioso e politico. Ambas essas raças saíram rapidamente das mesquinhas fôrmas coloniaes, e, sentindo o impulso da independencia, formaram novas nacionalidades e confederações, que desde 1787 se tornaram impulsoras do Velho Mundo, onde se debatem as fôrmas sociaes tradicionalistas, que nos deixaram as conquistas romanas e as invasões germanicas, que tanto embaraçam a Civilisação occidental. O character essencial d'esta Civilisação é o ser um producto consciente da vontade humana; quando os portuguezes começaram a empregar a *bussola* nas expedições do Atlantico, deram a verdadeira fôrma racional e scientifica á navegação; o problema da declinação da agulha, que então se chamava *arte de lêste a oêste*, preocupava os mais ousados navegadores, como Fernando de Magalhães, que emprehendera a passagem do Atlantico para o grande Oceano austral, realisando assim por um processo racional e scientifico a circumducção do globo.

Colombo conservou até á morte a illusão de ter descoberto terras do Japão ou da China; á medida, porém, que os exploradores castelha-

nos, vendo que essas terras se estendiam de polo a polo, foram descendo para o mar do sul, conheceram que tocavam um continente novo, ignorado dos geographos antigos. Seguiu-se naturalmente a idéa de procurar em todos os golfos do novo continente uma passagem para as regiões da India; subiram-se todos os grandes rios, á busca de um imaginado estreito, explorando a costa oriental até ao Rio da Prata. É n'esta anciedade e decepção dos navegadores castelhanos que Fernão de Magalhães medita a sua empresa audaciosa da circumnavegação da America e do encontro da passagem entre os dous mares. Na côrte do rei D. Manuel, que estava já em completa decadencia, Fernão de Magalhães não achou favor para a sua iniciativa, e n'um momento de despeito desnaturalisou-se portuguez e foi offerecer os seus serviços a Carlos v. É admiravel o quadro traçado por Michelet, no livro *La Mer*, em que descreve a grande empresa de Magalhães: «Na sua larga residencia na Asia, collige todas as noticias, prepara a sua grande expedição, a sua tentativa de ir pela America ás ilhas Molucas. Tinha a certeza de encontrar a especiaria buscando-a no seu paiz originario por melhor preço do que o que então tinha, trazendo-a do occidente da India. A empresa, na sua idéa primitiva, foi inteiramente commercial. Uma baixa no preço da pimenta foi a primeira inspiração da mais heroica viagem que nunca tinha sido feita n'este planeta.» E depois de descrever as difficuldades immensas de ordem moral e natural, vencidas por Magalhães, prosegue Michelet: «Buscou, voltou, desenredou-se de cem ilhas, entrou n'um mar sem limites, *Pacífico* n'aquelle dia, e que tem conservado até hoje aquelle nome.— Nada ha mais grandioso do que esta viagem. Desde então o globo ficou certo da sua esphericidade. Essa maravilha physica da agua uniformemente estendida sobre uma bola, a que adhire sem despegar-se, este milagre estava demonstrado. Estava finalmente reconhecido o Pacifico... Revelação de immenso alcance, não só material, senão tambem moral, que centuplicava a audacia do homem e o lançava em outra viagem sobre o livre oceano das sciencias, no esforço temerario e fecundo de dar a volta ao infinito.»

A realidade, descoberta pela inspiração ou intuição genial de Colombo, só se tornou effectiva quando verificada scientificamente, e coube

a Fernando de Magalhães esse resultado supremo. Com a sua expedição termina o cyclo das descobertas, e, como dizia Jules de Blosseville, a circumnavegação do globo foi para os destinos da humanidade um facto mais decisivo do que a descoberta feliz de um continente novo. O cyclo das grandes navegações atlânticas começado pelos portuguezes termina pelo acto deliberado da circumducção do planeta, desempenhado por um portuguez.



BREVE NOTICIA

SOBRE O

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

POR

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa



BREVE NOTICIA SOBRE O DESCOBRIMENTO DA AMERICA¹

I

A AMERICA ANTECOLOMBIANA

ENTRE os egypcios, gregos e romanos, hebreus e arabes já havia a tradição de que, além da Europa e da Africa, no extremo do Oceano Atlantico existia um grande continente.

Platão fallou da Atlantica, immensa ilha para lá das columnas de Hercules e do Oceano, e cujos limites eram desconhecidos.

¹ Os tres capitulos que constituem este opusculo foram escriptos ha sete annos para serem encorporados nos estudos preliminares do iv volume da *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Quando os offerecemos na commissão portugueza, de que fazemos parte, foi na tenção de os rever euidadosamente, e augmental-os para lhe dar feição de memoria. A grave enfermidade que nos reteve na cama mais de um mez, a longa convalescença de que carecemos, e o pouco tempo que resta para a celebração do centenario de Christovam Colombo em Madrid, nos levon ao seguinte dilemma—ou não os publicar, faltando ao compromisso,—ou envial-os para a imprensa sem alteração?

Optámos pelo segundo expediente, e talvez não fosse o melhor.

O assumpto é vastissimo para se accommodar em dimensões tão acanhadas. O modesto escripto não tem pretensões: é apenas um esboço, que se deve considerar no certamen unicamente pelo desejo de nos associarmos ás homenagens que a Hespanha vae prestar ao grande navegador.

O confissão sincera dá direito ás indulgencias do leitor.

Plutarco tambem dá alguns indícios da existencia do vasto continente, e pelas inscripções punicas que se tem encontrado, parece que os carthaginezes alli aportaram.

As ultimas investigações feitas nos terrenos da America levam a acreditar que a antiguidade do seu continente é maior que a do europeu. Nas excavações tem-se encontrado grande quantidade de ossos humanos, e de outros animaes no estado fossil e perfeitamente conservados. Quando os europeus lá desembarcaram nos fins do seculo xv as suas aldeias eram populosas e tinham uma certa civilisação que tem caminhado n'uma decadencia progressiva. A archeologia decifrando os seus hieroglyphicos e estudando os grandiosos monumentos, principalmente as ruínas dos seus templos, cada vez se compenetra mais d'esta verdade.

A historia da America antes da viagem de Colombo está-se escrevendo; e as repetidas investigações scientificas vão successivamente dando esperanças de satisfatorios resultados.

O fim d'este opusculo não permite largas considerações sobre tão interessantes assumptos e obriga-nos a indicações muito resumidas.

Antonio Ribeiro dos Santos diz que no breve de Gregorio IV, dos ultimos annos do seculo ix, dirigido a Santo Anscario, arcebispo de Hamburgo, se nomeia a Gronlondon—Groenlandia (Terra Verde), e que os antigos scandinavos fizeram em 874 uma expedição á Islandia, e d'esta ilha facilmente passaram á Groenlandia e á America Septentrional, onde estabeleceram colonias na Florida e Canadá.

O mesmo erudito escriptor accrescenta que com este descobrimento devia ter logar o de alguma das Antilhas ou Antilhas, pertencentes ao Novo Continente, e cita como documento o mappa ou planisferio de André Bianco, datado de 1436, visto por Villoison, membro da Academia real das inscripções e bellas lettras, que assim o descreve: «O manuscripto italiano, n.º 76, da bibliotheca de S. Marcos de Veneza, contém uma carta maritima, desenhada com muita exactidão, composta de dez folhas. N'esta carta achava-se uma das Antilhas, demarcada pela mesma mão, e vê-se escripto com o mesmo caracter de letra—*Isola Antillia*—, o que é tanto mais notavel quanto vemos que o descobrimento das Antilhas se attribue a Christovam Colombo em 1492. Espantado d'esta singularidade, fiz copiar muito exactamente á minha vista esta preciosa carta, e a enviei em 1781 a Mr. o conde de Vergennes». A carta foi publicada em 1782 na *Gazeta de Gotha*, a pag. 39.¹

¹ Publicado em 1817 no tom. v, part. 1 das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tendo por titulo: *Do conhecimento que era possivel ter da existencia da America pela tradição dos antigos, etc.* No capitulo 2º trata especialmente—*Da verosimilhança*

Alexandre de Humboldt observou uma carta de marcar, existente na bibliotheca do grão-duque de Weimar, feita em 1421 por Ancontiniano, nome que muito custou a ler, representando 87 leguas marítimas ao occidente dos Açores, á parte septentrional da ilha *Antilia*, e para o seu norte mais duas ilhas.¹ O mesmo sabio analysou tambem na bibliotheca de Parma o mappamundi do genovez Bechario, datado de julho de 1435, onde estão marcadas ao poente dos Açores as tres Ilhas indicadas por Ancontiniano, chamando-se á maior e mais meridional *Antilia*, e descreve outras mais pequenas, e por baixo tem—*Insulle de nouo Reperte*—(Ilhas ultimamente descobertas).

Paulo dal Pozzo Toscanelli devia ter conhecido estas cartas, e, talvez, de alguma d'ellas se servisse para as informações que forneceu ao conego Fernando Martins, em carta de 25 de junho de 1474, e na outra que *ipsis verbis*, dirigiu pouco depois em resposta a Christovam Colombo. Ahi vem o erro geographico das costas da Asia confinarem com as costas occidentaes da Africa, erro de que o genovez nunca se emancipou.

No globo de Martin de Bohemia, datado de 1492, está marcada a ilha Antilha.

Humboldt tambem attribuiu a descoberta das primeiras terras da America aos scandinavos, que a occuparam no seculo x e parte do xi. Esta opinião já havia sido escripta por Torfason na sua obra publicada em 1707.² Mas estes sabios não tiveram á sua disposição os documentos comprovativos para authenticarem a sua opinião. Estava reservado á Sociedade dos antiquarios do norte reivindicar a gloria dos seus antepassados, esclarecendo a historia pelas minuciosas investigações nos manuscriptos archivados nas bibliothecas do norte, e pelas importantes escavações nos terrenos que haviam occupado.

Esta sociedade publicou em 1837 a obra intitulada *Antiquitates Americanae sive scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America, studio et opera C. C. Rafn*,³ secretario da mesma sociedade.

A publicação d'esta obra deu lugar a varias communicações muito interessantes, que foram transcriptas em varios numeros das Memorias da Sociedade.

O minucioso trabalho de Rafn, foi traduzido em varias linguas, e fórma um volume in-4.º com 526 paginas, 8 fac-similes, representando laudas ou fragmentos de antigos manuscriptos das bibliothecas do norte, quatro mapps

de alguma navegação para as partes da America antes de Colon e Magalhães. (Escripto que documentou com a opinião de varios auctores antigos).

¹ *Cosmos*, tom. II, pag. 173-214.

² *Antiquitates Islandicas*.

³ Carlos Christiano Rafn, falleceu em 1865.

geographicos, e seis gravuras com muitas investigações archeologicas e geographicas intercaladas com excellentes observações criticas.

O livro demonstra que o descobrimento da America septentrional no seculo x pelos scandinavos foi um dos successos mais notaveis da historia do mundo. O auctor para vulgarisar os seus estudos publicou um resumo do seu trabalho, que intitidou—*Memoria sobre o descobrimento da America no seculo X*, e dividiu-a nos seguintes capitulos:⁴

Viagem de Biarne Heriulfson em 986.

Descobrimto de Leif Éricson e primeiro estabelecimento na Vinlandia.

Expedição de Thorwald Éricson a regiões mais meridionaes.

Desgraçada empreza de Thorstein Éricson.

Estabelecimento de Thorfinn na Vinlandia.

Viagens de Freydisa, Helge e Finnboge. Estabelecimento de Thorfinn na Islandia.

Observações criticas sobre as noticias anteriores. Geographia e hydrographia.

Clima e solo.

Produção. Historia natural.

Astronomia.

Descobrimto das regiões mais meridionaes.

Residencia de Are Marson na grande Islandia.

Viagens de Biörn Asbrandson de Gudleif Gudlangson.

Viagem do bispo Erico á Vinlandia.

Descobrimtos nas regiões arcticas da America.

Terra Nova descoberta segunda vez pelos Islandezes.

Viagem a Markland em 1347.

E termina: «Depois de assim estudados os documentos authenticos, todos reconhecerão como um facto historico, que durante os seculos x e xi os antigos scandinavos descobriram e visitaram uma grande parte das costas orientaes da America do norte, e convencem que as relações entre os dois paizes subsistiram durante os seculos seguintes. O facto essencial é certo e incontestavel. Mas n'estes documentos, como em todos os manuscriptos antigos, encontram-se passagens obscuras que podem ser esclarecidas por novos exames e novas interpretações. Para conseguir este resultado é importante

¹ Traduzida em francez por M. X. Marmier e publicada nas *Memorias da Sociedade dos antiquarios do norte*, 1836-1839, pag. 27

que os documentos originaes sejam publicados na sua antiga lingua para cada um os poder consultar e apreciar por si a maneira como tem sido interpretados.»

Quanto aos vestigios descobertos nos estados de Massachusetts e Rhode-Island, attribuidos á estada e estabelecimento dos scandinavos n'estas partes, que era o fim das primeiras expedições americanas, limitamo-nos agora ás referencias contidas nas *Antiquitates Americanae*. Esta questão continuará a ser objecto de investigações escrupulosas por parte da commissão da Sociedade real dos antiquarios do norte para a *Historia antecolombiana da America*. O resultado d'estas indagações e esclarecimentos sobre passagens obscuras dos antigos manuscritos será publicado nas *Memorias* da mesma sociedade.¹

Desde 1840 que nas excavações praticadas nos estados de Massachusetts e Rhode-Island se encontram vestigios de habitações, attribuidos á residencia e estabelecimento dos Scandinavos n'esses paizes. Os estudos e pesquisas da commissão da Sociedade real dos antiquarios do norte continuam e muito ha a esperar do seu saber e dedicação.

O museu de *Antiquidades Americanas* fundado, por concessão do rei da

¹ Nas referidas *Memorias*, publicaram-se nos annos de 1836 a 1844 os seguintes artigos sobre este assumpto:

—On the ancient Scandinavians Division of the times of the Day, with special reference to Rafn's *Antiquitates Americanae*, pag. 32-33, by Tinnu Magnusen. Translated by John M'Caul, Esq., M. A. Oxford, pag. 165 do anno.

—Account of an Ancient Structure in Newport, Rhode Island the Vinland of the Scandinavians, communicated by Thomas H. Webb, M. D., in Letters to Professor Charles C. Rafn, pag. 361 id.

—Supplement to the *Antiquitates Americanae*, by Charles C. Rafn.—Translated by John M'Caul, Esq., M. A. Oxford, pag. 369 id.

—Ruins of an ancient Scandinavian church at kakortok in Greenland, pag. 100 de 1840-1844.

—Account of discovery of Antiquities made at Fall River Massachusetts, communicated by Thomas H. Webb, M. D., in Letters to Charles C. Rafn, Secretary, with Remarks by the latter, pag. 104 id.

—Brief Notices of a Runie Inscription found in North America, communicated by Henry R. Colerat in Letters to Charles C. Rafn, Secretary with Remarks annexed by the latter, pag. 119 *ibid*.

—Astronomical evidences for the site of the chief settlement of the ancient Scandinavians in America. By Charles C. Rafn, pag. 128 *ibid*.

As *Memorias* de Charles C. Rafn foram traduzidas em diversas linguas; em portuguez pelo brasileiro Manuel Ferreira Lagos, que as publicou na *Revista trimestral do Instituto Historico Brasileiro*, etc., tomo II, pag. 210 a 236.

Dinamarca, em parte do palacio de Christiansbourg, possui já grande quantidade de objectos dos tempos antecolombianos, como fragmentos de pedras com inscripções islandezas, em runico antigo, e em caracteres latinos, contendo algumas a cruz, na maioria encontradas nos cemiterios que se teem descoberto na America septentrional, e junto varios pedaços de feretros de madeira, vasos de metal e de pedra, tecidos de lã grosseira, e até um vestido quasi completo.¹

No começo do seculo xv a geographia estava na infancia. Os factos transmitidos pelos antigos historiadores, junto ás fabulas inventadas e ás conjecturas extravagantes e poeticas dos navegadores, como ainda se observa nas cartas d'esses tempos, tão cheias de illustrações, bem o provam.

Em Portugal o infante D. Henrique, conhecedor de que os mais habéis pilotos só navegavam pelo rumo das costas, em rotas conhecidas, coadjuvado por homens instruidos organisou a sua escola de Sagres e tratou logo de desenvolver o estudo da cosmographia e da astronomia. Ahi reuniu o que havia de melhor pela Europa de cartas geographicas, mappas, planispherios e livros de viagens, e consultou os mais notaveis mathematicos da sua epocha para as famosas emprezas nauticas e fazer perder os prejuizos e o panico de que quem passasse além do Cabo Bojador não mais tornaria.

D'esta escola sahiram intrepidos navegadores, que afrontaram os maiores perigos, sulcando o vasto Atlantico meridional e o mar indico.

Os nossos historiadores antigos, e entre elles Antonio Galvão² escriptor muilo consciencioso e intelligente, mencionam que o infante D. Pedro, duque de Coimbra, tronxera de Veneza, quando recolheu ao reino em 1438 da sua perigrinação, o livro de viagens de Marco Polo e bem assim uma carta marítima notavel, que offereceu a seu irmão D. Henrique. Além d'este auctor, Antonio Ribeiro do Santos, na sua eruditissima *Memoria sobre dois antigos mappas geographicos do infante D. Pedro, e do cartorio de Alcobaca*³, descreve o do mos-

¹ *Annaes de archeologia do norte*, 1842-1843, pag. 330.

² Filho do chronista Duarte Galvão e neto de Rui Galvão, secretario de D. Affonso V. Antonio Galvão nasceu na India nos primeiros annos do seculo xvi, foi capitão das Molucas e governador do Ternate, onde praticou actos do maior heroismo e amor patrio, chamado por autonomia o *Apostolo das Molucas*, deixou escripto um tratado — *Dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de 1550*. O abbade Barboza Machado chama-lhe insigne capitão e zeloso apostolo das Molucas. Este benemerito teve por fim a recompensa que outros muitos alcançaram do seu paiz — falleceu pobrissimo no hospital de Lisboa a 11 de março de 1557!

³ Publicada nas *Memorias de litteratura portugueza*, tom. viii, parte 2.^a pag. 275.

teiro feito no mesmo seculo, e em ambos não só vinha desenhado o celebre Cabo Tormentoso, com o nome de *Cabo de Satanaz*, como estavam assignaladas algumas terras do *Novo Mundo*.

O papa Martinho V, para coadjuvar os empreendimentos do infante D. Henrique, n'uma bulla fez doação perpetua a Portugal das terras, mares, ilhas e minas que descobrisse além do Cabo Bojador até ás Indias, com indulgencias plenarias aos que morressem n'essas emprezas; e os seus successores no pontificado, por outras bullas, ainda lhe augmentaram as concessões, com excepção das ilhas Canarias, que Sixto IV doou aos reis catholicos. Calisto III tambem concedeu ao mesmo infante, como grão-mestre da ordem de Christo, o provimento de todos os beneficios ecclesiasticos nas terras que fossem descobertas.¹

O descobrimento das ilhas dos Açores teve logar na quarta decada do seculo xv, e este facto foi, por certo, um passo gigantesco no caminho para o outro continente. Os primeiros habitantes d'estas ilhas por vezes viram alli fragmentos de arvores, mesmo grossos madeiros, sendo alguns com certo trabalho, cadaveres, que vinham boiando de oeste, de individuos com feições diferentes das dos Europeus, tudo trazido pelo vento d'aquellas paragens, o que lhes annunciava haver para esse lado terras habitadas.²

O infante D. Henrique falleceu em Sagres a 13 de novembro de 1460, havendo nascido na cidade do Porto a 4 de março de 1394. Adoptou como empreza uns pequenos ramos de carvalho com fructos e a legenda — *Talent de bien faire*. A sua morte não diminuiu o enthusiasmo para novos descobrimentos, e commetteram-se feitos tão arrojados e coroados de tão bons resultados, que constituem hoje a nossa brilhante epopéa maritima.

D. Affonso V em 3 de dezembro de 1460 fez doação ao infante D. Fernando, duque de Vizeu, seu sobrinho,³ das ilhas — da Madeira, Porto Santo, Dezerta, S. Luiz, S. Diniz, S. Jorge, S. Thomaz, Santa Iria, Graciosa, S. Miguel, Santa Maria, S. Jacob, Filippe, de las Maias, S. Christovam e Lana, e de Jesus Christo, com todas as rendas, direitos e jurisdicções — «que a nós ora em ellas pertence e de direito devemos de haver, assim como as de nos havia o infante D. Henrique meu tio que Deus haja...»⁴ O infante D. Fernando fez concessão do senhorio das ilhas do Fayal e Pico a Jooz Dutra ou Job de Huertier,

¹ Freire, *Vida do infante D. Henrique*, — Arch. Nac. da Torre do Tombo, gav. 7, maço 13, n.º 7.

² Vid. *Memorias da Academia Real das Sciencias*, tom. v, da 1.ª serie, p. 101.

³ Nasceu a 17 de novembro de 1433 e falleceu em Setubal a 18 de setembro de 1470, foi o pae de El-rei D. Manoel.

⁴ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. dos Mysticos*, fl. 58 v.

que as povoou. A carta regia de 31 de maio de 1509¹ diz: ter já a concessão das capitánias das ditas ilhas o mesmo Job de Huerter, sendo n'esta data confirmado o cargo com a jurisdicção, rendas e privilegios, que havia requerido, e gosavam os capitães da ilha da Madeira. Além d'este documento existe no Archivo da Torre do Tombo uma sentença² passada no juizo da corôa em 6 de setembro de 1571, onde se diz que Job de Huerter, a instancias do infante D. Fernando, duque de Vizeu, mestre da ordem de Christo, viera povoar as duas ilhas Fayal e Pico, pertencentes á mesma ordem, ficando as capitánias para elle e seus descendentes.

A mania de tentar descobrimentos para usufruir as capitánias com as suas rendas e privilegios de juro e herdade, levou varios aventureiros a requererem concessões de suppostas ilhas ou terras firmes, antes mesmo de emprenderem as viagens, e alcançaram do monarcha despacho provavel. Assim:

A Ruy Gonçalves da Camara, pela carta regia passada em Almyde (Almeirim?) a 21 de junho de 1473, se fez doação de juro e herdade de qualquer ilha, que elle por si ou navio sen achasse, com todas as suas rendas, direitos e jurisdicções.³

A Fernão Telles, mordomo mór da princeza D: Joanna, n'outra carta passada em Extremoz a 22 de janeiro de 1474, foram concedidas as ilhas que descobrisse, por si ou por seu mandado, no mar Oceano com suas rendas, direitos, etc.⁴

Os pedidos de senhorio de ilhas ou continentes que lograssem descobrir em arriscadissimas viagens, feitas á custa da fazenda real, deram logar a bastantes desastres e perdas, e levaram D. Affonso V a consultar, por intermedio do seu capellão, o conego Fernando Martins, o celebre medico-cosmographo florentino Paulo de Pozzo Toscanelli, sobre as probabilidades de bom resultado em tão arriscadas tentativas maritimas. A resposta escripta em latim, com a data de 25 de junho de 1474, affirma a possibilidade de ir ao Oriente pelo Occidente, attenta a esphericidade do globo.⁵

.....
D. João II, pela carta regia passada em Santarem a 30 de junho de 1484,

¹ Arch. da Torre do Tombo, *Liv.* 69 de D. João III, fl. 109.

² Ibid. *Gaveta* 15, maç. 16, n.º 5.

³ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. das Ilhas*, fl. 1 v.

⁴ Ibid. *Liv.* 7.º de D. Affonso V, fl. 93; *Liv.* 70 de D. João III, fl. 30, e *Liv. das Ilhas*, fl. 3 v.

⁵ Existe uma copia da propria letra de Colombo em um volume da *Bibliotheca Colombina de Sevilha*. Esta carta foi ultimamente reproduzida em facsimile por Henry Harisse na sua obra—*D. Fernando Colon historiador de su padre*. Sevilha 1871.

fez doação, a Fernando Domingues do Arco, do senhorio, com todas as mais regalias, de qualquer illa que descobrisse.¹

A Fernando de Ulmo ou Dulmos, capitão na Ilha Terceira, foi confirmado pelo mesmo monarcha, em carta regia datada de Lisboa a 24 de julho de 1486, o contracto sobre a Ilha das *Sete cidades* (Antilia), feito com João Affonso do Estreito, morador no logar do Funchal da Ilha da Madeira.²

A este mesmo João Affonso do Estreito foram concedidas as rendas e direitos das ilhas ou terra firme que descobrisse.³

Houve outro João Affonso, piloto intelligente e ousado, que por despeito de faltas de recompensa aos seus muitos serviços, foi para França, onde andou em navio de corso, e por ter a sua residencia em Saintongeois, logar nas immedições de Cognac, assim o appellidaram de *Saintongeois*. Por esta circumstancia alguns escriptores francezes o deram como seu conterraneo. Deixou uma *Hydrographia* manuscripta da qual se publicou um extracto em 1539, sendo o auctor já fallecido, com o titulo — *Voyages aventureux du capitaine Jean Alphonse Saintongeois*. Este piloto, andou na armada do celebre corsario João Anjo, que tantos prejuizos causou a Portugal roubando os navios que vinham carregados de mercadorias da India e do Brazil.⁴

Não foi só este portuguez que, engodado pelo vil interesse ou ferido pelos desgostos, abandonou a patria para ir servir estranhos. Na Hespanha e na França eram acolhidos e bem estipendiados os homens praticos nos mares da Guiné e das Indias orientaes. Assim se tornaram bem notaveis, entre outros, os pilotos Estevão Dias, o *Brigas*, Rosado de Villa do Conde, João Fernandes e Fernando de Magalhães.

João Dias, piloto portuguez, em 1495 foi prezo em Hespanha e entregue a Portugal por ter sido cumplice com os francezes no roubo de 20:000 dobras, feito a uma caravella portugueza que vinha da Mina.⁵

A João Fernandes, morador na Ilha Terceira foi concedida em 1499 a capitania de qualquer ilha povoada ou por povoar que descobrisse.⁶ Parece ter

¹ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *liv. 22 de D. João II*, fl. 34, e *Liv. das Ilhas*, fl. 19 v.

² *Ibid. Liv. 4 de D. João II*, fl. 101 v. e *Liv. das Ilhas*, fl. 113 v.

³ *Ibid. Liv. 19 de D. João II*, fl. 87, e *Liv. das Ilhas*, fl. 23 v.

⁴ No archivo da Torre do Tombo (*Corp. chron.* parte 1.ª maio 57, doc. 94) acha-se um documento em que Francisco I de França por uma carta patente de 27 de agosto de 1536, mandou restituir a Portugal as tomadias que os piratas da sua nação haviam feito em navios portuguezes.

⁵ Arch. real de Simancas, Navarrete, doc. n.º 32 do tom. III, pag. 515.

⁶ *Ibid. Liv. 16 de D. Manoel*, fl. 39 v.

sido este o piloto que, não conseguindo em Portugal os meios para a expedição, se associara a dois portuguezes dos Açores, Francisco Fernandes e João Gonçalves, escudeiros, e a tres negociantes de Bristol, Richard Warde, Thomaz Asselhmret e John Thomaz, a quem Henrique VII de Inglaterra passou, a 19 de março de 1501, uma carta¹ patente para descobrirem terras e governal-as em seu nome.

Enquanto a Fernando de Magalhães pela importancia da sua empreza maritima e consequencias que se seguiram merece menção especial, embora a epocha do facto vá além d'aquella que nos propomos esboçar.

Pelo aviso de Alvaro da Costa, embaixador em Castella, soube-se logo em Lisboa das propostas de Fernão de Magalhães e do astrologo e mathematico Ruy Falleiro² a Carlos V, e considerou-se caso grave. No conselho de estado rennido em Cintra o bispo de Lamego insistiu em que se chamassem ao reino os dois portuguezes desleaes, e se lhes fizessem mercês que os contentassem; mas el-rei D. Manoel, o duque de Bragança D. Jayme, e o conde de Tarouca, sem medirem o alcance de tal tentativa, foram de opinião inteiramente contraria.

Alvaro da Costa, não podendo prolongar os estorvos á viagem perante o concelho de Castella, procurou attrahir Magalhães com grandes promessas, tendo com elle longas praticas em Saragoça, e provavelmente o levou a escrever a carta a el-rei D. Manoel, que Damião de Goes diz ter visto,³ propondo voltar ao serviço de Portugal.

D. Manoel teimou na recusa, resultando para o reino gastos consideraveis, desavenças entre as duas monarchias, e para Magalhães a gloria dos descobrimentos do Estreito, das Ilhas Philipinas e dos Ladrões, depois chamadas Mariannas.

As cartas que lhe escreveu Francisco Serrão, feitor em Banda, homem muito conhecedor d'aquellas ilhas, assim como das de Ternate, Maluco e Malaca por onde navegou muitos annos, se attribue o empreendimento de Magalhães, como verificou Antonio de Brito em Maluco na correspondencia encontrada por morte do dito Serrão.

Gaspar Correia foi contemporaneo de Fernão de Magalhães, com quem serviu na India durante o governo de Affonso d'Albuquerque, e por isso o temos como mais authenticico e imparcial entre os escriptores que narraram os acontecimentos, e d'elle treslados o seguinte:

¹ Este documento foi transcripto na integra, com a competente traducção em portuguez, na excellente — *Memoria Historica dos Corte-Reaes*, pelo sr. Ernesto do Canto, pag. 74 e seguintes.

² Falleceu doido no hospital de Sevilha.

³ *Chronica d'el-rei D. Manuel*, part. 4.^a cap. xxxvii.

«Fernando de Magalhães era da criação de El-Rey e veio á Índia com o Viso rei dom Francisco, e foy no feito de rumes, e sempre nas armadas, e em Calecut, muyto ferido, e perdeo n'estas naos sua pobreza, e proue se foy a Portugal, e andon em requerimentos de seus serviços, e pedia a El-Rey cem reaes ¹ d'acrecentamento em sua moradia, o que lhe El-Rey nom quis fazer, do que se agrauou, e foy pera Castella viuer em Seuilha, onde se casou: e porque tinha muyto saber n'arte de nauegação, e espirito, que se lançou a ysso, se concertou com os regentes da casa da Contratação de Seuilha, com que lhe deu o Emperador huma armada de cinco nauios com que nauegou, descobrindo nouo caminho pera Maluco, o que foy no anno de quinhentos e dezanou, como adiante em seu logar contarey; com que deu depois muyto trabalho a Portugal». ²

No governo de Diogo Lopes de Sequeira, o capitão xiv ³ tem por titulo: «Que reconta da armada que partio de Castella o anno de 1519, de que foy capitão mór Fernão de Magalhães, homem portuguez, que agrauado d'El-Rey de Portugal se foy viuer com o emperador Carlos; e conta todo o que passou na viagem, e os que chegarão a Maluco, e o fim que tod'armada ouve».

Diremos apenas em resumo: que a proposta de Magalhães aos regedores era que, se lhe dessem navios e gente, iria ás ilhas de Malaca e Maluco, que pela demarcação do tratado de Tordesillas estavam no quinhão de Hespanha, obrigando-se a fazer a navegação para lá sem tocar em nenhum mar nem terra de el-rei de Portugal.

Carlos V deu a concessão nas condições propostas. ⁴ Concluídos os pre-

¹ Damião de Goes na *Chronica d'el-rei D. Manoel* diz: duzentos reaes por mez, que é meio cruzado de ouro.

² *Lendas da Índia*, tom. II. part. 1.ª pag. 28.

³ *Ibid.* tom. II, part. 2.ª pag. 625.

⁴ *Carta Regia dirigida pelo rei de Hespanha a Fernando de Magalhães e a Ruy Faleiro para seguirem na armada viagem para as Molucas.*

El Rey — Fernando de Magallañs e Ruy Falero, cavalleros de la ordem de Santiago nuestros capitañs generales dellarmada que mandamos hacer para yr a descubrir, y a los otros capitañs particulares de la dicha armada, e pilotos, e maestres, e contramaestres, e marineros de las náos de la dicha armada: por quanto yo tengo por cierto segund la mucha informacion que he auido de personas que por esperiencias lo an visto, que en las islas de Maluco ay la especiaría, que principalmente ys a buscar com esa dicha armada, e my voluntad es que derechamente sigais el viage a la dichas islas por la forma e manera que lo he dicho e mandado a vós el dicho Fernando de Magallañs: por ende yo vos mando a todos e a cada uno de vos, que en la navegacion del dicho viage sigais el parecer e determinacion del dicho Fernando de Magallañs para que antes e primero que a otra parte al-

parativos da armada, escolheram-se capitães de confiança, que haviam de comandar as naus, e foram elles — João de Cartagena a *Santo Antonio*, Luiz de Mendoça la *Victoria*, João Serrano *Santiago* e Pero de Quesada la *Concepcion*¹. A frota com gente paga por seis mezes, levando por capitão-mór Fernando de Magalhães na nau *Trinidad*, sahiu do Porto de São Lucas de Barrameda a 21 de setembro de 1519 e foi tomar agua ás ilhas Canarias. Ali recebeu Magalhães carta do sogro, prevenindo-o contra alguns dos capitães, que por occasião do embarque haviam dito que se elle os anojasse o matariam. Magalhães respondeu-lhe nobremente, como homem que nada receia pelos seus actos, e que possuia o valor necessario para fazer manter a disciplina na armada que lhe haviam confiado.

Chegando ao Cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobriu em 1514, foram tomar agua e lenha no rio de S. João, e ahi se revoltaram os dois capitães João de Cartagena e Luiz de Mendoça. O plano era matarem o capitão-mór, tomarem o dinheiro e fazenda, que sonegariam, e voltando para Hespanha accusarem Magalhães de os levar vendidos e enganados.

O capitão-mór, que estava de prevenção, tomou logo medidas repressivas, mandando o meirinho Ambrosio Fernandes, acompanhado de seis homens escolhidos, os quaes com artimanhas lograram entrar no navio de Luiz de Mendoça, a quem subitamente deram a voz de preso, e pela sua resistencia o degolou o dito Ambrosio. Magalhães veio preste em soccorro dos seus, a bordo mandou enforcar nas vergas seis homens que se haviam tornado mais salien-

guna vais a las dichas islas de Moluco sin que en ello aya ninguna falta por que asy cumpla o nuestro servicio e despues de fecho esto se podra buscar lo de mas que convenga, conforme a lo que llevais mandado, e los unos ny los outros non fagades ny fagan ende al por alguna manera so pena de perdimento de biens, e las personas e la nuestra merced. Fecha en Barcelona a diez e nueve dias del mez de abril año de mill e quinientos e diez e nueve años.

Yo el rey

Por mandado del Rey — Francisco de los Covos.

Pera que los de lamarda sigan el parecer y determinacion de Magallañs pera que antes y primero que a otra parte vaya a la especiaría.

(Documento original que existe no Real Archivo da Torre do Tombo, *Corpo chronologico*; part. 1.^a, maço 24, doc. n.º 64. — Já foi impresso nos *Annaes marítimos e colonias*, 4.^a serie, parte não official, pag. 22.)

¹ Navarrete, no tomo iv das *Viagens*, diz a pags. 19, 21 e 66 — que as tripulações se compunham de 265 homens, sendo 29 portuguezes, e os restantes hespanhoes, flamengos, allemães, bretões, napolitanos, normandos, francezes e de outras nações. Os pilotos das cinco embarcações eram portuguezes.

tes. e deu o commando do navio a seu cunhado Duarte Barboza, portuguez. A nau de Cartagena, solta do ferro, foi abalroar com a do capitão-mór, d'onde resultou ser preso o chefe da revolta, João de Carlagená, mandado esquartejar com pregão de traidor, e os seus cúmplices encarcerados nas bombas. A nau foi entregue a Alvaro de Mesquita que havia sido contrario ao alevantamento.

Supplantada a conspiração e concertados os navios, seguiu avante, deixando desterrados nas margens do rio alguns dos revoltosos e navegou ao longo da costa até ao rio, a que poz o nome de Victoria, d'onde lhe desertou a nau de Alvaro de Mesquita.

Magalhães com os tres navios restantes caminhou pelo rio mais de cem leguas até sahir ao mar largo, onde, com o levante á popa, andou mais de cinco mezes, indo ter a umas ilhas, sendo uma d'ellas povoada de selvagens com quem ligou trato de amizade, ajudando-os a desbaratar um rei vizinho que os guerreava e fazendo troca de objectos insignificantes por oiro. Passados alguns dias, o rei vencido fez particularmente propostas ao rei vencedor, e combinaram que este ultimo convidasse os chefes christãos a um grande banquete onde seriam todos mortos. Fernando de Magalhães com trinta dos principaes tripulantes cahiu na cilada e ahí foram todos traçoicamente trucidados. Os que ficaram nas naus, sabedores do morticínio, e sem poderem socorrer nem vingar as victimas deitaram fogo a um dos navios, que fazia muita agna, e navegaram para o largo. Um tal Carvalhinho, piloto da capitania foi arvorado por commandante das duas naus, resto das cinco de que se compunha a expedição, e foram parar a Borneo d'onde passaram a Moluco e a Ternate. Ali João de la Rosa substituiu no mando o Carvalhinho, e depois de muitas contrariedades conseguiu chegar com uma das naus a Hespanha, em 1521, com treze homens de tripulação¹.

Os contractos dos reis de Castella com Fernando de Magalhães e o bacharel Ruy Faleiro, são datados de março de 1518, e existe d'elles copia autentica d'aquella epocha no archivo da Torre do Tombo.²

Depois do descobrimento da America por Christovam Colombo e a instancias suas pediu a Hespanha ao papa outra demarcação de limites que lhe garantisse as novas possessões, e Alexandre VI, pela bulla de 4 de maio de 1493, determinou para direito de descoberta — uma linha imaginaria que partia das

¹ Na companhia de Magalhães foi como piloto João Rodrigues de Carvalho, que provavelmente é aqui designado por Carvalhinho. Gaspar Correia diz ser portuguez João de la Rosa.

² *Gaveta* 18, maç. 8.º doc. n.º 39, e maç. 10, doc. n.º 4. Foram impressos nos *Annaes maritimos e coloniaes*, 4.ª serie, parte não official, pag. 23 a 35.

ilhas dos Açores e Cabo Verde, dividindo o globo de norte a sul em partes eguaes, ficando pertencendo a de leste a Portugal e de oeste á Hespanha... «Omnes insulas et terras firmes inventas et inveniendas, detectas et detegendas versus occidentem et meridiem, fabricando et constituendo unam lineam a polo arctico ad polm antarcticm, quae linea distet a qualibet insularum quae vulgariter nuncupantur de los Azores et Cabo Verde centum leucis versus occidentem et meridiem»...

O papa era o juiz supremo dos estados christãos e raras vezes deixava de se acatar a sua auctoridade, comtudo D. João II protestou contra a partilha, não se conformando com a direcção da nova linha divisoria, e esta opposição deu origem ao celebre tratado de Tordezillias, assignado em 7 de junho de 1494, onde ficou assente entre as duas corôas que a linha divisoria passaria a trezentas legoas ao poente do archipelago de Cabo Verde, e por isso ficou pertencendo a Portugal a parte comprehendida na futura descoberta do Brazil.

As ontras nações europeias não protestaram contra a partilha de Alexandre VI, como fez D. João II: reservaram o direito de acção contra o favor que o chefe da egreja havia feito ás duas corôas.

O rei de Inglaterra, como dissemos, n'uma carta patente concedeu a negociantes seus subditos, associados a portuguezes, auctorização para descobrirem terras e *governal-as em seu nome*.

A França, não só estabeleceu feitorias em alguns pontos das costas do Brazil, d'onde foram expulsas depois de sanguinolentas luctas, mas permittiu o corso, como meio mais facil e lucrativo, sahindo dos portos da Normandia, da Gasconha e da Bretanha grande numero de navios armados que causaram graves prejuizos á Hespanha e a Portugal, pelas prezas que fizeram nas embarcações e carregamentos de mercadorias, que vinham da India e da America.

Já el-rei D. Manuel em 14 de dezembro de 1508 passára regimento a João Serrão para ir, n'uma caravella bem artilhada, procurar pelos portos da Europa o corsario francez *Mondragon*, que roubára em Moçambique a nan de Job Queimado, que não havia podido acompanhar a armada de Tristão da Cunha.¹ Não tendo sido encontrado, a 18 de janeiro do anno seguinte partiu o heroico Duarte Pacheco Pereira em busca do mesmo corsario.²

No reinado de D. João III tomou a pirataria proporções assustadoras. Este

¹ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Corpo chron.*, part. 1.^a, maç. 7, doc. 68. Publicada nos *Annaes maritimos e coloniaes*, 3.^a série, pag. 534.

² Quintella, *Annaes da marinha portug.*, tom. 1.^o

monarcha com a maior *prudencia* sollicitou com instancia do rei de França que retirasse a carta de marca, que havia concedido em 27 de julho de 1530, a João Ango, rico armador dieppez, contra os navios portuguezes, até 220:000 ducados, a titulo de indemnisação e represalia por se lhe haver aprisionado um¹ navio nas aguas da barra de Lisboa, que conduzia mercadorias americanas, que se provou serem roubadas. A tripulação foi condemnada á morte pelos tribunaes como piratas.

Apezar de muitas amabilidades trocadas entre os dois soberanos, o de Portugal, vendo que o seu bom irmão Francisco I não cedia, teve de descer a offertas particulares e secretas, promettendo dez mil cruzados a Filipe Chabot, almirante de França (!) e 60:000 francos ao poderoso corsario.

.....
D. João II preparou a descoberta da India que se levou a effeito no reinado do seu successor, e promoveu os estudos da nautica, que em Portugal, n'aquella epocha, attingiram o maior desenvolvimento. Este progresso maritimo e as emprezas aventureiras, attrahiram ao reino grande numero de estrangeiros, uns no intuito de aprenderem com os pilotos portuguezes nas arriscadas viagens, partilhando da sua gloria e proventos, outros illustrados que offereciam a sua sciencia, e entre estes foi notavel Martim Beheim ou Behaim, que os escriptores portuguezes chamam de Bohemia.

Martim de Bohemia nasceu entre os annos 1430 e 1436 na cidade de Nuremberg. Apezar de seguir a vida commercial, dedicou-se por vocação especial ao estudo da mathematica, da cosmographia, da astronomia e da nautica, tendo por mestres as maiores celebridades do seu tempo. Depois de fazer varias viagens entre Malines, Anvers e Vienna, veio para Portugal, devendo a sua chegada ser anterior a agosto de 1481, quando D. João II, seguindo o plano traçado por seu tio na escola de Sagres, tratava de aperfeiçoar a arte de navegar, e Martim de Bohemia como discipulo de Camille Jean Muller de Monte Regio não podia deixar de ter o melhor acolhimento.²

Martim Behaim com os dois hebreus, mestre Joseph e mestre Rodrigues, ambos physicos notaveis, trabalharam na invenção das taboas da declinação do sol, d'onde resultou poder fazer-se a navegação directa pelo oceano em vez de seguir as costas, o que facilitou muito as viagens e as descobertas.

Em 1484 embarcou como cosmographo, para fazer experiencias no appli-

¹ Vid. a copia da correspondencia original, transmittida a D. Antonio de Athayde, embaixador em França, publicada pelo nosso amigo Fernando Palha, na *Carta de marca de João Ango*, Lisboa, 1882, 4.º, de 109 pag.

² João de Barros, *Decada* 1.ª, liv. 4.º, cap. 2.º

car o astrolabio á navegação, levando duas caravellas, capitaneadas por Diogo Cão, que seguiram ao longo do continente africano até ao rio Congo, onde foi collocado um padrão com as armas portuguezas, e em abril ou maio de 1486 estava de volta em Lisboa. Os novos processos e instrumentos marítimos deram óptimos resultados nas experiencias.

N'este anno de 1486 casou com D. Joanna de Macedo, filha de Job Huerter, primeiro capitão donatario das ilhas do Fayal e Pico, e d'este matrimonio houve um filho.

Em 1492 foi visitar a sua terra natal, onde concluiu o celebre globo terrestre, servindo-lhe de grande auxilio os trabalhos de Ptolomeu, Plinio, Strabão, Marco Polo e as derrotas de alguns pilotos portuguezes na Africa até ao Cabo da Boa Esperança. No globo já se acham marcadas as duas ilhas—Antilia ou das Sete Cidades e a de S. Romão. Na cidade de Nuremberg ainda se conservavam, além d'este globo terrestre, diversos documentos e cartas originaes do sabio cosmographo.

Voltou a Lisboa em 1493 e seguiu logo com sua mulher para o Fayal, onde foi fixar a sua residencia. Parece ter sido portador da carta do dr. Jeronymo Monetario a D. João II,¹ datada de 14 de julho de 1493. N'este importante documento recommenda-se Martin de Behaim e indica-se até a competencia d'elle para emprehender o descobrimento do oriente pelo occidente, insistindo Monetario na pretendida proximidade das costas orientaes da China ás occidentaes da Europa, como estava marcado no globo de Behaim. Esta theoria, conhecida desde 1474 pela carta de Toscanelli e regeitada nas propostas de Colombo, foi renovada com empenho para D. João II a emprehender não só pelo sabio Münzer, mas tambem pelo imperador Maximiano.

Colombo e Martin de Bohemia eram apostolos da mesma idéa, mas o primeiro, mais insistente, conseguiu o auxilio dos reis de Hespanha e demandando as costas da Asia descobriu a America.

Em 1494 foi Behaim chamado a Lisboa por D. João II e encarregado de uma melindrosa missão ao imperador da Allemanha, qual era a de lhe pedir que pela sua grande influencia procurasse destruir as difficuldades, que havia em Portugal para a legitimação de seu filho natural, o príncipe D. Jorge, sendo a opposição principal a da rainha D. Leonor. N'esta jornada soffreu grandes transtornos, sendo duas vezes aprisionado pelos piratas, e quando conseguiu chegar ao seu destino a feição politica na côrte do rei justo havia mudado, e por isso recebeu ordem de sustar as diligencias de que ia encarregado e de regressar ao reino.

¹ Publicada no *Archivo dos Açores*, vol. I, pag. 444.

A 25 de outubro de 1495 fallecen D. João II, e Martin de Bohemia voltou para o Fayal, onde residiu até 1506, anno em que tornou com a sua familia para Lisboa, onde fallecen n'uma quinta-feira 29 de julho de 1507,¹ sendo sepultado na egreja do convento de S. Domingos. Existiram d'elle dois retratos, sendo um em corpo inteiro, que tinha por baixo inscripto: *Martinus Bohemus Norimberg. Eques, Serenissimorum Johannis II et Emmanuelis Lusitaniae Regum Thalastus et Mathematicus insignis. Obiit 1506 Lisabonae.*²

Os portuguezes cada vez mais afoitos com a passagem do Cabo Tormentoso, ajudados com os progressos nauticos e applicação da astronomia á navegação, não conheciã obstaculos para tentarem o descobrimento de novas terras atravez dos immensos mares.

D. João II, dando como divisa ao seu successor a *esphera*, parece que lhe prognosticou que no seu reinado colheria os melhores fructos dos grandes estudos e trabalhos do immortal infante D. Henrique, e dos que o secundaram nas suas gigantescas aspirações.

¹ Alguns dizem ter sido em 1506 e assim está na inscripção do retrato, mas damos a preferéncia á inscripção mandada pôr por seu filho em 1549, n'uma lapida sepulchral á direita do altar mór no côro da egreja de Santa Catharina em Nuremberg.

² Na sua biographia, por Sebastião Francisco de Mendo Trigo, no tom. viii, part. ii, das *Memorias de litteratura portugueza*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, de p. 365 a 401.





II

CHRISTOVAM COLOMBO E A AMERICA

CHRISTOVAM Colombo nasceu em Genova no anno de 1437 filho primogenito de Dominico Colombo, cardador de lãs, e de sua mulher Susana Fontanarrossa. Em Pavia fez os seus estudos concernentes á navegação em que patenteou o seu grande talento, e sendo ainda muito joven andou em viagens pelo Mediterraneo como tripulante em navios mercantes e de guerra, escolhendo de preferencia expedições aventureiras.

Em 1470 atrahido pelos grandiosos emprehendimentos maritimos dos portuguezes veio estabelecer-se em Lisboa, onde nos seculos xv e xvi não havia exclusivo de nacionalidade para novos descobrimentos: empregavam-se indistinctamente os homens praticos e de reconhecido merito, que offereciam garantia de melhor resultado.

Alguns sabios estrangeiros não só foram consultados para essas empresas, mas até tomaram parte activa n'ellas, e entre outros citaremos João de Mallorca, Martim de Bohemia, João da Nova, Americo Vespucio e o proprio Christovam Colombo que fez varias viagens pelas costas de Portugal e Hespanha, alongando-se até á Guiné e á costa da Mina.

Pouco depois da sua chegada a Portugal esposou D. Filippa Moniz Perestrello, filha de Bartholomeu Perestrello,¹ donatario da ilha de Porto Santo, e de sua mulher D. Isabel Moniz, recebendo apenas por dote, segundo dizem alguns historiadores, os mappas, itinerarios e papeis de seu sogro, que havia feito

¹ Fallecido em 1438.

parte da casa do infante D. Henrique e acompanhara Gonçalo Zarco no descobrimento das ilhas da Madeira e Porto Santo, recebendo em remuneração de seus serviços, em novembro de 1446, a donataria d'esta ultima ilha.

O genovez em seguida ao seu casamento foi para Porto Santo d'onde passou para o Funchal e ali viveu de coordenar cartas maritimas. O sr. dr. Rodrigues de Azevedo, n'um interessante artigo publicado no jornal d'aquella cidade, descreve conscienciosamente as tradições que ha ácerca da estada de Colombo na Madeira, e da casa em que ali habitou, acompanhando a descripção uma bella photographia de Camacho.¹ A casa indicada pertenceu á familia Esmeraldo, que deu o seu nome á rua. Pela photographia reconhece-se bem que a casa, tambem conhecida com o nome de *Granel do Poço*, se compunha por ultimo de tres corpos distinctos, não só pelas divisorias mas pelo estylo architectonico, sendo os accrescentamentos posteriores feitos da esquerda para a direita. Esta ultima parte tinha uma janella em estylo manuelino, distincta pelo seu melhor trabalho artistico, bipartida por uma columna, tendo gravado no capitel, na face esquerda, em uma moldura *ms* (Jesus), na do centro 1494 e na da direita MARIA. O edificio com os ditos tres corpos, em dois andares, tinha as portas em arco, as janellas de typos diversos, e não é facil acreditar que um homem que obtinha os meios de subsistencia de coordenar cartas nauticas, habitasse uma casa de tão vastas dimensões. Suppomos pelo melhor criterio que elle só occuparia o corpo da esquerda, o primitivo, ou o segundo, que apesar de posterior é provavel estar já construido em 1480, anno em que d'alli partiu o genovez. Emquanto á parte em que está a janella bipartida evidentemente edificada quatorze annos depois, como vimos pelo decalque² tirado do capitel, não podia ser habitado por Colombo, que n'essa epocha já havia feito a descoberta da America, e até partira para a sua segunda viagem ao Novo Continente.

Em uma partilha dividiu-se a casa entre duas das principaes familias da ilha (Carvalho e Ornellas) que depois a venderam. A camara municipal para alargamento e aformoseamento da rua mandou demolir o predio, conservando-se apenas a janella em poder do sr. conselheiro Agostinho d'Ornellas. A demolição da casa foi um d'esses vandalismos que não tem classificação: independente da tradição historica, era um curioso especimen architectonico de

¹ O artigo appareceu depois na *Illustração hespanhola* de 15 de outubro de 1878, traduzido á letra mas assignado por D. Ventura Callegon. Ali se reproduz o erro do primeiro artigo do sr. dr. Azevedo, dizendo o anno de 1437. Motivou o engano o ter sido feita a leitura, quando a janella estava ainda no seu logar, por pessoa pouco competente.

² Este decalque foi já tirado depois da demolição.

uma casa nobre do seculo xv, e que o municipio por dignidade propria devia ter todo o interesse em conservar.

D. João II assignalou o começo do seu reinado por dois grandiosos actos: o dominio supremo da realleza, e os preparativos para o descobrimento do caminho maritimo para a India. Só estes dois factos de grande alcance politico n'aquella epocha attenuam a rudeza do seu character.

A arte de navegar continuava a fazer grandes progressos em Portugal, onde a febre dos descobrimentos se tinha tornado geral. Desde o rei até o seu mais infimo vassallo, todos concorriam para as emprezas maritimas, e tratava-se especialmente por esse tempo de procurar o caminho para a terra das especiarias e das pedras preciosas dobrando o celebre Cabo Tormentoso. Esta noticia fez voltar Colombo para Lisboa em 1480, onde se relacionou com os navegadores mais notaveis, nacionaes e estrangeiros, conheceu os novos systemas de navegação, e estreitou intima amizade com Martim de Bohemia, que já falava nas ilhas Antília e S. Romão.

A paixão de Colombo pelas viagens aventureiras tocava a monomania, e conhecedor das boas disposições do monarcha, solicitou uma audiencia, onde propoz os seus famosos planos de ir ao oriente pelo occidente, conforme lhe havia indicado Toscanelli, pedindo auxilio de gente e barcos para os executar. O rei não o descoroçoou; mas os homens competentes do seu conselho, além de pouco credulos nas apregoadas maravilhas e riquezas promettidas pelo genovez, ponderaram os inconvenientes de tirar para novas terras mais gente do reino, já bastante despovoado por causa das possessões e guerras d'Africa.¹

O conselho que votou contra as propostas de Colombo, além das razões acima allegadas, pelo seu pouco fundamento e serem excessivamente exigentes, pois pedia como recompensa, dado o feliz exito, o almirantado, o titulo de vice-rei e outras muitas coisas, compunha-se de homens que haviam ajudado as empresas maritimas do infante D. Henrique, e eram o bispo D. Diogo Ortiz e os mestres Rodrigo e Joseph, physicos do rei, reputados dos melhores cosmographos e geographos da sua epocha. O bispo D. Diogo era grande partidario de se tentar a descoberta do caminho maritimo para a India pelo Cabo da Boa Esperança, e o indicado pelo genovez tinha muitos oppositores. A jornada de Afonso Paiva e de Pero da Covilhan, em 1486, deu razão ao bispo.

Durante a sua permanencia na capital continuou com seu irmão Bartho-

¹ Sebastião Francisco Mendo Trigoso apresenta ainda outras razões, que motivaram tambem a rejeição das propostas. Vid. a sua *Memoria sobre Martim de Bohemia*, publicada nas *Memorias de Litteratura Portugueza* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, t. viii, p. ii, pag. 397.

lomen, que lhe foi um poderoso auxiliar, na industria de pintar cartas maritimas, que tinham muita extracção. Este modo de vida não se combinava com o genio arrojado de Colombo, e com bastante prescacia não perdia occasião de se instruir, colhendo informações dos navegadores e geographos.

Perdidas de todo as esperanças de serem acceitas as suas propostas em Portugal, resolveu dirigir-se á Hespanha, para onde partiu clandestinamente em 1484, ignorando-se o motivo que deu logar á fuga; posto que alguns a teem attribuido a ligações politicas na conspiração do duque de Vizeu, apunhalado por D. João II em Setubal a 23 de agosto do mesmo anno.

Não foi só em Portugal que se duvidou dos maravilhosos planos de Colombo: o mesmo lhe aconteceu com as propostas feitas a Genova, a Veneza, á França, á Inglaterra, e na Hespanha os duques de Medina Sidonia, D. Henrique de Gusman, de Medina Caeli, D. Luiz de la Cerda, e os reis catholicos só annos depois se resolveram a prestarem-lhe os auxilios necessarios para emprender a sua descoberta.

Em Hespanha luctou sempre com a maior pertinacia na propaganda a favor da sua causa patenteando vasta erudição, o que lhe veleu alguns proselitos e protectores, sendo o principal fr. João Peres, guardião do convento da Rabida, que gosava de grande importancia nos conselhos de Fernando e Isabel. Não faltou tambem quem lhe chamasse aventureiro, visionario e até louco!!

Alguns escriptores carregaram demasiado as côres negras do mau resultado das pretensões de Colombo perante os reis de Castella.

N'um livro de contas de Francisco Gonzales de Sevilha, thesoureiro dos reis catholicos, entre outras despesas dos annos de 1485 a 1488 estão escripturadas as seguintes verbas:

«En dicho dia (5 de Mayo de 1487) di á Christóbal Colomo, extrangero, tres mil maravedis, que está aqui faciendo algunas cosas complideras al servicio de sus Altezas, por cedula de Alonso de Quintanilla, com mandamiento del Obispo de Palencia.

«En 27 de dicho mez (Agosto de 1487) di a Christóbal Colomo quatro mil maravedis para ir al Real ¹ por mandado de sus Altezas, por cedula del Obispo; y de distinta letra continua asi.

«Son siete mil maravedis com tres mil que se le mandaron dar para ajuda de su costa por outra partida de 3 de Julio.

¹ Estaba el Real sobre Malaga, cuyo sitio duró desde 7 de Mayo hasta 18 de Agosto de 1487, en que se entregó la ciudad; pero los Reys permanecieron algunos dias despues en una tienda que hicieron colocar cerca de la puerta de Granada. Bernardez, cap. 85. Navarrete, tom. 1, n.º 2, pag. 8 da 2.ª edição.

«En dicho día (15 de Octubre de 1487) di á Christóbal Colomo quatro mil maravedis que sns Altezas le mandaron dar para ayuda a su costa por cedula del Opispo.

En 16 de Junio de 1488 di a Cristóbal Colomo tres mil maravedis por cedula de sus Altezas».¹

A somma total d'estas verbas são 17:000 maravedis.

N'este ultimo anno de 1488 é que foi escripta a carta de Christovam Colombo a D. João II offerecendo-se novamente para descobrir o caminho do Oriente. Navarrete transcreve apenas a resposta do monarcha aceitando a proposta no seguinte theor:

A Christovam Colom, noso especial amigo en Sevilha.

Christóbal Colon. Nos Dom Joham per grasa de Deos Rey de Portugal e dos Algarbes; daquem e dallem mar em Africa senhor de Guinee vos enviamos muito saudar. Vimos a carta que nos escrebestes e a boa vontade e afeizaon que por ella mostraes teerdes a nosso serviso. Vos agradecemos muito. Emquanto a que vossa industria e boo engenho nos será necessario, nos a desejamos e prcernos-ha muito de que visedes, porque em o que vos toca se dara tal forma de que vos debaes ser contente. E porque por ventura teerees algum rezeo de nossas justizas por razao dalgumas cousas a que sejaaes obrigado. Nos por esta nossa carta vos seguramos polla vinda, estada e tornada que não sejaaes preso, retendo, acusado, citado nem demandado por nenhuma cousa ora seja civil ora criminal de cualquier cualidade. E por ella mesma mandamos a todas nossas justizas que o cumpram assi. E portanto vos rogamos e encommendamos que vossa vinda seja logno e para isso non tenhaaes pejo algum e teremos muito em serviço. Scripta em Avis a vinte de Marzo de mil quatrocientos ochenta e ocho.²

El Rey.

Temos algumas duvidas sobre a authenticidade d'esta carta, em que D. João II aceita as offertas do genovez com absolvição plena de todas as faltas civis ou criminaes em que tivesse incorrido! O monarcha justo não costumava prestar-se a taes indulgencias, e principalmente sendo aquelle considerado um aventureiro que lhe havia fugido dos seus estados. Portugal possuia então

¹ Bernardez, cap. 85. Navarrete, tom. 1, n.º 2, pag. 8 da 2.ª edição.

² Navarrete, doc. dipl. n.º 3, que diz existir o original no archivo do duque de Veraguas.

grandes cosmographos, que seria longo mencionar, nacionaes e estrangeiros, promptos a emprehenderem as grandes viagens para o descobrimento da India e Terra do Preste João. Era este um projecto decidido só diverso do de Colombo na direcção a seguir. Além d'estas razões temos a redacção da carta de D. João, em linguagem um pouco hespanholada e destoante ao que então se escrevia.

Fazendo mesmo justiça ao character de Colombo, então subsidiado por Fernando e Isabel, mal se comprehende a offerta de ir servir outra nação!

Só minuciosa analyse na carta original (?) poderia resolver estas duvidas.

Impaciente pela demora que tinham os reis catholicos em organisarem a frota, com que devia tentar a grande descoberta, tomou a resolução de ir a França insistir com o christianissimo Carlos VII para favorecer a *missão que Deus lhe havia revelado na terra*, como elle dizia.

Quando já ia em caminho foi chamado pela rainha D. Isabel, que, apesar da opinião contraria de seu marido, tomou a empreza sob sua protecção, e os aprestos para a viagem começaram immediatamente.

Em 17 de abril de 1492 foi assignado um contracto, obrigando-se os reis de Hespanha, no caso de ser bem succedida a empreza, a conferirem a Christovam Colombo e a seus successores o cargo de almirante, com as honras e prerogativas de grande almirante de Castella, o titulo de Dom, e o vice-reinado das terras que descobrisse, com direito á decima parte de todas as perolas, pedras preciosas, oiro, prata, achados, comprados, trocados, e com outras muitas vantagens e privilegios.

Os monarchas hespanhoes, pelo mau estado do thesouro em consequência da guerra de Granada, tiveram de contrahir varios emprestimos para aprestar a expedição.¹

A 3 de agosto de 1492 logrou Colombo mandar desfaldar as vellas da sua frota, composta das caravellas, a *Nina* de Alonso Pinzon, a *Pinta*, em que ia seu sobrinho Vicente Pinzon, e a *Santa Maria*, de maiores dimensões, de 100 tonelladas e uns trinta metros de comprido, do almirante. Sahin de Palos, pequeno porto da Andaluzia, com a tripulação de 120 homens.

Na viagem fuctou com immensos obstaculos e contrariedades, sendo das maiores a desconfiança e má vontade das guarnições dos navios.

No diario d'esta viagem² vem: «... 3 de outubro. Aparecieron pardelas, y erba mucha, alguna muy vieja, y otra muy fresca, y traia como fruta; y no vieron aves algunas, creia el almirante que le quedaban atrás las islas que traia pintadas en su carta».

¹ Gomara, *Historia de las Indias*. Navarrete, *Coll. de viag. y desc.*, tom. I, doc. 2.º

² Impresso por Navarrete, tom. I.

Por este periodo e segundo dizem varios escriptores, o genovez foi-se guiando por uma carta de marear. Seria a de Toscanelli, egual á que enviou ao conego Martins e onde se notava a Antilia?

Este homem verdadeiramente extraordinario pela coragem com que persistia, e pela fé cega com que acreditava as inspirações celestes, conseguiu vencer todos os obstaculos e descobrir as ilhas de Cuba, Lucayas e S. Salvador. ¹

Na volta para a Europa, em fevereiro de 1493, aportou á ilha de Santa Maria, onde o capitão João de Castanheda, por suspeitas, pretendeu aprisional-o. ² A 6 de março entrou o Tejo; e D. João II, que se achava em Valle do Paraizo, logo que o soube mandou-o chamar, para se informar se o descobrimento das ilhas de Cypango e Antilia, de que vinha tão ufano, estavam dentro dos mares e terras do seu senhorio da Guiné. O genovez alardeando das riquezas e possessões que adquirira para a Hespanha, censurou el-rei D. João de não dar credito ás suas promessas. (Aqui contradiz-se em parte a carta que Colombo recebeu em 1488 do monarcha portuguez). Pela sua descortezia houve idéa de o matarem, ao que el-rei se oppoz formalmente. ³

Colombo affirmava ter descoberto a ilha de *Ophir*, que dizia proxima das Antilhas e a que poz o nome de *Hispaniola*. Pedro Martim de Angêva na *Oceanica* ⁴ diz: «... *Offyā isulā sesse reperisse refert sel cosmographorum tractu diūgter considerato atiliē isule sūt ille et aliacētes alies hāc hispaniolā appellauit*».

Na côrte de Fernando e Isabel foi recebido com as maiores solemnidades em abril de 1493, prestando-se-lhe grandes honras e fazendo-se-lhe largas mercês, entre as quaes a de addicionar ao seu brazão um leão e um castello.

¹ Varnhagen publicou em Valencia a primeira carta que Colombo escreveu a D. Gabriel Sanches, thesoureiro de Aragão, dando conta do famoso descobrimento. Diz o titulo: *Primera epistola del almirante D. Christobal Colon dando cuenta de su gran descubrimiento a D. Gabriel Sanchez, tesoroero de Aragon. Acompaña el texto original castellano el de la traduccion latina de Leandro de Cosso, segun la primera edicion de Roma de 1493, y precede la noticia de una copia del original manuscrito, e de las antiguas adiciones del texto en latin, hecha por el editor D. Genaro H. de Volafen* (anagramma de Adolfo de Varnhagen). Depois fez-se nova edição em Vianna, pelo mesmo editor, servindo de texto o unico exemplar conhecido da primitiva, em castelhano, que se conserva na *bibliotheca Ambrosiana* de Madrid, sem indicação de anno.—*Carta de Christóbal Colon, enviada de Lisboa a Barcelona en Marzo de 1493. Nueva edicion critica etc.* Viena, 1869, 8.º de xxxvi-51 pag.

² Navarrete, vol. 1, pag. 300.

³ Resende, *Chron. de D. João II*, cap. 66.

⁴ Decada 1.ª, Impressão de 1511.

Em 28 de maio de 1483 foi-lhe confirmado o cargo de almirante, vice-rei e governador das ilhas e terras, que havia descoberto e descobrisse. Na mesma data teve a nomeação de capitão general da armada que ia em segunda viagem á India, com auctorização de prover os officios, e de nomear quem o substituisse na sua ausencia.¹

Pouco tempo lhe foi concedido de descanso. A 25 de setembro do mesmo anno tornou a sahir de Cadiz para continuar as descobertas, e os reis de Hespanha, com animo e crença no novo almirante, pozeram á sua disposição 17 navios bem providos e guarnecidos por 1:500 homens. Nesta segunda viagem fundou diversos estabelecimentos nas Antilhas e em S. Domingos. A 24 de abril de 1494 entregou o governo da nova colonia a seu irmão Diogo e, com tres caravellas, partiu para continuar as descobertas. Conseguiu chegar ao Cabo de S. Antonio; mas o mau estado dos navios obrigou-o a voltar para a Hispaniola, onde encontrou revoltados a maior parte dos europeus, commettendo as maiores atrocidades, e quando deram noticia da chegada da frota do almirante, apoderaram-se de algumas caravellas e fugiram para Hespanha.

Colombo coadjuvado por seu irmão Bartholomeu e duzentos homens suplantou 100:000 indios; mas fizeram grande numero de victimas, e as crueldades que se praticaram são descriptas por Las Casas com horriveis côres.

Constando-lhe que os seus inimigos o accusavam e intrigavam com os reis de Castella, para se justificar, entregou o governo das ilhas a seu irmão Bartholomeu, de sua inteira confiança, com o titulo de *Adelantado de las Indias*,² e embarcou para a Europa.

Colombo teve na côrte recepção um pouco fria: as suas promessas de ouro não se haviam realisado, e a gloria do genovez pouco importava então á Hespanha. Atravez de numerosos enredos e inimizades e ainda com o apoio da rainha Isabel, conseguiu uma terceira expedição, que sahiu do porto de S. Lucas a 30 de maio de 1498.

Nesta viagem destacou tres navios para Hispaniola, e navegando a oeste até as bocas do Orenoco, descobriu o littoral do Pará e a parte do continente americano, ainda hoje, em homenagem ao seu nome, chamado Colombia. Por se terem aggravado os seus padecimentos viu-se obrigado a voltar para a sua ilha, onde encontrou a maior anarchia, e soube que muitas guerrilhas assolavam as povoações commettendo roubos e assassinatos. O almirante, não tendo a força precisa para os castigar, viu-se obrigado a pactuar com elles e queixou-se aos reis catholicos.

¹ Navarrete, doc. n.ºs 41 a 44.

² Mercê que lhe havia sido feita pela carta regia de 22 de junho de 1497.—Navarrete, doc. n.º 222.

Os seus inimigos na cõrte, que aproveitavam todos os ensejos de o malquistarem com Fernando e Isabel, interceptaram-lhe a correspondencia, desfiguraram os factos com calumnias, e levaram os monarchas a mandar syndicar do estado da colonia. Francisco Bobadilla, que era émulo de Colombo, foi o indigitado e nomeado, em 21 de março de 1499, para esta commissão, com plenos poderes de punir os criminosos, e até de depôr o almirante e seus irmãos, caso os achasse culpados, assumindo o governo das Indias. ¹ Na ilha Hispaniola ouviu de preferencia os inimigos do vice-rei e assim se tornou facil satisfazer aos seus interesses. O almirante e seus irmãos foram demittidos de todos os cargos, sequestrados os seus bens, sendo encarcerados carregados de cadeias, ² e assim os mandou embarcar para a metropole.

O povo hespanhol fez honroso acolhimento ao illustre captivo, e stigmatizou o vil procedimento de Bobadilla. Os reis castelhanos associaram-se ás manifestações dos seus vassallos, mas entretiveram o grande navegador com magnificas promessas sem lhe restituirem os seus cargos e honras.

As descobertas da India por Vasco da Gama e do Brasil por Pedro Alvares Cabral despertaram a ambição dos reis catholicos, e alentaram o espirito de Colombo, a quem foi confiada nova expedição, e a 11 de maio de 1502 partiu de Cadiz com quatro caravellas para a sua ultima viagem, onde parece haverem-se colligado todos os estorvos para experimentar a coragem do bravo genovez. Depois de immensas atribulações logrou voltar á Hespanha, velho, alquebrado pelas fadigas do corpo e do espirito, e pobre! O heroico descobridor da America sô recebeu como premio dos seus relevantissimos serviços a miseria, os accessos de gotta, e uma ophthalmia chronica, padecimentos que se lhe aggravaram pela ingratidão com que o trataram em Hespanha depois da morte de Isabel a Catholica, sua protectora.

Em 1505 ainda escrevia a D. Fernando V: «Nuestro senor milagrosamente me enviô acá, porque fui aportar a Portugal adonde el Rei de alli entendia en el descobrir mas que otro alguno». ³ Já a cahir na sepultura dizia n'uma carta a Diogo de la Doca: «Sua Magestade não julga a proposito cumprir as promessas que elle e a rainha me fizeram, debaixo da sua palavra e seu sello: fiz tudo que devia e deixo tudo a Deus, que foi me sempre propicio». ⁴

¹ Navarrete, doc. n.º 127 e 128.

² As cadeias conservou-as Colombo sempre no seu quarto, recommendando que quando morto as collocassem no seu esquite.

³ Navarrete.

⁴ Fernando Colombo, que foi o biographo de seu pae, achou no seu appellido uma especie de emblema mysterioso, comparando-o á pomba de Noé «... pois levou o ramo de

Christovam Colombo era homem muito intelligente, prespicaz, de admiravel arrojo e orgulhoso. Excessivamente crente na divina providencia, conservou essa fê viva até fallecer com 68 ou 69 annos de idade, em Valladolid, no dia de Ascensão, 20 de maio de 1506. Os seus restos mortaes foram depositados na egreja do convento dos Franciscanos, onde se conservaram até 1513, e trasladados, segundo diz o testamento de seu filho D. Diogo, para a capella de Sant'Anna, depois Santo Christo, do mosteiro de Santa Maria dos Cartuchos de las Cuevas, extramuros da cidade de Sevilla, onde lhe foi levantado um monumento funebre com esta inscripção:

*A Castilla y a Leon
Nuevo mundo dio Colon*

Por uma clausula do seu testamento, feito na vespera da sua morte, foram em 1536 os seus ossos para a ilha de S. Domingos, e collocados na capella-mór da egreja cathedral, jazigo que lhe foi concedido por uma ordem regia, em 2 de junho de 1537, para elle e seus herdeiros. O bispo e cabido oppozeram grande resistencia ao cumprimento d'esta ordem, mas seu neto D. Luiz Colombo, duque de Veraguas sempre o conseguiu entre os annos 1540-1559. Na campa não lhe pozeram inscripção alguma, mas conservou-se de memoria estar na capella-mór do lado do evangelho.

Pelo tratado de Basilea de 22 de julho de 1795 cedeu a Hespanha á republica franceza os seus direitos á ilha de S. Domingos, e o tenente general da armada, D. Gabriel Aristizabal, commandante da esquadra do rei catholico, resolveu, sem ordem do seu governo e unicamente movido por sentimentos patrioticos, levar para Cuba as preciosas reliquias do descobridor da America. Fez reunir os principaes habitantes da ilha na egreja cathedral, a 20 de dezembro do dito anno, e os restos mortaes de Colombo, na maior parte reduzidos a pó, foram exhumados, lavrando-se o auto. Devidamente acondicionados embarcaram no navio *S. Lourenço*, que os transportou para Cuba, onde foram recebidos a 15 de janeiro e conduzidos processionalmente com todas as solemnidades para a Cathedral, sendo depositados em urna de prata no presbiterio, n'um nicho aberto na parede da parte do evangelho, coberto por uma lapida, encimada com o seu busto em marmore, e a seguinte inscripção:

oliveira e o oleo do baptismo além do oceano, e com a paz e o Evangelho a luz que destruiu as trevas do barbarismo». Seriam estas as suas intenções, mas os factos é que nem sempre afinaram por tão pacifica escala.

SOBRE O DESCOBRIMENTO DA AMERICA

D . O . M
 CLARISS . HEROS LIGUSTIN .
 CHRISTOPHORUS COLOMBUS
 A SE REI NAUTIC . SCIENT . INSIGN .
 NOV . ORB . DETECT .
 ATQUE CASTELL . ET LEGION . REGIB . SUBJECT .
 VALLISOL . OCCUB .
 XIII KAL . JUN . A M . DVI
 CARTUSIANOR . HISPAL . CADAV . CUSTOD . TRADIT .
 TRANSFER . NAM IPSE PRÆSCRIPS
 IN HISPANIOLÆ METROP . ECC .
 HINC , PACE SANCIT . GALLALÆ REIPUB . CESS .
 IN HANC V . MAR . CONCEPT . IMM . CATH . OSS TRANS .
 MAXIM . OM . ORD . FREQUENT . SEPUL . MAND .
 XIV KAL . FEB . A . MD . C . C . X . C . V . I .
 HAVAN . CIVIT .
 TANT . VIR . MERITOR . IN SE NOM IMMEM .
 PRETIOS . EXUV . IN OPTAT . DIEM TUITUR .
 HOCCE NONUM EREX .
 PRESUL . ILL . D . D . PHILLIPO IPH TRESPALACIOS
 CIVIC . AC MILITAR . REI . GEN . PRÆF . EXMO .
 D . D . LUDOVICO DE LAS CASAS

Os dominicanos depois suppozera encontrar na sua cathedral os verdadeiros restos mortaes de Christovam Colombo. Em 10 de outubro de 1877 solemnizaram o seu *achado* com grandes festas, e mostraram o cofre de chumbo, com varias inscrições, que a boa critica, baseada em documentos officiaes, logo lhe negou a authenticidade. A Real Academia de Historia, consultada pelo governo hespanhol em 23 de outubro do mesmo anno, no seu erudito informe de 14 de outubro de 1878 tambem assim o fez sentir.

Em março de 1891 abriu o governo hespanhol um credito especial para a construcção de um sarcophago na cathedral de Havana, onde serão depositados os restos do grande descobridor da America. Realizado este projecto é o quarto tumulo que lhe tem sido construido.

A prioridade da descoberta da America tem-lhe sido contestada por diversos historiadores, dizendo uns haver Colombo visitado a Islandia em 1477, onde ouviu a narrativa dos antigos descobrimentos feitos pelos scandinavos, e que das informações ali obtidas lhe nascera a idéa de tentar tão temeraria empreza.

Os proprios auctores hespanhoes do seculo xvi escreveram: que uma caravela, accossada por grande tempestade foi parar a terra desconhecida e, depois de immensas fadigas, o piloto e tres ou quatro tripulantes lograram arribar ao Funchal, onde em poucos dias, pelas graves doencas de que vinham accommettidos, falleceram em casa de Christovam Colombo, que os havia hospedado, ficando em seu poder os papeis e diario de tão longa e tormentosa viagem.¹

Varios escriptores portuguezes narram este episodio, tambem como tradicional.

A nacionalidade do piloto e dos marinheiros ficou em mysterio, só Colombo o podia dizer, mas querendo elle aproveitar-se do legado tinha interesse em o calar para no empreendimento do feito alcançar toda a gloria.

Se o facto se deu devia ser entre os annos de 1472 a 1480, epocha em que Colombo residiu na Madeira. A historia por mais que profunde não consegue muitas vezes descobrir a origem das tradições nem distinguil-as das lendas por falta de documentos: só estes depois de analysados com bom criterio dão a plena confiança.

Diz o visconde de Santarem:² «Antonio Gallo, historiador genovez,³ em um tratado a que deu o titulo: *De navigatione Colombi per inaccessum antea oceanum commentariolus*, composto provavelmente nos ultimos annos do dito seculo (1398-1499)⁴ assevera que a existencia do mundo a que chamam India (isto é o novo continente) não tinha sido revelada a Christovam Colombo pelas suas proprias meditações, mas que lhe tinha sido communicada por seu irmão Bartholomen Colombo—o qual concebera o projecto da possibilidade de se effectuar uma navegação na direcção d'oeste, em razão de marcar os descobrimentos portuguezes effectuados além de S. Jorge da Mina sobre os Mappamundi, que desenhava em Lisboa para ganhar a sua vida».

«Humboldt⁵ julga, fundando-se nos documentos que nos restam relativos ao descobrimento do Novo Continente, que fôra durante a residencia de Christovam Colombo em Portugal desde o anno de 1470 a 1484 que este grande homem aperfeiçoara os seus estudos, consultando os homens sabios do paiz».

Las Casas, contemporaneo e amigo de Christovam Colombo, teve em 1502 em seu poder as cartas do descobridor da America com as indicações das terras occidentaes colhidas por pilotos portuguezes.

¹ Las Casas, *Historia de las Indias*, liv. 1.º, cap. 13 e 14. Lopes Gomara, *Hist. gen. de las Indias*. Acosta. *Hist. nat. y moral de las Indias*, 1590, etc.

² *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes*, etc., pag. 125.

³ Vid. Muratori, *Rerum italicarum scriptores*, tom. xxiii, pag. 302.

⁴ Este auctor tambem escreveu: *de Rebus Gemensium*.

⁵ *Examen critique de l'histoire du nouveau continent*, tom. 1, pag. 92 e 96.

Tem-se attribuido o descobrimento da Terra Nova a João Vaz Corte-Real, o que daria aos portuguezes a prioridade da descoberta da America. Este assumpto veio á tela da discussão n'este seculo por varios escriptores, sendo dos principaes Sebastião Francisco Mendo Trigo, ¹ Joaquim José Gonçalves Mattos Correia, ² o sr. Luciano Cordeiro... ³ e outros, baseando-se essencialmente na *Historia Insulana* do P. Antonio Cordeiro. Este auctor não cita documento algum que comprove o facto: copiou sem criterio as *Saudades da Terra* do dr. Gaspar Fructuoso, servindo-se tambem de um manuscripto anonymo, devido a tradições vagas, ⁴ e accrescentou por vezes algumas invenções da sua lavra, no intuito patriotico de abrilliantar mais os serviços maritimos dos aorianos.

A publicação em 1883 do consciencioso investigador, o sr. Ernesto do Canto, sobre os *Corte-Reaes* estabeleceu a verdade dos factos com documentos incontestaveis e boa critica. Ali são transcriptas duas cartas importantes, uma do embaixador de Veneza em Lisboa, Pietro Pasqualigo, ⁵ dirigida a seus irmãos em 19 de outubro de 1501, onde faz a narrativa da chegada de uma das caravellas da expedição de Gaspar Corte-Real, sahida de Lisboa no começo do mesmo anno, para o descobrimento das terras septentrionaes, que encontraram a 2:000 milhas de distancia, entre noroeste e poente, percorrendo depois, parte da extensa costa, que lhes pareceu terra firme, e continuação da que havia sido descoberta ao norte no anno anterior; e em seguida descreve os habitantes com seus usos e costumes, e os indigenas vindos na mesma caravella. A outra carta, existente no Archivo de Modena, é de Alberto Cantino, para o duque de Ferrara, Hercules d'Este, onde escrevera o que ouvira a um dos capitães da expedição, quando contava a el-rei D. Manuel os perigos que correram na viagem por causa dos grandes gelos que encontraram. Cantino enviou tambem ao mesmo duque em 1502 um mappa-mundi, que segundo a opinião de M. Har-

¹ *Memorias de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. viii, pag. 305.

² *Ácerca da prioridade das descobertas feitas pelos portuguezes nas costas orientaes da America do norte*. Vid. *Annaes maritimos e coloniaes*, tom. i, pag. 269 e 423.

³ *De la découverte de l'Amérique*. Lisboa, 1876, 8.º de 86 pag. Este opusculo do nosso amigo Luciano Cordeiro contém numerosas noticias que logrou colher, á custa de improprio trabalho.

⁴ Havia varias copias, tendo por titulo: *Brève noticia do descobrimento das ilhas Terceiras, que por outro nome se chamavam Flandrias*. É posterior ao anno de 1672, pois se refere já á erupção no Fayal, que teve logar n'este anno.

⁵ Este embaixador vem citado por Damião de Goes na *Chron. de D. Manuel*, p. 1.º, cap. xlii.

risse,¹ é dos monumentos geographicos mais notaveis e importantes para a historia das primeiras navegações transatlanticas que se conhece.

No portulano de Vesconte de Maggiolo, datado de 1311, vendido em 1870 em Madrid, no leilão da bibliotheca do duque de Altamira, vem mencionada a *terra de los Ingres*, e dez graus ao sul a *terra de Lavrador de rey de portugall*, e outros dez graus ao sul a denominada *terra de corte reale de rey de portugal*, seguida da indicação *terra de pescaria*.

O mesmo M. Harrisse diz ter encontrado n'um mappa em pergaminho, anonymo, datado de 1534, existente na bibliotheca ducal de Wolfenbuttel, com a rubrica—94 e 95 AvG. a seguinte legenda na terra do Lavrador na America septentrional: *Tiera do Labrador. La qual fue descubrieta por los ingleses de la villa de bristol, e por que el que dio el laviso della era labrador de las illas de los Açores le quedo este nombre.*²

A doação do senhorio da Terra Nova de juro e herdade a Gaspar Corte-Real, assim como de mais algumas ilhas ou terra firme que descobrisse, com as clausulas mencionadas na mercê, tem a data de 12 de maio de 1500.³ Gaspar Corte-Real foi 3.º filho de João Vaz Corte-Real,⁴ e nasceu pelos annos de 1450. Voltando ao norte da America no anno de 1501ahi se perdeu com o navio e gente que levava.

Na carta de confirmação a sen irmão primogenito Vasco Annes Corte-Real, datada de Lisboa em 3 de agosto de 1538, se diz: «... e hanendo respyto e lembrança como o dito Gaspar Corte Reall seu irmão ffoi o primeiro descobridor das ditas teras e a sua propria custa e despesa com muito trabalho e risco de sua pessoa, e como finalmente com muitos criados e homes que com signo leuaua nyso acabou, e asy mesmo como depois Miguel Corte Real sen irmão, que foy noso porteiro mor, indo em busca do dito seu ir-

¹ Jean et Sabastien Cabot, pag. 160.

² Este documento indica a origem do nome dado á terra. Provavelmente o lavrador era João Fernandes, que teve a concessão das terras que descobrisse e se associou depois com os ingleses, como dissemos anteriormente a pag. 12.

³ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 49 de D. João III*, fl. 243 v. Doc. impresso na *Mem. dos Corte-Reaes*.

⁴ João Vaz Corte-Real, a quem alguns auctores tem pretendido dar a prioridade do descobrimento da America, foi porteiro-mór do infante D. Fernando, e teve a donataria de parte da ilha Terceira em 1474, e da ilha de S. Jorge em 1483. Foi casado com D. Maria Abarea, natural de Tuy, e falleceu em Angra a 2 de julho de 1496, sendo sepultado na capella-mór do convento de S. Francisco, cujo jazigo e capella havia construido á sua custa. Foi arrojado navegador.

maõ, com nauios e gente que á sua propria custa e despesa armou, no que gastou muito de sua fasenda por buscar e achar e remir o dito seu Irmaõ, e asy por nos seruir no descobrimento das ditas teras em que trabalhou quanto posyvel, foy no que outro sy apos o dito seu irmaõ faleceo e acabou, e com elle muitos criados de seu pae e seus e do dito Vasco Anes com sua propria fasenda criados e homes seus sempre ajudou os ditos seus irmaõs e ainda oje em dia de sua fazenda paga e satisfaz as dividas e cargos e obrigações que por esta causa os ditos seus irmaõs suas vydas acabaram... » ¹

.....

Colombo falleceu no erro de que a costa de Veraguas fazia parte do grande imperio do Cathay da provincia de Mango, na China septentrional, e que a ilha de Cuba era continente. Escrevendo á rainha Isabel dizia elle: «el mundo es poco, digo que el mundo no es tan grande como dice el vulgo». ²

Todas as circumstancias da vida do grande Colombo, que deixamos narradas, e lhe são mais ou menos favoraveis, estão escriptas nos historiadores, mas nenhuma diminue o valor do descobrimento nem a gloria do feito. Christovam Colombo desenvolveu os seus estudos nauticos em Portugal com a lição dos principaes navegadores, e animado pela sua intima crença religiosa luctou corajosamente contra milhares de obstaculos e intrigas, que conseguiu vencer, dando á Hespanha um imperio de riqueza e abrindo ao mundo civilisado o caminho de outro continente desconhecido. A sua assignatura era assim:

S.
 S. A S.
 x m y
 : Xpo FERENS./

Não tendo Colombo deixado explicação d'estas iniciaes tornou-se a sua assignatura um verdadeiro enyigma, cuja interpretação é muito difficil por a

¹ Arch. da Torre do Tombo, *Liv. 69 de D. João III*, fl. 243 v.

² Navarrete, pag. 42.

variante das versões a que se prestam, sem haver dados para a preferencia; todos concordam em significarem invocação religiosa, e de entre as immensas interpretações que se tem publicado, apresentamos os dois especimens seguintes:

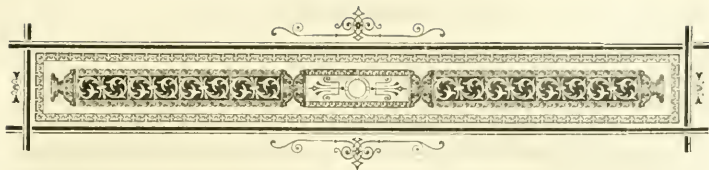
Suplex

Servus Altissimi Salvatoris
Chriti, Maria Yosephus
Christophoro

Servus

Sum Altissimi Salvatoris
Xriste Maria Jesus
Xriste Ferens





III

PEDRO ALVARES CABRAL E O BRASIL

DOM Manuel continuou as emprezas maritimas dos seus antecessores, e escolheu Vasco da Gama para a descoberta das Indias orientaes, grandioso encargo de que elle tão brillantemente se desempenhou.

Cumpria, depois de consolidar o tracto commercial com aquelles povos, castigar alguns que sem motivo haviam hostilizado traçoeiramente a pequena expedição portugueza. N'este intuito se apparellhou no Tejo uma armada de treze embarcações, guarnecidas com 1200 homens, cujo commando foi confiado a Pedro Alvares Cabral.

Gaspar Correia diz ser Cabral homem fidalgo, de bom saber, intimo amigo de Vasco da Gama, e que este o incitara a offerecer-se a el-rei para ir como capitão-mór da expedição.¹

Deu-se grande apparato á cerimonia da partida. O bispo D. Diogo Ortíz pregou um eloquente sermão, na egreja dos Jeronymos.—D. Manuel, entregando a Cabral a bandeira branca com a cruz vermelha da ordem de Christo, collocou-lhe na cabeça um chapen bento pelo papa; e o immenso povo, que concorrera áquelles actos, cobriu de acclamações o intrepido guerreiro, quando embarcou no esquife que o levou para bordo da nau capitania.

A armada sahiu o porto de Lisboa n'uma segunda feira 9 de março de 1500, levando o capitão-mór minuciosas instrucções por onde se devia guiar.²

¹ *Lendas da India*, tom. 1, pag. 146.

² Existe apenas um caderno no Arch. da Torre do Tombo, (maço I de leis sem data, n.º 21) e foi impresso por Silveira Pinto nos *Annaes marítimos e coloniaes*, tom. v, parte não official.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel, descreve minuciosamente a viagem até á descoberta do Brasil. É um documento original conservado na Torre do Tombo,¹ que tem para nós a maior importancia, e por isso o seguimos com a maxima exactidão.

A 14 do dito mez de março, achou-se a frota nas alturas das Canarias; a 22 os pilotos avistaram a ilha de S. Nicolau, e na noite immediata desapareceram a nau de Vasco de Atayde, sem vento forte nem contrario. Cabral fez algumas diligencias para a encontrar, e não o conseguindo navegou pelo mar do Congo. Em 20 de abril observou nas aguas varias plantas chamadas *botelhas* e *rabo d'asno*, e no dia seguinte viram umas aves (*Fura-buchos*). A horas de vespuras distinguiram em terra um monte muito elevado e redondo, ao qual foi posto o nome de *Monte Pascoal*, com serras mais baixas ao sul, e os valles cobertos de frondoso arvoredo.

Deitado o prumo acharam 19 braços; ali fundearam e passaram a noite.

Na quinta feira 22 de manhã approximaram-se os navios á terra, até á distancia de meia legoa, e avistaram-se na praia alguns indigenas. Então o capitão-mór mandou Nicolau Coelho no seu batel, pelo rio que alli desagua, e quando o entraram accudiram á praia uns trinta homens pardos, armados de arcos e settas, que em boa paz trocaram algumas coisas insignificantes.

O vento sueste, que soprou rijo n'essa noite, fez sentir que os navios não estavam alli em segurança, e por conselho dos pilotos desfraldaram as vellas e navegaram junto á costa em procura de algum abrigo. Á distancia de dez leguas encontraram um recife protegendo um bom porto, que foi logo sondado por Affonso Lopes, e n'essa occasião tomaram uma almadia com dois gentios, que conduziram para bordo da capitania. Andavam nús, com os beiços furados, que dilatavam mettendo nos furos varios objectos: o cabello era corredio e curto, e alguns o enfeitavam com pennas de côres. Offereceram-lhe comida, de que não gostaram e mostraram grande admiração e cobiça pelo colar que tinha ao pescoço o capitão-mór. Deram-lhe outro de contas, que os não contentou.

No sabbado de manhã entraram as naus no porto, ancorando a cinco e a seis braços, e pelo bem que ficaram se denominou o porto—*Porto Seguro*. Com Bartholomeu Dias e Nicolau Coelho foi a terra Pedro Vaz de Caminha levar os dois indigenas, com os seus arcos e settas, bem presenteados com camisas, campainhas, carapuças vermelhas, rosarios de contas brancas, cascaveis; e

¹ Vid. doc. n.º 2, *in fine*. Além do documento original existe no mesmo archivo uma copia não correcta. Com o auxilio do nosso amigo e distincto paleographo sr. José Basto foi conferido o traslado que publicamos com o original, e o fac-simile da primeira pagina com a assignatura de Caminha.

para conhecer da lingua, usos e costumes dos indigenas foi indicado o degredado Affonso Ribeiro, que havia sido creado de D. João Tello.

Apenas chegaram á praia correram ao seu encontro uns duzentos homens, armados com arcos e settas, que logo depozeram no chão pelos signaes que lhe fizeram os dois gentios que iam nos bateis. A troco de alguns casca-veis ou manilhas prestaram-se a ir buscar agua, e davam arcos e settas por sombreiros, carapuços de linho, etc. Os dois mancebos logo que desembarcaram partiram de corrida para o interior da terra. Todos aquelles selvagens usavam tambem os beijos furados onde tinham introduzidos identicos ornatos; o corpo de alguns estava pintado, e o de outros via-se coberto de pennas pegadas á pelle, o que levou Caminha a dizer—que pareciam setteados como S. Sebastião.

Terminado o carroto da agua, vieram trazer o degredado, por não quererem os indigenas que lá ficasse. Bartholomeu Dias ainda o fez voltar com presentes, mas sem melhor resultado.¹

No domingo da Paschoela, 26 de abril, improvisaram um altar n'um grande ilhéu, deshabitado, proximo á bahia, officiendo Fr. Henrique,² e depois a gente

¹ Os selvagens que habitam diferentes provincias do Brasil podem grupar-se em tres ou quatro especies, assemelhando-se mais ou menos pelos seus caracteres physicos e costumes.

O tupy é a lingua que mais geralmente falam, e, por isso, a mais conhecida. Os padres jesuitas Anchieta, Montoya e Figueira deixaram trabalhos importantes sobre ella, e modernamente tem sido continuados estes estudos pelo dr. Baptista Caetano Almeida Nogueira e outros; mas só no seminario do Pará é que se conserva uma anla de tupy.

Além da raça tupy, a mais curiosa é a dos botoendos ou aymorés. Teem por costume, principalmente os homens, furar o beijo inferior, o lobulo das orelhas, e alguns até o nariz e as faces para lhe introduzirem diversos ornatos, como rodela de madeira, pedaços de conchas, ossos, espinhas de peixe, cylindros de resina, ou de pedra de diversas qualidades, alabastro, etc. Pouco a pouco vão augmentando o diametro das rodela chegando algumas a seis centimetros, o que lhes torna o rosto desforme e selvagem. As suas tribas, hoje poneo numerosas, habitam as florestas virgens do Jaquitinhonha, do Mucury, de S. Matheus e do Rio Doce. O beijo conserva-se quasi horizontal e a distenção dos lobulos das orelhas chega ás vezes até ás espaldas.

Os cabellos são rapados com a casca da canna, que corta como navalha de barba: a tinta com que de ordinario se pintam é de genipapo; e as pennas que lhe servem de ornamento são pegadas com cera.

² Apesar da carta de Caminha, teem alguns escriptores asseverado ser a descoberta do monte, a que foi posto o nome de *Pascoal*, na segunda oitava da Paschoa, e o chamar-se á terra de *Vera Cruz*, a ser dita a primeira missa em 3 de maio, dia em que se festeja este symbolo do christianismo. (Vid. *Rev. trim. do Inst. do Brasil*, tom. xxii, p. II, pag. 231).

desponível das guarnições por alli espaireceram entretendo-se alguns a pescar. Cabral recolheu para bordo, onde reunin em conselho todos os capitães, decidindo-se o deixar alli dois degredados para se relacionarem com os do paiz, enviar para a metropole o navio dos mantimentos com a noticia da descoberta para el-rei mandar tomar posse da terra, e a armada seguir viagem para o Oriente, como lhe fôra determinado. Ainda n'esse dia voltaram á praia, indo todos armados, e pacificamente andaram folgando entre os gentios. O capitão-mór bem acompanhado passou o rio, e caminhou pela margem ao longo da praia, seguido dos bateis, até chegar a uma grande lagoa de agua doce. Pretenderam deixar por alli o degredado Affonso Ribeiro, mas os selvagens com bom trato o tornaram a entregar, sendo quasi noite quando recolheram ás naus.

Na segunda feira foram os marinheiros buscar agna, e internaram-se até um local em que estavam varias familias indigenas. As mulheres, bem apessoadas, usavam os cabellos negros cahidos pelas costas, e os homens tinham rapadas as sobrancelhas e pestanas, e a cabeça até acima das orelhas. A pintura do corpo mais commum é a vermelha, e a tinta é tirada do urucú cujas sementes da mesma côr são creadas n'uns ouriços, semelhantes aos produzidos pelos castanheiros.

O capitão-mór ordenou que Affonso Ribeiro e outros dois degredados fossem folgar com os gentios e ficassem lá de noite. Caminharam até á distancia de legua e meia, encontrando uma povoação de umas dez casas muito compridas, sem repartimento, com duas portas nos extremos, e cobertas de palha. Dentro, suspensas nos prumos, estavam as redes em que dormiam, e em cada casa se accommodavam trinta a quarenta pessoas. Ahí deram cascaveis e outros objectos insignificantes, recebendo papagaios vermelhos muito grandes (arâras), carapuças de pennas verdes, e um panno entrançado com pennas de muitas côres, n'um tecido formoso; mas á noite obrigaram-nos a voltar para bordo das naus.

Na terça-feira voltaram a terra os marinheiros para colher lenha e lavar roupa. Na praia juntaram-se uns duzentos gentios, que muito prazenteiros os ajudaram a cortar e a carregar lenha para os bateis. Enquanto estavam n'este serviço, dois carpinteiros faziam uma cruz do tronco de uma grande arvore, que na vespera haviam cortado, e os selvagens admiraram-se muito da ferramenta de ferro de que usavam, pois elles trabalhavam com pedras do feitio de cunhas, mettidas entre talas de madeira muito bem atadas.

Cabral tornou a mandar dois degredados com Diogo Dias, para que fossem para qualquer aldeia dos gentios, e que de toda a maneira não voltassem os degredados.

A quarta feira foi empregada no arranjo do navio dos mantimentos, em

que havia de partir Gaspar de Lemos para o reino, com a nova do descobrimento. Sancho de Toar foi a terra, e quando recolhia para bordo muitos gentios o quizeram acompanhar; mas só consentiu que fossem dois mancebos, que n'essa noite comeram de tudo que lhe deram, e lá dormiram com muita confiança.

Na quinta feira 30 de abril, de manhã, Sancho de Toar levou os seus hospedes ao capitão-mór, quando estava almoçando, e elles tornaram a comer, mas não beberam vinho por não gostarem. Alguns marinheiros foram nas lanchas aproar á praia, para completarem o fornecimento de lenha e agua, e pouco depois Cabral com parte da guarnição das naus ali desembarcou, sendo muito bem recebidos pelos indigenas, e, caminhando atravez de frondoso arvoredo chegaram a uma grande ribeira, em cuja margem estava, encostada a uma arvore, a cruz de madeira. Junto d'ella todos se pozeram de joelhos e a beijaram, para mostrar o acatamento que lhe prestavam, e acenaram a uns doze gentios, que se achavam proximos, para os imitarem, o que elles fizeram com certa reverencia. Esta submissão deu esperanza de os levarem com facilidade a abraçar o christianismo, principalmente se os degredados, que haviam de alli ficar, conseguissem entendel-os e fazerem-se entender. Entre estes gentios não se encontrava o mais pequeno indicio de trabalhos agricolas, nem da existencia de animaes domesticos. Sustentavam-se da raiz de inhame, que alli abundava, e de varias sementes que algumas arvores produziam, e só com isto apresentavam-se robustos e nutridos.

Na sexta feira 1 de maio desembarcou o capitão-mór com a bandeira que lhe entregára el-rei D. Manuel e parte das guarnições das naus vestida de gala, e depois de escolhido o sitio, em que havia de ser collocada a cruz, a foram buscar á margem da ribeira, conduzindo-a em procissão ao som de canticos religiosos. Alguns gentios prestaram-se voluntariamente a ajudar ao seu transporte, e o symbolo do Redemptor foi levantado a dois tiros de béstia do rio. Junto á cruz foi posto um altar, onde disse missa cantada Fr. Henrique, assistindo uns sessenta indigenas com o maior respeito até terminar a communhão dos sacerdotes e de mais alguns da armada. Acabada a missa o padre tirou a casula, e subido a uma cadeira pregou do evangelho. Depois Nicolau Coelho apresentou uma porção de pequenos crucifixos de estanho, que Fr. Henrique ia pendurando ao pescoço dos gentios, fazendo-lh'os beijar primeiro e levantar as mãos postas. Findas todas estas cerimonias pela uma hora da tarde recolheram ás naus. No dia 2 a armada levantou ferro para continuar a sua derrota.

Pero Vaz de Caminha termina a carta, que data de *Porto Seguro* da Ilha de *Vera Cruz* em 1 de maio de 1500, gabando a terra e aconselhando a sua povoação por europeus com sacerdotes para converterem aquelles pacificos sel-

vagens ao christianismo. Ali ficaram dois degredados, e dois grumetes que desertaram.

João de Barros, Damião de Goes, Jeronymo Osorio e mais alguns historiadores, que se lhe seguiram, dizem, sem citarem documento comprovativo, que a armada navegou dezeseis dias com bouança até passar as ilhas de Cabo Verde, onde soffreu violento temporal que fez destroçar as naus, arribando a de Luiz Pires a Lisboa, e sendo as outras sem rumo certo impellidas pela força dos ventos e das correntes do Atlantico; e que em 22 de abril avistaram terra desconhecida onde approaram e celebraram missa no primeiro de maio, levantando-se no mesmo local, como indicativo de posse, um padrão com as armas de Portugal. O capitão-mór poz religiosamente á terra o nome do *Vera Cruz*, que outros depois chamaram *Santa Cruz*.

Atribuem outros escriptores o acaso da descoberta do Brasil, além das tempestades, á separação da nau de Luiz Pires, que fez com que Cabral, andando alguns dias a procura-a, errasse o rumo indo parar á costa que fica fronteira á da Africa. Rocha Pitta conta que «corrido pela tormenta e perdidos os rumos da navegação, foram mais conduzidos da altissima Providencia que da furia dos profiados ventos, na altura do polo antartico».¹

Um terceiro grupo, baseado nos documentos coevos, que se podem considerar officiaes por serem enviados ao rei por individuos que faziam parte da gnarnição da armada, quer que o desvio fosse intencional, para encontrar as novas terras das quaes já tinham alguns indícios.

Esta questão discutia-se no Instituto historico e geographico do Brasil,² onde Joaquim Norberto de Sousa e Silva leu uma erudita memoria sustentando ter sido a descoberta intencional. Este escriptor tratou o assumpto muito propiionalmente, baseando a sua opinião em documentos authenticos.

Appareceu a contestar-lhe o parecer José Joaquim Machado de Oliveira, que, cheio de ridiculas pretensões, em phrases bombasticas insulta os portuguezes e termina dando como descobridor do Brasil a Vicente Pinzon! Não cita documento, nem auctor nem argumento acceitavel.³

¹ *Hist. da America portugueza*, liv. 1, pag. 6, n.º 5.

² Vid. as *Memorias* publicadas na *Revista trimensal* do Instituto historico e geographico do Brasil, tom. xv, n.º 6, pag. 125; e tom. xviii, n.º 29, pag. 279 a 405.

³ Como amostra transcrevemos parte de um periodo, que ainda assim não é dos mais injuriosos: «e Cabral, que nem a ousadia tinha do seu illustre conterraneo, que primeiro se lançara áquelles mares abrindo-os ao mundo, desviou a navegação para o alto mar, dando-lhe largas sangraduras, e engolfando a armada para oeste, e por mares que eram desconhecidos... e este demasiado precaver, orçando para uma prudencia meticulosa; este desorientado effugio ao originario proposito só com o fito de evitar perigos, que já an-

Joaquim Norberto de Sousa e Silva, na sua erudita *Memoria sobre o descobrimento do Brasil*,¹ trata a questão com bastante critica, tirando argumentos solidos e muito bem deduzidos, mostrando que a descoberta do Brasil por Cabral foi intencional.

A pequenez d'este opusculo não permite transcrevel-os.

O dr. Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Reflexões ácerca da memoria de Joaquim Norberto*², pertende combatel-a appoioando-se na auctoridade dos historiadores antigos, e tomando ao pé da letra alguns trechos dos documentos coevos, como o da carta de Caminha «e ele (nosso senhor) que nos pera aquy trouxe creó que não foi sem causa», e da participação feita por D. Manuel aos reis catholicos do descobrimento das terras de Santa Cruz, quando diz: «*Pa-rece que nosso senhor quiz milagrosamente se achasse esta terra*».

O costume de invocar e attribuir ao auxilio de Deus todos os acontecimentos da vida é uma formula religiosa muito antiga e que ainda hoje se usa. As incertezas não devem admirar nas diligencias de procurar o desconhecido, quando somos guiados por pequenos indícios.

D. Manuel dando a Cabral instrucções secretas verbaes ou por escripto, como se suspeita, era o mais interessado em fazer acreditar ser o descobrimento devido ao acaso, para não melindrar o monarcha de Hespanha, que se julgava com preferencia n'estas descobertas pela linha divisoria estabelecida pelo papa Alexandre VI, e modificada depois a favor de Portugal no tratado de Tordesilla; receio aliás infundado, pois o Brasil ficava dentro dos limites que o tratado lhe assignalara.

Gonçalves Dias, com quanto não lograsse destruir os argumentos do seu contendor, nem por isso deixa, no seu trabalho, de revelar muito estudo e conhecimentos historicos.

teriormente tinham sido affrontados, e a que a insciencia afigurava de grandes proporções, deu o Brasil á corôa de Portugal, atando-o com vinculos de ferro, sujeitando-o pelo terror e desolação a um dos mais pequenos estados da Europa; envolvendo-o só em suas vicissitudes e decadencia; tendo-o em commum só em seus reveses; subtrahindo-o por mais de tres seculos áquella preeminencia a que dava-lhe juz sua posição no globo... O escripto não merece a honra da discussão e a resposta o proprio auctor se incumbiu de a dar n'uma carta, que precede a verrina, quando diz: «... me prevaleça do antigo indulto com que o Instituto se dignou agraciar-me, desde de que honrou-me em me admitir em seu seio, de acollher benignamente meus escriptos, *pobres de merito como ricos de petulancia*, é n'esta confiança que apresento o incluso». É a unica verdade que se encontra n'aquellas nove paginas e meia.

¹ Publicado na *Revista trimensal* do Instituto historico do Brasil, tom. xv, pag. 125 a 209.

² *Ibidem*, tom. xviii, pag. 289 a 334.

Joaquim Norberto acudiu logo a sustentar a sua opinião publicando na mesma *Revista* a *Refutação ás Reflexões*, onde destroe brilhantemente os argumentos em que se baseava o seu contrario, essencialmente pela falta de documentos.¹

O padre Manuel Ayres do Casal, na sua monumental obra: *Chorographia Brasílica*, declara: que, tendo seguido com relação ao descobrimento do Brasil os principaes historiadores que haviam tratado do assumpto, lera depois a carta de Pero Vaz de Caminha, testemunha do facto narrando-o *não só com miudesa mas até com veracidade palpavel* pelo que se *vira obrigado a dar-lhe a preferencia*.

A ignorancia no rumo, indo a bordo Bartholomeu Dias, Nicolau Coelho e alguns pilotos que tinham acompanhado Diogo Cão e Vasco da Gama, não é accetavel com relação á viagem para montar o Cabo da Boa Esperança.

Hoje a sciencia nautica com relação a tempestades, correntes maritimas e atmosphericas do oceano Atlantico sul, n'aquella monção, nega-se a accetiar a possibilidade dos navios de Cabral, pela sua acção, serem arrastados para oeste; mas ainda dado este caso, actualmente difficil de explicar, Caminha tão minucioso no descrever a viagem até Porto Seguro, ou qualquer dos outros tres escriptores, que iam na armada, não deixariam de o mencionar.²

Mas de preferencia aos historiadores que não confirmam a sua opinião com documentos justificativos, temos os melhores esteios, em quanto não apparecer outro de maior auctoridade, nas cartas de mestre João e de Pedro Vaz

¹ Publicado na *Revista trimestral* do Instituto historico do Brasil, tom. xviii, pag. 335 a 405.

² Em uma das primeiras sessões da Commissão Colombiana da Academia Real das Sciencias de Lisboa, enunciamos o assumpto dos tres capitulos que constituem este opusculo, patenteando n'essa occasião, que as *cartas* de mestre João e Pero Vaz de Caminha, a *descripção da viagem* de Cabral por um piloto, e o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco, os reputava documentos officiaes, por serem redigidos por individuos, testemunhas de vista, que faziam parte da armada. — Que esses documentos nos levaram á convicção, por não haver nenhum mais authentico em contrario, de que o descobrimento do Brasil não fôra casual e sim intencional. Dissemos mais que as duas cartas de mestre João e de Caminha podiam ser publicadas em fac-simile e transcriptas em linguagem moderna, muito correctea pelo original, no que haviamos sido auxiliado pelo eximio paleographo o sr. José Basto. O distincto official da nossa marinha de guerra e engenheiro hydrographo, o sr. Baldaque da Silva, pediu a palavra e explicou technicamente a impossibilidade das tempestades, correntes maritimas ou atmosphericas obrigarem os navios a seguir o rumo do Brasil. Considerando o sr. Baldaque uma boa auctoridade no assumpto rogámos a s. ex.^a a fineza de nos fornecer em nota a doutrina, que tão eruditamente havia expellido, para melhor corroborar a nossa opinião, ao que mui cavalheirosamente logo se promptificou. Dias depois pediu-nos uma prova da impressão, a esse tempo já feita mas ainda incorreta,

de Caminha, e na descripção de toda a viagem por um dos pilotos.¹ Todos faziam parte da armada e foram testemunhas de vista.

As duas cartas alcançam apenas até 2 de maio, dia em que saíram de Porto Seguro, hoje conhecido pela Enseada da Corôa Vermelha; mas o piloto expõe todos os incidentes da viagem até á sua entrada em Lisboa, em fins de julho de 1501, voltando apenas seis naus, numero igual ao das que se perderam.

Nenhum d'estes documentos, que muito bem se podem considerar officiaes, falam em terem soffrido borrasca antes do descobrimento das terras de Vera Cruz.

Caminha, que é minuciosissimo em todos os pormenores, tambem nada diz a tal respeito, nem menciona reparos nos navios, que, a dar-se a tormenta, teriam necessidade de concertar algumas avarias.

O piloto descreve o grande tufão e tempestade que apanharam a demandar o Cabo da Boa Esperança, onde se voltaram quatro naus, que se perderam completamente com as guarnições, sem as outras lhe poderam acudir pela bravesa do mar, conseguindo escapar muito destroçadas.

Uma das naus perdidas era capitaneada pelo bravo Bartholomeu Dias, que achou o sepulcro nas ondas, proximo ao padrão da sua gloria.

Cabral chegou a Moçambique apenas com oito naus. Estabelecem logo trato e amisade com o xeque, e pagou por dez vacas e vinte cabras, que lhe mandaram para fornecimento da armada, com *cruzados em oiro*, para mostrar grandeza.² De Melinde passou ás ilhas Anchedivas, e a 13 de novembro entrou o porto de Calecut, onde para castigo do traçoeiro Samorim lançou fogo a 15 embarcações, que alli estavam ancoradas, e bombardeando a cidade destruiu bastantes edificios com morte de muita gente. Satisfeitas as represalias nave-

das cartas de mestre João e de Caminha (doc. n.º 1 e 2), e logo satisfizemos os seus desejos. S. ex.^a preferiu coordenar uma memoria commemorativa do *Descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral* para ser tambem presente no centenario do *Descobrimento da America em Madrid*, e apesar de repetir, por se basear principalmente nos dois documentos que lhe fornecemos, parte do terceiro capitulo que indicámos, com aspiração a programma, estamos certos que a sua *Memoria* por melhor desenvolvida dará superior relevo ao nosso deficientissimo trabalho.

¹ Ignora-se o nome. O original, que se considera perdido, foi vertido em latim, por Madri gnano e incluído no *Novus Orbis* de Simão Gríneo, d'este traduzido em italiano por Ramusio (João Baptista), e do italiano para o portuguez na publicação feita pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, etc.*, tom. II, n.º 3, pag. 111 a 137, dividida em 21 capitulos.

² Gaspar Correa. *Lendas da Índia*, tom. I, pag. 161.

gou para Cochim, onde chegou a 4 de dezembro, e, surtindo-se de mantimentos para a armada n'esse porto amigo, sahiu em direcção ao reino, fundeando no Tejo a 23 de junho de 1501.

As noticias trazidas por Gaspar de Lemos, portador das cartas de mestre João e de Pedro Vaz de Caminha, já haviam produzido em Lisboa grande entusiasmo; mas na sua entrada Cabral recebeu uma ovação brilhantissima. D. Mannel concedeu-lhe varias mercês, e a 29 de julho de 1501 escreveu aos reis catholicos, participando-lhes o novo descobrimento, dizendo: «a que fôra posto o nome de *Santa Cruz*, terra que lhe era muito necessaria e conveniente á navegação da India, porque alli havia Cabral reparado seus navios e feito aguada».¹

Haveria em Portugal algum indício da existencia das terras de Vera Cruz, que justificasse a intenção de D. Manuel mandar secretamente a Cabral que, antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança, explorasse a costa a oeste, ou seria o mesmo Cabral que por iniciativa propria o fizesse?

Quaes os motivos porque, sendo a expedição premeditada, ficou em segredo e ainda depois se tornou mysterio?

Respondendo ao primeiro quisito citaremos principalmente um periodo do *Esmeraldo de situ orbis* do famoso Duarte Pacheco Pereira,² companheiro de Pedro Alvares Cabral no descobrimento do Brasil, constituindo uma auctoridade de subido valor. Quando trata no capitulo 2.º do liv. 1.º do seu manuscrito da *quantidade e grandeza da terra e da agua, qual desta a maior parte*, diz: «e além do que dito é, a experiencia, que é madre das cousas, nos

¹ Antonio Galvão no *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos feitos até á era de 1550, etc.*, referindo-se á armada de D. Francisco d'Almeida, quando partiu para a India em 1505, diz: «e fez seu caminho na volta do Brazil como era costume». Gaspar Correia e outros escriptores não mencionam esta circumstancia.

² A quem Camões denominou o Achilles Lusitano, escreveu por 1505 *O Esmeraldo de situs orbis, feito e composto por Duarte Pacheco, cavalleiro da casa d'el-rei D. João II de Portugal, que Deus tem, dirigido ao muito alto e poderoso principe e serenissimo senhor o senhor Rey D. Manuel nosso senhor, o primeiro d'este nome que reynou em Portugal*. Diz Barbosa Machado compor-se este manuscrito de quatro livros; tendo o primeiro 23 capitulos, o segundo 11, o terceiro 9 e o quarto 16. Este precioso monumento das nossas glorias tem-se conservado inedito, até que a commissão portugueza para o centenario do descobrimento da America em Madrid conseguiu fazel-o imprimir na Imprensa Nacional, annotado com a reconhecida competencia do nosso amigo o sr. Raphael Basto. Duarte Pacheco era muito douto em cosmographia e nas sciencias nauticas, foi segunda vez para a India em 1509 com Affonso de Albuquerque, onde sustentou com a maior bravura uma serie de combates que immortalisaram o seu nome, depois foi governador do castello de S. Jorge da Mina, d'onde, dizem, viera preso para Lisboa por intrigas dos seus inimigos.

desenganava, e de toda a duvida nos tira, e portanto bemaventurado Principe, temos sabido, e visto como *no terceiro anno do vosso reinado do anno de Nosso Senhor de mil quatrocentos noventa e oito, donde NOS vossa alteza mandou descobrir a parte occidental, passando alem do grande mar oceano*, onde é achiada e navegada uma tão grande terra firme, com muitas grandes illias adjacentes a ella, que se estende a setenta graus de ladeza (latitude) da linha equinocial contra o polo arctico, e posto que seja assaz fôra é grandemente povoada, e do mesmo circulo equinocial torna outra vez, e vai além em vinte e oito graus e meio de ladeza contra o polo antarctico, e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura, que de uma parte nem de outra não foi visto nem sabido o fim e cabo d'ella, pelo qual segundo a ordem que leva é certo que vai em circuito por toda a redondeza, assim temos sabido que das praias e costas do mar d'estes reinos de Portugal, e do promontorio de Finisterrae, e de qualquer outro logar da Europa, e da Africa, e da Asia, atravessando além todo oceano directamente a occidente ou a oeste, segundo ordem de marinharia, por trinta e seis graus de longura, que serão seiscentas e quarenta e oito leguas de caminho, contando a dezoito leguas por grau, e ha logares algum tanto mais longe, e achiada esta terra não navegada pelos navios de vossa alteza, e por vosso mandado e licença os dos vossos vassallos e naturaes. E hindo por esta costa sobredita, do mesmo circulo equinocial em diante, por vinte e oito graus de ladeza contra o polo antarctico é achado n'elle muito e fino brazil, com outras muitas coisas de que os navios n'estes reinos vem grandemente carregados; e primeiro muitos annos que esta costa fosse sabida nem descoberta disse Vicente Istorial, no seu primeiro livro, que se chama—*espelho das historias*, no capitulo cento e setenta e sete—*Alem das três partes do orbe, a quarta parte é alem do mar oceano interior em o meio dia, em cujos termos os antipodas dizem que habitam, ora como assim seja que esta terra d'alem é tão grande, e d'esta parte d'aquem temos Europa, Africa e Asia, manifesto é que o mar oceano é mettido no meio d'estas duas terras*».¹

D'aqui pode tambem inferir-se ser isto escripto por Duarte Pacheco antes da viagem de Pedro Alvares Cabral, e que a tentativa da descoberta do Novo contiueinte já predominava no animo d'el-rei D. Manuel, e se não existe documento mais authenticico, é claro que os planos haviam de ser feitos com a maior reserva para não despertar o Leão de Castella.

Além d'isto temos a carta de mestre João, physico-môr, a el-rei D. Manuel, datada de 1 de maio de 1500, onde se lê: «... quanto senhor al sytio desta

¹ Publicado no *Commercio de Portugal*, em 9, 10 e 11 de julho de 1891, pelo sr. Raphael Basto.

terra mande vosa alteza traer um napamundy que tyene pero vaaz bisagudo, e por ay podra ver vossa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napa-mundy non certyfica esta terra ser habytada, e no es napamundy antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la myna: ayer casy entendymos por asenhos que esta era ysla e que eran quatro, e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a pelear e los levan captyvos».

A citação do mappamundi de Pero Vaz Bisagudo para o rei ver o sitio da terra de novo descoberta, e as correções que o cosmographo lhe faz, em relação ao que alli viu, constitue uma prova de que em Portugal havia, pelo menos, indícios da existencia de terras a oeste do Cabo da Boa Esperança.

Emquanto ao outro quisito—dos motivos que houve para a expedição ser secreta—é mister procurar a causa nos factos auteriores.

Quando D. João II se persuadiu de que as famosas emprezas maritimas do genovez eram comprehendidas nos seus mares da Guiné, tratou logo de organizar uma poderosa armada que fosse áquellas paragens oppor-se á invasão e sustentar os seus direitos de prioridade, chegando a estar nomeado para a commandar D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro vice-rei da India.

Os reis catholicos tiveram noticia d'estes aprestos, e suppondo logo o fim a que se destinavam, escreveram a D. João II para sustar a expedição até mandar verificar que o descobrimento de Colombo nada tinha com os mares da Guiné.

O rei de Portugal annuiu ao alvitre. Nomearam-se embaixadores para tratarem o assumpto, mas Fernando e Isabel e o proprio Colombo continuaram na desconfiança de que os portuguezes pretendiam seguir o mesmo rumo, disputando-lhe novos descobrimentos no oceano Atlantico. Os documentos publicados por Navarrete, existentes nos archivos do duque de Veraguas em Sevilha, e no de Saragosa bem patenteam os seus receios.

Assim, como prevenção, pediram, em 2 de maio de 1493, ao duque de Medina-Sidonia, que tivesse as caravellas, que havia offerecido, promptas para qualquer eventualidade.¹

Em 12 de junho do mesmo anno os monarchas hespanhoes asseveravam, n'uma carta a Christovam Colombo, as boas intenções de D. João II, que não tinha enviado nem enviaria navios ás terras que elle descobrira no oceano Atlantico.²

N'outra carta de 27 de julho, Fernando e Isabel affiançavam ao seu almirante das Indias não haver motivo para desconfiar de que o rei de Portugal

¹ *Colleção de los viages e descubrimientos*, doc. n.º 16.

² *Ibidem*, doc. n.º 50, original.

faltasse ao que promettera; mas que ainda assim estava tudo prevenido, e no caso de sahir do Tejo alguma armada que seguisse aquelle rumo, dos portos de Hespanha partiria outra com o dobro dos navios para a obrigar a voltar. ¹

Em Lisboa e ao longo da costa a espionagem por conta dos reis de Hespanha era activissima e prolongou-se por muito tempo, renovando-se com maior energia depois do descobrimento da India por Vasco da Gama.

A carta d'el-rei D. Manuel participando aos reis catholicos a descoberta das terras de *Santa Cruz*, é datada de 29 de julho de 1501, e em setembro do mesmo anno foi publicada em Sevilha uma ordenança condemnando nas mais graves penas aos que sem permissão particular tentassem descobertas no mar oceano e nas terras firmes das Indias. ²

É tambem para notar que do regimento dada por el-rei D. Manuel a Pedro Alvares Cabral falte precisamente o principio e o fim, que talvez, podessem esclarecer todas as duvidas a este respeito. Existe apenas o caderno do centro, e muito bem conservado, que começa na sahida de Angediva, e acaba tratando dos aprestos na volta do Melinde e tem — *Item o capitam seg.* ³

Do que deixamos dito pode bem concluir-se:

1.º Não haver tempestades nem correntes que obrigassem a armada de Cabral a seguir o rumo de oeste, pois a darem-se esses casos de força maior não deixariam de ser citados por algum dos quatro escriptores que iam a bordo e foram testemunhas de vista.

2.º Que havia indício, ou mesmo mais de que indício d'essa terra, como mui claramente o menciona Duarte Pacheco no *Esmeraldo de situ orbis*, e mestre João na sua carta a el-rei D. Manuel; accrescendo que nenhum dos dois outros escriptores Pero Vaz de Caminha e o piloto, na narrativa sobre o descobrimento, diz ser por *acaso*.

3.º Que a razão da missão ter sido secreta justifica-se pelo receio de despertar as susceptibilidades de Castella, e como melhor pretexto para se levar a effeito a tentativa, aproveitou-se a viagem de Cabral á India.

.....

Pedro Alvares Cabral, 3.º filho de Fernão Cabral e de sua mulher D. Isabel de Gouveia, teve em 4 de abril de 1502 duas mercês de tença annual, uma de 30.000 reaes, e outra de 13.000 reaes. ⁴

¹ *Collecção de los viages e descubrimientos*, doc. n.º 54.

² *Ibidem*, tom. II, pag. 257.

³ Arch. Nac. da Torre do Tombo, maç. I das *leis sem data*, n.º 21. Foi publicado nos *Annaes maritimos e coloniacs*, tom. V, pag. 208 da parte não official.

⁴ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Corpo chron.* p. 2.ª, maç. 6, n.º 3 e 4.

Foi casado com D. Isabel de Castro¹ e falleceu antes de 8 de julho de 1534, combinando a inscripção sepulcral com a data da carta, que nomeia sua mulher camareira-mór da infanta D. Maria, onde o diz já fallecido.²

Pedro Alvares Cabral foi sepultado na capella de S. João Baptista, no cruzeiro da igreja da Graça de Santarem, convento que pertenceu á ordem dos eremitas de Santo Agostinho. A sepultura é rasa e coberta por uma grande campa, onde tem inscripto em caracteres gothicos:

AQVY IAZ PEDR' ALVAREZ CABRAL, E DONA IZA
BEL DE CASTRO SVA MOLHER CVIA HÉ CAPELLA HE
DE TODOS SEOS ERDEIROS A QVALL DEPOIS DA
MORTE DE SEV MARIDO FOY CAMAREIRA MOR
DA INFANTA DONA MARYA FYLHA DELREY DÕ
IOÃO NOSO SENÕR HO TERCEIRO DESTE NOME.³

.....

Nos ultimos annos do seculo xv, gosava grande fama como cosmographo

¹ Tiveram Fernão Alvares Cabral, commendador do Banho, da ordem de Christo, que partiu para a India a 23 de março de 1533 na nau S. Bento, capitaneando uma armada de quatro navios, e o d'elle se perdeu com toda a guarnição, na costa do Natal a 23 de abril de 1534. Foi casado com D. Margarida de Castro, da qual teve uma filha, D. Leonor de Castro, que casou com D. Jeronymo de Castro, senhor do Paul de Boquilobo, etc. Não tiveram descendencia. *Hist. gen.*, tom. xi, pag. 922 e *Annaes de D. João III* por Fr. Luiz de Sousa, pag. 449.

² «Dom Johan etc. Faço saber a vos Dom Johan da Silva, conde de Portalegre, mor-domo mor da casa da rainha minha sobre todas muito amada e presada mulher, que havendo eu respeito aos merecimentos de D. Isabel de Castro, mulher que foi de Pedro Alvares Cabral, e as calidades de sua pessoa, e confiando d'ella que no officio de Camareira mor da infanta D. Maria, minha muito amada e presada filha, servirá bem e fielmente como no tal cargo se requer, hei por bem fazer-lhe mercê do dito officio de sua camareira mór, com o qual haverá daqui em diante 27.000 reaes de ordenado por anno, e sua razão ordenada, como sempre houveram as camareiras môres das infantas. Por esta mando a D. Rodrigo do meu conselho e vedor da minha fazenda, que lhe mande assentar o dito ordenado e o que montar na dita razão, nos livros d'ella no titulo dos ordenados, para em cada anno lhe ser pago á custa de minha fazenda em logar que haja bom pagamento. Dada nesta cidade de Evora a 8 de julho, Ayres Tavares a fez em 1534». Arch. Nac. da Torre do Tombo, *liv. 7 de D. João III*, fl. 200.

³ Em 1881 por iniciativa do sr. capitão de artilheria Zeferino Brandão, houve o patriótico pensamento de levantar n'aquella cidade um monumento ao heroe descobridor do

e mathematico Americo Vespuccio,¹ que se offerecera á Hespanha para continuar os descobrimentos no Novo Mundo. Havia já feito duas viagens, mostrando ser imminente navegador, e por seus serviços adquirira o valimento de Fernando e Isabel.

D. Manuel ancioso por demarcar e explorar as terras de Santa Cruz, tentou attrahil-o com instancias e promessas de grandes lucros, conseguindo por fim que acceitasse a empresa.

Americo Vespuccio começou o serviço em Portugal, indo como cosmographo n'uma pequena frota de tres navios, que sahiram do Tejo em 10 de maio de 1501. Nas alturas de Cabo Verde encontrou-se com a armada de Pedro Alvares Cabral, com quem communicou, e é muito provavel que este fornecesse algumas instrucções ao florentino. Esta viagem foi bastante tormentosa mas lograram marcar alguns pontos da costa e arvoraram padrões com as armas de Portugal.² Na serra Leôa queimaram uma das embarcações por incapaz de navegar, e voltaram ao reino, onde chegaram depois de dezoito mezes e vinte e oito dias de viagem.

Brasil, e como preliminar nomeou-se uma comissão para proceder em 6 de agosto de 1882 á abertura do jazigo, o que se fez, verificando-se existirem alli ossos bem conservados, pertencentes a tres esqueletos, envolvidos em graude porção de cal. Feito o exame e declarações de que estes restos mortaes pertenciam a Pedro Alvares Cabral e a duas pessoas de sua familia, sem se poder bem determinar quaes eram os do grande navegador, lavrou-se o respectivo auto em duplicado, ficando um exemplar no arquivo da camara municipal d'aquella cidade e sendo outro remettido para o da Torre do Tombo. No reverso da pedra sepulcral fizeram gravar:

6 DE AGOSTO DE 1882. ESTÃO AQUI OS OSSOS DE
P. A. CABRAL. VIDE AUTO NA TORRE DO TOMBO
E CAMARA MUNICIPAL DE SANTAREM.

¹ Americo Vespuccio, filho de Anastacio Vespuccio e de Isabel Mini, nasceu em Florença a 9 de março de 1451. Tendo concluido os seus estudos mathematicos, partiu para a Hespanha seduzido pelos novos descobrimentos, que promettiam grandes lucros commerciaes, profissão que elle havia escolhido, e chegando a Sevilha no tempo em que muito se falava na gloria adquirida por Christovam Colombo, grandezas e mercês que havia recebido pelos seus immorredoiros feitos, se offereceu logo aos reis Catholicos para emprehen-der outras explorações no Novo Continente.

² Os padrões que os portuguezes collocaram nas suas possessões ultramarinas, nos primeiros annos do seculo xvi, eram, de ordinario, de marmore branco com quatro palmos de alto, dois de largo e um de espessura, tendo gravado o escudo com as quinas sobrepostas na Cruz da ordem de Christo. O Instituto historico e geographico do Brasil, possui um

Pouco tempo depois, para continuar as explorações nas Terras de Santa Cruz, apparelharam-se seis naus, capitaneadas por Fernão de Noronha, levando como cosmographo Americo Vesputio. A armada sahiu do Tejo a 10 de maio de 1503, e na derrota, que muito concisamente descreve o mesmo cosmographo, na sua 4.^a carta, vem mencionado o desastre da perda de quatro naus e suas guarnições, suppondo entrar n'este numero a do capitão-mór, que, sem o nomear, alcunha de soberbo e louco. Das quatro embarcações dadas por Americo como naufragadas apenas duas se perderam, logrando Fernão de Noronha descobrir em agosto do dito anno, a 50 legoas além da terra de Santa Cruz, a ilha de S. João, conhecida depois com o nome do descobridor.¹

No archivo nacional da Torre do Tombo existe uma carta regia de D. Manuel, datada de 16 de janeiro de 1504, promettendo a Fernão de Noronha, no caso de se chegar a povoar aquella ilha, dar-lhe a respectiva capitania em sua vida e na de um filho varão lido mais velho, que ficasse por sua morte, e quando se dêsse o caso de estar povoada lhe passaria a carla com os dirietos e jurisdicções com que havia de possuir a capitania.²

A 24 de janeiro do mesmo anno foi-lhe feita a doação da ilha de S. João, ficando obrigado Fernão de Noronha a pagar tributo de quarto e dizimo, sendo estas duas cartas confirmadas por D. João III, em 3 de março de 1522.³

Estes documentos provam que Fernão de Noronha, se era o capitão-mór na segunda viagem, que Americo fez por ordem do rei de Portugal, não foi victima do naufragio, e na sua chegada a Lisboa antecedeu o florentino pelo menos seis mezes. Custa a acreditar que tendo Vesputio entrado a barra do Tejo em 18 de junho de 1504, e escrevendo a Pedro Solderini em 4 de se-

d'estes marcos, que estava collocado na entrada da barra de Cananéa, do lado do continente. N'este ponto foi, segundo as melhores conjecturas, o ultimo da costa do sul em que tocou a frota exploradora em 1501, capitaneada por André Gonçalves, levando como piloto cosmographo o celebre Americo Vesputio.

¹ Varnhagen — *Diário da navegação de Pero Lopes de Souza* — Lisboa 1839, pag. 70 a 77 notas.

² *Liv. 37 de D. João III, fl. 152.*

³ Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 37 de D. João III, fl. 152 v.* D. Sebastião tambem confirmou em 20 de maio de 1539, a doação em Fernão de Noronha, filho de Diogo de Noronha e neto de Fernão de Noronha, da ilha de S. João, que dista sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da terra do Brasil. (Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 9 de D. Sebastião, fl. 272 v.*) D. Pedro II em outra carta de 8 de janeiro de 1693, ainda confirmou a doação da dita ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de outro do mesmo nome, e neto de Fernão Pereira Pestana de Noronha, donatario que foi da ilha de S. João (Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 3 de D. Pedro II, fl. 100*). A ilha tem tres legoas de comprido, é muito montanhosa, de formação vulcanica e com abundancia de

tembro do mesmo anno, não dissesse haver encontrado o capitão-mór, quando especificou as diligencias empregadas na viagem para o achar! Preferimos antes seguir Pedro de Mariz e outros historiadores, que dão a capitania d'esta segunda viagem a Gonçalo Coelho,¹ indo na primeira Fernão de Noronha. Assim, teriamos a descoberta da ilha a 24 de junho, pelo que lhe seria posto o nome de S. João, e bem justificadas as datas das duas cartas regias. Na primeira viagem de Vespucio já passaram pelos Cabos de S. Roque e Santo Agostinho, e é possível que então se encontrasse a ilha de S. João, ficando o comandante, como era costume, com as honras do descobrimento.²

Americo Vespucio descobriu em 1 de novembro de 1502 a enseada e porto da Bahia, que em consideração ao dia recebeu o nome de Bahia de Todos os Santos.³ Abi esperou debalde dois mezes pelas quatro naus que d'elle se haviam apartado, e por fim resolveu-se a seguir a costa até Cabo Frio (?), onde fizeram carregação de pau brasil, gastando quatro mezes em levantar uma fortaleza, que deixaram guarnecida por vinte e quatro homens da tripulação, bem armados e bem fornecidos de mantimentos,

Foi este o primeiro estabelecimento que os portuguezes tiveram na America.

agua potavel. Os primeiros possuidores apenas gosaram as honras do titulo, renovando sempre os successores as cartas de confirmação. Os hollandezes quando a occuparam romperam algumas terras e depois de serem obrigados a entregal-a ficou despovoada passando a ser propriedade da corôa. No seculo xviii foi tomada por uns colonos estrangeiros, e de Portugal partiu, a 7 de setembro de 1738, uma armada commandada pelo capitão de mar e guerra D. Manuel Henriques, para expulsar os intrusos, o que se fez sem resistencia. Uma companhia de infantaria guarneceu a ilha, enquanto de Pernambuco não foram providencias, e a 6 de junho de 1739 a esquadra levantou ferro, navegando em direcção á Bahia, conduzindo uns vinte individuos, na maior parte francezes, que alli encontrara no cultivo das terras. (*Hist. Gen.*, tom. viii, pag. 243).

¹ No Arch. Nac. da Torre do Tombo, *Liv. 28 de Manuel*, fl. 63, vem Gonçalo Coelho, fidalgo, com a mercê de um padrão de 18:000 reaes, concedido, em carta regia datada de Carnide a 25 de maio de 1472, por D. Affonso V pelos seus serviços. Mercê depois confirmada por el-rei D. Manuel em 12 de fevereiro de 1498.— D. João II em carta datada de Beja em 20 de julho de 1480 despachou-o com outro padrão de 1:500 reaes brancos, carta que tambem foi confirmada por D. Manuel em Evora a 20 de setembro de 1496 (*Ibid.* fl. 78 v).

² Vide nas *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, publicadas pela Academia Real das Sciencias, tom. ii, n.º 4 as duas *Cartas de Americo Vespucio*, de pag. 141 a 158.

³ Brito Freire na sua *Historia Brasilica*, diz que a descoberta da Bahia de Todos os Santos fôra feita por Christovam Jacques.

As duas naus com Vespuccio voltaram para a Europa, entrando o Tejo a 18 de junho de 1504.

Ignoram-se os motivos que teve o florentino para abandonar a côrte de D. Manuel e voltar para o serviço de Hespanha, onde já se achava em 1507, sendo depois agraciado com varias mercês e o cargo de piloto-mór. Falleceu em Sevilha a 22 de fevereiro de 1512.

A fama adquirida pelas suas quatro viagens, foi essencialmente devida ás cartas escriptas ao seu antigo condiscipulo, o gonfaloneiro Soderini,¹ sendo as duas primeiras impressas em latim em 1503, e as outras duas em italiano, que dizem mais respeito ao Brasil. Dois annos depois as cartas foram reproduzidas em varias edições, e traduzidas em diferentes linguas europeias. Em virtude do seu cargo em Hespanha era Vespuccio quem construia as cartas de navegar, que os pilotos levavam para o Novo Continente.

São varias as tradições, ou as lendas, com que alguns teem pretendido reivindicar para os seus a prioridade da descoberta do Brasil.

Os jesuitas e alguns escriptores pretendem que S. Thomé peregrinou pelas terras do Brasil, appoando-se na tradição conservada entre os indios dos seus estupendo milagres... e, apesar do esteio ser fragil, Rocha Pitta acreditou n'esta lenda monastica. A propaganda, que mirava a certos fins, foi combatida por escriptores conscienciosos, e o proprio Urbano VIII tambem lhe não foi favoravel.

Em 1488, dizem, alguns armadores de Dieppe confiaram um navio a João Cousin, insinuado pelo professor de pilotagem o padre Descaliers, para lentar o descobrimento das decantadas Indias Orientaes. Cousin afastando-se das costas, para evitar os baixos e recifes, ao chegar ás alturas dos Açores as correntes levaram-no a uma região desconhecida na embocadura de um rio. Tomou posse... (?) não tendo padrão nem gente para alli deixar, voltou para bordo, e seguindo o rumo de sueste, avistou o Cabo das Agulhas, e navegando para o norte, sempre á vista da costa do Congo e da Guiné, regressou á França no anno seguinte. Este descobrimento não está authenticado e vem

¹ Além das quatro cartas conhecidas de Americo, existe uma outra, considerada tambem authentica, com a narrativa da terceira viagem, dirigida para Paris a Lourenzo di Pier. Appareceram outras no fim do seculo xvi, reconhecidas como falsas no intuito de miseravel especulação. Francisco Adolpho de Varnhagen (visconde de Porto Seguro), publicou em 1865—*Americo Vespucci son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie, et ses navigations. Avec une carte indiquant les routes.*—Tem 129 paginas além da carta das derrotas. Escreveu tambem o mesmo auctor: *Nouvelles Recherches sur les derniers voyages etc. de Vespuce.* Vienne, 1870.

apenas mencionado nas *Memorias chronologicas para servir á historia de Diéppe e da navegação franceza*.¹

Dizem mais que o immediato de Cousin fôra o castelhano Alonso Pinzon, tendo este durante a viagem comportamento tão desleal que o tribunal marítimo de Diéppe o condemnou a não poder ser mais empregado no serviço da cidade. Pinzon partiu para Hespanha onde, annos depois, Colombo o encarregou do commando de um dos navios da sua primeira expedição, nomeando-o seu immediato, mas a desmedida ambição de adquirir gloria o levou a adiantar-se do capitão-mór, e suppondo-o perdido, apresentou-se como principal descobridor do novo continente. A chegada, depois, de Colombo desmascarou o impostor e acarretou-lhe o desprezo geral. Falleceu em Palos.

Os hespanhoes tambem tiveram pretensões á prioridade da descoberta das terras de Santa Cruz, pois os seus compatriotas Vicente Yanez Pinzon, sobrinho de Alonso Pinzon, e Diogo de Lepe emprehenderam em 1499 uma expedição ás Indias Occidentaes pelo rumo de Cousin, avistando em janeiro de 1500, o Cabo da Consolação, depois chamado de Santo Agostinho e hoje conhecido como Ponta de Mocuripe, e exploraram a embocadura do Amasonas, até onde se diz ter chegado o navegador Diéppense.² O facto é que não deixaram vestígios da sua passagem por aquelles logares.

Existe outra tradição de terem alguns portuguezes desembarcado no Brasil antes de Cabral, apresentando-se como prova a copia authentica do testamento de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo, pelo tabelião, Lourenço Vaz, em 3 de maio de 1580, onde o testador por duas vezes repetiu, diante de cinco testemunhas, que tinha alguns noventa annos de assistencia n'esta terra, sem que lhe fosse contestado, e, sendo verdade, havia aportado ás terras de Santa Cruz por 1490. Os portuguezes occuparam a capitania de S. Vicente, no dia do Santo d'este nome a 22 de janeiro de 1532.³ Alguns

¹ Impressa em Paris em 1785.

² Os reis catholicos achiando-se em Granada passaram uma carta nomeando Vicente Yanez Pinzon capitão de uma expedição para ir tomar posse das terras indicadas, as quaes ficaria governando com grandes regalias e privilegios. A carta tem a data de 5 de setembro de 1501 (transcripta de copia authenticada na *Rev. trim.* do Inst. hist. brasileiro, tom. xxii, pag. 443).

³ *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil, e das entradas das religiões e suas fundações*, etc. Pelo Rev. Padre mestre dr. Fr. Gaspar da Madre Deus — que diz haver copiado as noticias de um manuseripto do archivo do mosteiro de S. Bento da cidade de S. Paulo; offerecido ao Instituto historico brasileiro pelo socio correspondente o dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel (*Revista trimestral* do Inst. hist. e geogr. do Brasil, tom. ii, pag. 427). Fr. Gaspar nasceu em Santos em 1730 e falleceu por 1800.

escriptores attribuem a arribada aquellas paragens de João Ramalho e Antonio Rodrigues, de quem tambem dão noticia, a alguma embarcação que alli fosse dar á costa, das muitas que se perderam sem se saber o fim que levaram.

Varnhagen diz ter visto em 1840, no archivo municipal da cidade de S. Paulo varios cadernos, pertencentes aos annos de 1555 a 1558, onde estava o signal de João Ramalho, que não sabia escrever, representando um risco em semi-circulo, aberto á esquerda onde está o nome de João e a seguir o appellido. Era, dizem os ditos livros das vereações da extincta villa de S. Thomé, capitão, alcaide mór do campo e chegou a ser vereador.

Tem-se lamentado a desconsideração feita a Colombo, por se não haver dado o seu nome ao continente que descobriu, preferindo-lhe o de *America*, em honra de outro navegador Americo Vespucio.

O facto parece representar certa ingratidão, e só se poderá explicar pela importancia que deram, no começo do seculo xvi, ás noticias e cartas publicadas pelo dito Vespucio, e onde declara *ter sido o primeiro descobridor da terra firme do Novo Continente, emquanto Colombo só o fôra das Ilhas*. Tanto as cartas como as relações das viagens foram traduzidas em diversas linguas e reproduzidas por toda a Europa em varias edições.

Seria a propaganda da imprensa, exaltando o merito e serviços nauticos do florentino, que deu causa a chamar-se *America* aquella parte do mundo?

Mathias Ringmann, grande admirador de Vespucio, professor de latim em Saint-Die, teve grande influencia na publicação da *Cosmographiae introductio et Globus Mundi* de Martim Waltzhammer,¹ onde se diz: *Et alia quarta pars per Americum Vesputium (ut in sequentibus audietur) inventa est quam non video cur quis inve vedet ab Americo inventore sagacis ingenii viro Amerigen quasi Americi terram, siue Americam dicendam: cum et Europa et Asia a mulieribus sua sortita sint nomina*.

Outras nações acceteram esta denominação com a auctoridade de varios sabios como João Schoner, P. Benewitz (Apianus)² Joaquim de Watt (Wadiarus), Pedro Margallo³ e outros.

¹ 1507 e 1509, foi depois traduzida do latim em allemão. Vide *Rev. trim.* do inst. hist. bras., tom. xxxv, parte 2.^a pag. 171 a 202 e tom. xli, parte 1.^a pag. 19.

² Publicou um mappa que se julga ter sido o primeiro que designa por *America* a quarta parte do mundo.

³ Pedro Margallo, portuguez, natural de Elvas, foi lente da Universidade de Salamanca, e depois da de Coimbra. Escreveu em 1520 — *Physice Compendium*. Falleceu em 1556. Era doutor em Theologia pela Universidade Paris, e em direito canonico pela de Salamanca. Voltou para Portugal a pedido de D. João III e exerceu varios cargos importantes.

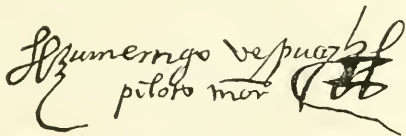
Alguns escriptores tem dado diversas etymologias ao nome de America sendo das mais engenhosas a de Julio Marcou, que diz ser termo propriamente americano, significando *terras altas* ou cadeias de montanhas. Entre Juigalpa e Libertad, provincia de Chontales, existem umas cordilheiras auríferas, que se prolongam de um lado até ao paiz dos indios Carcas, e do outro ao dos indios Ramas da America central, onde habita uma tribu de indios vermellos chamados *Americos*. Assevera o sabio escriptor que essa mesma denominação se dá em geral ás cordilheiras e aos rochedos, e que *Amerique* ou *Americ* é nome indigena, cuja terminação em *ique* ou *ic* é commum nos nomes de logares na lingua iudio-leuca ou Chontales, não só da America central como de uma parte do Mexico. Esta denominação tem-se conservado sem alteração n'essa parte do continente, devido ao completo isolamento em que vivem aquelles indios.

Christovam Colombo visitou a tribu dos americanos em 1502, mas na carta que escreveu aos reis catholicos não designou esta localidade nem outras em que abundavam as minas de ouro, provando que elle não disse tudo que sabia, e n'essa occasião ao narrar os acontecimentos da sua quarta viagem achava-se enfermo do corpo e bastante torturado do espirito.

É provavel que na volta á Europa elle e seus companheiros falassem d'essas montanhas do oiro, sonho querido dos que foram, e dos que ficaram, citando-se então o nome de *Amerique* ou *Americ*, e se vulgarisasse como o *Eldorado* de modo a ficar assim conhecido o Novo Continente.

O mesmo escriptor fez notar que o verdadeiro nome do Vespucio que esteve ao serviço de Portugal era *Amerrigo*, e que o nome de *Americo*, *Americus* e *Amerrigo* figurou nos multiplices kalendarios de santos, concluindo que o nome de *America* foi tirado mesmo do Novo Continente.¹

O fac-simile da sua assignatura é o seguinte:



Terminaremos dizendo algumas das origens que se tem attribuido á pa-

¹ Vid. *Rev. trim.* do Inst. hist. e geogr. bras., tom. xxxix, p. 2.^a, pag. 191 a 210.

lavra *Brasil*, que não foi inventada para designar a parte da America descoberta pelos portuguezes.

A origem do nome tem sido procurada em quantos vocabulos tem com elle semelhança. Como mera curiosidade os citamos, assim: *Brasiller*, do francez ardencia do mar; *Brachile*, cinto com que os monges apertavam os habitos; *Brachiale* os braceletes, por serem alguns encarnados; *Brachium* do latim, braço; *Braza* dos portuguezes, etc.

Alguns sabios querem fazer derivar a palavra brasil do sanscripto, imitação do adjectivo Bradschita, que significa lusente e brilhante, por ser a côr que se extrahê do pau brasil a que gosa de taes propriedades. Sendo o termo asiatico, da lingua que alli mais se falava, e d'onde primeiro veio para a Europa o pau brasil, não deixa de ter esta origem uma certa probabilidade.

O conhecimento do pau brasil parece remontar ao seculo ix pelos itinerarios dos arabes El-Hacen e Abuzie, publicados por Renandot nas *Antigas relações com as Indias*, e onde se designa com o nome persa *Bakham*, que elle traduziu em latim *Bresilium*. O pau brasil é muito parecido nas qualidades com uma planta de Sumatra, d'onde se extrahê tambem tinta da mesma côr.

Tanto esta droga como o pau brasil eram importados para a Europa pelos arabes, vindo do oriente pelo mar vermelho, e por terra atravessando o Egypto. O pau brasil tinha grande consumo servindo principalmente para tingir de encarnado as lãs, algodões e sedas.

Diz Muratori que nas alfandegas de Ferrara, em 1193, e nas de Modena, em 1316, apparecem noticias da droga para tingir os tecidos de encarnado, chamada na Italia *Brezil*, *Brecillis*, *Bracire*, *Brasilly*, *Brazilis* e *Brazili*.

Capmany com os documentos que publicou, relativos ao commercio dos catalães, prova que o pau brasil começou a ser importado em Hespanha nos annos 1221 a 1243.

Pizigano foi o primeiro Europeu que, em 1367, desenhou um mappa, que se conserva em Parma, com uma ilha no meio do mar Atlantico denominada *Bracir*. Alguns roteiros do seculo xiv mencionam tres ilhas com o nome de *Bracir* ou *Brazir*, situadas entre o Cabo de S. Vicente e a Irlanda, o que denuncia haver algumas suspeitas da existencia de terras ao oeste da Europa.

O dr. Ricardo Gumbleton Daunt lembra¹ a antiga crença irlandeza, anterior á descoberta da America, de que mais ao poente havia uma terra, outr'ora unida ou pelo menos muito proxima ao mundo então conhecido, a que davam o nome de *Hy-Brazil*, e diz que na Irlanda era tambem nome de familia.

¹ *Rev. trim.* do Inst. hist. braz., tom. XLVII, pag. 119.

Sobre esta crença havia immensas lendas e tradições de belleza romantica, que o genio poetico irlandez tem conservado atravez de tantos seculos.

Marsden penson que todo o pau brasil, em que muito se commerciava na idade média, era a *caesalpina sapan* da costa Malaia, de que hoje se conhecem mais duas variedades *echinata* e *brasileta*. Os arabes por esse tempo importavam na Europa varias especies de madeiras de que se extrahia tinta encarnada, dando-lhe indistinctamente o nome de bakliam, e entre ellas abundava o *pterocarpus santalinus*.

A palavra *Brazil* já era usada muitos annos antes de Colombo fazer o descobrimento da America. Pedro Martir na primeira decada, escripta nos ultimos seis annos do seculo xvi, ao narrar a primeira viagem do genovez, diz: que a ilha Hespaniola, hoje Haiti, estava coberta de espessos bosques, sendo quasi todas as arvores de brasil, que os italianos desde Marco Paulo chamavam *verizino*. O mesmo auctor acrescenta: haver Bartholomeu Colombo mandado cortar nas montanhas de Cibana grande numero de arvores de brasil, que foram conservadas em cabanas até serem transportadas para a Europa. Na quarta decada diz que: «recentemente tinha chegado das Indias occidentaes madeira de *coecus*, que servia para tingir lan, á qual os italianos chamavam *verisin* e os hespanhoes *brasil*».

Fernando Colombo conta, na vida de seu pae, que sabendo-se em Hespanha da descoberta da terra de Pariá, para alli partira Alonso Ojeda com Amerigo Vespucio, e que no regresso entraram em Hispaniola, no porto chamado Brasil pelos Europeus e Yaquimo pelos indigenas.

Pietro Coppo de Isola, no sen Portulano de 1528, diz que Christovam Colombo, antes de descobrir as costas da America, estivera nas ilhas Ventura, Colombo e Brasil.

Nos mappas de Oronlius e de Munster vem indicada uma ilha com o nome de *Bracul* ou *Brazil*, nos mares Atlanticos, com a designação *Insula Atlantica quam vocant Brazilii et American*.

Mestre João, Pero Vaz de Caminha e Amerigo Vespucio não tiveram noticia d'estes mappas, pois se os conhecessem não deixariam de os mencionar nas cartas que escreveram sobre a descoberta de Cabral.

Os nossos historiadores do seculo xvi, tidos como mais authenticos, assim como Caminha, dizem ter sido Cabral que poz á terra que descobriu o nome de *Ilha de Vera Cruz*, e que como signal de posse levantara alli um padrão de madeira, representando o symbolo do crucificado. Pouco depois nos proprios documentos officiaes foi chamada *Terra de Santa Cruz*; e mais tarde os chronistas escreviam promiscuamente *Terra de Santa Cruz* ou *Brazil*. Esta ultima denominação é que prevaleceu. O primeiro documento official em que apparece assim indicada é o alvará datado de Castro Verde em 20 de dezembro

de 1530, onde se diz que: «*eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasill, e asy de todas as terras que ele dito martim afonso na dita terra achar e descobrir*». ¹

Muitas são as etymologias que se teem dado á palavra *Brasil*, discussão que não devemos profundar; mas o que parece fóra de duvida é, como já dissemos, ser este nome, conhecido muito antes da descoberta da America, dado a uma droga, d'onde se extrahia a tinta vermelha, e da grande abundancia que d'ella se encontrou nas *Terras de Santa Cruz* nascer a substituição d'este nome pelo de Brasil a essa parte da America. ²

¹ Arch. Nac. da Torre do Tombo, liv. 41 de D. João III, fl. 105.

² Este assumpto foi bem tratado n'um discurso do sr. José Silvestre Rebello na *Rev. trin.* do Inst. hist. e geogr. bras., tom. 1, pag. 298 a 305 e tom. II, pag. 622.



O barchel m^{te} jho ffr^o e ptinguano el v^o al^oza b^o v^oso p^oales
 annos (Senor por q^o el tod lo na p^oidi l^oga mente p^otinge d^osa
 al^oza i^o p^oas n^ota vno todos los a^oso / o^ola mente p^otinge d^o p^ount^o
 Senor ayer segunda ffr^o q^o fueron 27 d^o abril d^ofr^ond^omos en t^ora
 y o e el p^ooloto d^o n^optan moor e el p^ooloto d^o cancho d^o t^our e t^onamos
 el al^oza d^o sol el mudo d^o e fallamos. 96. g^oados e la s^omb^ota
 e^o p^ore^ontional por lo q^o q^oud^o los p^oeg^oos all^o d^ofolib^o p^ougamos
 o^o p^oistados d^ola e^ogn^oal por 17. g^oados / e por n^ologuente tener el
 al^oza d^o jolo m^ortu^o en 17. g^oados / q^oud^o y e magnifico en el
 ffr^o e ffr^o e q^oto d^o vno por lo q^o q^oud^o d^osa al^oza y todos los p^ooloto
 v^o n^o adante d^o m^o a^o tanto q^o p^o sol^o va adante 150. leguas e v^oso m^oo
 e v^oso m^oos / p^o q^oen d^o la d^oad n^o p^oued^o r^oer^oficar ffr^ota y en
 v^oo q^ota allegamos al cab^o d^o la d^oxtan^o e all^o q^oud^omos q^oen va m^oo
 v^oto ellos v^o la m^o e y o v^ola m^ota e v^ond^o d^ofolib^o / q^oto Senor el ffr^oo
 d^osa t^ora m^ond^o d^osa al^oza t^oer v^o n^oapamundo q^oene p^o v^oiz b^ois^og^ou^o
 e por n^o p^ood^ota v^oer d^osa al^oza e q^oto d^osa t^ora en p^o q^oud^o n^oapamundo
 n^o r^oer^oficar ffr^ota t^ora d^o h^oby^ona e n^o / e n^oapamundo m^ortu^o e all^o fallata
 d^osa al^oza ffr^ota tan b^oen la m^ona / ayer n^o p^ontendimos por a^ognos q^o esta
 e^ota v^ota e q^o e^ota q^out e y d^o v^ota v^ota v^oenen a^o al^omb^oas a^ople^oz v^o
 al^oos e los l^ond^o r^oaynos / q^oto Senor al o^o p^ount^o q^oud^o d^osa al^oza / e
 r^oer^o al^oos d^ofolib^o y o he p^oab^oado al^o d^o he p^ood^o p^o non m^oo n^oab^o
 d^o vna p^oec^ona q^o tengo muy mala q^o d^o vna v^oad^ota q^o me ha ffr^odo vna
 chaga mayor q^o la palma d^ola mano / e tan b^oen n^oab^o d^o ffr^o n^oab^o d^o m^oto
 p^oq^ono e muy r^oay^odo y n^o v^o lugar p^o d^osa n^og^ouna o^ola mente m^ond^o d^osa
 al^oza vno d^otan o^ond^oas los d^ofolib^o d^o p^o e^o g^oad^o ffr^ota e^o vna n^o
 lo he p^ood^o d^ober / ante me p^orese d^o p^oq^oble e^ola m^oz t^omar^ose al^oza d^o
 n^og^ouna d^ofolib^o p^o q^o y o t^ober^o m^oto en t^o e p^o p^oer y el n^oap^o e^ond^oance
 e p^oettan q^out e n^o g^oad^o d^o q^oud^o y e n^o p^oued^o ffr^ota e n^o en t^ora



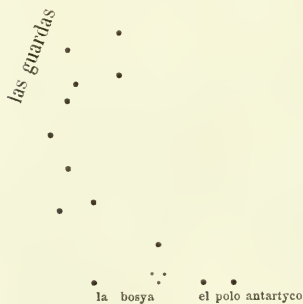
DOCUMENTO N.º 1

CARTA DE MESTRE JOÃO

1 de maio de 1500

Señor—O bacherel mestre Johan fisico e çirurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos. Señor porque de todo lo aca pasado largamente escriuiéron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros, solamente escreuire dos puntos Señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril descendimos en terra yo e el pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medio dia e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jugamos ser afastados de la equinoçial por 17 grados, e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que pero escolar va adiante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien dise la verdad non se puede çertyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas çierto ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabio: quanto Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napamundi non çertyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e

ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Señor al otro punto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de nna cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresçe ser imposible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalañe se yerran quatro, o cinco grados, de guisa que se non puede fazer synon en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supyese como desconçertauan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconçertauan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jusgauan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les paresçia que avyan andado que non el camino por las pulgadas: tornando Señor al proposito estas guardas nunca se escon-



den antes syenpre andan en de-
redor sobre el orizonte, e aun
esto dudoso que non se qual de aquellas
dos mas baxas sea el polo antar-
tyco, e estas estrellas prinçipal-
mente las de la crus son grandes
casy como las del carro, e la estre-
lla del polo antartyco, o sul es
pequena como la del norte e muy

clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non ynportunar a vosa alteza, saluo que quedo rogando a noso Señor ihesu christo la la vyda e estado de vosa alteza acreçiente como vosa alteza desea. Fecha en uera crus a primero de maio de 500. pera la mar

mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento. do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Johannes
artium et medicine bachalarius (?).¹

¹ Arch. nac. da Torre do Tombo, Corpo chron. part. 3.^a, maç. 2, doc. n.º 2.



posto queo capitam muez d'fca v'ora f'ota p'afi so
 butos capitam p'ouam a v'ora alta laoua d'arfu
 mento d'fca v'ora f'ota noua que p' ora n'ca n'ni
 jaron at'gu. non leipouy tam b'm de dar d'po
 m'fca comta a v'ora alta afz. como m m'fca
 poder a p'unda que pas b'm contar p'falar v'ota
 p'ur que todos f'az n' p'ome v'ora alta m'fca
 Juramencia p' b'm v'ota. aqual b'm n'ro q'ra y
 p'afre m'fca n'ny a f'ar a p' aquy de p'ora n'ni
 p'ra m'fca que v'y p' m'fca p'afre. Da n'la p'fca
 f'm f'm m'fca d'urab d'ramm'fca n'ro d'aruy aquy to
 f'm a v'ora alta p' queo non p'afre f'az n'ro
 p'fca d'urab f'm p' m'fca d'fca p'afre b'm
 d'que n' d'falar comto p' d'ique f'
 que ap'afre d'fca n'ro m'fca p'afre f'az f'az
 f'ira h'p d'urab. p'afre p'afre d'fca m'fca f'az
 f'az b'm p'afre n'ro n'ro a f'az n'ro ad n'ro f'az
 m'fca p'afre d'urab n'ro p'afre p'afre a f'az m'fca p'afre
 aquy d'fca m'fca a f'az d'fca f'az d'fca ou
 qu'afre f'az. p' d'urab p'afre d'fca m'fca a f'az
 p'afre p'afre m'fca ou m'fca p'afre d'fca d'fca
 d'fca d'fca. p' d'fca d'fca p'afre p'afre d'fca d'fca
 p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 d'urab p'afre p'afre d'fca d'fca d'fca d'fca
 a f'az m'fca p'afre h'p m'fca tempo f'az n'ro m'fca
 p'afre p'afre. f'az capitam f'az d'fca p'afre p'afre
 p'afre a f'az p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 f'az p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 at'afre f'az f'az d'urab d'fca p'afre que f'az p'afre
 d'fca d'fca que p'afre a f'az f'az d'fca d'fca
 f'az d'fca d'fca p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 p'afre ou p'afre p'afre. p'afre p'afre f'az m'fca m'fca
 f'az d'fca d'fca p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 f'az d'fca p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre
 f'az d'fca p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre

d'fca d'fca p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre p'afre



DOCUMENTO N.º 2

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

1 de maio de 1500

Senhor—posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitães screpuam a vossa alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder ainda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer, pero tome vossa alteza minha inoramçia por boa vontade, a qual bem çerto crea que por afremosentar nem afeiar aja aquy de poer mais ca aquilo que vy e me pareço. da marinhajem e singraduras do caminbo nom darey aquy conta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Senhor do que ey de falar começo e diguo:

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy segunda feira ix de março, e sabado xiii do dito mes amtre as viii e ix oras nos achamos antre as canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e domingo xxii do dito mes aas x oras pouco mais ou menos ounemos vista das ilhas do cabo verde, a saber, da ilha de sam nicolaao, segundo dito de Pero escolar piloto e a noute seguinte aa segunda feira lhe amanheço se perdeo da frota Vaasco datayde com a sua naao sem hy auer tempo forte nem contrairo pera poder seer. Fez o capitam suas deligençias pera o achar a huñas e a outras partes e nom pareço mais. E asy seguimos nosso caminho per este mar de longo ataa terça

feira do itauas de pascoa que foram XXI dias d'abril que topamos alguys synnaes de terra seendo da dita ilha segundo os pilotos deziam obra de vi^o lx ou lxx legoas, os quaaes heram muita cantidade deruas compridas a que os mareantes chamam botelho e asy outras a que tambem chamam rraho dasno. E aa quarta feira seguinte pola manhaã topamos aves a que chamam fura buchos, e neeste dia a oras de bespera ouuemos vista de terra, a saber, primeiramente d'huũ grande monte muy alto e rredondo e doutras serras mais baixas ao sul dele e de terra chaã com grandes aruoredos, ao qual monte alto o capitam pos nome o monte pascoal e aa terra a terra da Vera cruz. mandou lançar o prumo acharam xxv braças e ao sol posto obra de vi legoas de terra surgimos amcoras em xix braças amcorajem limpa. aly jouuemos toda aquella noute, e aa quinta feira pola manhaã fizemos vella e seguimos direitos aa terra e os nauios pequenos diante himdo per xvii xvi xv xiiii xiii xii x e ix braças ataa mea legoa de terra omde todos lançamos amcoras em direito da boca d'huũ rrio e chegaríamos a esta amcorajem aas x oras pouco mais ou menos e daly ouuemos vista d'homees que andauam pela praya obra de vii ou viii segundo os nauios pequenos disseram por chegarem primeiro. aly lançamos os batees e esquifes fora e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do capitam moor e aly falaram, e o capitam mandou no batel em terra nicolaao coelho pera veer aquelle rrio e tanto que ele comecou pera la dhir acodiram pela praya homees quando dous quando tres de maneira que quando o batel chegou aa boca do rrio heram aly xviii ou xx homees pardos todos nuos sem nenhuã cousa que lhes cobrise suas vergonhas. traziam arcos nas maãos e suas seetas. viinham todos rrijos pera o batel e nicolaao coelho lhes fez sinal que posesem os arcos, e eles os poseram. aly nom pode deles auer fala nem entendimento que aproueitasse polo mar quebrar na costa, soamente deulhes hum barete vermelho e huã carapuça de linho que leuaua na cabeça e huũ sombreiro preto. E huũ deles lhe deu huũ sombreiro de penas daues compridas com huã copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo e outro lhe deu huũ rramal grande de comtinbas brancas meudas que querem parecer daljaueira as quaaes peças creio que o capitam manda a vossa alteza. e com isto se volueo aas naaos por seer tarde e nom poder deles auer mais fala por aazo do mar.

a noute seguinte ventou tanto sueste com chuuaçeiros que fez caçar as naaos e especialmente a capitana. E aa sesta pola manhaã aas vii oras pouco mais ou menos per conselho dos pilotos mandou o capitam levantar amcoras e fazer vela e fomos de longo da costa com os batees e esquifes amarados per popa comtra o norte pera veer se achauamos alguã abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha, nom por nos ja minguar mas por nos acertarmos aquy. e quando fizemos vela seriam ja na praya asentados

junto com o rrio obra de lx ou lxx homeẽs que se juntaram aly poucos e poucos. Fomos de longo e mandou o capitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aa terra e que se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E seendo nos pela costa obra de x legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos nauios pequenos huũ arreçife com huũ porto dentro muito booo e muito seguro com huũa muy larga entrada e meteramse dentro e amaynaram, e as naaos arribaram sobreles, e huũ pouco ante sol posto amaynarom obra d'huũa legoa do arreçife e ancoraramse em xi braças. E seendo Affonso lopez nosso piloto em huũ daqueles nauios pequenos per mandado do capitam por seer homem viuo e deestro pera isso meteose logo no esquife a somdar o porto demtro e tomou em huũa almaadia dous daqueles homeẽs da terra mançebos e de boos corpos, e huũ deles trazia huũ arco e vi ou vii seetas e na praya andauam muitos com seus arcos e seetas e nom lhe aproneitaram. trouueos logo ja de noute ao capitam omde foram rrecebidos com muito prazer e festa.

a feiçam deles he seerem pardos maneira dauermelhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos. amdam nuus sem nenhuũa cubertura, nem estimam nenhuũa coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua disso com tanta inocemçia como teem em mostrar o rrostro. traziam ambos os beijos de baixo furados e metidos per eles senhos osos doso brancos de compridam d'huũa mão travessa e de grosura d'huũ fuso dalgodam e agudo na ponta coma furador. metemnos pela parte de dentro do beijo e o que lhe fica antre o beijo e os dentes he feito coma rroque denxadrez, e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixam nem lhes torua a fala nem comer nem beber. os cabelos seus sam coredios e andauam trosquiados de trosquya alta mais que de sobre pemtem de boa gramdura e rrapados ataa per cima das orelhas, e huũ deles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera detras huũa maneira de cabeleira de penas daue amarela que seria de compridam d'huũ couto, muy basta e muy çarada que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual andaua pegada nos cabelos pena e pena com huũa comeiçam branda coma çera e nom no era, de maneira que amdaua a cabeleira muy rredomda e muy basta e muy igual que nom fazia mingoa mais lauajem pera a levantar. o capitam quando eles vieram estana asentado em huũa cadeira e huũa alcatifa aos pees por estrado e bem vestido com huũ colar d'ouro muy grande ao pesçoço, e sancho de toar e simam de miranda e nicolaao coelho e aires corea e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão per esa alcatifa. acenderam tochas e emtraram e nom fizeram nenhuũa mençam de cortesia nem de falar ao capitam nem a nimguem, pero huũ deles pos olho no colar do capitam e começou daçenar com a mão pera a terra e despois pera o colar como que nos dizia que havia em tera ouro e tambem vio huũ castical de

prata e asy meesmo acenaua pera a tera e entam pera o castical como que avia tambem prata. mostraranlhes huñ papagayo pardo que aquy o capitam traz, tomaramno logo na mão e acenaram pera a terra como que os avia hy. mostraranlhes huñ carneiro nom fizeram dele mençam. mostraranlhes huña galinha casy aviam medo dela e nom lhe queriam poer a mão e despois a tomaram coma espantados. deranlhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos fartees mel e figos pasados, nom quiseram comer daquilo casy nada e alguña coussa se a prouauam lamçauamna logo fora. trouueranlhes vinho per huña taça, poseranlhe asy a boca tam malaues e nom gostaram dele nada nem o quiseram mais. trouueranlhes agoa per huña albarada tomaram dela senhos bocados e nom beberam, soamente lauaram as bocas e lamçaram fora. Vio huñ deles huñas contas de rrosairo brancas aßenou que lhas dessem e folgou muito com elas e lançouas ao pescoço e despois tirouas e embrulhouas no braço e acenaua pera a terra e entam pera as contas e pera o collar do capitam como que dariam onro por aquilo. Isto tomauamonos asy polo desejarmos, mas se ele queria dizer que leuaria as contas e mais o collar, isto nom queriamonos entender porque lho nom aviamos de dar e despois tornou as contas a quem lhas deu e entam estiraranse asy de costas na alcatifa a dormir sem teer nenhuña maneira de cobrirem suas vergonhas as quaaes nom eram fanadas e as cabeleiras delas bem rrapadas e feitas. o capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxis e o da cabeleira precuraua asaz polla nom quebrar e lançaranlhes huñ manto em cima e eles consentiram e jouueram e dormiram.

Ao sabbado pola manhañ mandou o capitam fazer vella e fomos demandar a entrada a qual era muy largua e alta de vi vi braças e entraram todalas naaos dentro e amcoraramse em v vi braças, a qual amcoragem dentro he tam grande e tam fremossa e tam segura que podem jazer dentro neela mais de 11.^o nauios e naaos. e tamto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães todos a esta naao do capitam moor, e daquy mandou o capitam a nicolaa coelho e bertolameu dias que fosem em terra e leuasem aqueles dous homees e os leixasem hir com seu arco e seetas, aos quaaes mandou dar senhas camisas nouas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas doso que eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas campainhas, e mandou com eles pera ficar la huñ mançobo degradado criado de dom joham teelo a que chamam affonso Ribeiro pera amdar la com eles e saber de seu viuer e maneira e a mym mandou que fose com nicolaa coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya, aly acodiram logo obra de 11.^o homees todos nuus e com arcos e seetas nas mãos. aqueles que nos leuauamos acenaramlhes que se afastasem e posesem os arcos e eles os poseram e nom se afastauam muito. abasta que poseram seus arcos e entam sairam os que nos leuauamos e o mançobo degradado com eles, os quaaes asy como sairam nom

pararam mais nem esperaua huũ por outro senom a quem mais coreria e passaram huũ rrio que per hy core dagoa doce de muita agoa que lhes daua pela braga e outros muitos com eles e foram asy corendo aalem do rrio antre huũas moutas de palmas onde estauam outros e aly pararom e naquillo foy o degradado com huũ homem que logo ao sair do batel ho agasalhou e leuou ataa la e logo ho tornaram a nos e com ele vieram os outros que nos leuamos os quaaes viñham ja nuns e sem carapuças. E entam se começaram de chegar muitos e emtrauam pela beira do mar pera os batees ataa que mais nom podiam e traziam cabaços dagoa e tomauam alguũs bariis que nos leuauamos e emchianos dagoa e trazianos aos batees. nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas junto com ele lançaumno da mão e nos tomauamolos e pediam que lhes desem alguũa coussa. leuaua nicolaao coelho cascanes e manilhas e huũs daua huũ cascanel e a outros huũa manilha, de maneira que com aquela emcarua casy nos queriam dar a mão. Dauamnos daqueles arcos e seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por qualquer coussa que lhes homem queria dar. daly se partiram os outros dous mançebos que nom os vimos mais.

amdauam aly muitos deles ou casy a maior parte, que todos traziam aqueles bicos doso nos beiços e alguũs que amdauam sem eles traziam os beiços furados e nos buracos traziam huũs espelhos de paao que pareciam espelhos de boracha e alguũs deles traziam tres daquelles bicos, a saber, huũ na metade e os dous nos cabos. e amdauam hy outros quartejados de cores, a saber, deles ametade da sua propia cor e ametade de tintura negra maneira dazulada e outros quartejados descaques. aly amdauam antreles tres ou quatro moças bem moças e bem jentiis com cabelos muito pretos conpridos pelas espadoas e suas vergonhas tam altas e tam çaradinhas e tam limpas das cabeleiras que de as nos muito bem olharmos nom tinhamos nenhuũa vergonha. aly por emtam nom ouue mais fala nem emtendimento com eles por a berberia deles seer tamanha que se nom emtendia nem ouuia ningem. aenamoslhe que se fosem e asy o fizeram e passaramse aalem do rrio e saíram tres ou quatro homeẽs nosos dos batees e emcheram nom sey quantos barriis dagoa que nos leuauamos e tornamonos aas naaos. e em nos asy viindo acenaramnos que tornasemos. tornamos e eles mandarom o degradado e nom quiseram que ficasse la com eles, o qual leuaua huũa baçia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la ao Senhor se o hy ouuese. nom curaram de lhe tomar nada e asy o mandaram com tudo e entam bertolameu dias o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo, e ele tornou e deu aquilo em vista de nos aaquelle que o da primeira agasalhou e entam veosse e trouuemolo. este que o agasalhou era ja de dias e amdaua todo por louçaynha cheo de penas pegadas pelo corpo que parecia ascetado coma sam sabastiam. outros traziam carapuças de penas

amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. e huã daquelas moças era toda timta de fundo a cima daquela tintura a qual certo era tam bem feita e tam arredonda e sua vergonha que ela nom tiinha tam graciosa que a muitas molheres de nossa terra veendollie taes feiçõs fezera vergonha por nom teerem a sua como ela. nenhuñ deles nom era fanado mas todos asy comanos e com isto nos tornamos e eles foramsse.

aa tarde sayo o capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya a caram da praya mas ninguem sayo em tera polo capitam nom querer sem embargo de ninguem neela estar soamente sayo ele com todos em huñ ilheeo grande que na baya esta que de baixamar fica muy vazio pero he de todas partes cercado dagoa que nom pode ninguem hir a ele sem barco ou a nado. aly folgou ele e todos nos outros bem huã ora e meya e pescaram hy amdando marinheiros com huñ chimchorro e mataram pescado meudo nom muito e entam voluemonos aas naaos ja bem noute.

ao Domingo de pascoela pola manhañ detremingu o capitam dhir ouuir misa e preegaçam naquele ilheeo, e mandou a todoslos capitaães que se corejesem nos batees e fosem com ele e asy foi feito. mandou naquele ilheeo armar huñ esperauel e dentro neele aleuantar altar muy bem coregido e aly com todos nos outros fez diser misa a qual dise o padre frey amrique em voz entoada e oficiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram, a qual misa segundo meu parecer foy ouuida per todos com muito prazer e deuaçom. aly era com o capitam a bandeira de christos com que sayo de belem a qual estene senpre alta aa parte do auamjelho. acabada a misa desuestiosse o padre e posese em huã cadeira alta e nos todos lamcados per esa area e pregou huã solene e proueifossa preegaçam da estorea do ananjelho, e em fim dela traouto de nossa viinda e do achamento desta terra couformandose com o sinal da cruz so cuja obediencia viũmos a qual ueo muito a proposito e fez muita deuaçom.

em quanto esteuemos a amisa e aa pregaçam seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os domtem com seus arcs e seetas os quaaes amdauam folgando e olhandonos e asentaramse. e despois dacabada a misa aseentados nos aa pregaçam aleuantarause muitos deles e tanjeram corno ou voziua e começaram a saltar e dançar huñ pedaço, e alguñs deles se metiam em almaadias duas ou tres que hy tiinham as quaaes nom sam feitas como as que eu ja vy, soamente sam tres traues atadas juntas e aly se metiam um ou v ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra senom quanto podiam tomar pee. acabada a pregacom moueo o capitam e todos pera os batees com nosa bandeira alta e embarcamos e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ondeles estauam hindo bertolamen dias em seu esquife

per mandado do capitam diamte com huũ paaõ d'huũ almaadia que lhes o mar leuara pera lho dar e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. como elles viram o esquife de bertolameu dias chegaramse logo todos a agoa metendose neela ataa onde mais podiam. acenaranlhes que posesem os arcos e muitos deles os hiam logo poer em terra e outros os nom punham. amdaua hy huũ que falaua muito aos outros que se afastassem mas nom ja que mamym parecesse que lhe tiñham acatamento nem medo. este que os asy amdaua afastando trazia seu arco e seetas e amdaua timto de tintura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadriis coxas e pernas ataa baixo, e os vazios com a bariga e estamego era da sua propia cor e a tintura era asy vermelha que a agoa lha nom conya nem desfazia, ante quando saya da agoa era mais vermelho. sayo huũ homem do esquife de bertolameu dias e amdaua antreles sem eles emtenderem nada neelle quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe dauam cabaaços dagoa e acenavam aos do esquife que saísem em terra. com isto se volueo bertolameu dias ao capitam e viemonos aas naaos a comer tanjendo tronbetas e gaitas sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse a asentar na praya e asy por entam ficaram. neeste ilheo omde fomos ouuir misa e pregaçam espraya muito a agoa e descobre muita area e muito cascalhaao. foram alguũs em nos hy estando buscar marisco e nom no acharom, e acharam alguũs camarões grosos e curtos, antre os quaaes vinha huũ muito grande camaram, e muito grosso que em nenhuũ tenpo o vi tamanho. tambem acharom cascas de bergoões e damejeas mas nom toparam com nenhuũa peça inteira. e tanto que comemos vieram logo todos os capitaães a esta naao per mandado do capitam moor com os quaaes se ele apartou e eu na companhia e preguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a vosa alteza pelo nauio dos mantiimentos pera a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por hirmos de nosa viagem e antre muitas falas que no caso se fizeram foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem, e nisto comcrudiram. e tanto que a comerusam foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huũ par destes homeẽs pera os mandar a vossa alteza, e leixar aqui por eles outros dous destes degradados. a esto acordaram que nom era necesareo tomar per força homeẽs, porque jeeral costume era dos que asy lenauom per força pera alguũa parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam, e que melhor e muito melhor enformaçom da terra dariam dous homeẽs destes degradados que aquy leixassem, do que eles dariam se os leuasem por seer jente que ninguem emtende nem eles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer que muito melhor ho estoutros nom digam quando ca vossa alteza mandar, e que por tanto nom curassem aquy de per força tomar ninguem nem fazer escandolo pera os de todo mais amansar e apaceficar, senom soamente leixar

aquy os dous degradados quando daquy partisemos. e asy por melhor parecer a todos ficou detreminado.

acabado isto dise o capitam que fosemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tam bem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em tera armados e a bandeira comnosco. eles amdauam aly na praya aa boca do rrio onde nos hiamos e ante que chegasemos, do emsino que dantes ti-nham poseram todos os arcos e acenavam que saisesmos e tanto que os batees poseram as proas em terra pasaramse logo todos aalem do rrio o qual nom he mais ancho que huũ jogo de manqual e foram antrelles, e alguũs aguarda-uam e outros se afastauam. pero era a cousa de maneira que todos amda-uam misturados. eles dauam deses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por quallquer cousa que lhes dauam. pasaram aalem tamtos dos nosos e amdauam asy misturados com eles, que eles se esquiua-uam e afastauanse e hianse deles pera cima onde outros estauam e entam o capitam fezese tomar ao colo de dous homeês e pasou o rrio e fez tornar to-dos. a jente que aly era nom seria mais ca aquela que soya, e tanto que o ca-pitam fez tornar todos vieram alguũs deles a ele nom polo conhecerem por senhor ca me parece que nom entendem nem tomauam disso conhecimento, mas por que a jente nossa pasava ja pera aquem do rrio. aly falauam e tra-ziam muitos arcos e continhas daquelas ja ditas e rregatauam por qualquer cousa, em tal maneira que trouueram daly pera as naaos muitos arcos e seetas e comtas e entam tornou-se o capitam aaquem do rrio e logo acodiram mui-tos aa beira dele. aly veriees galantes pintados de preto e vermelho e quar-tejados asy pelos corpos como pelas pernas, que certo pareciam asy bem. tam-bem andauam antrelles um ou v molheres moças asy nuas que nom pareciam mal antre as quaaes andaua huũa com huũa coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e o al todo da sua propia cor. outra trazia anbolos giolhos com as curuas asy tintas e tam bem os colos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tamta inoçemçia descubertas que nom avia hy nehuũa vergonha. tam bem andaua hy outra molher moça com huũ menino ou menina no colo atado com huũ pano nom sey de que aos peitos que lhe nom parecia senom as perninhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhuũ pano. e depois moueo o capitam pera cima ao longo do rrio que anda sempre a caram da praya e aly esperou huũ velho que trazia na mão hũa paa dal-maadia. falou estando o capitam com ele perante nos todos sem o numca nin-guem emtender nem ele a nos quanta cousas que lhomem preguntaua douro que nos deseja-uamos saber se o avia na terra. trazia este velho o beijo tam furado que lhe caberia pelo furado huũ gram dedo polegar e trazia metido no furado huũa pedra verde rroim que çarava per fora aquele buraco e o capitam

lha fez tirar e ele nom sey que diaabo falaua e hia com ela pera a boca do capitam pera lha meter. esteuemos sobriso huū pouco rreinando e entam enfadouse o capitam e leixouo, e huū dos nosos deulhe pola pedra huū sonbreiro nelho nom por ela valer algũa coussa, mas por mostra, e depois a ouue o capitam, creio pera com as outras cousas a mandar a vosa altesa. amdamos per hy veendo a rribeira a qual he de muita agoa e muito boa, ao longo dela ha muitas palmas nom muito altas em que ha muito boos palmitos, colhiemos e comemos deles muitos. entam tornou-se o capitam pera baixo pera a boca do rrio onde desembarcamos e aalem do rrio amdauam muitos deles dançando e folgando huūs ante outros sem se tomarem pelas mãos e faziamno bem. passou emtam aalem do rrio diego dias almoxarife que foy de sacauem que he homem graciosos e de prazer e levou comsigo huū gayteiro noso com sua gaita e meteose com eles a dançar tomandoos pelas mãos e eles folgauam e rriam e amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. depois de dançarem fezhe aly amdando no chaão muitas voltas ligeiras e salto rreal de que se eles espan-tauam e rriam e folgauam muito, e com quanto os com aquilo muito segourou e afaagou, tomauam logo huũa esquieueza coma monteses e foranse pera cima. E entam o capitam pasou o rrio com todos nos outros e fomos pela praya de longo himdo os batees asy a caram de terra e fomos ataa huũa lagoa grande dagoa doce que esta junto com a praya por que toda aquella rribeira do mar he apaulada per cima e saay a agoa per muitos lugares e depois de passarmos o rrio foram huūs vii ou viii detes amdar antre os marinheiros que se rrecolhiam aos batees e leuaram daly huū tubaram que bertolameu dias matou e leuauallo e lançouo na praya. abasta que ata aquy como quer que se eles em algũa parte amansasem logo dhuũa mão pera a outra se esqui-nauam coma pardaaes de ceuadoiro e homem nom lhes ousa de falar rrijo por se mais nom esquiarem e todo se pasa como eles querem polos bem amansar. ao velho com que o capitam falou deu huũa carapuça vermelha e com toda a fala que com ele passou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio que começou de pasar o rrio, foise logo rrecatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem. os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que ja dito he nunca aqui mais pareceram, de que tiro seer jente bestial e de pouco saber e por ysso sam asy esquiños. eles porem comtudo andam muito bem curados e muito limpos e naquillo me parece ainda mais que sam coma aves ou alimareas monteses que lhes faz ho aar melhor pena e melhor cabelo que aas mansas, porque os corpos seus sam tam limpos e tam gordos e tam fremosos que nom pode mais seer e isto me faz presumir que nom teem casas nem moradas em que se colham e o aar a que se criam os faz taees, nem nos ainda ata agora nom vimos nenhuñas casas nem maneira delas. mandou o capitam aaquelle degradado affonso Ribeiro que se fosse outra vez com

eles, o qual se foy e andou la huũ boom pedaço e aa tarde tornou-se que o fizeram eles viir e nom o quizeram la consentir e deramlhe arcos e seetas e nom lhe tomaram nenhuũa cousa do seu, ante dise ele que lhe tomara huũ deles huũas continhas amarelas que ele leuaua e fogia com elas e ele se queixou e os outros foram logo apos ele e lhas tomaram o tornaranilhas a dar e emtam mandaramno viir. dise ele que nom vira la antre eles senom huũas choupainhas de rrama verde e de feeitos muito grandes coma damtre douro e minho e asy nos tornamos aas naas ja casy noute a dormir.

aa segunda feira depois de comer saimos todos em terra a tomar agoa. aly vieram emtam muitos, mas nom tantos coma as outras uezes e traziam ja muito poucos arcos e esteueram asy huũ pouco afastados de nos, e depois poucos e poucos mesturaranse connosco, e abracauamnos e folgauam e alguũs deles se esquiuauiam logo. aly dauam alguũs arcos por folhas de papel e por algũa carapuçinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se pasou a cousa que bem xx ou xxx pesoas da nosas se foram com elles onde outros muitos deles estauam com moças e moiheres e trouueram de la muitos arcos e baretes de penas daues deles verdes e deles amarelos de que creio que o capitam hade mandar amostra a vossa alteza, e segundo deziam eses que la foram folgauam com eles. neeste dia os nimos de mais perto e mais aa nosa vontade por andarmos todos casy mesturados, e aly deles andauam daquelas tinturas quartejados outros de meetades outros de tanta feiçam coma em panos darmar e todos com os beijos furados e muitos com os osos neeles e deles sem osos. traziam alguũs deles huũs ouriços verdes daruores que na cor queriam parecer de castinheiros senom quanto heram mais e mais pequenos, e aqueles heram cheos dluũs graãos vermelhos pequenos que esmagandoos antre os dedos fazia tintura muito vermelha da que eles andauam tintos e quanto se mais molhauam tanto mais vermelhos ficauam. todos andam rrapados ataa cima das orelhas, e asy as sobrancellas e pestanas. trazem todos as testas de fonte a fonte tintas da tintura preta que parece huũa fita preta ancha de dous dedos. E o capitam mandou aaquele degradado affonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosseam amdar la antreles e asy a diego dias por seer homem ledo com que eles folgauam, e aos degradados mandou que ficasem la esta noute. Foramse la todos e andaram antreles e segundo eles deziam foram bem huũa legoa e meia a huũa pouoraçom de casas em que averia ix ou x casas as quaaes deziam que eram tam compridas cada hũa come esta naao capitana, e heram de madeira e das ilhargas de tauoas e cubertas de palha de rrasoad alta e todas em huũa soo casa sem nenhuũ rrepartimento tiinham de dentro muitos esteos e desteo a esteo huũa rrede atada pelos cabos em cada esteo altas em que dormiam e debaixo pera se aquentarem faziam seus fogos e tiinha cada casa duas portas pequenas huũa em huũ cabo e outra no outro, e deziam que em cada casa

se colhiam xxx ou xxxx pesos e que asy os achauam e que lhes dauam de comer daquela vianda que eles tiinham, a saber, muito inhame e outras sementes que na terra ha que eles comem. e como foy tarde fizeramnos logo todos tornar e nom quiseram que la ficasse nenhuã e ainda segundo eles deziam queriamse viinr com eles. Resgataram la por cascaues e por outras cousinhas de pouco ualor que leuauam papagayos vermelhos muito grandes e fremosos, e dous verdes pequeninos e carapuças de penas verdes e huũ pano de penas de muitas cores maneira de tecido asaz fremoso segundo vosa alteza todas estas cousas vera porque o capitam volas hade mandar segundo ele dise, e com isto vieram, e nos tornamonos aas naaos.

aa terça feira depois de comer fomos em terra dar guarda de lenha e lauar rroupa. estauam na praya quando chegamos obra de lx ou lxx sem arcos e sem nada. tanto que chegamos vieramse logo pera nos sem se esquiuaem, e depois acodiram muitos que seriam bem n.º todos sem arcos, e mesturaramse todos tanto com nosco que nos ajudauam deles a acaretar lenha e meter nos batees e luitavam com os nosos e tomauam muito prazer. E em quanto nos faziamos a lenha faziam dous carpenteiros huũa grande cruz dhuũ paaõ que se ontem pera ysso cortou. muitos deles viinham aly estar com os carpenteiros e creio que o faziam mais por veerem a faramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz porque eles nom teem cousa que de fero seja e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huũ paaõ antre duas talas muy bem atadas e per tal maneira que andam fortes segundo os homeẽs que ontem a suas casas deziam (*sic*) porque lhas viram la. era ja a conuersaçam deles com nosco tanta que casy nos toruauam ao que aviamos de fazer. E o capitam mandou a dous degradados e a diego dias que fosem la a aldeia e a outras se ouuesem delas nouas e que em toda maneira nom se viessem a dormir aas naos, ainda que os eles mandasem e asy se foram. em quanto andauamos neesa mata a cortar a lenha, atrauesauam alguũs papagayos per esas aruores deles verdes e ontros pardos grandes e pequenos de maneira que me parece que a vera neesta terra muitos pero eu nom veria mais que ataa ix ou x. outras aves entam nom vimos somente alguũas ponbas seixas e parecramme mayores em boa camtidade ca as de portugal. alguũs deziam que viram rrolas mas eu nom as vi mas segundo os aruoredos sam muy muitos e grandes e dimfmdas maneiras nom dovido que per ese sartaõ ajam muitas aues. E aqerqua da noute nos voluemos pera as naaos com nossa lenha. eu creio Senhor que nom dey ainda aquy conta a vosa alteza da feiçam de seus arcos e seetas. os arcos sam pretos e conpridos e as seetas conpridas e os feros delas de canas aparadas segundo vosa alteza vera per alguũs que creio que o capitam a ela ha demuiar.

aa quarta feira nom fomos em terra por que o capitam andou todo o dia

no navio dos mantimentos a despejalo e fazer levar aas naaos isso que cada huña podia levar. eles acodiram aa praya muitos segundo das naaos vimos que seriam obra de m.^c segundo sancho de toar que la foy dise. diego dias e affonso Ribeiro o degradado a que o capitam omtem mandou que em toda maneira la dormisem volueranse ja de noute por eles nom quererem que la dormisem e trouueram papagayos verdes e oultas aues pretas casy coma pegas senom quanto tiñham o bico branco e os rrabos curtos. e quando se sancho de toar rrecolheo aa naao querianse viñr com ele alguñs mas ele nom quis senom dous mancebos despostos e homeẽs de prol. mandouos esa noute muy bem pemsar e curar e comeram toda vianda que lhes deram e mandoulhes fazer cama de lençooes segundo ele disse e dormiram e folgaram aquela noute e asy nom foy mais este dia que pera screpuer seja.

aa quinta feira deradeiro dabrill comemos logo casy pola manhaã e fomos em terra por mais lenha e agoa e em querendo o capitam sair desta naao chegou sancho de toar com seus dons ospedes e por ele nom teer ainda comido pose-ranlhe toalhas e veolhe vianda e comeo. os ospedes asentaramnos em senhas cadeiras e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente lacam cozido frio e arroz, nom lhes deram vinho por sancho de toar dizer que o nom bebiã bem. acabado o comer metemonos todos no batel e eles com nosco. deu huñ gromete a huñ deles huña armadura grande de porco montes bem rreuolta e tamto que a tomou meteo logo no beico e porque se lhe nom queria teer deramlhe huña pequena de cera vermelha e ele corejeolhe detras seu aderemço pera se teer e meteo no beico asy rreuolta pera cima e viñha tam contente com ela como se tivera huña grande joya. e tamto que saymos em terra foise logo com ela que nom pareceo hy mais. andariam na praya quando saymos viñ ou x deles e dhi a pouco começaram de viñr, e pareçeme que viñ-riam este dia aa praya viñ ou viñ. traziam alguñs deles arcos e seetas e todos deram por carapuças e por quallquer cousa que lhes dauam. comiam com nosco do que lhes dauamos e bebiã alguñs deles vinho e outros o nom podiam beber mas pareçeme que se lho avezarem que o beberam de boa vomtade. audauam todos tam despostos e tam bem feitos e galantes com suas timturas que pareciam bem. acaretauam desa lenha quamta podiam com muy boas vom-tades e leuauamma aos batees e amdauam ja mais mansos e seguros antre nos do que nos amdauamos antreles. foy o capitam com alguñs de nos huñ pedaço per este aruoredo ataa huña rribeira grande e de muita agoa que a noso pa-reçer era esta meesma que vem teer aa praya em que nos tomamos agoa. ali jouuemos huñ pedaço bebendo e folgando ao longo dela antrese aruoredo que he tamto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajeẽs que lhe nom pode ho-mem dar comto. ha antrele muitas palmas de que colhemos muitos e boos palmitos. quando saymos do batel dise o capitam que seria boo hirmos direi-

tos aa cruz que estaua emcostada a huia aruore junto com o rrio pera se poer de manhaã que he sesta feira e que nos posemos todos em giolhos e a beijamos pera eles veerem ho acatamento que lhe tiñhamos, e asy o fizemos. E estes x ou xii que hy estauam acenaramlhes que fezesem asy e foram logo todos beijala. pareçeme jente de tal inoçencia que se os homem emtendese e eles a nos, que seriam logo christãos porque eles nom teem nem emtendem em nenhuia creemça segundo pareçe. E portanto se os degradados que aqui am de ficar aprenderem bem a sua fala e os emtenderem, nom douido segundo a santa tençam de vosa alteza fazeremse christãos e creerem na nosa samta fe, aa qual praza a nosso Senhor que os traga, porque certo esta jente lie boa e de boa siinprezidade, e enpremarsea ligeiramente neeles qualquer crunho que lhes quiserem dar, e logo lhes nosso Senhor deu boos corpos e boos rros-tros coma a boos homeës, e ele que nos pera aquy trouue creo que nom foy sem causa e portanto Vosa alteza pois tanto deseja acreçentar na santa fe catolica, deue emtender em sua saluaçam e prazera a deos que com pouco trabalho sera asy. eles nom lauram nem criam nem ha aquy boy nem vaca nem cabra nem ovelha nem galinha nem outra nenhuia alimarea que custumada seja ao viuer dos homeës nem comem senom dese inhame que aquy ha muito e desa semente e fruitos que a tera e as aruores de sy lançam, e com isto andam taas e tam rrijos e tam nedeos que o nom somo nos tanto com quanto trigo e legumes comemos. em quanto aly este dia amdaram senpre ao soom dhuũ tanbory nosso dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que sam muito mais nosos amigos que nos seus. se lhes homem acenava se queriam viinr aas naaos fazianse logo prestes pera isso em tal maneira que se os homem todos quisera comuidar, todos uieram. porem nom trouemos esta noute aas naaos senom iiii ou v, a saber, o capitam moor dous e simão de miranda huũ que trazia ja por paje, e aires gomes outro asy paje. os que o capitam trouue era huũ deles huũ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouueram, o qual veo oje aquy vestido na sua camisa e com ele huũ seu irmaão os quaaes foram esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como de cama de colchoões e lençooes polos mais amansar.

E oje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rrio contra o sul onde nos pareceo que seria millhor chantar a cruz pera seer millhor vista, e aly asiinou o capitam onde fezesem a coua pera a chantar. E emquanto a ficaram fazendo, ele com todos nos outros fomos pola + abaixo do rrio onde ela estaua. trouuemola daly com eses rrelegiosos e sacerdotes diante cantando maneira de precisam. heram ja hy alguũs deles obra de LXX ou LXXX e quando nos asy viram uiinr, alguũs deles se foram meter debaix o dela ajudarnos. pasamoloo rrio ao longo

da praya e fomola poer onde avia de seer que sera do rrio obra de dous tiros de beesta. aly andando nysto viinriam bem CL ou mais. chentada a cruz com as armas e deuisa de vosa alteza que lhe primeiro pregarom 'armaram altar ao pee dela. aly dise misa o padre frei amrique a qual foy camtada e ofeçada per eses ja ditos. aly esteneram com nosco a ela obra de L ou LX deles asentados todos em giolhos asy coma nos e quando veo ao avanjelho que nos erguemos todos em pee com as mãos leuantadas, eles se leuantaram com nosco e alçarom as mãos, estando asy ataa seer acabado, e entam tornaranse a asentar coma nos. E quando leuantarom a deus que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy como nos estauamos com as mãos leuantadas, e em tal maneira asesegados que certefico a vosa alteza que nos fez muita deuaçom. esteneram asy com nosco ata acabada a comunham e depois da comunham, comungaram eses rrelegiosos e sacerdotes e o capitam com alguûs de nos outros. alguûs deles por o sol seer grande em nos estando comungando aleuantaramse e outros esteneram e ficarom. huû deles homem de L ou LV anos ficou aly com aqueles que ficaram. aquele em nos asy estamdo ajumtaua aqueles que aly ficaram e ainda chamaua outros. este andando asy antreles fallandolhes acenou com o dedo pera o altar, e depois mostrou o dedo pera o ceco coma que lhes dizia alguûa cousa de bem e nos asy o tomamos. acabada a misa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alua e asy se sobio junto com ho altar em huû cadeira e aly nos preegou do auanjelho e dos apostolos cujo dia oje he trautando enfim da preegaçom deste voso proseguimento tam santo e vertuoso que nos causou mais deuaçam. eses que aa preegaçam senpre esteneram estauam asy coma nos olhando pera ele. e aquele que digo, chamaua alguûs que viesem pera aly. alguûs viinham e outros hiamse e acabada a preegaçom trazia nicolao coelho muitas cruces de estanho com cruçufiços que lhe ficarom ainda da outra viinda e ouueram por bem que lançassem a cada huû sua ao pescoço. pola qual cousa se asentou o padre frey anrique ao pee da cruz e aly a huû e huû lançaua sua atada em huû fio ao pescoço fazendolha primeiro beijar e alenantar as mãos. viinham a isso muitos e lançarammas todos que seriam obra de xxxx ou L. e isto acabado era ja bem huûa ora depois de meo dia, viemos aas naos a comer onde o capitam troue consigo aquele meesmo que fez aos outros aquela mostrança pera o altar e pera o ceco e huû seu irmão com elle ao qual fez muita homrra e deulhe huûa camisa mourisca e ao outro huûa camisa destoutras. e segundo o que a mym e a todos pareço, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christaã ca entendemnos, porque asy tomanam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos, per onde pareço a todos que nenhuûa idolatria nem adoraçom teem. E bem creio que se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande, que

todos seram tornados ao desejo de vosa alteza. e pera isso se alguém vier nom leixe logo de viiñr clerigo pera os bautizar porque ja entam teerain mais conhecimento de nossa fe pelos dous degradados que aquy antreles ficam os quaaes ambos oje tambem comungaram. antre todos estes que oje vieram nom veo mais que huãa mulher moça a qual esteue senpre aa missa, aa qual deram huñ pano ccm que se cobrise e poseramllho darredor de sy, pero ao asentar nom fazia memorea de o muito estender pera se cobrir. asy Senhor que a inocencia desta jemte he tal que a dadam nom seria mais quanta em vergonha. ora veja vosa alteza quem em tal inocemça viue, ensinamdolhes o que pera sua saluaçom perteeçe, se se conuerteram ou nom. acabado isto fomos asy perante eles beijar a cruz e espedimonos e viemos comer.

creo Senhor que com estes dous degradados que aquy ficam, ficam mais dous grometes que esta noute se saíram desta naao no esquife em terra fogidos, os quaaes nom vieram mais e creemos que ficaram aquy porque de manhaã prazendo a deos fazemos daquy nosa partida.

esta terra Senhor me parece que da pomta que mais contra o sul vimos ata a outra ponta que contra o norte vem de que nos deste porto ounemos vista, sera tamanha que auera neela bem xx ou xxv legoas per costa. traz ao lomgo do mar em algũas partes grandes barceiras delas vermelhas e delas bramcas e a terra per çima toda chaã e muito chea de grandes aruoredos. de pomta a pomta he toda praya parma muito chaã e muito fremosa. pelo sartaão nos pareceo do mar muito grande porque a estender olhos nom podiamos veer senom tera e aruoredos que nos parecia muy longa tera. neela ata agora nom podemos saber que aja ouro nem prata, nem nenhuã cousa de metal nem de fero, nem lho vimos. Pero a terra em sy he de muito boos aares asy frios e tenperados coma os dantre doiro e minho por que neste tenpo dagora asy os achauamos coma os de la. agoas sam muitas imfmidas. Em tal maneira he graciosa que querendoa aproneitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem. pero o melhor fruto que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte, e esta deue seer a principal semente que vosa alteza em ela deue lamçar. E que hy nom ouuese mais ca tener aquy esta pousada pera esta nauegaçom de calecut, abastara, quanto mais desposiçam pera se neela conprir e fazer o que vossa alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nosa santa fe.

E neesta maueira Senhor dou aquy a vosa alteza do que neesta vosa terra vy (*sic*) e se a alguñ pouco alonguey, ela me perdoe, ca o desejo que tiinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo mendo. E pois que Senhor he çerto que asy neeste careguo que leuo como em outra qualquer coussa que de vosso seruiço for uosa alteza ha de seer de mym muito bem seruida, a ela peço que por me fazer singular merçee mande viiñr da ilha de sam thomee jorge do

soiro meu jenro, o que dela receberey em muita merçee. beijo as mãos de vosa alteza. deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje sexta feira primeiro dia de mayo de 1500.—*Pero uaaz de caminha*¹.

¹ Copiada com a maxima exactidão do original que existe no *Arch. Nac. da Torre do Tombo*, gav. 8, maç. 2 n.º 8. Foi publicada, mas incorrecta, no iv tomo da *Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes*.



CATALOGO

DOS

OBJECTOS DE ARTE E INDUSTRIA

DOS INDIGENAS DA AMERICA

QUE PELAS FESTAS COMMEMORATIVAS

DO

4.º CENTENARIO DA SUA DESCOBERTA

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

ENVIA Á EXPOSIÇÃO DE MADRID

FOR

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias



CATALOGO

Dos objectos de arte e industria dos indigenas da America, que pelas festas commemorativas do 4.º centenario da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid.



ANTIGA civilisação americana tinha desaparecido quando no seculo xv os europeus alli aportaram. São numerosas e esplendidas as ruinas dos monumentos, de um passado quasi desconhecido, que ainda se encontram no Mexico, no Perú e no Yucantan. As explorações e estudos que Alcide fez em Mitla e Palenca, demonstram, pela grandeza colossal dos seus edificios, estatuas e pyramides, de typo caracteristico, a sua semelhança no decorativo com os monumentos chinezes e indo-asiaticos. Os scenlos tem ido cobrindo gradualmente as preciosas ruinas com a vegetação luxuriante dos tropicos.

O Mexico foi a terra classica da civilisação e das artes na America: o viajante ainda hoje se extasia perante essa magestosa architectura, que representa diversas epochas e generos. Ahi se tem achado variadissimos objectos, uns de fôrmas elegantes indicando certo adeantamento artistico, e outros de fôrmas grosseiras e até ridiculas. Serão do mesmo povo e da mesma epocha? Hoje torna-se quasi impossivel conhecer a verdade de tão lendaria civilisação.

O Perú prosperou até o imperio dos Incas ser conquistado pelos hespanhoes em 1534. As outras regiões da America patenteiam diversos graus da sua civilisação antiga, mas inferiores aos do Mexico e do Perú.

O Brasil não possui, ou não foram ainda encontradas, essas ruínas de architectura monumental: apenas se tem descoberto alguns vestígios de grandes povoações abandonadas, principalmente, no valle de S. Francisco e baixo Amazonas, e algumas inscrições abertas nas rochas, ou pintadas, com certos traços avermelhados, representando arabescos, figuras humanas, o sol, e variados animaes.¹ São consideradas indecifráveis, e, talvez, na sua primitiva apenas significassem o capricho do artista indiano.

As investigações anthropologicas nas vastissimas provincias do Brasil tomaram maior incremento desde 1840, descobrindo-se por essa epocha algumas cavernas com ossos humanos, e de varios animaes, no estado fossil, o que prova haverem sido aquelles terrenos povoados em tempos muito remotos, mesmo anteriores ao periodo myocene ou geral inundaçáo, pelos craneos marcando o angulo facial apenas 66 graus, feitiço das armas e de varios utensilios semelhantes aos encontrados na Europa.

Os objectos de arte e industria dos indigenas americanos, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á exposiçáo de Madrid, commemorando o quarto centenario da grande descoberta de Colombo, (pertencem fóra algumas peças da Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, e quatro vasos de ceramica do sr. Ramalho Ortigáo, que vão designadas), ao seu museu, e foram pela maior parte adquiridos no seculo xviii nas margens do Amazonas, ilha de Marajó, grutas de Maraca, Rio Negro, etc.

Quasi no centro da grande ilha de Marajó está o lago Arari onde é situada a ilha de Pacoval.² Estas ilhas são planas e tão baixas, em relação ao nivel do mar, que ficam quasi submergidas, por occasiáo das grandes chuvas, com as cheias do Amazonas, circumstancia que obrigou os gentios a construir aterros para se livrarem das aguas, e n'esses aterros tem-se descoberto interessantissimos especimens de ceramica antiga, como vasos de fórmulas variadas e elegantes, com desenhos gravados e pintados, parecendo urnas funerarias—*iguacabas*, estatuetas de barro com feitiço grutesco, armas de diversas qualidades, instrumentos de pedra, que tem enriquecido os museus do Rio de Janeiro, Pará e outros muitos. Estas preciosas reliquias com certo trabalho artistico denotam bem a civilisaçáo do povo que precedeu as tribus selvagens encontradas no Brasil, quando os portuguezes o descobriram no começo do seculo xvi.

As ilhas são habitadas pelos Nhucuigabas e cortadas por immensos rios

¹ Vid. as estampas na *Rev. trim.* do Inst. hist. bras., tom L, part. 1.^a, pag. 294.

² As aguas do lago Arari vão minando as margens, de modo que a ilha de Pacoval, de 120 metros de comprimento por 60 de largo, tende a desaparecer.

e florestas, onde se teem tambem achado urnas com ossos humanos, e ornatos de pedra polida, a que no Pará chamam *itan*, e as armas *tecpatl*.

É mister notar que as terras do Amazonas até ao Rio Grande do Norte, para onde se tinham refugiado os indios das outras provincias foram das ultimas que os europeus occuparam.

Os estudos sobre antiguidades americanas e suas collecções ethnographicas teem tido muito incremento nos Estados Unidos da America do Norte, como se prova pelas esplendidas publicações illustradas de Smithsonian,¹ J. W. Powel,² Schoolcraft³ e outros; mas o seu atraso é bastante sensivel com referencia ao Brasil d'onde apenas conhecemos os interessantes e conscienciosos estudos do sr. Ladislau Netto, publicados nas suas *Investigações historicas e scientificas sobre o museu imperial e nacional do Rio de Janeiro*, 1870, onde indica os objectos contidos nos 17 armarios do salão 9, e o que escreveu e foi publicado no vi volume do *Archivo do museu nacional do Rio de Janeiro*, 1885, onde dá noticia das collecções do mesmo museu, tornando-se importante, principalmente, o estudo sobre ceramica.

Á America do sul pertencem a maior parte dos objectos descriptos n'este catalogo, coordenado á pressa e sem indicio que nos guiasse, pois a relação que servia de inventario, apesar de deficientissima, perdeu-se ha annos!

Entre as muitas peças amontoadas sem ordem nem classificação, existem exemplares importantes e rarissimos, e para darmos a idéa mais exacta do seu valor e acondicionamento, basta ler o que disse Mr. Emile Cartailhac, quando o visitou em 1880, e que fielmente aqui transcrevemos:

.....
 «*Le Musée Colonial*.—Dans ce musée, installé à l'Arsenal, et qui paraît un peu abandonné, il y a bien des choses curieuses et bon nombre qui regardent le préhistorique et l'éthnologie. Nous avons eu beaucoup à dessiner dans ces trophées, où les armes de tous les continents sont rangées avec la préoccupation unique de satisfaire à la symétrie. Nous avons appris que ces collections appartiennent en grande partie à l'Académie royale des Sciences.⁴ On nous a laissé deviner qu'elle possédait d'autre série et nous avons voulu les examiner. Avons-nous été satisfaits? L'Académie elle-même me pardonnera, si je dis carrément *non*! Comment! l'Académie royale possède dans ses gre-

¹ *Report H. S. National Museum—Contributions to Knowledge.*

² *Annual Report of the Bureau of Ethnology.*

³ *History, Condition and prospects of the United States Illustrated By S. Eastman.*

⁴ Foram emprestados ao ministerio do ultramar em 1867 para fazerem parte da secção colonial em Paris; e depois de recolherem a Lisboa a Academia reclamou com instancia por varios officios a sua restituição, mas sem resultado!...

niers des objects que l'on chercherait vainement en dehors des Musées spéciaux de Leyde, de Copenhague et de Londres; des trésors ethnographiques que Paris, Berlin, Rome lui enverraient et payeraient bien cher! et ces haches en pierre emmanchées de l'Afrique du Sud, de l'Océanie, de l'Amérique, ces masques de l'Amérique du Nord, ces mannequins du Brésil, ces souvenirs de toutes les colonies du Portugal gisent péle-mêle dans la poussière! Est-il vrai que ces précieuses reliques aient été utilisées pour l'ornementation de divers chars qui ont figuré dans les fetes en l'honneur de Camoëns!

«Les belles et bones salles ne manquent pas dans l'hôtel de l'Académie. Pas n'est besoin d'argent pour y installer toutes ces armes, ces outils, ces parures... avec méthode et simplicité. Lisbonne aura de suite une galerie ethnologique fort riche. Que si l'on objecte que tous ces objects ont perdu leurs étiquettes, nous répondrons qu'il sera très-facile de retrouver les provenances, en consultant les ouvrages des voyageurs, les albums, les ethnologistes.

«Si la fusion de toutes les collections préhistoriques de Lisbonne est un rêve que pour ma part j'écarte comme impossible, rien n'est plus facile à l'Académie que de réunir à l'Arsenal ou chez elle ses trois tronçons de musée, et surtout de les classer; de rendre ainsi un nouveau service à la science et à sa patrie».¹

Os *sambaguês* ou *sambaguís*, *caleiras*, *berbigueiras* ou *casqueiros*, assim chamados segundo o material de que são formados, feito ou construção, são montes de casca de ostras ou de berbigões (*tellina antidehuviana*), com o diametro entre cinco e cincoenta metros por dois a quatro de altura. São os dolmens americanos, onde se encontram ossadas humanas, armas, utensilios de pedra, de ordinario em quartzo, petrosilex e basalto, como machados, pilões, pontas de lança, de frechas, etc. Estes instrumentos são feitos de pedra rolada, lascada ou polida, typos da primitiva industria americana, semelhantes, com raras excepções, aos achados na Europa, Asia e Africa.

O *sambaguês* são mais frequentes no Mexico, costas do Orenoco e Estados Unidos, indicando fazerem estes povos grande uso d'aquelles crustaceos na sua alimentação e reservando as cascas para sepultura dos mortos. As *caleiras* que são formadas pelo homem com este destino differencam-se bem das originadas pelo impulso das marés dos rios ou do mar.²

¹ Congrès d'antropologie et d'archéologie préhistoriques, ix session, Lisbonne 1880, *Compte-rendu de M. Emile Cartailhac*. Folheto especial que não faz parte do *Compte-rendu* impresso em Lisboa no mesmo anno, pag. 24.

² Vid. Fr. Gaspar da Madre de Deus na sua *Memoria para a historia da capitania*

Os gentios tambem sepultam os cadaveres dentro de grandes talhas ou potes de barro pintados, a que chamam *cambuchis*, *camucis* ou *iguacabas*, e são os jazigos das classes privilegiadas.

Tanto nos *sambagués* como nas talhas, os ossos que ahi se encontram são, quasi sempre, fosseis tendo perdido a colla animal, grudando á lingua, e os craneos medem nos angulos faciaes apenas 66 graus. A collocação do defunto é ordinariamente dobrada, na posição identica á do feto dentro do utero materno, tendo ao lado as suas armas e varias substancias alimentares. Nas mulheres as armas são substituidas por instrumentos proprios do seu trabalho.

1. É um exemplar que mostra ter sido embalsamado, e representa uma mulher acocorada com os braços cruzados sobre o peito, onde tambem se encostam os joelhos, grande cabelleira, de cabellos negros e corredios, faltando-lhe as unhas, alguns dentes e pequenos pedaços de pelle. Entre o braço esquerdo e o thorax tem dois fusos com fios de algodão enrolados, no regaço grande porção de fios, e á direita conserva uma pequena bolsa quadrada e varios fragmentos de tecidos.

Junto com a mesma mumia encontrou-se: uma fina lamina de oiro em fôrma oblonga chamada *Pincha*, (de 0^m,14 de comprido por 0^m,05 de largo), com dois furos nos extremos, que significa um distinctivo de nobreza dos membros da familia dos Incas; uma chapa de cobre redonda (diametro 0^m,06), com um pediculo furado na extremidade, dando parecenças com o *speculum* dos romanos; uma figurinha de mulher em barro vermelho, grande diadema na cabeça, as mãos abertas sobre o peito, e dois furos correspondentes aos sovacos (altura 0^m,09); e uma peça de bronze, que representa dois bustos de gentios, unidos pela base do tronco, um dos quaes sustenta nos braços levantados um circulo convexo figurando o sol, e no reverso tem a fôrma de uma colher, servindo os bustos de cabo e o circulo a parte concava. Comprimento 0^m,13 e diametro do circulo 0^m,05.

Esta *mumia* foi descoberta n'uma pequena povoação proxima á cidade de Lima no Perú; e pertence á Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, a quem foi dada pelo sr. conde de S. Januario, que a adquiriu quando foi encarregado pelo governo portuguez de estabelecer tratados commerciaes com as republicas do sul.

de S. Vicente, ed. de 1797, pag. 49, n.º 29.—Dr. Carlos Rath na *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior antes do diluvio universal*, na *Rev. trim.* do Inst. hist. bras., tom. xxxiv, part. 1.^a, pag. 287.

2. Cabeça de indio da raça Quichna, mumificada, coberta de grande cabel-leira, tambem com cabellos negros e corredios, a face com grande falta de tecidos. Foi descoberta n'uma sepultura no Campo de Ancon, Perú, e pertence á mesma Real Associação, offerecido egualmente pelo sr. conde de S. Januario.

Armas e instrumentos

Os antigos povos da America usavam, e algumas tribus ainda usam, de armas e instrumentos feitos de pedras duras, mas as suas armas favoritas e communs são o arco, a frecha e a clava.

3. Machado de pedra (*diorite*) rolada, adelgada n'uma das extremidades.
Comprimento, 0^m,14 por 0^m,09 de largo.
4. Machado de pedra (*diorite*) tendo por cabo uma faixa de madeira muito fle-xivel que dobra sobre elle, e o segura conjuntamente com pez e cor-deis de forte tecido vegetal.
Comprimento da pedra, 0^m,16, e do cabo 0^m,57.
5. Machado de pedra (*diorite*) polida, com a extrema, opposta ao gume, adel-gaçada e introduzida no cabo.
Comprimento da pedra, 0^m,27, e do cabo 0^m,60.
6. Machado de pedra (*diorite*), tambem encravado no grosso de uma haste que lhe serve de cabo.
Comprimento da pedra 0^m,17, e do cabo 0^m,60.
7. Machado de pedra polida (*diorite*), cravado em uma massa curta, de pau ferro, com quatro faces quasi eguaes, de quinas muito salientes, adelga-çando para o centro, e com fios de algodão enrolados segurando uma azelha para enfiar no pulso.
Comprimento do cabo 0^m,43.
8. Outro exemplar identico.
9. Machado de pedra polida (*schisto silicioso*) com um furo na superficie, por

onde se prende com uma rede de cordel muito torcido. Está também entalado na haste.

Comprimento do cabo, 0^m,77.

10. Machado ou instrumento de pedra (*calcarco*), a metade representa um animal qualquer, com cabellos pegados á cabeça formando cabelleira, no sitio, correspondente ás mãos, tem um prolongamento grosso terminando em gume, o resto, mais adelgaçado, fôrma o cabo, e no extremo tem um furo, por onde enfia um cordão de coiro enrolado que serve de azelha para o segurar no pulso.

Comprimento, 0^m,33.

- 10 a. Machado de cobre encravado n'uma haste.

Comprimento, 0^m,41.

11. Rascador ou rapador de pedra (*schisto methamorphico?*), com a fôrma semilunar, na curva tem o punho e na parte convexa é o gume.

Comprimento, 0^m,24.

- 11 a. Outro exemplar mais pequeno.

Comprimento, 0^m,13.

13. Cinzel (*schisto quartzoso*) tendo a fôrma de um punhal muito grosso, e no remate do punho uma carranca com a bocca aberta por onde se introduz a correia, para se pendurar ou enfiar no pulso.

Comprimento, 0^m,27.

14. a 17. Quatro lanças (*quartzo*) de diversos tamanhos e feitios. Achadas no Mexico.

18. a 20. Tres ditas de silex. Também encontradas no Mexico.

21. Machado de pedra (*schisto silicioso*) descoberto n'umas escavações feitas ha annos na Bahia. Pertence ao Museu dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Comprimento, 0^m,31.

22. Pequeno machado de ferro, preso com filamentos vegetaes, bem dispostos, a uma haste delgada e flexivel.

Comprimento do cabo, 0^m,28.

23. Machado, encavado n'uma haste, formando com o cabo um angulo quasi recto, á maneira de enxó, e seguro por fibras vegetaes muito torcidas.
Comprimento do cabo, 0^m,43.
24. Enxó? cravada na extremidade de um cabo, onde fórma maior grossura.
Comprimento do ferro, 0^m,22.
25. Enxó? O ferro largo em ponta aguda n'um extremo, e o outro encavado no cabo.
Comprimento do ferro, 0^m,40, da maior largura 0^m,15 e do cabo, 0^m,39.
26. Pá de ferro, de 0^m,25 por 0^m,21 de largo, posta n'um cabo de pau ferro enleado com o tecido vegetal *cipó-embé*, e terminando n'um ponteira de ferro aguçado.
Comprimento do cabo, 1^m,38.
27. Furador, osso petrificado.
Comprimento, 0^m,11.
28. Punhal, cabo de madeira representando duas caras em sentido opposto, enleado em parte por um cordão de embira, segurando a cauda da espinha da raia (*jabubirá*), os gumes afiados semelhantes a dentes de serra, voltados em sentido inverso da ponta.
Comprimento do osso, sem a parte encravada no cabo, 0^m,22.
29. Pequeno instrumento feito tambem da espinha da raia (*jabubirá*), metido como em estojo, no fragmento de um osso comprido. Tem a ponta muito afiada bem como os dentes das bordas em feitiço de serra. Servia como o dente de cotia para sangrar e riscar a pelle do corpo.
Comprimento 0^m,06.
30. Arco grande, (*útipara*) de madeira rija e preta (*airi-espinhoso*), a que alguns indios chamam *brijuba* e os Tupinambas *airi-assu*. É facetado pela parte interna, e enleado com um tecido vegetal *cipó-embé*. A corda é feita das fibras do *tucum* segura nos chanfrados dos extremos.
Comprimento, 2^m,50.
- 31 e 32. Dois exemplares identicos, sendo a corda de um feita das fibras do *curavá*.

33. Arco, mais curto, de madeira que tomou o seu nome (pau arco), e a que os gentios chamam *ipé*.
Comprimento, 2^m,28.

- 34 a 46. Mais treze exemplares variados no feitio, cordas, madeira, etc.
Comprimentos, de 1^m,46 a 2^m,29.

As flechas são de *ari-assu* (coqueiro grande) de *ubá*, *tabocas taquedra*, canna brava com puas rijas e agudas; e também as ha de caniços, empregadas especialmente para matar passaros. A parte penetrante é armada com as pontas de *taquára* dentadas ou arpoadas dos dois lados, ou com dentes de animaes, ossos, espinhas, lascas de pedra, ferro, bem aguçadas e de ordinario envenenadas com *urari*. Algumas são ornamentadas com pinturas, pennas de côres vivas, de mutum, jacutinga, jacupemba e arara, e enleadas por cordões de varios tecidos vegetaes. As hastes nem sempre são inteiriças: com as de canna veem muitas enxertadas com algum pedaço de madeira rija.

Os indios americanos dividem as flechas em tres grupos:

Uagieké comn, flecha de guerra de ponta elliptica.

Uagieké nigmeran, flecha dentada e farpada para a caça grande.

Uagieké bacannuanock, flecha pequena com farpa para matar caça miuda.

- 47 a 77. Trinta e uma flechas variadas na qualidade, tamanho e feitio, tendo algumas quasi dois metros de comprimento. As maiores, chamadas rojões ou garrochões, são dos principaes das tribus, (*morubi chabs*), pertencentes aos indios Cabixis, Paricis, Aráras, etc., etc.

- 78 a 85. Oito flechas de pau ferro, pontas aguçadas e tostadas, ornadas com alguns fios de embira.
Comprimento, 1^m,48.

- 86 a 100. Quinze flechas em canna delgada com puas de ferro, em feitio de lança, meia lua, arpadas, etc. No extremo opposto ornatos de pennas.
Comprimento de 0^m,73 a 0^m,80.

- 101 e 102. Duas eurabis, especie de azagaia, de arremeçar, delgadas de pau ferro, com a extremidade aguçada, tostada e ervada.
Comprimento, 1^m,50.

103. Aljava (*panaumari*) de palha em preto e amarello, envernizada com

unany, contendo doze frechas com as puas em ferro de feitio variado, presas com filamentos vegetaes a uma pequena haste de pau ferro e o resto do cabo de canna brava.

Comprimento, 0^m,80; das frechas 0^m,73.

104. Aljava (*panaumari*) de palha amarella com desenhos em preto, terminando n'um forro de tecido filamentoso. Tem dentro oito frechas, com as puas de ferro em fôrma de lança e as hastes de canna brava.

Comprimento da aljava, 0^m,46; e das frechas 0^m,68.

105. Aljava (*panaumari*) de coiro branco, contendo quatro frechas de pau ferro com as extremidades tostadas e ervadas.

Comprimento, 0^m,75.

106. Aljava (*panaumari*) de cairo lavrado e recortado, com a correia para se suspender a tiracolo. Tem dentro doze frechas com as puas de ferro em feitio de lança e as hastes de canna brava.

Comprimento, 0^m,74.

107. Aljava (?) de palha coberta de uma massa preta, de aspecto semelhante ao alcatrão. Contém immensas frechas de pau ferro, muito delgadas, palhetas.

Comprimento, 0^m,45.

108. Canudo de bambu contendo um tecido de palha, com cinco frechas, duas de pau ferro, tendo todas, enroladas n'um extremo, uma porção de samauma.

Comprimento das frechas, 0^m,30.

109. Tamarana clava ou maça, que de ordinario tem quatro faces, adelgaçadas e mesmo arredondadas para um extremo, que serve de cabo. São de pau muito rijo e pesado, com dois gumes e na sua superficie apresenta por vezes, como ornatos, varias gravuras. É usada como espada pelos gentios, que lhe dão tambem o nome de *tacapa*, e faz o serviço do *batu* das tribus da guijana e do *tomawach* dos americanos do norte.

110. Tangapema ou atangapema, chamada no Amazonas *cuidarús*, é a clava com a fôrma de remo ou de pá, de bordos aguçados. O cabo termina quasi sempre em feitio de lança.

Era esta arma que servia nas festas para esmagar as cabeças dos prisioneiros.

111. Clava de pau ferro em feitio de remo, toda coberta de laves.
Comprimento, 1^m,18.
112. Clava em fôrma de remo, o extremo aguçado e o cabo cylindrico.
Comprimento, 1^m,59.
113. Clava identica com 1^m,46.
114. Clava em pau ferro com feitio de remo.
Comprimento, 0^m,89.
- 115 a 122. Oito Clavas, de diversas madeiras, com um extremo mais largo e o outro ponteagudo. Algumas teem pequenos laves nas superficies.
Comprimento de 1^m,13 a 1^m,30.
- 123 e 124. Duas Clavas em pau arco alargando para as extremidades; na inferior alguns laves, e uma d'ellas tem enrolado no delgado fios de algodão.
Comprimento, 1^m,11.
- 125 a 129. Cinco Clavas de diversas madeiras rijas, e varios feitios, tendo algumas enfeites abertos a estilete.
Comprimento, de 0^m,85 a 1^m,10.
- 130 a 132. Tres Clavas em pau ferro, com quatro faces quasi eguaes, alargando para os extremos. No delgado, que serve de punho, teem enrolado fios de algodão d'onde sai uma azella para se introduzir a mão. Duas teem desenhos abertos.
Comprimento, 0^m,14.
- 133 e 134. Duas Clavas em pau ferro, delgadas e lisas.
Comprimento, 0^m,70.
- 134 a. Doze esgarávatanas de diversos tamanhos, sendo cinco ornamentadas com pennas, e outras com fios de *cipó-embé*. São ocos com uma das

extremidades formando bojo, e a outra mais delgada tem uma abertura quadrilátera, por onde assopravam as frechas.

Comprimento da maior, 1^m,60, e da menor, 0^m,80.

135. Lança inteiriça em pau arco com varios ornatos no extremo inferior. A divisão da parte ponteaguda com o cabo é formada por um bojo fendido longitudinalmente por duas aberturas, com apparencia de roca, a cavidade contém cinco pedrinhas, que produzem bulha ao manejar a lança.

Comprimento, 2^m,45.

136. Lança de pau ferro com o cabo todo enleado com fibras de *cipó-embé*. Na extremidade superior tem um estilete, da mesma madeira, tostado, e um canudo para o resguardar.

Comprimento, 2^m,22.

137. Lança com o ferro em feitio oval, todo aguçado, e o cabo tambem enleado com o *cipó-embé*.

Comprimento, 1^m,66.

138. Lança com o ferro oval, mettido n'uma fenda que tem o cabo de pau ferro.

Comprimento, 2^m,84; e do ferro 0^m,42.

Tecidos

Os gentios da America andam pela maior parte nus; mas pintam a pelle, chegando mesmo a retalharem-na com o dente de cutia, fazendo riscos em diversos sentidos, e introduzindo nos côrtes varias tintas, para, depois de cicatrizadas as feridas, não mais se apagarem. As mulheres, consideradas em condições muito inferiores ao homem, tambem se pintam de escuro com o genipapo, e de vermelho com o urucú; lustram o cabello com substancias oleosas; e usam fios de contas no pescoço, braços e abaixo dos joelhos, no logar das ligas, chamando a estas *tapaeurás*.

Nos climas frios cobrem-se com pelles de animaes, ou vestem tunicas de diferentes tecidos.

- 139 a 148. Dez tunicas de um tecido cortical, entrecasco de certas arvores (*liber*), de diversas côres, pinturas e tamanhos; algumas com mangas. Usadas pelos *Aimarás*, quer dizer *saccos*, alcinha que lle vinha de vestirem essas camisas.¹
149. Tunica de linho (?) grosseiro e muito pesado, cosida aos lados, deixando na parte superior abertura para passar os braços, e no centro um corte para enfiar a cabeça. Na frente tem em lavor varios ornatos do mesmo tecido. Parece ser fabricado de *turury* especie de canhamo, muito usado pela tribu Tecuna.
Altura, 0^m,54; largura 0^m,40.
150. Panno de tecido identico. Veiu junto com a tunica anterior da provincia de S. Paulo.
Altura, 0^m,98 por 0^m,93.
- 151 e 152. Duas tunicas (*aimarás*) com mangas, de malha muito elastica feita com fibras de embira.
- 153 a 155. Tres bornaes (*matiripis*) do mesmo tecido de malha, muito usados pelas tribus Miranha e Andirás, onde conduzem varios utensilios como as cannas afiadas para armar as flechas, o *tucum* para renovar as cordas do arco, etc.
Os tres bornaes são diversos no tamanho e enlases dos fios.
156. Pequeno bernal de malhada muito apertada, com fita para suspender.
Medindo 0^m,18 por 0^m,17.
157. Panno tecido de lã com riscas estreitas, de tres côres, castanho, amarello escuro e cinzento. Os peruvianos cobriam com estes pannos os mortos; foi achado n'uma sepultura em Alameay, doze leguas distante de Lima.
Mede 1^m,05 por 0^m,72; tem costura ao centro.
- 158 a 162. Cinco faixas de tecido cortical, de varios tamanhos, côres e pin-

¹ Muitas das tribus do Brasil tem nomes derivados de alcunhas, que traduzidas significam: caceteiros, (*Ubira-járas*); cabeças chatas (*Akan-pebas*); cabeças enrodilhadas (*Cuám-akan*); carregadores (*guaita-cá*); saltadores dos mattos (*ca-iapó*), etc., etc.

turas. Nas solemnidades funebres as carpideiras dos indios Manês envolvem-se n'estes pannos.

- 163 a 167. Cinco pedaços de tecidos de fibras vegetaes, diversos nas côres e textura, fabricados pelos gentios da America.
168. Tanga (*cucuhús*) de algodão, tinto de preto. Compõe-se de uma fita da largura de 0^m,05, d'onde pendem muitos cordões soltos, ligados inferiormente por uma trança, e terminando juntos aos dois e aos tres em borlas do mesmo tecido.
Comprimento 0^m,79; altura 0^m,70.
- 169 e 170. Duas tangas, formadas de rolos de cordões de algodão, de 1^m,57 de comprimento, acabando nas extremidades por oito bolas do mesmo tecido de cada lado. No centro, n'um espaço de 0^m,31, tem enrolado um fio delgado, d'onde pende a franja em fios torcidos, alguns com contas de vidro enfiadas. Usadas pelos Camacans *mongoyos* de Minas Geraes.
171. Tanga, feita de pequenas madeixas de pita, tintas de preto, enroladas com pennas por fios de embira, e todas presas a um cinto de algodão.
Comprimento 0^m,80; altura 0^m,46.
- 172 a 174. Tres tangas, cujo cinto é construido de rolos, contidos n'um tecido de palha em amarelo e preto com uns cordões de lã encarnada, d'onde pende vasta franja de palha tinta de preto, sendo cada filamento torcido e preso de espaço a espaço por fios vegetaes. No centro a franja desce mais.
Comprimento 0^m,95; altura 0^m,40.
175. Tanga (?) de coiro pintada em pequenos xadrezes, tendo no centro uma figura grotesca. O todo apresenta a fôrma triangular: a base na cintura mede 0^m,70, e os lados 0^m,64; no angulo inferior tem um furo.
- 176 e 177. Duas bolsas de tecido de malha, uma de tucum e outra de embira.
178. Bolsa de tecido cortical, *liber*, com cordões.
179. Taboleiro, contendo casulos de samauma, algodoin, algodão e fios ve-

getaes de varias côres, em meadas e novellos, fusos, fitas, amostras de tecidos, sementes, etc., etc. Das indias de Mojos.

180. Rede a que os indios da parte superior do Rio Negro dão o nome de *maqueras*. São tecidas com os foliolos das frondes do olho da palmeira *murity*, fiadas ou torcidas á mão, á maneira de fios grossos de algodão. Este exemplar não é trabalho propriamente indígena, mas obra já dos colonos imitando-os: é pintada com anil e urucú, e era ornada exteriormente com flores feitas de pennas, que a traça já destruiu.
181. Rede em cordões de cairo torcidos ligados com outros transversaes equidistantes, franzidos nos extremos, e nas bordas lateraes ornamentada com renda e borlas.
- 182 e 183. Duas redes (*kyçaba*), em cordões longitudinaes, seguros por outros atravessados tambem equidistantes.
As *redes* de algodão são chamadas pelos Tupinambas *inis*, e as cordas em que se suspendem nos postes *mussurâna*.
Estas *redes* são as camas dos indios.
184. Rolo de cordel, feito de fios de *airi-tucum* em trança, feita dos filamentos do coqueiro *airi*.
185. Rolo de cordel, de fios de *tucum* torcidos.
186. Rolo de cordel de fios de embira em trança chata, tendo preso uma laminasinha de madreperola, com um prolongamento de tartaruga muito traçada no extremo.
187. Rolo de cordel, de fios de *cipó-embé* com pequenas rodellas de concha.
188. Rolo de cordel de tucum e embira, torcido.
189. Corda, (*mussurâna*) tendo unidos varios fios com rodellas de concha e algumas contas de vidro.
- 190 e 191. Dois cabos fabricados de *quaxima* alcatroada.
Estas cordas e cordeis servem para a pesca e para os arcos. São extremamente resistentes.

Ornatos dos gentios

192. Trofa ou capa (*acoyaba*): tecido de malha em fios de embira, ligados com penuas amarellas, e junto á gola uma pequena barra de pennas encarnadas.¹

Altura, 1^m,43; roda 3^m,41.

193. Cabeção tecido de embira com penuas vermelhas, matisadas com rodellas de pennas amarellas.

Altura, 0^m,44, roda 1^m,46.

194. Capacete cujo casco é formado por tecidos de palha (cipó) tendo aos lados chanfraduras para as orelhas ficarem livres. Exteriormente é forrado por cordões enrolados por fibras vegetaes, da linha média antro-posterior partem uns supportes em arco, feitos dos mesmos cordões, sustentando a cimeira que mede 0^m,90, sendo a altura toda do capacete, 0^m,34.

195. Capacete apenas differente do anterior em os supportes serem rectos e não em arco.²

Todos estes tecidos ligados com as penuas são habilmente feitos, sendo dos mais notaveis os da tribo *Mundurucú*.

- 196 a 200. Cinco Cocares (*Açan-gatäre*, *acangatares* ou *kamitares*), compostos de pennas presas a uma faixa, que os chefes Apiacás usam na cabeça em dias festivos.

- 201 a 204. Quatro sandús, *kyranayka* ou charo, barrete ou coifa, feita de rede coberta de penuas de varias côres. Algumas teem um prolonga-

¹ Os reis de Sandwich usam uns mantos identicos (Oceania).

² Estes capacetes veem descriptos, com pequenas differenças, por L. Freycinet... *Historique du voyage autour du monde, 1817-1818*, também usados pelos chefes das ilhas Sandwich. Estes capacetes eram cobertos de pennas, que foram destruidas pela traça, e assim estão damnificadas muitas das preciosas peças d'este genero, que possuia o museu ethnographico da Academia.

mento que desce para as costas, e são enfeites usados nas festas pelos indios Uaupés e Uapixanas. O seu maior fabrico é nas margens do Amazonas.

205 a 211. Sete collares de pennas para ornamento, pertencentes a uma tribu do Maranhão.

212. Duas pequenas faixas cobertas de pennas com que os Uaupés costumam enfeitar os braços e as pernas.

213. Cinto, com pennas pendentes, para adorno das mulheres gentias por ocasião de festas.

214 a 220. Sete cordões de algodão cobertos de pennas vermelhas, enfeites muito usados pelos indios *Apiacás*.

221. Sceptro, engenhosamente coberto com pennas.

Os collares (*aincarás*) são muito usados pelos indigenas da America, que consideram alguns como distinctivos honorificos. Os feitos com os dentes de inimigos ou de animaes ferozes, e as suas garras, só podem ser usadas por aquelles que os mataram ou por suas mulheres: a esses collares dão o nome de *aincarás*, e por cada victima que fazem juntam-lhe, pelo menos, mais um dente. Os communs são variadissimos, nas substancias de que são compostos, como pequenos ossos, conchas, marmores, dentes de animaes, sementes, caroços, fructos lenhosos, contas, etc.

Algumas tribus teem como principal ornato o furar os labios, as orelhas e até as faces, chegando a fazerem sete buracos, onde introduzem bocados de madeira, pedra, resina, osso, barro cosido, a que dão diversos nomes, como de *metára*, *gnimato* e *houma*. Os das margens do Amazonas trazem mais uma pequena lamina de prata, circular, pendente de um fio do septo nasal.

Na quantidade e qualidade dos ornatos fazem elles consistir a sua principal prosapia.

222. Collar (*aincará*) de canudos pequenos de madeira preta intercalados com rodellas de marmore branco, augmentando as suas dimensões dos extremos para o centro. ¹

¹ N'um manuscrito mexicano vem a obrigação que tinha certa tribu de dar ao rei annualmente dez collares de pedras de diversas côres, a que chamavam *tchaltchihuitl*.

223. Collar (*aincará*) formado por treze pedaços de marmore rolado, pyramidaes, excepto o do centro, que é quadrangular. Estas peças vão diminuindo para os extremos, terminando a enfiada por cinco contas de côres de cada lado, e a junção dos dois fios é feita por tres contas grandes de vidro.
- 224 e 225. Dois collares (*aincarás*) formados por nove bocados de marmore branco e tendo nas extremidades seis contas de vidro azul.
226. Collar (*aincará*) de onze bocados de marmore, identicos aos anteriores, mas mais pequenos, e tendo nove contas de vidro.
- 227 e 228. Dois collares (*aincarás*) identicos, mas com sete bocados de marmore cada um.
229. Collar (*aincará*) composto de cinco peças do mesmo feitio, e tendo no final seis contas de côres.
- 230 e 231. Dois collares (*bures*) feitos de bocadinhos arredondados de concha, enfiados por um furo central: um pouco diversos na grossura e na côr.
232. Collar (*bure*) composto de duas enfiadas de bocadinhos redondos de concha, torcidas uma na outra.
233. Collar, n'uma grosseira fita de algodão entaçado, mas muito bem dispostas cinco ordens de bicos de *araçarís*.
234. Collar (*aincará*) diverso do antecedente na côr dos bicos de *araçarís* e em ter só tres ordens.
235. Collar (*aincará*) formado por quatro enfiadas de pequenas sementes fechando todas n'um cylindro de marmore branco, burnido e perfurado.
236. Collar (*aincará*) formado por trinta e seis vertebrae de um reptil.
237. Collar (*aincará*) composto de quatro ordens de busios (*cyprêa moneta*) furados e presos por fios em cinta de palha.
238. Collar (*aincará*) feito de uma faixa de algodão de 0^m,34 por 0^m,06 intei-

ramente coberta por dentes de macaco. Nos extremos tem cordões grossos para atar.

239. Collar (*aincará*) formado de uma enfiada de dentes de porco do matto da America (*sustayassu-pecari*). Usado pelos gentios do Rio Branco.
240. Collar (*aincará*), semelhante a uma palmatoria, com o cabo de osso comprido de ave. A parte espherica representa uma cara muito losca, com madeixa de cabelo, e dos lados pendem cordões entrançados de algodão grosso com pennas nos extremos, e do mesmo algodão é formada a parte que rodeia o pescoço.
241. Collar (*aincará*) composto de uma enfiada de contas brancas e pretas, tendo nos extremos dois tubos de canna terminando em rodellas, d'onde pendem elytros de besoiro.
242. Collar (*aincará*) de sementes tendo intercalado algumas contas brancas.
243. Collar (*aincará*) de rodellas de madeira de duas côres preta e branca, com furo central por onde passa um fio de algodão.
244. Collar (*aincará*) composto de pequenos tubos de madeira, recortados n'uma das bordas.
245. Collar (*aincará*), de pequenos tubos de osso, intercalados entre si com duas sementes escuras.
246. Collares feitos de quatro meadas de contas brancas de diversos tamanhos.
247. Collar feito de varias enfiadas de contas de vidro, a que os gentios chamam *puranga puera*.
248. Collar de uma especie de bogalhos, triangulares, com dois angulos mais salientes, e em cada face tres mamilos.
249. Collar feito com enfiadas de contas azues escuras, e azues claras, separadas á maneira de nó por oito contas grandes, brancas. Nos extremos do collar ha dois bogalhos.

250. Collar formado por sementes escuras intercaladas com bocadinhos de canna.
251. Collar de enfiadas de contas pretas.
252. Collar de enfiadas de contas azues.
253. Collar de pequenas sementes intercaladas de contas brancas e algumas azues.
254. Collar formado por pedaços de ossos compridos, separados por pequenos bogalhos.
255. Collar de tubos delgados de metal, separados por contas azues.
256. Collar de canudinhos de canna, separados entre si por sementes muito miudas.
- 257 a 259. Tres collares feitos de caroços ou lascas de fructos lenhosos, que agitados produzem o som de cascaveis.
- 260 a 263. Quatro collares formados dos dentes incisivos de macaco, pendentes de fios de algodão.
264. Collar, duplo, com enfiadas de dentes incisivos de anta (*tapirus terrestris*).
265. Collar formado com dentes molares de animal carnívoro.
266. Collar de fios de embira, com seis chapas delgadas de latão e varias contas de diversas côres.
267. Collar de fios de embira, com pequenas rodellas de madeira preta, como botões de camisa.
268. Collar de pequenas sementes em fio de embira.
269. Cinto de algodão ornado com pequenas sementes. Usado pelos gentios do Rio Branco.

270. Cinto composto de um cordão de algodão onde estão presas muitas metades de sementes em fôrma de campanula.
271. Cinto, em fita de algodão, com grande quantidade de caroços de fructos, que produzem o effeito de cascaveis.
272. Diadema (ou colar?) consistindo em uma estreita faixa de algodão a que estão presas cincoenta unhas de tigre, com as pontas voltadas para cima e para dentro. Dos extremos sahem cordões terminando em borlas para atar.
273. Diadema formado de fibras vegetaes escuras, presas por outros fios atravessados; no centro mais grosso vem gradualmente estreitando para os extremos. É usado pelas mulheres de Quienguer, e tambem pela tribu Teüs da Oceania.
274. Axorca em coiro arrendado com tres ungulas de ruminante.
275. Axorca em coiro com cinco ungulas de ruminante, menores que as anteriores.
276. Pingente de nephrite, que tem a fôrma cylindrica e é furado longitudinalmente.
Comprimento, 0^m,02,5.
277. Pingente de nephrite, com o feitio de cunha, tendo n'um dos extremos um furo.
Comprimento, 0^m,05.
278. Pingente composto de dez dentes incisivos de animal carnivoro.
279. Pingente formado de uma campanula de concha suspensa de cinco fios de contas brancas.
280. Pingente feito de um dente de porco com dois fios de contas pretas, tendo nos extremos, em cada um, um pequeno triangulo de madreperola.
281. Pingente composto de nove sementes pretas, enfiadas n'um cordão de embira, e um pequeno cylindro de marmore branco.

232. Pingente formado de dois pequenos cabaços ligados por uma correia.
233. Pingente feito de dois caróços (?) lavrados em riscos n'um cordão de embira com algumas contas.
234. Metâra ou gnimato, isto é duas argolas de madeira, que os indios introduzem nos furos que fazem nos labios.
Diametro 0^m,06.
235. Chapéu de folhas de palmeira, todo coberto por uma rede de filamentos de cipó, tanto a cópa como as grandes abas.
Diametro das abas 0^m,67.
236. Chapéu, cujo casco de palha grosseira, coberto de fios de *tucum*, tem duas barras, uma em volta da copa e outra na orla que serve de aba.
237. Chapéu de fôrma conica, feito de fios de palha torcidos e bem ligados entre si. Da copa prolonga-se do mesmo tecido uma especie de cupula, que alarga em bojo e termina superiormente em bico. A superficie exterior é pintada, representando figuras e barcos, e o forro é de *tucum* grosseiro.
238. Chapéu do mesmo feitio e tecido, mas diverso nos desenhos.
239. Turbante composto de um rolo de fibras vegetaes brancas e lustrosas, com parecências ás sedas do porco montez, cintadas por uma faixa de linho em riscas de côres. Usado pelos chefes indios do Mississipi.

Mascaras

Os indios Tecunas, que habitam as margens do Orenoque e do Amazonas, fazem das suas festas religiosas *poracez* uma verdadeira mascarada. N'uma especie de procissão figuram danças ¹ ao som do batuto, trombeta sagrada que

¹ A origem d'este divertimento é ignorada. Ha outras danças a que dão o nome de *guáos*, *urucapis* e *yeroqui*, onde tambem cantam as façanhas dos seus antepassados.

produz sons lugubres, e que elles acreditam ter a virtude de expulsar o mal, produzindo a abundancia nas florestas.

As mascaras são antiquissimas no Mexico. Quando Christovam Colombo chegou á ilha Hispaniola, já encontrou o seu uso n'aquelles povos, e essas engenhosamente construidas e ornamentadas com palhetas de ouro. As dos *Tecumas* são toscas, de formas variadas e muito originaes. Os artistas-selvagens procuram de preferencia representar n'ellas seres ferozes, tanto terrestres como maritimos, que pelo ridiculo só promovem o riso.

Estas mascaras são tecidas de cipós e besuntadas de breu, que depois de pintado tem o aspecto e a consistencia do papelão. As côres usadas na sua pintura são: o branco, amarello claro, encarnado, pardo e preto. Encontram-se de duas especies: de enfiar pela cabeça descançando nos hombros, ou para ser posta como chapéu.

Os exemplares, pertencentes á Academia Real das Sciencias, enviados a Madrid são:

290. Mascara representando o busto de um tigre com a bocca aberta, os dentes salientes, e pequenos braços estendidos.
- 291 e 292. Duas mascaras cabeças, que parecem de porco, sendo uma maior do que a outra.
293. Mascara figurando a cabeça de um animal, que não será facil classificar, com as orelhas fitas e os dentes feitas com palhas amarellas.
- 294 a 296. Tres mascaras imitando aves, especie de cegonhas com as azas abertas, sendo a maior de introduzir a cabeça, e outras duas para se collocarem como chapéus.
297. Mascara que arremeda a da baleia, tendo uma abertura grande na parte inferior para se introduzir a cabeça.
298. Mascara, cabeça que se assemelha á de uma rã, para collocar como chapéu.
299. Mascara representando um peixe atravessado sobre uma especie de barrete.
300. Mascara figurando uma cabeça humana, com grandes dentes pintados, faces proheminentes. Das narinas sahem dois feixes de fibras vegetaes,

e das orelhas pendem duas hastes com pedaços de caniços. É de introduzir na cabeça.

Ha também mascaras de cortiça e de madeira representando, ainda que com formas extravagantes, rostos humanos e de outros animaes. São pintadas, e algumas não tem aberturas para os olhos, narinas e bocca. D'estas possui o museu academico as seguintes variedades.

301. Mascara de cortiça, com beiços muito grossos, e nariz curvo de modo a vir a ponta metter-se na bocca. Em vez de testa apresenta uma meia mascara com olhos e nariz. Tem pinturas em preto, branco e encarnado, sendo guarnecido o nariz, e faces com laminas de mica.
Comprimento, 0^m,30.

302. Mascara em madeira muito grossa, que representa uma cabeça de urso (?), forrada exteriormente de coiro, com olhos, orelhas, e bocca guarnecida de dentes. Tem alguns labores.
Diametro na base 0^m,28.

303. Mascara de madeira, com olhos, narinas e bocca perfurados, guarnecida na orla da testa com uma fiada de cabellos. O rosto é pintado de encarnado e laivos pretos.
Altura 0^m,30.

304. Mascara de madeira, com a bocca e narinas abertas, mas sem communicarem para o outro lado, e os olhos fechados.

305. Mascara pequena de madeira, com os olhos perfurados, nariz chato, faces proeminentes, sobranceiras sahidas, e bocca sem comunicação para o interior, onde corresponde uma argola de tecido vegetal, para ser segura pelos dentes.

306. Mascara de madeira, inteiriça, com a forma de uma gorja, os olhos e testa ficam livres, no centro um nariz com os furos para facilitar a respiração, por baixo prolonga-se para deante uma faixa da mesma madeira, com 0^m,09 de largo e 0^m,71 de diametro.

- 307 e 308. Duas mascaras, formadas por manga de tecido cortical, tendo pintada em preto uma face com dois buracos, correspondentes aos olhos.

Ceramica

A antiga ceramica americana deve vir a occupar um logar especial e distincto entre as collecções de loiças mais apreciadas dos museus, e hoje será extremamente difficil marcar a origem e a epocha das differentes peças. Nas sepulturas de Aymaras na Bolivia, nas de Quichans nas costas do Perú, tem-se descoberto peças de fórmãs elegantes e perfectas misturadas com outras de feitos disformes e rudimentares. Das criptas ou tumulos, situados nas visinhanças de Mitla e Palenca, tambem se tem obtido algumas peças em barro duro vermelho e cinzento com pequenas palhetas de mica na sua contestura, e cobertas, quasi sempre, por um verniz silico-alcalino.

Nas escavações feitas em Gueguetenanco tem-se achado urnas e outros vasos notaveis pela perfeição do trabalho e ornamentação. Muitos até apresentam semelhanças com as faianças pintadas da epocha greco-egypcia, indicando esta serie de pequenos monumentos da antiga America a cultura artistica e intellectual de um povo bastante adeantado em civilisação, e desconhecido por tantos seculos na Europa, pelo que lhe chamaram tão impropriamente *Novo Mundo*.

Os americanos no fabrico da loiça procuravam imitar a natureza, o que se dava nos gregos, egypcios e etruscos; assim nos seus vasos representam a raposa, os peixes, figuras humanas, animaes mais ou menos monstruosos, o tatú com a carapaça cheia de figuras geometricas, etc.

Algumas peças tem syphão que o liquido percorre por pequenos canaes e diversos receptaculos, talvez no intuito de refrescar a agua, ou de a preservar dos animaculos imperceptiveis.

O barro, de ordinario, é muito fino, duro, vermelho, cinzento, negro ou amarelo e susceptivel de se lustrar pela fricção. Os vasos são, quasi sempre, ornados de gravuras abertas a estilete ou pintados (tanápicaçû), com desenhos em preto sobre os de barro vermelho, e de vermelho no barro amarellado.

Pelo typo e pela materia são divididas as ceramicas americanas em tres grupos, sendo o mais antigo attribuido á America central, principalmente a Copan em Guatemala, onde se tem descoberto, nas sepulturas, pratos, urnas de barro vermelho, incluindo algumas ossadas humanas envolvidas em cal, e outras muitas peças interessantissimas.

Para o fabrico da loiça que fazem os indios, destinada aos seus usos domesticos, nem todo o barro lhes serve. Antes de o manipularem provam-n'o e

só achando-lhe sabor azedo com alguma areia de mistura é que o consideram bom, pois não estando n'estas condições estala ao ser submettido ao fogo. Preparado o barro queimam a casca do *caraipé* (genero *caraipa* de flora *guyanensis*) e reduzida a pó muito fino que é misturado e amassado com a argila. Na falta da casca do *caraipé* empregam o pó das escorias do ferro, ou o dos cascos das tartarugas bem calcinado e moido. Sem este adubo dizem que a loiça fica sem consistencia e que filtra a agua. Disposta assim a massa de argila, sem roda nem machinismo, só com as mãos dão-lhe a fôrma que desejam, indo depois as peças á cosedura branda no *leyupá*, onde fica coberta de lenha a que lançam fogo e, terminada esta operação, a loiça ainda quente é pintada e coberta com a resina de *Intaicica*, que a envernisa. Para os vasos não darem á comida o sabor da resina, antes de se servirem d'elles, são expostos de bocca para baixo sobre algumas brazas, e assim queimada tem maior duração e perde o sabor do verniz.

As mulheres mais velhas são de ordinario as encarregadas das olarias.

As panellas de barro chamam *cumã*, e as pequenas servem-lhe de pratos ou de copos.

309. Vaso de barro com o fundo amarelado e coberto tanto interior como exteriormente de uma camada de materia lustrosa.

310. Urna funeraria (*iguachaba*) de barro pintado com varias listas vermelhas avivadas de preto, formando figuras geometricas: o bojo de fôrma espherica deprimida.

Altura 0^m,29, diametro da bocca 0^m,23.

311. Urna, com a mesma pintura da anterior, e no bojo varios riscos em preto.

Altura 0^m,23, diametro da bocca 0^m,29.

312. Urna variada nos ramos, mas as côres as mesmas.

Altura, 0^m,27, diametro da bocca 0^m,14.

313. Urna, com ramos pintados em encarnado e preto, tendo duas pequenas azas sobre o largo bojo.

Altura, 0^m,23, diametro da bocca 0^m,15.

314. Urna com tampa e ramos encarnados e pretos. Tem duas azas lateraes que vão prender ao gargalo, que alarga para a parte superior, onde mede o diametro de 0^m,15.

Altura 0^m,32.

- 315.** Urna com tampa, tendo na superficie varios ramos e flores em vermelho e preto, e duas azas lateraes que partem do bojo ao gargalo, medindo o diametro de 0^m,14.
Altura, 0^m,28.
- 316.** Vaso tendo pintados varios ramos em vermelho e preto, duas azas lateraes que se vão ligar a um arco, e por baixo um tubo cylindrico horizontal, aberto em ambos os lados, communicando para o interior do mesmo vaso.
Altura 0^m,31.
- 317.** Vaso tendo o fundo em amarello muito desvanecido com pinturas em vermelho e preto: o bojo fórma quatro divisões semi-esphericas, constituindo um todo no interior, e o gargalo alto com duas azas lateraes.
Altura 0^m,22.
- 318.** Vaso com tampa: as pinturas em vermelho e preto, representando varias figuras grutescas; duas cobras em relevo como subindo pelo vaso; e duas azas lateraes.
Altura 0^m,20, diametro da bocca 0^m,10.
- 319.** Vaso com tampa: varios ramos em vermelho e preto; dois corcodillos em relevo; e ao lado duas azas.
Altura 0^m,21, diametro da bocca 0^m,10.
- 320.** Tres covilhetes, com varias pinturas em vermelho e preto, cada um com quatro pés, furados na junção, onde estão presas umas pequenas borlas de lã em côres.
Diametro 0^m,16.
- 321.** Vaso pequeno, representando um sapo (?) de bocca aberta, tendo no dorso em relevo uma cobra; o todo em riscos vermelhos e pretos.
- 322.** Dois vasos reunidos por dois septos: o de baixo em fórma de tubo communica os dois bojos, que são circulares nas quatro faces antero-posteriores, onde tem como ornato riscos pretos mais ou menos tremidos, cada um com o seu gargalo; o da esquerda, sem abertura, representa uma figura grutesca de face; junto ao braço parte o outro septo, que serve de aza, e vai prender-se ao gargalo da direita, que é cylindrico

e communica com o interior. Este vaso de barro igual aos antecedentes é originario do Perú e tem o nome de *guainacaba*.

Altura 0^m,25.

323. Taça, de barro identico, tendo exteriormente junto ás orlas uma tarja pintada em preto, e na borda um pequeno pediculo.

Diametro 0^m,11.

Em barro preto

324. Vaso, formado de duas peças ligadas e communicadas pelo bojo, encimando o esquerdo uma cabeça de mulher com os pequenos braços estendidos. Nas quatro faces dos bojos estão gravados, em fundo pontuado, dois *II* entre duas aves (*ibis*) e nos enxergos tres crescentes. A peça da esquerda termina superiormente por um tubo cylindrico, de onde sai a aza que vai ligar-se á parte posterior da cabeça, onde tem um pequeno furo, e ao assoprar-se produz o som do apito.

Altura 0^m,18.

325. Vaso tendo a base com as faces superior e inferior achatadas, e em cima um macaco assentado comendo um fructo. Das costas parte um arco que vai ligar-se ao extremo da base, e da curva prolonga-se o tubo cylindrico que communica com o interior.

Altura 0^m,20 por 0^m,16 de comprido na base.

326. Vaso de base quadrada tendo em cima um macaco sentado, segurando nas mãos um fructo, das costas sai um arco que vai terminar na borda da base, e na curva tem um tubo vertical, havendo no angulo que fórma, em relevo, um pequeno animal da mesma especie. Este vaso foi encontrado no Perú em um sepulchro.

Altura 0^m,23.

327. Vaso representando tres idolos aztéques, sentados de face: ao maior que está no centro prende a aza, que tem na curva o tubo cylindrico, e no angulo que fórma, um pequeno macaco em relevo. É originario do Perú.

Altura 0^m,24.

328. Vaso figurando um macaco assentado, com dois pequenos furos, um

no alto da cabeça e outro no extremo da cauda, prolongando-se esta de modo a servir de aza.

Altura 0^m,18.

- 329.** Vaso com a fôrma de vacca deitada, com os braços e as pernas ligadas juntas: em cima um arco, partindo da curva um tubo vertical, por onde se communica com o interior.

Altura 0^m,18.

- 330.** Vaso, em feitiço de corcodillo (tosco), tendo no dorso um gargalo curto. Comprimento 0^m,29.

- 331 e 332.** Dois vasos unidos pela base e gargalos, mas que só communicam pelos bojos, que são esphericos. Um dos gargalos está tapado por uma pequena ave, que tem atraz da cabeça um furo: o outro é cylindrico e aberto para o interior. Apito.

Altura 0^m,16.

- 333.** Vaso de bocca larga que vai gradualmente estreitando para o fundo; de um lado estende em relevo qualquer bixo, sobresahindo a cabeça á borda, para servir de péga.

Altura 0^m,14, diametro da bocca 0^m,12.

- 334.** Vaso, representando uma preta bem penteada, com o bocal no vertice. Os braços, apoiados no bojo, formam as azas. O barro é muito fino e lustroso.

Altura, 0^m,20.

- 335.** Vaso, representando tambem uma preta, mas de trabalho mais imperfeito. Tem bocca de grossos beiços, braços estendidos sobre o bojo, mãos muito espalmadas, peitos salientes e orelhas furadas. Na parte posterior da cabeça está a abertura.

Altura 0^m,26.

- 336.** Taça tendo na orla exterior uma serie de pequenas marcas furadas, feitas de concha, enfiadas por um cordel n'uns buracos que tem o barro. A face interna é pintada de encarnado, e tanto esta como a superficie exferna tem varias figuras geometricas, abertas a estilete, e os vincos cobertos de uma massa branca.

Diametro 0^m,28.

337. Taça, com os mesmos ornatos da anterior, e os bordos chanfrados.

Diametro 0^m,24.

338. Taça, do mesmo typo sem as marcas de concha.

Diametro 0^m,22.

339 a 345. Sete taças do mesmo barro e feitio, mas variadas no tamanho e desenho.

346. Idolo em argilla ferruginosa, representando uma mulher assentada, com a perna esquerda traçada sobre o joelho direito, as orelhas furadas tendo preso um fructo, os olhos em branco, e na cabeça diadema com pingente para a testa, collar e varios ornatos pelo peito. Faltam-lhe os braços.

Altura 0^m,13.

Em barro vermelho

347. Vaso composto de tres peças unidas a par com fôrma de cabaças. A do centro, maior, tem o gorgallo; pelo bojo communicam-se as tres peças, que no exterior são pintadas com riscos e pontos em vermelho mais escuro.

Altura 0^m,21, largura 0^m,26.

348. Corcodillo tendo para o interior apenas dois pequenos furos nos extremos; no dorso pinturas toscas.

Comprimento 0^m,30.

349. Vaso de barro muito fino, como o saguntino, n'uma base, com feitio de tigela, vem descansar em direcção obliqua, de cima e de dentro para baixo e para fôra, tres vages com sementes, formando aza uma outra parte. Da junção superior sai um tubo cylindrico que é o gargalo.

Altura 0^m,20.

350. Frasco cylindrico, n'um extremo de menor diametro o gargallo sobre a cabeça de um animal com colleira de embira e chapas de latão, onde prende o cordão, indo a outra extremidade d'este atar no fundo a um pediculo que tem a base. O cordão serve para o segurar a tira-collo.

Peças de cerâmica

pertencentes ao musen da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

Em barro vermelho

351. Figura de face, sentada sobre os calcanhares: as mãos abertas estendidas sobre as coxas; varios collares e ornatos cobrem-lhe o peito; dois pingentes lateraes terminam em cabeças de cobra; no ventre um S; na cabeça quatro palmas com variados enfeites; e na testa uma marca circular. Achada no Perú.

Altura 0^m,30.

352. Vaso representando um animal mamífero, de pernas curtas, tendo sobre o dorso a aza em fôrma de arco com um tubo por onde communica com o interior.

Em barro preto

353. Figura de guerreiro sentado, de face, com os cotovellos apoiados nos joelhos, a mão esquerda sobre o peito, e a direita levantada com um objecto fechado na mão. Tem grandes ornatos que lhe descem do pescoço até ao ventre, e na cabeça diadema e tapa-nuca que lhe desce pelas costas. No alto da cabeça fica a abertura para se encher de liquido. Encontrada no Perú.

Altura, 0^m,25.

354. Vaso com a metade inferior em gomos e a superior cylindrica. Encontrado no Mexico.

Altura, 0^m,17; diametro 0^m,06.

355. Vaso representando uma concha bivalve sobre uma peanha: dos bordos nasce a aza tendo na parte superior um tubo para vasar o liquido. Achada no Mexico.

Altura, 0^m,22.

356. Vaso com a figura de côco, sahindo da parte superior um gargallo com duas pequenas azas lateraes.
Diametro, 0^m,52, altura 0^m.22.
357. Vaso com a fórma de um macaco deitado, tendo seguro com as mãos um pequeno animal da mesma especie; por cima tem a aza curva, sahindo de um tubo vertical, para introduccão do liquido. Do Mexico.
Comprimento, 0^m,18, altura 0^m,17.
358. Tigella de barro muito grosso e de feitio tosco, tendo tres pés e no bordo uma pequena chranfradura. Mexico.
Diametro, 0^m,19, altura 0^m,08.
- 358 a. Apito: figura grutesca; além da cabeça apenas se lhe veem os braços e pontas dos pés, em frente de um corpo espherico, na parte superior a aza d'onde sai um tubo.
Altura 0^m,18.

Em barro diverso

359. Apito espherico com varios furos e ornatos. Mexico.
360. Pequena figura com as duas mãos apoiadas n'um tamborete, a cabeça e peito muito ornamentadas, e dois furos correspondentes aos sovacos. Mexico.
Altura, 0^m,11.
361. Outra figura, differente na côr do barro e ornatos da cabeça, que são menores, o peito liso e as mãos postas. Mexico.
Altura, 0^m,13.

Pecas de ceramica pertencentes ao sr. Ramalho Ortigão

362. Taça pintada por dentro com ornatos em vermelho: por fóra, em fundo preto, adornada com faixas vermelhas marginadas em branco por linhas gravadas; na borda, pelo exterior uma enfiada de contas bran-

cas e azues. Pertenceu ao cacique Vanhita, da tribo dos Cadiucos na provincia de Matto Grosso.

Diametro, 0^m,39.

- 363.** Taça ornamentada com pinturas só por fóra, e coberta com uma camada de verniz.

Diametro, 0^m,15; altura 0^m,06.

- 364.** Taça, de barro grosso e amarellado, partida em tres pedaços e faltando-lhe um: ornatos pintados em castanho só no exterior.

Diametro, 0^m,16.

- 365.** Bacia, o interior todo pintado em amarello com ramos de varias côres. Parece ceramica asiatica.

Diametro, 0^m,23.

Varios artefactos

Os indigenas americanos, além dos cascaveis com que guarnecem os braços, pernas, cintura e o bastão (*pococâbas de quaruçú*), onde tambem prendem fructos lenhosos, tudo para produzir grande bulha quando os agitam nas danças, possuem instrumentos musicos, cuja harmonia (?) só pode agradar e ser supportada por aquelles rijos timpanos. Variam mesmo nas diversas tribus: assim, nos *Pinauhîny*s é a busina de barro que os *Uaupés* substituem pelo craneo do veado d'onde tiram sons muito agudos, além d'estes usam o *toro*, flauta feita de *taquára* (cana brava); a *utapu* ou *uatapy*, busio que lhe serve de instrumento; *cuntchun*, *cocano*, busina arranjada da cauda do tatu grande (*dasypus*); *janupia*, a trombeta guerreira; *porongas*, cabaça grande onde tocam com vaquetes na festa do *Sairé*, e outros mais ou menos extravagantes que seria longo citar.

- 366.** Gaita (*mimbî*), feita da tibia de uma onça, com seis furos, tendo presos quatro fios de contas pretas e brancas como ornato. Usadas pelos indios *Uaupés*.

Comprimento, 0^m,17.

367. Apito singelo, feito de um osso comprido, tendo na extremidade um caroço furado.

Comprimento 0^m,34.

368 a 373. Seis apitos dobrados, de varios tamanhos, tambem construidos de ossos compridos de animal mamifero ou mesmo de ave, ligados no centro ou no extremo inferior, onde teem um pequeno fructo lenhoso.

Comprimento entre 0^m,17 a 0^m,32.

374. Chocalho (*maracá* ou *kechicheh*): dois fundos de cabaços com as concavidades voltadas uma para a outra, tendo na borda pequenos furos para se fecharem por meio de um fio, e no centro uns buracos por onde passa o cabo de canna, ennastrado por fios de algodão e embira. Mettem-lhe dentro pedras pequenas para, quando agitado, produzir som semelhante ao das nossas matracas. Nas tribus do Mexico tem o nome de *Ayacaztli*.

375. Gaita pequena dos *Dabucuris* ou festas do diabo, com dois furos.

Comprimento 0^m,12.

376. Apito: concha de um mollusco univalvo de agua doce (*ampullaria*), a que adaptaram um pequeno tubo de osso, no lugar onde deveria estar a espira para formar pelo assopro o som. Na bocca ainda se observam restos de substancia resinosa para segurar alguma tampa com um ou mais orificios.

377. Apito: canna delgada com 0^m,22, tendo n'um dos extremos, pegado com pez, uma especie de caroço, furado no fundo; no outro extremo a canna é aberta formando duas palhetas.

378. Tubo de madeira, cuja extremidade mais grossa tem a fôrma de boccal de clarinete. É todo enleado com fibras de *cipó-embé*, intercaladas com chapas de latão lavradas, e anneis do mesmo metal, de cobre e ferro. Junto ao boccal tem uma azelha de coiro.

Comprimento 0^m,31.

379. Tubo de cana, tendo na extremidade um pequeno cabaço oblongo com um furo no fundo.

Comprimento 0^m,70.

380. Outro com a canna toda enleada com fios de algodão.

Comprimento 0^m,69.

380 a. Outro tubo também enleado com fios de algodão. O cabaço é maior, com a fôrma pyramidal e está preso com pez.

Comprimento 0^m,73.

Estes tubos são usados pelos indios Múras para tomar o tabaco *Paricá*.¹ Depois de reduzido a pó fino é deitado no cabaço que applicam a uma das narinas, e outra pessoa assopra com força pela extremidade opposta. O effeito que produz assim o tabaco é muito violento, chegando por vezes a fazer perder os sentidos, e promove sempre grandes descargas da pituita. Além dos tubos de caniços também empregam as hastes delgadas, que sustentam a fortificação das palmeiras—*Marajá* e outras! Algumas vezes reúnem dois tubos, como é mais vulgar, duas tibias do gavião, applicando um dos seus extremos no pó do *paricá*, e o outro ás narinas, e assim o vão aspirando moderadamente. O *paricá* é também substituído pelo *pango*, tabaco africano.

381. Cachimbo de pau ferro, representando um leão agachado. Tem atraz o fogão para queimar o tabaco, forrado de chumbo, e entre as mãos do animal o furo para introduzir o tubo.

Comprimento 0^m,18.

382. Cachimbo de ebano, com o fogão forrado de chumbo, haste torcida, tendo no extremo o furo para o tubo.

Comprimento 0^m,29.

383. Cachimbo de madeira coberta com laminas de prata lavrada, tendo tres carrancas em volta do fogão, a haste torcida, e pependentes duas cadeias com tenaz e o estilete do mesmo metal.

Comprimento 0^m,26.

384. Cachimbo em barro preto todo cheio de labores: tubo de madeira pintado a vermelho e preto, e na extremidade uma annilha de metal.

Comprimento 0^m,88.

¹ O *paricá* é o fructo de uma arvore, que os gentios depois de torrado reduzem a pó fino. É muito usado pelas tribus do Amazonas.

385. Cachimbo de madeira, formado por duas hastes, uma vertical de 0^m,08, outra horizontal de 0^m,13: na junção um pingente de palha, e o resto ornado por tecidos de *tucum* e *piassaba*.
386. Cachimbo: canudo de canna, fechado n'um extremo; quasi ao centro um furo onde introduz o tubo, que serve de fornalha, tendo proximo outra abertura quadrilonga, que divide em parte o interior da canna; o extremo opposto, por onde se fuma, é enrolado com *cipó-embé*.
Comprimento 0^m,30.
387. Cachimbo: pequeno tubo afunilado de 0^m,07, com a ponta lavrada. No meio tem um furo, onde se introduz um pipo curto.
388. Cachimbo: o tubo de canna, que no extremo prende com arames outro tubo conico de barro preto, com a superficie ornamentada em bicos (quebrado).
Comprimento da canna 0^m,82, e do tubo 0^m,15.
Os gentios usam tambem encher um canudo de canna com folhas de tabaco, dando-lhe fogo por uma extremidade e fumando pela outra. Chamam-lhe charuto (*p'tybába*).
389. Pente: rolo de canna coberto por filamentos de palha, atravessado, de lado a lado, por uma série de dentes feitos de madeira rija e preta (pau ferro?), dispostos com a maior regularidade e segurança. Dos extremos da canna pendem seis fios de embira torcida com varias pennas.
- 390 e 391. Dois pentes tambem quadrilongos mas sem os fios pendentes.
- 392 e 393. Dois pentes só com uma ordem de dentes, seguros com fios de algodão formando deseños com feitiços diversos.
394. Pente, haste de canniço de 0^m,29, enleada por *ipó-embé*. No centro, occupando apenas a quinta parte, estão os dentes de madeira rija, seguros por fios entrançados de embira e pez. Como suporte outra canna do mesmo tamanho ligada á outra por cordeis.
395. Pente feito de oito laminas de madeira amarellada, no comprimento de 0^m,16, apertadas n'um extremo por fios torcidos de embira, e no outro abrindo em leque formando os dentes.
(Estes são tambem usados pelos *Tongatabou* e *Papous* da Oceania).

- 396 a 398. Tres cuias de cabaços inteiros com tampa, variadas nas pinturas e nas gravuras. Duas tem as tampas presas com fitas de seda, e na orla de uma está inscripto FABRICA DA CIDADE DE S.^{TA} MARIA DE BELEM DO GRAM PARÁ.¹
- 399 e 400. Duas cuias com as bordas em gomos e pintadas com diversos desenhos a côres.
- 401 e 402. Duas cuias de fôrma oval, pintadas de varias côres. Uma tem no centro do fundo um coração, e dentro, em duas linhas AMOR-FIRME.
- 403 e 404. Duas cuias, tambem de fôrma oval, mas cujos lavores são abertos a estilete em fundo preto.
405. Cua periforme, pintada exteriormente com flores e aves, a parte delgada é a tampa, estando segura com fitas de seda.
406. Cua grande e sem pinturas nem lavores.
Diametro, 0^m,23.
- 407 a 409. Tres cuias de varias pinturas e tamanhos, entre 0^m,11 e 0^m,16.
410. Pucaro feito de um cabaço, com um prolongamento que serve de cabo. O bojo oval tem um buraco, ornado em volta de bordaduras em fios de arame muito fino, e no fim do cabo um furo por onde bebem o liquido.
Comprimento do todo 0^m,28.
- 411 e 412. Dois pucaros de fôrma semi-espherica com varias pinturas.
- 413 e 414. Dois cabaços de feittio oblongo, tendo na superficie lavores abertos a estilete e cobertos os vincos com uma tinta branca. Servem para conter liquidos.
Comprimento, 0^m,11 e 0^m,19.

¹ A *cua* é o todo ou parte do cabaço (*cuité*), tirado o miolo e as pevides. Era trabalho especial dos indios Uaupés do Amazonas: depois foram fabricados pelos europeus colonisadores, mais perfeitos nas pinturas e gravuras, e parece-nos, pelo typo, que a maior parte dos que vão aqui descriptos tem essa procedencia.

415. Outro exemplar com pinturas em preto e 0^m,08.

416 a 418. Tres pequenos cabaços, cada um com dois furos por onde enfiam umas hastes, sendo tanto estas como os cabaços pintados com desenhos a côres. Não conhecemos o seu uso.
Comprimento, 0^m,24.

419. Cabaça pequena com depressão circular no meio, coberta com folhas bordadas a fios de arame. Superiormemente tem um furo com rolha.
Altura, 0^m,10.

420. Tubo de cana delgada do comprimento de 0^m,20, coberto por filamentos de *cipo-embé* e palha. No extremo tem uma especie de filtro de fórma espherica, feito de fibras vegetaes engenhosamente tecidas. Na parte superior n'uma argolinha do mesmo tecido prende uma fita de seda. Serve para tomar a infusão do mate.

421. Anzol (*pinda*) de osso com 0^m,20 de comprido, tendo dois arpões no extremo e dois furos na outra extremidade. Conserva ainda ahi introduzido um fragmento de corda de *embira* (casca filamentosa de uma especie de cecropia).

422. Anzol (*pinda*) de madeira, grande e muito curvo. N'um extremo, posto obliquamente, tem um osso muito aguçado, ligado com filamentos de *embira*, na outra haste prende a corda.

423 e 424. Dois anzóis (*pindas*) identicos, mas de menores dimensões.

425. Anzol (*pinda*) de osso com arpões, suspenso por cordel a uma haste de madeira, que termina n'outra transversal.

426. Anzol (*pinda*) de osso, formado por duas peças, sendo n'um extremo ligadas fortemente por fios de *embira*; as outras extremidades afastadas, uma muito aguçada para prender a isca e a outra a corda.

427. Anzol (*pinda*) de madeira, um pouco curvo: no extremo, como presa, um dente de peixe (*piranha*).

427 a. Anzol haste de ferro perpendicular com dois arpões.

Os indios chamam ás pescarias feitas com anzóis *pindámonhangaba*.

428. Balaio (*Samburd*) tecido de palha amarella e preta, quadrilongo, fortificado nas bordas por caniços ligados por filamentos de *cipó-embe*. São duas peças eguaes no feitto, servindo a maior de tampa.
429. Balaio de palha amarella e preta, periforme, com tampa.
Comprimento 0^m,40, altura 0^m,18.
430. Carteira feita de folhas de palmeira cobertas de filamentos de cipó. A aba cobre uma das faces, e dos lados infiam os cordões para a collocar a tiracollo.
Largura 0^m,25 por 0^m,15 de altura fóra a aba.
431. Um quadrado de tecido de palha, sustido pelas orlas por quatro varinhas de pau ferro. Ignoramos a sua serventia.
Dimensões 0^m,45 por 0^m,48.
432. Tepetim ou tipity: especie de joeira, formada por um canudo de palha, com 1^m,62 de comprimento com duas azelhas nos extremos, uma horizontal e outra vertical. Servia tambem para expremar a polpa da mandioca ralada.
Comprimento 0^m,59.
433. Canudo de cana, coberto de palha enastrada com tiras de *tucum*.
Comprimento 0^m,25.
434. Canudo de palha muito fina engenhosamente tecida em desenhos, com um annel de *tucum* n'um extremo.
Comprimento 0^m,19.
435. Alcofa feita de cipó.
Comprimento, 0^m,48 e altura 0^m,17.
436. Modelo de um barco de palha usado no Mexico nas viagens costeiras, com dois mastros que sustentam uma vella quadrada tambem de palha. Não pode sossobrar.—Pertence á Real Associação de Architectos e Archeologos Portuguezes, por dadiva do sr. conde de S. Januario.
Comprimento 0^m,60 e na maior largura 0^m,08.
437. Duas tiras delgadas de pau ferro, dividindo-se verticalmente cada uma, a

meia altura, em seis partes eguaes, que se vão ligar de um lado e outro a uma pequena haste de madeira. Ignoramos o seu uso.

Comprimento 0^m,70.

438. Kekroks ou trocano, canudo tirado da arvore *taquarassu*, serve para conter liquidos.

439. Boceta feita de dois pequenos canudos de folha de madeira, sendo o que serve de tampa um pouco mais largo. Na junção com os fundos teem rolos formados por cordões de embira, presos por fibras de *tucum* e pez. Cinco fios torcidos tambem de embira, seguros no extremo, servem para ser posta a tiracollo.

Comprimento 0^m,15.

440. Boceta grosseira de madeira com tampa: a superficie exterior com incrustações de marfim, representando no bojo oito figuras em pé com os braços abertos. Parece-nos mais ser trabalho africano, e servir para guardar tabaco.

441. Laço formado por tres tiras de coiro, tendo presas nas extremidades bolas de chumbo. Pertence aos *gaúchos* do Rio Grande do Sul.

Comprimento 1^m,28.

442. Corda de *cipó-embé*, bifurcando nos extremos, onde adelgaça e é toda enleada por tiras de coiro cru em espiral.

Comprimento do todo 2^m.

443. Remo de canôa pequena (*moptama?*)—*purar gacça*. A pá de fórma circular é ornamentada em ambas as faces, e o cabo termina n'uma meia lua.

Comprimento 0^m,73, diametro da pá 0^m,24.

444. Duas agulhas de pau ferro com furos nos extremos.

A maior mede 0^m,26 e a menor 0^m,23.

445. Cinco agulhas de pau arco.

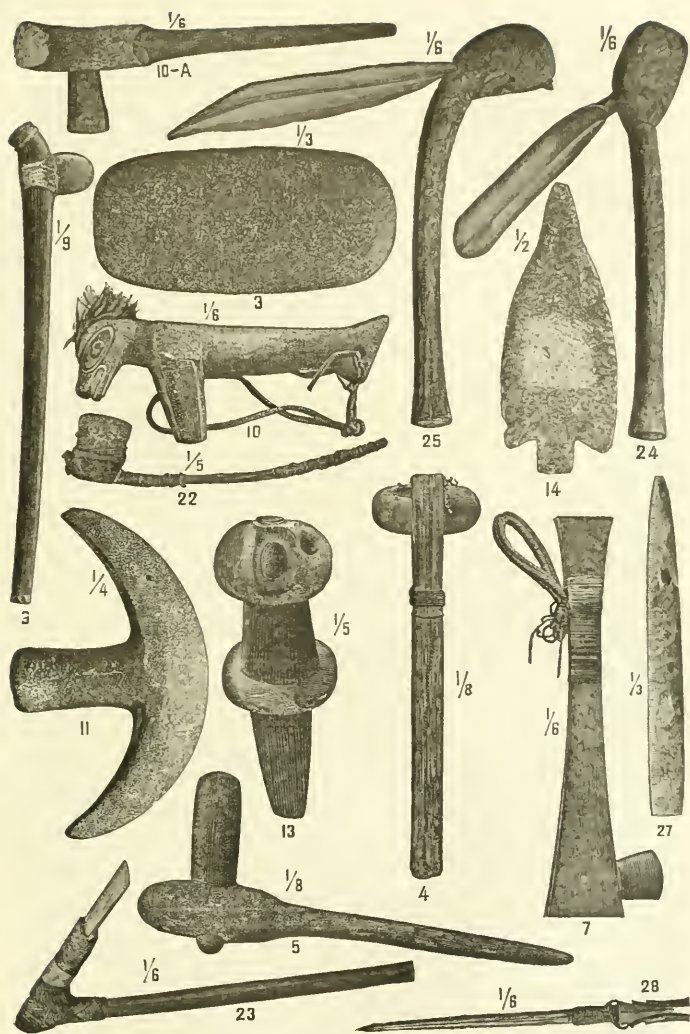
A maior mede 0^m,18 e a menor 0^m,14.

Servem estas agulhas para fazer a malha das redes.

446. Duas agulhas feitas de tibias de macaco, aguçadas n'um extremo, empregadas em tecer os balaies de palha.
Comprimento 0^m,17.
447. Cinco laminas de canna, unidas e dispostas em sentido horizontal, presas pelos extremos a duas outras verticaes.
Comprimento 0^m,17.
448. Dezoito tiras de canna muito delgada, sobrepondo n'uns fragmentos de madeira e o todo coberto por fios de embira ennastrados.
Comprimento 0^m,16 por 0^m,11 de largura.
449. Treze espinhos de *mandacarú* ou *xiquizique* de diversos tamanhos.
450. Vinte e tres espinhos do mesmo *mandacarú*, muito finos, semelhantes a alfinetes.
451. Vinte e tres espinhos de uma arvore da Foz do Rio Madeira: o maior mede 0^m,20 e o menor 0^m,08.
452. Colher em pau ferro, o cabo tem a fôrma do busto de um animal (jacareo?), tendo no dorso tres pontos embutidos de madreperola e varios ornatos abertos na madeira. A pá é um quadrilongo com uma gotteira lisa no sentido longitudinal, nas bordas tambem com labores, mas no reverso toda lisa. Serve para mecher o *aipim* e a mandioca.
Comprimento 0^m,36, largura da pá 0^m,11.
453. Instrumento: uma haste de madeira, tendo preso na extremidade um pedaço da dentadura de cação (*socorî*), seguro com pez e filamentos de *cipó-embé*.
Comprimento 0^m,22.
454. Instrumento: especie de goiva, tendo n'uma haste de madeira um dente de cotia, seguro com pez e fios de embira.
Comprimento 0^m,23.
455. Outro exemplar identico.
456. Outro exemplar, differente em o dente de cotia estar preso a um pequeno pau e este encavado no femur de macaco.

457. Espora de ferro com grande roseta de oito bicos. Recortes e furos para se segurar com correia.
Comprimento 0^m,33.





Além dos numeros que indicam a redução, vão tambem os que correspondem a descripção no catalogo.



Nau portuguesa copiada de um Portulano do XVI século

ESTUDOS

SOBRE

NAVIOS PORTUGUEZES

NOS

SEculos XV E XVI

POR

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Capitão-tenente da Armada
Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa



ESTUDOS

SOBRE

NAVIOS PORTUGUEZES

NOS

SECULOS XV E XVI

DUAS nações compartilham a gloria da mais fecunda e transcendente revolução de que rezam os annaes da humanidade. Dois povos irmãos, do extremo sudoeste da Europa, lograram conquistar para a civilização mundos inteiros desconhecidos e preencher o mappa-mundi com mais de tres quartas partes do globo inexploradas. Em presença d'este facto culminante, toda a apregoadá fama dos grandes conquistadores se esvae como um fumo, embora resplendente, e os nomes de D. Henrique, de Colombo, de Gama e de Magalhães offuscam a velha e tradicional gloria dos Alexandres e dos Cesares. O seculo xvi apparece á nossa vista deslumbrada como uma epocha de semideuses, que, por mares nunca d'antes navegados, parece realizarem o velho mytho da Grecia, libertando audaciosamente o Prometheu, acorrentado á negra rocha do Mysterio. E apodera-se de nós um colossal orgulho, ao lembrarmo-nos de que foram nossos antepassados os gigantes que realizaram esse milagre sem precedente, que foram irmãos nossos de Hespanha que tão gloriosamente os secundaram na senda fulgurante por elles aberta. Clame muito embora os seus threnos desesperados o poeta florentino, recordar o passado é para nós um supremo conforto para as angustias do presente. Quando nós, os portuguezes, soletamos essa pagina radiante da nossa histo-

ria, parece que o sangue dos heroes, derramado pelo universo inteiro, vem alentar o nosso organismo depauperado, e, tristes comparsas de uma comedia mesquinha, como que nos sentimos actores n'essa epopeia gigantesca.

Na arte de navegar repousa o primeiro fundamento da nossa gloria. O navio é pois o primeiro elemento de estudo para quem pretende traçar a historia d'essa epocha. Resumindo n'esta memoria alguns apontamentos que para trabalho de maior folego tenho colligido no decurso de dois annos, creio que o meu subsidio, embora modesto, se acha dentro dos limites da homenagem prestada ao inclito navegador cujo nome se consagra. Das primeiras explorações maritimas dos portuguezes deriva a grande corrente civilisadora que no seculo xvi abraça o mundo. Por isso, o navio portuguez é o mais antigo soldado d'essa campanha sublime. Estuda-o é estudar o primeiro dos elementos que no espirito de Colombo deram corpo á maravilhosa visão de um mundo occidental.

No presente trabalho, fructo ainda não sazonado de demoradas e patientes investigações, falta por vezes a concatenação methodica, e sempre o abranger as notas dispersas n'um largo trabalho de synthese. Sei que não é licito exigir tanto de uma simples memoria, mas lamento não poder na actual conjuntura, forçado pelo tempo, apresentar trabalho mais completo e mais solido. Limito-me a reunir todas as notas, ou absolutamente ineditas, ou ainda não colligidas pelos archeologos, sobre cada um dos typos de navios mais usados pelos portuguezes durante o periodo das descobertas, evitando repetir o que a tal respeito se acha compilado em obras de vasta erudição constantemente manuseadas pelos estudiosos.

Para quem desconheça absolutamente as difficuldades a vencer em obras de investigação historica, sobretudo n'um paiz onde não abundam os estudos subsidiarios, e principalmente ainda em materias tão falhas de documentos authenticos como a archeologia naval, não será facilmente comprehensivel o trabalho que representam as escassas conclusões a que cheguei. Aos que podem avaliar praticamente quanta somma de energia se despende em trabalhos d'esta natureza, na apparencia pouco fecundos, só tenho a pedir me relevem o tosco desenho da pedra, que as minhas tremulas mãos vão collocar no sóco do monumento, erguido á gloria do grande navegador genovez. Pelo elemento principal do meu estudo — o navio —, elle liga-se intimamente ao grande movimento civilisador que impulsionaram, acima e antes de quaesquer outros, os dois extraordinarios povos da Peninsula Iberica.



Em começos do século xv, os navios quasi exclusivamente empregados pelos portuguezes nas grandes expedições militares eram naus e galés. No decurso d'esse século, figuram tambem nas armadas os seguintes navios: barcha, caravela, barinel, urca, taforéa, carraca, da classe dos navios de vela; galeota, bergantim, fusta, da classe dos navios longos ou de remos. Esta segunda classe, porém, desaparece quasi completamente durante um periodo quasi secular, passando a ser unicamente empregada nos nossos estabelecimentos da costa da Berberia, e mais tarde no Oriente. Procurarei demonstrar esta these quando me occupar especialmente dos navios de remo. A familia dos navios redondos ou de vela enriquece-se durante o século xvi principalmente com os galeões. Sobre cada una d'estas especies de navios resumirei o que pude apurar de mais interesse, fixando particular attenção sobre as caravelas, objecto de estudos já n'outro logar publicados, os quaes ao presente reproduzo e completo com os esclarecimentos que conseguí recolher sobre navios tão intimamente ligados á memoria de Colombo.



Nau.—Esta palavra tem durante a idade média uma significação extremamente vaga e por vezes obscura. A miudo apparece como um termo generico, assim como a palavra *navio*, de uma applicação egualmente indefinida. Na *Chronica do Conde D. Pedro*, por exemplo, Gomes Eannes de Azurara, narrando, Liv. II, cap. vi, o ataque a dois barineis portuguezes por quatro fustas de mouros, designa successivamente um d'estes barineis com as palavras *navio* e *nau*. Mas os dois vocabulos, que n'esta passagem parecem identificados, surgem em opposição em numerosas passagens de chronistas. Acenheiro, no cap. xxiii das suas *Chronicas*, declara que em 1481 D. Affonso V mandou contra os Turcos, em soccorro da cidade de Otranto, uma expedição de *vinte navios e hũa nao*. Infelizmente, nem Ruy de Pina na *Chronica* d'aquelle monarchia, nem Damião de Goes na do principe seu filho, accrescentam minudencia alguma sobre esta armada, o que me inhibe de saber que especie de embarcações Acenheiro quiz designar com a palavra *navios*. O mesmo Acenheiro afirma que a armada que conduziu a França o rei D. Affonso V era de *deza-*

seis navios e hũa urqua. Pina compõe-a de dezeseis navios, *dos quaaes se apparelhou hũa hurca* para a pessoa de el-rei. Goes diverge ainda mais da versão de Acenheiro, dizendo que D. Affonso mandou apparelhar para a sua viagem dezeseis naus e cinco caravelas. A esquadra que D. João III mandou em auxilio do imperador Carlos V contra Tunis, compunha-se, no dizer de Acenheiro, de *vinete navios, e duas naaos, e hum gualcam flor do mar*; e sabe-se pelos outros historiadores que o termo *navios* se referia n'este caso exclusivamente a caravelas. É tambem de notar que o auctor do *Roteiro de Vasco da Gama* assim chama quasi sempre á caravela *Berio*, em contraposição ás outras embarcações da frota, sempre classificadas como naus. Como se vê, estas citações apenas servem para augmentar a confusão que existe na nomenclatura naval do tempo.

Esta confusão deriva em grande parte do pouco escrupulo dos historiadores, n'esta materia especial, regulando-se ordinariamente pela incorrecta terminologia do vulgo. Ainda hoje vemos evidentes provas d'essa negligencia em livros e jornaes, onde sobre tal assumpto pullulam os barbarismos. Forçado a recorrer a hypotheses, eu creio que a palavra *nau* se applicava mais designadamente a todas as embarcações grandes de vela, de carga ou de transporte, e correspondia ao vocabulo francez *nef*. São essas que Matheus de Pisano caracteriza com a designação de *naves onerariae*, em contraposição com a de *naves actuariæ*, que serve para indicar os outros *navios* de vela, de menor porte, que o Infante D. Henrique trouxe do Porto para a expedição de Ceuta.¹ A estes ultimos se referiria em especial o termo *navios* em Acenheiro, comquanto habitualmente fosse tomado n'uma acceção mais extensiva, como se prova pela primeira citação de Azurara, chronista de mais incontestavel auctoridade, em assumptos maritimos, do que a maioria dos seus successores.

As naus portuguezas, durante a idade média, não passavam de ordinario de duas cobertas, e a sua lotação não era geralmente grande. Não ha noticia, n'este periodo e n'este paiz, de embarcações comparaveis ás enormes *nefs* de que Villehardouin faz menção na conquista de Constantinopla, nem ás naus de 1500 tonnelladas a que se refere o estatuto de Genova de 1441. Que pelo

¹ *De bello septensi—Inéditos da Hist. port.*, tom. I, pag. 32. A Prosodia de Bento Pereira define *actuariæ naves* naus de remo ligeiras: comtudo no trecho alludido Matheus de Pisano refere-se evidentemente a navios de vela, porque os de remo caracteriza-os pelas palavras *triremes* e *biremes*. A definição é além d'isso inexacta, por quanto a palavra *naus* nunca se applicou a navios de remo. Jal define *actuaria navis* navio de remos e de vela, fundando-se na auctoridade de Isidoro e de Hirtius. Mas eu supponho que os pequenos navios de vela, a que se refere Pisano, podendo ser impulsionados occasionalmente pelos remos, estão nas condições de explicar um natural equivooco da parte d'aquelles historiadores.

menos estavam longe de ser vulgares as naus de maior porte, denotam-no claramente os fragmentos de legislação que até nós chegaram sobre a materia. Uma lei de D. Affonso V, com data de 4 de novembro de 1474, renova e amplia os privilegios e isenções já anteriormente concedidas por D. Fernando aos subditos portuguezes que construissem naus de cem toneis ou mais, *sob o primeiro tilhado*.¹ Esta ultima restricção, se nos faz suppor que a tonelagem de deslocamento d'aquellas naus era muito superior ao porte indicado, attendendo á altura das obras mortas e á provavel rudeza da construcção, põe-nos de sobrevaviso para com as indicações analogas que encontrarmos em chronicas e documentos d'aquelles tempos. É muito provavel que em grande numero de casos a tonelagem fosse avaliada *grosso modo* e nas condições alludidas. Por isso, não nos enganaremos muito quando, para as avaliarmos á moderna, duplicarmos as lotações que nos são fornecidas por chronistas e mesmo por legisladores.

O apparelho das naus era redondo nos mastros grande e do traquete, com mezena triangular. Era este o typo mais vulgar das naus durante os dois seculos que estudo, com quanto se me deparem, com um certo caracter de authenticidade, exemplares semelhantes ao que representa a estampa a pag. 8, esculpida n'uma lapide da bica do Desterro em Lisboa, e que eu supponho remontar aos meados do seculo xvi; exemplar notavel pela appareição do panno redondo no mastro de rê. Outra modificação feita mais tarde no apparelho, é a introduccção accidental de um mastro de contra-mezena, cuja vela vinha caçar no botolô. Encontra-se sobretudo frequentemente esta disposição nos galeões do seculo xvi, mas já nos fins do precedente ella se usava, como se patenteia na preciosa estampa que adeante reproduzo da *Estoria do muy nobre Vespesiano emperador de roma*, impressa em 1496 por Valentim de Moravia. Esta estampa é tanto mais interessante, quanto, em consequencia da epocha em que foi impressa, deve ser o exemplar que mais se approxima do typo geral das naus de Vasco da Gama, que de Lisboa partiram no anno seguinte.

Não tem a alludida disposição a nau de fins d'esse seculo, cujas medidas se encontram no Appendice, extrahidas de um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, que tem por titulo geral *Livro Nautico*. Por uma phrase d'esse documento, reterente ás dimensões do mastro grande, se deduz tambem que a ponte ou terceira coberta era de uso relativamente recente em Portugal. Todos os pormenores de construcção se apreciam n'esse interessantissimo escripto. Pena é que o seculo xv não nos tenha legado documentos analogos, e que essa lacuna nos obrigue a hypotheses mais ou menos plausi-

¹ *Livro vermelho de D. Affonso V*, tom. iii dos *Ineditos da Hist. port.*

veis no que diz respeito áquellas gloriosas naus que, rodeiando o continente africano, antes de outro navio europeu foram aportar á India.

As necessidades da larga navegação forçaram os portuguezes a augmentar a lotação dos seus navios. Já no reinado de D. João II, este esclarecido monarcha emprehendera a construcção de uma nau de mil toneis, «a mais formosa & melhor acabada & a mayor», diz Garcia de Rezende, «que nunca até então fora vista de tão grossa, forte e basta liança, & tão grosso tauoad,



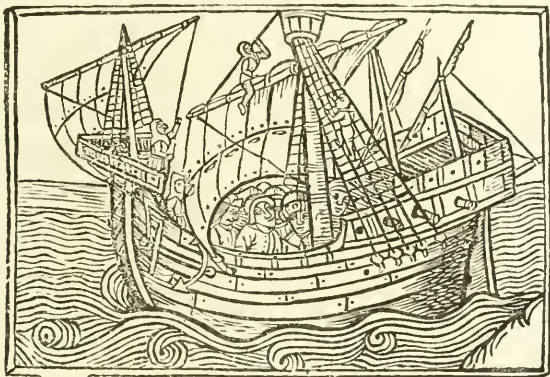
Lapide da bica do Desterro em Lisboa — Seculo XVI

que a artilharia a não podia passar, & tinha tantas bombardas, & outras artilharias que foy muyto fallado nella em muitas partes.»¹ Esta nau, desconforme para o tempo e para o paiz, navegou pouco, e em breve ficou servindo de fortaleza fluctuante para defeza do Tejo. Affiança Rezende que o rei «mais a fez pera goarda do rio do que pera nauegar.»² É porém de presumir que á imperfeição da sua fabrica se deva antes attribuir esta mudança de destino.

¹ *Chronica de D. João II*, cap. cXLVI.

² *Ib.*, cap. cLXXX.

No reinado de D. Manuel, affirma Severim de Faria¹ que as naus da Índia não excediam 400 toneladas. Esta noticia não é perfeitamente exacta, como se vae ver. No *Livro inedito da fabrica das naus*, precioso codice que em breve tenho esperança de dar a publico, Fernando Oliveira, auctoridade incontestavel em assumptos navaes, advoga pela seguinte forma a conveniência dos navios de grande porte: «Aqui me lembra, que ouny dizer, que algũas pessoas dizião, que se fizesse navios pequenos pa a uiagem da India: mas a mÿ não



Estampa da «Estoria do emperador Vespesiano».—1496

me parece o seu conselho acertado: assy polla rezão que dixe, da despesa ser mayor q̃ a recepta, como tambem, porque os navios pequenos não são seguros naquella viagem, tanto como os grandes: digo seguros, do mar, & dos ladrões. O mar naquella viagem requere navios grandes: por que assi coome elle hum navio de quinhentos toneys na costa da cafraria de Moçambique atee o cabo, como no adarço de Sacauem pa Villafranca hum barco de punhete: & mais asinha comeraa hum navio pequeno. Poys de ladrões, muyto millhor se defende o grande, que o pequeno: por que o grande traz mays gente, & mais armas para se defender: & soo a magestade do grande atemoriza os contrayros, que não ousão cometello: & contra o pequeno afoutanse mays, & não arreceão ir a elle, & ennestillo, & ênttar nelle: porque nem gente pode trazer, de

¹ *Noticias de Portugal*, discurso vii.

que se receem. Se me dizem os auarentos, que perdendose hum nauio grãde, perdese munto, respondolhe, que mays se perde em muntos pequenos: os quaes nas viagẽs semelhantes tem mays certo perderense, que os grandes: & assi o uemos cada dia per experiencia: por isso não ha que duuidar, senão, que he milhor fazer as viagẽs grandes como a da India cõ nauios grandes: & por consequinte he meu parecer, que o costume da viagem da India se guarde: o qual foy ordenado per homẽs entendidos, & atentados, sem anareza. . . » O erudito clérigo-marinheiro accrescenta que nos reinados de D. Manuel e D. João III os homens «singulares de entendimẽto, & saber», que tinham cargo d'essa viagem, haviam determinado para as naus da India uma lotação nunca inferior a 500 tonelladas, e que no seu tempo essa lotação oscillava entre 500 e 1:000 tonelladas. Na *Arte da guerra do mar*, impressa em 1555, o mesmo auctor refere-se aos galeões de 500 e 600 tonelladas que n'essa epocha se empregavam na carreira da India e na defeza da costa.

Mas o primeiro navio portuguez de uma lotação superior a essa e em boas condições de navegabilidade parece ter sido a nau *Santa Catharina do Monte Sinai*, de 800 tonelladas, construida em Cochim pelos annos de 1511 a 1513, e cuja existencia, interessante a todos os respeito, é objecto de um estudo especial que preparo. Um dos episodios mais salientes d'essa biographia, se me é permittida a expressão, é a viagem a Nice, conduzindo a infanta D. Beatriz, duqueza de Saboya, filha do rei D. Manuel: Garcia de Rezende deixou-nos conta bastante minuciosa da ornamentação d'essa nau, e por ella podemos apreciar a que extremos de luxo se tinha chegado, em materias de decoração naval, nos ultimos tempos do reinado d'aquelle monarcha. Camaras armadas de brocado e veludo, toldos de veludo, damasco e setim, estandartes dos mesmos preciosos tecidos, tudo n'uma abundancia e de uma riqueza surprehendente! ¹ Quão longe estamos das rudes embarcações do seculo anterior, que descobriram e exploraram toda a costa de Africa, do cabo Bojador ao cabo Guardafui, deixando nas cartas maritimas o traço luminoso da sua esteira!

A planta das tres cobertas de uma nau da India, que se acha no *Livro de toda a fazienda* de Figueiredo Falcão, serve de natural complemento ás medidas que transcrevo do *Livro Nautico*. A obra de Falcão, datada de 1607, é pouco posterior ao manuscrito da Bibliotheca Nacional; e com effeito os seus planos, com quanto bastante deficientes, concordam pouco mais ou menos com as indicações d'esse manuscrito.

Nos começos do seculo xv era no Porto que se construiam o maior numero de naus ². Era por certo, como podemos presumir, bastante grosseiro

¹ Garcia de Rezende, *Hida da infanta dona Breatriz pera Saboya*.

² Fernão Lopes, *Chron. de D. João I*, part. II, cap. IV.

esse fabrico. Mais tarde a construção, estabelecendo-se de preferencia em Lisboa, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se de modo notavel. Não cabe nos estreitos limites d'esta noticia fazer a historia da famosa Ribeira das Naus; é certo comtudo que em fins do seculo xvi o hespanhol Escalante de Mendoza elogiava a fabrica de naus portugueza; e em começos do seculo seguinte ella inspirava louvores egualmente fervorosos ao piloto canario Thomé Cano, que só lhe punha a par a industria similar da Biscaya.

*
* *

Barcha.—É geralmente considerada esta palavra como variante orthographica de *barca*. Esta opinião é, quanto a mim, erronea. *Barca* e *barcha* eram termos applicados a dois typos completamente differentes de embarcações, com quanto pelo andar dos tempos a orthographia do segundo se corrompesse de fôrma a produzir a confusão. As chrouicas de Fernão Lopes fornecem-nos repetidos exemplos do emprego systematico dos dois vocabulos: o primeiro, *barca*, applicado a embarcações miudas de navegação fluvial, ou a lanchas dos navios de maior porte; o segundo, *barcha*, referido a uma especie de navios de alto bordo, em grande parte provenientes das nações septentrionaes da Europa. Para não multiplicar as citações, escolho para elucidar a minha these os exemplos seguintes:

«... e foram alla, e tomarom quatro *barchas* de Ingreses, que andavom darmada...»

(Chron. de D. Fernando, cap. cxi).

... « E chegarom estas gentes (*os Inglezes*) todas a Lixboa em quaremta e oito velas, amtre naaos e *barchas*... »

(Ib., cap. cxxviii).

«E o cardeal fez fazer prestes tres *barcas* pequenas, dnas em que fossem os Reis, com certos que comsigo aviam de levar, sem nenhumaas armas; e outra em que el fosse, que avia de ser fiel antrelles...»¹

(Ib., cap. lxxxiii).

¹ Neste capitulo narra F. Lopes a entrevista entre D. Fernando de Portugal e D. Henrique de Castella, em Alfanje, perto de Santarem; e nomeia alternadamente as embarcações miudas em que iam os monarchas e sua comitiva *barcas*, *bateis* e *barcos*.

«...*barcas*, que são nauíos, que não podem leuar, senão pouca gente, onde compria leuar muita, & mais que as *barcas* não chegariam mais longe, se não até Muge, que são duas leguas do lugar por a agoa do Tejo, que era muito pouca, & não podia mais assimia ir».

(*Chron. de D. João I*, part. 1, cap. LXXIII).

Muitas vezes porém, na *Chronica de D. João I*, devido talvez a alteração introduzida pelo copista ou pelo typographo, Fernão Lopes refere-se com o nome de *barca* a navios que nas chronicas anteriores visivelmente caracterizava com a palavra *barcha*. Por exemplo, quando trata da embaixada enviada pelo mestre de Aviz a Inglaterra, exprime-se nos seguintes termos: «...& embarcarão, em dous nauíos, o Mestre em hũa nao, & Lourençoeanes em hũa *barca*».¹ E n'outro sitio: «...era hũa nao, & hũa *barca* de Inglaterra, que traziam trigo, & gente darmas para o Reyno...»²

Em João de Barros encontra-se um exemplo frizante d'esta confusão. Referindo-se, dec. 1, liv. 1, cap. 11, á expedição de Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, diz que o Infante D. Henrique lhes mandou armar um navio, «a que chamavam *Barcha* naquelle tempo». Mais adiante comtudo modifica para *barca* a classificação do mesmo navio.

Azurara, no cap. ix da *Chronica da Guiné*, menciona uma *barcha* mandada armar pelo Infante para a viagem de Gil Eannes. Mas nas *Chronicas do conde D. Pedro e do conde D. Duarte*, a palavra *barca* é empregada n'um sentido differente d'aquelle que acima aponteí: como embarcação de cabotagem, empregada por castelhanos, mouros e portuguezes no estreito de Gibraltar. No liv. 1, cap. LII, da primeira d'estas chronicas, refere-se o escriptor a uma *barca* grande de trinta toneis, pertencente ao conde D. Pedro. No cap. LIII falla de uma *barca*, que levava sessenta mouros e sessenta e dois cavallos. Vê-se que esta embarcação era de uma tonelagem relativamente importante. Das indicações fornecidas no cap. XXXIII, conclue-se que a *barca* era, pelo menos relativamente ás fustas, uma embarcação de alto bordo.³ Que era navio de vela, percebe-se *a priori*, porque eram esses os navios empregados ordinariamente para carga e transporte; mas sobretudo pela seguinte citação da mesma chronica, liv. II, cap. V: «...hũa *Barca* de Castella partindo de Cepta foi levada da corrente, com a qual hia directamente á Coxa de Gibraltar, e o Conde que-

¹ *Op. cit.*, part. 1, cap. XLVIII.

² *Ib.*, part. II, cap. IV.

³ ... e como quer que os imigos (*mouros de uma barca aferrada por uma fusta portugueza*) tevessem muito maior vantagem assy no numero da gente, como na grandeza, e altura do Navio... *Loc. cit.*

rendo-lhe dar socorro mandou a Andres Martim, e a Martim Vazques Pestana, que armassem duas Fustas, e lhe fossem dar cabo. . . » É evidente que, se a barca navegasse habitualmente a remos, não precisaria que duas fustas fossem atoa-la para a livrarem de um encalhe imminente. Não quer isto dizer que ella occasionalmente não se soccorresse dos remos, como acontecia, vel-o-hemos adiante, ao barinel, navio do mesmo genero, provavelmente. Prova-se esse facto com uma passagem do mesmo Azurara que Jal transcreve no *Glossaire Nautique*, v. *Barca*.

Voltando á minha deducção, parece-me poder affirmar que ás embarcações miudas é que cabia rigorosamente a denominação de barca. Applicada a navios de alto bordo, foi a principio abusivo o seu emprego, tornando-se mais tarde quasi normal pela corrupção orthographica que naturalmente sobreveiu ao termo proprio *barcha*. Quanto ás embarcações de cabotagem, designadas com o nome de *barca*, ellas representariam porventura a transição entre as duas fórmás referidas.

É na verdadeira accepção original que Damião de Goes emprega a palavra *barca* na *Chronica do príncipe D. João*, cap. xxiii, tratando da expedição de Arzilla: «...e como estes dous Condes crão pessoas de grão recado, e muy desejozos do serviço de El Rey, ordenarão tudo tão bem, que em rompendo a alva com barcas, bargantiz e outros navios de remo chegarão á praya...» *Barcas* exprime aqui evidentemente o mesmo que bateis das naus. É o mesmo sentido que Azurara attribue a essa palavra na seguinte phrase: «...e sobre o quarto d'alva conhecerom vella, que vinha contra elles, e não quizerão guindar por não serem vistos dos contrairos, e quando jaa chegou ácerca do Barinel, Joham Martins» que o commandava «tinha lançado sua barca fóra...» É notavel que Azurara, escrevendo o termo *Barca* com inicial maiuscula quando se refere ao navio de alto bordo, não faça o mesmo quando falla de um simples batel; como se pretendesse, á falta de outra differença orthographica, dar idéa da grandeza relativa das duas embarcações pelo valor das iniciaes.¹

Admittindo a minha hypothese, não creio arriscado suppor, sobretudo pela applicação especial que F. Lopes faz da palavra *barcha* a certos navios quasi sempre inglezes, que o vocabulo derivasse de outro — *barge* — muito em

¹ Ainda em meados do seculo xvi, Fernando Oliveira, referindo-se sem duvida a embarcações pequenas, faz a seguinte observação: «Em Portugal chamamos barcas, os q̃ em Galliza chamão trincados sem haver mũa deferença na feyção.» *Livro da fabrica das naus*. O mais curioso é que no foral de Villa Nova de Gaya apparece a classificação de *burcardus trincatus*, que provavelmente identifica a embarcação assim designada com o *trincado* gallego do seculo xvi. A proposito: o mesmo foral falla em *barca seeyra*: será — arrisco a hypothese — uma barca pertencente á sé do Porto?

uso nos paizes do Norte, e cuja fôrma latina é *bargea*. É de crer que a pronunciação do *ch* tivesse na nossa versão o som chiante, mesmo porque o som aspero, como em *patriarcha*, era a maior parte das vezes figurado por *qu* ou simplesmente por *c*, a não ser antes de consoante, como em *Christo*. Foi provavelmente a corrupção orthographica que veio a alterar a prosodia, confundindo n'um só dois vocabulos diversos.¹

Sobre a *bargea*, são extremamente defficientes as informações que hoje temos. O proprio Jal, com o seu colossal trabalho de erudição, não conseguiu aclarar o assumpto. N'um excerpto da relação inedita de Valentim Fernandes, transcripto pelo sr. E. A. de Bettencourt no seu livro *Descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos seculos xv e xvi*, encontro o seguinte trecho, um pouco elucidativo, acceite que seja a hypothese proposta sobre a identificação de *barcha* e *bargea*: «E comprou uma bartscha que he navio de 40 tonees com gavia...» Se bem que o manuscripto citado narre a absurda historietta do descobrimento da Madeira pelo inglez Machin, é claro que estes pormenores sobre a tonelagem e apparelho do navio não deixam de ser dignos de credito.

A *barcha* figurou na conquista de Ceuta. Entrava na conta das *naves actuariæ* a que me referi ao tratar das naus, como se pode ver pelas seguintes linhas de uma carta regia de D. Duarte ao concelho do Porto, em que lhe agradece os serviços prestados pela cidade aos reis seus antecessores, e entre elles o poderoso auxilio naval com que concorreu para aquella expedição: «E sabendo El Rey esto, em como se ouve em ella grande poderio de Naves, e barchas, afora outra muita fustalha, que não sabies de huum so lugar na Espanha, de que tão poderosa Armada podera sair...»²

A *barcha* apparece logo depois nas expedições do infante D. Henrique, e é provavelmente o mesmo navio que, sob o nome de *barca*, figura com frequencia nas correrias maritimas feitas por portuguezes na costa da Berberia.

¹ Será a *barge*, *bargea* ou *barcha* a mesma embarcação a que se refere o *Indiculum foundationis monasterii Sancti Vicentii* sob o nome de *barcia*? É plausivel suppol-o, com quanto Santa Rosa de Viterbo affirme serem as *barcias* as naus do tempo de D. Affonso Henriques. Outro problema a resolver: o termo *burcia* que apparece no foral de Gaya (1235), applicado a uma especie de navios. será uma variante orthographica, um simples erro de escripta, ou uma transformação da palavra *barcia*? É lícito optar pela segunda hydothese, porque o vocabulo alludido não apparece em nenhum dos dicionarios e glossarios que tenho consultado.

² Cartorío da cam. do Porto — Doc. transcripto nas *Dissertações Chronol. e Crit.* de João Pedro Ribeiro, tom. 1, pag. 318 a 323.

Infelizmente, são bastante vagas as indicações que a seu respeito consegui apurar. Apenas pude concluir que este navio, destinado a curtas viagens, era certamente muito inferior em porte aos seus antecessores que no século xiv se arriscavam repetidas vezes à navegação, ainda hoje laboriosa, entre as ilhas Britannicas e a costa da Peninsula. A sua pequenez é testemunhada pela seguinte passagem em que Barros reconta a viagem de Gonçalves Zarco: «Porque antes que chegassem á costa de Africa, saltou com elles tamanho temporal com força de ventos contrarios á sua viagem, que perdêram a esperança das vidas, por o navio ser tão pequeno, e o mar tão grosso, que os comia, correndo a arvore secca á vontade delle».

Quer-me parecer que a barcha, tornada celebre por ter sido o primeiro navio que com Gil Eannes dobrou o cabo Bojador, seria uma embarcação de tonelagem mediocre, de uma só coberta, e armada com um só mastro. Esta ultima circumstancia deduz-se, sem grande temeridade, de uma passagem de Azurara no Liv. II, cap. xvi, da *Chronica do Conde D. Pedro*: «... e tantos Mouros morrerom», diz o chronista referindo-se á tripulação de uma barca, «que os outros afroxaram á proa do Navio, e acodirom á pôpa contra o masto». O artigo definido é que justifica a minha hypothese.

A vela d'esse mastro era decerto redonda, se admittirmos que tinha gavia, como a barcha a que se refere Valentim Fernandes. Além d'isso, na chronica citada, liv. I, cap. xxxiii, Azurara, referindo como Affonso Garcia, com a fusta, deliberou apresar uma barca de mouros que estava no porto de Gibraltar, escreve: «... e porque vio, que tinham a verga alta entendeo, que estava prestes para partir...» Não é provavel que esta manobra se tornasse tão frizante aos olhos do marinheiro portuguez, se a verga não fosse de cruz.

Uma passagem ainda da *Chron. do Conde D. Pedro* suscitou a Jal um pequeno artigo do *Glossaire Nautique*, v. *Barca de bandas*. A tal respeito encontrei citações que elucidam bastante esta designação. A que Jal transcreveu no artigo *Alaúde* é a seguinte do liv. I, cap. lxx: «Mandou o Conde logo ácerca d'estas cousas Mosê Martim de Pumar em hum seu Alaúde, e Jobam das Aguias em huma Barca de bandas, e outra Barqueta de Mosê Jobam de Villanova, que se fossem a *Cabo-monte*, pera ver se poderiam tomar alguma Zavra das de Tituão, que sahião a pescar, ou pera furtar huma Atalaya, que estava sempre em cima da ponta de Cabo-monte...» O seguimento da narrativa não adeanta noção alguma sobre o assumpto. Mas umas phrases de Fernão Lopes na *Chronica de D. João I*, livro que parece não ter sido consultado por Jal, esclarecem sufficientemente o assumpto. Eis as citações a que me refiro:

«Nos outros nauios se meteram gentes, & isso mesmo nas barcas bandadas, que se querião entornar com ellas».

(*Op. cit.*, part. I, cap. cxxxiii).

«Eu tenho aqui muytas barcas grãdes, que mandey correeger, & todas com bandas á guisa de fustas...»

(*Ib.*, part. 1, cap. cxxxi).

«... & as duas galés lhe derão com as pōtas no costado, & a galé se defendeo muy bem, porque tinha a banda...»

(*Ib.*, part. 1, cap. cxxxix).

D'estas citações se collige: 1.º que á barca se applicavam as *bandas* que eram geralmente privativas dos navios de remo; 2.º que essas bandas serviam para defeza do navio. É de presumir portanto que as bandas fossem o mesmo que as pavezadas, ou representassem pelo menos identico papel. E assim fica satisfactoriamente interpretada a expressão *Barca de bandas* ou *Barca bandada*.

Para substituir estas bandas, improvisavam-se ás vezes uma especie de pavezadas com falcas e remos, como Azurara affirma que fizeram os mouros de uma barca, atacada por tres fustas portuguezas. Vem a proposito citar uma maneira de defeza usada tambem na idade média, de que Acenheiro dá noticia narrando o cerco de Faro em 1250. Os navios portuguezes, que se achavam defronte da cidade, estavam *encoirados* pela parte do mar, a fim de se defenderem contra as galés dos mouros que porventura por esse lado os aggredissem. Seria uma especie das bandas de que tenho fallado, feitas de couro. No seculo xvi ainda a courama era usada na defensão dos navios, porque Fernando Oliveira affirma que ella se collocava ás vezes sobre as xarettas, a fim de abrigar a marinagem dos tiros dos inimigos.

*
* * *

Barinel.—É pouco exacta, me parece, a definição d'este vocabulo dada por D. Francisco Manuel de Mello nas *Epanaphoras*: «Embarcação de remo que então usavão; cujo nome ainda retemos nas varinas sutis, de que hoje nos servimos». Ora pelas differentes passagens da *Chronica de D. Pedro de Menezes*, por Azurara, nas quaes figuram barineis, conclue-se de preferencia que a embarcação alludida era de vela, armando ás vezes remos, como judiciosamente suppõe o erudito Jal. Contento-me em auctorizar o meu parecer com uma unica citação da dita *Chronica*, Liv. 1, cap. LVIII: «... e ante que entrassem ao porto minguaon-lhes o tempo em tanto, que ouve a Galeota do Conde de dar cabo ao Barinel do Infante Dom Pedro, até que ancorou em doze bra-

ças fora da barra.» Conclue-se indubitavelmente que, se o barinel fosse navio de remos, não necessitaria do reboque dado pela galeota. Que d'elles se servia ás vezes, demonstra-o comtudo outra passagem do mesmo livro, cap. XLII: «... mas o tempo acalmou, e Joham Martins fez meter remos ao Barinel».

A darmos credito a João de Barros, era o barinel ordinariamente de maior porte do que a barcha. Depois das primeiras expedições á costa africana occidental, nas quaes figuraram os navios d'esta ultima especie, o infante D. Henrique, no anno de 1434, «informado per Gilianes da maneira da terra, e da navegação ser menos perigosa do que se dizia, mandou armar hum barinel, que foi o maior navio, que té então tinha enviado, por já estar fôra da suspeita, que se tinha dos baixos, e parcel, que diziam haver além do Cabo». ¹ Demandava pois o barinel mais agua do que a barcha. Tinha uma barca ou lancha, como se pode ver pela citação feita anteriormente, quando me occupei da barca. Tinha mais de uma vela, como se deduz da seguinte passagem do cap. XLII já citado da *Chron. do Conde D. Pedro*: «... caa quando Joham Martins» que era capitão de um barinel «mandou desfraldar suas vellas, os Mouros ouverom vista delles, e quizerão vogar em terra...» É natural portanto que tivesse mais de um mastro, dois provavelmente; visto que em começos do seculo xv não são vulgares, se é que existiam, os mastros com mais de uma vela. Seriam redondas ou latinas as velas? Eis o que constitue um ponto de duvida, com quanto eu me incline á primeira hypothese, por suppor que para as navegações de descoberta e exploração foram mais tarde preferidas as caravelas, exactamente por causa do panno latino que lles tornava menos difficil a tornaviagem da costa da Guiné. Outra consideração que favorece a minha hypothese é a seguinte. No cap. v do liv. II da *Chronica* citada, Azurara chama *nao* a um barinel; e eu supponho que tal classificação exclnia os navios latinos. Além d'isso, se a barcha tinha cesto de gavea, é de crer que o barinel, embarcação maior, o tivesse tambem.

Não parece o barinel ser barco originariamente portuguez, porque Antonio e Bartholomeu de Noli trouxeram de Genova duas naus e um barinel, segundo affirma Barros, dec. I, liv. II, cap. I. Quanto á sua etymologia, a opinião mais geralmente seguida é a indicada por Constancio, do grego *Baris*, navio. Entre tanto ousou submeter á apreciação dos philologos a seguinte hypothese: na prosodia de Bento Pereira encontra-se a palavra *barinus*, que o lexicographo define casta de peixe, e que eu não encontrei n'outro dicionario latino. Conhecida a casta de peixe a que, sem citar auctoridades, allude o douto padre, não poderá encontrar-se uma correlação intima entre a pesca d'esse

¹ Barros, *Asia*, Dec. I, liv. I, cap. v.

peixe e o primitivo destino do barinel? Em etymologia seria talvez mais plausível do que a que deriva de *Ballener* ou *Baleinier* o vocabulo alludido. Porque, parecendo-me a embarcação originaria do Mediterraneo, nada poderia haver de commum entre o seu serviço e a pesca das baleias.

Sobre estas embarcações, nada mais tenho conseguido apurar, com que pezar o digo! Instrumentos da gloria imperecível dos nossos maiores, d'esses navios que, juntamente com as barchas, iniciaram as descobertas do continente africano, quasi que apenas sobrenadam os nomes no oceano da Historia! Por vagas indicações temos de guiar-nos, se acaso ambicionamos reconstituil-os; mas logo somos forçados a abandonar desanimados a empresa, contentando-nos com a sombra indefinida, sem contornos precisos, até sem nitida avaliação de grandeza, que os olhos do espirito difficilmente conseguem discernir nas costas arrancadas pelos seus mareantes aos densos negrumes do *Mysteriot*

*

* *

Carraca.—Em que se fundam alguns archeologos para suppor que estas embarcações sejam de origem portugueza, eis com que nunca me foi possível atinar. A etymologia aventada por Jal na *Archéologie Navale*, derivando este vocabulo da palavra portugueza *carranca*, é absolutamente caprichosa, e nem se apoia em bases philologicas, nem em bases historicas. Admittida ella, seria o unico argumento em favor da proveniencia supposta d'estes navios. Quanto a mim não vejo difficuldade em acceitar a etymologia latina do verbo *carricare*, ou dos substantivos homogeneos *carrus* ou *carruca*, a qual está perfeitamente de accordo com o destino primitivo da carraca, embarcação de carga e de transporte.

Seja como fôr, o que é facto é que eu não tenho conhecimento da inclusão d'este termo em documento algum official do começo da monarchia, ao passo que nas *Partidas* de Affonso o Sabio a carraca figura como o unico representante dos navios de maior lote. Outro facto digno de nota é que os primeiros chronistas portuguezes, Fernão Lopes e Azurara, nunca se referem senão a carracas estrangeiras, de Castella ou de Genova. A navios portuguezes com esse nome, não ha nos dois chronistas, que eu saiba, uma unica referencia.

Duas vezes consta que do porto de Lisboa tenham sahido carracas em armadas nossas, durante o reinado de D. Affonso V: na frota preparada por esse rei contra os inglezes, a qual depois mudou o destino para a conquista

de Arzilla,¹ e na frota que conduziu a Leorne a imperatriz, irmã do rei de Portugal.² É muito accetável a hypothese de que n'aquellas duas circumstancias as carracas fossem fretadas ou compradas a mercadores estrangeiros. Fortalecem singularmente a minha opinião os seguintes periodos de Fernando Oliveira no *Livro da fabrica das naus*: «Os nomes das especias, ou maneyras dos navios, & barcos, assy d'hum genero, como do outro, são quasi incompreensiveis: assy por serem muntos, como polla munta mudãça que fazem de tempo em tempo, & de terra em terra. Hũa mesma especie de navios ou barcos, tem hum nome na Espanha, outro em França, & outro na Italia. Na Espanha se chamaõ naos as que na Italia chamaõ carracas, & na Alemanha urcas». A autoridade d'este escriptor é indiscutivel: nas suas aventurosas peregrinações pela Hespanha, Italia, França, Inglaterra e Berberia, nunca deixou de se occupar de assumptos navaes, concorrendo directamente com a sua actividade e com o seu valor em muitos combates, como foram aquelles que tiveram logar em 1545 no canal da Mancha entre a armada franceza do almirante d'Annebaut, onde elle servia, e os navios inglezes sob o commando de John Dudley. O seu testemunho é por consequencia precioso. Por elle se demonstra não só que as carracas não eram navios empregados habitualmente por portuguezes, mas ainda que ellas não constituíam um typo definido de embarcações. Usadas quasi sempre, sobretudo pelos genovezes, como navios de carga, é provavel que a sua construcção se resentisse do fim a que eram destinadas. Seriam decerto mais pesadas, de maior porte, de menos elegancia, do que as naus exclusivamente apparellhadas para a guerra. Em Portugal, com o correr dos tempos, pelas necessidades ou, para melhor dizer, pela avidez do commercio, as naus foram assumindo proporções taes que, pelos fins do seculo xvi e começos do xvn, os estrangeiros as classificavam como carracas. A este genero pertencia a nau da India, capturada em 1592 por John Barrough, á qual uma conhecida nota de Charnock³ se refere, alcunhando-a com aquelle nome. Era afinal de contas a nau *Madre de Deus*, commandada por Fernando de Mendonça Furtado, a qual, regressando da India com a nau *Santa Cruz*, foi aprisionada por sete galeões inglezes nas alturas da Terceira ou do Corvo, sendo levada para Inglaterra e mais tarde resgatada.⁴ Essa pertendida carraca, a que se attribue 1:600 toneladas de deslocamento e sete pavimentos, tinha rigorosamente, pelo que se deprehende do original inserto em Charnock,

¹ Pina, *Chron. de D. Affonso V*, cap. clxii.

² Id., cap. cxxxii.

³ *History of marine architecture*, tom. II, pag. 10.

⁴ *Asia*, dec. xi, cap. xiv. Falcão, *Livro de toda a fazenda*, pag. 195.

quatro cobertas e menos de 1:000 toneis, segundo a contagem usada pelos portugueses, visto que 900 tonelladas eram occupadas por mercadorias.¹ Analoga observação se pode fazer sobre as suppostas carracas portuguezas de que falla o padre Fournier e cujo porte elle calcula entre 1:500 e 2:000 toneladas. É certo que raras vezes e pouco em Portugal se excedia a lotação de 1:000 toneis, contados ao uso portuguez.

É por consequente desnecessario occupar-nos minuciosamente das carracas. Todas as considerações feitas a respeito das naus se podem applicar exactamente a ellas. A caracteristica exterior estaria porventura no exaggero do amassamento, e talvez tambem na maior grandeza da bocca em relação á quilha.

Ocorre-me destruir um erro geralmente adoptado ácerca de uma embarcação que deriva da carraca. Refiro-me ao carracão, habitualmente considerado como grande carraca. Essa opinião é falsa. Como caravelão, carracão, em vez de ser augmentativo, é diminutivo. Vae n'este caso a nomenclatura naval de encontro ás regras geraes da etymologia. Para demonstrar esta anomalia, basta-me-hia citar as *Partidas* de D. Affonso o Sabio, que já no seculo xiii apresenta a carraca como o unico representante dos navios de grande lote, e entre as embarcações menores começa por mencionar o *carracon*. Gomes Eannes de Azurara, no liv. II, cap. IX, da *Chronica do Conde D. Pedro*, refere-se a um carracão de mouros, carregado de trigo, que foi tomado pela galé de Gonçalo Velho; mas tão de leve passa sobre o assumpto que bem se conhece a pouca importancia da preza. Contrasta com este desleixo a minudencia com que elle narra o aprazamento de navios de maior monta, e a maneira emphatica por que elle falla habitualmente das carracas, como dos mais possantes navios então conhecidos. «Certamente», diz o nosso auctor referindo-se a uma galé provençal, «que segundo disserão aquelles que virão a galé e seu corregimento, que ella soo era abastante pera se ter com hum grande carraca, ca era de xxvii bancos, como cxx sobresalentes, e toda a atripulada de job a job, que lhe nom ficava remo manço, ante trazia remeiros sobejos...»²

É de ver que não fallo da palavra franceza, em apparente correspondencia com aquella de que trato. *Carracon* ou *carraquon* parece ser com effeito augmentativo em francez. Com esse nome appellidaram o grande navio de 1:200 toneladas, mandado construir pelo almirante de Bryon para o rei Francisco I, e cujo desastrado fim se tornou notavel. Incendiou-se em 1545 no

¹ V. o acima exposto, no artigo *Nau*, com referencia ao modo habitualmente usado de contar as toneladas ou toneis.

² Azurara, *Chron. do Conde D. Duarte*, cap. cxix.

Havre, quando estava para partir, como nau almirante da armada contra os inglezes. Que o termo correspondente italiano não era comtudo augmentativo parece deprehender-se da seguinte phrase de Ant. de Conflans, citada por Jal (*Gloss. Naut.*, v. *Carraquon*): «Il y a à Venise des Caraquons qui sont moindres que les Caraques de Gènes, mais il est tout une façon.»

*

* *

Urca.—As phrases de Fernando Oliveira, citadas no precedente artigo, demonstram que, como a carraca, a urca não era embarcação usada por portuguezes. Aquella em que embarcou D. Affonso V, quando tentou a sua mal-fadada viagem a França¹, podia perfeitamente ter sido fretada, por falta de naus portuguezas que fossem consideradas de sufficiente possança para abrigarem dignamente a magestade regia. É de notar em todo o caso que Damião de Goes² não falla em urca nenhuma n'esta conjunctura, compondo a armada de dezeseis naus e cinco caravelas, ao passo que Ruy de Pina lhe attribue apenas dezeseis navios, «dos quaes se apparelhou humna hurca pera sua pessoa». ³ Não é de presumir que Pina tivesse introduzido a seu talante a designação de hurca, mas o confronto dos dois textos é mais uma demonstração de como o termo generico de naus abrangia as embarcações que dos paizes do norte trouxeram aquelle nome.

As urcas, de que D. João II se aproveitou para mandar os materiaes para a construcção da fortaleza de S. Jorge da Mina, eram navios velhos comprados provavelmente a alguns dos mercadores flamengos ou allemães de Lisboa. ⁴ Talvez presidisse mesmo a esta medida o intento de tornar mais frizantes, aos olhos dos estrangeiros, as difficuldades da navegação para a costa da Mina. Sabido é o empenho com que D. João II pretendia fazer crer aos extranhos que a tornaviagem d'aquella costa era impossivel a navios redondos. Por esse motivo lançou mão d'essas urcas velhas, porventura veteranos das viagens de Flandres, as quaes foram comboiadas por caravelas, com ordem secreta de as desfazerem por lá, a fim de que constasse que não haviam conseguido regressar por causa das grandes correntes.

¹ Pina, *Chron. de D. Affonso V*, cap. cxciv.

² *Chron. do principe D. João*, cap. lxxxix.

³ Acenheiro diz que «El Rei levou dezaseis navios, e hũa urqua». *Chron.*, cap. xxiii.

⁴ Rezende, *Chron. de D. João II*, cap. xxiii.—Pina, *Chron. de D. João II*, cap. ii.

Teriam em todo o caso as urcas alguma característica especial que as differenciasse do commun das naus? Desisto de o averiguar. O proprio Jal, ao tratar d'estes navios, limita-se a investigações etymologicas sobre a origem do seu nome e a enriquecer o respectivo artigo do seu *Glossario* com citações que nada adeantam sobre o assumpto. Tambem, em vista das razões expendidas, a questão é para mim de interesse secundario. Não são desgraçadamente estas as unicas lacunas dos meus estudos; reservo as minhas lastimas para outras de muito maior gravidade para o meu proposito.

Na armada que foi á India em 1540, incluye Falcão uma nau a que chama a *Nao Urca*.¹ Outra nau Urca fazia parte da armada de 1545, no dizer de Gaspar Corrêa.² Deve ser a mesma que Falcão chama *S. Matheus*, porque este auctor incluye-a anteriormente com este nome na armada de 1542, e Corrêa d'essa vez chama-lhe a *nao Urquinha*. É accetavel, por analogia, identificar a esta a primeira que indiquei, com quanto não seja facil verificá-lo, porque nem Couto nem Corrêa lhe dão nome, havendo até divergencia nos dos capitães da armada. Mas quer a designação de urca proviesse de qualquer particularidade desconhecida, quer se accete a provavel hypothese de que a nau não tivesse sido construida em Lisboa e fosse tomada de frete ou por captura, esta excepção nada prova contra a regra geral acima estabelecida.

As urcas figuraram na Invencivel Armada, em numero de 25, entre 300 e 900 toneladas. Nenhuma d'ellas comtudo era portugueza. A maior parte formava uma esquadra de que era capitão João Gomez de Medina. É provavel que fossem na quasi totalidade trazidas dos portos da Allemanha e da Flandres, porque entre ellas figura uma baptisada de *Barca de Amburgo*.³ Tambem havia uma urca em cada uma das armadas de Andaluzia e de Guipuzcoa. Em Portugal continuaram a apparecer muito excepcionalmente no tempo dos Filippes, como se vê das duas que em 1615 foram á India, commandadas por Ruy de Mello e Sampayo, uma das quaes se perdeu no cabo de Santo Agostinho.⁴

¹ *Livro de toda a fazenda*, pag. 159.

² *Lendas*, tom. iv, pag. 432.

³ «La escuadra de las urcas, convoy pesado á que habian dado contingente las construcciones del Norte de Europa, juntamente con las del Mediterraneo, con veintetres vasos, dirigia Juan Lopez de Medina». Sr. D. Cesareo Fernandez Duro, *La armada invencible*, tom. 1, pag. 44. A variante do nome do capitão-mór d'esta esquadra, que, sem intuito de discussão, preferi no texto, provém de um documento inserto n'um codice manuscrito da Bibl. Nac. de Lisboa, o qual diverge um pouco da *Relação* analogá, publicada pelo sr. Duro, no tom. II, pag. 60, da sua obra, e extrahida do archivo de Simancas.

⁴ Antonio Bocarro, *Decada* 13, cap. cix.



Taforéa.—Desde o tempo de D. João II que em Portugal foram empregados navios com esta denominação. Entravam na composição das esquadras destinadas á costa da Berberia, quasi exclusivamente. Mais tarde comtudo, figuram elles por vezes na India. Qual seria a sua distincção typica? Á falta de outras elucidações, adopto sem hesitar a opinião de Jal, que suppõe, apoiado em Nebrixa, serem as taforéas especialmente destinadas ao transporte de cavallos. Du Cange partilha d'essa opinião, assim como o padre Bluteau, que apenas erra em attribuir á embarcação uma proveniencia indiana, erro em que o acompanham outros lexicographos portuguezes. Entre estes torna-se notavel o dicionario de fr. Domingos Vieira, o qual, definindo a taforéa—embarcação asiatica—abona a sua definição com um trecho de Rezende, *Chronica de D. João II*, onde se incluem taforéas n'uma expedição naval mandada de Lisboa á costa norte de Africa.

Os dictionarios castelhanos, onde encontrei o vocabulo, dizem que a taforéa é uma embarcação de fundo chato e sem quilha. Um d'elles chama-lhe *tafurca*, erro de leitura que me consola de um outro semelhante em que incorri em tempos, alterando de fórma analogia o nome d'este navio.¹

O que me inclina ao parecer de Jal é o facto de figurarem sempre cavallos nas expedições á Berberia, nas quaes entram taforéas. Em 1487, mandou D. João II a essas paragens uma armada de trinta velas, em cuja conta entravam muitas taforéas. Iam n'essa armada cento e cincoenta de cavallo.² No anno seguinte, expediu de novo o mesmo monarcha trinta caravelas e taforéas, com identico destino, e levando tambem cento e cincoenta de cavallo.³ Na expedição de Azamor em 1513 tomaram parte mais de dois mil e quinhentos de cavallo, e n'ella figuram taforéas.⁴ Além d'isso, vejo taforéas empregadas na India em tempo de Affonso de Albuquerque, e, sendo conhecido o desvelo com que o grande conquistador trabalhava para concentrar o commercio dos cavallos da Persia nas mãos dos portuguezes, não é de admirar que elle quizesse ter navios adaptados para o transporte d'esses animaes.

¹ Ha seis annos que isto foi, e como até ao presente ninguem accusou o meu engano, venho penitenciar-me d'elle, esperando que me sirva de attenuante a confissão espontanea.

² Rezende, *Chron. de D. João II*, cap. LXVI.—Pina, *ib.*, cap. XXVII.

³ Rezende, *ib.*, cap. LXXV.—Pina, *ib.*, cap. XXXI.

⁴ Goes, *Chron. de D. Manuel*, part. III, cap. XLVI.

Todavia, não se empregavam exclusivamente n'esse serviço as taforéas. Aproveitavam-nas cumulativamente como navios de guerra. Ha uma que figura nas expedições de Ormuz e de Malaca, dirigidas por Albuquerque. Supponho que seja um unico navio, o qual pereceu de decrepitude n'esta ultima expedição.¹ Já antes d'isso, em 1508, dois navios d'esta especie tinham feito parte da armada de D. Francisco de Almeida que desbaratou os turcos em Diu.² Tambem figura uma taforéa em cada uma das duas expedições; de Nuno da Cunha em 1531 para a conquista de Diu, e de D. Garcia de Noronha em 1538 contra os rumes. E o que é mais de notar é que os mouros da India usassem navios d'esta especie, como se vê pelos quatro pertencentes ao sultão de Cambaya, que se encontraram em Diu depois da morte d'este monarcha.³

A grandeza da taforéa era variavel. As duas da armada de D. Francisco de Almeida, a que acima me referi, são caracterisadas por Gaspar Corrêa como Taforéa grande e Taforéa pequena. Castanheda classifica a primeira de nau grossa, e a segunda de navio de gavea,⁴ com quanto Corrêa as colloque ambas na categoria dos navios grandes. Albuquerque, n'uma relação, que em 1512 envia a D. Manuel, dos navios que na India lhe ficavam, menciona a taforéa já citada como navio pequeno.

Pode-se concluir sem temeridade que as taforéas tinham apparelho redondo como as naus, e presumivelmente que nenhum caracteristico as differenciava das embarcações d'esta classe, a não serem as disposições internas azadas a accommodar cavallos. É provavel que tivessem cobertas armadas como cavallariças, escotilhas com as dimensões exigidas para a passagem dos animaes, porões destinados a receber as provisões de palha, feno, etc. Eram estas disposições que as distinguiam e intitulavam. A nau de Affonso Lopes da Costa, que esteve com Albuquerque na conquista de Ormuz, só incidentemente, n'um ponto da narração, é classificada por G. Corrêa como taforéa,⁵ sendo sempre até alli indistinctamente incluída no numero das outras naus.

Não consta que as taforéas tivessem vida longa entre nós. É n'um periodo inferior a meio seculo que as vemos citadas. É de suppor que se extinguis-

¹ Albuquerque, *Carta X*: «... e a taforea de podre se leixou desfazer no monte em malaca».

² G. Corrêa, *Lendas da India*, tom. 1, pag. 924.

³ Lopo de Souza Coutinho, *Historia do cerco de Diu*, liv. 1, cap. xiv.

⁴ *Historia da India*, liv. II, cap. xcvi.

⁵ *Lendas*, tom. 1, pag. 855: «O Capitão-mór... foy-se á nao Taforea, que era a nao de Afonso Lopes da Costa, onde chamou os Capitães...» No *Livro de toda a fazenda* apparece esta nau, na armada de 1506, com a designação de *S. Jorge. Taforéa*.

sem, logo que as naus de grande tonelagem dispensaram o seu serviço especial.¹

*
* *
*

Galeão.—Não é facil determinar muito sensivelmente os caracteres distinctivos d'este navio. Não soffre duvida que o galeão, derivado etymologicamente da galé, deveria ter conservado d'esta, pelo menos a começo, algumas particularidades architectonicas. Mas essas particularidades, se chegaram a ser de grande importancia, foram-se obliterando por tal fórma com o correr dos tempos, que no seculo xvi reinava a tal respeito bastante confusão na nomenclatura naval. No mesmo documento applicam-se alternadamente os nomes de nau e galeão ao mesmo navio. Assim, n'um manuscripto d'aquella epocha pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa, e que fórma o complemento do codice por vezes citado sob o titulo de *Livro Nautico*, encontra-se um exemplo

¹ Ia mandar para a imprensa o presente trabalho, quando tive a fortuna de receber do erudito philologo e lexicographo o sr. dr. Santos Valente uma informação preciosa que corrobora e amplia as notas acima redigidas. Cito as proprias palavras do meu illustre amigo, na carta que teve a extrema bondade de me dirigir: «Nos additamentos e correções que tenho feito ao *Diccionario Contemporaneo* desde que elle se publicou, encontro a respeito da Taforéa, de que hontem falámos, o seguinte extracto de uma carta, que tive á vista, del-rei D. Manoel ao rei de Castella, impressa em 1505:

«E fizeram muitas correrias em terra, porque uma das dietas naus é taforéa, a qual «traz vinte cavallos e tem a poppa aberta, com uma ponte de trinta braças, que se lança «em terra e por ella entram e saem os cavallos».

A carta, onde foi collhido este interessantissimo esclarecimento, pertence ao sr. Jeronymo das Neves Ferreira Sobrinho que o meu ex.^{mo} amigo designa como «um dos primeiros, senão o primeiro colleccionador de livros relativos aos nossos descobrimentos».

É, como pude verificar logo em seguida, falando a tal respeito com o meu erudito amigo o Rev. padre Prospero Peragallo, a mesma carta com que este laborioso investigador illustra o presente volume d'estas *Memorias*. O texto italiano correspondente, que se encontra a pag. 32 da memoria do sr. P. Peragallo, é o seguinte :

«... et facti molte corriere per terra: perche una de dieta nave e tafforea che porta «xx. cavalli: e ha la poppa aperta cō uno ponte de xxx. bracia quale gietta 1 terra: e p «epso saglino et intrano li cavalli».

Folgando de ver confirmadas as minhas presumpções sobre a taforéa, é-me sumamente agradavel dar publico testemunho de reconhecimento aos meus excellentes amigos pela importancia das suas informações e pela amavel espontaneidade com que m'as forneceram.

frizante d'esse facto. Um documento, intitulado *Folha dos navios que S. Mag.^{de} tem nesta Coroa de Portugal, e o estado em que estão, etc.*, começa por fazer a resenha de quinze navios, armados ou em construcção, entre os quaes figura o galeão *Santo Antonio*. Pois mais adeante, quando se particularisam os concertos e as reformas de que carece cada um dos navios, esse galeão é classificado como nau. Alguns dos galeões de Portugal, que fizeram parte da Invenível Armada, e que se incluem n'uma circunstanciada *Relação* que faz parte d'esse codice, recebem n'outros documentos da mesma collecção a designação de naus.

Anteriormente ao seculo xvi, parece que se dava no estrangeiro o nome de galeões a navios de differente fôrma e apparelho, talvez a todos aquelles cujo casco mais ou menos se approximava do das galés. Já em fins do seculo xii ou principio do xiii, uma canção de Affonso IX de Castella fala em *galeon*,¹ com quanto as *Partidas* de Affonso o Sabio não incluem esse navio entre os usados no seu tempo. Deviam ser provavelmente embarcações de remo os galeões de Roma, a que Garcia de Rezende se refere na *Chronica de D. João II*, os quaes eram, além das caravelas portuguezas, os unicos navios latinos usados pelas nações da Christandade; o proprio Rezende afirma que elles não eram de alto bordo como as caravelas, por isso que os não consideravam aptos para largas navegações.

A introdução de navios com esse nome em Portugal data do primeiro quartel do seculo xvi. Anteriormente a essa epocha, não ha vestígios da sua existencia nas nossas chronicas, o que não é muito de admirar, visto que, tendo desaparecido quasi totalmente das armadas portuguezas regulares as galés, como a seu tempo veremos, é naturalissima a ausencia de navios, cujo typo d'ellas derivava. Originarios do Mediterraneo, presumivelmente de Veneza, os galeões parece terem chegado a Portugal por intermedio da Hespanha, onde o seu uso geral não era talvez tambem muito remoto. Em 1519 é que principiam a figurar navios com essa classificação nas armadas da India; Gaspar Corrêa inclue na d'esse anno tres, um dos quaes, chamado S. Jeronymo, no dizer de Luiz Falcão, ficou tristemente assignalado pela defeccção do commandante, o castelhano D. Luiz de Gusman, que se fez corsario por conta propria. Logo começam a construir-se tambem na India, como se vê nas *Lembranças das cousas da India em 1525*,² que dão conta de cinco galeões alli fabricados, cuja lotação era de 50 toneis para baixo. A um dos galeões exis-

¹ *Cancioneiro da Vaticana*, edição do sr. dr. Theophilo Braga — Canção 63.

² No vol. dos *Subsidios para a historia da India portugueza*, publicado por ordem da Acad. R. das Sciencias.

tentes ao tempo n'aquelle estado, chamavam lá galeaça. Esta alcunha parece indicar ou que este galeão podia mover-se a remo, como as galeaças, ou que se tomava a palavra *galeão* como termo generico que abrangia as galeaças. É certo que, com respeito a navios d'este ultimo typo, não encontro vestigio de serem muito usados pelos portuguezes. Todavia, na armada que em 1531 o governador Nuno da Cunha aprestou contra Diu, figuram duas galeaças¹, uma das quaes seria porventura a mesma a que se referem as *Lembranças das cousas da India*. A confusão entre *galeão* e *galeaça* encontra-se tambem em Diogo do Couto, Dec. x, liv. viii, cap. x, quando descreve a armada que em 1587 o vice-rei D. Estevam da Gama mandou á costa de Melinde, composta de dois galeões, tres galês e treze fustas, e, particularizando, designa logo em seguida um dos galeões com o titulo de galeaça Santa Catharina. Da mesma fôrma, Fr. João dos Santos (*Ethiopia Oriental*, part. i, liv. v, cap. viii e x) classifica alternadamente de galeaças e galeões dois dos navios, que faziam parte da armada enviada á mesma costa pelo governador Manuel de Sousa Coutinho em 1589. Poderá talvez explicar-se esta confusão pelo facto de serem muitas vezes de remo os galeões que appareciam na India, como se depreheende da seguinte passagem de Lopo de Sousa Coutinho, descrevendo a armada dos rumes commandada por Soleimão Baxá: «Os navios de remo que no dito Suez estavam e forneceu, eram os seguintes: quinze galês bastardas de trinta e tres bancos cada uma; vinte e cinco galês reaes de trinta bancos; dez galês sotis, quatro albetoças e seis galeões de duas gaveas». ² Estes galeões, segundo affirma G. Corrêa³, eram perigosos de navegar, por serem de pouco fundo e sem quilha; e o mesmo escriptor attribue-lhes quatro mastros, distribuindo-os pela seguinte fôrma: mezena, contramezena e tres gaveas. Deve haver engano n'este ultimo pormenor, porque o numero de tres gaveas é incomprehensivel pela descripção. O apparelho seria portanto identico ao dos galeões portuguezes; mas, com serem navios de remo, a fôrma do casco era muito diversa.

A tonelagem não serve de caracteristica distinctiva para os galeões. Havia-os de mais de 1:000 toneis, e d'ahi para baixo até 100 toneis, que era o porte do galeão *Piedade* que foi para a India na armada do vice-rei D. Vasco da Gama em 1524. ⁴ Era exactamente o que succedia ás naus. Portanto, para averiguar as differenças existentes entre os dois typos de navios, confron-

¹ G. Corrêa, *Lendas*, tom. iii, pag. 390.

² *Hist. do cerco de Diu*, liv. ii, cap. vi.

³ *Lendas*, tom. iii, pag. 869.

⁴ *Lembranças das cousas da India*, pag. 22.—*Livro de toda a fazenda*, pag. 152.

tem-se as principaes dimensões e varios outros pormenores de construcção e apparelho da nau de 600 toneladas e do galeão de 500, constantes dos documentos que adeante transcrevo, extrahidos do *Livro Nautico*, manuscrito da Bibl. Nac. de Lisboa. Eis o quadro comparativo das principaes dimensões:

	QUILHA — Rumos	LANÇAMENTO A PROA — Palmos de goa	LANÇAMENTO A POPA — Palmos de goa	COMPRIMENTO TOTAL — Palmos de goa	BOCCA — Palmos de goa	ALTURA DA RODA — Palmos de goa	ALTURA DO CADASTE — Palmos de goa
Nau de 600 ton. . .	47	35	10 1/2	147 1/2	50	50	42
Galeão de 500 ton..	18	30	9	147	52	45	37

Como se vê, a relação entre o comprimento total e a largura, habitualmente representada pela expressão 3:1, não é sensivelmente alterada em nenhum dos dois typos dos navios. Mas a quilha é que é muito mais longa no galeão, sendo em compensação menores os lançamentos. Isto destroe uma asserção, geralmente accete, de que nos galeões esta relação variava entre 4 e 5:1. Só existia um navio de vela em que a expressão da proporcionalidade se tivesse alterado n'esse sentido: era a caravela, como o prova uma citação de Fernando Oliveira, da qual me aproveito nos meus *Estudos* sobre essa especie de navios.

A nau de 600 toneladas tem tres cobertas, e o galeão apenas duas. Parece pois que n'este a maior comprimento de quilha correspondia menor altura de obras mortas, e por conseguinte talvez maior estabilidade e mais finura.

O apparelho tambem é differente nas duas especies de embarcação. A nau tem tres mastros além do gurupés: traquete, grande e mezena. O galeão tem quatro: traquete, grande, artimão e contra artimão. Mas, quando tratámos das naus, já verificámos que esta ultima disposição não era privativa dos galeões.

O galeão, assim como a caravela, tem esporão: é esse provavelmente um dos caracteres que lhe ficou da sua origem. Como é sabido, desde a antiguidade que as galés o possuíam.

No galeão que estamos analysando, o castello de proa parece não lançar para fóra da roda, ao contrario do que succede na nau. Seria isto uma característica, ou disposição accidental do exemplar que pelo documento se reconstitue? Opino pela segunda hypothese, porque tenho examinado diversos exemplares de galeões onde a fôrma contraria subsiste.

Bartholomeu Crescentio, seguido por Jal, attribue aos galeões uma particularidade notavel. É a fôrma da popa, *alla bastardella*, como se usava nas galés. A popa *alla bastardella* era arredondada e um pouco bojuda; contrapunha-se á popa chata, de painel, mais vulgarmente usada nas naus. Tenho porém motivos para crer que essa disposição, porventura geral nos galeões do Mediterraneo, não era característica nos portuguezes. Encontro a prova d'este facto n'uma soberba gravura de um livro allemão *Historien der Königreich Hispanien, Portugal und Africa*, publicado em 1589. Representa essa gravura a batalha naval dos Açores entre as forças do prior do Crato e a frota do marquez de Santa Cruz. N'esse documento contemporaneo, encontram-se galeões com a popa *alla bastardella*, e outros com a popa chata, ao passo que se veem naus com a disposição attribuida por Crescentio aos galeões. D'elle se extrahiram, para exemplificação, as gravuras, a pag. 30 e 31, dos galeões portuguezes *S. Martin* e *S. Matheus*, cujas fôrmas de popa differem essencialmente.

A distincção apontada pelo erudito almirante Quintella¹, de que os galeões tinham maior altura de obras mortas do que as naus, de que a tonelagem d'estas era superior á d'aquelles, e de que os galeões montavam maior numero de boccas de fogo, não me parece fundada, apezar de todo o respeito que me merece o consciencioso escriptor. Nem a tonelagem, nem a altura das obras mortas, constituíam caracteres differenciaes das duas especies de navios. Quanto á artilheria, um simples confronto feito sobre qualquer documento contemporaneo, destroe immediatamente a hypothese.

Na *Folha dos navios que S. Maj.^{de} tem nesta Coroa de Portugall*, documento a que acima me referi, começa-se pelas requisições para a nau *S. João*, de 500 toneladas. Figura entre ellas a artilheria com o numero de trinta e sete peças, a saber: um camello, doze esperas (ou esferas), oito pedreiros, dez falcões, seis berços. Para a nau *Nossa Senhora do Rosario*, do mesmo porte, assim como para os galeões *S. Luiz* e *Santo Antonio* (tambem classificado como nau), ambos de 480 toneladas, faz-se requisição identica. Para o galeão *S. Bartholomeu*, que se acha em construcção e que deverá ter 520 toneladas ou mais, expressamente diz o texto: «Val a artelharia pera este galeão com suas monições que he outra tanta como a q̃ se deu pera a nau *S.^a João* — 4848\$560.» E o mesmo se estipula para os galeões *S. Paulo*, em construcção no Seixal, *S. Pantaleão* e *S. Pedro*, que vieram do Porto, e outro ainda não baptisado em construcção na mesma cidade, todos elles de 520 toneladas. Como se pode concluir que o numero de boccas de fogo servisse para differenciar as duas especies de navios?

¹ *Annaes de Marinha Portuguesa*, tom. 1, pag. 329, nota.

Não devo comtudo occultar que os galeões da Invencivel Armada teem geralmente, para lotações eguaes ou proximas, maior numero de peças de artilheria do que as naus que entraram na mesma expedição. Mas a differença é relativamente insignificante; e, em vista do exemplo que adduzi, e não é



H—O galeão «S. Martin»

unico, a ultima caracteristica apontada pelo sabio almirante perde completamente o seu valor.

O que se deve concluir, em summa? Sem bases seguras que estudos subsequentes me poderão fornecer, julgo perigoso aventar qualquer hypothese a tal respeito. Não me parece que as divergencias assignaladas entre a nau de 600 toneladas e o galeão de 500, que constam dos documentos do *Livro Nautico*, constituam differenças caracteristicas. Não é facil pois definir exactamente o galeão, como typo inconfundivel de construcção naval. Especie evidentemente do genero nau, as differenças essenciaes que o distinguiam não são facilmente apreciaveis. É certo comtudo que, mais ou menos sensiveis, ellas deveriam existir; nem d'outro modo, apezar da confusão notada na nomenclatura naval do seculo xvi, se poderia explicar a distincção que ella tantas vezes estabelece systematicamente.

O problema fica pois, quanto a mim, sem solução. E convém notar que me refiro unicamente aos galeões, assim chamados em Portugal. Para os de Veneza, por exemplo, determina claramente Crescentio os caracteres especificos, mas esses não teem applicação segura aos portuguezes. Para os galeões

hespanhoes, anteriormente ao século xvii, nenhuma distincção fundamental pude encontrar, consultando os documentos insertos na magnifica collecção publicada pelo sr. D. Cesareo Fernandez Duro, sob o titulo geral de *Disquisiciones Nauticas*. Faço votos por que, a tal respeito, algum investigador mais



I—O galeão «S. Matheus»

feliz suppra a minha insufficiencia. Se é necessaria certa coragem para confessar a ignorancia, sem arriscar por vaidade hypoltheses caprichosas, é esse um merito que sem receio reclamo.

*
* *
*

Navios de remos.—Desnecessario é, n'este estudo especial, embrenhar-me em descripções detalhadas da galé. A galé portugueza do século xvi não differia essencialmente dos modelos descriptos em todos os livros de archeologia naval, como se pode ver pelos documentos do *Livro Nautico*, adeante transcriptos. O que me importa sobretudo é historiar summariamente o uso dos navios de remo entre nós, durante os dois seculos a que especialmente me estou reportando.

É sabido que as galés, navios de pequeno bordo, demasiado longas e estreitas, com apparelho pouco desenvolvido, não eram adequadas a largas na-

vegações no mar alto. Por isso estavam quasi circumscriptas ao Mediterraneo, onde as galés de Veneza e mais tarde as da Turquia tinham fama universal. É certo comtudo que, durante os primeiros tres seculos da monarchia portugueza, vemos essa especie de navios figurar constantemente em batalhas contra castelhanos. O uso antiquissimo de navios de remo pelos povos que successivamente invadiram a Peninsula, a proximidade do estreito de Gibraltar, o terror pelas viagens aventurosas, explicam satisfactoriamente este facto, na apparencia anormal. Além d'isso, concorreu decerto para a voga e talvez para o aperfeiçoamento d'esta especie de navios entre nós a educação nautica que desde o tempo de D. Diniz recebemos dos genovezes. Tão familiarisados estavam os portuguezes com a manobra das galés, que não duvidavam arriscar-se a expedições longinquas, por mares pouco benignos, como aquella que em 1374 ou 1375 as galés de Castella e Portugal, combinadas, tentaram, com bom exito, contra as costas de Inglaterra. A tão decantada viagem attribuida ao barão de La Garde, trazendo 25 galés de Marselha para o Havre, em 1545, assim como a realizada annos antes por Prégent de Bidoult que com quatro galés passou o estreito, estas duas expedições que, no dizer de um historiadôr francez, os auctores contemporaneos consideraram maravilhas da arte naval¹, decahiriam muito da sua ruidosa celebridade com o facto apontado, entre outros, se não fosse já corrente que as galés venezianas iam todos os annos commerciar a Flandres. Fernando Oliveira, auctor *tão contemporaneo* que de Lisboa seguiu para Inglaterra n'uma das galés do barão de La Garde, tomando parte na campanha naval emprehendida pelos francezes contra os inglezes, não se espanta absolutamente nada de semelhante expedição, com quanto cathegoricamente condemne o emprego d'aquelles navios em mares procellosos como a Mancha.

Dos começos do seculo xv por deante, logo que para os portuguezes começou a esvair-se o pavor do Mar Tenebroso, e que as suas expedições maritimas se alargaram por mais vastos campos, as galés, e em geral os navios longos, foram quasi totalmente abandonadas. Verdade seja que nas expedições á costa da Berberia e nas carreiras do estreito, ainda figuram muitas vezes galés e sobretudo fustas. Mas a esses limites parece circumscrever-se por então o seu emprego, sem fallar nas que mais tarde apparecem no Oriente. Mesmo as galés que durante o seculo xv tomaram parte nas jornadas ao norte de Africa provinham talvez do Algarve, mais directamente influenciado pelos costumes mouriscos, e ainda com mais probabilidade de Ceuta. Para a empreza de Alcacer em 1458, juntou D. Affonso V duzentas e oitenta embarca-

¹ Du Sein, *Histoire de la marine*, tom. II, p, 494.

ções, entre naus, galês, e outros navios de carga e de serviço. Esta armada, porém, reuniu-se no porto de Lagos, onde o rei, tendo partido de Setúbal em 30 de setembro e havendo-se-lhe a 3 de outubro aggregado o infante D. Henrique que o esperava em Sagres, permaneceu até 17 d'esse mez aguardando a frota que o marquez de Valença trazia do Porto e outra *fustalha* que faltava. ¹ A palavra *fustalha*, com quanto tivesse muitas vezes uma acceção generica, applicava-se comtudo mais particularmente aos navios de remo. D'onde provinha essa *fustalha*? Se viesse de Lisboa, não ha motivo explicavel para que não se tivesse incorporado na armada regia, partida de Setúbal. Vê-se tambem que não vinha do Porto. Portanto, é naturalissimo concluir que fosse uma armada de navios de remo mandada reunir por D. Henrique no estreito, parte da qual ainda deante de Tanger veio juntar-se à frota.

Na conquista de Arzilla em 1471, tambem figuram galês e fustas, que pode igualmente suppor-se constituirem a frota do Algarve, ou serem os navios trazidos de Alcacer pelo conde de Vianna. ²

Mas no tempo de D. Affonso V, a ausencia de galês como navios regulares da armada é ainda accusada pelos dois factos seguintes. Quando se aprestou a luzida frota que em 1451 devia levar á Italia a imperatriz D. Leonor, irmã do rei de Portugal, não se incorporaram galês n'essa frota, sabendo-se que o Mediterraneo era, por assim dizer, o campo de eleição de taes navios. Igual reparo se pode fazer com respeito á armada que conduziu D. Affonso V a um porto do sul da França.

No reinado de D. João II as galês deixam de figurar nas frotas portuguezas. No reinado de D. Manuel, não apparecem ellas na expedição de Azamor, mas figuram em 1515, juntamente com fustas, na frota de duzentas velas, enviada a Mamora, a qual, note-se, não sabiu toda de Lisboa. Mais tarde vejo-as mencionadas na armada que conduziu a Nice a infanta D. Beatriz, duqueza de Saboya. Este ultimo acontecimento deu-se em 1520, e não me parece que elle accuse a normalidade do emprego das galês. Trinta e cinco annos mais tarde, Fernando Oliveira escreve as seguintes linhas, as quaes me suscitaram as reflexões que sobre o uso das galês em Portugal tenho até aqui exposto.

«O mesmo se enxerga nos nossos, que oje ha dez annos cuydauam que galees eram algũa cousa mōstruosa, & acalentauam os meninos co ellas, mas agora jaa sabem para quanto sam, & não arreceão as fustas dos mouros, as quaes todauia sem galees nam nas podiam colher como agora fazem, porque

¹ Goes, *Chron. do Pr. D. João*, cap. x.—Pina, *Chron. de D. Affonso V*, cap. cxxxviii, attribue a esta expedição a data de 1457.

² Goes, *Op. cit.*, cap. xxi.—Pina, *Op. cit.*, cap. clxii.

nam hauendo vento nauegauam, o que não podiam fazer as carauellas, & hauendo tempo sobejo metianse em buracos onde nam podiam entrar co ellas». ¹

E um pouco mais adeante, explicando a significação da palavra *comitre* e o serviço d'este official, accrescenta:

«... porem nos pollo muyto tempo que ha que deixamos o vso das galles esquecemos jaa este & outros vocabulos dellas...» ²

O texto do erudito escriptor, confrontado com os elementos historicos que rapidamente esbocei, não pode deixar-nos duvidas sobre a larga solução de continuidade que teve no nosso paiz o emprego das galês. Abandonámo-las, como disse, por serem inconvenientes para as longiquas navegações que empreendiamos por mares desconhecidos. Durante o longo periodo de exploração pelas costas occidentaes da Africa, apenas uma vez, em 1447, apparece um navio de remo: a fusta de Palenço, a qual foi na companhia da caravella de Diniz Dias, com o intuito claramente explicado por Azurara: «nom porque se della entendesse daproveitar em ontra cousa senom na entrada do ryo do Nillo;» ³ ca porque era velha, entendya de a leixar onde quer que sentisse seu derradeiro fallicimento». ⁴ Assim succedeu com effeito, porque a fusta de Palenço naufragou umas cincoenta leguas ao norte do Senegal.

Parece portanto que só no reinado de D. João III voltámos a empregar as galês nas nossas armadas regulares. E a prova de que havia falta de uma tradição continua a respeito d'estes navios, é que a terminologia especial, como se pode observar nos documentos adeante exarados, é quasi absolutamente de origem italiana muito proxima. É certo que a terminologia castelhana é identica; mas isso explica-se pelas relações mais intimas que sempre tiveram entre si os povos do Mediterraneo: ao passo que, se o uso das galês tivesse persistido continuamente no nosso paiz desde os primeiros seculos da monarchia, embora houvessemos recebido inspiração directa dos genovezes, é de suppor que a nossa lingua tivesse imposto o cunho do seu genio áquella terminologia, alterando-a gradualmente, de modo que em muitos casos não fosse facil discernir-lhe a filiação. Essas difficuldades etymologicas são vulgarissimas em sciencias e artes, para as quaes recebemos inspiração alheia.

Voltando ao começo do seculo xv, é de notar o papel importante que desempenharam as galês nas nossas guerras e primeiras expedições, sobretudo na de Ceuta, onde ellas figuraram em numero avultado. *Tríremes* e *Bíremes*

¹ *Arte da guerra do mar*, fol. XLII v.

² *Ib.*, fol. XLIII v.

³ O Senegal.

⁴ Azurara, *Chron. da Guiné*, cap. LXXI.—Barros, (Dec. I, liv. I, cap. XIII) chama Diniz Fernandes a este Diniz Dias, e Palaçano a Palenço.

lhes chama o chronista Matheus de Pisano. A primeira palavra parece designar as galés de tres remos por banco, *da tres*, como lhes chamou mais tarde Fernando Oliveira. A segunda pode designar galés de dois remos por banco, ou galeotas, ou fustas.¹ A darmos credito a Azurara, foi em Portugal que se inaugurou o uso de toldar as galés, de pôpa a prôa, com pannos vistosos das côres nacionaes ou reaes. As galés onde primeiro se poz em pratica este systema, adoptado depois por toda parte, foram aquellas que levaram a embaixada do prior do Hospital á rainha da Sicilia, com o fim ostensivo de contractar o casamento d'essa rainha com o infante D. Pedro, mas com o verdadeiro e reservado intuito de examinar de caminho a situação e os recursos da cidade de Ceuta, contra qual D. João I projectava a sua expedição. Os tripulantes d'esses navios tinham tambem ricas librés com o moto e divisa real, e as bandeiras que adornavam as galés eram sem conto.²

Este luxo no adorno das galés não era costume novo em Portugal. Já em 1370 o rei D. Fernando se esmerara singularmente na decoração da galé capitania da esquadra que a Barcelona conduziu o conde D. João Affonso Tello, a tratar do casamento do monarcha portuguez com a filha do rei de Aragão. Essa galé real tinha vastas camaras, onde devia aposentar-se a infanta; era guarnecida de estandartes e pendões vistosos; os seusapparelhos eram de seda; ao longo da coxia ornamentavam-na muitos e grandes dentes de porco montez encastoados; os remos eram pintados; os galeotes e os bésteiros trazavam librés apparatusas.³

Já disse que os navios de remo continuaram a ser empregados pelos portuguezes nos seus estabelecimentos ao norte de Africa. Comtudo as galés eram raramente usadas; creio mesmo que apenas se serviriam d'aquellas que a fortuna da guerra lhes trazia ás mãos, como succedeu á soberba galé provençal de vinte e oito bancos, capturada em 1462 pelo conde D. Henrique de Menezes.⁴ O uso d'estas embarcações não seria ainda assim frequente, pela falta de muitos braços para as vogar, e pela pouca adaptação de tamanhos navios ás correrias no estreito e pelos portos berberescos, dirigidas sobretudo contra pequenas embarcações de pesca e de transporte, como caravos, zavras, fustas, barcas, etc. Empregavam-se de preferencia as galeotas e os bergantins, e principalmente as fustas, cuja construcção, porventura mais ligeira, era por isso mais compativel com os exiguos recursos de que sem duvida dispunham os nossos estaleiros n'aquellas paragens.

¹ V. Jal, *Gloss. Naut.*, voc. *Biremis* e *Triremis*.

² *Chron. de D. João I*, part. III, cap. xv.

³ F. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, cap. XLIX.

⁴ Azurara, *Chron. do Conde D. Duarte*, cap. CXIX.

Os caracteres específicos das fustas são ainda objecto de um problema irresoluto. «No seculo xv», diz Jal no artigo *Fusta* do *Glossaire Nautique*, «as fustas formavam, na familia dos navios de remos, uma familia particular, cujos individuos, reunidos por laços communs: a fôrma geral, a coberta, o apparelho, o velame, a organização dos remos, differiam entre si pelo tamanho, e bem assim por certos pormenores que hoje nos são desconhecidos».

Mas, admittindo que as fustas formassem uma familia particular dos navios de remo, tambem é corrente que a accepção da palavra *fustas* se ampliava muitas vezes n'um sentido generico. Observa-se esse facto nos seguintes exemplos, no primeiro dos quaes essa palavra assume a fôrma variante de *fustes*:

«... e na guerra que se fizesse per mar, elRei Dom Fernando possesse a terça parte das *fustes*, com tanto que nom passasse conto de quinze gallees...»

(F. Lopes, *Chron. de D. Fernando*, cap. xcvi.)

«... e a frota d'ElRei era corêta fustas amtre gales e galeotas e outros muitos navios...»

(Acenheiro, *Chronicas*, cap. ix.)

Referindo-se á armada que D. Duarte de Menezes mandou em 1587 á costa de Melinde a fim de castigar os mouros rebeldes ao poder portuguez e favoraveis aos turcos, Couto constitue-a de dois galões, tres galês, e doze fustas. Fr. João dos Santos chama galeotas a estas fustas.¹ É pois evidente que debaixo d'esta ultima designação se comprehendiam muitas vezes todos os navios de remo. Todavia, a significação da palavra parece ter-se restringido para os profissionais a certas embarcações de remo usadas pelos mouros da Africa e da Asia, e adoptadas pelos portuguezes. Prova-o Fernando Oliveira escrevendo: «... como tambem chamamos fustas as fragatas dos mouros, porque sam feytas de fuste, que quer dizer madeyra ou pao».² Ora *fragata* era, na opinião d'aquelle auctor, o nome que deveria dar-se rigorosamente ao bérantim.³

Os nossos chronistas das campanhas do Oriente encorporam frequente-

¹ Couto, *Dec.* x, liv. viii, cap. x.—Fr. J. dos Santos, *Ethiopia Oriental*, part. i, liv. iii, cap. iv.

² *Arte da guerra do mar*, fol. xxii.

³ *Ib.*, fol. xliii v.: «Nas fragatas ou fragatins que quaa chamam bragatins, remeyros e marinheyros tudo he hum. Digo que o seu nome he fragatins diriuado do fragor dos remos, & não braganlins que parece cousa de bragantaria».

mente varios navios de remo, adoptados pelos portuguezes, como eram por exemplo os catures, sob a designação generica de fustas. Não é portanto facil caracterisar a fusta como individuo naval distincto. Pode apenas deprender-se das considerações anteriores que o termo designava os pequenos navios de remo, semelhantes ás galeotas ou aos bergatins, que se empregavam na Africa e no Oriente, e cuja construcção seria provavelmente menos apurada do que a das embarcações analogas usadas na Europa. É pois evidente que a sua fôrma e o seu apparelho variavam conforme a sua prôveniencia. Das fustas do Oriente sabemos que tinham velas latinas, como indica F. Mendes Pinto no cap. ccxiii da *Peregrinação*: «... se deu rebate de cima do outeyro de nossa Senhora q̃ para a parte do Norte apareciaõ duas velas latinas... q̃ erãõ duas fustas em que hião sessenta Portuguezes...» É de suppor que o numero de mastros e velas não fosse uniforme, attendendo á variedade das especies que, como vimos, se comprehendiam na designação generica de fustas.

D'estes factos e de outros analogos se depreheende que os portuguezes adoptavam para o seu serviço as embarcações que encontravam nas regiões conquistadas, percebendo que em geral a experiencia dos indigenas, quando não absolutamente selvagens, devia tel-os guiado na escolha das fôrmas mais adequadas aos mares por onde navegavam. É portanto de crer, como disse, que as fustas usadas pelos nossos capitães da Africa fossem as berberiscas, assim como na mesma região elles adoptavam por vezes os caravos, as zavras, as barcas mouriscas, etc., e assim como da mesma fôrma os governadores e capitães da India se aproveitavam das embarcações orientaes como parãos, champanas, juncos, catures, lancharas, calaluzes, batins, manchuas, jurupangos, joangás, balões, etc.

Pelo que diz respeito ás galés, encontro na *Arte da guerra do mar* de Fernando Oliveira informações muito interessantes. O erudito clérigo condemna o emprego de galés de mais de quatro remos por banco, pelo extremo compromisso que exigem e pela difficuldade de movimento dos remadores, em consequencia da forçada estreiteza dos navios. Coube-lhe a honra de aconselhar um dos mais celebres homens do mar de que se orgulha a França, o barão de la Garde, a que reduzisse a quatro remos por banco uma galé de cinco, construida para uma viagem de Francisco I. Executada a modificação, a galé «ficou assy mays espaçosa & de melhor seruentia com menos despeza & tam boa nauegaçam como dantes». ¹

Tinham pois as galés classificadas por Oliveira como inteiras tres ou quatro, o maximo cinco, remos por banco. Ás que excediam este numero chamava

¹ *Arte da guerra do mar*, fol. XLIII.

elle disformes. A sua mastreação, a regularmo-nos pelos preciosos mapps do *Roteiro de Goa a Dio* por D. João de Castro, era a seguinte: pequeno mastro de traquete com vela quadrangular de cruz, mastros grande e de mezena ou arrimão com velas latinas triangulares. Tinham á popa um tendal sobre o qual se armava um toldo, e avante d'esse tendal um pau de bandeira.

Todavia, a galé do *Livro Nautico*, a que se refere a memoria que transcrevo no *Appendice*, tinha apenas dois mastros, o grande e o de traquete. No primeiro podiam, conforme as circumstancias do tempo, armar-se duas antenas, uma para o bastardo, que é a vela maior, outra para a burda,¹ que é uma vela da mesma especie, mas mais pequena. Além d'isto, podia cruzar-se n'esse mastro uma verga para o treu, vela quadrangular usada em occasião de temporal. A vela do traquete era tambem redonda.

Esta galé, de vinte e quatro bancos, era a chamada galé bastarda. A galé real, como se vê dos ultimos periodos do mesmo documento, não differia essencialmente d'esta, a não ser no numero de bancos que eram vinte e nove, e com certeza no numero de remos em cada banco, que deveria ser superior. A galeota tinha dezoito bancos, sem outra differença da galé, a não ser nas proporções. Mas, pelo que se conclue de Fernando Oliveira, na galeota vogavam apenas dois remos por banco.

O bergantim ou bragantim, que o mesmo insigne escriptor, com a sua auctoridade de grammatico, quer chamar de preferencia fragata ou fragatim, não tinha mais de dezeseis bancos, a um remo por banco. Pela memoria do *Livro Nautico* referente a um bergantim de quatorze bancos, vê-se que a sua mastreação era em Portugal, nos fins do seculo xvi, identica á das galés. Differia pois dos bergantins do Mediterraneo, descriptos por Pantero Pantera,² os quaes tinham apenas um mastro com uma só vela.

Continuando a seguir Fernando Oliveira,³ vemos que a galé de quatro remos por banco, ou *da quatro*, como elle lhe chama abreviadamente, deveria ter vinte e quatro bancos por banda, onde remavam cento e noventa homens, por isso que os ultimos bancos de vante tinham a menos um remador,

¹ *Borda* é a denominação dada a esta vela por D. João de Castro, *Roteiro de Goa a Dio*, pag. 130. Lopo de Sousa Coutinho chama-lhe *bordada*, e *arrimão* a outra vela maior que corresponde sem duvida ao bastardo: «e como fosse d'elles (*Turcos*) vista a dita fusta com muita diligencia doze galés tirando as bordadas que são velas pequenas, e mettendo os arrimões, que são velas muito maiores a começaram a seguir». *Hist. do cerco de Dio*, liv. II, cap. v.

² *Jal, Gloss. Naut.*, v. *Brigantin*.

³ *Arte da guerra do mar*, fol. xliiij e seg.

em consequencia do estreitamento da prôa. A galé *da tres* teria vinte e dois bancos e, por analogo motivo, cento e trinta remadores.

O numero de bancos serve para Oliveira de base para as dimensões da galé. Assim, o antrescalmo, que é o espaço comprehendido entre dois toletes ou escalmos do mesmo banco, regulava por meio palmo de goa.¹ O intervallo entre dois bancos, chamado balhesteira pelos castelhanos² e antordem pelo nosso auctor, seria pelo menos de tres palmos. Por consequinte, na galé *da tres*, a bancada com a competente balhesteira occupava sete palmos, contando-se proxivamente um palmo para o logar de cada remo. De fórma que para vinte e dois bancos requer-se ponco mais ou menos cento e cincoenta palmos; acrescentando-se mais trinta para pôpa e proa, logar do fogão e do esquife, deveria a galé ter cento e oitenta palmos de goa de comprimento. Analogamente se achariam as dimensões das galés maiores, das galeotas e dos bergantins.

Quanto á largura, é de opinião o erudito marinheiro que não deveria ser muito inferior a um quinto do comprimento, como se usava nos navios antigos, comquanto no seu tempo se abusasse do numero das bancadas, augmentando por isso desmesuradamente o comprimento, a ponto de que a sua relação para a largura era expressa por 8 e 10:1, e, acrescenta Oliveira, «nam se cõtentã, tanto a poderam alongar que façam della hũa ponte dengonços».

São estes os pormenores menos conhecidos que com respeito aos navios de remo em Portugal me foi possivel colligir. Levar-me-hia muito longe um estudo completo sobre esta especie de navios, e não faria mais do que repetir o que em varios tratados de archeologia ou de architectura naval se acha já condensado. Mas não posso deixar de apontar, como extremamente curioso para o conhecimento da vida intima das galés, o livro do bispo de Mondonedo, D. Antonio de Guevara, publicado pelo sr. D. Cesario Fernandez Duro no volume *La mar descrita por los mareados*, segundo das suas *Disquisiciones Nauticas*.

¹ Veja-se a nota no fim d'esta memoria sobre medidas usadas na construcção naval.

² *Ballestera*, em francez *Arbalestière*, assim chamada porque n'esse espaço se acomodavam de noite os soldados, ordinariamente bésteiros (*arbalétriers*).

CARAVELAS

I¹

É ocioso demonstrar quanto são arduas e complicadas todas as investigações de archeologia naval. De sobejo teem provado os mais notaveis eruditos d'esta especialidade a pouca fê que merecem geralmente os documentos antigos, quando se referem, pela escripta, pelo desenho, pela pintura, pela esculptura, a tudo quanto diz respeito á navegação. As discussões infructuosas, as hypotheses mais ou menos arriscadas, a que teem dado logar certas questões de archeologia naval, como por exemplo a que diz respeito ás ordens de remos das galês na antiguidade, não teem logrado derramar uma luz sufficientemente intensa sobre essas questões, por não encontrarem fundamentos bastante solidos nos documentos litterarios e artisticos do tempo.

Mas o que realmente é mais difficil de explicar é a carencia de informações claras e positivas sobre factos e objectos de navegação relativamente proximos da nossa epocha. Assim, as caravelas, cujo nome se conserva na tradição oral e escripta, ligado ás glorias dos grandes navegadores da Peninsula Hispanica, as caravelas, illustradas pelas viagens de Colombo e de Gama, e que desapareceram da Europa em meados do seculo xvii, não deixaram de si uma representação nitida e incontroversa, nem documentos que aclarassem de uma maneira definitiva a sua origem, a sua forma, o seu apparelho, as suas condições de navegabilidade. É notavel que os escriptores e artistas contemporaneos, sobretudo nas epochas em que a Renascença fazia uma revolução profunda nos dominios intellectuaes da humanidade, ao passo que a descoberta de novos mundos alargava colossalmente a esphera da sua actividade, não curassem com maior escriptulo das coisas que interessavam a navegação e o

¹ A I e a II parte d'estes estudos foram publicadas em 1890 nos *Annaes do Club Militar Naval*, tom. xx, n.ºs 3, 4, 8 e 9. Com leves correcções as reproduzo, para fundamentar a controversia que faz objecto da III parte, agora composta.

commercio. Emfim, seja como fôr, o que é certo é que o assumpto—caravelas—está infelizmente longe de ser exgotado: e por isso seja-me permitido, sem esquecer a consideração devida aos sábios archeologos que se tem occupado da questão, trazer um modesto contingente ás suas investigações.



A etymologia da palavra *caravela* é o primeiro objecto de controversia entre os archeologos. E é para admirar que um erudito como Jal chegasse a admitir por algum tempo a etymologia *cara bella*¹, a qual se me affigura levemente ingenua, e não acha justificação na elegancia relativa d'estas embarcações, comparada com as construcções navaes contemporaneas da sua origem. Verdade seja que o illustre archeologo se inclinou mais tarde² á opinião de Crescentio³ e du Cange⁴, os quaes derivam a palavra do baixo latim *Carabus*, ou do grego *καράβος*. E é esta, com effeito, a opinião mais geralmente seguida hoje.

O dictionario portuguez de Constancio suppõe uma etymologia phantastica, que contradiz a definição apresentada em seguida. Com effeito, derivando o vocabulo dos dois francezes *carrée* e *voile*, que significam vela redonda, define-o como embarcação de velas latinas. Du Cange chama-lhe voz italiana. Um lexicographo portuguez, Faria, diz que a caravela é embarcação hespanhola. O *Diccionario etymologico* inglez, de Skeat, segue a respeito d'este vocabulo o silencio absoluto já guardado pelos auctores da *Encyclopedia Britannica*.

Em taes circumstancias, desejoso de me valer da etymologia da palavra para aclarar quanto possivel a origem e fórma d'esta especie de navios, sentia-me disposto a acceitar a derivação grega e latina, quando um acaso inesperado me desviou o espirito para uma nova ordem de idéas. Manuseando o *Glossario Etimologico* do sr. Eguilaz y Yanguas⁵, que é, supponho eu, o repositório mais moderno e completo de termos das linguas hispanicas que tem origem

¹ *Archéologie Navale*, tom. II, pag. 212.

² *Glossaire Nautique*, artigo *Caravella*.

³ *Nautica Mediterranea*, cit. por Jal.

⁴ *Glossarium ad scriptores mediæ et infimæ latinitatis*.

⁵ *Glosario etimologico de los palabras españolas (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas)* de origen oriental (arabe, hebreo, malayo, persa y turco), por D. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas. Granada, 1886.

oriental, deparou-se-me o seguinte artigo que me pareceu de uma grande importância para as averiguações a que estava procedendo:

«Carabo, cast., *caravo* cast. y port., *carevo*, *carrevo*, port., *caravá* cat. Especie de embarcación pequeña de que usan los moros. De... *cárib*, «barca» y en la glosa «vel lignum» en R. Martín, «barca de nao, barca de passage, barca de pescar» en P. de Alcalá, «scapha quae maiori navi inservit» en Freytag, procedente del lat. *carabus* en S. Isidoro (lib. XIX, cap. 1) gr. $\kappa\alpha\rho\alpha\beta\omicron\varsigma$. V. Diez, Donkin y Simonet, *Glos. in v. Cárib*».

Que os vocabulos *caravo* e *caravela* tenham uma origem common, ou que o segundo derive do primeiro, affigura-se-me evidente, salvo opinião auctorizada de algum philologo. E admittido isto em principio, a etymologia directa do arabico parece-me a mais rasoavel, mesmo attribuindo ao vocabulo oriental a origem grega ou latina. Com effeito, existem numerosos resquícios da influencia arabe na marinha portugueza, como tenho podido confirmar por um incompletissimo vocabulario que pude formular com os subsidios deficientes que se offerecem para os estudos da nossa etymologia, sobretudo no que se refere á tecnologia maritima. E o que torna mais provavel a derivação apontada é que o documento mais antigo onde apparece o termo *caravela* é um documento portuguez do seculo XIII, muito antes que em toda a Europa, inclusivamente nas restantes nações de Hespanha, parecesse haver conhecimento d'essa especie de navios. Verdade é que Jal assigna o apparecimento da palavra na segunda *Partida* de Affonso o Sabio de Castella (que floresceu entre 1252 e 1284), mas um erudito archeologo hespanhol, o sr. D. Cesareo Fernandez Duro, n'uma bella monographia sobre as caravelas, refuta nos seguintes termos a opinião do abalisado escriptor:

«O citado Mr. Jal foi induzido em erro por um documento do qual, sem duvida, examinou uma imperfeita copia. Affirma que a lei 7, titulo XXIII da segunda *Partida* de D. Affonso o Sabio menciona as caravelas, e partindo d'este facto dá por assente que no seculo XIII estavam em uso semelhantes embarcações; porém o fundamento não é exacto: a melhor das nossas edições das *Partidas*, que cita as variantes dos codices comparados cuidadosamente antes da impressão, e que na lei 7, titulo XXIV (n.º 23), partida 2.^a, trata de *Quaes devem ser os maiores e os menores navios para guerrear, e como devem ser aparelhados*, não nomeia a caravela, ao passo que nomeia *galés*, carracões, buzos, táridas, cocas, lenhos, faluas¹, barcas, galeotas, saetias e zavras».²

Em seguida, o sr. Fernandez Duro affirma com citações numerosas, re-

¹ Tradução provavel do castelhano *halocas*.

² *Museo Español de antigüedades*, tom. IV, art. *Las carabelas*, pag. 375.

batendo o parecer dos auctores da *Historia da marinha real hespanhola*, que a caravela foi desconhecida em todos os reinos de Hespanha até ao seculo xv. Esta opinião, cuja auctoridade não pode ser contrastada pelo sr. D. Francisco Barado, o qual aponta nas *Partidas* de Affonso, o Sabio, a inclusão do termo *caravelas*¹, dá maior valor ao documento portuguez a que acima referi, e esclarece porventura, a meu ver, a origem d'esta especie de embarcações.



O documento em questão é o foral de Villa Nova de Gaya, doado em 1235 por el-rei D. Affonso III, quando tornou independente este velho burgo, e o encheu de privilegios, para combater a influencia crescente do *Burgo Novo do Porto*, em poder da auctoridade episcopal desde os tempos da rainha D. Thereza.² O meio principal de que se serviu foi chamar a si todos ou quasi todos os direitos de navegação e pescaria, collectando em proveito do fisco real as embarcações que entrassem a foz do Douro. D'estas determinações, expressas no foral, transcrevo as tres seguintes, que são de grande importancia para o meu assumpto:

«Item mando quod piscatores dent maiordomo de unaquaque caravela unum piscem postquam fuerint tres pisces: . . .»

«Item si piscatores iuerint ad Galleciam ad piscandum et exiuerint de mari et fecerint pousadas et salgauerint piscatum quando uenerint mando quod dent maiordomo decem pissotas et de unaquaque caravela siue nauigio, et si de illa pousada inuiarint piscatum ad domos suas dent Maiordomo de unaquaque enviada decem pissotas».

«... et caravela extranea que intrauerit per focem de Porti cum mercaturis, mando quod dent maiordomo unum solidum de intrada, et si uenerit ad Gayam de quanto uendiderit aut comparauerit duos denarios det maiordomo de marabitino. . .»³

Parece concluir-se d'estas transcripções que o termo *caravela* se applicava no seculo xiii a certas embarcações de pescadores, e tambem a uma dada especie de navios mercantes. A primeira accepção, que denota a pequena tonelagem do barco, leva-nos a admittir de boa mente a sua affinidade com o

¹ *Museo Militar*, estudio tercero, p. 115.

² Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, art. *Gaia*.

³ *Portugaliae Monumenta Historica*, Leges et consuetudines, I, pag. 662 e 663.

caravo, de onde parece ter havido a sua derivação. Effectivamente, vejamos o que nos dizem sobre esta embarcação lexicographos e archeologos.

Du Cange insere, entre outras, as seguintes significações: de Papias: *Navicula discurrens in pado*; de Isidoro: *Carabus, parva scapha ex vimine et corio*; de Ugutio: *Caraphus, parva scapha ex vimine facta e corio crudo contexta*. E accrescenta por fim, corroborando a minha hypothese: «Ab hac voce *caravellas* hodiernas quidam non insulse deducunt». ¹

Os dictionarios portuguezes definem quasi todos a palavra *caravo*, como pequena embarcação usada no Mediterraneo. Jal presume com razão que *caravo* designava muitas vezes a embarcação pequena destinada ao serviço do navio ². E no artigo *carabo* do seu *Glossario*, affirma, fundando-se em chronicas do seculo xiv, que os mouros se serviam muito d'esta especie de barcos. Todos os anctores portuguezes que fallam do *caravo*, usam de tal vocabulo, quando se referem a embarcações mouriscas.

Tambem da presumpção de Jal se não pode inferir que os *caravos* fossem sempre lanchas de pequenissimas dimensões; porque o mesmo archeologo aponta na Chronica de D. Affonso XI (1342) uma passagem referente a *carabos* africanos que transportavam para Hespanha de 50 a 60 cavallos. É pois notavel que o erudito escriptor não ponha duvida em negar redondamente a derivação etymologica de *caravela*, adoptada por Du Cange, segundo a opinião de Crescentio ³, quando a ignorancia absoluta sobre a fórma do *caravo* não pode convencer-nos da carencia de affinidades que porventura existissem entre elle e a *caravela*, affinidades que torna plausivel o documento portuguez do seculo xiii, que acima citei.

Com effeito, como é que repugna ao espirito o parentesco mais ou menos intimo entre uma embarcação pequena de transporte, e um barco de pesca, como era n'aquelle tempo a *caravela*? Exemplos temos ainda hoje da applicação do mesmo termo a embarcações de fórmas e destinações mais disparatadas.

Não fallando da palavra *fragata*, que na terminologia maritima portugueza tem duas acceções absolutamente differentes e bem conhecidas, aproveitaremos para o nosso caso o exemplo frisante que nos fornece a palavra *lança*, cujas significações correspondem perfeitamente ao que, segundo parece, deveriam representar no seculo xiii os dois vocabulos — *caravo* e *caravela*. A definição transcripta de Freytag no artigo *Carabo* do *Glossario* de Yanguas:

¹ Du Cange, *Glossarium*, art. *Carabus*.

² Jal, *Glossaire Nautique*, art. *Carabus*.

³ Jal, *Archéologie Navale*, tom. II, pag. 227, nota.

«scapha quae maiori navi inservit», responde a significação de *lancha* como embarcação destinada ao serviço dos navios de alto bordo; ao significado do termo *caravela* que se deduz do foral de Villa Nova de Gaya, responde a aplicação que geralmente se faz da palavra *lancha* a certos barcos de pesca.

Por conseguinte, mesmo sem entrar em largas explanações etymologicas, não me parece prudente negar que *caravela* derive de *caravo*, como *galeota* deriva de *galé*, *batelão* de *batel*, etc. Não se me affigura a hypothese mais arriscada do que tantas outras que teem merecido o consenso quasi unanime dos etymologistas.

Admittida comtudo a etymologia indicada, esbarra-se desde logo com uma grave difficuldade—a explicação do suffixo. Para quem não possui um grande fundo de estudos philologicos, não é facil determiná-la, attenta a deficiencia das grammaticas a tal respeito. Effectivamente, a significação do suffixo *ella* ou *ela*, apenas a encontrei, entre as obras grammaticaes e lexicographicas por mim consultadas, no *Escholiaste Portuguez* e no *Diccionario Contemporaneo da lingua Portugueza*. O primeiro determinou-a pela fôrma seguinte:

Ella—grande quantidade; v. g.: *parentela*, etc.

O segundo, desenvolvendo um pouco mais o significado, diz-nos:

... *ela* (*é-la*), *suff.*, *s. f.* que significa acção: *escorregadela*, *amolgadela*, *amassadela*; ou collectividade: *parentela*. F. lat. ... *ela*.

Comtudo, este significado está em contradição manifesta com o que affirmam grammaticas latinas, entre ellas a de Madvig, a qual considera o referido suffixo com uma transformação do suffixo diminutivo *lus*, *la*, *lum*, apresentando entre outros exemplos os vocabulos *tabella*, *libella*, *lamella*, *opella*, etc., respectivamente derivados de *tabula*, *libra*, *lamina*, *opera*.¹ A fôrma *tabella* existe em portuguez, e, exactamente como as palavras *portella*, *canella*, etc., tem todo o caracter de um diminutivo. Por conseguinte, regeitadas para o nosso caso as significações dadas pelo *Escholiaste* e pelo *Diccionario Contemporaneo*, somos forçados a considerar *caravela* como um diminutivo de *caravo*. Salta aos olhos o absurdo de tal hypothese, se attendermos apenas ás dimensões hoje conhecidas das duas especies de embarcação. Mas seja-me licito insinuar uma outra hypothese que explica o apparente absurdo da primeira. Porque não serão accetites para a palavra *caravela* transformações analogas ás que parece ter soffrido, embora mais modernamente, a palavra *portella*? Esta, que nos veio ainda do latim como um diminutivo, apparece hoje em todos os dictionarios com a significação de *portal*, que é evidentemente

¹ *Grammatica latina* por J. N. Madvig, traducção de Augusto Epifanio da Silva Dias, § 482, pag. 450.

um augmentativo de *porta*. Curiosa transformação philologica, que leva de um extremo a outro, por que assim o digamos, o valor quantitativo do vocabulo! Não poderia *caravela* designar primitivamente um caravo pequeno, para vir depois, com o correr dos tempos, por uma transição quasi inexplicavel, mas exemplificada, a exprimir a idéa, diametralmente exposta, de caravo de grandes dimensões?

Outra hypothese surge ainda, e, se bem que tenha um certo sabor de ingenuidade, permittam-me que a apresente com as maiores cautelas. Será o nome d'este navio uma abreviatura em corruptela das palavras *caravo de vela* ou *caravo á vela*? Uma tal etymologia tem pelo menos mais condições de plausibilidade do que a de *cara bella*, suggerida a começo por Jal. O que é verdade é que contra a minha primeira hypothese, e por exclusão a favor d'esta, milita uma circumstancia importante. Os substantivos que assumem a fórma augmentativa ou diminutiva não mudam habitualmente de genero, e essa objecção pode apresentar-se com respeito ás palavras *caravo* e *caravela*. Mas cumpre attender a que a fórma mais usual na lingua castelhana é a feminina — *caraba* — e que não repugna pois, admitir que no portuguez medieval a palavra tivesse porventura a fórma correspondente de *carava*.

Não devo prolongar explanações etymologicas que sahem fóra dos limites da minha especialidade. Mas por bem pago me darei se tiver attrahido para este assumpto e outros analogos a attenção dos philologos, cujos estudos tendão a elucidar graves questões de archeologia naval.

*

* *

O que julgo em todo o caso é que, embora contradictada por uma auctoridade tão respeitavel como Jal, a etymologia que adoptei para a palavra *caravela* se funda em argumentos de grande peso. A sua origem é pois manifestamente arabica, como se deduz da etymologia de *caravo*, apontada por Eguilaz y Yanguas, e ainda do emprego especial, pode dizer-se exclusivo, d'estas embarcações pelos mouros.

Com effeito, o termo *carib*, embora se supponha descendente do grego ou da baixa latinidade, parece ter alargado a sua significação na sua passagem pela lingua arabe. Durante a idade média, apparece-nos em varios documentos, como designando as embarcações que serviam para a descarga dos navios nos portos da Africa Septentrional. Um dos artigos do tratado de paz e de commercio, firmado em 21 de fevereiro de 1314 entre o rei de Aragão D. Jaime II e o rei de Tunis Abou-Yahia, diz o seguinte:

«19. É no sia donat als bastaxes per lo portament de lurs mercaderies aportant en la mar, sino lo quart del loguer dels *careus* atenent en els les lurs mercaderies al cap de la Cadena». ¹

A palavra *careu* é transformação evidente do vocabulo em questão. Também na língua portugueza existem as formas *carevo*, *carveo* e ainda *correbo*.

As denominações latinas de *charabi* e *caravarii*, e a italiana de *garabarii*, dadas em diversos documentos aos barqueiros que se empregavam no transporte das mercadorias dos navios para terra ², derivam claramente do mesmo vocabulo.

Mas no seculo xv já a palavra *caravo* nos apparece em escriptos portuguezes com significação mais ampla, applicada ás embarcações mercantes que faziam o commercio entre a costa da Africa Septentrional e a costa fronteira do reino de Granada. Na *Chronica do conde D. Pedro de Menezes* encontram-se a cada passo as citações que abonam esta significação. Transcreveremos uma ao acaso, a qual se refere a uma expedição marítima, tentada pela fusta de que era patrão Affonso Garcia de Queiroz:

«... e na primeira viagem, que fez partio de Cepta a tal tempo, que ouve de t  r a noite    ilha de Calliz: e jazendo assy na primeira gaita ³, sobrechega um Carrebo mareado per catorze Mouros, os quaes sentindo a Fusta sobre sy, se quizerão poer em alguma defeza, mas porque eram homens mais usados no trauto da mercadoria, que no exercicio das armas, e sobre todo com Fusta armada, tiveram, que seria trabalho despeso com perigo de suas vidas: e porem leixar  o seu começo e cruzaram suas mãos, em sinal de vencimento, e assy ouve Affonso Garcia aquello começo, no qual achou muito trigo, e cevada, e legumes, com seis cavallos: a qual carrega tom  rom em Alca  ar, pera passar    outra parte do Regno de Graada». ⁴

Vê-se que os caravos, com carregac  es importantes, constituíam a miudo opulentas prezas para os portuguezes. Já acima me referi aos caravos que chegavam a transportar 50 e 60 cavallos. Estamos, pois, bem longe do ligeiro

¹ Mas Lattre, *Trait  s de paix et de commerce et documents divers concernant les relations des chrétiens avec les arabes de l'Afrique Septentrionale au Moyen-  ge*, pag. 309.

² *Ib.*, pag. 192 da *Introdução*.

³ Quer-me parecer que esta phrase significa o primeiro quarto da noite, derivando-se *gaita* do baixo latim *gaita* ou *gayta* d'onde os francezes fizeram *guet*. Du Cange define-a assim: *speculator, excubitor, custos castri, oppidi, etc.* (*Gloss. mediae et infimae latinitatis*). Jal suggere a mesma etymologia    palavra *Gayatell*, do catalão antigo, mas dá-lhe a significac  o muito differente de boia. (*Glossaire nautique*).

⁴ Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do conde D. Pedro*, no tom. II dos *Ineditos de Historia Portuguesa*, cap. xxxi, pag. 310.

esquife de construção barbara, encavernado de vime e forrado de coiro, de que fallam Isidoro, Ugutio e Brompton.¹

Com o devido respeito, e dada a carencia de citações em apoio da sua asserção, inclino-me a crer que Jal foi menos exacto ao affirmar que os hespanhoes tambem tinham uma especie de navio chamado *carabo* ou *caravo*.² Esta embarcação era exclusivamente moura. Os proprios dictionarios castelhanos, divergindo sobre a sua proveniencia e attribuindo-a ao Levante, ao Archipelago, e até ás Filippinas, não dizem uma palavra que corrobore a affirmação do illustre archeologo.

Que não pareça extranha ao nosso assumpto a insistencia sobre a fórma e dimensões do caravo. Das anteriores investigações se conclue que, como a caravella no seculo xiii, era o caravo um navio de carga, e que era sufficientemente possante para arcar com a travessia do estreito, conduzindo por vezes, além do seu carregamento, 30 homens de equipagem.³ Como a caravela portugueza até ao seculo xv, o caravo era um navio latino, o que se vê pela seguinte passagem de Azurara:

«... e estando jaa pera partir (*o bergantim de Diogo Vasques de Portocarreiro*) virão largo ao maar pera contra onde elles estavam huma vella latina, a qual reconhecendo, que era Caravo vogarão a elle;...»⁴

Não me parece pois temeraria a conclusão de que a caravela tenha, como o caravo, uma proveniencia arabe. Mais se poderá firmar esta conclusão pelo confronto das suas fórmãs e apparelho com as embarcações mouriscas, o qual eu tentarei talvez em subseqüentes estudos.

II

O erudito official da marinha hespanhola, o sr. D. Cesaro Fernandez Duro, a quem se devem interessantes e sabias investigações sobre assumptos de archeologia maritima, n'uma excellente monographia *Las Caravelas*, publicada primeiro no *Museo Español de Antiquedades*,⁵ e mais tarde na sua collecção de

¹ Jal, *Glossaire Nautique*, art.º *Carabus*.

² *Archéologie Navale*, tom. II, pag. 227, nota.

³ Azurara, *Chronica, etc.*, cap. XLVIII, pag. 367.

⁴ *Ib.*, cap. XLI, pag. 342.

⁵ Tom. IV, pag. 573.

Disquisiciones Nauticas,¹ refuta justificadamente a asserção de Jal sobre o aparelho das caravelas. O notavel archeologo francez affirmára absolutamente que estas embarcações tinham quatro mastros e gurnpês, sendo de duas velas redondas o aparelho do mastro de traquete. Baseára a sua affirmativa em citações de Pantero-Pantera e de Crescentio, confirmadas em desenhos do piloto Jacques Devaulx (1583), e dos irmãos Nodales (1621), rejeitando as opiniões em contrario do bispo de Silves, D. Jeronymo Osorio (1571), do padre Fournier (1643), Cleirac (1631), Aubin (1702), Sauvage (nas notas ás *Memoirias de Commynes*), e dos italianos Debry e Bossi. O desenho de Jacques Devaulx, reproduzido na *Archéologie Navale*² e no *Glossaire Nautique*,³ é considerado por Jal como a representação exacta das caravelas de Christovam Colombo, e presume que de todas as embarcações d'esse nome, usadas por portuguezes e hespanhoes, sobretudo durante os seculos xv e xvi. O sr. Fernandez Duro conclue das suas investigações que a caravela não era navio de fôrma e de aparelho especial, mas que se dava esse nome a diversos navios de pequena tonelagem, empregados vantajosamente em expedições de descoberta.

É n'este ponto que eu, com a devida venia, divirjo da opinião do illustre marinheiro hespanhol. Não duvido que o aparelho das caravelas soffresse, com o correr dos tempos, modificações taes que se desviasse completamente da fôrma primitiva; mas, originariamente portuguezas, ellas conservaram, até ao começo do seculo xvi, uma uniformidade de aparelho, que, pelo menos debaixo d'este ponto de vista, as torna perfeitamente caracterisadas, de accordo com a excellente descripção que d'ellas nos apresenta D. Jeronymo Osorio.

Esta descripção, pelas suas particularidades, denota o escriptulo com que o sabio latinista examinou exemplares que teria ao seu alcance e consultou homens da especialidade, para se não deixar induzir em erro. De toda ella resumibra um tal caracter de veracidade, que espanta como o espirito lucidissimo de Jal poude esquivar-se a dar-lhe credito, sob pretexto de que o não merecia muito um ecclesiastico completamente alheio a assumptos maritimos. Para provar o que affirmo, cito por extenso, a traducção esmerada de Francisco Manuel do Nascimento, á qual, desconfiado do meu latinismo, me encosto sem receio:

«E ora este (*Vasco da Gama*) dera ordem a Vicente Sodré, emquanto

¹ Tom. I, pag. 86.

² Tom. II, pag. 213.

³ V. *Caravelle*.

híia de volta a Çofala, que construisse em Moçambique um baixel dos que chamão caravellas em Portugal, para o que já do estaleiro de Lisboa vinhão as madeiras condicionadas. Tal lie o feitio seu. Não tem cestos de gávea nem as vergas fazem angulos rectos com os mastros, mas pendem obliquas d'huma alça, que as segura por baixo da cabeça do mastro, e a base da vèla, que he triangular, roça quasi pelas amuradas. As vergas, que se amurão aos costados do navio, são pela parte de baixo grossas como mastareos, e adelgação até ao cimo da vèla. De vasos desta feição se servem na guerra marítima os Portuguezes, pelo muito ligeiros que elles são, sendo-lhes mui maneiro apontar á prôa ou á pôpa o couro destas vergas, e ainda a meio costado do navio, passallas da esquerda para a direita, ou desta para a esquerda n'hum átomo de tempo, segundo lhes faz feição, ferrar o panno ou desferrillo das vergas, a que o atão pelo cepo da entenna, com quem as vèlas abrem a base do angulo; e qual lhes sopra o vento, tal lhe apresentam o bojo da vèla não tardios. Todo o vento lhes faz geito, de modo que com vento da ilharga bolinão em direitna, como se forão arrazadas em pôpa, e para ir o mesmo navio em senso contrario, não tem mais que mudar o velame, o que mui prestes se prefaz». ⁴

Se este trecho deixa alguma duvida sobre o apparelho das caravellas portuguezas, outras citações depressa o desfazem. Caso notavel! todas ellas são tiradas de livros que o sabio archeologo francez manuseou repetidas vezes, como prova por frequentes citações; e o mais extraordinario é que, deixando escapar as passagens que derramariam luz sobre o assumpto, elle cite no vocabulo *Caravella* do seu *Glossaire Nautique* a obra, de que tirei os mais solidos fundamentos para a minha opinião. Refiro-me á *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rezende.

No capitulo xxiii, a folhas 14 d'essa chronica (edição de 1607), encontram-se os seguintes periodos, que certamente abalariam a opinião do proprio Jal, caso não houvessem escapado ao seu enorme trabalho de investigação:

«E porque em todo ho mar Oceano nam ha nauios latinos senão as carauelas de Portugal, & do algarue. ElRey por ninguem ousar dir aquellas partes. fez crer a todos que da mina nam podiam tornar nauios redondos por caso das correntes. E pera isso toda a pedra, cal, telha, madeira, pregadura, ferramentas, & mantimentos, (*para o Castello de S. Jorge da Mina*) mādou tudo em vrcas velhas, pera lá se desfazerem, & dizerem, que por caso

⁴ *Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel, XII livros...* por Jeronymo Osorio, bispo de Silves, vertidos em portuguez pelo padre Francisco Manuel do Nascimento, Lisboa, 1804, tom. 1, pag. 192 e 193.

das grandes corrêtes nam poderam tornar, & assi se fez com muyto segredo, & grandes juramentos, & o ouueram todos por tam certo, que em vida del Rey sempre pareceo, que nauios redondos nam podiam vir de lá, & com isto sempre tene a mina muy guardada.»

N'este mesmo expediente diplomatico se funda a anecdota narrada no cap. cxlix, fol. 91, da mesma chronica. Estando elrei um dia á meza, suscitou-se por acaso debate sobre a navegação do golpho de Guiné. Pero d'Alemquer, como homem de larga experiencia d'esses mares, contradisse a opinião geralmente recebida, e offereceu-se a trazer da Mina qualquer nan, por grande que fosse. Sentiu-se D. João II da intimialiva do piloto, e, como este insistisse na sua affirmação, mandou-o calar com bastante rudeza, exclamando: «A um villão peço não ha cousa que não lhe pareça que fará, e emfim não faz nada.» Mas, acabado o jantar, chamou de parte o mareante, e pediu-lhe desculpa das suas palavras, concordando com a opinião d'elle e desvendando o segredo da sua politica. Convinha que ninguem acreditasse na possibilidade de voltarem da Mina os navios redondos, por isso que «em nenhũa parte da Christandade» havia navios latinos, a não serem «as caranellas de Portugal & do Algarve: e os galeões de Roma que não são pera nauegar tão longe».

Mais uma prova em abono da minha opinião; e esta fornece-m'a o extraordinario aventureiro portuguez Fernão Mendes Pinto. Contestou-se durante largo tempo, sem razão provada, a veracidade das suas informações sobre a China, o Japão, o Pegu e as ilhas da Sonda: o que nunca se poderia ter contestado a homem que tanto navegou e que tantos e tão variados perigos correu no mar, é a sua auctoridade em assumptos nauticos. Pois esse escriptor narra que, ao demandar Diu em 1538, os seus companheiros de viagem formularam diversas conjecturas sobre uma grande armada de velas latinas, surtas em volta da fortaleza. Uma das que mereceu maior credito era a de varios que «affirmavam com grandes apostas, que era o Iffante dom Lnys, irmão del Rey dom João o terceiro, que então chegara deste reyno, & que o grande numero de vellas Latinas que viamos, erão as caravellas em que elle viera. . . »¹

Não parece pois offerecer duvida que as caravelas eram caracterisadamente navios latinos, e que o exemplar reproduzido por Jal não pode ser considerado como typo generico. O *Museo Español de Antiquedades* reproduz, como illustração á excellente monographia do sr. Fernandez Duro, varios exemplares de navios, que o distincto escriptor denomina *Antiguas Carabelas*, exemplares colhidos nas seguintes fontes: desenhos attribuidos, parece que erradamente, ao que afirma o proprio sr. Duro, a Christovam Colombo, e gravados em Roma em 1493; desenhos das cartas de Juan de La Cosa (1500), de Diego Rivero (1529), de

¹ *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Lisboa, 1614, cap. vii, fol. 7 v.

Juan Martinez (1567), do Dicionario do marquez de la Victoria, da *Arte de Navegar* do dr. D. Lázaro de Flores (1673), da relação da viagem dos irmãos Nodales (1621).

Com a devida venia, duvido que a todos estes exemplares, em numero de quatorze, se possa applicar a denominação de caravelas.

A *nav* de Sebastião del Cano, a famosa embarcação que deu a primeira volta ao mundo, a qual se acha reproduzida sob o numero 12, com quanto o sr. Duro divide da sua authenticidade por não conhecer o original d'onde a extrahi u o dr. D. Lazaro de Flores, não pode ser encorporada n'uma estampa que tem por título generico *Antigas caravelas*. Egual cousideração se pode fazer do typo numero 9, tirado da carla de Rivero, e que tem a inscripção *Vengo de Maluco*. Alguns dos outros exemplares parecer-me-hiam mais correctamente baptisados com o nome de galeões, se acaso não houvesse uma grande temeridade em determinar a correspondencia exacta entre as denominações conhecidas dos navios antigos e os exemplares que os documentos nos offerecem. Perante essa responsabilidade recuou o mais habil e o mais incansavel perscrutador de archeologia maritima, o proprio Jal, que no artigo *Navire*, do seu *Glossaire Nautique*, se exprime d'esta fôrma:

«Não nos é possível dar uma figura exacta a nenhum dos navios redondos ¹ anteriores ao seculo xvii, cujos nomes nos foram conservados pelos textos, a nenhum dos navios longos que não sejam a galé ou a galeaça do seculo xvi: o que é para nós motivo de um profundo pezar.»

Não admira pois que eu me sinta intimidado, deante d'essa difficuldade, com respeito aos modelos apresentados pelo sr. Fernandez Duro. Proseguindo na sua analyse, não me parece justificavel designar como caravela o navio que tem o lemma *Oceanica Classis*, das gravuras de Roma attribuidas a Colombo. A fôrma pesada que esse navio affecta está em contradição com a ligeireza geralmente attribuida ás caravelas. A proporção entre o seu comprimento e a sua bocca affigura-se-me menor do que a que deveria ter um navio, cuja finura era quasi proverbial. O aparelho d'este exemplar compõe-se de tres mastros, com velas redondas no grande e no traquete, e latina na mezena.

A outra gravura da mesma origem parece-me uma phantasia do desenhador, que pelas ingenuidades do desenho nem supponho ser o mesmo do pri-

¹ Parece-me desnecessario explicar que as palavras *navio redondo*, por opposição a *navio longo*, tem a significação generica de embarcações cuja proporção entre o comprimento e largura era apenas de 3 ou 4:1, e cujo motor era quasi sempre exclusivamente a vela. A significação abusiva que entre nós se deu áquella phrase, designando os navios de velas quadrangulares, envergadas em antenas transversaes ou de cruz, justifica comtudo esta explicação.

meiro, o qual denota bastante segurança em todos os pormenores do apparelho e do casco.

Quanto ás embarcações representadas na carta de Juan de la Cosa, piloto e companheiro de Christovam Colombo nas duas primeiras viagens d'este, merecem-me effectivamente o maior conceito. Consultei cuidadosamente a carta, que faz parte da magnifica collecção de Jomard.¹ Além das seis figuras, reproduzidas com os numeros 3, 4, 5, 6, 7 e 8 na estampa annexa á monographia do sr. Duro, e das quaes as quatro ultimas representam embarcações portuguezas situadas na costa de Africa, encontrei mais outros cinco typos de navios da mesma nacionalidade, tres dos quaes se acham collocados junto ás costas da India. D'essas nove embarcações portuguezas, sete são navios de pequena tonelagem, e caracterisadamente latinos, uns de tres, outros de dois mastros. Não pode existir duvida de que estes sejam caravelas. Os outros dois, com tres mastros e apparelho redondo no grande e no do traquete, não differem essencialmente das duas embarcações hespanholas que apparecem na costa da America, e que o sr. Duro reproduz na sua estampa sob os numeros 3 e 4. Serão estes navios effectivamente caravelas? É possivel isso, com quanto indiquem muito maior tonelagem do que os primeiros a que me referi. Admittindo que o sejam, o que ainda se me offerece como um ponto de duvida, Gaspar Correia fornece-me uma base segura para explicar a existencia das velas redondas n'esses navios.²

Na sua segunda viagem, o almirante D. Vasco da Gama, que levava dez naus grossas de carga, apparelhou tambem cinco caravelas latinas, convenientemente artilhadas para fazer a guerra. Essas caravelas levavam velas redondas armadas, «pera com ellas naugarem quando comprisse».³ Pelas alturas de Dabul, depois de ter a armada tocado em Moçambique, Quilôa e Melinde, as caravelas «metterão as velas latinas, e concertarão a artelharia».⁴ Deve deduzir-se que as necessidades da larga navegação para a India já tinham aconselhado a modificação occasional do apparelho das caravelas, as quaes voltavam ao typo primitivo para as viagens costeiras do Indostão. Vê-se effectivamente que os dois navios portuguezes de apparelho redondo estão collocados,

¹ *Les monuments de la Géographie, recueil d'anciennes cartes européennes et orientales*. Pariz.

² Pelas razões que mais adeante expenderei, estou hoje convencido, dois annos depois da primeira publicação do presente texto, que os navios alludidos são naus e não caravelas.

³ *Lendas da India*, tom. 1, pag. 267 e 270.

⁴ *Ibid.*, pag. 288.

na carta de Juan de la Cosa, nas immediações da costa de Moçambique, parecendo ser naus, galeões ou caravelas que se dirigiam para a Índia.

Da transformação eventual do aparelho das caravelas é exemplo frizante o caso succedido com o proprio Colombo. Na ilha Gomera o grande navegador, na sua viagem de descoberta, tornou a caravela *Pinta* de latina em redonda, segundo affirma o seu Diario. E mais tarde voltou a Gran Canaria para proceder a egual transformação na caravela *Niña*.¹

As caravelas dos irmãos Nodales, reproduzidas na estampa do sr. Duro sob os numeros 13 e 14, merecem a maior confiança por serem extrahidas da *Relação* da sua viagem, impressa pelos proprios navegadores. Foram construidas em Lisboa, sob a direcção de um dos irmãos, Bartholomeu: tinham 80 toneladas, quatro mastros, traquete e velacho no de proa e velas latinas nos outros. Correspondiam portanto exactamente ao typo considerado por Jal como generico. Não se deve esquecer contudo, como muito bem adverte o sr. Duro,² que se trata de caravelas do começo do seculo xvii, e que é natural que com o decorrer dos tempos os progressos de architectura naval trouxessem modificações radicaes tanto á forma geral do navio como ao seu aparelho. Como exemplo d'estas alterações, o illustre archeologo hespanhol cita judiciosamente a fragata, que desde o seculo xvii até ao presente tem soffrido metamorphoses taes em figura, capacidade e aparelho, que os seus differentes typos bem se podem considerar tão distinctos como a larva, a chrysalida e a borboleta.

O que me parece é que a transformação occasional e transitoria da caravela em navio redondo, transformação de que houve exemplos desde o fim do seculo xv, como consta da viagem de Colombo, só veio a tornar-se definitiva nos finaes do seculo xvi. Um precioso manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, cujo conhecimento devo á infatigavel amabilidade do digno director d'aquelle estabelecimento, o sr. Gabriel Pereira, veio elucidar-me poderosamente a tal respeito. Intitula-se o manuscripto *Livro Nautico ou Meio pratico da Construcção dos Navios, e Galés antigas*.

Este codice é uma recopilação de documentos de fins do seculo xvi e porventura dos começos do xvii, reunido por mais de um copista, como mostram as differenças calligraphicas do texto. Falta-lhe um grande numero de folhas, nas quaes, com pezar o digo, existiam documentos interessantissimos, como se vê pelo Indice.³ Entre elles havia notas diversas relativas á Invenci-

¹ Fernandez Duro, *Disquisiciones Nauticas*, tom. 1, pag. 135.

² *Ibid.*, pag. 114.

³ Posteriormente á publicação d'este *Estudo* nos *Annaes*, tive a fortuna de encontrar na mesma Bibliotheca outro codice que é o complemento do *Livro Nautico*, contendo absolutamente todos os documentos que, conforme o Indice, faltavam n'este.

vel Armada, ao rendimento da casa da Índia e Mina, á armada de D. João d'Austria, etc. Felizmente não se perderam os documentos que servem para o meu assumpto especial. E dos que existem irei publicando talvez pouco a pouco o que mais interessante me parecer. Por agora limitar-me-hei ao que importa para o estudo das caravelas.

Duas preciosas noticias traz o codice a tal respeito. Uma d'ellas que vem a fl. 36 intitula-se: *Medidas para fazer hũa Carauella de cento cincoenta toneis ate çêto oitenta, e os paos que leua de souoro, e Pinho*. Com respeito ao apparelho da caravela, que mais especialmente me interessa n'este momento, dá informações que estão plenamente de accordo com o typo apresentado por Jal. A caravela tem quatro mastros, além do gurupés, e do botolô para caçar a contra-mezena. O mastro de proa tem velas redondas, traquete e velacho, e todos os outros teem velas latinas. Idêntico apparelho é indicado n'outra memoria que tem por titulo *Medidas das Carauelas antigas meãs*, a fl. 41, a qual se refere a uma embarcação de menos tonelagem do que a anterior.

Mas estes documentos, como já disse, são já do tempo da dominação hespanhola em Portugal, e não justificam o sabio archeologo francez da segurança com que affirma: «A caravela dos fins do seculo xv e de todo o xvi, aquella de que os portuguezes se serviram para as suas descobertas, e que transportou Christovam Colombo ás terras do Occidente, era redonda avante, e latina a ré; quer dizer, tinha o mastro do traquete apparelhado e veleado á maneira das naus (*nefs*), que eram navios redondos, e o mastro grande, o da mezena e o da contra-mezena, com velas triangulares ou latinas». ¹ Parece-me ter provado de sobejo que as caravelas portuguezas eram, durante aquelle tempo, exclusivamente latinas, e que só por circumstancias eventuaes se lhes adaptavam velas redondas. O exame do codice a que me referi suggere-me a idéa de que a transformação definitiva d'essas caravelas para o typo apresentado pelo piloto Devaulx fosse devida á influencia dos hespanhoes.

Além de tudo o mais, a caravela portugueza até começos do seculo xvi era geralmente um navio de tão pequena tonelagem que difficilmente supportaria o alteroso apparelho redondo copiado das naus para o seu mastro do traquete. Chamavam-se caravelas em Lisboa as pequenas embarcações de cabotagem, como aquella em que embarcou por 1523 Fernão Mendes Pinto para ir para Setubal. «Fui ter ao cayz da pedra», conta-nos o celebre aventureiro, «onde achey hũa carauella d'Alfama, que hia com cauallos & fato de um fidalgo pera Setual». ²

¹ Jal, *Glossaire Nautique*, V. *Carré*.

² *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, ed. de 1614, cap. 1, fl. 2 v.

Todas as referencias nos monumentos litterarios da epocha demonstram claramente a relativa insignificancia das caravelas. No *Auto da Barca do Inferno*, datado de 1517, Gil Vicente chama por vezes caravelas ás barcas do inferno e do paraíso, que elle finge embarcações miudas, faceis de virar quando o passageiro embarca por uma prancha, como se vê pela seguinte passagem:

DIABO

Entra, e põe aqui o pé.

PARVO

Hou lá, não tombe o zambuco.¹

No *Auto da Barca do Purgatorio*, o Diabo queixa-se amargamente da pequenez do seu barco, insufficiente para transportar tantas almas, como as que a negrura dos seus peccados destina ao inferno:

Cumpre-me d'apparellhar
Hum valente barinel,
Ou hũa nao singular
Em que possa mais levar
Que n'hum batel.²

E mais adeante exclama:

Quero ora metter á vela,
E deitar a prancha fóra,
E arrumar a caravella...³

Quando D. João II mandou João Infante na sua expedição de descoberta pela costa occidental de Africa, deu-lhe quatro caravelas, com que o navegador foi percorrendo a costa de Guiné, sem perder vista de terra, até se encontrar n'uma região de ventos contrarios, que o obrigaram a bordejar durante

¹ Gil Vicente, *Obras*. Hamburgo, 1834, tom. 1, pag. 224. *Zambuco* é uma embarcação pequena, usada no Oriente.

² Id., ib., pag. 247.

³ Id., ib., pag. 249.

quatro mezes, com grandes temporaes e mar de vaga grossa, que affrontava poderosamente os navios. Desanimado e vencido pelas instancias da sua gente, arribou finalmente, e, regressando a Lisboa, deu conta a el-rei do pouco exito da expedição, motivado pela insufficiencia das caravelas.

E accrescentou que «com navios grandes que soffressem o mar, que assi em voltas corresse a costa, até lbe descobrir o cabo, sem duuida tinha certa esperanza, que alem delle, acharia grandes terras».¹

Eram as caravelas empregadas, pela sua fraca tonelagem, ligeireza e pequeno calado de agua, como exploradores e avizos. Na armada em que os portuguezes entraram pela primeira vez no Mar Roxo, ia adeante, sondando por ordem de Affonso de Albuquerque, uma caravela.² Note-se que d'esta armada faziam parte, além das naus grossas, uma galê, uma galeota, um bergantim, e a caravela latina a que me refiro. A escolha d'esta ultima para semelhante serviço ainda se torna mais frizante pela existencia de outras embarcações de pequeno porte.

Incidentemente, cumpre-me aclarar um assumpto relativo a nma embarcação, que, etymologica e porventura architectonicamente, deriva da caravela. Refiro-me ao caravelão, a respeito do qual o sr. Fernandez Duro se expressa da seguinte fôrma:

«De *carabela* veiu *carabelon*, palavra que tem dado logar a novas confusões, porque o *Diccionario Maritimo* a faz synonymo de *bergantin*, e por consequente, diminutivo de *carabela*, ao passo que para o *Diccionario de Auctoridades* é augmentativo. *Caravelão*, em portuguez, e *caravellone*, em italiano, são augmentativos tambem, mas os companheiros de Colombo chamaram a uns ilhotes de Cuba, que ainda conservam o nome, *Carabelas grandes* e não *Carabelones*, e como quer que a lei das *Partidas*, repetidas vezes citada, ensina que *galeaza* era diminutivo de *galea*, como *carracon* o era de *carraca*, pela mesma regra, applicavel a *rata* e *raton*, foi o caravelão menor que a caravela».³

É perfeitamente verdadeira, quanto a mim, esta opinião, ainda comprovada seguidamente pelo sr. Duro em varias citações de livros hespanhoes. Sômente se illude o distincto archeologo em afirmar que *caravelão* é augmentativo. Com quanto assim o affirmem os nossos dictionarios, e com quanto os siga o eruditissimo Jal, tenho á minha vista um documento que não deixa duvidas sobre a inconsistencia de tal opinião. Está incluído no manuscrito que

¹ Gaspar Correia, *Lendas da India*, tom. 1, pag. 8.

² Id., ib., tom. II, pag. 346.

³ *Disquisiciones Nauticas*, tom. I, pag. 130.

acima citei, a fl. 187, e é datado de 20 de maio de 1591. Intitula-se *Orçamento do custo que pode fazer uma armada de doze velas do porte adiante declarado aparelhadas te serem postas a vela e armadas dartilharia, armas e munições e poluora*, etc. Essas doze velas veem a ser: dois galeões de 500 a 600 toneladas, quatro galeões de 300 a 400 toneladas, duas caravelas de 160 toneladas, duas zavras do mesmo porte, e dois *caravelões para recados de 40 a 50 toneladas*. Por aqui se conclue claramente qual a importancia e destinação dos caravelões. Isto corrobora a idéa que o sr. Duro fôrma dos *caravelões* dos seus compatriotas, por não ser natural que duas linguas irmãs dessem a termo analogo significações, pode dizer-se que diametralmente oppostas. É muito possivel que a verdadeira interpretação do vocabulo italiano *caravelone* concorde tambem com a significação que dão aos termos correspondentes as linguas ibericas, das quaes parece ter-se originado a palavra.

Concluindo este meu estudo, em quanto trabalhos subseqüentes não me derem elementos assás valiosos para proseguir n'estas minhas investigações, parece-me poder affirmar, embora com a natural hesitação de quem se vê forçado a contradizer auctoridades pelas quaes confessa o maximo respeito, o seguinte:

1.º que as caravelas, originarias de Portugal, onde deixaram vestigios documentaes desde o seculo xiii, foram até começos do xvi, pelo menos, embarcações de typo perfeitamente accentuado e caracteristico: navios ligeiros, de porte inferior a 200 toneladas, de tres e às vezes de mais mastros, exclusivamente apparelhados á latina;

2.º que foram ellas os navios geralmente empregados pelos portuguezes para os seus descobrimentos e expedições na costa occidental de Africa;

3.º que posteriormente o seu apparelho foi modificado, no sentido de velear em redondo o mastro do traquete, talvez por influencia dos hespanhoes, que desde o tempo de Christovam Colombo ensaiaram essa modificação.

III

Já tencionava n'esta conjunctura completar os anteriores *Estudos*, publicados ha dois annos, com elementos novos, collidos desde então, quando me chegou ás mãos a erudita monographia escripta sobre identico assumpto pelo sr. D. Rafael Monleon nos numeros 2.º e 3.º da revista illustrada *El Centenario*. O trabalho de reconstrucção tentado pelo insigne archeologo hespanhol impõe-se naturalmente á minha admiração e ao meu respeito. Ha todos os fundamentos para crer que as chamadas caravelas de Colombo se approximariam muito dos typos apresentados n'aquella monographia. Mas, apezar de toda a consideração que me inspira esse trabalho, permitta-se-me o discentir algumas asserções aventadas pelo sr. Monleon, as quaes vão de encontro a opiniões minhas precedentemente expressas. Leve-se-me em conta para este arrojio a desinteressada ambição de elucidar um problema de archeologia e de historia ainda não completamente resolvido, sem o intento pueril, justificadamente censurado pelo sr. Monleon, de reclamar para o meu paiz, á custa da verdade, glorias que lhe não pertençam.

Mas a verdade é que reivindico para Portugal a gloria de ter dado origem a um typo de navios que pela primeira vez, com Christovam Colombo, aportaram ás praias do Novo Mundo. E n'este assomo de orgulho patriotico vae implicita uma homenagem para o grande navegador que honrou esses navios, e para a grande nação que tão bem soube aproveitá-los em serviço da humanidade. Antes de Colombo, outro genial sonhador dirigiu navios d'esse typo para as primeiras descobertas na costa de Africa. Foi o infante D. Henrique, o iniciador dos mais extraordinarios progressos que a geographia tem realizado. Depois de Colombo, outro egregio navegador portuguez, Vasco da Gama, quiz empregar caravelas nas suas viagens. Não são estes, além de tantos outros, titulos de nobreza sobejos para que consagremos ás caravelas muitas horas de estudo e toda a paciencia das nossas investigações? Quer-me parecer que sim; e aos que considerarem um trabalho d'esta ordem como futil e ridiculo, lamento-os, por não terem a alma vigorosamente aquecida no culto dos grandes homens e das grandes coisas.

Acceptando em principio a etymologia que nos meus precedentes estudos avengei, começa o sr. Monleon por affirmar que a palavra caravela (*carabela* em castelhano) «é evidentemente de procedencia italiana ou da lingua franca.»

Para se admittir de boa mente a asserção, seria iudispensavel que ella fosse corroborada com textos d'aquella proveniencia, anteriores ao foral de Villa Nova de Gaya, datado de 1253, em que a palavra em questão é por tres vezes empregada. Não se adduzindo taes citações, não ha direito a negar que o vocabulo fosse pela primeira vez, entre todas as nações da Europa, usado em Portugal, o que a sua mesma procedencia arabe torna de todo o ponto plausivel. Nada mais natural do que ter sido elle introduzido no nosso paiz pelo elemento mourisco, que ainda recentemente, com relação áquella epocha, predominava no territorio portuguez, e que ainda depois, durante mais de dois seculos, se misturou e se fundiu até n'alguns pontos com a nossa população. Procurar-lhe, sem bases solidas, uma origem levantina é dar-se a despezas de erudição perfeitamente escusadas, quando a sua genealogia tem uma explicação tão comesinha. A voz *caravo* ou *carabo* é que tinha correspondencia no Levante, como se prova pelas citações, feitas no meu primeiro estudo, da interessantissima collecção publicada por Mas-Latrie.

Os caravos, como já tive occasião de observar, eram as embarcações mais usadas pelos mouros da costa da Berberia. Se não sempre, tinham geralmente uma coberta. Testemunha-o Azurara, entre ontras passagens, na do cap. XLII, liv. 1, da *Chronica do Conde D. Pedro*, onde, narrando o assalto dado pelo barinel de João Martins a um caravo de mouros, explica: «Mas por certo os Mouros nom quizerom assy preguiçosamente ser vencidos, nem como homẽs, em que não havia alguma parte de nobreza; caa de quinze que eram nom ficou algum que não fosse sobre cuberta, mostrando aos Christãos, que não aviam assi ligeiramente de sojugar seus corpos, e averes¹. . . » A lotação dos caravos era variavel, mas do valor da sua carga se deduz, como já vimos, a importancia que attingia ás vezes essa lotação. O aparelho, como tambem já observámos, era de velas latinas. Não serão estes caracteres sufficientes para accentuar a affinidade entre o caravo e a caravela? Não serão bastantes para determinar para esta a proveniencia arabe e a sua introdução em Portugal pelos mouros? Mas ainda não quero desprezar o testemunho de um escriptor hespanhol para provar que os caravos não eram embarcações levantiscas, pelo menos em exclusivo. Refiro-me ao auctor da *Chronica de D. Affonso XI*, e é o sr. Fernandez Duro quem, no seu trabalho já por vezes mencionado, me proporciona a citação: «Em 1339 ajuntou el-rei Albohacem ás suas frotas as dos reis de Granada, Tunis e Bugia, reunindo *galês e outros navios, muitos*

¹ Vé-se que é erronea a informação dada pelo sr. Monleon com respeito ao que elle denomina *cárabas berberiscas*. É possivel que hoje sejam embarcações de boca aberta; no seculo xv, como prova o texto citado, tinham coberta.

*dos que fazem os mouros, que chamam caravos e barcas grandes, e grande caravana de navios pequenos, e no mar cousa alguma havia que se lhe oppozesse.»*¹

Diz o sr. Monleon que as primeiras notícias que existem de caravelas nas nossas costas «datam do anno de 1444, em que o infante D. Henrique enviou uma *caravela* commandada por Vicente Lago,² e em sua companhia Luiz de Cadamosto, gentilhomen Veneziano, ás ilhas do Porto Santo, Madeira, Canarias e rio de Gambia, a qual percorreu 600 milhas italianas em 36 horas».³ Mas, sem falar nas caravelas a que o documento citado do século xiii se refere, o proprio Cadamosto accusa o emprego de navios com esse nome nos annos anteriores, em viagens de exploração ordenadas pelo infante D. Henrique.⁴ Por signal que ajunta a seguinte consideração, de todo o peso na penna de um navegador experimentado: «porque sendo as Caravellas de Portugal os melhores Navios de vêla, que andão sobre o Mar, e sendo estes bem providos de todo o necessario, julgava impossivel não poderem navegar por toda a parte.» Azurara, na *Chron. da Guiné*, cap. lxxviii, dá noticia de que até ao anno de 1446 foram expedidas pelo infante, para a costa occidental de Africa, cincoenta e uma caravelas. Esta observação tem grande importancia, pois que a phrase do sr. Monleon poderia suggerir aos leitores menos versados n'estes assumptos a idéa de uma falsa correlação entre a appareição do veneziano Cadamosto e o emprego das caravelas.

Proxada fica, emquanto não apparecerem argumentos valiosos em contrario, a origem portugueza das caravelas, as quaes remontam, o mais tarde, ao século xiii. Mas a questão mais importante ventilada pelo sr. Monleon, como já o fôra anteriormente pelo insigne historiador e archeologo o sr. Fernandez Duro, consiste em averiguar se as caravelas constituiam um typo definido de

¹ *Disquisiciones Nauticas*, t. i, pag. 95.

² Aliás Vicente Dias, natural de Lagos.

³ Não comprehendendo como se fez esta contagem de tempo, que é aliás copiada rigorosamente pelo sr. Monleon da monographia do seu illustre compatriota o sr. Fernandez Duro. Cadamosto diz que partiu do cabo de S. Vicente a 22 de março de 1445 (e não 1444), e chegou ao Porto Santo no dia 25 d'esse mez, cerca do meio dia. Não marca a hora da partida, mas como é natural que só de dia se fizesse de vela, a sua viagem oscilla entre 66 a 78 horas, nas quaes percorreu as 600 milhas italianas, o que reduz a velocidade da caravela a termos acceitaveis. Ha além d'isso justificaveis duvidas quanto á data assignalada por Cadamosto á sua viagem, a qual Major affirmou ser dez annos anterior á verdadeira. V. *Vida do Infante D. Henrique*, cap. xv e xvi.

⁴ *Navegações de Cadamosto*, no t. ii das *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, Proemio.

navios, ou se o nome se applicava indifferentemente aos navios de fraca lotação, de uma só coberta, com apparelho redondo ou latino.

Passo a reexaminar pacientemente a questão.

As caravelas do século xiii, a que allude o foral de Villa Nova de Gaya, eram evidentemente embarcações de pesca e de cabotagem. Qual seria a sua forma e o seu apparelho, eis o que não é fácil determinar. Mas uma phrase do referido documento leva-nos á convicção de que a caravela parecia representar uma especie de embarcação distincta e inconfundivel. «Et de unaquaque caravela siue nauigio», diz o texto citado a pag. 43 da presente Memoria. A conjuncção alternativa indica necessariamente uma individualisação da caravela como especie de navio, porque a palavra *nauigium* parece generalisar a applicação da lei. Acresce a circumstancia de que o mesmo foral individualisa outras especies de pequenos navios de pesca e de transporte com as designações: *enviadas*, *barca seeyra*, *burcardus trincatus*, *burcia*, *pinatia*.

Como embarcações de cabotagem, está provado que em Portugal se usaram caravelas até ao século xvi, pelo menos. São essas que serviram de typo para a construcção das que o Infante D. Henrique applicou ás suas viagens de exploração. É de suppor que esta applicação especial obrigasse a certas modificações pelo que respeita á solidez e ao aperfeiçoamento das propriedades nauticas; mas a permanencia do nome manifesta a permanencia do typo geral. Durante todo o século xv, usadas como navios de transporte, de guerra e de descoberta, as caravelas parece terem-se caracterizado nitidamente como individuo naval. No meiado do século xvi, Fernando Oliveira, cuja auctoridade é indiscutivel, conserva-nos as caracteristicas do seu typo nos seguintes periodos que, pela sua importancia para o meu assumpto, merecem ser transcritos na integra:

«Nam quisera dizer isto q̃ agora vou dizer, porq̃ sei q̃ ha muytos de cõ-trayro parecer, porẽ todauia porq̃ creo que vivẽ õganados, q̃ro mouer a questão, pera q̃ praticado se conheça a verdade. A mi me pareceo sêpre q̃ caravelas darmada nam eram tão boas como são gabadas, por serẽ hũ genero de nauios mesturado e neutro, & as partes q̃ tomão de cadaũ dos ontros generos serem as piores, como mulato. Os generos de nauios mays distĩtos, são redõdo, & latino. De nauios de vela digo, onde elles mays mostrão a distincção, quero dizer na vela, sem embargo que tambem nos cascos sam differentes. O nauio de remo sem vela não faz genero nem especie de nauio, considerado sem vela digo, porq̃ assy he imperfeyção de nauio & não he nauio inteyro, como quer que o masto seja parte integral do nauio segundo o de-reyto determina. E Claudiano diz¹ que antes de saberem os homẽs nauegar

¹ Claudia: de raptu proser: (*Cota do auctor á margem*).

remauam junto das prayas, mas depois q̃ mays souberam acabaram de perfazer os nauios com masto & vela. Daquelles dous generos, a carauela toma dos latinos a vela, & dos redondos o casco, mas não a melhor forma de casco, porque as carauelas sam mays estreytas do que requerẽ as proporções q̃ cõsigo & suas partes deue ter o nauio redondo, o qual deue responder a tres por hũ, conuẽ a saber, teraa tres larguras na longura, o q̃ nam tẽ as carauelas, q̃ sam mays lōgas do q̃ demãda sua largura. Nam he nada ser longas, porq̃ a longura he boa quando a largura he sufficiente, mas ellas por nauegarem fazemnas tam estreytas q̃ não soffrẽ vela, & se polla muyta quilha q̃ tẽ podem co a vela, entam tem outro pior que nam carregam nada, nem nauegam a popa posto que entrem munto no vento. Tambem pera guerra tem hum inconueniente que por falta do castello de proa, que nam tẽ, descobrem o conues & abrẽ a alcaçaua, & ficam desemparradas a quantas pedradas lhe quizerem tirar. A vela que tomam as carauelas dos nauios latinos, tambem he a pior forma de vela porque he triangular, figura que menos comprende que todas, pollo q̃ toma menos vento, & se lhe nam dessem a pena alta escassamente leuaria o nauio. A qual pena assy alta faz pender o nauio mays do que aas vezes pode payrar. Atra⁴ tambem a vela latina suas antenas trocando de hum bordo pero o outro sobolo mastro cõ grãde trabalho & perigo, como vemos, & aas uezes padecemos. Nam se fez a vela triangular se não por remedio, pera os nauios estreytos que por sua angustura não podem recolher em sy a relinga da vela redonda, & por tanto lhe tiram aquelle lanço todo & fazẽ delle cãto. Por estas razões & outras que apõtarey a diante falando das galees, me parece que as carauellas nam sam idoneas pera a força & segurança que a guerra ha mester, & se deuiam escusar, & fazer em seu lugar nauios redondos grandes ou pequenos, segundo pedir a necessidade².»

Nũm livro inedito do mesmo auctor, encontram-se as seguintes linhas, referidas ainda ao mesmo assumpto:

«Aqui me lembra, & quero o dizer, antes q̃ me esqueça, que nunca me

⁴ Esta palavra estará por *atraca*? Como quer que seja, o sentido da phrase é comprehensivel.

² *Arte da guerra | do mar novamente | escripta per Fernandooliveyra, & di | rigida ao muyto manifico senhor, | o senhor dom Nuno da cunha ca | pitão das galees do muyto po | deroso rey de Portugal | dom Johão o ter | ceiro.* | Em Coimbra. | M. D. LV.—De fol. 42 v. a 43 v.—Esta interessantissima obra, da qual se conhece apenas o exemplar que se acha na Bibl. Nac. de Lisboa, merece por todos os motivos ser conhecida dos studiosos. Espero fazel-a reimprimir em breve, juntando-a á primeira edição do precioso inedito do mesmo autor, ao qual abaixo me refiro.

pareceo bem, fazer da carauella nauio redondo diga cada hum o que quiser, que tudo seraa afeycado: por que, mudandose a forma da vela, cumpre mudarse a fabrica do fundo: a qual jaa então não pode ser mudada: nem o mestre pode fazer na sua estimatua os discursos aqui necessarios». ¹

Releve-se-me a extensão d'estas transcripções; mas dois annos depois da publicação dos anteriores *Estudos*, eu não poderia encontrar mais terminante e mais auctorizado depoimento em favor de uma these então defendida. Das reflexões feitas por Fernando Oliveira, depois de ter andado algum tempo nas caravelas portuguezes que cruzavam no estreito de Gibraltar, depois de ter tomado parte no desastre naval de Belez, em que uma armada de vinte e cinco galês argelinas desbaratou e capturou cinco caravelas nossas, depois de uma longa e dolorosa pratica da vida maritima, emfim; d'essas reflexões deduzem-se immediata e indubitavelmente as conclusões seguintes:

1.º que as caravelas portuguezas tinham um casco differente dos restantes navios de vela, sendo a relação entre o comprimento e a bocca maxima superior á de 3:1, systematicamente observada nos navios redondos;

2.º que o seu apparelho era de velas latinas de forma triangular;

3.º que o seu fundo era mais estreito do que o dos navios redondos;

4.º que não tinham castello de prôa.

É tambem evidente que, apesar da affirmativa em contrario do sr. Monleon, as caravelas não tinham cestos de gavia, os quaes eram incompatíveis com o apparelho latino-triangular. Comquanto a observação seja obvia, não deixarei de adduzir em favor d'ella uma citação do incomparavel thesouro de Gaspar Corrêa: «Então se fizerão as partes por esta maneira: o Capitão-mór vinte partes; os capitães doze cada hum; os mestres e pilotos dos nauios de gavia dez partes, e das carauellas seis...» ²

Não serão todos estes elementos sufficientes para caracterisarem um typo naval? Quer-me parecer que sim, comquanto a diversidade de exemplares, que com o nome de caravelas teem apparecido, haja contribuido para grande confusão dos eruditos, levando alguns, como se tem visto, á negação de um typo normal e primitivo. Este facto explica-se facilmente pelos ensaios repetidos em epochas de remodelação, como foi sem duvida o seculo xvi para a architectura naval. Não assistimos nós hoje a caso identicos, produzidos pela pouca nitidez das designações technicas dadas aos navios modernos? Se um archeologo do futuro confrontar os cascos e os apparelhos da nossa velha cor-

¹ *Livro da fabrica das naus*, por Fernando Oliveira.—Mss. da Bibl. Nac. de Lisboa.

² *Lendas da India*, t. 1, pag. 523.

veta *Bartholomeu Dias* e da corveta couraçada *Vasco da Gama*, será levado naturalmente á conclusão de que a corveta nunca existiu como typo definido, e de que no seculo xix se dava simplesmente esse nome a todos os navios de uma certa tonelagem destinados á guerra.

Da mesma fórma, ainda que menos completamente, a caravela afastou-se do typo primitivo, com o correr dos tempos, as necessidades da navegação e a mudança de meio. Desde o começo do seculo xvi que, a exemplo talvez dos hespanhoes, e em particular de Christovam Colombo, se ensaiaram em Portugal modificações no seu apparelho, como o demonstra a narrativa da segunda viagem de Vasco da Gama por Gaspar Correa. Na segunda citação de Fernando Oliveira, acima transcripta, accusa-se e censura-se essa modificação como sendo já muito vulgar. Mas que o typo primordial persistia ainda com certa tenacidade até finais do seculo, prova-o a lucida descripção de D. Jeronymo Osorio, a qual parece, até pela particularidade grammatical do emprego do tempo presente, ser feita deante de um exemplar authentico.

O sr. Monleon apresenta em favor da sua these argumentos que, seja-me licito dizel-o, não resistem á mais simples analyse. Tal é por exemplo o que deduz d'esta phrase de Christovam Colombo, ao referir-se a uma almadia de indios: «Y con aquella india vinieron muchos indios en una canoa, que es su *carabela* de ellos.»¹ «Aqui pois», prosegue o sr. Monleon, «*carabela* não significa mais que embarcação ligeira, subtil e de facil governo, pois de maneira alguma podemos suppor que o Almirante quizesse dizer que as caravelas tivessem a fórma alongada e estreita das canoas». Não, por certo! O Almirante, ou o seu compilador, queria apenas frizar por um simples e naturalissimo motejo a rudeza primitiva da arte naval entre os indios. «Vinham n'uma almadia, que é a caravela d'elles», diz Colombo, como diria, querendo dar ideia do mobiliario indigena: «Sentou-se n'uma pedra, que é a cadeira d'elles». Arrancar d'aquella phrase um argumento contra a definibilidade do typo das caravelas, é levar um pouco longe a ambição de fazer triumphar uma these. Veja-se quantas vezes, no Diario do Almirante, se comparam as canoas dos Indios a fustas e a navetas, sem que isso por fórma alguma nos conduza a illações analogas sobre a fórma d'estes navios.

Não é simplesmente para accentuar a gerarchia do navio chefe, que Christovam Colombo chama *nao* á capitania da expedição, a *Santa Maria*.

¹ A phrase a que provavelmente se refere o sr. Monleon não é de Colombo, mas do seu compilador Las Casas, e é textualmente a seguinte: «Todos estos indios que venian con aquella india diz que venian en una canoa, ques su *carabela* . . . » (Navarrete, *Collection de voyages*, t. 1, pag. 226).

Esse navio, como implicitamente manifesta o sr. Monleon na sua reconstituição, não possuía os caracteres essenciaes que distinguiam as caravelas. Em primeiro lugar, se aceitarmos a sua hypothese de que a bocca fosse de 28 pés e o comprimento na coberta principal de 84 pés, temos a relação exacta de 3:1, empregada com effeito nas naus, e ja vimos que essa relação era alterada



Caravela, de um quadro do convento da Madre de Deus, em Lisboa.—Seo. XVI

no typo das caravelas, tal como o descreve Fernando Oliveira. Em segundo lugar, tendo castello de prôa, afastava-se evidentemente d'esse typo. Por ultimo, o apparelho redondo descaracterisava-o completamente como caravela.

Demais, conhecendo-se a proverbial ligeireza das caravelas, o proprio Almirante accusa na sua capitania o defeito contrario, quando affirma que a nau era muito pesada e impropria para o mister de descoberta¹, queixando-se da gente de Palos que não lhe forneceu um navio nas condições requeridas

¹ Navarrete, *Coll. de viagens*, t. 1, pag. 265.

e conforme a promessa que haviam feito aos reis catholicos. Essa promessa, como se deduz da provisão regia de 30 de abril 1492, consistia em fornecerem para o serviço real *duas caravelas bem armadas*¹; a queixa de Colombo prova que elle não considerava o seu navio como caravela.

Se a confissão de Colombo não fosse mais do que sufficiente, outro argumento serviria para provar que a capitania da sua esquadra não era uma caravela: o facto de ter sido construida na costa cantabrica, onde, muito embora podesse ser conhecida, não era certamente usada esta especie de navio.

Seria a *Niña* uma caravela? É certo que divergia d'esses navios n'um dos elementos essenciaes, o apparelho; mas é possível que o apparelho primitivo tivesse sido objecto de uma transformação, analoga á que mais tarde soffreu a *Pinta*, por ordem do Almirante. Além d'isso, o typo reconstituído pelo sr. Monleon apresenta analogias frizantes com alguns modelos do *Livro das fortalezas* de Duarte d'Armas, a que adeante me referirei.

Em resumo, dos tres navios empregados por Christovam Colombo na sua primeira viagem de descoberta, só se pode affirmar com probabilidades de acerto que fosse caravela a *Pinta*. O facto de se applicar a mesma designação aos outros dois nada prova, a meu ver, senão a ignorancia que ao tempo tinham os hespanhoes ácerca dos caracteres distinctivos do um typo naval, que até então parece ter sido exclusivamente empregado pelos portuguezes. D'essa ignorancia não pode, é claro, ser accusado o grande navegador, que na sua longa permanencia em Portugal aprendeu tudo quanto devia servir-lhe de subsidio para a sua gigantesca empreza. Mas o proprio sr. Monleon confessa como elle systematicamente chamava *nao* á sua capitania, e o applicar á *Niña* a designação de caravela ainda poderia explicar-se por uma justificada transigencia para com uma designação geralmente adoptada no paiz que elle ia servir.

N'um magnifico quadro gothico do seculo xvi, pertencente ao mosteiro da Madre de Deus em Lisboa, e representando o desembarque de Santa Auta para aquella casa religiosa, encontra-se um perfeitissimo exemplar da caravela segundo as descripções de Fernando Oliveira e de Osorio. Outros dois excellentes modelos se me depararam na taboa iv do *Atlas* de Kunstmann. Parte do mappa representado n'esta taboa, e cujo original se acha na sociedade de geographia de Paris, foi reproduzido pelo sr. D. Francisco Barado na *Historia do exercito hespanhol*, e attribuido por este illustre escriptor ao piloto mayor-quino Palestrina. Mas a nomenclatura geographica accusa evidentemente a

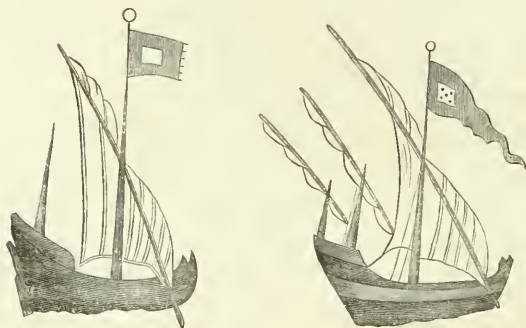
¹ *Ib.*, t. II, pag. 17.

proveniencia portugueza, como pode verificar-se por uma rapida analyse.¹ O mappa, cuja data se suppõe em 1516, representa com uma grande exacti-



Caravelas, da taboa IV do Atlas de Kunstmann

dão relativa o continente americano, e é junto á costa do Brazil que se en-



Caravelas, da carta de Juan de la Cosa

contram as duas caravelas que reproduzo em gravura. São artisticamente illu-

¹ Apontarei simplesmente para prova e exemplo, as seguintes indicações e disticos, encontrados n'aquelle mappa: no Oceano Pacifico, *Mar visto pelos castelhanos*; nos correspondentes pontos geographicos, *Átilhas de Castela*, *Ilha espanhola*, *onze ml vges*, *pumta das pedras*, *R. do meo*, *todos santos*, etc.

minadas no original; as bandeiras, todas vermelhas, não servem para lhes definir a nacionalidade; mas a origem portugueza que attribuo ao mappa dá-lhes um caracter de authenticidade incontestavel.

A carta de Juan de la Cosa, a que nos anteriores *Estudos* me referi, tambem confirma victoriosamente a minha these. Sete caravelas portuguezas ali se encontram, com o seu typo claramente accentuado em harmonia com as minhas conclusões. Reproduzo dois d'esses navios, um de dois, outro de tres



Caravela redonda, do «Livro das Fortalezas de el-rei D. Manoel»

mastros. Pelo que respeita á irregularidade d'esta mastreação, offerece-se-me a seguinte hypothese. O typo das caravelas do seculo xv seria provavelmente de dois mastros, a saber, o grande e o da mezena, muito mais pequeno do que aquelle. Em consequencia da enorme superficie da vela grande, que fazia arribar muito o navio quando ia de bolina, e não sendo bastante a mezena para contrabalançar a sua acção, juntou-se a alguns d'estes navios uma contramezena que vinha caçar n'um botoló extendido além da popa. Analogia distribuição de forças se observa em varias galeões e naus, como já vimos. A introdução do mastro de proa, com traquete e velacho redondos, quer-me parecer que é muito posterior; assim como a alteração da forma geral do casco mais tarde semelhante ao das naus. É o que se vê nos documentos que adeante extraio do *Livro Nautico*. O exemplar d'elles resultante reproduz pouco mais

ou menos o modelo apresentado por Jacques Devaulx e adoptado erradamente por Jal como o typo das caravelas de Colombo.

Mas creio que não era esse typo de caravelas redondas o mais empregado na Europa pelos portuguezes, e judiciosamente criticado por Fernando Oliveira. Do typo que na metropole parecia mais usual, como modificação das primitivas caravelas latinas, apparecem curiosos exemplares no *Livro das fortalezas de el-rei D. Manuel*, por Duarte d'Armas, codice guardado no Archivo da Torre do Tombo. Dou copia de um d'esses exemplares, extrahida do desenho de Valença do Minho, a fl. 3 do referido codice. Como se vê, estas caravelas tinham panno redondo nos mastros grande e de prôa, e latinos nos outros dois. Não tinham gaviaes, nem castello de prôa, e a alçaçova era pouco elevada. Seria este talvez, pouco mais ou menos, o typo da *Niña*, se é que este navio era effectivamente caravela. Mas o modelo semelhante ao adoptado por Jal, differindo comtudo pela ausencia de vela de gavia de prôa, tambem era no seculo xvi representado nas nossas armadas, sobretudo talvez na India, como se deduz de algumas estampas do livro de Gaspar Corrêa e do *Roteiro de Goa a Dio* por D. João de Castro. E o motivo porque não julgo que na metropole tivessem grande voga estas caravelas é o não encontrar nem um unico exemplar identico no codice de Duarte d'Armas, onde aliás não faltam exemplares navaes de variadas fórmas e aparelhos.

Aos testemunhos adduzidos desejo ainda accrescentar o de um outro considerado compatriota do sr. Monleon, Jhoan de Escalante de Mendoza, cuja obra, *Itinerario de la Navegacion de los mares y tierras Occidentales*, foi publicada pelo sr. Fernandez Duro no tomo v da sua magnifica collecção de *Disquisiciones Nauticas*. Transcrevo o trecho extrahido de pag. 460 d'esse volume:

«Y los navios latinos son aquellos que tienen una relinga sola y de palo; y quando van barloventeando, para hacer otra vuelta tienen necesidad de traer al pié del arbol el car y pasarlo por de dentro de la xarcia, como se hace en todas las caravelas y caravelones, bergantines y fragatas... y asi solo san buenos, como ellas andan, para los navegantes portugueses y para las demas provincias que los usan é inventaron para sus propósitos y usos de navegar, barloventeando con viento escaso para sus puntas y cabos...»

Aqui está pois como em 1575, data da obra referida, um hespanhol considerava ainda latinas as caravelas portuguezas.¹

Era muito variavel a lotação das caravelas, como não podia deixar de ser em vista da diversidade de serviços em que eram empregadas: cabotagem, pesca, exploração e guerra. Por isso as mais pequenas, usadas sobretudo no segundo d'estes misteres, eram de bocca aberta, como se pode perceber pela seguinte passagem de Azurara: «... o Ifiante lhe outorgou a licença, e lhe

fez prestes duas caravellas, scilicet, hũa tilhada, e outra de pescar, nas quaes eram xx homẽs, e com Gomes Piz eram xxj. . . »¹ Conclue-se tambem d'aquí a insignificancia dos navios empregados ás vezes pelo infante D. Henrique na exploração da costa africana, e por conseguinte o arrojo verdadeiramente heroico dos navegadores portuguezes. Estas duas caravellas, afóra os despojos da correria, trouxeram para o reino setenta e nove prisioneiros! Ao celebrar com todo o enthusiasmo, devido ao genio e á perserverança, o triumpho colossal de Colombo, não deixemos na sombra os seus valentes percursores d'este cantinho da Europa, que com escassos recursos affrontavam os pavores do Mar Tenebroso, preparando as duas mais grandiosas emprezas de que se orgulha a humanidade—o descobrimento da India e o descobrimento da America!

As caravellas armavam muitas vezes remos, mesmo quando a sua lotação era importante, como aquella a que se refere Damião de Goes: «... o primeiro que acodio, foi o corregedor de Xares, em huma caravella, a remos bem artilhada & carregada de mantimentos, & trezentos besteiros. . . »²

Ainda outra particularidade tomavam por vezes as caravellas dos navios de remos: era o emprego de pavezadas ou pavezaduras. Narrando o temerario combate de Vasco Fernandes Cesar, n'uma caravella em cruzeiro no Estreito, em 1521, contra quatro naus inglezas, Damião de Goes escreve: «... com tudo os d'esta (*Capitania dos Inglezes*) tinham já mortos a Vasco Fernandes seis ou sete homens, & feridos mais de vinte das rachas que ha artelharía dos Inglezes fazia das pauesaduras da caravella. . . »³ É certo que em muitas naus se adoptava tambem este systema de defeza; mas é provavel que a pouca altura da borda o tornasse mais necessario nas caravellas.

Pareciam-se além d'isso com os navios de remos em ter esporão; e esse pormenor, vulgar tambem nos galeões, encontra-se ainda na caravella do fim do seculo xvi, cujas *Medidas* adeante transcrevo. A leitura d'ellas dá completa idéa d'essa especie de navios, taes como se construiam na epocha indicada, tendo perdido a maior parte dos caracteres que durante cerca de dois seculos a tornaram definida no nosso paiz.

Comparando essas medidas da caravella de 150 a 160 toneis com as das *caravellas antigas meãs*, que vão em seguida, vê-se que estas se approximavam um pouco mais do typo primitivo, porque, emquanto nas primeiras a relação entre o comprimento total e a bocca era de 97:33, inferior a 3:1, nas caravellas que o documento chama antigas, em consequencia das dimensões dos

¹ *Chron. do descobrimento e conquista da Guiné*, cap. LXXXIX.

² *Chron. d'el-rei D. Manuel*, part. II, cap. XXIX.

³ *Ib.*, part. IV, cap. LXXVIII.

lançamentos, essa relação chegava a 100:30, sendo portanto maior do que a normal dos navios redondos.

Qualquer d'esses dois exemplares de caravelas corresponde perfeitamente á descripção feita por Bartholomeu Crescentio (*Nautica Mediterranea*, Roma, 1607), auctor contemporaneo, e citada por Jal e pelo sr. Duro, ao passo que a definição do bispo de Silves (1571) se refere com a maxima exactidão às caravelas usadas um seculo antes do douto prelado, e das quaes ainda existiriam exemplares.

No *Livro Nautico* e no codice que lhe serve de complemento, intitulado *Memorial de varias cousas importantes*, quasi todos os documentos pertencem ao primeiro periodo da dominação filippina em Portugal, e estão comprehendidos entre 1580 e 1600, pouco mais ou menos. N'esses dois codices encontro provas sobejas do emprego constante das caravelas, como se podeprehender de alguns extractos, tomados ao acaso.

N'um documento de despeza feita nos armazens da casa da India desde outubro de 1580 até 28 de janeiro de 1589, encontram-se, entre outras, as seguintes verbas:

«Custaraõ hũa nao e duas carauelas q̃ se perderaõ com p. ^o peixoto em S. Miguel dandolhe fundo tres contos e tresçetos mill rs.	3.300\$»
«E na armada em que foy as ilhas dom lopo de fi- gueroa em q̃ foraõ dous galeoõs e tres caravelas. com 550. p. ^{as} portuguesas a fora soldados caste- lhanos que leuaraõ o soldo por a coroa de castella.	»

N'uma *Folha dos Nauios que S. Mg.^{de} tem nesta Coroa de Portugall, e o estado em q̃ estaõ*, etc. vem mencionadas, entre quinze navios, duas caravelas a S.^{ta} *Catharina* e a *Santo Espirito*, de 160 a 180 toneladas.

É certo que nas relações dos navios que fizeram parte da Invencível Armada não se encontram caravelas, como muito bem adverte o sr. Fernandez Duro,¹ mas que houve idéa de as utilizar n'essa empreza, idéa abandonada mais tarde por quaesquer motivos que nos escapam, demonstra-o um minucioso orçamento feitos em Lisboa e incluido n'um d'estes codices,² onde se me deparam as seguintes linhas:

¹ *Disquisiciones Nauticas*, tom. 1, pag. 407.

² Este orçamento é, com ligeiras variantes, o mesmo que foi publicado pelo sr. D. Francisco Barado no *Museo Militar — Historia del ejercito español*, de pag. 337 a 349 do tom. II.

«De nauios pequeños saetias, conchapines *carauelas* zabras pataches y mexeriqueras se haze quenta q̄ seran menester para llevar en ellos bastimētos municiones caualllos azemilas y otras diuersas cosas 320 que se an de juntar en esta manera:

.....
 «De la costa despaña desde malaga ayamonte de *carauelas de cubierta* Varcones e chalupas de pesqueria. 50. de a 80. toneladas cada vno.

«Deste Reyno hasta la V^a de oporto. 100. de los dhos nauios q̄ se presupone an de ser del mismo porte.

«*Carauelas pequeñas* q̄ llaman ē este rejno mexeriqueras para llevar ordenes y mandatos 20. de a 25. toneladas».

É notavel a quantidade de caravelas com que ainda se contava em Portugal. Confronte-se isto com as que se esperava forneceria a Hespanha, e veja-se como este navio, quasi exclusivamente portuguez, ainda gosava da especial predilecção dos mareantes d'este paiz. E repare-se mais que era da costa andaluza, mais identificada com os nossos usos maritimos, què deveriam sahír alguns—poucos relativamente—navios d'esse typo.

Disse que a caravela era um typo naval quasi exclusivamente portuguez, e não quero deixar de provar cabalmente a minha asserção. Já alludi nos meus anteriores estudos ao expediente diplomatico, empregado por D. João II, de fazer crer que só as caravelas portuguezas podiam regressar da costa da Mina, com o intento de afastar do commercio d'aquella região a concorrência estrangeira. Tal expediente seria absolutamente improficuo, se aos mercadores extranhos se proporcionassem facilidades para a construcção de navios d'aquelle typo. Parece pois que D. João II não se esqueceu de promulgar leis que obviassem a uma expansão que elle reputava tão prejudicial aos interesses do paiz. É de crer por conseguinte que d'esse monarcha proviesse a prohibição feita expressamente aos seus subditos de venderem caravelas aos estrangeiros. Essa prohibição deduz-se de um documento que adeante publico e que derrama grande luz sobre o assumpto. É uma carta regia de D. Manuel aos juizes da villa de Sines, determinando que investiguem da veracidade de uma denuncia feita por Jorge Dias, moço de estribeira de el-rei, sobre a venda de uma caravela a um castelhano de Triana por um Diogo Pires, d'aquella villa de Sines. Caso o facto fosse verdadeiro, o vendedor perderia o preço da venda em favor do denunciante, em conformidade com a legislação em vigor que prohibia a venda das caravelas. Este documento, datado de 10 de maio de 1520, demonstra terminantemente o meu asserto. Faceis de tirar são as conclusões. Até á data apontada, pelo menos, todas as nações da Europa, inclusivè os nossos visinhos hespanhoes, deveriam ter das caravelas uma idéa bastante incompleta. Não tendo planos nem modelos á vista, é provavel que simplesmente

imitassem esta especie de navios, levados a isso pela fama que d'elles se havia expandido para fóra de Portugal. A lendaria nomenclatura de caravelas, adoptada levanamente para os navios de Christovam Colombo, soffre um abalo profundo com a publicação do citado documento. Demonstrada a originalidade da caravela portugueza, provados como ficam os obstaculos que se oppunham á sua divulgação, temos de concluir que o grande almirante, reconhecendo pela experiencia de largos annos passados no nosso paiz a especial adaptação d'estes navios para a sua empresa, e na impossibilidade de alcançar exemplares genuinos do ambicionado typo, procuraria em todo o caso os modelos navaes que menos se afastassem d'elle.

Vae longa esta exposição, mas ninguém, versado em assumptos nauticos ou historicos, deixará de justificar a minha insistencia. No transcendente facto cujo centenário a Hespanha, com um orgulho sagrado, vae celebrar, a inspiração portugueza teve um alcance innegavel. O genio indiscutivel de Colombo encontrou em Portugal os raios vivificadores que o alentaram. Tres patrias teve o descobridor da America: a patria do seu corpo, a patria do seu espirito, a patria do seu coração. Deu-lhe a vida Genova, deu-lhe a inspiração Portugal, deu-lhe a Hespanha os meios para a realização da sua colossal empresa. Ninguém ousa negar a este ultimo paiz a gloria suprema de o haver comprehendido e acreditado. Mas o presente estudo demonstra que, mesmo em pormenores secundarios, a influencia portugueza prevaleceu no animo do excelso descobridor. Este é, na actual conjunctura, o nosso quinhão de gloria. Se a Hespanha tem direito exclusivo ás fulgurancias de uma deslumbrante aureola, porque hão de vozes injustamente ciosas negar á nossa abatida patria o reflexo de uns raios consoladores?

Quasi meio seculo antes de Colombo, um genio portuguez de igual envigadura expedia umas pequenas caravelas a descobrir os Açores. Um chronista contemporaneo escreve as seguintes linhas que merecem ser meditadas: «Tempore quodam Infans Dominus Henricus, cupiens scire partes extraneas oceani occidentis, si invenirent insulas an terram firmam ultra descriptionem Tolomei, misit caravelas ad quaerendum terras». ¹ Se a vida do infante se prolongasse além dos limites razoaveis, contentar-se-hia o seu grande espirito com o descobrimento d'esse archipelago perdido no meio do Oceano? Não procuraria ainda a terra firme cuja existencia presuppunha? A resposta a esta pergunta seria objecto de um novo estudo, muito fóra do assumpto que presen-

¹ *De prima inventione Guineae... quam inventionem retulit Dioguo Gomez Almozeriff palatii Sinterii...*, manuscrito da Bibl. de Munich inserto na obra do dr. Schmeller *Ueber Valentí Fernandez Alenão*.

temente me occupa. Voltarei, concluindo, ás caravelas, para as trazer á luz da gloria immorredoura que illumina o vulto de Christovam Colombo.

Merecem-no bem, esses pequenos e sympathicos obreiros, que, começando por arrancar das entranhas do Oceano os uteis productos de uma riquissima fauna, tanto contribuíram para arrancar aos seus mysterios um continente inteiro. Merecem-no, esses audazes exploradores que deixaram pelo contorno da Africa a sombra triangular das suas velas brancas; essas ligeiras embarcações, repletas de marinheiros heroicos, que foram acariciadas pelo espirito dos dois homens mais illustres do seculo xv: o infante D. Henrique e Christovam Colombo.

Se algum dia a lingua portugueza se sumisse no pelago das tradições obscuras, a palavra *caravela* seria bastante para recordar á humanidade a historia de um pequeno povo, empenhando esforços de gigante para o descobrimento do mundo.



DOCUMENTOS



DOCUMENTOS

Medidas pera fazer hũa Nao de seiscentas Tonelladas, e os paos q̄ hà de leuar de Souoro e Pinho

|| Primeiramente a Quilha terá de comprido de esquadria a Esquadria, dezasete Rumos, e terá esta Quilha de grossura hũ palmo de Goa, e de altura, terá mais dous dedos; leuara esta Quilha cõ os couçes sete paos bij. p.

|| A Roda que he a segunda cousa que se arma, terá de Altura cincoenta palmos de Goa, e terá de lançamento, trinta e cinco palmos, por esta conta: de cada dez palmos que esta Roda tiuer d'altura lhe tirarão tres, e os que fiquarem he o lançamento: será mais alta na madeira que a quilha dous dedos: leuará esta Roda tres paos, e por dentro quatro coraes, que he contra Roda, e são sete paos bij. p.

|| O Codaste, que he o terceiro que se arma sobre o couce de popa, terá de grossura palmo, e meo em quadrado, e tera d'altura corêta, e dous palmos de Goa .s. dezasete palmos que leua esta nao de Ragel, que pera boa conta dezasete Rumos de Quilha dezasete palmos de Ragel: deste Ragel pa cima hà uinteçinco palmos, em que hão de caber tres Cubertas, desta maneira; a prim.^a cuberta leuanta do Ragel seis palmos, e a segunda faz de uão oito palmos, e a terceira faz de uão sete palmos, e mais tres palmos que a madeira leuanta fazê os uinteçinco: o lançamento d'este Codaste sera desta maneira; de cada quatro palmos que tiuer d'altura lançará hũ; leua este Codaste dous paos ij. p.

|| O Gio, que he o que atrauesa sobre este Codaste há de ter uinteçinco palmos de Goa de largura, que he a metade da largura, que a Nao ha de ter, e terá de grossura na meo palmo e meo, e na ponta hũ palmo, leua tres paos de souoro, e dous de Pinho manso na grade q̃ faz.....

Pinho ij. p.

ijj. p.

|| Esta nao pera boa conta terá tantos pares, como tem de Rumos na Quilha, de modo q̃ dezasete Rumos, dezasete pares, e a Cauerna mestra se há de assentar tres Rumos auãte do meo da Quilha, porq̃ o meo da Quilha he o lugar onde assenta o pe do masto grãde: irá esta Cauerna tres Rumos pa proa, e da qui a Esquadria ficao çinco Rumos, e meo, nos quais hão de caber os dezasete pares, q̃ esta nao ha de ter. s. dezasete Cauernas, e dezasete braços, q̃ tanto de uão, como de cheo fazẽ os trinta e quatro palmos; e quando a madeira ajunta fica a Almogama, que he a derradeira cauerna hũ Rumos a tras da Esquadria, e outro tão, que occupa a madeira, da mestra pa a Popa ficao de Quilha uazia, seis Rumos, da Almogama a Esquadria de Popa, e da qui começa a fazer o Ragel, que chamão delgado: Esta Almogama de Popa, terá de garaminho tres palmos de goa, porq̃ tres uezes seis são dezoito palmos que ha de ter o Ragel.

Leua esta nao dezasete pares que são trinta e quatro cauernas.....	xxxiiij. p.
Leua nestas cauernas sessenta, e oito braços.....	Lxbij. p.
Leua dalmogama pa proa treze echimẽtos.....	xij. p.
Leua nestes enchimentos uinteseis Astes.....	xxbj. p.
Leua a Popa uinte hũ enchimentos, e piquas.....	xxj. p.
Leua corenta, e dous areuessados.....	Rij. p.
Leua por dentro hũa Carlinga pao masto, e dous trinquanis das bandas pa fazer forte.....	ijj. p.
Leua dous Coraes de Popa.....	ij. p.
Leua dez Palmejares q̃ são sobrequilhas.....	x. p.
Leua na primeira aposturagẽ cento, e corenta paos.....	c. ^{to} R. p.
Leua nos dromentes, e contradromentes da primeira cuberta corẽta e quatro paos.....	Riiij. p.
Leua settenta Paos de çintas de Pinho mäsno nas Escoas.....	

Pinho Lxx. p.

|| A primeira cuberta se assenta nesta manr.^a atrauesarão hũ Cordel a Prumo do meo da mestra em altura de quatorze palmos que ha de ter de pontal, que he porão, e da qui pa baixo uai o dromente, e A prumo da Carlinga, porão hũ ponto, e da hi pa a Popa farão hũ uão de tres palmos, e pera a proa de dous palmos, que são cinco que o uão onde uay o Masto, e logo meterão duas latas juntas, e farão outro uão de dous palmos, e meo pera as Bombas,

e da qui a escotilha de Popa hauerá sete palmos moçoço, e a Escotilha terá outros sete palmos e quadrado porque caiba pipa; e do masto pa Proa farão outros sete palmos de moçoço, e logo a Escotilha do meo que terá outros sete palmos, e desta Escotilha aa de Proa hauerá uinte e hũ palmos de moçoço, e a escotilha terá outros sete palmos.

Pinho Lxxx. p.	Leua nesta primeira cuberta oitenta latas antre grandes, e pequenas	
Pinho xiiij. p.	Leua quatorze cordas que são as latas que lião as outras de longo ..	
	Leua dezaseis Bonequas que são oito paos.....	bij. p.
	Leua trinta e dous peis de carnr. ^o no porão.....	xxxij. p.
	Leua quatro paixões no lugar do masto q̃ são paos aonde feclhão os	
	tamboretes.....	liij. p.
	Leua uinte e hũ trincanis nesta primr. ^a cuberta.....	xxj. p.
	Leua na Popa quatro arcuessados.....	liij. p.
	Leua noue porquas nesta Popa.....	ix. p.
	Leua doze duzias de taboado de pinho brauo nos soalhados desta	
Pin. xij. duz. ^{aa}	cũ as escotilhas.....	
	Leua no porão hũa Buçarda.....	j. p.
Pin. x. p.	Leua dez Dragas de pinho manso	
	Leua esta primeira cuberta quatorze carreiras de curuas que são uinte	
	oito curuas de conues.....	xxliij. p.
	Leua uinte antremichas porq̃ as do meo não chegão.....	xx. p.
	Leua duas curuas a popa que lião pellas cordas, e pellas porquas...	ij. p.
	Leua hũa Buçarda nas dragas.....	j. p.
Pin. xij. p.	Leua hũa duzia de tauoado de pinho m̃aso nas dragas.....	
Pin. x. p.	Leua dez taboas de pinho manso nas coçeiras.....	
Pin. ij. p.	Leua dous paos de pinho manso nas madres das Escotilhas.	
	Quando se cordea esta primeira cuberta, se cordea tambem a primeira	
	çinta q̃ a proa na Roda uay em altura de uinte hũ palmos de goa a Esquadria,	
	e no meo da Nao uay por onde uay o dromente da cuberta, e a Popa de todo	
	leuanta hũ palmo da cuberta, que he boa conta pa a terceira çinta ficar sãa	
	aos seis bordo.	

|| Acabada de soalhar a primeira cuberta, balisarão a segunda Aposturagē, a qual feita, porão a apostura de Popa do seis bordo dous Rumos anante da Porqua de Popa, e desta apostura a outra dauante hauerá sete palmos, q̃ tantos hã de ter o seis bordo em quadrado, pera que caiba Pipa por elle: este seis bordo fica direito da Esquadria do coçe que tanto lança o Codaste.

|| A aposturada esta segunda aposturagē assêtarão o dromente da segunda cuberta que irá em altura de oito palmos, e latarão logo desta maneira,

atrauessarão hũa tata hũ palmo pa a Popa da que uai em baixo, que tanto ha de encostar o masto a Re, e isto farão em todas as cubertas, e logo farão o lugar das bombas como na outra cuberta, e da hi pa a Popa será todo latado tanto de uão como de cheo: a Escotilha do meo, e a de Proa serão a prumo das de baixo, e pa a Proa será latado da mesma maneira que a Popa.

	Leuará nesta segunda Aposturagẽ cento, e corenta aposturas.....	c. R.p.
	Leua nesta segunda cuberta dezanoue dormentes.....	xjx. p.
Pin. Lxxxij. p.	Leua oitenta e tres latas.....	
Pin. xbj. p.	Leua dezaseis cordas q̃ são as que uão de longo.....	
	Leua uinte oito curuas de Reves.....	xxbij. p.
	Leua hũa mesa do seis bordo.....	j. p.
	Leua quatro paixoes.....	iiij. p.
	Leua dezoito trinquanis.....	xbij. p.
	Leua duas curuas nas cordas que lião a Popa.....	ij. p.
Pi. xbj. duz. ^{as}	Leua dezaseis duzias de taboado de Pinho brauo no soalhado.....	
Pi. Rij.	Leua corenta e dous peis de carneiro por baixo.....	
	Leua quinze carreiras de curuas de cõues que são trinta curuas....	xxx. p.
	Leua uinteçinco antremichas.....	xxb. p.
	Leua hũa Carlinga pera o masto do traq̃te cõ seus cunlios, e são qua-	
	tro paos.....	iiij. p.
	Leua hũa agucarda das Dragas.....	j. p.
Pi. xij. p.	Leua hũa duzia de taboado de Pinho m̃aso nas Dragas.....	
Pi. xbj. p.	Leua dezaseis coçeiras.....	
Pi. iij. p.	Leua tres paos de pinho nas madres das Escotilhas.....	
	Leua duas conchas de stringua cõ seis curuas .s. quatro das bandas,	
	e duas de bordo.....	bij. p.
	Esta Estrinqua se assentará nesta maneira, da tata em que emcostão	
	as Bombas ate o meo da concha hauerá oito palmos, porq̃ a Roda da Estrinqua	
	tem noue palmos e a metade, são quatro palmos, e meo, e tres e meo q̃ ficão	
	pera o escotilhão das bombas, fazẽ os noue.	
	Leua esta estrinqua hũ eixo.....	j. p.
	Leua a Roda cõ a cruzetta noue paos.....	jx. p.

|| Feita a segunda cuberta, farão a terceira aposturagem, que do andar da Portinhola pera cima, começará a cubrir, cinco palmos de cada banda, e aposturado, se assentara o dromente da terceira cuberta, que he a ponte, em altura de sete palmos e meo. Esta cuberta ponte latará desta maneira: a lata em que há demcostar o masto, ira pa a popa hũ palmo da debaixo, e logo farão o lugar das bombas, e pa poppa tres palmos farão hũ uão pa a chaminea da estrinqua que tera de comprido dez palmos, e do meo deste uão pa a popa,

se assentarão as conchas do Cabestrãte porq̃ a barra delle há de ter uinte quatro palmos de comprido, e anante do masto, irá a tilha a prumo da Escotilha do meo, e da qui pa a proa farão suas cuxias que cheguem ao Castello, e no uão destas cuxias yrão os quarteis do Batel que terão de comprido doze goas que são trinta e seis palmos, e terão de largo, junto da tilha quatorze palmos, porq̃ desta largura há de ser o Batel, e a proa, terão de largo doze palmos, e da qui ate a Roda sera tudo latado, e no meo hauerá hũ Escotilhão que tenha quatro palmos em quadrado pa caber hũ quarto.

|| A Bitã que uay nesta cuberta se assentara a prumo da lata do Castello, irá tres palmos alta da cuberta pa por baixo caber pipa. No meo dos quarteis farão hũ escutilhão de tres palmos pera seruintia do Batel.

	Leua a terceira aposturagẽ cento, e corêta e çinco aposturas.....	c. ^{to} Rb. p.
	Leua mais uinte e hũ dromentes	xxj. p.
Pi. Lij. p.	Leua cincoenta e duas latas inteiras	
Pi. Lij. p.	Leua cincoenta e duas meas latas	
Pi. xbj. p.	Leua dezaseis cordas.....	
	Leua uinte quatro curuas de reues.....	xxiiij.
Pi. xx. duz. ^{as}	Leua uinte duzias de taboado de pinho brauo no soalhado.....	
	Leua uinte trinquanis.....	xx. p.
	Leua quatro paixões.....	iiij. p.
	Leua doze carreiras de Curuas de Conues q̃ são uinte quatro paos...	xxiiij. p.
	Leua uinte entremichas.....	xx. p.
	Leua duas Conchas do Cabestrante	ij. p.
	Leua duas Abitas a popa q̃ são tres paos	iiij. p.
	Leua hũa buçarda das Dragas.....	j. p.
Pi. xij. p.	Leua doze dragas de pinho manso.....	
Pi. xij. p.	Leua doze coçeiras de pinho manso.....	
Pi. xxbj. p.	Leua por baixo uinte seis peis de Carneiro.....	
	Leua nos quarteis, seis madres, e uinte e hũ Barrotes q̃ são quinze paos de pinho manso.....	
Pi. xb. p.	Leua dous paos de pinho manso nas barçolas das escotilhas.....	
Pi. ij. p.	Feita esta ponte, farão defronte da escotilha do meo duas portinholas, hũa de hũa bãda, e outra da outra, e dous Rumos auante destas farão outras duas que fiquem a Re da amura.	

|| A tolda yra do lugar do masto pa Popa, e da lata em que emcosta o masto pa a proa hauerá dez palmos de uão que fazẽ uinte palmos por amor dos gingamocho da bomba, e pera a Popa será tudo latado, e sobre o Cabestrante farão hũ escotilhão pera dar uista, e a tilha dauante o masto sera a prumo da de baixo, e da qui pa proa suas cuxias a prumo das de baixo, e no

Pi. xxx. p.	meo seus quartéis cõ sua madre pello meo, e no Conues leuara trinta aposturas, quinze por banda; e do masto pa a Rê leuará trinta e cinco uirotos por	
Pi. Lxx. p.	cada banda que se metem depois de latada a tolda, e uirotada, assentarão o chapiteo, que terá d'altura sete palmos, e meo, e não será mais comprido que do Escotilhão do Cabestrante pera a Popa, e de mareagê. 7 pal:	
Pi. R. ^{ta} p.	Leua esta tolda corenta latas enteiras	
Pi. biij. p.	Leua no Conues oito dromentes	
Pi. Liiij. p.	Leua nas cuxias, e nos lugares dos gingamochos cincoenta e quatro	
Pi. xiiij. p.	meas latas	
Pi. R. ^{ta} p.	Leua no Conues quatorze cordas	
	Leua do Castello ate a Serpe corêta latas	
	Leua na tolda e castello, e conues onze carreiras de curuas que são	
	vinte dous paos	xxij. p.
	Lena quinze antremichas	xb. p.
	Leua doze curuas de Reues na tolda	xij. p.
	Leua no Chapiteo dez curuas de Reues	x. p.
	Leua a Abita quatro curuas	iiij. p.
	Dous paos pa esta Abita	ij. p.
	Leua hũa Papoya	j. p.
	Leua hũa curua do falcão	j. p.
Pi. xx. p.	Leua no chapiteo vinte latas	
	O Castello se assenta no andar do Conues, e terá de comprimento cincoenta palmos q̃ he tanto como a nao tem de largura e da Roda pa fora, tera dezaseis palmos, e pa dentro, terá trinta e quatro que são cincoenta, e terá de largura este Castello na primeira lata da Arpa, corenta palmos, e a gurita se assentará em altura de sete palmos, e tera de largo na primeira lata trinta palmos, e sobre a Roda tera esta gurita de largo, dezaseis palmos.	
	Leua este Castello quinze uirotos p bāda q̃ são trinta paos e a mareagê tera 7 pal:	
Pi. xxx. p.	Leua hũ falcão	
Pi. j. p.	Leua cinco paos na mão e papa mosqua e contra falcão, e guçarda . .	b. p.
Pi. xx. p.	Leua na gurita vinte latas	
	Leua quatro curuas de Reues	iiij. p.
	Leua dous Escouems, e dous contraesconens	iiij. p.
	Leua hũa curua do Beque	j. p.
	Leua duas curuas pellas cordas	ij. p.
	Leua duas curuas pellas bandas	ij. p.
	Leua quatro curuas na Arpa	iiij. p.
	Leua duas curuas na Alcaçeuca que seruem de peis de Carneiro	ij. p.

	Leua hũa Carlinga da mezena cõ duas curuas.....	iiij. p.
	Leua duas curuas na Dala.....	ij. p.
	Leua duas curuas no Perpao.....	ij. p.
	Leua dous gingamochos da bomba.....	ij. p.
	Leua dous paos nos trilhões.....	ij. p.
	Leua hũa carregadeira.....	j. p.
	Leua dezoito cambotas nas abobadas.....	xbiiij. p.
	Leua quatro cambotas no chapiteo, e castello.....	iiij. p.
	Leua dous mulinetes.....	ij. p.
	Leua hũ mulinete no Castello.....	j. p.
Pi. b. p.	Leua hũ Perpao no chapiteo cõ sua grade q̃ são cinco paos de pinho mäsö	
Pi. ij. p.	Leua dous Perpaos no Castello.....	
	Leua duas çerauiolas.....	ij. p.

Pi. c.^{to} Rb. p. || Leua esta uao no costado cinco carreiras de çintas dobradas, nas quais entrão çento corenta e cinco paos de pinho manso .ss.

|| Na primeira carreira uinte none paos.

|| Na segunda carreira uinte none paos.

|| Na terceira outros uinte none paos.

|| Na quarta outros uinte none paos.

|| Na quinta outros uinte none paos.

Pi. xb. p. || Leua mais quatro carreiras de çintas singellas .s. hũa que uem da banda de baixo dos Escouens, pella qual se assêta a mesa de popa, e na dita cinta entrão quinze paos de pinho manso.....

Pi. xb. p. || A outra carreira uai por cima dos escouens e uai a te a popa, e por esta se assenta a mesa de Proa, leua quinze paos de Pinho manso.....

Pi. xiiij. p. || A outra uai das tabiquas do Castello ate popa pera fazer forte a madeira leua quatorze paos.....

Pi. xiiij. p. || A outra he a çinta da mareagẽ que uai do alquatrato do Castello ate popa leua quatorze paos.....

Pi. iiij. p. || Leua outra çinta que serue de dromente do chapiteo, que uem a te o pouso uerga, leua quatro paos.....

Pi. iiij. p. || Leua na mareagem do chapiteo quatro cintas de cada banda, que são oito paos.....

Pi. iiij. p. || Leua no Castello hũa carreira de cintas por cada banda, que uem pol-las latas em que entrão quatro paos.....

Pi. iiij. p. || Leua outra carreira que uai pellas Jeneladas, e uem da mão ate Arpa leua quatro paos.....

Pi. iiij. p.	Leua outra cinta que uem do cote do papa mosqua, que serue do drumente da gurita. Lena quatro paos.....	
Pi. iiij. p.	Leua outra cinta, que uem da ponta do papa mosqua a te Arpa que leuanta tres palmos da gurita e esta se chama da mareagem, em q̃ entrão quatro paos.....	
Pi. biij. p.	Leua este Castello quatro cintas de cada banda na mareagem, que são oito paos.....	
Pi. b. duz. ^{as}	Leua no chapiteo cinco duzias de taboado no soalhado.....	
Pi. iij. duz. ^{as}	Leua na gurita tres duzias de taboado no soalhado.....	
Pi. ix. p.	A Varanda se assentará no andar da tolda e lançará fora da Popa doze palmos, e será da largura da abobada.	
Pi. xij. tab.	Leua esta uaranda noue uirote de pinho manso.....	
Pi. bj. tab.	Leua seis peitoris, e dous peis de carneiro, e tres mesas do telhado, e triuta barrotes.....	
Pi. L. duz. ^{as}	Leua no soalhado seis taboas.....	
Pi. L. duz. ^{as}	Leua esta nao da primeira cinta a te a quilha cincoenta duzias de taboado de pinho manso de costado de meo palmo de goa de grossura.....	
Pi. Lx. p.	Leua da primeira cinta ate o Portaló em todas as alcaixas outras cincoenta duzias do dito taboado mais delgado meo dedo que o do fundo.....	
Pi. xxb. tab.	Leua na popa sessenta calimes.....	
Pi. iiij. p.	Leua nas emendas dos ditos calimes uinte cinco Taboas.....	
Pi. ij. p.	Leua quatro cintas nesta popa.....	
	Leua esta nao has mesas grandes que não do pousauerga a te a façe de Re do seis bordo, e leuão uinte Apostareos.....	xx. p.
	Leuão nas castanhas, e cunhos dezoito paos.....	xbiij. p.
	Leuão duas taboas de largura de tres palmos, e de grossura de meo palmo de goa.....	
Pi. ij. p.	As mesas de proa yrão do direito d'Arpa até o Escouem, e leuará cada hũa sete apostareos que são quatorze paos.....	xiiij. p.
Pi. ij. p.	Leuão dez paos nas castanhas, e cunhos.....	x. p.
	Leuão duas taboas como as de popa.....	
Pi. ij. p.	Leua esta nao duas Amuras e cada hũa leua tres Apostareos q̃ são seis paos.....	bj. p.
	Leua duas chumaçeirias de uinte e hũ palmos de goa de comprido...	
	Leua seis paos nas castanhas.....	bj. p.
Pi. bj. p.	Leua anfre estas Amuras, e as mesas de Popa tres passaros q̃ são seis paos.....	

Pi. ij. p.	Leua duas bombas de 45 palmos dalto cõ sua dalla.....	
	Leua esta nao dous cabrestantes .s. hũ grande, e outro pequeno do	
Conues		
	O grande leua quatro paos nos cunhos	b. p.
	O pequeno leua tres paos nos cunhos	iiij. p.
Pi. bj. p.	Leuão seis barras estes dous cabestrantes.....	

Escoteiras q leua esta nao

	Leua duas escoteiras das escotas grandes	ij. p.
Pi. ij. p.	Leua duas dos Amantilhos grandes	
Pi. bj. p.	Leua seis escoteiras das troças grandes.....	
Pi. ij. p.	Leua duas dos braços da uerga grande.....	
Pi. ij. p.	Leua duas das escotas da gauea grãde	
Pi. ij. p.	Leua duas dos ostingues.....	
Pi. ij. p.	Leua duas das escotas do traquete.....	
Pi. ij. p.	Leua duas dos Amantilhos do traquete	
Pi. iiij. p.	Leua quatro das troças do traquete	
Pi. ij. p.	Leua duas das escotas da çenadeira.....	
Pi. iiij. p.	Leua quatro das bulinas	
Pi. j. p.	Leua hũa da driça da gauea grande.....	
Pi. j. p.	Leua hũa da driça da gauea de proa.....	
Pi. ij. p.	Leua duas das escotas da gauea de proa.....	

Mastos desta nao

- || Leua de masto grande dezoito braças de comprido a fora o calçes, e terá este masto de grossura no tamborete quatro palmos e meo redondos esforçados, e na garganta terá a metade, e mais dous dedos.....
- || Leua de masto de traquete quinze braças de comprido sem calces, e de grossura quatro palmos, e a metade na garganta.....
- || Leua de goroupez quinze braças.....
- || Leua de Verga grande dezasete braças, e de grossura dous palmos de goa cada hũ penão.....
- || Leua de uerga do traquete treze braças e de grossura dous palmos de goa.....
- || Leua de mastareo grande sete braças e mea, e de grossura palmo e meo de goa.....
- || Leua de mastareo de proa seis braças, e mea, e de grossura palmo, e meo redondo.....

- || Leua de uerga da gauea grande seis braças de comprido, e de grossura hũ palmo de goa.....
- || Leua de uerga da gauea de proa cinco braças, e de grossura hũ palmo pequeno.....
- || Leua de uerga da çeuadeira noue braças e de grossura palmo e meo redondo.....
- || Leua de masto da mezena dez braças e de grossura dous palmos de goa.....
- || Leua de uerga da mezena treze braças e de grossura hũ palmo na ostaguadora.....

Conta dos mastos da nao a tras de seiscentos Toneis:

|| O masto grande será tam comprido como a quilha da nao, e porq̃ esta conta seruia antes das naos terem ponte, lhe dão mais hũa braça, de modo, que dezasete Rumos dezoito braças de masto, e terá de grossura a decima parte do que esta nao tem de largura.

|| O masto do traquete, terá quinze braças, que descontadas duas, que o porão desta nao leuanta, e hũa que hã de ficar mais baixa por cima, que são tres fica nas quinze, porque o pee uay sobre a cuberta.

|| O Goroupez será tam comprido como o traquete.

|| O Mastareo grande, terá hũ terço de comprido, do que tem o masto grande; e porq̃ se fazem de quachola e barra, lhe dão mais hũa braça para poder amainar, e tera de grosso hũ quarto.

|| O Mastareo da proa tera a mesma conta que o grande pello traquete, e de grossura terá o quarto.

|| A Verga grande terá o comprimento de tres partes do conues da nao, e terá de grossura a metade da do masto, cada penão.

|| A Verga do traquete terá menos hũ quarto que a grande, e será tam grossa como hũ penão.

|| A Verga da gauea grande, terá hũ terço da uerga grande, e terá de grossura a metade de hũ penão:

|| A Verga da gauea de proa, tera menos hũa braça que a grande, e de grossura menos dous dedos.

|| O Masto da mezena, terá dez braças, porq̃ o masto grande, leuanta da cuberta ponte treze braças, e duas que a mezena fica mais baixa, e hũa que

leuanta da cuberta que são tres, e fica nas dez, e terá de grossura a metade da do traquete.

|| A Verga da mezena, terá de comprido treze braças .s. seis que o masto leuanta do chapiteo, e seis pa uirar são doze fica hũa pera o pano do carro, e será tão grossa como a uerga da gauea.

|| A gauea grande, terá hũ terço do conues da Nao, e pello fundo terá menos hũ terço de Largura.

|| A gauea de Proa, terá menos hũ quarto que a grande, e no fundo menos tres palmos que he o quarto.

|| Os uaos serão tam compridos como a largura das gaueas.

|| O leme desta nao terá de comprimento quarenta e seis palmos de goa, e terá no pee de largura sete palmos, e na cabeça terá cinco. Leuara noue femeas no codaste, e noue machos no Leme, que afastara hũ do outro quatro palmos, e o mesmo terão as femeas.

- | | |
|--|---------|
| Leuão estes mastos seis uigas de carualho nos porquetes..... | bj. p. |
| Leua doze tamburetes no masto grãde, e no traquete..... | xij. p. |
| Leua oito paos nos chapuzes..... | büj. p. |

(Do *Livro Nautico ou Meio pratico de Construção de Navios, e Galés antigas*,
Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, fol. 5 a 15.)

**Medidas pa fazer hũ galião de quinhentos toneis,
e os paos que leua, de Souoro, e Pinho:**

|| Primeiramente tera a quilha de comprim.^{to} dezoito Rumos, e terá de grossura hũ palmo de goa, e de altura, hũ palmo, e dous dedos, leua esta quilha sete paos..... bij. p.

|| A Roda que he a segunda cosa que se arma sobre o couçe de Proa terá de altura corenta e cinco palmos de goa, e lançará trinta palmos, leua tres paos na Roda, e tres coraes por dentro..... bj. p.

|| O Codaste que he a terceira peça que se arma sobre o couçe de popa tera daltura trinta e sete palmos de goa, e lançara noue palmos, e o ragel tera daltura dezoito palmos, e os dezanoue que ficão, caberão nelles duas cubertas, tera este Codaste de grossura ẽ quadrado palmo, e meo leua dous paos ij. p.

Pi. ij. p. || O Gio que he o ẽ atrauesa o dito Codaste ha de ter uinte seis palmos de goa de largura, que he a metade do que o galião ha de ter, leua este Gio tres paos e dous de pinho cõ que faz a grade terá de grossura no meo palmo, e meo e na ponta hũ palmo. iij. p.

|| A Cauerna mestra se assentará dous Rumos auante do meo da Quilha, porque o meo da Quilha he o lugar, onde hã de ir o masto, e nos sete Rumos que ficão pa a proa hão de caber dezoito pares que este galião hã de leuar, e seis Rumos que a madeira occupa pera a Proa fiquão cinco donde começa a fazer o delgado.....

|| Leua este galião dezoito pares que são trinta, e seis cauernas..... xxxbj. p.
 || Leua nas ditas cauernas sessenta, e dous braços..... Lxij. p.
 || Leua a proa quinze emchimentos..... xb. p.
 || Leua nos ditos emchim.^{tos} trinta astes..... xxx. p.
 || Leua a popa uinte e dous enchimentos e piquas..... xxij. p.
 || Leua corenta e quatro areuessados..... Riiij. p.
 || Leua por dentro hũa Carliuga pao masto e dous trinquanis pera a fazer forte..... iij. p.

	Leua dous coraes a popa.....	ij. p.
	Leua doze palmejares.....	xij. p.
	Leua em toda a popa quatro areuessados e seis porcas que são dez	
paos	Leua na primeira aposturagũ çento cinquenta e duas aposturas....	x. p.
	Leua nos drumentes, e contradrumentes cincoenta paos, na primr. ^a	C. ^{to} Lij. p.
cuberta	Leua corenta peis de carneiro no porão.....	L. p.
	Leua setenta e tres paos de cintas de pinho manso nas escoas.....	R. ^{ta} p.
P. Lxxij. p.	Leua uinte bonequas no porão	xx. p.
	Leua na primeira cuberta uinteçinco trinquanis.....	xxb. p.
	Leua quatro paixoes que são paos em q̃ fechão os tamburetes do masto	iiij. p.
P. LR. p.	Leua na primeira cuberta nouenta latas entre grandes, e pequenas..	
P. xbj. p.	Leua dezaseis cordas por çima, e por baixo	
	Leua quinze duzias de taboado de pinho brauo no soalhado desta cu-	
P. xb. duz. ^{as}	berta cõ as escotilhas.....	
	Leua no porão hũa buçarda.....	j. p.
P. xij. p.	Leua doze taboas de pinho manso nas Dragas	
	Leua esta primeira cuberta dezaseis carreiras de curuas de conues q̃	
são trinta e dous paos.....		xxxij. p.
	Leua uinteçinco antremichas nestas curuas.....	xxb. p.
	Leua a popa duas curuas que lião pollas cordas, e pollas porcas....	ij. p.
	Leua hũa buçarda das dragas.....	j. p.
P. xij. p.	Leua doze taboas de pinho manso nas dragas.....	
P. xij. p.	Leua outra duzia de taboas de pinho mäsno nas coçeiras	
P. ij. p.	Leua dous paos de pinho nas braçolas.....	
	Leua hũa carlinga do traquete	j. p.
	Esta primeira cuberta se assentará desta maneira. Atrauessarão hũ cor-	
	del a prumo do meo da mestra em altura de treze palmos, e fará hũ ponto	
	onde disser o cordel; e per a popa farão hũ uão de tres palmos, e pera a proa	
	de dous q̃ são çinco que he o lugar onde hão de por o masto, e pera a popa	
	duas latas, farão outro uão de dous palmos e meo pera o lugar das bombas,	
	e da qui a escotilha de popa auerá sete palmos de moçoço, e a escotilha terá	
	outros sete em quadrado; e dauante do masto farão outros sete palmos de mo-	
	çoço, e logo a escotilha do meo q̃ terá outros sete palmos em quadrado, e desta	
	escotilha aa de proa, auerá uinte quatro palmos de moçoço, e a escotilha terá	
	o mesmo q̃ as outras pera q̃ caiba pipa.	

|| Quando se cordea o dormente desta primeira cuberta, se cordea tam-
bem a primeira çinta dobrada desta maneira. A proa na Roda uai posta em

altura de dezoito palmos a Esquadria, e no meo do costado ira por onde uay o dormente, e a popa de todo leuantara da cuberta palmo, e meo.

P. xxxij. p. || Leua esta primeira carreira de çintas trinta e dous paos.....

|| Assoaliada esta primeira cuberta, farão a segunda aposturajem, a qual feita quando assentarem a primeira apostura do seis bordo, que este galião hã de ter, se porã dous Rumos q̃ são doze palmos auante da porca de popa, e da hi a outra apostura auerã sete palmos, e outros tantos terá dalto de modo q̃ fique quadrado, e caiba pipa por elle; e como for aposturado, correrão cõ o dromente da segunda cuberta, q̃ se assẽtarã em altura de oito palmos, porq̃ em esta cuberta uai a artelharia, e latala hão desta maneira. A prumo do lugar do masto da banda de popa, atrauessarão hũ cordel, e aonde disser o prumo, andarão pera popa hũ palmo, que tanto há dencostar o masto, e pera a popa será tudo latado tanto de uão como de cheo, e do masto pera a proa meterão quatro Latas que fação tilha a prumo da escotilha de baixo, e da hi pera a proa, farão uão de treze goas q̃ são trinta e noue palmos de comprido, e terá de largo este uão cinco goas, que são quinze palmos pera os quarteis do batel, porque o batel hã de ter quinze goas de comprido, e hã de ter de largura quinze palmos, e dos quarteis pera a proa sera tudo latado.

|| Terã na segunda aposturajem cento cincoẽta e quatro aposturas..... c.^{to}. Liiij. p.

|| Leua na segunda cuberta ninte e tres dromẽtes..... xxij. p.

|| Leua trinta e quatro curuas de Renes..... xxxiiij. p.

|| Leua duas mesas de seis bordo..... ij. p.

|| Leua quatro paixoes cõ q̃ fecha o masto..... liij. p.

|| Leua ninte dous trinquanis..... xxij. p.

|| Leua duas curuas nas cordas que lião polla popa..... ij. p.

|| Leua duas conchas de estrinqua cõ seis curuas .s. quatro nas bandas, e duas a bordo..... bj. p.

|| Leua hũ eixo desta estrinqua..... j. p.

|| Leua a Roda da estrinqua cõ a cruzetta doze paos..... xij. p.

|| Leua hũa buçarda das dragas..... j. p.

|| Leua nesta segunda cuberta cincoẽta latas e corenta meas latas nas cuxias do batel.....

P. Lk. p. || Leua dezoito cordas.....

P. xbiij. p. || Leua dezoito duzias de taboado de pinho brano no soalhado.....

P. xbiij. duz.^{as} || Leua quinze taboas de pinho manso nas dragas.....

P. xb. p. || Leua dezoito taboas de pinho manso nas coçearas.....

P. xbiij. p. || Leua dezoito taboas de pinho manso nas coçearas.....

P. Rbj. p. || Lena corenta e seis peis de carnr.^o por baixo.....

|| Feita a segunda cuberta correrão cõ o dormẽte da tolda em altura de

sete palmos, e uirá da Popa latada a te prumo da tilha debaixo e da hi pera a proa, correrão cõ as cuxias a te o Castello, e serão a prumo das de baixo por amor de caber o batel, e a proa terá seu castello de galião na altura da tolda, e terá seu sporão de tres madres, e terá de côprido ninte e oito palmos, e na ponta terá de alto cinco palmos, e na Raigada sete palmos, e os escouês se farão emtre as curuas das pernas de cima, e terá este Castello sua gurita em altura de sete palmos, e a mareagem doutros sete por despeito da xareta.

Pi. xij. p.	Leua nesta tolda, e cuxias, e castello doze dormentes de Pinho manso	
Pi. Lxx. p.	Leua corenta Latas enteiras, e trinta meas Latas nos quarteis, e lugar do masto	
Pi. xbj. p.	Leua dezaseis cordas por baixo, e por cima	
	Leua quatro paixoes	iiij. p.
	Leua nesta tolda, e Castello uinte e oito curuas de Reues	xxbij. p.
P. xbj. p.	Leua por baixo dezaseis peis de carn. ^{ro}	
	Leua esta tolda, cuxias, e castello, e gurita dezaseis duzias de taboado	
P. xbj. duz. ^{as}	de Pinho brauo	
	Leua duas papoias	ij. p.
	Leua sete carreiras de curuas de conues cõ dous mulinetes dos amantilhos	xbj. p.
	Leua dez antremichas	x. p.
Pi. iij. p.	Leua hũ perpao cõ duas curuas dos gingamocho, e quatro scoteiras das scotas da ganea, e ostingues	ij. p.
P. Lxxiiij. p.	Leua trinta e sete uirotos de Pinho manso do pousa uerga pera a popa	
P. xxxbij. p.	Leua no castello treze uirotos por cada banda, e na arpa dez	
	Leua na abobada da tolda oito cambotas	biiij. p.
	Leua a abobada do chapiteo seis cambotas	bj. p.
P. xbij. p.	Leua nestas cambotas duzia e mea de taboado de pinho brauo	
P. ij. p.	Leua duas barras de pinho manso nas abobadas	
P. x. p.	Leua na gurita do castello dez latas	
	Leua nesta gurita quatro curuas de Reues	iiij. p.
P. xiiij. p.	Leua na tolda cuxias, e castello quatorze trincanis de pinho	

|| O Chapiteo se assentara em altura de sete palmos, e uirá de popa a te prumo do scotilhão do cabestrante, e terá de mareagem sete palmos por respeito da xareta.

P. xbj. p.	Terà este chapiteo dezaseis latas	
P. j. p.	Terà hũa corda por baixo	
	Terà oito curuas de Reues quatro por banda	
P. iiij. p.	Terà quatro trincanis de pinho manso	

P. b. duz. ^{as}	Leua este chapiteo cinco duzias de taboado de pinho brauo no soalhado	
P. b. p.	Leua hũ prepao cõ sua grade.....	
P. ij. p.	Leua dous perpaos no castello.....	
P. c. ^{te} xxiiij. p.	Leua este galião quatro carreiras de çintas dobradas de cada banda em que entrão çento e uinte quatro paos de pinho mãso .s. a primeira carreira leua uinte e noue paos.....	
	A segunda leua trinta paos	
	A terçeira leua trinta e hũ	
	A quarta carreira trinta e quatro.....	
	Leua mais outra carreira de çintas singela por cada banda, e esta serue de drumente de tolda e castello.....	
P. xbj. p.	Entrão ẽ cada hũa destas carreiras dezaseis paos.....	
	Outra carreira de çintas singela leua que uem do Papa mosqua a te popa, e esta faz a mareagem do conues, jeneladas de popa, e proa, e por baixo desta uai outra, que faz forte a madeira, e uẽ do castello a te a popa, e leua nestas duas çintas trinta e dous paos.....	
P. xxxij. p.	Outra çinta leua que uem de popa a te o pousa uerga, e esta serue de drumete do chapiteo, em que entrão seis paos.....	
P. bj. p.	E leua mais na mareagem do chapiteo quatro çintas de cada banda, em que entrão dezaseis paos.....	
P. xbj. p.	Leua no castello outra çinta que serue de drumente da gurita em que entrão quatro paos.....	
P. iiij. p.	Leua na mareagem desta gurita cinco çintas de cada banda em que entrão dez paos.....	
P. x. p.	Leua hũ papa mosqua deste castello.....	j. p.
	Leua quatro scouẽs	iiij. p.
	Leua duas cerauiõlas	ij. p.
	Leua duas curuas de beque.....	ij. p.
	Leua seis curuas nas pernadas do sporão.....	bj. p.
P. xj. p.	Leua tres paos de pinho de frandes nas madres, e oito linguoetas...	
Pi. Rij. duz. ^{as}	Leua este galião na primeira çinta corêta e duas duzias de taboado de fundo ate a quilha.....	
P. Rij. duz. ^{as}	Leua desta cõta a te o portaló corenta, e hũa duzia de taboado dalcaixa que he menos meo dedo de grossura do acima	
	Leua nas mesas grandes uinte paos de souoro nos Apostareos.....	xx. p.
	Leua nas castanhas, e cunhos treze paos.....	xiiij. p.
P. ij. p.	Leua dous traussões de pinho.....	
P. ij. p.	Leua duas taboas de cuxias nestas mesas.....	

	Leua nas mesas de proa quatorze apostareos.....	xiii. p.
	Leua noue paos nas castanhas e cunhas.....	ix. p.
P. ij. p.	Leua dous traessões de pinho.....	
P. bj. p.	Leua duas taboas de cuxias.....	
	Leua quatro apostareos das amuras, e duas scoteiras do coete.....	bj. p.
P. ij. p.	Leua duas chumaçeras das amuras.....	
P. biiij. p.	Leua oito passaros, quatro de cada banda.....	
	Leua sua uaranda no andar da tolda que terá de comprido onze pal-	
	mos, e de largura o que a popa tiuer.....	
P. biiij. p.	Leua esta uaranda oito uirotos.....	
P. jx. p.	Leua noue mesas dos peitoris.....	
P. ij. p.	Leua dous peis de carneiro.....	
P. xxx. p.	Leua trinta barrotes.....	

|| O leme deste galião terá daltura corenta e quatro palmos, e tera de largura no pee seis palmos de goa, e na cabeça, terá quatro palmos de largo, e levará oito Machos, entrão neste leme seis paos .s. hũa madre, e cinco acafrões, e leua mais noue traessas de cada banda que são seis taboas de pinho manso e o cadaste terá noue femeas em que entrão estes machos. e tera hũa cana cõ seu pinção pera poder gouernar.....

Escoteiras deste galeão

	Leua duas escoteiras das escotas grandes.....	ij. p.
P. bj. p.	Leua seis escoteiras das troças grandes.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras dos amantilhos grãdes.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras dos braços grandes.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras das escotas da gauea.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras dos ostingues da gauea.....	
P. j. p.	Leua hũa escoteira da driça da gauea grãde.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras das escotas do traquete.....	
P. iiij. p.	Leua quatro escoteiras das troças do traq̃te.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras dos amãtilhos do traq̃te.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras das escotas da gauea de proa.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras dos coetes do traq̃te.....	
P. iiij. p.	Leua quatro escoteiras das Bulinas.....	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras das escotas da çeuadr. ^a	
P. ij. p.	Leua duas escoteiras da lutar as ancoras.....	
P. ij. p.	Leua duas bombas que tem dalto corenta palmos.....	

P. j. p.

Leua hũa Dala.....	
Lena dous zingamochos, e hũa carregadeira.....	iii. p.

Medidas e conto dos mastos deste Galeão

|| O masto grande será tão comprido, como a quilha do Galeão de Escoadria a Escoadria, de modo que dezoito Rumos de quilha, dezoito braças de masto, terá este masto de grossura no tamburete que he sobre a ponte a decima parte da largura deste Galeão, e terá na garganta do masto a metade desta grossura.

|| O masto do traquete terá de comprido quinze braças, que são menos tres, que o grãde, porque leuanta a cuberta sobre q̃ uai o pee duas braças, e hũa, que hã de ficar mais baixo por cima que o grande, e são tres; terá de grossura tres palmos, e m.º que he menos a quarta parte do grãde, e na garganta, terá a metade desta grossura.

|| O Gouroupez será tão comprido como o masto do traquete.

|| O masto do Artimão terá de comprido doze braças, porq̃ emterra tres braças, e hũa q̃ a xareta lenauta e são quatro e oito que fiquão, são por respeito de uirar a nerga que he latina, terá este masto de grossura a metade da grossura do masto grande, e na garganta duas partes.

|| O Masto da contra terá de comprido oito braças, e de grosso menos hũ quarto do artimão.

|| O Mastareo da gauea grande terá de cõprido o terço do masto grande, e tera de grossura menos hũ quarto q̃ hũ penão.

|| O Mastareo da proa tera de comprido o terço do masto do traquete, e terá de grossura dous terços do grande.

|| O Botalô terá sete braças de comprido, e terá de grossura tanto como o Mastareo de proa.

Conta das Vergas

|| A Verga grande será tão comprida como tres uezes a boca do galeão, e tera de grossura cada penão a metade da grossura do masto grande, e no lais a metade.

|| A Verga do traquete terá de comprido os dous terços da grande, e será tão grossa no meo como hũ penão, e no lais a metade.

|| A Verga da ceuadeira será tão comprida como os dous terços da uerga do traquete e de grossura terá a metade da grossura do masto do traquete.

|| A Verga da gauea grande terá de cõprido o terço da uerga grande, e de grosso no meo a metade de hũ penão.

|| A Verga da gauea de proa, terá de cõprido o terço da uerga do traquete e de grossura menos dous dedos q̃ a grande.

|| A Verga do artimão terá de comprido dous comprimentos deste masto da xareta pera cima, e de grosso, a metade da grossura do dito masto.

|| A Verga da contra, terá o mesmo comprimento, e grossura como a do Artemão em seu conto.

Conta das gaueas

|| A gauea grande, terá em boca, hũ terço da largura do galeão, e terá d'altura a quinta parte, e outro tanto menos por baixo.

|| A gauea de Proa, terá de largura menos hũ quarto que a grande, e a altura, e¹

|| Leua seis uigas nos porquetes cõ q̃ fecha o masto grande..... l.j. p.

|| Leua doze tambureles no masto grãde e no traquete..... xij. p.

|| Leua seis paos nos chapuzes..... l.j. p.

(*Ut supra*, fol. 22 a 29 v.)

¹ Linha cortada no original pelo encadernador.

**Medidas pera fazer hũa Carauella
de cento cincoenta toneis ate ceto oitenta,
e os paos q̄ leua de souoro, e Pinho:**

|| Terá esta Carauella de comprim.^{1o} por quilha descoadria a escoadria doze Rumos, e terá d'alto hũ palmo Redondo, e de largo menos dous dedos, leua esta quilha quatro paos..... iij. p.

|| A segunda peça que he a Roda tera daltura uinte e oito palmos de goa, e terá de lançamento os dous terços desta altura que são dezoito palmos, e tera daltura da madeira mais meo palmo q̄ a quilha. Leua esta Roda tres paos iij. p.

|| O Codaste que he a terceira peça que se assenta sobre o conçe de Popa tera daltura uinte dous palmos de goa, e terá de lançamento sete palmos, e de grossura hũ palmo de goa em quadrado, leua este codaste dous paos ij. p.

|| O gío que he o que assenta sobre este codaste tera de largura a metade do que Cr.^a tiuer, e tera de grossura hũ palmo, leua este gío tres paos de souoro, e dous de Pinho iij. p.

|| Terá esta Carauella trinta e tres palmos de largo que he a terça parte dos lançamentos, e quilha e terá de fuudo a terça parte desta largura.....

|| A cauerna mestra se assentará oito palmos auante do meo da Quilha, porque o meo da quilha he o lugar onde se assenta a carlinga pera o masto grande

|| Leua esta Carauella doze pares que são uinte quatro cauernas, porque quantos Rumos tiuer de quilha tantos pares leua..... xxiiij. p.

|| Leua nestas cauernas corenta, e oito braços..... Rbiiij. p.

|| Leua á proa nove emchimentos..... ix. p.

|| Leua nestes emchimentos uinte duas astes..... xxiij. p.

|| Leua a popa catorze enchimentos, e piquas..... xiiij. p.

	Leua nestas piquas e enchimentos uinte seis areuessados.....	xxbj. p.
	Leua na popa nas porquas, e areuessados, e porquete dez paos....	x. p.
	Leua seis coraes.....	bj. p.
	Leua hũa carlinga.....	j. p.
	Leua seis palmejares.....	bj. p.
P. xxx. p.	Leua nas escoas trinta paos de pinho manso barquais.....	
P. lxx. p.	Leua cem aposturas de pinho e souoro.....	xxx. p.
	Chea e aposturada esta Carauella, assentarão a primeira cuberta em altura de doze palmos e farão d'esta maneira, atrauessarão hũ cordel sobre a cauerna mestra, na dita altura, e a proa na Roda squipará esta cuberta tres palmos, e a popa o mesmo, e assentarão o dormente, e quando latarem a primeira lata, em que encosta o masto grande andara pera a proa dous palmos do prumo da carlinga, e pera a popa, farão duas latas fixas, e farão o lugar das bombas, e do masto a te a escotilha do meo, farão cinco palmos de moçoço, e logo a escotilha que tera sete palmos em quadrado pera caber pipa..	
P. L. ^{ta} p.	Leua esta cuberta çincoenta latas.....	
P. xij. p.	Leua doze cordas.....	
	Leua dez bonequas, e dez peis de carn. ^{to}	xx. p.
	Leua dez dormentes	x. p.
P. x. l. ^{ta}	Leua dez taboas nas dragas do contra dormente.....	
	Leua doze trinquanis.....	xij. p.
P. x. duz. ^{oo}	Leua nesta cuberta, e escotilhas dez duzias de taboado.....	
	Leua doze carreiras de curuas.....	xxiiij. p.
	Leua quinze antremichas.....	xb. p.
	Leua dous paos nas bercolas da escutilha.....	ij. p.
	Feita esta cuberta virotarão do meo do nauio pera a popa, e depois de uirotado, assêtarão a tolda que uirá de popa a te auante o masto grande tres latas e tera d'altura sete palmos.....	
P. L. ^{ta} p.	Leua cincoenta uirotos.....	
P. bj. p.	Leua seis dromentes da tolda.....	
P. xxb. p.	Leua uinteçinco latas.....	
P. iiij. p.	Leua quatro contradormentes.....	
	Leua seis carreiras de curuas de reues.....	xij. p.
P. bj. p.	Leua seis entremichas nestas curuas per respeito da artelharia....	
P. biij. p.	Leua oito cordas	
P. xij. p.	Leua doze peis de carneiro por baixo.....	
P. bj. duz. ^{oo}	Leua nesta tolda seis duzias de taboado de pinho brauo.....	
	Leua cinco carreiras de curuas de conues.....	x. p.
P. b. p.	Leua çinco antremichas.....	

P. ljj. p.	Leua seis trinquanis.....	
P. x. t. ^{as}	Leua dez taboas nas dragas.....	
	E feita esta tolda farão a proa hũa tilha que tera de comprido uinte	
	palmos e tera a mesma altura da tolda, e sobre ella se assentara a abita...	
	Terà esta tilha quatro dromentes.....	iiij. p.
P. x. p.	Lena dez latas.....	
P. iiij. p.	Leua quatro cordas.....	
	Leua quatro curuas de reues duas de cada banda.....	iiij. p.
P. iiij. p.	Leua quatro trinquanis.....	
	Leua sobre a Roda hũ teixel.....	j. p.
	Farão a popa hũ chapiteo q̃ tera de cõprido uinte cinco palmos, e tera	
	sua mareagẽ de seis palmos, por respeito da xareta.....	
P. x. p.	Leua este chapiteo dez latas.....	
P. j. p.	Lena hũa corda pello meo.....	
	Leua quatro curuas do reues.....	iiij. p.
P. iiij. p.	Leua tres trinquanis.....	
P. ij. p.	Leua dous contradromentes.....	
P. iiij. duz. ^{as}	Leua quatro duz. ^{as} de taboado no soalhado.....	
	Leua esta Carauella hũa xareta q̃ nem da tolda a te a tilha de proa..	
P. ij. p.	Leua esta xareta duas madres q̃ se assentarão, em largura de doze	
	palmos por respeito do batel q̃ tantos tem de largura.....	
	Leua esta xareta hũa barrotajẽ sobre estas madres em que len a qua-	
P. xiiij. t. ^{as}	reuta e dous barrotes, que são quatorze taboas.....	
	Outra xareta leua que uem do chapiteo a te auante o masto grande	
P. ij. p.	que tambem he de duas madres, por respeito de uirar as uergas, e da bomba..	
P. x. t. ^a	Leua nesta segunda xareta trinta barrotes que são dez taboas.....	
P. ij. p.	Lena esta xareta dous perpaos.....	
P. iiij. p.	Leua oito forquilhas que são quatro taboas de pinho manso.....	
P. ij. duz. ^{as}	Lena duas duzias de taboado de frãdes nos paueses.....	
P. iiij. t. ^{as}	Leua quatro taboas em prechas.....	
	Ho chapiteo leua outra xareta q̃ leua hũa madre, e dous perpaos, e	
P. ljj. p.	duas t. ^{as} em barrotes, e duas perchas.....	
P. xbiij. p.	No conues leua dez mouquarons, e oito perchas pera a mareagem ..	
P. iiij. p.	Leua hũ cabestrante, e quatro baras.....	j. p.
	Leua duas papoias.....	ij. p.
P. ij. p.	Leua duas cerauiolas.....	

- || Leua hũa Abita..... j. p.
 || Leua nesta Abita seis curuas..... bj. p.

|| Leua esta Carauella seis carreiras de cintas singellas por cada banda, e a primeira çinta se assentará na Roda em altura de catorze palmos, e no meo tomará o drumente da cuberta, e a popa leuantará da cuberta hũ palmo, e as outras carreiras, leuarão dous palmos de largura, e a proa, e popa, palmo e meo de hũa a outra, leua cada carreira de çintas quatro paos que são co-

P. Rbiiij. p. rente e oito

|| Leua da primeira çinta a te á quilha dezoito duzias de taboado de
 P. xbiij. duz.^{as} pinho manso.....

|| Leua da primeira çinta pera riba dezaseis duzias de taboado de pinho
 P. xlvj. duz.^{as} manso e brauo com obras mortas, e anteparas.....

P. lvi. p. || Leua nas mesas cunhos, e trauessões seis taboas mansas.....

P. iij. p. || Leua nos passaros, e amuras tres taboas.....

P. ij. p. || Leua dez escoteiras que são dous paos.....

|| Leua sua uaranda sobre o leme em que entrão seis paos, e quatro ta-
 P. xbiij. p. boas mansas, e oito brauas.....

|| Leua esta Carauella hũ leme, que terá daltura vintesete palmos de
 goa, e no pe çinco de largura, e na cabeça tres.....

P. ij. p. || Leua este leme dous paos.....

P. lvj. p. || Leua seis taboas nas trauessas, de pinho manso.....

|| Leua seis machos neste leme, e seis femeas no codaste.....

Conta dos mastos desta Carauella:

|| O masto grande será tão comprido como a quilha da Carauella .ss. doze Rumos de quilha doze braças de masto: tera este masto quacholas, e não calçês, e terá de grossura dous palmos de goa e na garganta ametade.

|| O Masto do traquete terá de comprido dez braças, que são menos duas, que o grande, porq̃ a cuberta leuanta doze palmos, e quatro, q̃ hà de ser mais baixo, que o grande, são dezaseis que são as duas braças, e terá de grossura as tres partes do grande.

|| O Goroupez sera tam comprido como o traquete, e terá a mes.^a grosura.

|| O Mastro do Artimão terá de comprido noue braças, e terá de grossura menos dous dedos que o traquete.

|| O Mastro da contra tera de comprido cinco braças, e terá de grossura a metade do artimão.

|| O botolô terá de comprido cinco braças, e será tão grosso como o da contra.

|| A Verga grande terá de comprido dezaseis braças, fora o carro por respeito do uirar que he latina, e terá de grossura a metade do que tem o masto grande.

|| A Verga do traquete terá de comprido sete braças, e de grossura a metade do que tem o traquete.

|| A Verga da ceuadeira terá de cõprido seis braças, e terá de grossura menos dous dedos que a do traquete.

|| A Verga da mezena que he a do artemão tera de comprido quatorze braças, cõ o carro, e sera tam grossa no meo como a metade do masto.

|| A Verga da contra terá de comprido oito braças, e de grossura tanto como o masto, no meo.

|| O Mastareo do traquete de proa terá de comprido a metade do q̃ tem o masto do traquete, e o mesmo tera de grossura.

|| A Verga deste mastareo tera de comprido a metade da uerga do traquete, e a grossura sera a metade da mesma uerga.

|| A Gauea da proa terá de largura por cima a quarta parte da largura da caranella, e no fundo a quarta parte menos da de cima.

P. x. p. || Leua dez tamburres cõ q̃ fecha o masto grande, e o do traquete..

P. iij. p. || Leua quatro taboas mansas com que fecha os outros mastos

(*Ut supra*, fol. 36 a 40 v.)

Medidas das Carauelas antigas meãs

~ terão de comprimento de quilha doze rumos de esquadria a Esquadria,
 ~ terão daltura de roda vinte cinco palmos de guoa,
 ~ terá esta roda de lançamêto vinte e hũ palmo q̃ he m^{to} boa conta,
 ~ terá daltura de Codaste vinte quatro palmos. E terá este Codaste de lançamêto sete palmos,

~ terá de largura em boqua trinta palmos de goa,
 ~ terá de fundo de couodo a couodo noue palmos de goa,
 ~ terá de pontal em hũa só cuberta que a de ter treze palmos por res-
 peito dartilharia e dos mâtímêtos q̃ ha de leuar,
 ~ terá de gio dezaseis palmos de Goa,
 ~ E terá de Ragel doze palmos q̃ he delgado,
 ~ terá esta Carauela sua tolda q̃ virá de popa ate auante o masto duas
 latas pera o fechar, E da hi pera proa auera xareta de duas madres pera o
 virar da verga,

E sobre a tolda auera mareagem de sete palmos com sua xareta q̃ vira
 ate o pee do masto,

~ E terá hum chapiteo pequeno quanto agasalhe o capitão e sua va-
 randa,

~ terá Esporão e seu peixol, e o esporão sera de vinte e hũ palmo de
 comprido,

~ terá sua abita q̃ leuante da Cuberta quatro palmos cõ suas curuas, e
 nela fechara o goroupez,

~ Na cuberta auera hũa só escotilha por onde caiba pipa, e hum esco-
 tilhão apopa pera o payol,

E sera esta cuberta emcuruada de Conues cõ noue carreiras de Curnas
 antremichadas e dez carreiras de Curuas de reues pa fortaleza dartilharia
 e por baixo hũa só andaina de pes de Carn.^{to} e terá Cem dromentes e trin-
 quanis de souoro,

~ A tolda terá latas inteiras emcuruadas de reues com cinco Curnas
 por banda e outras tantas de Conues e os trinquanis e dromentes serão de
 pinho pera leues,

~ A madeira da liação será daltura e grosura de hum coute pera serem
 nauios ligeiros com suas Esquoas de tauoas leues e seu palmejar, e corais, e
 carlinga,

~ O tauoado do fundo sera de grosura de tres dedos do mais comprido e largo q̃ tera poder e o dalcaixa menos,

~ todas as Cintas q̃ leuar serão singelas e terão hũ conto de largo e quatro dedos de grosura,

~ terão na cuberta quatro portinholas por cada banda e duas a popa, .ss. duas a proa junto dabita, e duas auãte o masto q̃ não faça nojo a barqua nẽ ao fogão, e duas a re do masto, e duas na coadra, e sobre a tolda, auera quatro portinholas duas auãte do cabestrãte e duas a Re,

~ tera seu cabestrante, papoyas, leme, escoteiras, cana e pinção e tera suas mesas de Carauela, e o leme tera sete malhos em todos os perpaos e pauezaduras,

~ O masto grande pera ser comprido tera doze braças, e o traquete dez braças, e o masto mezena noue braças, e a contra, sete, e o goroupez do tamanho do traquete,

~ A Vergua grande tera quinze braças e a do traquete oito braças, e da seuadeira seis braças, e mea, e a Vergua da mezena doze braças, e a de contra oito braças,

~ Pregaduras conformes.

(*Ut supra*, fol. 41 e 42.)

**Hum Bargantim de quatorce bancos
e 28. goas de comprido e cinco goas e mea de largo
ha mister a madr.^a seguinte.**

Oito paos pa quilha e Rodas q̃ valem	5 U 600
Corenta cauernas e quorenta enchim ^{tos} a 400 r̃s.....	32 U
Cemto sesenta braços, q̃ ualem a 400 r̃s.....	64 U
Doze paos de pinho pa Cintas a 600 r̃s	7 U 200
Sete duzias de tauoado de pinho manso pera costado e forro a 3 U	
a duzia.....	21 U
Cincoenta Curuatões pera bacalhares, maimonetes e outras cousas a	
3 U r̃s	45 U
Quorenta paos de pinho manso pera latas dormentes, dragas, postiças,	
e sporão leme e bancos a 400 r̃s	16 U
Duas duzias de tauoado de pinho brauo pa Rajollas e pianhas e ou-	
tras meudezas a 3 U a duzia.....	6 U
Valera a madeira pa se fazer a poupa	45 U
Valera a serragem de toda a madr. ^a	20 U
Leuara de pregadura quinze qs.	45 U
Leuara destopa branca pa calafetar .5. qs. a 1800 r̃s.....	9 U
Quinze qs. de breu pa se brear a 600 r̃s.....	9 U
Sesenta canadas daz. ^{to} pa o breu a 80.....	4 U 800
De feitio do dito bargantim da Carpentaria e asy de Poupa.....	80 U
De mãos de calafeto e repregar.....	40 U
Pera ferragem e fateixas quinze qs. de ferro a 3 U r̃s o q.....	45 U
Trinta remos pa se remar.....	30 U
Hũ masto e duas entenas pa Vergas.....	45 U
O masto do traquete cõ sua Verga	6 U
Hũa vela com suas relingas q̃ a de ser de pano de vila do conde...	45 U
Outra vela de treu do dito pano.....	45 U
Dez qs. demxarcia pa aparelhos e amarras.....	30 U
Poleame calces e bronzos.....	40 U
Hũa tenda de burel.....	8 U
Hũa vela pa o traquete sete mill r̃s.....	7 U

(Ut supra, fol. 43.)

638 U 600

Memoria
de toda a madeira q̃ he necessaria pera hũa Galee,
e de todas as mais cousas pera ella:

|| São necessarias tres peças de quilha de comprimento de dezaseis guoas cada hũa, e de grossura dous terços de palmo ã coadrado.

|| Mais duas Rodas hũa pera proa, outra pa popa de altura de dezasete palmos, e de lançamento de oito goas, e a de proa tera onze palmos dalto, e de lançamento sete guoas que são uinte e hũ palmos, e mais duas contra Rodas.

|| Mais são necessarias trinta estaquas de pinho pera assentar a quilha, e cincoenta, e seis botadores pa emdireitar a quilha, e quatro escoras pa emdireitar as Rodas de proa e popa.

|| Mais corenta, e tres pares de cauernas, q̃ são oitenta e seis cauernas de madeira de conto, e cento e settenta, e dous braços q̃ não cõ ellas.

|| E hà mister cento, e trinta guoas de armadura laurada em quadrado hũ quarto de palmo pa reger a madeira, e hà dauar esta armadura oitenta, e quatro pontaletes por baixo.

|| E hà dauar mais trinta, e quatro emchim.^{tos} e piques da almogama pa a proa, e cinq.^{ta} e duas astes pera ellas.

|| Mais uinte e seis emchimentos, e piquas dalmogama pa proa, e cincoenta e duas astes para ellas.

|| E cento, e trinta goas darmadura pera cima, e setenta escoras pera as ditas armaduras, e sete trauesas por dentro a popa e cinco a proa, e seis taquos pera emcher antre piqua, e piqua.

|| Tres peças de palmejares que são sobre quilhas de comprimento da quilha toda, e duas peças de corais que são contra Rodas.

|| Cento, e oitenta goas de escoas pera liar a madeira pelos emcolamentos meo palmo em quadrado.

|| E hũa Carlinga pera o masto de sete guoas de comprimento cõ sete cunhos de cada banda.

|| Cento, e trinta goas de cinta de meo palmo de grosso, e de dous terços de palmo daltura, e outras tantas goas de contra cinta por dentro de hũ palmo de largo, e de grosso hũ terço de palmo.

|| Hũ Dragante cõ duas serpes que uem da cinta morrer nelle, e dous braços redondos que uem ao meo da popa, e dous colharos que fechão este uão.

|| Cento, e trinta goas de contoual que são as taboas que uão sobre a çinta q̃ a proa tem de alto palmo e quarto, e no meo palmo e meo, e a popa dous palmos, e de grosso tem hũ terço de palmo, e outras tantas goas de contra contoual, e da mesma maneira que uão emocadas na madeira grossura de meo dedo.

|| Mais quatro duzias de taboado que uai emcaixado de palmo a palmo e emtalhado pera dentro, e ha de ter de grossura hũ terço de palmo.

|| Mais cincoenta, e seis latas com seus coldelatas que são cento, e doze a duas coldelatas cada hũa que são curuatõis.

|| Mais cinco latas sobre q̃ assentão a popa.

|| Mais corenta, e oito goas de corda que uai por baixo das latas cõ doze peis de carneiro.

|| Mais corenta latas mortas que uão entre as outras.

|| Mais quatro duzias de taboado do mais somenos pera forar por dentro.

|| Mais noue banquaças cõ as quais uão trinta e seis coruatõis, que uão embebidos em ellas q̃ lião pello costado.

|| Mais dous meimonetes cõ hũa piqua e quatro coruatõis que fazem os peis fixos pello costado.

|| Mais corenta coruatõis pera as latas.

|| Mais dez taboas pera as crauas.

|| Mais duas Carlingas p̃ao traquete.

|| Mais doze taboas pera a coxia que tem meo palmo de grosso, e uai emtalhada pollas latas, e doze coruatõis por cada banda da coxia que são uinte quatro coruatõis por todos.

|| Mais seis peças de corda q̃ uão pella cuberta embebida cõ as latas sobre as quais se assentão os peis dos banquos.

|| Sete duzias de taboas pera a cuberta q̃ hão de ter de grosso hũ quarto de palmo.

|| Mais hũa duzia de tauoado pera as tapieiras q̃ são as sobre que assentão os bacalhães.

|| Mais meia duzia de taboado pera Rajoletas q̃ uão sobre os coldelatas.

|| Mais dous Jos hũ p̃a popa, e outro p̃a proa.

|| Mais cento, e oito bacalhães.

|| Mais oito peças de postiças q̃ tem çento e quatro goas de comprido.

|| Mais quatorze taboas de hũ terço de palmo de grosso pera Rajolas que uão sobre os bacalhães.

|| Mais duas cordas sobre q̃ se assêta a popa.

|| Quatro taboas p̃a os mixilhães.

|| Mais quatro coruatõis q̃ uão atraues do masto na coxia.

|| Mais hũa telha pera o pee do masto.

|| Hũa duzia de taboado pera coxinetes q̃ são os Chaços q̃ uão entre bacalhar, e bacalhar.

|| Mais hũa duzia de tauoas serradas pera panear o fundo por dentro q̃ fica como foro.

|| Mais seis tauoas pera as arrombadas de proa, e cinco tauoas pera as arrombadas das bandas, e duas batalholas grandes, e dous ganietes, e quatro meimonetes.

|| Mais hũ molinete pera atesar a tenda.

|| Mais corenta e oito banquos cõ cincoêta e seis peis de banco, e cincoenta e oito peanhas com seus peis.

|| Mais corenta e cinco Ramichas cõ seus taquos, e corenta e cinco balhesteiras.

|| Mais uinte e oito batalholas grandes.

|| Mais trinta batalholas pequenas.

|| Mais cincoenta e seis escalemos que são toletes.

|| Mais cinco taboas pera fazer o fogão.

|| Mais tres taboas pera fazer o lugar do Esquife.

|| Mais duas taboas pera fazer os filaretos.

|| Mais quatro taboas pa a tilha do canhão de coxia.

|| Mais duas forquetas cõ suas trauesas pera a caldeira.

|| Mais oitenta barotes pa os quarteis da coxia.

|| Mais noue duzias de taboado pera o costado da galee.

|| Mais a madre pera o Esporão cõ quatro pernadas, e seu talhamar e lingoeta, e tres taboas pera fechar por cima.

|| Mais dous lemes com tres canas.

|| Mais uinte e seis curuatõis pera de baixo das coldelatas a popa cõ suas baras que uão de longo.

|| Mais uinte curuatõis pa a proa cõ suas baras pera a mesma obra.

|| Hase mister mais pera os gasalhados de dentro dez duzias de taboado de frãdes das de hũ testão cada hũa.

|| Hũ masto cõ duas Emtenas pera uerga e dous espigões, hũ pera o bastardo, e outro pera a burda.

|| Hũ masto pera o masto do traquete com sua uerga.

|| Mais hũa uerga pera o treu.

|| Hase mister pera tudo isto dous mil, e oitocentos Jornais de carpinteiros que a razão de seis uintes por dia sommão 336 U r̃s.

|| Leua mais quatrocentos Jornaes de serradores que montão 64 U r̃s.

|| Leua mais oitocentos Jornaes de Calafates q̃ montão 96 U r̃s.

Memoria da pregadura q̃ leua esta galee:

|| Doze quintais de pernos de embaraçar Redondos de hũ palmo de comprido.

|| Quatro quintais de pernos de cinta de hũ palmo e quarto de comprido.

|| Quatro quintais de pernos de contonais hũ palmo e dous terços de comprido.

|| Dous quintais e meo de cauilhas pera a quilha e Rodas de popa, e proa.

|| Oito quintais de pernos de costado de hũ palmo, e dous dedos de comprido pera as taboas que uão emalhadas no costado.

|| Tres quintais de pernos pa as latas, e pera as crauas de hũ palmo e quarto de comprido.

|| Quatro quintais de pernos pa a coxia.

|| Tres quintais de pernos pera as cordas da cuberta de dous palmos de cõprido.

|| Oito quintais de pernos pa a cuberta Redondos de hũ palmo de comprido.

|| Cinco quintais de pernos pa os bacalhares.

|| Dous quintais de cauilhas pa as apostiças.

|| Tres quintais de pernos pera as Rajolas quadrados de dous terços de palmo de comprido.

|| Dous quintais de pregos pa os quarteis...⁴

|| Doze quintais de pernos pa o costado Redõdos de hũ palmo de comprido.

Soma toda esta pregadura, 73 qs.

|| Mais pera a ferragem do leme .s. agulha e femeas, e machos pera dous lemes cinco quintais.

|| Mais pera quatorze cadeas da emxarcia que uão pregadas no costado, sete por banda, tres quintais—a 2600 r̃s o quintal.

⁴ Linha cortada pelo encadernador. Julgo que seguem as palavras *da coxia*.

Alcatrão

|| De alcatrão doze quintais pera brear por dentro, e as costuras por fora pa conseruação da estopa a 240 rs q.

|| De breu quarenta quintais pa brear toda a galee a 440, rs q.

|| De estopa dezaseis quintais a 800 rs q que ao todo soma a galee embreada 3119 ducados de doze Reales.

Emxarcia cõ aparelhos e primete (?) poles:

- || Hũa polee pera emmastear.
- || Duas polees pera guindar.
- || Quatro polees pa carregar.
- || Duas pastequas de amainar a uerga a q̃ chamão retorno.
- || Vinte quatro polees pa emxarcea do masto que são as costeiras.
- || Quatro polees pera os chanques q̃ são as q̃ amarão a uerga a popa, e troção.
- || Quatro polees duas pera osta, e duas pa orça, que he quando uai a popa.
- || Duas polees pera driçar da uerga.
- || Hũa pastequa de retorno q̃ he amainar.
- || Duas polees pa orça dauante.
- || Duas polees pa orça nouelha q̃ uão atadas aa uela.
- || Duas polees pa o traquete.
- || Duas polees pera o chanque do traq̃te.
- || Oito polees pequenas pa emxarcia do traquete.
- || Hũa polee damarar o traquete.
- || Hũa pastequa pera o canhão de coxia.
- || Outra pastequa pa meter o esquife dentro.
- || Mais ha mister duzentos paueses pera fazer toda a pauesada das bandas da popa a te proa e hão de ser de madeira de polho pera q̃ sejam leues, e hũa espingarda não os passa.

Brônços q̃ leuão nas polees, e calceses

O calces do masto grande dous.....	2
A polee das ostagas dous.....	2
As duas q̃ guindão quatro.....	4
As q̃ carregão oito.....	8
Nos mixilhães seis.....	6
A polee do retorno dous.....	2
As das ostes quatro.....	4
Da Driça dous.....	2
Do Canhão dous.....	2
A dos Anques seis.....	6
As orças quatro.....	4
Os gaviões.....	3
Do esquife dous.....	2
Do calces do traquete dous.....	2
Talhas de guindar o traquete dous.....	2
A talha de baixo dous.....	2
E alem destes de uiaem leua mais doze de sobrecellente.....	12

Memoria da Emxarcia que esta galee leua, e assi das uelas

Primeiramente leua quatro amarras pa fateixa que pesão oito quintais e meo cada hũa.....	xxxiiij. q.
Hũa beta grossa pera se amarrar quãdo esta sem uento que pese cinco quintais.....	b. q.
Outra amarra mais delgada que pese seis quintais.....	bj. q.
Outra beta pa emmastear q̃ pese cinco quintais.....	b. q.

Emxarcia pã o masto

Duas betas de peso de cinco quintais e meo cada hũa.....	xj. q.
Duas betas de guindar que pese sete q̃s.....	bij. q.

Hũ par damantes de peso de tres qs.....	ij. q.
Hũ cabo de troçar q̃ pese dous quintais e meo.....	ij. q. ij. arr. ^{as}
Outro da orça de popa q̃ pese dous quintais e meo.....	ij. q. ij. arr. ^{as}
Hũ cabo da troça que pese dous quintais.....	ij. q.
Hũ cabo da orça dauante, e orça da proa que pese dous quintais...	ij. q.
Hũ cabo pera o cornal q̃ he o q̃ guinda a uerga que pese hũ quintal e tres arr. ^{as}	j. q. iij. arr. ^{as}
Hũa beta pa amarrar a emxarcea na querena que dão q̃ pese hũ quintal e hũa arroba.....	j. q. j. arr. ^{as}
Hũa mea beta pera as Retaduras da uerga que pese hũ quintal e duas arr. ^{as}	j. q. ij. arr. ^{as}
Hũa mea beta pera arças das poles que pese dous quintais.....	ij. q.
Hũa beta pa tirar o canhão da proa, e pera o esquite q̃ pese dous quintais.....	ij. q.
Hũa beta pera o masto do traquete que pese hũ quintal e tres arrobos.	j. q. iij. arr. ^{as}
Duas escotas q̃ pesem tres quintais.....	ij. q.
Duas Rolingas pera as uelas que pesem tres quintais.....	ij. q.
As Rolingas pera o treio, e pera o traquete que pesem dous quintais	ij. q.
Patarrais que pese tres quintais.....	ij. q.
Hũa beta pera guarnição da tenda que pese dous quintais.....	ij. q.
Hũa beta pa estronos de todas as polees que pese dous quintais....	ij. q.
Hũa beta pera o orinque da fateixa que pese tres quintais.....	ij. q.
Hũa beta pa cintura, e pera os coetes do traquete que pese dous quintais.....	ij. q.
Quatro quintais de emxarçea meuda pera guarnição, e emuergues das uelas e da tenda.....	

Ferramenta e Ramples de cadeas:

Corenta e oito Ramais de cadeas de quatro pernas cada hũa.....	48. p.
de peso de tres arrobos.....	0-3-00
e de comprido dezoito palmos cada hũa a razão de quatro cruzados o quintal que montão cento corenta e quatro cruzados.....	4. p.
Ha mister quatro fateixas de peso de dez quintais cada hũa a razão de quatro cruzados o quintal importão cento e sessenta cruzados.....	
Dez quintais de ferramenta .s. pa ferrar, e desferrar, e chapas do traquete, chapas do masto, e gatos de amainar, pernos pera os calceses, e polees, piquões, e todas as mais meudezas aa sobredita razão.....	x. q.

Velas:

|| Hũ bastardo de pano de uilla de conde que leua quatro mil seiscētas sessenta, e duas uaras iij.bj.Lxij.U.^{as}

|| Hũa burda que leua tres mil cento corenta e quatro uaras de pano de uilla de conde iij.c.^{to} Riiij.U.^{as}

|| Hũ treio de trinta e sete panos de largura, que leua mil oitocentos setenta uaras do dito pano j.bij.Lxx.U.^{as}

= Hũ traquete que leua noveçentas, e cincoenta, e sete uaras do dito pano j.x.Lbij.U.^{as}

Fio pã as ditas uelas e canhamaço

|| Leua o bastardo cento e cincoenta arrates de filo.

|| Leua a burda cento arrates de filo.

|| Leua o treio settenta arrates de filo.

|| Leua o traquete quarenta arrates de fio.

|| Leua o bastardo çento, e dez uaras de canhamaço.

|| Leua a burda oitenta uaras de canhamaço.

|| Leua o treio corenta uaras de canhamaço.

|| Leua o traquete trinta uaras de canhamaço.

Custa toda esta galee cõ todas as cousas sobreditas em este estado seis mil quatro centos cincoenta e çinco cruzados de dez reales cada hũ:

|| Custa hũa galee posta a nela cõ toda a chusma forçados hũ terço delles, mouros outro terço, bonas uolhas outro terço cõ todos seus Remos, capitão cõ todos seus marinheiros, mantimentos e soldo pera tres meses que he o q̃ se costuma dar quando saem fora, por todo quinze mil, quinhentos ueinte e sete cruzados de dez reales cada hũ:

|| Pera se fazer hũa galee Real de ueinte e noue banquos hã se de acrescentar hũ terço mais de cada hũa das cousas q̃ na galee a tras de 24 ban-

cos estão apontadas, e assi mesmo o preço dellas tirando o masto, uergas, e leme.

|| Pera se fazer hũa galeota de dezoito bancos hase de tomar menos a quarta parte de cada hũa das cousas que são necessarias pera a galee de 24 bancos e assi a quarta parte menos costarão do preço, tirando os mastos uergas e leme.

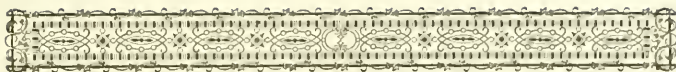
(*Ut supra*, de fol. 46 a 53.)

A gorje diaz moço da estriueria mercee da fazemda & dinheiro por que vendera hũa caranella de diogo piriz sineiro morador na villa de sines fora do regno por si assi he etc.

Dom manuel etc. fazemos saber a vos juizes da villa de sines & outras quaeesquer aque esta nossa carta for mostrada & o conhecimento della pertemçer q̃ anos disse hora Jorge diaz nosso moço destribeira que huũ diogo piriz sineiro portugues hi morador na dicta villa de sines vendera em castella no rrio de mōguer cōtra nossa defessa huũa carauella a huũ castelhano por nome diogo dalmada m.^{or} em triana por ho quall perdia ho dinheiro por que a vendera & assi ssua fazemda per bem de nossas hordenaçoes sobre ello feictas pedindo nos que lhe fizessemos de todo mercee per si assi he pello quall auemos por bem & nos praz lhe fazer mercee do dinheiro por que assi vendeo a dicta carauella & assi sua fazemda si assi he que per bem de nossas hordenaçoes em tall caso feictas lhe com dereicto das dictas cousas podemos fazer mercee. & nos de dereicto pertemçe ho que dicto he. E porem vos mandamos & assi a quaes quer outras pessoas aque esta nossa carta for mostrada & ho conhecimento della pertemçer que sendo per ante vos citados & ouvidos os sobredictos saibaes dello ho certo tirando sobrello inquiriçam judiciall yndo pello feito em diamte como he hordenado & achando que assi he como nos elle disse. & que per o dicto caso perde ho dicto dinheiro & fazemda o julgues assi por vossa sentença defenitiua. dando apellaçam & agrano aas partes nos casos que ho dereicto outorga. & querendo os sobredictos estar por a dicta sentença fares loguo tregar todo ho que dicto he aho dicto Jorge diaz por que nos lhe fazemos de todo mercee na maneira que dicto he. E esto se assi he que vendeo a dicta carauella o dicto diogo piriz ē castella como diz & lñũs & outros cūpirees & guardarees esta como se nella contem. Dada em euora a x. dias de mayo ell Rey o mandou pello baram daluito do seu conselho & nedor de sua fazemda. aluaro neto a fez anno de mill & quinhentos xx. ho qual nam pagou setimo por quanto lhe fizemos delle quita & mercee.

(Archivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro sexto de mysticos*, fol. 50 v.)





NOTA

SOBRE AS MEDIDAS USADAS EM CONSTRUÇÃO NAVAL DURANTE O SÉCULO XVI

A estreiteza do tempo impediu-me de anotar, como desejava, as memorias que transcrevi do *Livro Nautico*. Comtudo, é tão essencial para a comprehensão d'aquelles documentos o conhecimento das medidas a que elles a miudo se referem, que não devo por agora deixar de me occupar d'este assumpto. Este dever é-me sobretudo inspirado pela analyse das inexactidões contidas a tal respeito nas obras lexicographicas, cuja consulta me collocou em sérias difficuldades, antes de chegar a uma solução positiva.

Apontarei, para exemplo, as divergencias que sobre a palavra *rumo* se conteem nos dictionarios. Faria dá-nos a seguinte definição :

«§. Rumo: t. de carp. de náos; palmo e pollegada de agua, de sorte que 6 *rumos*, ou palmos d'estes fazem 7 ordinarios: v. g. *tem esta quilha tantos rumos*; «pegado (o moustro marinho) na quilha do galeam, por todo o comprimento d'elle, sendo de vinte e hum *rumos*, que são cento e cinco palmos. B. 3. 4. 7. ult. ed. (por esta conta cada *rumo* são cinco palmos).»

Como se vê, a primeira versão contradiz totalmente a segunda. É escusado accrescentar que esta mesma contradicção se encontra em grande numero de dictionarios, que nada mais adiantam a tal respeito.

No *Divertimento erudito*, de Fr. João Pacheco, encontra-se a seguinte passagem, de um pequeno vocabulario de termos maritimos, v. *Rumo* :

«Tambem *Rumo* he a quantidade de palmos de agoa, que tem o fundo, ou quilha de huma náó: v. g. *Tem esta quilha tantos Rumos*, isto he, tantos palmos. Cada palmo tem hum palmo ordinario, e mais o dedo pollegar até á ultima junta delle. De sorte que sette palmos ordinarios fazem sette destes.»

Áparte o erro evidente de composição que se encontra n'esta ultima phrase, onde o erudito frade quer de certo dizer o mesmo que mais tarde disse Faria, não se percebe muito bem a interpretação que elle dá ao vocabulo, e parece concluir-se da primeira parte do trecho alludido que elle attribue a essa medida a equivalencia de um palmo de agua.

Bluteau é mais explicito do que Fr. João Pacheco. Eis a noticia que nos fornece :

«Rumo. Termo de carpentaria de hũa nao. São seis palmos de agua, & cada palmo inclue hum palmo ordinario, & mais o dedo polegar até a ultima junta delle. Seis palmos destes vem a fazer sete palmos singelos. Tem esta quilha tantos rumos, val o mesmo, que tantos palmos dos ditos.»

Esta ultima phrase, apresentada com pouca clareza para exemplo, foi de certo que induziu no erro de confundir o rumo com o pretendido palmo de agua tanto ao auctor do *Divertimento erudito* como ao lexicographo Faria. Mas, na primeira parte da definição, Bluteau approxima-se evidentemente da verdade, como vamos ver por explanações em textos auctorisados.

A base das medidas usadas em construcção naval era o tonel, que servia para avaliar a capacidade dos navios. Determinava-se o tonel por duas dimensões, a saber, *talha*, que era o comprimento, e *perea*, que era o diametro maximo. Aquella primeira medida tinha a bordo a denominação de *rumo*, porque no espaço por ella marcado se podia *arrumar* um tonel.¹ Equivalia a uma braça, como se pode ver pelas seguintes linhas da *Memoria do Livro Nautico*, para a construcção da caravela, as quaes são reproduzidas, *mutatis mutandis*, nas *Memorias* respectivas á não e ao galcão :

«O mastro grande será tão comprido como a quilha da Carauella .ss. doze Rumos de quilha doze braças de masto. . . »

Quanto aos palmos, havia-os de tres especies, a saber: *palmo geometrico*, que tinha quatro dedos atravessados, sendo cada dedo igual a quatro grãos de cevada; *palmo commun* ou *redondo*, que era igual á distancia alcançada pela mão do homem estendida, entre os extremos dos dedos polegar e minimo; e finalmente *palmo de goa*, maior do que o commun a distancia que vae da extremidade á primeira junta do dedo polegar.

Eram d'esta ultima especie os palmos habitualmente usados nas medidas de construcção naval, e erradamente chamados *de goa* pelos lexicographos, silenciosos a respeito da palavra *goa*. Esta, que a um espirito menos precavido poderia parecer o nome proprio da nossa velha cidade indiana, não é mais do que o aportuguezamento da palavra franceza *goue*, a qual significava uma medida empregada na fabrica das galés, nos estaleiros do Mediterraneo. A *goa* dividia-se em tres partes, que tomavam por isso a denominação de *palmos de goa*, como se pode verificar nas *Medidas da galé*, extrahidas do *Livro Nautico*. O

¹ Para quasi todas estas explanações veja-se o *Livro da Fabrica das naos*, de Fernando Oliveira, ms. da Bibl. Nac. de Lisboa.

rumo tinha seis d'estes palmos, e portanto duas *goas*. Ora, sendo o *rumo* equivalente á braça, e tendo esta oito palmos communs ou *craveiros*, como também lhes chamavam, segue-se que este último palmo valia tres quartos do palmo de *goa*.

Accrescentemos que a *parea* do tonel era igual a dous terços da *talha*, e por conseguinte a quatro palmos de *goa*. Com estes elementos era portanto facil avaliar a tonelagem dos navios, segundo um processo simples indicado por Fernando Oliveira na sua obra inedita.

Convém advertir muito especialmente que, nos documentos extrahidos do *Livro Nautico*, nem sempre são empregadas as medidas de *goa* e seus submultiplos. Muitas vezes os palmos a que o constructor se refere são *redondos*, o que pode dar origem a confusões quando o texto o não determina claramente, como succede, por exemplo, na medição do mastro do traquete da caravela, a pag. 101 d'esta *Memoria*.



MEMORIA

SOBRE A

RESIDENCIA DE CHRISTOVAM COLOMBO

NA ILHA DA MADEIRA

POR

AGOSTINHO DE ORNELLAS

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA



MEMORIA

SOBRE A RESIDENCIA DE CHRISTOVAM COLOMBO

NA

ILHA DA MADEIRA



PROGRESSO da democracia não tem prejudicado o culto dos grandes homens. Ao passo que se diffunde a illustração e se fortalece a consciencia das nações, é melhor comprehendida a acção dos espiritos superiores e cada povo se compraz em manifestar a sua gratidão aos seus bemfeitores, aos auctores da sua gloria, aos que lhe asseguraram um logar distincto na historia da humanidade. Tem o nosso seculo visto celebrar uma serie d'estas commemorações solemnes e os chamados centenarios conquistaram um logar na vida das nações e serão d'ora avante preito rendido e tributario feudo que se não poderá negar á memoria dos heroes.

Prepara-se a Hespanha, ou para melhor dizer, o mundo civilisado para festejar uma das mais poderosas individualidades d'aquella epocha maravilhosa que transformou as condições da civilisação e accelerou de modo incalculavel a marcha do progresso. A idéa gerada na mente de Colombo foi a mais fecunda talvez de quantas os homens conceberam e a realisação d'ella não só descobriu um novo mundo, mas fundou uma nova civilisação rival da velha Europa e que, decorridos quatro seculos, se eleva em frente d'ella como destinada a mais prospero futuro e maior influxo na vida da humanidade. Justo é pois, justo e devido, que todas as nações se associem á glorificação do grande homem e entre todas Portugal onde elle apprendeu a grande navegação, onde confirmou, em presença dos factos, a concepção do seu espirito, onde encontrou

familia e amigos, e que lhe teria dado os meios de levar a cabo a sua empreza, se fosse licito preferir theorias e esperanças a factos averiguados e a dados positivos e experimentalmente verificados.

Fosse Colombo, como disse o seu primeiro biographo¹ oriundo de paes obscuros, e segundo affirma Harisse² ainda em 1472 qualificado de *lanerio*, o que, na accepção mais favoravel, significaria negociante de pannos de lã, ou fosse, como elle proprio affirma, procedente de uma familia de marinheiros e habituado de tenros annos a guerras e aventuras maritimas, é certo que no anno de 1474 se achava em Portugal e escrevia a Toscanelli a celebre carta em que o interrogava sobre a possibilidade de chegar ao paiz das especiarias, navegando para o Occidente. Pouco depois, é d'isso prova a data do nascimento de seu filho mais velho, casava com uma senhora de origem italiana e ligava-se a uma familia de marítimos e descobridores. Desde que el-rei D. Diniz, o creador da nossa marinha militar, mandara vir de Genova um almirante e com elle numeroso pessoal para commandar os nossos navios, estreitaram-se e amiudaram-se as relações entre Portugal e as republicas italianas, sendo frequente encontrar nos documentos dos seculos xiv e xv menção dos mercadores venezianos, genovezes e sobretudo *prazentins* estabelecidos entre nós e representando um activo e importante papel no commercio e navegação nacionaes. De Placencia, onde ainda existe a familia,³ passou a Portugal nos fins do seculo xiv um micer Philippão Perestrello que, em 1399, foi isento de pagar certos impostos por ter provado ser de nobre ascendencia. Um filho d'elle, Bartholomen, serviu na casa do infante D. João, mestre da ordem de Santiago, e passou depois ao serviço do infante D. Henrique, onde mais facilidades encontraria para se dedicar ás descobertas maritimas. Teve na casa do principe navegador logar importante, pois na carta de confirmação da compra da capitania do Porto Santo por Pedro Correia, fidalgo da casa do infante D. Henrique, diz este⁴ «que o creou e o casou com uma filha de Perestrello». Estas expressões mostram que o principe considerava um beneficio feito a um creado seu ter-lhe dado por mulher uma filha de Perestrello, em quem se dá tambem a circumstancia de ser agraciado com a capitania do Porto Santo sem ser o seu primeiro descobridor.

Este Perestrello casara com uma filha do capitão mór do mar, Affonso Furtado, e d'ella tivera Catharina Furtado mulher de Mem Rodrigues de Vas-

¹ Agostinho Giustiniani.

² *Christophe Colomb sa vie, etc.*

³ Conte Pallestrelli, *Il suocero e la moglie de Christoforo Colombo.*

⁴ *Livro das Ilhas*, fols. 28 e 29.

concellos¹ senhor de terras no Canisso, ilha da Madeira, e Iseu Perestrello com quem o infante D. Henrique casara Pedro Correa. Affirmam as *Historie* de Fernando Colombo que Pedro Correa era cunhado de Colombo e o mesmo diz o seu contemporaneo Bartholomeu de las Casas. É consequencia necessaria d'este parentesco, ser Colombo casado com uma filha de Bartholomeu Perestrello. Mas as provas d'este casamento são ainda mais completas. Do mesmo documento já citado² se vê que o filho primogenito de Bartholomeu Perestrello era menor de oito annos quando morreu seu pae, e teve por tutores sua mãe Isabel Moniz e seu tio Diogo Gil Moniz. D'esta segunda mulhier do primeiro capitão de Porto Santo foi filha Filippa Moniz mulhier de Christovam Colombo o que se demonstra com documentos. Nomea-a por sua mulher no seu testamento o grande navegador e seu filho Diogo diz, lambem no seu testamento, que ella fôra sepultada na capella da Piedade na Egreja do Carmo de Lisboa, jazigo de sua linhagem. Ora o fundador d'essa capella³ foi Gil Ayres, escrivão da puridade do Condestavel Nuno Alvares Pereira,⁴ e seus filhos: Diogo Gil, o tio e tutor do filho de Bartholomeu Perestrello, Vasco Gil Moniz e Guiomar Gil, tiveram uma demanda para reivindicar o direito exclusivo da sua linhagem a serem sepultados na Capella da Piedade ou de Nossa Senhora do Pranto e obtiveram sentença lavoravel, que se pode ver transcripta na *Chronica dos Carmelitas* de fr. José Pereira de Sant'Anna. A tradição primitiva do casamento de Colombo, como a referiram seu filho Fernando e o seu contemporaneo Las Casas, está assim provada documentalmente e não é licito d'ora avante suscitar duvidas como as em que se comprazem Harris e Winsor, sem incorrer pelo menos na nota de menos diligente investigador ou de sceptico acintoso. Pois não foi pelos mesmos recentes e eruditos escriptores posto em duvida que Bartholomeu Perestrello e Pedro Correa fossem navegadores, como se no começo do seculo xv, em pleno dominio das lendas do mar Tenebroso, homens extranhos á vida do mar acceitassem as capitánias do Porto Santo e da Graciosa e se condenassem ao isolamento nas solidões do oceano que não ousassem atravessar! Um e outro serviram o infante D. Henrique e foram d'elle prezados e que qualidade prezava elle mais nos seus servidores que a de bom marinheiro? Perlenceram á escola de Tristão Vaz, de Zarco, de Gil Eannes, de Lançarote, de Gonsalo Velho, se não ligaram o seu nome a uma descoberta celebre, foram escolhidos para governar duas das pri-

¹ *Livro das Ilhas*, fol. 4.

² *Livro das Ilhas*, fols. 28 e 29.

³ José Pereira de Sant'Anna, *Chronica dos Carmelitas*.

⁴ *Chron. do Condestabre*, ed. de 1554, fol. 41.

meiras colonias portuguezas e este facto basta para attestar que não eram extranhos á vida do mar nem desconhecidos dos audazes navegadores, entre os quaes iam viver e exercer auctoridade. Tudo confirma, tudo corrobora a asserção de Fernando Colombo, cioso defensor das glorias paternas e que todavia proclama e sem hesitar affirma que muito deveu o descobridor da America ás tradições e exemplos do sogro e do cunhado.

Estava Filippa Moniz recolhida no Mosteiro de Santos, desde a sua origem destinado a asylo das familias dos cavalleiros de Santiago. O mestre da ordem fôra amo de Bartholomeu Perestrello, nada mais natural do que encontrarem alli abrigo Isabel Moniz e sua filha, quando enfadada de viver no Porto Santo, como diz Fructuoso, aquella voltou a Lisboa. Mais tarde, restituído seu filho á posse da capitania do Porto Santo, para alli regressou com sua filha e genro e alli pelos annos de 1475 nasceu Diogo Colombo; elle mesmo o affirmou a testemunha tão digna de credito como o santo bispo de Chiapas, o caridoso Las Casas.⁴

Até aqui baseamos as nossas affirmações em documentos authenticos e vimos confirmados e provados historicamente o casamento de Colombo com Filippa Moniz, filha de Bartholomeu Perestrello, primeiro capitão do Porto Santo e de sua segunda mulher Isabel Moniz, bem como o nascimento na mesma ilha de seu filho primogenito e successor Diogo Colombo; será tambem historica e authentica a tradição que affirma ter elle residido na Madeira e ter habitado a casa de João Esmeraldo, ha pouco demolida?

A ilha da Madeira, a primogenita das colonias portuguezas, achava-se no fim do seculo xv, em plena prosperidade. O commercio do assucar de que tinha o lucrativo monopolio, attraia negociantes de todos os paizes da Europa e coalhava de navios os seus portos. Numerosos colonos seduzidos pela esperanza de engrossar a sua fazenda, vinham fazer n'ella assento, a que os convidava tambem a amenidade do seu clima. Habitada pelos filhos e herdeiros dos primeiros navegadores portuguezes, dos primeiros que haviam arrostado com os terrores legendarios do pego, era um centro activissimo de emprezas maritimas, um posto avançado d'onde se arrojava aos mares nunca d'antes navegados tudo o que havia de mais audaz e de mais emprehendedor n'aquella vigorosa geração contemporanea e successora dos filhos de D. João I. Collocado a quarenta milhas apenas de logar para elle tão cheio de poderosos attractivos, deixaria Colombo de o visitar? Nem só é moralmente certo que visitou a Madeira, tem toda a probabilidade que alli assentasse morada e procurasse meios de subsistencia, informações de navegadores, auxilio á empreza

⁴ Las Casas, *Historia de las Indias*, liv. 1, cap. iv, pag. 55.

que meditava, nada do que podia obter n'uma pequena ilha sem importancia e totalmente eclipsada pela sua prospera vizinha. Não podemos duvidar de que Colombo passasse do Porto Santo á Madeira; o primeiro navegador de quem falam as *Historie* como dando a Colombo informações sobre as terras incognitas do Atlantico, é um madeirense, é Antonio Leme. A celebre lenda do piloto naufragado que lhe revelou a existencia do novo mundo, refere-se á sua casa na Madeira; uma tradição não interrompida durante quatro seculos dá como facto positivo, o que todas as probabilidades, todas as verosimilhanças levam a presumir. Foi do Funchal que Colombo viu partir os navios do infante D. Fernando, senhor da Madeira¹ em busca da ilha que a oesnoroeste d'ella avistara Gonsalo Fernandes de Tavira, á volta do Rio do Ouro; ² de lá saiu sem duvida a expedição de Ruy Gonsalves da Camara, segundo filho de Zarco, a descobrir a ilha que esperava achar ao norte de Cabo Verde. Já de volta a Portugal e prestes a partir para Hespanha, ouve Colombo falar da tentativa de outro madeirense, Fernão Domingues do Arco, que obtem a promessa da capitania da ilha das Sete cidades em cujo descobrimento se ia empenhar, apesar de tantas outras tentativas mallogradas para lhe quebrar o encanto. Era madeirense João Affonso do Estreito, o socio de Fernão d'Ulmo, capitão da Terceira, que com elle contracta o armamento de uma expedição a que se referem as *Historie* e que devia aportar ás costas da America do Norte, na direcção que seguiram depois Gaspar e Miguel Cortereal e que talvez já antes intentasse o pae de ambos, João Vaz, depois capitão de Angra. Diogo de Teive, o descobridor da ilha das Flores, cujo piloto foi um dos que deram noticia a Colombo de terras de além do Atlantico, passara da Madeira á Terceira com seu genro João d'Ornellas, que em 1500 se offerecia aos reis catholicos para tentar novas explorações maritimas.³ É Las Casas que nos attesta finalmente que Diogo Colombo lhe dissiera ter seu pae vivido na Madeira onde estavam constantemente chegando noticias de novas descobertas e «este foi o principio da descoberta do novo mundo». A idéa da esphericidade da terra concebida pela philosophia grega e revivida, já na primeira renascença, a de Rogerio Bacon e de Alberto Magno, tinha suggerido aos cosmographos do seculo xv a possibilidade de aportar ao extremo oriente, seguindo o rumo do Occidente. Esta idéa que Toscanelli advoga e que mais tarde Jeronymo Monetario (Münzmeister) manda recommendar a D. João II por intermedio de Behaim, talvez disposto a tentar-lhe a execução, se no momento mesmo em que chegava a Por-

¹ Livro 2.º dos mysticos, fol. 153.

² *Id.*, *ib.*

³ M. F. Navarrete, *Collección de viages e descubrimientos*, tom. III, pag. 41, § 39.

tugal se lhe não tivesse antecipado Colombo, fôra por este adoptada com um afêro, uma fê profunda que lhe deram animo para arrostar com os desprezos e até com o escarneio dos principes e sobretudo dos sabios da escola adversa.

Na Madeira e nas viagens que emprehendeu nos navios portuguezes, familiarisou-se com as condições praticas da execução do projecto que o absorvia, n'ella o genovez, quando muito conhecedor da navegação costeira do Mediterraneo, viu e praticou a navegação do mar alto, engolphado no pego, tendo por unicos guias a agulha e o astrolabio. Com o seu ingenho superior, com o seu notavel espirito de observação, Colombo apprendeu na nossa escola, ora correndo para o sul até á Mina, já subindo ao norte ainda além da Islandia, a grande navegação e adquiriu a pericia pratica que depois o habilitou a commandar uma esquadra e a ligar para sempre ao seu nome o titulo de almirante. Julgou preceder-nos na India, porfiou com a sua inexcedivel tenacidade em que descobrira Cipango e o Cathayo, mas foi um portuguez no feito, embora não na lealdade, quem afinal encontrou esse caminho para o Oriente pelo Occidente e seguindo para oeste foi aportar ás ilhas visinhas da desejada Cipango. Não é porém nosso proposito alargarmo-nos n'este assumpto, por captivante e seductor que seja, provámos que Colombo viveu na Madeira, poderemos tambem mostrar que ainda ha pouco existia e foi vista de contemporaneos a casa onde elle habitou?

Ainda em 1877, elevava-se entre as ruas do Esmeraldo e do Sabão na cidade do Funchal, um grande edificio cuja antiguidade se revelava no seu aspecto enegrecido e vetusto, na sua architectura entre gothica e mannelina e na data gravada no capitel da columna da sua janella principal.

Construcção do seculo xv, transição do estylo gothico ainda conservado na ogiva perfeita da porta que dava para a rua do Sabão, e o estylo da renascença já dominante na sua janella central, pertencera a Jean d'Esmenant oriundo da Picardia e segundo Henrique Henriques de Noronha, abalizado escriptor de historia madeirense, estabelecido na ilha pelos annos de 1480, transformando a pronuncia portugueza o seu nome em Esmeraldo.

A tradição antiquissima e constante affirma que n'esta casa residiu Christovam Colombo e todos os escriptores que tem mencionado a estada do grande descobridor na Madeira, repetem sem hesitação nem duvida o que na ilha era por todos tido em conta de verdade incontestavel. Citaremos entre outros um americano celebre, o general John Dix, que na sua obra *A Winter in Madeira* colloca no frontispicio uma gravura da janella mannelina. A mesma honra lhe presta Miss Ellen M. Taylor na obra intitulada *Madeira its scenery and how to see it*. Robert White *Handbook of Madeira*, Grabham, *The Climate and Ressources of Madeira*, o sr. Luciano Cordeiro no seu opusculo *De la part prise par les portugais, etc.*, Mason and Driver *A Treatise on the Climate of Madeira*, to-

dos dão testemunho da existencia da antiga tradição que fixa na casa da rua do Esmeraldo a morada de Colombo. Quando em 1877 o edificio foi sacrificado, como tantos outros nas primeiras cidades da Europa, as necessidades da viação urbana, o sr. dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo que já nas suas eruditas notas a Gaspar Fructuoso, se referira á tradição, escreveu uma memoria sobre a casa, e o distincto artista o sr. Camacho reproduziu pela photographia as principaes vistas do interior e exterior d'ella. Esta memoria serviu de base a uma interessante noticia sobre o assumpto que o então consul de S. M. Catholica no Funchal, o sr. D. Ventura de Callejon, fez publicar na *Ilustracion Española y Americana*, num. xxxviii de 15 de outubro de 1878, acompanhada de quatro bellas gravuras.

N'este consenso unanime só encontramos uma voz discordante, a do sr. Harris, que na sua *Vida de Colombo* trata rapidamente o assumpto n'uma nota e objecta ter a casa sido edificada em 1457, como se via da inscripção da janella, para um homem que só veio para a Madeira em 1480, e ser o edificio sumptuoso de mais para ser habitado por um pobre aventureiro como Colombo. Ambas as difficuldades se resolvem comtudo facilmente. A data da inscripção foi primeiro lida incorrectamente antes de demolida a casa; examinada porém melhor, depois de apeada a janella, leram-na alguns 1494, outros 1474. A primeira leitura é de uma data posterior á residencia de Colombo na Madeira, a segunda de uma anterior á vinda de Jean d'Esmeaut. A janella foi conservada e existe em poder do auctor d'esta memoria, dono dos pavimentos superiores da casa, que para si a reservou quando alienou o predio. Na sua opinião o 3.º algarismo é um *sete*, porque a barra transversal, embora um pouco curva, não fecha com a barra vertical, e o ser a casa anterior á vinda do que era seu dono em 1482 ou 1483, só prova que elle a não edificou, mas a adquiriu por compra ou qualquer outro titulo. Ora o auctor da *Insulana*, poema epico, cujo assumpto é a descoberta e colonização da Madeira, faz menção¹ de uma grande edificação no chamado Campo do Duque, cujas extraordinarias dimensões suscitaram geral surpresa e deram azo a que se fizessem capitulos contra o dono, como se quizesse levantar casa forte. No Campo do Duque, entre as ribeiras de Santa Luzia e S. João, estava situada a casa Esmeraldo, e não ha noticia de outro edificio notavel construido n'aquelle sitio nos primeiros tempos da colonisação. Nada mais natural do que ter Jean d'Esmeaut, ou como lhe chamavam em portuguez, João Esmeraldo, comprado aquella casa, como aforou em 1493 a Ruy Gonçalves da Camara a Lombada que depois se chamou dos Esmeraldos² onde edificou casa, capellas e enge-

¹ Manuel Thomaz. *A Insulana*. Liv. v, estancia 117.

² Escripura de 28 de Janeiro de 1498. Traslado autentico no meu cartorio.

nho de assucar, como diz na escriptura de partilhas com seus filhos, em que instituiu os Morgados do Val da Bica e Santo Espirito, aos quaes annexou a casa que possuia no Funchal «entre a rua do sabão e a que vem do abocadoiro dos bateis» sem dizer que fosse edificação sua, como expressamente declara das casas da Lombada. Não podia Colombo pobre e desvalido habitar como locatario uma casa tão vasta e sumptuosa, mas podia habital-a como hospede e protegido do senhor d'ella, como habitou dois annos em casa do Duque de Medina Celi. Existiam na Madeira é verdade muitos genovezes, mas oriundos das mais illustres familias da republica, como o attestam os nomes, ainda hoje alli existentes, de Doria, Spinola, Lomellino, Salvago, etc., e Colombo desejoso de occultar a sua obscura progenie, procuraria, sem duvida, de preferencia quem ignorasse a sua origem e melhor disposto estivesse portanto a apreciar as eminentes qualidades pessoaes que tanto o distinguiram. E circumstancia digna de nota, e, a meu ver, prova da verdade da tradição, o filho do segundo matrimonio de João Esmeraldo recebe o nome de Christovam. Podemos fixar quasi exactamente a data do seu nascimento; acompanhou á jornada de Azamor o duque D. Jayme de Bragança em 1513, não teria menos de 15 annos; era menor de 25 em 1522, data da escriptura de partilha citada,¹ nasceu portanto por 1498, data tambem notavel, porque foi quando na sua terceira viagem, Colombo já Almirante do mar das Indias, fez escala pela Madeira e Porto Santo. Sabido é quão fielmente observam as familias nobres portuguezas a ordem dos nomes dos filhos. Toma o primogenito o nome do avô paterno, ao filho segundo pertence o do avô materno e assim por deante. Só por motivos extraordinarios, por circumstancias especialmente attendiveis se altera esta velha usança. Pois nos ascendentes paternos e maternos de Christovam Esmeraldo, não encontramos este nome. E não lhe faltavam ascendentes e collateraes de renome e fama e collocados em altas posições. Seu avô materno, de quem devia herdar o nome, apesar de ser, como diz a carta de D. Affonso V² que lhe dá armas novas, fidalgo de antigo e conhecido solar, quiz tomar o appellido de Arco por ser senhor do Arco da Calheta, uma das mais fertes e ricas regiões da Madeira; sua mãe Agueda d'Abreu era irmã de Philippa de Abreu, ama de el-rei D. João III, e mulher de Bartholomeu de Paiva, amo e camareiro-mór do mesmo rei,³ governador da Torre de Belem e grande pessoa na côrte, onde vivera desde creança, tendo sido pagem do livro do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II. Pelo lado paterno não era me-

¹ Confirmada por El-Rei D. João III e lançada no Liv. 47 da sua *chancellaria* fl. 39, datada de 12 de Junho de 1522.

² *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. II, fl. 120.

³ *Annaes de D. João III*, anno de 1530. Livro das Ilhas, fl. 20.

nos illustre a sua ascendencia e as alianças da familia de Esmenaut ligavam-na ás primeiras casas de Flandres, Artois e Picardia; basta mencionar os nomes de Hallwin, de Fiennes e de Nèdonchel, cujas armas são esquarteladas com as d'aquella, no diploma passado a João Esmeraldo em Malines e confirmado pelo imperador Maximiliano em outubro de 1508, depois sancionado e reconhecido em Portugal por cartas de el-rei D. Manuel de 13 de agosto de 1511 e 16 de maio de 1520.¹ Este nome de Christovam conservou-se na descendencia dos Esmeraldos, ainda depois de extincta a linha masculina, como prova das antigas relações que, segundo passava na familia de paes a filhos, existiram outr'ora entre o seu progenitor e o grande homem cuja perseverança indomavel e genial concepção revelaram um mundo desconhecido e transformaram as condições da vida da humanidade.

Concluindo, julgo que nenhuma objecção irrefutavel, nenhuma prova segura se adduz para infirmar a tradição; devemos pois reconhecê-la digna de credito e acceital-a como fundada em factos e justificando o direito que tem o nome de João Esmeraldo a ser recordado n'este momento solemne. em que dois mundos commemoram o heroe que os reuniu.

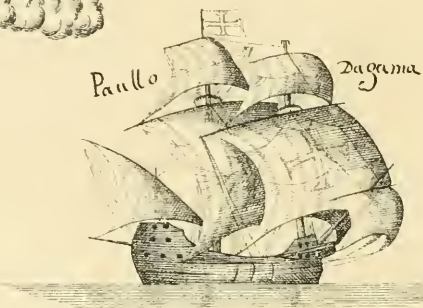
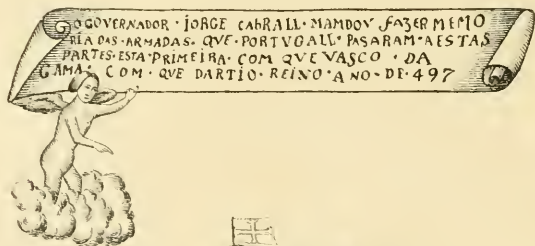
¹ *Chancellaria de El-rei D. Manuel*, Liv. vii, fl. 31, *Místicos*, liv. 6. fl. 174.



OS NAVIOS
DE
VASCO DA GAMA

POR
JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA

Capitão-tenente da Armada



Paulo

Dagama



Vasquo

Da gama

Honario de neulaocaelho 7 25 fizerad



OS NAVIOS DE VASCO DA GAMA

A GLOIOSA expedição a Ceuta em 1415 foi como aurora percusora da época das descobertas marítimas portuguezas. Armado cavalleiro em terra africana, jurara o infante D. Henrique desvendar os mysterios do Mar Tenebroso, e descobrir novas terras por onde dilatar a fê e o imperio. Grão-mestre da ordem de Christo, largo campo para empregar a actividade lusitana offerecia essa Africa mysteriosa, que até então as lendas maravilhosas tinham tenazmente defendido. De Sagres, como atalaia avançada pelo mar, ordenava o Infante a partida das barcas aventureiras, que todos os annos mandava a descobrir. Era elle a alma d'essa cruzada contra os terrores e preconceitos medievaes, e a sua divisa «*Talent de bien faire*» era então maravilhosamente interpretada em beneficio da humanidade e da sciencia.

Zarco, Vaz, Gil Eannes, Baldaya, Antão Gonçalves, Nuno Tristão, Diniz Fernandes, Gomes Pires, Cadamosto, Antonio de Noli, são os impavidos mareantes d'essa phalange de heroes, que inspirados pelo Infante patentearam aos olhos da Europa admirada todo o littoral, e ilhas africanas desde o cabo Bojador até aos oito graus septentrionaes.

Pedro de Cintra, Fernão Gomes, Diogo Cam, Bartholomen Dias, continuam a empresa, e a Guiné, a Mina, o Congo, o Cabo Tormentoso, são como marcos miliarios attestando o valor e audacia portugueza.

Se até então se tratára de explorar o littoral africano, com a descoberta do cabo da Boa Esperança, a vasta intelligencia de D. João II adivinhou ser por alli o caminho para a India, a terra classica das riquezas, a deslumbrante

visão do ouro, dos rubis, dos brilhantes e especiarias, que tanto fascinára a imaginação peninsular.

Logo tratou de dispor os meios para realizar tão cubiçada empresa, e se a morte o não deixou concluí-la, contudo é d'elle a iniciativa d'esse feito. Achar o caminho para a Índia era o sonho dourado na Península ao terminar o xv secolo, e a nação, que primeiro o realizasse tinha nos proventos do commercio, e na honra da victoria larga recompensa aos trabalhos e sacrificios dispendidos.

Christovão Colombo, e Vasco da Gama são os nomes, que symbolisam n'esta época a gloria de Hespanha e Portugal.

Se o genovez consegue por um rasgo de talento adivinhar a resolução de um problema geographico, mau grado as theorias de sabios e lettrados; se auxiliado pelos Reis Catholicos, e pondo em relevo todas as qualidades, que enobrecem o espirito humano, alcança á custa de valor e persistencia avistar o continente americano: certo é ter elle julgado descobrir um novo caminho para a Índia pelas ondas do mar que vae singrando, e são as terras do Eldorado oriental as que pensa enxergar da alterosa proa da sua caravella aventureira.

Vasco da Gama, o forte capitão, que a tamanha empresa se abalança, symbolisa a vontade firme e energica do marinheiro, que sem medo ao perigo, trata, expondo a propria vida, de cumprir as ordens superiores. Dissera-lhe El-Rei que d'elle fiava a descoberta da Índia, e o seu animo de honrado cavalleiro impunha-lhe vencer, ou morrer em tal empresa. Os fructos do rude mourejar de mais de sessenta annos de viagens, explorações, e de pelejas vae elle colhel-os, desenvolvendo toda a sciencia e heroicidade, que só pertence ás almas rijamente temperadas na rude e nobre escola do dever, e sem enthusiasmos de philosopho, ou de poeta, a despeito das ondas e das tormentas, das traições de inimigos crueis e ardilosos, consegue, heroico e sublime, desvendar o caminho procurado, regressar ao Tejo, e tornar immorredouro nos annaes da humanidade o nome de Portugal e dos seus illustres navegantes.

Se o vulto de Colombo, pelas vicissitudes da sua vida tormentosa, e pelo brilho da uberrima America subitamente revelada, melhor se presta a ser idealizado, e a crear em volta d'elle uma lenda sympathica, e gloriosa; Vasco da Gama, conservando-se mais humano, é igualmente portentoso, e sem custo pode equalar-se, e partilhar as palmas da gloria e do triumpho.

Longe rivalidades, que o tempo destruiu, Colombo e Vasco da Gama são verdadeiros heroes, que todas as nações podem desassombradamente celebrar.

1492 e 1497 são datas brilhantes nos fastos dos tempos modernos, e marcam o apogeu da gloria na historia das marinhas de duás nações nobres e illustres.

*

* *

Se sobrava coragem, dedicação, e espirito aventureiro aos homens do seculo xvi, difficilientes eram os meios materiaes para levar a cabo os seus ariscados feitos. Em mal construidos barcos afoitavam-se aos perigos do mar embravecido, e como se ainda não fôra bastante andar à misericordia dos ventos e das ondas, a fome, a sede, a funesta influencia de climas doentios, se lhes poupava a vida, roubava-lhes a saude quasi sempre. Sem regras de hygiene para se precaverem de tamanho damno, a agglomeração, os miasmas, a pessima aguada vinham aggravar tanta miseria, e o escorbuto, com todo o seu cortejo de horrores, era o flagello terrivel que vinha dizimar os tripulantes. Tantos morriam rendidos do cansaço e riscos da viagem; naufragavam tantas naus por falta de solidez, ou certa pilotagem; era tal a perda de valores, que mais admira como se porfiava em ir tentar o oceano, para revelar os seus mysterios e segredos.

A descoberta de quasi todos os baixos e parceiros denota o naufragio de um navio. A carreira da India sulcada pelos pesados e riquissimos galeões assemelha-se a um caminho triumphal, onde tudo recorde memorias de alegria; mas ao ouvir os nomes dos rochedos e baixios onde a vaga rebenta temerosa, mais parece uma estrada longa e luctuosa, que de Portugal se estenden ao Oriente, orvalhada pelas lagrimas saudosas dos que lastimaram tão grande desventura.

Por cada nau que naufragava perdia-se valor superior ao de uma villa; mas o animo portuguez não fenecia, porque o esplendor da India o fascinava. Lá havia riqueza, commercio, combates, e victorias; para que pensar no ronco e desconjuntado navio rangendo em lucta com as vagas do cabo das Tormentas; para que temer as calmas, a febre, as feridas, a porcella, e o naufragio, se de tudo a Providencia os protegesse. O mar era o caminho para esse paiz encantador, e o povo, sempre crente e descuidado, objectava: se muitos lá ficavam mortos por essas terras, e mares de Christo, não raros, após viagem tormentosa, aferravam a porto e salvamento.

*

* *

Vamos dizer algumas palavras ácerca dos navios da primeira expedição portugueza aos mares da India.

As *Decadas* de João de Barros, o livro de Fernão Lopes de Castanheda,

as *Lendas* de Gaspar Correia, e os *Lusiadas*, transmittiram até nossos dias a relação minuciosa d'esta viagem, que tanto contribuiu para ser designado o reinado de El-Rei D. Manuel, a idade de ouro da historia portugueza.

De quatro navios se compunha a esquadra: o *S. Gabriel*, nau capitania, onde Vasco da Gama içava a bandeira de almirante, e onde ia de piloto o celebre Pero d'Alemquer; o *S. Raphael*, capitão Paulo da Gama, piloto João de Coimbra; o *Berrio*, capitão Nicolau Coelho, piloto Pedro d'Escollar, e de uma nau de mantimentos, comprada por El-Rei a Ayres Corrêa, de Lisboa, e commandada por um certo Gonçalo Nunes, de quem a historia só conservou memoria do seu nome. Cento e sessenta homens, marinheiros e soldados, tudo gente escolhida, era a guarnição completa da esquadra.

Barreto de Rezende no tratado dos vizo-reis da India diz, que começaram a organizar esta expedição em 1496, e que já no meio do anno seguinte estava posta de verga d'alto toda a armada á espera da ordem de partida.

Estava demonstrado não convir para as viagens de descoberta serem muitos os navios, e de grande tonellagem, porque indo a navegar por mares desconhecidos, e a demandar portos de regiões ignoradas, não convinha os de alto bordo, que mais facilmente podiam encalhar, e que de maior equipagem careciam para a manobra, perdendo-se em caso de desastre maior numero de vidas e valores.

Foi o varinel, ou barinel, o navio que o infante D. Henrique mais empregou nas descobertas da costa da Africa occidental, seguindo-se-lhe depois as caravellas, e outros pequenos barcos de remos, e latiuos. Eram de 50 toneladas as de Bartholomeu Dias, e João Infante quando descobriram o cabo Tormentorio, e agora, sempre de accordo com a regra estabelecida, as naus do Gama foram tambem de modestas dimensões. A *S. Gabriel* media 120 toneis, a *S. Raphael* 100, e era esta a *nau grande em que vae Paulo da Gama*, a *Berrio* 50, e 200 a nau dos mantimentos.

N'aquelle tempo as construcções faziam-se na ribeira de Lisboa, nos estalleiros do Porto, e S. Martinho, cortando-se as madeiras no pinhal de Leiria, e nas mattas da corôa, e dirigindo o fabrico dos navios habeis mestres e operarios nacionaes.

O plano foi riscado segundo as indicações de Bartholomeu Dias, e João Infante, que por já haverem navegado o mar do Cabo, melhor sabiam o que convinha.

A essa viagem tinham ido quatro caravellas do rio de Lisboa, barcos latinos de pequenas dimensões, os quaes tendo encontrado mares grossos, e vento rijo, não se poderam metter afoitos pelo mar do sul com receio de naufragio. Em porfiadas voltas tinham a custo ganho para o sul ao longo dos areiaes do littoral africano, montado o Cabo, mas obrigados pela tormenta ti-

nham arribado a Portugal. Pelo que, certos dos trabalhos a esperar, os navios havim de ser mais fortes e seguros, e aparelhados de modo differente. Apesar das modificações de velame conforme as condições de mar e vento, não eram ainda assim as caravellas, muito razas com as ondas, proprias para lhe resistirem de capa, e muito menos para correr á popa. Estas, e outras considerações nauticas, e algumas para a conservação da saude dos navegantes, contribuíram para adoptar outra fôrma de navio, e aparelho; e as caravellas que tinham figurado brilhantemente até então, quando se tratou da descoberta para além do cabo Tormentorio, cederam o passo aos navios redondos, como foram agora as naus do Gama. Não quer isto dizer terem sido as caravellas postas de parte como inuteis; mais tarde as encontraremos incorporadas nas armadas, e ainda navegando nos seculos seguintes; porém, estabelecido o commercio do Oriente, foi geralmente redonda a nau da carreira da India.

Das informações nauticas de João Infante se arreigou no espirito dos mareantes portuguezes, como regra capital, a presistente idéa de ganhar barlavento, prolongando o bordo de oeste para montar o Cabo, como se concluirá da derrota, que se vae empregar, e depois da propria viagem de Alvares Cabral descobrindo o Brazil, e passando a barlavento das ilhas de Tristão da Cunha; e mais tarde, sempre dominante, ficará archivada nos roteiros dos pilotos portuguezes para a India oriental, entre elles o de Aleixo da Motta, apresentado na *Arte de navegar* de Manuel Pimentel, fidalgo da casa de El-Rei D. João V. e cosmographo mór do Reino, o qual na viagem de Lisboa para o Cabo, na monção de março, aconselha: «tanto que se passar a linha bem amarrado do Cabo das Palmas não se engeite o ló tanto o que o vento der logar até cento e vinte legoas do Cabo de S. Agostinho, e da altura dos Abrolhos, na costa do Brazil, se vá bem a barlavento das ilhas da Trindade, e Martim Vaz, e d'ali ir-se-ha seguindo derrota até altura de trinta graos sul, buscando o meridiano das ilhas de Tristão da Cunha, e estando norte sul com ellas, se dará caminho á nau conforme o vento, e se ha d'ir demandar por altura de trinta e cinco graos e dois terços o Cabo das Agulhas».

Poder-se-ha dizer, que sendo tão util andar de bolina, melhor se prestavam os navios latinos do que redondos, porém estes sendo de maior porte compensavam em vantagens o que se perdia em andar mais folgado, advertindo, que nos fins do seculo xv não havia grande differença de marcha entre navios de pequena tonelagem. Todos andavam mal de bolina serrada, e nas questões de qual se chegava mais ao vento, sendo a perferencia das caravellas, não havia ainda assim tanta differença como da moderna escuna de regata, a um brigue, ou qualquer outro navio só redondo. Bolinar nas oito quartas era já muito regular para aquelle tempo. Por estas razões se convencionou serem redondos os navios.

Tentando reconstruir, servindo de base a tonellagem, o plano geometrico da nau *S. Gabriel* de 120 toneis, adoptamos como unidade de volume o tonel de 7 palmos de altura, e 5 a meio no maior diametro. Pareceu-nos tambem que a tonellagem se referia á capacidade do porão até á primeira tilha, e do modo como se não cumpriu com rigor um regimento de 1570 limitando a tonellagem, entendemos poder admitir esta opinião.

Assim, seria 19^m o comprimento de ré a vante, contando os lançamentos da roda, e cadaste na altura da coberta; 6^m de bocca na casa mestra a qual andava 1^m,5 para vante do meio da quilha; 3^m o chão de caverna em igual ponto; e 3^m o pontal a meio, augmentando o callado de agua para ré, porque sendo a pôpa de painel apoiada no cadaste, viroles, e n'um gio de 3^m, era necessario dar ao navio alguns delgados, para o leme dar melhor governo.

Pelo exame de alguns poucos desenhos das antigas cartas de marear, pela narração dos chronistas cuidadosamente avaliada, e sobretudo pela comparação com os navios estrangeiros, principalmente genovezes, d'aquelle tempo; poder-se-ha traçar as obras mortas, as divisões internas, e o apparelho, e obter assim um plano approximado, e não rigoroso, de como teria sido aquella nau gloriosa.

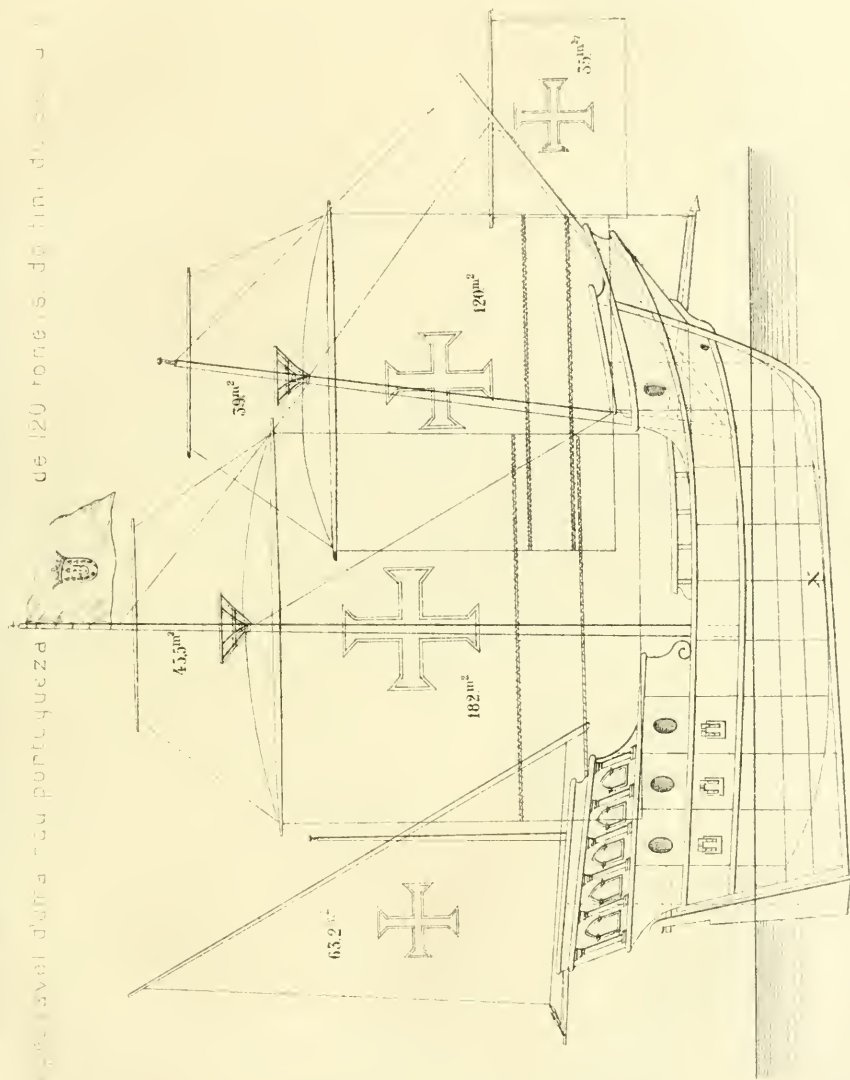
Em 1880, n'um jornal de marinha, publicámos um rapido estudo do assumpto, e tempo depois tivemos conhecimento de não termos andado longe da verdade ao deparar na terceira parte do atlas *Souvenirs de marine* do vice-almirante Paris, com o plano de um navio veneziano do xvi seculo, reconstruido em 1884 por Mr. Eugene Evrard, engenheiro constructor, servindo de documento os desenhos de embarcações do manuscrito de Jacques Davaux, em 1583, e das gravuras de Van der Doort, em 1597.

Melhorando sempre as qualidades nauticas, e a tonellagem, porém conservando o aspecto geral, o velame e apparelho, ainda que mais cuidado e primoroso, julgamos que por largos annos foi vulgar este typo de navio portuguez, e assim o encontramos na taboa de Gôa a Velha do roteiro a Diu do illustre Castro, depois esboçado nos originaes desenhos das *Lendas* de Gaspar Corrêa, e ainda n'uma gravura do seculo xviii representando o *profil de la fameuse ville et port de mer de Lisbonne, capitale du Royaume de Portugal*, offerida pelo barão de Mesnard á Academia de Bellas Artes de Lisboa.

A mais afamada madeira do reino para construcções navaes era então, e ainda hoje, o pinho de Alcacer, madeira de cerne, a qual segundo a opinião dos mestres, sendo cortada em janeiro, e estando enterrada quasi um anno, podia contar-se com barco para durar meio seculo, havendo o cuidado de recorrer o calafeto, limpar o fundo quando regressava de viagem, e de o conservar mettido até á linha de agua carregada, quando desarmado em qualquer porto, para não alquebrar a puxar pelas amarras, ou encalhado em logar se-

Esquema geral d'uma nau portuguesa

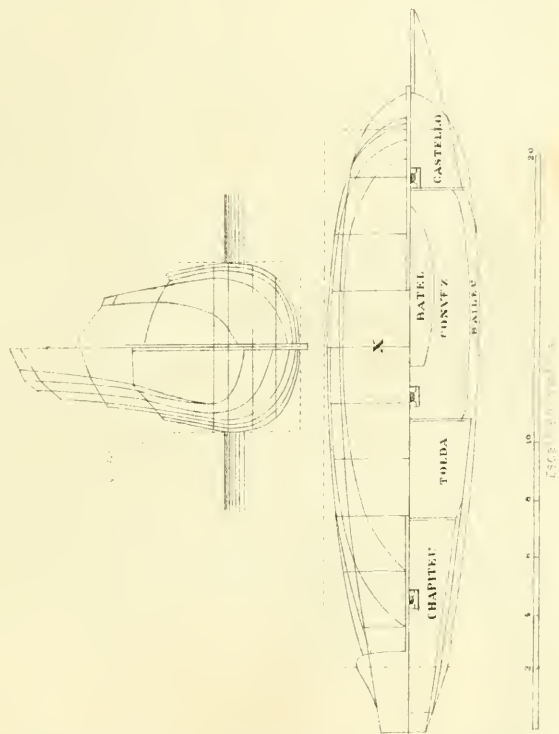
de 120 toneladas do tempo do Brasil



J. B. de Oliveira

Local em metros

Plano provável d'uma nau portugueza de 120 toneladas, do fim do século XV



J. B. d'Almeida

guro. Esta faina demonstra bem as pequenas dimensões dos barcos, e é para notar encalharem as naus de proa á terra, e as galés de proa ao mar. É o que parece concluir-se das taboas de Goa a Nova e Diu do roteiro de D. João de Castro, parecendo ser assim para mais facil lançamento.

Construam ás vezes a ossada de carvalho, porém, os costados, convez, e o resto do navio de pinho ordinario, e algumas taboas de sobro, e todos pregados a ferro, chegando por fim a tanto o desleixo, a má escolha de madeiras e cavillame, que no tempo dos Philippes não existia nau que podesse com mais de duas viagens da carreira da Asia, em quanto as antigas aguentavam dez e doze.

As naus do Gama foram construidas com o maior cuidado, não se desprezando a menor particularidade para que fossem solidas e seguras. A questão de velocidade não figurava no primeiro plano, como condição indispensavel. Deitar de escota folgada quatro a cinco milhas já era bom andar, e as antigas viagens pelo Cabo em que se levava mais de um anno e dia, ainda hoje são memoradas pelo povo.

Para diminuir a inclinação para sotavento tinham a um e outro bordo um grande embono servindo de cintado, e aguentado para o costado por prodigos de madeira, que robusteciam e ligavam todo o casco. As fragatas de carga da navegação do Tejo ainda usam um cintado de madeira e chapas de ferro; porém, em 1782 a nau *Conceição Asia Feliz* tinha um cintado grosso bastante, por cima do qual se podia andar. Mais tarde appareceram os prodigos de ferro dados obliquamente nas cavernas e occultos pelo forro exterior, do que resultou o navio augmentar de resistencia, e livral-o d'aquella especie de berço, que o ligava e opprimia, dando-se ao casco um aspecto mais elegante, e ao costado uma curva mellhor desempolada.

A *S. Gabriel* e *S. Raphael* foram decerto modelos notaveis de navios, onde se encontravam reunidos todos os aperfeiçoamentos de construcção naval, usados n'este reino nos ultimos annos do seculo xv.

Que immensa distancia entre as antigas caravellas e as modernas machinas de combate. Tudo mudou, e até o magestoso aspecto do navio de guerra pouco a pouco se foi assemelhando ao de uma fortaleza fluctuante.

*
* *

Distribuiram a cada nau grande quantidade de mantimentos e sobrecelentes, tres andainas de panno, que então se lavrava nas terras da Maia, ancoras e amarras para substituir as que perdesse, e tanta bombarda e mu-

nições de guerra, como nenhum navio recebera quando se aprestava para combater mouros e gentios.

Aprovisionaram a armada com tanta abundancia como convinha a tão illustre empreza; à marinhagem concederam paga dobrada, e tantos privilegios a quantos se embarcavam, que bem mostrava ser esta expedição de grande interesse para Portugal, e que Veneza dentro em pouco devia ceder a Lisboa as riquezas do commercio do Oriente. Hoje, que vemos no Tejo os enormes couraçados estrangeiros, admiramos como em tão pequenos barcos, que pouco mais eram em tamanho do que uns patachos que por ali vemos fundeados, podessem emprehender tão larga derrota e surgir a salvamento depois de tantos perigos.

Nas modernas escunas, brigues e outras embarcações semelhantes, navega-se com segurança e encontram-se todas as condições de navegabilidade, às vezes em maior escala do que nos grandes navios de combate; porém, não acontecia o mesmo aos d'aquella epocha, que mal podiam chegar-se ao vento, mal apparelhados e de peor governo, de casco curto, largos de fundo, arredondados na popa e na proa, quasi semicylindricos por baixo, com pouca quilha na agua; eram ronceiros, pesados e lentos na manobra, conforme diz Garcia de Rezende na *Chronica d'El-Rei D. João II*. Se necessario fosse demonstrar com argumentos as pequenas dimensões d'aquellas naus, bastava recordar que nos fins do seculo xv ainda se não tinha aperfeiçoado a arte de construir grandes navios, e que durante todo o reinado de El-Rei D. Manuel as maiores naus da carreira da Asia não excediam 400'. A presença de uma embarcação de mantimentos, acompanhando as expedições longiquas, demonstrava satisfatoriamente, bem como o numero de homens de guarnição de cada barco, que não podia exceder de cincoenta no *S. Gabriel* e *S. Raphael*, e vinte a trinta nos outros dois.

O methodo então usado para limpar o fundo, semelhante ao ainda empregado nos hiates e cahiques, requeria as embarcações espalmar em secco. Só por caso de força maior é que davam pendores às naus no mar. Era a manobra trabalhosa, e de serios cuidados para velar pela segurança do navio. Fazia-se das antenas e dos pranchões uma jangada, que se cozia debaixo do costado para o barco fluctuar melhor; e com pesos á banda, arcada no porão e talhas ao mastro grande, inclinava-se sobre outra nau; e tanto que descobriam a quilha, limpavam o fundo, recorriam o calafeto e breavam, ficando assim a nau estanque logo que fosse de todo fabricada. Só depois é que introduziram nos portos de armamento a carena á italiana, inclinando sobre as barcasas, não só por se fazer em mais breve tempo, mas tambem para evitar o excessivo trabalho do encalhe, que mais ou menos damnifica o casco, e ser impossivel applical-o ás carracas e galeões de maior lote.

A fôrma do casco variava com a natureza do navio: de pouca bocca e compridos, de beque alongado e quasi sem teçamento algum na borda quando de remos e bastardós; eram, porém, curtos, de pequeno beque, o capello da roda um pouco inclinado para dentro, a linha da borda em curvas caprichosas, conforme os diferentes pavimentos, a proa e popa acastelladas, as amuradas com grande amassamento, quando o unico motor era o velame.

A ré e a vante eram os castellos mais elevados do que a tolda do navio, porém, não tanto como depois adoptaram para illudir o regimento de 1370 de El-Rei D. Sebastião, o qual não permittia ser nenhuma nau da carreira da Índia superior a 450'. Augmentaram o numero de pavimentos e a altura das obras mortas, querendo assim compensar em pontal, o que não podiam ganhar em bocca e comprimento.

Os resultados d'este abuso eram faceis de prever. De vinte e duas embarcações que em 1591 sahiram para o reino, só duas conseguiram aferrar no porto de Lisboa.

Eram os castellos rijamente construidos e proprios para a guerra. Fechados e guardados por basta soldadesca, qual torre de menagem de burgo acastellado, alli se concentravam as ultimas esperanças de defesa. Protegidos pelas xaretas e pavezes causavam os seus defensores grandes damnos nos contrarios, e não raras vezes aguardando por soccorro, conseguiam alcançar victoria quando a nau era já entrada de inimigos. O combate de Chaul, alguns de que nos conta Bocarro feridos com os inglezes no poço de Surrate e outros, affirmam o credito dos castellos, e quaes baluartes necessarios de escalar e enxurar a risco descoberto, conservaram o seu valor estrategico até quasi ás batalhas navaes de nossos dias.

Chapiteu era a parte mais elevada dos castellos, havendo de um ao outro mareagens e xaretas para a manobra, semelhando um pouco os baileus das naus de poço.

O batel andava dentro a meia nau, tendo a um e outro bordo as antenas de sobrecellente e, algumas vezes, nas pequenas caravellas, atravessado de bombordo a estibordo, de quilha para o ar, entre o mastro grande e o de proa, descancando os extremos sobre a borda, para onde atracava fortemente. Raras vezes andava *atoado* ou a reboque, a não ser em viagens de cruzeiro, para evitar a faina de deital-o ao mar, manobra sempre difficil em navios latinos, que não podendo dar nas vergas os appparelhos, tinham um lambareiro de madeira á borda entre os dois mastros, e uma talha na enxarcia grande, como ainda hoje usam as embarcações de pesca.

Ao batel cumpria o serviço da moderna lancha, pois não só o empregavam na carga e aguada do navio, mas tambem como embarcação de guerra nas occasiões solemnes de festa, exploração ou de peleja. Assim n'um d'elles

á vela e remo foi Nicolau Coelho explorar o rio da Misericórdia, e depois, á busca de aguada pelos esteiros do porto de Moçambique, lá navegou em tom de guerra, armado de dois berços, feitos amparos de arrombadas pela borda, e toldado com uma moneta para livrar a gente das settas do gentio. Levava então de guarnição vinte e quatro pessoas, a saber: o capitão, um piloto mouro, dez marinheiros e doze homens com béstas bem armados. D'aqui se conclue a posse do batel, que em caso de necessidade ainda podia armar mais um falcão e transportar mais bombardeiros para o manejo de artilheria.

Era á proa do batel o lugar de honra; alli receberam os capitães o rei de Melinde quando veio ao mar visitar as naus, para o que os tinham concertado com ramos e pannos de Flandres mui vistosos, e levado uma cadeira de veludo carmezim, com franja de ouro e pregos de prata, uma alcatifa que cobria á proa as xaretas do fundo do batel, e na roda arvorado um guião de damasco branco e vermelho com a cruz de Christo, com franja e cordões de ouro e carmezim.

Levavam além do batel um outro mais maneiro, especie de esquife ou bateira para quatro ou seis remeiros, e que desempenhava o serviço do moderno bote. Esta embarcação andava dentro, era de toletes para remos, e só servia em porto fundeado, acontecendo a Vasco da Gama achar-se quasi perdido n'uma d'ellas ao atracar á nau *S. Raphael* no rio dos Bons Signaes.

O cabrestante era no convez por ante a ré do mastro do traquete, e na faina de suspender gurniam a amarra de linho directamente ao cabrestante. Usavam tambem de talha, ou cabo de ala e larga, e por serem de exigua bitola as amarras não careciam de grande numero de mixelos, como aconteceu depois, andando por isso o cabrestante para ré, porém agora a amarra de ferro e cabrestante de patente, modificaram a velha e classica manobra, conquistando de novo o seu lugar a vante.

A bomba do porão vinha ter por ante avante do mastro grande; a cana do leme e a bitacula avultavam na tolda do capitão, por baixo do castello da popa; e á proa a cosinha, as abitas e o apparelho de gurupéz empachavam o navio.

O leme andava todo por fóra do painel e pouco excedia o cadaste, entrando a cana por cima do gio, por uma enóra para a tolda. Quando as popas tomaram fórmãs variadas, já recurvando o cadaste, já debruçando-se em caprichosas curvas para o mar; o leme foi tambem modificado, e principalmente a fóрма do governo.

O uso de varandas na popa por cima do leme era já d'esta epocha, e, sem sabermos se a *S. Gabriel* teria este commodo melhoramento, é certo figurar nos desenhos de naus portuguezas quincentistas, e até em algumas tão simples, original e mal geitoso, que bem parece inspirado na classica varanda e apendré das velhas casas da provincia.



Quaes seriam as divisões internas das naus e caravellas de 1496? Nada que nos esclareça podêmos apurar a tal respeito que nos merecesse inteira confiança. O porão quasi abarrotado com os toneis da aguada, servia tambem de paiol de amarra, que em largas aduchas sobre elles se colhia. Tão incommoda era esta installação que Vasco da Gama logo que ponde a melhorou em Melinde, mandando fazer «uns tanques de taboas juntas cosidas com fio de cairo, e abetumadas por dentro com breu, os quaes foram feitos por medida dos navios debaixo da coberta, e assentado ao pé do mastro grande, que cada um levava trinta pipas d'agua, e cada nau fez quatro tanques, o que foi grande bom aviamento, porque ficavam as naus despejadas, para mais poderem carregar».

Seguiam-se para vante os paioes do mestre e o dos mantimentos, arrumando-se o resto para ré, por baixo da alcaçova dos bombardeiros, onde naturalmente tambem seria o paiol da polvora, por mais perto ficar da bateria que jogava na alcaçova, e em posição semelhante o dos pelouros e artificios de fogo então em voga na marinha.

No navio, destinado mais a commerciar do que a combater, era o porão livre de anteparas e paioes. Então não eram os porões de todo forrados interiormente, sendo usual revesti-los de esteirões quando transportavam drogas e especiarias. Havia cuidado em deixar clara a arcada da bomba e em armar baileu sobre a carga a granel, para não correr á banda; mas o carregamento chegava avariado e o taboado do fundo apodrecia. Passou-se logo a forrar por dentro e a fazer anteparas volantes para dividir os lotes, e os marinheiros estivadores puderam arrumar a preceito aquelles enormes depositos de riquissimas mercadorias que abarrotavam os porões das nossas naus da carreira da India nas viagens de regresso para o reino.

A camara era debaixo do chapiteu de popa, e no pavimento inferior os camarotes dos officiaes. A guarnição alojava-se em cima e no convez, pertencendo a cada homem um pequeno espaço na coberta, *gasalhado*, para trazer carga de negocio, não permittindo o regimento que pessoa alguma alli podesse fazer o seu alojamento.

Não só nos navios de commercio tinha a equipagem tamanho beneficio. Nas proprias naus de guerra acontecia o mesmo, chegando por fim o abuso a tanto, que com os fardos impediam o jogar da artilheria, acontecendo alguns renderem-se a piratas atrevidos, que quasi a salvo com elles abordavam.

A má construcção e os inconvenientes de sobrecarga foram quasi sempre a verdadeira causa dos naufragios.

*
* *

O convez era pintado de uma côr escura, o roxo terra, uso que alcançou as fragatas do principio d'este seculo e ainda hoje pervalece nas enviadas e faluas da navegação fluvial, e nos barcos de coberta empregados na pequena cabotagem.

De que modo seriam pintados os cascos das naus n'esta viagem de descoberta? Não é provavel que fossem de côres vistosas, que em pouco tempo soffreriam avaria. Era util que preservassem a madeira do sol e chuva dos climas que tinham de atravessar e da acção continuada das ondas, ora erguendo-se em brando cachão de encontro ao talhamar que as separava em dia de bonança, ora batendo denodadas na amura de barlavento em tempo de tormenta, a que a nau resistisse de capa rigorosa.

Não ficará agradavelmente surprehendido quem imaginar o contrario, ao dizer-se, que julganos afirmar com rigor historico, que as naus do Gama eram embreadas. Não primará de certo em bom gosto o negro aspecto do costado, porém era uso portuguez de velhos tempos proteger a madeira d'este modo.

Os venezianos pintavam de branco o costado do navio com cintados amarellos, e por dentro de vermelho, bem assim as ancoras, cestos de gavea, mezas de enxarcia e poleame. É possivel que os portuguezes empregassem eguaes côres nas camaras, amuradas, e em alguns verdugos e alcaixas; e ao que parece, por fôra, nas bochechas de um e outro bordo, um pouco acima da linha de agua, e em dois triangulos brancos cujas bases era a roda, e os vertices de encontro ao cintado nas amuras, pintavam uns olhos para dar ao casco uns longes de animal marinho temeroso. Este uso é ainda dos cahiques e embarcações fluviaes, e na variedade da côr e do desenho espraia-se á larga a phantasia do pintor.

Nos seculos seguintes começa a apparecer o emprego de côres mais variadas, sendo as mais vulgares o amarello, o negro e o vermelho. No principio do seculo xviii a *Real Príncipe da Beira*, de 37 bocas de fogo por banda, e 2 guarda-lemes, demandando 22 pés a ré, tinha a alcaixa amarella, o cintado preto, a linha de agua branca, os batentes e as portas da bateria pintadas por dentro de vermelho.

De 1774 a 76 ainda os navios portuguezes da esquadra do sul, do commando do chefe Roberto Macdovall, traziam as alcaixas amarellas, começando

talvez a apparecer alcaixa branca nas baterias da tolda das fragatas, para disfarçar a altura dos castellos, adoptando-se depois para as naus como vemos no modelo da *Conceição Asia Feliz*.

No museu de marinha, que temos visitado para nos auxiliar n'este trabalho, nota-se quasi completa ausencia de tudo que possa ter relação com a epocha das descobertas, a mais gloriosa da marinha. Nem um só modelo ou plano dos nossos navios do seculo xvi; nem uma só bandeira que tivesse tremulado nos mastros de uma audaciosa caravella, ou um pendão que hasteado em distantes terras tivesse assistido á homérica epopéa das conquistas. Nem uma carta de marear, uma bussula, um astrolabio de qualquer dos ousados navegantes; nem sequer uma armadura ou uma espada dos heroicos guerreiros portuguezes.

De tanta batalha naval contra tantos inimigos, de muita bandeira, artilheria e armamentos apresados, nem um trophéu se encastella n'uma sala de honra, como prova material das victorias d'esse tempo. Se não fôra a fama a celebrar tão altos feitos, e as colonias que nos restam attestando o antigo poderio, talvez já tivesse esquecido a extranhos mais poderosos, de que Portugal tambem fôra grande, rico e poderoso.

De tão importantes collecções grande parte de certo se perdeu. É impossivel que não tivessem existido, senão em museu especial, pelo menos espalhadas pelo reino, de modo que fosse possivel colligil-as. Não deve esquecer que a perda da independencia, o terremoto, as invasões estrangeiras, a partida da côrte para o Brazil e a extincção das bibliothecas dos conventos, foram factores capitaes para esta pobreza lastimosa.

Só a contar do seculo xviii, ou melhor do reinado de D. Maria I e fundação da Academia de Marinha, é que o Museu possui alguns modelos primorosos, porém, alguns ha que apesar de excessivamente vistosos pelos ornatos e dourados, não merecem pleno credito, porque tendo sido por varias vezes restaurados, querendo melhorar, teem commettido anachronismos.

O mesmo diremos de alguns monumentos que, devendo ser fontes da historia, contudo os elementos que offerecem a quem cuidadosamente os consultar, não deixam o espirito satisfeito, e em questões de marinha em geral o erro é certo. Que idéa poderá fazer do navio moderno quem d'aqui a tres seculos consultar o brazão da cidade de Lisboa, e lá encontrar representada uma barçaça, que lhe parecerá de rigor historico, e que coisa alguma tem de verdadeiro?

Como oxcepção conhecemos uma lapide Entre-Campos, em qua está em relevo, figurada uma fragata á vela do começo d'este seculo, que foi, decerto, desenhada por mão de marinheiro.

Visitámos o monumento de Belem, e, n'aquella epopeia de pedra, erguida

à memoria dos nossos mais ousados navegantes, esperavamos encontrar maior auxilio. Baldado foi porém o nosso empenho. Encontrámos no claustro do norte, no segundo arco, contando de oeste, a figura de um navio, que pomposamente nos disseram ser a nau do Gama. É possível que em tempo alli estivesse a *S. Gabriel* gozando hora semelhante á nau *Argus* no firmamento; porém a que hoje lá existe, talvez em logar da outra, é uma restauração moderna de mau gosto, feita por quem, sabendo um quasi nada de marinha, imaginou talvez que só pelo brilho da idéa, podia muito bem prescindir da fórma. Logo á primeira visita o engano é manifesto. É uma fragata de casco, que faz lembrar as galeotas e urcas hollandezas, os mastros de igual guinda, velame e apparelho, envergando uma mesena em carangueija, e içando á proa duas velas. Parece querer ser um navio de 1800; triste substituição d'aquelle que com tão grande empenho procuravamos.

Só nos *Lusiadas* de Camões, publicados pelo visconde de Juromenha, é que vem um desenho dos navios de Vasco da Gama, que nos leva a crer deviam ser assim, não só pelo aspecto, e alguns detalhes de bandeiras e manobras, mas por terem sido copiados de um manuscripto de 1558, o qual estava em poder do sr. Francisco Bertrand.

Ha pouco no mercado vimos um livro onde estavam representados, se bem nos lembra, navios desde a *S. Raphael* até ás armadas de 1524. Eram umas humildes aguarellas, onde a miudo se repetia o mesmo typo de navio, e pelas quaes pediam uma quantia de valor. Apresentavam a nau que já conheciamos, e que fôra á descoberta, e uma série de simples casos de viagem, parecendo querer o seu auctor illustrar modestamente algumas das lendas de Corrêa. Causou-nos surpresa vêr a *Flor de la mar*, o magnifico navio de Albuquerque, igual á nau de 1497, e apesar de saber que o aspecto se tinha conservado, fez-nos pensar se tal trabalho seria pouco rigoroso.

Diversamente avaliado foi difficil achar logo comprador. Em todo o caso confirmava o desenho mandado fazer por Jorge Cabral da primeira armada que passou á Índia.

No paço dos Vizo-Reis, em Goa, houve uma galleria de quadros das armadas portuguezas, que lá foram, e os nomes dos seus capitães e almirantes; porém, de tão grande subsidio para o estudo da archeologia maritima nacional, pouco mais resta do que a memoria de lá terem figurado.

N'alguns mappas de navegação, que trazem barcos aprofados a differentes rumos, são aquelles em geral de velas e cascos tão extravagantes, que para muitos seria maravilha fluctuar. Quanto mais livros e portulanos se cotejam, mais duvidas se levantam acerca do que seria a arte do mar n'aquelle tempo; portanto, seguindo na esteira de seguro piloto, para nos levar a porto e salvamento, limitámos a consulta a um numero reduzido, e a não serem algumas

chronicas e mappas nacionaes, o livro das fortalezas por Duarte d'armas, as illuminuras do livro dos Mysticos d'El-Rei D. Manuel, pertencentes ao Archivo da Torre do Tombo, prescindimos de muitos outros para colher algum proveito, ainda que fosse limitado.



Como seria artilhada a nau *S. Gabriel*, e qual seria o armamento dos seus soldados e mareantes? Foi Gil Eannes o primeiro que usou a bordo artilheria, naturalmente alguns pequenos trons e bombardas á amurada, atracados sobre um estrado de madeira, e que de pouca importancia então seriam, desempenhando nos combates o principal papel a arma branca. De Portugal o uso foi-se vulgarizando nas marinhas estrangeiras, modificando e aperfeiçoando cada um a sua installação, crescendo o numero de peças e calibres, e adoptando nós ora o ferro, ora o bronze como o metal, ou liga mais apropriada para o seu fabrico nos arsenaes e fundições do reino.

Na epocha de D. João II causou grande espanto a idéa de guarnecer as caravellas com peças de grande calibre, e mais ainda os tiros razantes ensaiados nas aguas de Setubal. Já a esse tempo a nossa artilheria era quasi toda de bronze, e nos reinados seguintes, mais de uma vez os narradores das victorias dos portuguezes no Oriente louvam a sua superioridade sobre a artilheria dos mouros, a maior parte da qual por ser de ferro jogava com menor furia e menos damno.

Nos galeões de D. João III as peças reforçadas, meios canhões, espheras e colubrinhas guarneciam as baterias da amurada, armando os castellos de vante e ré, berços, aguias, sacres e falcões.

Nos pequenos navios os falconetes, bombardas, passavolantes e pedreiros eram o armamento mais vulgar. É provavel que os do Gama tivessem artilheria semelhante. O que é certo é que os bateis da frota armavam com berços-espingardas, e que foi com elles que primeiro salvou ao rei de Melinde, respondendo os nossos navios com outra tal obra até tirarem as *camaras de artilheria*. (*Asia de João de Barros—Impressa per Germão Galharde em Lisboa: a xxviij de Junho de mvlj—Fol. 46 v.*)

As peças de carregar pela culatra estavam em voga, distinguindo-se no seu manejo os bombardeiros allemães. O obturador era o mais simples possível: um cylindro de ferro, *camara* onde estava a polvora, movendo-se sobre uma calha na direcção do eixo, e aguentada na sua posição por uma cunha.

Cada peça era municida com tres *camaras* previamente carregadas. Salvavam os bateis com as *camaras* postas por fóra pela borda, para que o tirar das peças não fizesse mal á embarcação. Em viagem larga traziam a artilhe-

ria grossa desmontada e arrumada no porão, para com o balanço não alluir o calafeto. Em porto fundeado voltavam á bateria, e nas salvas deitavam alguns pelouros para o mar, os quaes iam dando ricochetes pelas ondas. Os navios latinos armavam as peças nos castellos apontadas para a proa, porém, crescendo o numero de canhões, as naus guarneceram pelo travez os costados de um e de outro bordo.

Mudou a tactica de combate, e se os tiros grossos da alcaçova eram em numero limitado, não assim os berços e pedreiros pela borda, e até um ou outro na gavia, em navio mais possante.

Os projectis usados eram os pelouros de pedra e ferro, soffrendo os mouros de Calecut os seus terriveis effeitos logo na seguinte viagem de Cabral, que lhe bombardeou e varejou a cidade durante dois dias, levando o terror a toda a costa do Malabar.

Os pelouros de pedra attingiram largas dimensões. Em Odivellas ha um proximo da porta do mosteiro, que D. Alvaro de Noronha trouxe ao reino, por ser d'aquelles com que os turcos lhe combateram a fortaleza de Ormuz, sendo elle capitão em 1557.

O armamento defensivo dos tripulantes ainda não attingira os esplendores da renascença. Eram as couras de laminas, os saios de malha, os elmos que tinham ido ás guerras de Africa nos reinados anteriores, e só algum capitão mais favorecido da fortuna vestia o peito de aço reluzente. A lança e a espada, a bēsta e o machado serviam ao ataque e á defeza.

Nos combates contra as naus de Meca, as panellas de polvora e alcanzias de fogo abrazavam os inimigos, preparavam as abordagens, e foram sempre de grande valor em quasi todas as pelejas. Quando os zambucos, almadias, paráos, e outros bateis de mouros abordavam o costado, tentando levar as naus á viva força, os tiros das bēstas e pedradas iam-lhe quebrando o impeto, e os golpes das lanças e espadas derribavam os mais ousados na subida, até que começando a retirada melhor podia jogar a artilheria, e pagar-lhes bem caro a audacia de atacar os navios portuguezes.

Os combates navaes na India são una das paginas mais brilhantes da historia patria, e por si só bastariam para illustrar uma marinha que não tivesse colhido os louros de tantas glorias em tamanhas descobertas.

*
* *

Na composição das equipagens dos navios do seculo xvi, estava definida a differença entre o homem de armas e o mareante. O primeiro, especialmente destinado a combater, era o soldado de todas as pelejas, o que corria

no mar e em terra o maior risco dos combates. A bordo o marinheiro empregava-se na manobra, na carga, nas embarações miudas, no governo do leme do navio, e como auxiliar arremessando da gavia os dardos e projectis; ou fisingando os harpeos e saltando á abordagem dos navios inimigos.

No combate terrestre poucas vezes toma parte como figura principal. A vanguarda pertence sempre aos fidalgos e á mais luzida soldadesca, e o maior peso da batalha é sustentado pelas espadas e lanças d'esses destemidos combatentes.

Quando as mangas de espingardeiros começam a apparecer em campo, são ellas quem preparam a carga decisiva, e a lança e a espada lutando pelo antigo esplendor, já antevê que em poucos annos será a arma de fogo quem decidirá da sorte da peleja.

A maruja raras vezes saltava em terra, a não ser para divergir a attenção dos atacados, ou para tomar parte no saque e incendio dos logares, onde os barbaros costumes de guerra d'aquelle tempo, tinham concedido escala franca, como incentivo ao valor dos assaltantes.

É o que parece concluir-se da descripção de alguns recontros, e em especial da batalha de Diu; e até do armamento, o machado, usado pelas guarnições não ser considerado arma nobre, por ser o seu verdadeiro fim arrombar fardos e caixas nos navios apresados, e falso o pretexto de servir para cortar enxarcias, se poderá imaginar com fundamento não ser gente assim armada a mais propria para entrar em guerra, senão depois de andar a lucta bem travada, e a desordem começar a lavrar nas fileiras inimigas.

Parece que no alardo das guarnições entravam elementos mui diversos. Quando as galés, fustas e outras embarcações de remo foram os verdadeiros navios de guerra, a força mais poderosa das esquadras, entre a miseranda chusma de remeiros, avultava grande numero de captivos de nacionalidades differentes, e decerto não merecia confiança para receber armas e usal-as, quem andava acorrentado ao banco da galé. Nos navios de vela, para servir nos trabalhos mais pesados da manobra, eram muitos os escravos africanos, e portanto não admira ser o soldado o elemento principal de todas as empresas, porque em verdade, o soldado era o verdadeiro portuguez aventureiro que marchava impavido á conquista de além-mar.

Foi assim quando além de navegadores tivemos necessidade de desembarcar para combater adversarios poderosos, muitos, e ao mesmo tempo em logares longiquos; e para firmar e defender o imperio e o commercio tivemos que guarnecer e guardar armadas, fortalezas, feitorias e presidios que o incrível esforço lusitano escalonára como sentinellas vigilantes por todo o littoral da Africa e Asia, desde Ceuta até muito além do cabo Comorin.

Não assim nos primeiros tempos das descobertas, desde a de Porto Santo

até á do caminho para a India. Alli é que está bem em relevo o verdadeiro marinheiro, o character e rija tempera da velha raça lusitana. Se um ou outro estrangeiro figura entre os nossos mareantes, é bem certo que os pilotos portuguezes, os nossos algarvios, os marinheiros e pescadores de toda a costa, podem sem receio comparar-se aos que então havia de melhor.

É um estudo a fazer, e uma obra verdadeiramente patriótica, tornar conhecidos os nomes e os serviços dos pilotos *nacionais*, por ser d'esses obscuros trabalhadores a principal gloria das viagens e descobertas.

Se a historia registou o nome do capitão que realizou qualquer honrado feito; se como agora celebramos o nome e a fama de um dos nossos mais illustres marinheiros, é justo não esquecer os de Pero d'Alemquer, Escollar, João de Coimbra, os habeis e illustrados pilotos dos celebrados navios portuguezes.

*
* *

Chegámos á questão de maior importancia, e que de todas se nos afigura a mais difficil: o apparelho dos navios.

Em quanto as caravellas andaram encarreiradas na viagem da costa da Mina, as velas latinas foram as que se julgaram mais proprias para tal navegação, fazendo-se astuciosamente divulgar por toda a Europa, que as embarcações redondas não podiam romper para barlavento contra as correntes do golpho da Guiné.

Nenhum piloto estranho era perfeito conhecedor dos barcos de latinos, e pelo receio exaggerado dos perigos da derrota, raro era o navio que se aventurava a ir tentar a empresa. Á sombra da fabula ia lucrando o monopolio do commercio, e nova lenda qual fôra a do cabo Bojador, ainda no reinado de D. Manuel o venturoso, afastava do trafico da Mina os navegantes estrangeiros.

Depois começam a apparecer os navios semi-latinos, içando no mastro de proa um velacho e redondo, outros só o velacho, e as mais das velas, que enfunavam nos quatro mastros que traziam, eram triangulares, sendo a da mesena tão pequena, que pouco menor seria a de uma lancha.

Dois annos antes das naus do Gama, era assim, segundo a opinião de Jal, que apparelhava a caravella de Colombo quando descobriu o novo mundo.

É a estes navios, que mais rigorosamente se pode applicar a expressão *estar posta de verga d'alto* a armada, querendo dizer-se que estava prompta para partir; porque sendo as vergas de latinos andavam arriadas, e era necessario içal-as para poder largar e orientar as velas.

As vergas do traquete, e a maior dos navios redondos, arriavam sobre a borda, para o que tinham apparelho especial.

N'um curioso livro de aguarellas existente na bibliotheca da Universidade de Coimbra (livro que tem por titulo *Tabóá d'alguns logares da costa da India*, e de cujo auctor não está bem averiguado o nome) encontramos o desenho de varias galês, galeões e fustas portuguezas, e entre os navios de uma esquadra fundeada, os redondos teem a verga grande arriada sobre a borda, e os latinos as vergas nos palanques (isto é, arriadas a meio mastro ficando paralelamente ao horizonte): vistosas e variadas bandeiras e flamulas adornam os mastros dos navios, e nos toldos das embarcações de remos, em alguns, figura pintada a esphera armillar de D. Mannel.

A *S. Gabriel* e a *S. Raphael* eram de tres mastros; o do traquete no castello de proa, o grande a meio, proximo da tolda do capitão, e o da mezena no chapiteu da popa, sendo o do traquete um pouco cahido para vante. Cruzava cinco vergas; duas de papafigos, duas de gavea, e no gurutpez a cevadeira. No mastro da mezena içava uma vela latina, a qual caçava fóra da grinalda n'um *botoló* fixo, aguentado para o mastro pelos amantilhos, e com vergueiros para um e outro bordo.

Os mastros grande e do traquete eram inteiriços, tinham cestos de gavea redondos, incapellavam por cima, não havia claras de gavea, subindo a guarnição por fóra pelas arreigadas, cozidas em dois malhetes dados na enxarcia real, na altura da romã.

Os cestos de gavea eram, em alguns navios, semelhantes aos verdadeiros cestos, servindo para dentro d'elles se ferrarem as velas de gavea, isto é, o panno de que hoje se faz camiza no terço, abafava dentro d'elles. Creio não ser portugueza esta manobra, só possível nos mastros inteiriços, usando nós ferrar a vela de encontro á verga, e quando o vento refrescava arrial-as ao convez.

Na frota de Cabral, por as naus serem de mais porte, já traziam mastareos de gavea. A de Sancho de Toar ia desarvorada d'elles, que lh'os levára o vento com as velas, quando a capitania a aviston apoz o temporal em que sossobraram as de Bartholomen Dias, Simão Pina, Gaspar de Lemos e Vasco d'Athayde. As pégas eram rectangulares, e só o mastareo de gavea tinha galope, onde se arvorava a signa de almirante, ou a real.

Os fuzis de enxarcia eram de corrente e o massame de linho, fornecendo-se depois em Melinde de amarras e enxarcias de cairo por serem de melhor tença do que os *cabres*. Os mastros não tinham brandaes, servindo as adriças das velas para aguental-os, porém, para não tornar mais prolixo este artigo, e pelo que fica dito se fazer uma idéa geral do apparelho, não fallaremos dos enxertarios, dos cabos de laborar e seus retornos, que requeriam só para si um tratado especial.

O aluamento das gaveas era immenso, ficando a esteira superior ao cesto; porém, nas outras velas nada havia de notavel a não ser a cruz da ordem militar de Christo, pintada nos papafigos, mezena e cevadeira, tendo esta ultima, proximo da esteira, uma semelhança de embornaes para dar sahida á agua, que ficava no bolso do panno quando o navio caturrava.

Os papafigos tinham duas forras de garrunchos por baixo, parallelos á esteira, e collocada a primeira a um sexto da guinda, e a segunda com intervallo equal. Serviam para diminuir-lhe a superficie, sendo a manobra de agarrunchar as velas equivalente á de rizar. Todas as velas faziam grande bolso, cujo fim era levantar a proa do navio quando enfunadas por vento de feição. De bolina alavam as bolinas as testas para vante, pois d'outro modo logo ficava a vela a panejar ou sobre o mastro, á mais insignificante guinada para barlavento.

As escotas eram dobradas e as amuras singelas, porém de maior bitola, amurando o traquete para um pau de amura, que sahia pela proa fóra inclinado para o mar, e terminado por um ferro de lança, talvez o picapeixe.

A *Berio* era uma caravella latina e, portanto, diversamente apparelhada.

N'um dos corredores da Academia das Bellas Artes em Lisboa ha dois quadros antigos, que muitas vezes nos indicaram como documento a consultar; um representando a partida de S. Francisco Xavier para a India em 1543, e outro a barra de Goa, onde ha desenhos de navios. São do principio do seculo xvm, mas ainda assim aproveitaveis para uns detalhes de apparelho. Navios *parecidos* com as naus do Gama podem ver-se alguns n'uma gravura, copia de uma miniatura da vista de Lisboa e margem direita do Tejo até á foz, segundo um desenho do seculo xvi feito por Simão Beninc no manuscrito n.º 12:521 do *British Museum*, publicado no tomo 1 das *Rainhas de Portugal* do sr. Fonseca Benevides.

Calculámos em relação á superficie immersa da casa mestra 12^{m²}, a area total do velame da nau *S. Gabriel*, e achámos 484^{m²},75, isto é, uma relação de 40,39. É em verdade uma superficie de panno consideravel, mas de accordo com o que devia ser. Nos bojudos brigues do meado d'este seculo ia a relação até 45, e nas embarcações de regata de hoje, algumas além de 50. Note-se mais que, só as velas mestras, isto é, os papafigos, eram panno de reger, e as mais de compasso, desaparecendo debaixo da gacheta ao mais leve pronuncio de mau tempo. Ao traquete, agarrunchado nos ultimos, restava uma superficie de 80^{m²}, com elle fugiam reforçando o mastro e peando as enxarcias por cima da verga; e se ainda assim era de mais, podia abafar-se um punho, ou no terço, e como remedio final arrial-o, tomal-o, e correr em arvore secca.

Já dissemos eram de mau governo as embarcações redondas. É vulgar lèr nas chronicas, que mais de uma nau teve de picar o mastro do traquete

e arrazar o castello da proa, para poder aproar ao mar e resistir ao temporal. Os navios de pequeno lote, quando podiam fugir ao tempo, sem as ondas lhe galgarem as alhetas, içavam uma *moneta* ao pé do mastro, que alguns dizem ser uma vela triangular como a polaca, ou um bolso do traquete, e assim o dá a entender Jacintho Freire quando falla da galveta em que Antonio Moniz passou a Diu, a dar noticia da frota de soccorro, que ficava arribada em Baçaim.

Os traquetes de gavea tomar manda, de que falla Camões nos *Lusiadas*, parece-nos acharem a sua explicação no apparelho e manobra, que vamos indicando. Já imaginámos serem os *rizes*; hoje, porém, estamos convencidos serem os *traquetes de gavea* as pequenas velas superiores aos papafigos, e *tomal-os* a manobra de *ferrar*. Assim devia ser, pois o poeta diz ter o mestre mandado amainar a *grande vela*, e não é de habil manobreiro rizar a gavea, para logo, logo, não ter onde a caçar. Quando Gaspar Corrêa nos conta das embarcações da India, falla dos rizes como de coisa nova; é possível que nós de lá os adoptassemos como mais appropriados, em logar das passadeiras de garrunchos. Annos depois é que as velas começaram a rizar pelo gurutil de encontro ás vergas, e as gaves tiveram rizes por se terem transformado em panno de reger. Os joanetes, quaes antigos *traquetes de gavea*, ficaram com manobra semelhante. Como curiosidade, recordaremos, que na primeira viagem á India, quizeram os arabes de Mombaça picar as amarras aos navios portuguezes; porém, na de Alvares Cabral, em que já iam prevenidos para o que podesse acontecer, usaram os nossos de um bocado de corrente desde a abita até debaixo da linha de agua, precaução que depois se tornou habitual, porque embora conseguissem illudir as sentinellas, a nau não soffria o menor damno, e ficava portando pela corrente, enquanto se não largava um outro ferro.

*

* *

Não está perfeitamente esclarecida a questão de qual seria a bandeira usada nos navios. Parece que traziam bandeiras diversas, e pelos desenhos mandados fazer por Jorge Cabral a da *S. Gabriel* era a real branca com o brazão das armas do reino, e a de Paulo da Gama branca quadrada com a cruz da ordem militar de Christo. As mais vulgares são bandeiras ou pendões farpados brancos com a cruz vermelha, o que não quer dizer não fiquassem a par d'ellas muitas outras.

Ahi por 1510 é grande a variedade, e além da real e das de Christo, apparece a das quinas, branca debruada de vermelho, com as cinco quinas azues redondas, dispostas nos vertices, e cruzamento das diagonaes do rectan-

gulo branco da bandeira. Cada governador, ou capitão mais conhecido, tem a sua signa especial, trazendo-a içada n'um mastro avante do tendal das embarcações de remo. No tope grande das de vela a mais usual é a das quinas.

Tem cada cidade o seu pendão particular, que arvora nas frotas armadas á sua custa; são tão varias as flamulas e insignias das esquadras do mar Roxo, Indico, Oceano e guarda costas contra os mouros, que difficil se torna precisar o que seria a verdadeira bandeira nacional içada por todos os navios.

Das *Lendas* de Gaspar Corrêa se pode colligir um grande numero de indicações a tal respeito, bem como de pavilhões de rumes, turcos do Egypto, de Cambaia, mouros e outras inimigas.

A *Taboa d'alguns logares da costa da India*, existente na Universidade de Coimbra, e anteriormente já citada, é um documento de valor, e lá vemos navios trazendo tres flamulas, todas verdes ou vermelhas, içadas a par no mastro grande; pendões farpados amarelllos, ou amarelllos e vermelhos; bandeiras azues com cruz branca e quinas tremulando n'uma vara vertical dada na pena da verga grande latina de um navio, e até alguns guíões, bandeiras e pendões com a cruz de Christo, erguidos nas muralhas da praça de Diu, durante o cerco, documento raro, e talvez o original, pintado a aguarella, do que serviu para a reproducção da taboa que vem gravada no roteiro de D. João de Castro, publicado no Porto em 1813.

Esta confusão de bandeiras, difficil já agora de tirar a limpo, prolongou-se por largo tempo. Ainda durante o seculo XVIII são varios os pavilhões da marinha. No mappa de G. Van Keulen, de Amsterdam, do *Atlas nouveau contenant les parties du monde par les meilleurs geographes modernes*, tom. IX, par Jean Covens e Corneille Mortier, na Bibliotheca de Marinha; e no *Dictionnaire de marine*, publicado por Pierre Brunel em Amsterdam em 1701, colligido por Aubin, e offerecido ao conde do Santo Imperio, barão de Aldenbourg, é onde se podem estudar varias modificações.

Do mesmo modo que no exercito ainda hoje são differentes as côres dos estandartes da cavallaria, assim, por muito tempo, se usou para as forças militares de mar e terra.

A adopção de uma só bandeira nacional a bordo parece ser do seculo XVIII, e agora a bandeira azul e branca com o brazão de armas do reino dividindo as côres, é igualmente içada nos navios de guerra e nos mercantes.

*

* *

Estamos quasi chegados ao fim d'este trabalho, e descriptos os navios, resta dar uma breve noticia dos instrumentos nauticos e da maneira de navegar d'aquelle tempo.

Na epocha do infante D. Henrique os varineis iam navegando costa a costa, e determinavam a posição dos logares onde surgiam, governando-se pelas estrellas e pela distancia ao porto de partida. As conhecenças das terras, as vistas e as sondagens, eram o mór cuidado dos pilotos, o magno subsídio archivado nos roteiros para melhor poderem navegar.

Godinho Heredia diz no seu livro *Malaca, India oriental e Catay*, cap. xii, que a agulha de marear fôra adoptada em Portugal pelo infante D. Henrique em 1450. Aventuraram-se os pilotos á viagem larga, e se algum mais atrevido descobria uma ilha ignorada, determinava a sua posição na carta pelo rumo magnetico e distancia a qualquer ponto conhecido. Podiam já ir procurar terras de que só houvesse uma vaga informação.

Nas antigas cartas maritimas podemos observar um grande numero de rosas de ventos, de côres diversas, e as linhas dos rumos prolongadas, cruzando-se mutuamente, e marcando de um modo approximado o caminho a seguir entre os varios logares do mundo conhecido.

Á medida que as descobertas foram avançando para o S, e conhecida a brisa de Cabo Verde, as calmas do golpho de Guiné, o geral do SE, e sobretudo o cabo da Boa Esperança, fizeram os pilotos derrota differente, e querendo fugir das calmarias do golpho e ganhar barlavento, tanto deitaram para W, que descobriram o Brazil.

Este facto pode-se admittir como derivado dos anteriores descobrimentos de Colombo, pois estando provado haver ao occidente terras, era provavel que se prolongassem para o S. Accrescia ser vantajoso continuar no bordo de W para melhor ir de bordada larga montar o Cabo; e sem pensar em ter ou não havido instrucção especial para procurar a nova terra pelo S; parece natural que um navegador experimentado tivesse desejos de seguir na bordada mais alguns dias ao rumo do poente, e demais, sem perder caminho, e a fortuna lhe tivesse confirmado as previsões.

Cabo Verde era escalla obrigada de todas as viagens para o S.

Nas viagens para a Mina e Congo tratavam de se aguentar tanto para barlavento, que ainda alcançou os nossos dias o conselho de que quem queria demandar Loanda, para não varar o porto, devia primeiro avistar Benguella.

Grandes foram os enganões devidos a este modo de navegar, e maiores ainda os da estima, em que sem ter em conta as correntes do oceano, com pouca fê determinavam o ponto no mar largo; porém, diz João de Barros, como a necessidade é mestra em todas as artes, em tempo de El-Rei D. João II foi por elle encommendado a mestre Rodrigo e Josepe Judeu, ambos seus *medicos*, e a Martim de Behaim, discipulo de João de Monte Regio, que estudassem a maneira de ensinar aos navegantes um methodo seguro de determinar o ponto sobre a carta.

Resultou de seus estudos a invenção do astrolabio; fizeram as taboas de declinação do sol, e o calculo da altura meridiana, modificando completamente a navegação, e abrindo novos horizontes á sciencia e ao commercio.

Apezar do merito da descoberta e da verdade da theoria, na pratica era difficiloso trabalhar com o astrolabio e obter um resultado rigoroso; demais sendo os navios pequenos, que pelo continuo arfar não deixavam permanecer sem oscillar o instrumento.

Navegava-se já com mais primor, e para demandar os portos enchiam a latitude e corriam no paralelo até dar vista da terra procurada. Era desconhecido o calculo do horario, nem se inventára ainda o relógio guarda-tempo, de modo que para a navegação de leste oeste se pretendia aproveitar as indicações da agulha, querendo pela variação determinar a longitude.

O cabo das Agulhas foi assim denominado porque alli, n'aquella epocha, a agulha filava o norte verdadeiro.

Em 1513 ainda o infante D. Luiz mandava estudar a largura do nascimento do sol em varias latitudes e conhecer a variação.

Usavam-se novos instrumentos astronomicos, e o de sombras, inventado pelo dr. Pedro Nunes, afamado mathematico, e feito por João Gonçalves, servia para alcançar a elevação do polo a toda a hora do dia, e a verdadeira variação que fazia a agulha, e pela variação a longura das terras e differença de meridianos.

Estudou-se o correr das agnas e dos ventos, a amplitude das marés e a epocha mais propria para as derrotas. A meiado do seculo xvi já a viagem da India por dentro, ou por fóra de Madagascar, e era esta a mais difficil, se fazia com segurança relativa.

*

*

*

Cinco mezes havia já que Vasco da Gama partira de Lisboa, quando aportou á bahia de S.^{ta} Helena para fazer aguada e tomar a altura. Havia a bordo alguns astrolabios de latão, porém, o de mais confiança era um de madeira, de tres palmos de diametro, o qual armavam em tres paus á maneira de cabrilha *por melhor segurar a linha solar, e mais verificada e distinctamente poderem saber a verdadeira altura.*

Auxiliada por tão rudes instrumentos, pela pratica de Pero d'Alemquer, e pela sciencia do judeu Zacuto, que muito aconselhára esta derrota, chegou a frota portugueza a Melinde, depois de ter ancorado em Moçambique e Mombaça, e de soffrer mil trabalhos e tormentas, que por serem já sabidos não os

diremos. O grande empenho de encontrar piloto, que lhe desse novas da Índia desejada, pôde finalmente ser realizado.

É a Malemo-Canaqua, um mouro guzarate, que Portugal deve grande parte da gloria de tão illustre descoberta.

Mostrou-lhe Vasco da Gama o grande astrolabio que levava, e o piloto mouro não se espantou, dizendo: que os navegantes do mar Roxo usavam de instrumentos de latão de fôrma triangular, com que tomavam alturas do sol e das estrellas; mas que os mareantes de Cambaia sabiam guiar-se pelos astros, e observavam por instrumentos muito mais perfeitos. Maravilhado ficou então o nosso Gama, e mais ainda quando viu uma carta de toda a costa da Índia, arrumada ao modo dos mouros em meridianos e paralelos, e para não perder a occasião, que pela primeira vez lhe parecia ser propicia, a 24 de abril a *S. Gabriel*, *S. Raphael* e a *Berrio* fizeram-se na volta do mar, e vinte e dois dias depois largavam ancoras em frente de Calecut.

D'estes heroicos navios só a *Berrio* e a *S. Gabriel* tornaram a sulcar o patrio Tejo. A nau dos mantimentos queimaram-a no Cabo, e a *S. Raphael* lá ficou n'um baixo do canal de Moçambique, a quem legou o seu nome por memoria.

Das outras nem sequer uma só taboa, a figura de proa, um ornato da grinalda se conservou n'um museu naval, como declaração gloriosa do que foi a marinha portugueza.



Os navios de Colombo teem merecido as sympathias de archeologos na-vaes os mais illustres. A caravella *Santa Maria*, reconstruida pelo archeologo Jal, é de todos os livros em que se trate de marinha.

Na historia geral de D. Modesto Lafuente uma estampa vistosamente colorida torna popular a flotilha de Colombo. Os nomes da *Pinta*, *Nina*, e dos seus capitães, os irmãos Pizon, são apreciados e honrados como de valentes companheiros do celebre genovez.

Tornar conhecidos os navios da esquadrilla de Vasco da Gama, de ha muito tem sido o nosso empenho.

Official da Armada, causa-nos sincero enthusiasmo aquella expedição, que tanta honra ganhou para a marinha de guerra portugueza.

A par da *Santa Maria*, *Trinidad*, *Victoria*, *Endeavour*, *Resolution*, *Discovery*, *Boussole*, *Astrolabe*, *Zellee* e de tantos navios afamados, que relembram Colombo, Magalhães, Cook, La Perouse e outros valentes marinheiros, podem figurar honradamente a *S. Gabriel*, a *S. Raphael* e a *Berrio*.

A Hespanha celebrando o centenario de Christovão Colombo verá em volta da estatua do heroe tremularem jubilosas as bandeiras das nações maritimas, e n'essa festa de paz e de progresso, prestarem uma homenagem grandiosa e imponente em honra de tão illustre navegante.

Lisboa, Junho de 1892.



O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

POR

PEDRO ALVARES CABRAL

MEMORIA

DE

A. A. BALDAQUE DA SILVA

Capitão-tenente da armada e engenheiro hydrographo



O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

POR

PEDRO ALVARES CABRAL

De Mauritania os montes, e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

CAMÕES, *Luc.*, Canto V, est. IV.

SETE annos e meio depois de Christovam Colombo ter demandado as Antilhas, realisou-se outra descoberta não menos importante, comprehendida no mesmo periodo iniciador das primeiras explorações maritimas que deram a conhecer praticamente a verdadeira distribuição das terras e dos mares sobre o globo.

Colombo, genovez ao serviço de Castella, descobre terra da America central; Cabral e Corte Real, portuguezes e ao serviço de Portugal, descobrem terras da America austral e septentrional; fundindo estes tres descobrimentos fundamentaes em um unico, que torna conhecido um Novo Mundo ao occidente da Europa e Africa.

Colombo encontra terra a oeste; Corte Real procura-a ao noroeste; e Cabral explora-a ao sudoeste, irradiando todos tres da parte mais avançada da Peninsula sobre o grande oceano Atlantico.

Pedro Alvares Cabral parte do Tejo, com destino á India, a 9 de março de 1500, seguindo o primeiro exemplo pratico, dado por Vasco da Gama em 1497, de cortar a linha a oeste do meridiano das Illhas de Cabo Verde, para

evitar as calmas do norte do equador e utilizar os ventos geraes, facto aproveitado e vulgarisado por todos os navegadores portuguezes que se lhe succederam; e desvia-se aiuda mais para oeste, não só por vantagem da navegação, mas tambem porque pretende na passagem reconhecer os mares occidentaes, onde ha toda a probabilidade de encontrar terra; a qual realmente descobriu, avistando a 21 de abril o Monte Pascal, em terras de Vera Cruz, que abordou e de que solemnemente tomou posse em nome de El-Rei de Portugal, continuando em seguida a sua derrota para a India, depois de ter enviado para Lisboa, com a noticia d'este acontecimento, um navio que para este fim levava na expedição.

A demonstração do proposito em que ia Pedro Alvares Cabral de procurar terra ao sudoeste, em frente da Africa, faz-se hoje com toda a exactidão historica e scientifica, e fundamenta-se com documentos authenticos d'essa epocha e com resultados rigorosos deduzidos dos conhecimentos que ha sobre as tempestades, ventos e correntes maritimas do oceano Atlantico.

Tres unicas hypotheses se podem estabelecer ácerca da descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral:

- I.—*Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperavel do meio em que navegavam;*
- II.—*Que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação;*
- III.—*Que a expedição se dirigiu para oeste propositadamente.*

Provando que as duas hypotheses I e II são destituidas de fundamento, o que chamaremos —*demonstração negativa*— teremos que admittir forçosamente a hypothese III; restando unicamente determinar a natureza do proposito de ir para oeste, que podia ser motivado por presupposta vantagem da navegação, proporcionando uma descoberta fortuita, ou por intenção de procurar terra a oeste, o que constituirá para o nosso caso a —*demonstração positiva*— do verdadeiro character que revestiu este descobrimento.

DEMONSTRAÇÃO NEGATIVA

I.—*Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperável do meio em que navegavam.*

Esta hypothese desdobra-se em duas outras:

1.^a *Que os navios da expedição foram impellidos para oeste pelas correntes atmosphericas;*

2.^a *Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pelas correntes maritimas.*

A 1.^a hypothese é inadmissivel pelos factos e razões seguintes:

a) Não consta da descripção minuciosa d'esta viagem, feita por Pero Vaz Caminha, que ia a bordo, que depois de passadas as Ilhas de Cabo Verde sobreviesse tempestade; facto notavel que não ficaria de certo omittido na carta d'este escriptor se tivesse determinado tão inesperado acontecimento.¹

b) Refere Pero de Magalhães de Gandavo, na sua *Historia da Provincia de Santa Cruz*, que passadas as Ilhas de Cabo Verde, foi o vento prospero até avistarem a costa d'aquella provincia.²

¹ «... que a partida de belem como vossa alteza sabe foy segunda feira ix de março; e sabado xiiii do dito mez amtre as viii e ix oras nos achamos amtre as canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquelle dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e domingo xxii do dito mez, a as x oras pouco mais ou menos ouuemos vista das Ilhas do cabo verde a saber da Ilha de San nicolaao, segundo dito de Pero Escobar, piloto, e a noute seguynte da segunda feira lhe amanheceo se perdeo da frota Vaaseo d'atayde com a sua naao sem hy auer tempo forte, nem contrairo pera poder ser. fez o capitam suas diligencias pera o achar a huumas e outras partes e nom pareceo mays, e asy seguimos vosso caminho per este mar de comgo atãa terça feira doitauas de pascoa que foram xx dias dabril que topamos alguuns synaaes detera seemdo da dita Ilha segundo os pilotos diziam obra de bj e lx ou lxx legoas». — Carta de Pero Vaz Caminha, 4 de maio de 1500. Arch. Nac. da Torre do Tombo, gav. 8, maç. 2, n.º 8.

² «... e havendo já um mez que hiam n'aquella volta navegando com vento prospero foram dar na costa desta Provincia». — Pero de Magalhães de Gandavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz*, 1575. Bibl. Pub. de Lisboa, B, 44, 25, pag. 1.

c) Independentemente das informações authenticas d'aquella epocha, sabe-se que as tempestades da costa do Brasil, na estação do anno considerada, sopram do noroeste e do sudoeste, afastando portanto da costa para o largo em sentido contrario ao que seguiu a expedição.³

d) Para o desvio ser causado por temporal e este atirar os navios para o lado da costa, deveria a tempestade provir dos quadrantes de fôra, pelo menos comprehendida entre os rumos de NE e SE, durar alguns dias e apartar os navios; circumstancias estas que não se verificam n'aquella zona, nem aconteceram á expedição, visto que a frota aportou unida e completa até á costa.⁴

³ As *Monções* são determinadas pelo Equinócio, a do S. reina de Março até Setembro, e a do N. de Setembro até Março; os Ventos geraes na primeira são E.S.E. e S.S.E., e os da segunda são E.N.E. e N.N.E.; porém isto regula sómente ao largo, porque a experiencia nos mostra que a visinhança das terras perturba repetidas vezes esta Lei; por exemplo: os navegadores praticos destas Costas contam com ventos de E., e os encontram nos mezes de Outubro, Novembro, e Dezembro, mezes que pertencem á *Monção* do N. Na *Monção* do S. desde a *Lagôa dos Patos* até *Cabo Frio* ás vezes tambem se encontrão Ventos do S.E. ao S.O. soprando com violencia. Os furacões denominados *Pampeiros* (porque a sua maior força se experimenta quando o Vento toma a direcção que passa pelo paiz dos *Pampas*) que com frequencia se encontram defronte do *Rio da Prata* e Costas visinhas, tem seus prognosticos; por exemplo: os Ventos soprarão com força do S. ao S.O., se o Sol, quando se põe, está cercado de nuvens e nevoas; se as terras apparecem muito claras, e parecem aproximar-se ao Expectador; felizmente a duração destes furacões he tanto menor, quanto maior he sua violencia; de sorte que sendo furiosos, raras vezes durão mais de 48 horas, e sua força diminue á proporção que se avança para o N. Quando as Brizas do S.E. ao S.O. na *Monção* do S. são moderadas, ellas alargão para o largo, durante o dia, e rondão para a terra de noite.— *Roteiro geral do globo*, publ. pela Ac. R. das Sciencias de Lisboa, 1839, parte XI, sec. 1.^a, pag. 2.

⁴ *Vents et moussons*.— La côte du Brésil, entre Bahia et Rio-Janeiro, est encore comprise dans la limite des alizés, et ce sont en effet les vents de la partie de l'E. qui y régissent le plus fréquemment; mais, comme on approche déjà de la limite Sud de ces vents, ils y subissent de grandes perturbations, et les moussons de N.E. et S.O. y sont bien caractérisées, surtout dans le voisinage de la côte. *Mousson de S.O.*.— La direction moyenne de l'alizé varie de trois quarts entre l'été et l'hiver, et, dans cette dernière saison d'avril à septembre, dite mousson de S.O., les vents généraux sont souvent remplacés par des vents variables du S. à l'O., qui sont les derniers souffles des pampeiros régnant à cette époque de l'année sur les côtes de la Plata. Ils amènent des temps sombres, de la pluie et un peu de mauvais temps; mais, arrivés par cette latitude, ils ont perdu toute leur force; ils sont tièdes, légers sur les voiles, et il est rare qu'ils forcent à prendre plus d'un ris aux huniers. Ils ne durent jamais plus de deux ou trois jours; le plus généralement même ce

e) Não se conhece documento nem fundamento, que mencione, ou justifique, ter-se dado uma tempestade, que desviasse a expedição para oeste; mas existem duas cartas de bordo, nas quaes não se refere ter havido temporal; assim como se sabe que as condições meteorologicas d'aquella região, durante a monção do SW, são contrarias á confirmação de tal caso de força maior; circumstancias e razões estas, todas decisivas, para pôrem de parte e não auctORIZAREM esta hypothese.⁵

A 2.^a hypothese menos se pode tambem admittir, em vista dos fundamentos seguintes:

f) Das observações astronomicas feitas em terra pelo bacharel mestre Johan, physico e cirurgião de el-rei, não resultam differenças nas situações calculadas a bordo durante a viagem e estas feitas á chegada, o que deveria succeder se houvesse corrente attendivel, e não deixaria de ser mencionado na carta que elle dirigiu a el-rei, por isso que n'ella se occupa das differenças que ha entre as derrotas estimadas pelos diversos pilotos da expedição, comparadas com a derrota por elle calculada.⁶

ne sont que des grains de quelques heures, auxquels succèdent des calmes et du beau temps, si le vent tourne au S.E. et à l'E. Outre ces grains de S.O., on reçoit aussi assez souvent des grains de S.E. aux environs des Abrolhos, et des orages du N.O. avec pluie et tonnerre qui arrivent également tout le long de la côte, mais s'étendent en général assez peu au large. En résumé, pendant tout l'hiver ou mousson de S.O., entre les deux équinoxes (avril, mai, juin, juillet et août), on trouve sur la côte du Brésil, entre Rio et Bahia, jusqu'à 30 ou 40 lieues au large, des petits temps très-variables, des grains pluvieux de S.O., des orages de N.O. et des brises inégales de l'E. au Sud.—*Les côtes du Brésil*, n.^e section, pages 8. Dépôt des cartes et plans de la marine, Paris, 1864.

«... aly jouuemos toda aquella route, e aa quinta-feira pola manhã fazemos vella e seguimos direitos aa terra e os nauios pequenos diante himdo per xvii, xvi, xv, xiiii, xiii, xu, x, e ix braças ataa mea legoa de terra onde todos lançamos amcoras em direito da boca de hum Rio e chegaríamos a esta amcoragem aas x oras pouco mais ou menos...»

—Carta (citada) de Pero Vaz Caminha, 4 de maio de 1500.

⁵ Carta de Pero Vaz Caminha.—Carta de mestre Johan, fisico e cirurgiano de El-Rei D. Manuel.—Roteiros já citados.—Effectivamente não ha nada que documente ou explique a existencia de uma tempestade, e portanto esta hypothese não tem fundamento algum, e até está banida pelos principaes e mais profundos historiadores e notaveis hydrographos.—*Corografia Brazílica do padre Cazal. Roteiro do Brazil* de M. Ernest Mouchez, nota (a), pag. 115.

⁶ «... señor ayer segunda feria que fueron 27 de Abril descendymos en terra yo e el pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyodya e fallamos 56 grados e la sontra era septentrional per lo qual segund las reglas del estrolabio jugsamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e per conyguiente

g) O grande circuito marítimo do oceano Atlantico Sul, caminha de leste para oeste ao longo do equador; inflecte para o sudoeste na altura da Ilha de Fernando de Noronha; desvia-se successivamente para o sul de Pernambuco em diante; dirigindo-se depois gradualmente para sueste e leste até ao Cabo da Boa Esperança; e corre além d'isto muito ao largo da costa oriental da America do sul; circumstancias estas que bem demonstram a nenhuma influencia que este circuito pode ter sobre a atterragem dos navios.⁷

h) A corrente da costa do Brasil, que se destaca d'este grande circuito, corre para SSW parallelamente à terra e a curta distancia d'ella, com pequena velocidade, não tendo acção sobre os navios senão na zona costeira, na qual a existencia da terra já está assignalada muito por fóra.⁸

tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de mi en tanto que pero escolar va adyante 150 leguas e otros mas e outros menos pero quien dyse la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperanza e ally sabremos quien va mas cierto ellos con la carta o yo con la carta e el estrolabio, . . . » — Carta de mestre Johan, 1 de maio de 1500. Arch. Nac. da Torre do Tombo, Corpo Chron., parte 3.^a, maço 2, doc. n.º 2.

⁷ *Courant général au large*. Il existe à 40 ou 50 lieues, au large de la côte du Brésil, un courant général descendant parallèlement à cette côte du N.N.E. au S.S.O., et qui n'est que la branche Sud du grand courant équatorial se bifurquant sur le cap Saint-Roque. Ce courant a une vitesse moyenne de 10 à 15 milles par 24 heures; il perd de sa force en avançant vers le S., et varie d'ailleurs selon les saisons et la force du vent. Il n'est plus guère sensible au delà du tropique. Ce courant, combiné avec la dérive produite par les vents alizés du S.E., se modifie souvent et porte vers la côte au S.O. et à l'O.S.O. — *Les côtes du Brésil* (já citado), pag. 11. Veja-se também a *Chart of the World on Mercators projection*, constructed by Hermann Berghaus and Fr. v. Stülpnagel. Gotha: Justus Perthes.

⁸ « *Courants près de terre*. Entre le courant dont nous venons de parler et la côte, le mouvement des eaux est entièrement soumis aux vents régnants dès que la brise souffle 24 heures de la même direction, soit du N.E. ou du S.O. Le courant s'établit en conséquence et proportionnellement à la force des vents; aussi pendant la saison des vents de N.E., surtout d'octobre à janvier, les courants portent au S.O. avec une vitesse qui peut atteindre 25 à 30 milles par 24 heures. C'est surtout près des points saillants, tels que les caps Saint-Augustin, le Rio Doce, les caps Saint-Thomé et Frio, que la vitesse est la plus grande. Les navires qui atterrissent dans cette saison à Pernambouc et Bahia doivent compter sur une différence d'au moins 1 mille par heure et manœuvrer en conséquence; beaucoup de navires sont portés de 36 à 40 milles au S.O. dans les 24 heures. Mais, nous le répétons, ces courants cessent avec la cause qui les produit et sont loin d'opposer à la navigation un obstacle semblable à celui que l'on rencontre le long de la côte ferme, quand

i) Os navios da frota, que eram veleiros e de panno latino, podiam facilmente ganhar caminho para barlavento, vencendo qualquer d'estas correntes, mesmo que ellas fossem contrarias, quanto mais sendo fracas e derivando á feição, para o largo ou parallelamente á costa, se o destino da derrota, com vento prospero, vizesse unicamente a montar o Cabo da Boa Esperança para seguir para a India.⁹

II.— *Que os navios foram desviados para oeste por erro committido na navegação.*¹⁰

Esta hypothese tambem se decompõe em duas, egualmente destituidas de fundamento:

1.^a *Erro committido no rumo ou orientação da derrota;*

2.^a *Erro na latitude ou na estimativa da distancia percorrida.*

on veut remonter à contre-courant et contre-mousson de Sainte-Marthe à Curaçao ou à la Guayra. A l'exception des trois ou quatre mois d'été, novembre, décembre et janvier, où les vents de N.E. sont dans toute leur force, ces courants sont assez faibles et très-variables. Pendant la mousson de S.O., ils portent au N., et sont également faibles et variables; c'est en juin et juillet qu'ils acquièrent la plus grande force». — *Les côtes du Brésil* (já citado), pag. 12.

⁹ A expedição compunha-se ao largar de Lisboa de tres naus e dez caravellas. «*Caravelle*: Le navire de ce nom, qui eut une véritable célébrité aux xv^e et xv^e siècles; le navire dont se servirent les Portugais pour leur voyages de découvertes, et Christophe Colomb pour sont aventureuse navigation à l'ouest, était un petit bâtiment de la famille des vaisseaux ronds, mais plus fin de forme que les nefes ses contemporaines, et ayant des façons plus pincées. Ainsi était-il plus rapide, meilleur manœuvrier, et plus propre à toutes les expéditions qui demandait de la célérité dans la marche et une grande rapidité dans les évolutions». — *Glossaire Nautique* par A. Jal, Paris MCCCXLVIII, pag. 449.

¹⁰ Vaz de Camina, qui donne beaucoup de détails sur ce voyage, n'indique nulle part ce motif (éviter les calmes de la côte d'Afrique) comme cause de la déviation dans l'O. de la route de Cabral, et nulle par non plus on ne lui voit invoquer le motif d'une tempête par 15° ou 16° de latitude pour expliquer ce grand écart de route et la découverte de la terre. Dès qu'on s'avance au S. de l'équateur, les alizés adonnent continuellement, et si l'on peut doubler la partie la plus orientale du continent, un peut au S. du cap Saint-Roque, l'on ne peut que s'éloigner de plus en plus de la côte quand on cherche à doubler le cap de Bonne-Espérance, puisque, d'un côté, les vents permettent de faire plus d'E., et que, de l'autre, la côte s'éloigne vers l'Ouest. Il est donc à peu près impossible de donner un autre motif plausible de l'arrivée de Cabral en vue de terre par 16° de latitude qu'une erreur de route commise par ce navigateur. — *Les côtes du Brésil* (já citado), nota a, pag. 115.

A 1.^a hypothese não podia dar-se pelas razões seguintes:

j) As posições e orientação da costa occidental da Africa e a situação do Cabo da Boa Esperança já eram bem conhecidas pelas viagens anteriores de Diogo Cam, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, e portanto os pilotos sabiam perfeitamente soltar o rumo para ir dobrar o Cabo.¹¹

k) Orientando-se a derrota pela agulha magnetica e experimentando esta uma variação para leste, comprehendida entre 5° e 10°, na região considerada e na epocha em questão, não podia a pequena differença do rumo da agulha, mesmo que não fosse attendida a variação, que já era conhecida, influir no grande desvio que a frota teve para oeste.¹²

l) Tendo a expedição partido do Tejo com rumo feito ás Canarias, dado pelas agulhas de bordo, experimentando estas uma variação igualmente comprehendida entre 5° e 10° para leste, passou entre ellas não commettendo erro de orientação. Largando depois d'aqui para as Ilhas de Cabo Verde, nas mesmas condições, tambem deparou com este archipelago sem erro de rumo. E portanto continuando a regular-se pelas mesmas agulhas e dentro dos limites da mesma variação, não se pode admittir, nem ha documento algum que prove, ter-se dado erro de rumo proveniente da falsa indicação das agulhas.¹³

A 2.^a hypothese tambem não tem fundamento:

m) Porque qualquer erro commettido na latitude calculada pela observação do sol, ou na distancia estimada pelos pilotos, devia ter sido accusada pelas observações feitas em terra por mestre Johan, facto que não se deu, porquanto não consta da carta d'este physico, que especialmente se occupa do assumpto, notando até certas particularidades do rigor das observações feitas durante a viagem, pelo sol e pelos astros, e das differenças que se encontravam por um e outro processo.¹⁴

¹¹ Veja-se: *Vida do Infante D. Henrique de Portugal*, por Richard Henry Major; *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva; e as chronicas escriptas pelos historiadores portuguezes do seculo xvi.

¹² Ensaio de um mappa das linhas de igual declinação (linhas isogonicas) no seculo xvi, *Roteiro de Lisboa a Goa* por D. João de Castro, annotado por João de Andrade Corvo, 1882, est. xiii.

¹³ Ensaio de um mappa das linhas de igual declinação no seculo xvi, (já citado). Carta de Pero Vaz Caminha. *Historia da Provincia de Santa Cruz* por Gandavo (tambem já citadas). Por estes ultimos documentos sabe-se que a expedição passou entre as Canarias e depois entre as Ilhas de Cabo Verde.

¹⁴ «... solamente mando a vosa alteza como estan situadas as estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me parece ser impossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el

n) Porque conhecendo as latitudes e os rumos, navegando em uma paragem de fracas correntes maritimas, e com vento prospero, não era possível commetter erro sensivel no calculo ou estimativa do caminho andado, que desviasse a expedição tantos graus para oeste.¹⁵

*
* *

Como acaba de ser demonstrado, tambem a 2.^a hypothese, attribuida a erro commettido na navegação, não tem fundamento algum, tanto no que diz respeito a falsa orientação da agulha magnetica, como a erronea determinação das latitudes diarias e das distancias percorridas em cada singradura, factos que ainda menos podem ser acceites desde que na expedição iam navegadores tão experimentados e conhecedores do Atlantico sul, como: Bartholomeu Dias, Pero Escobar, Nicoláo Coelho e tantos outros pilotos notaveis, secundados para maior garantia por homens scientificos do valor de mestre Johan e Pedro Alvares Cabral.

É pois evidente: que nem caso de força maior, nem erro de navegação determinaram o desvio da expedição para oeste, restando portanto, por exclusão de partes, a considerar a ultima e unica hypothese admissivel de um desvio propositado a caminho do occidente.

navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guisa que se non puede fazer sy non en terra e otro tanto easy dygo de las tablas de la Indya que se non pueden tomar com ellas sy non con mui mucho trabajo, que sy vosa alteza supiese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del estrolabio, porque desde de lisboa até as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pulgadas que unos desyam mas que outros tres e quatro pulgadas e otrotanto desde las canarias até as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jugavan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parecia que avyan andado que non el camino por las pulgadas, . . . »

¹⁵ Cortando a linha a oeste das Ilhas de Cabo Verde e seguindo para o sul muito ao poente pelo meridiano de 30° a oeste de Greenwich, com destino a montar o Cabo da Boa Esperança, seria precisa uma corrente constante, ou um erro systematico, para oeste, de 10 milhas por dia, durante uns 15 dias, para desviar a frota tanto para o occidente; circumstancia inadmissivel, porque não existe tal corrente, nem as derrotas estabelecidas pela pratica e traçadas nas cartas maritimas modernas se afastam para oeste do meridiano de 30°. — Veja-se a *Chart of the World on Mercators projection*, (já citada).

DEMONSTRAÇÃO POSITIVA

III.—*Que a expedição se dirigiu para oeste propositadamente.*

Esta hypothese subdivide-se em tres:

1.^a *Proposito motivado por vantagem da navegação;*

2.^a *Proposito de procurar terra ao occidente da Africa;*

3.^a *Proposito de procurar passagem para a India pelo caminho do occidente.*

A 1.^a hypothese encontra fundamento nos factos e razões seguintes:

o) Já Vasco da Gama tinha dado o primeiro exemplo de fazer prôa ao mar a grande distancia da terra, cortando a linha a oeste do meridiano das Ilhas de Cabo Verde, seguindo a meio do Atlantico sul até virar na volta do Cabo da Boa Esperança.¹⁶

p) Pedro Alvares Cabral levava instrucções nauticas, feitas por Vasco da

¹⁶ «E ao outro dia que era quinta feira chegámos á Ilha de Santiago, onde pousámos na praya de Santa Maria com prazer e folgar, e aly tomámos carnes e augua e lenha, e corregendo as vergas dos navios porque nos era necesario. E huuma quynta feira que eram tres dias d'agosto partimos em leste, e hindo huum dia com sull quebrou a verga ao capitam moor, e foy em xvm dias d'agosto, e seria isto cc legoas da Ilha de Santiago, e pairámos com o traquete e papafigo dous dias e huuma noute, e em xxii do dito mês hindo na volta do mar ao sull e a quarta do sudueste, achámos muitas aves feitas com garçõeas, e quando vêo a noute tiravam contra o susoeste muito rrigas como aver que híam pera terra, e neste mesmo dia vimos huuma baléa, e isto bem oytoentas legoas em mar. A vinte e sete dias do mês d'outubro vespora de Sam-Simam e Judas, que era sêsta feira, achámos muitas baléas, e huumas que se chamam quoquas, e lobos marinhos. Huuma quarta feira primeiro dia do mês de novembro, que foy dia de Todos os Santos, achámos muitos signaeas de terra, os quaes eram huuns galfãoos que naçem ao longo da costa. Aos quatro dias do dito mês, sabado ante manhan duas oras, achámos fundo de cemto e dez braças ao mais, e ás nove oras do dia ouvemos vista de terra, e emtam nos ajuntámos todos e salvámos o capitam moor com muitas bandeiras e estemdartes e bombardas e todos vistidos de festa, e em este mesmo dia virámos bem junto com terra na volta do mar, porém nom ouvemos conhecimento da terra». — *Roteiro da viagem de Vasco da Gama em mccccxvii* por A. Hereulano e o Barão do Castello de Paiva, Lisboa, 1861, pag. 2.

Gama, para se afastar para oeste das Ilhas de Cabo Verde, tomar a bordada do SW e seguir assim até á latitude do Cabo da Boa Esperança.⁴⁷

q) Pretendia-se com as instrucções nauticas, referidas na alinea anterior, evitar não só as calmas e trovoadas da costa de Africa, como tambem fugir das tempestades do Cabo da Boa Esperança (cabo tormentoso) fazendo a viagem muito pelo largo.⁴⁸

r) Os conhecimentos determinantes d'estas instrucções, em relação aos ventos, calmas e correntes maritimas do Atlantico, tinham sido adquiridos durante as viagens anteriores feitas pelos navegadores portuguezes, entre os quaes se tornaram mais notaveis: Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e todos os pilotos que foram na primeira viagem á India.⁴⁹

A 2.^a hypothese tambem hoje se demonstra sem deixar duvida alguma, porque:

⁴⁷ «On lit en effet dans les instructions nautiques que ce navigateur (Vasco da Gama) composa en 1499, à la demande du roi de Portugal, pour servir à l'expédition de Pedralvarez Cabral qui partait pour l'Inde: *Qui l'on doit s'éloigner dans l'O. des îles du cap Vert en prenant la bordée du S.O. pour passer dans l'hémisphère Sud, afin d'éviter les calmes et les orages de la côte d'Afrique, et courir ainsi jusqu'à la hauteur du cap Bonne-Espérance*». — *Les côtes du Brésil, préface*, pag. ix. — D'onde o auctor d'esta obra, o sr. almirante Ernest Mouchez, traduziu esta parte das instrucções nauticas, que diz terem sido dadas a Cabral, não o sabemos, apezar de o ter perguntado aquelle escriptor, mas supponmos que existissem em o primeiro caderno que falta antes do caderno das instrucções para esta viagem que existe no Arch. Nac. da Torre do Tombo, das Angedivas em deante, parecendo tambem faltar a ultima parte. É porém evidente, havendo instrucções para aquella expedição, como prova o segundo caderno d'ellas existente na Torre do Tombo, que o primeiro e terceiro cadernos que faltam, fossem vistos em qualquer parte pelo sr. Mouchez, actual director do observatorio de Paris.

⁴⁸ A nota anterior, evideneceia a circumstancia principal de evitar as calmarias e trovoadas da costa d'Africa, como motivo do desvio da frota para o occidente; devendo-se-lhe acrescentar o proposito de passar ao largo do cabo das Tormentas, tão temido dos navegadores, que já o conheciam pelos seus effeitos tempestuosos, como eram Bartholomeu Dias e Vasco da Gama.

⁴⁹ As viagens portuguezas de exploração, obedeciam todas a um plano systematico de estudo e investigação, recolhendo dados experimentaes derivados da pratica e observação das condições do meio, que pouco a pouco ia sendo conhecido, o que explica o arrojo de Vasco da Gama em soltar o rumo a meio do mar tenebroso, derivando pelo Atlantico sul a grande distancia da costa africana, abandonando o primitivo processo de exploração, costa a costa, dos navegadores que o precederam. Pedro Alvares Cabral, melhor informado das condições meteorologicas e maritimas do Atlantico, ia procurar ao largo correntes atmosféricas e maritimas favoraveis á sua derrota.

s) Já em 1498, havia el-rei D. Manuel encarregado Duarte Pacheco, cavalleiro da sua casa, notavel pelo valor pessoal, de ir procurar terra ao occidente da Africa.²⁰

t) Refere Duarte Pacheco que era esta a terra da quarta parte desconhecida do mundo que el-rei D. Manuel mandou descobrir.²¹

u) Diz Pero Vaz Caminha, na sua carta, que a frota seguiu o caminho que el-rei mandou que seguisse.²²

²⁰ «... e por tanto bem aventurado Principe temos sabido e visto como no terceiro anno de Vosso Reinado do hano de nosso senhor de mil quatrocentos e noventa e oito donde nos vossa alteza mandou descobrir ha parte oucidental passando alem a grandesa do mar oceano honde he hachada e navegada huma tam grande terra firme com muitas e grandes libas ajacentes a ella que se estende a satenta graaos de ladeza da linha equinocial contra ho polo artico e posto que seja asaz fora he grandemente pouorada, e do mesmo circulo equinoxial torna outra vez e vay alem de vinte e oito graaos e meo de ladeza contra o pollo antartico e tanto se dilata sua grandeza e corre com muita longura que de huma parte nan de outra nom foi visto nem sabido o fim e cabo della pello qual segundo ha hordem que leva he certo que vay em cercoyto per toda a Redondeza, asim que temos sabido que das prayas e costa do mar destes Reynos de Portugal e do promontorio de finisterra e de qualquer outro lugar da europa e d africa e dazia hatravessando alem todo ho oceano direita-mente ha oucidente ou ha loest segundo hordem de marinhabria por trinta e seis graaos de longura que seram seiscentos e quarenta e oito leguoas de caminho contando ha de soy to leguoas por graao, e ha luguares algum tanto mais longe ha hachada esta terra nom navegada pellos nauios de vossa alteza e por vosso mandado e licença os dos vossos vassallos e natuaraes» e findo por esta costa sobredita do mesmo circulo equinocial em diante fez vinte e oyto graaos de ladeza contra o pollo antartico ha hachado nella muito fino brazil com outras muitas cousas de que os nauios nestes Reynos uem grandemente carregados, e primeiro muitos annos que esta costa fose sabida nem descoberta dise Vicente estorial no seu primeiro livro que se chama espelho das istorias no capitulo cento e satenta e sete «Além das tres partes do orbe ha quarta parta he alem do mar oceano interior em ho meo dia em cujos termos os antipodas dizem que habitam» — *Esmeraldo de situ orbis*, 1505, pag.^{as} 22, 23 e 24.

²¹ «... e outros antigos cosmographos que a mesma terra por muitos annos andaram e doutras pessoas que isso mesmo per uerdadeira emformaçam ha souberom em tres partes notaveis ha diuidirom» e na quarta parte que Vossa alteza mandou descobrir alem do oceano por a elles ser nicognygta consa alguma nom falorom «as quaees tres Asya, Europa, e Africa som chamadas cujos nomes de seu antigo principio atee agora ionguamente sempre durarom» — *Esmeraldo de situ orbis*, 1505, pag.^a 27.

²² «... e asy seguimos vosso caminho per este mar de congo atãa terça feira doitannas de pascoa que foram xx dias d abril que topamos alguuns synaaes de tera.» Carta de Pero Vaz Caminha, 1 de maio de 1500 (já citada). «Esta communicação de Vaz de Ca-

e) Levava Pedro Alvares Cabral na expedição um navio destinado a voltar para traz, dando conta do resultado da exploração ao occidente, que era a nau dos mantimentos.²³

α) Fazendo-se os geraes de SE. na estação considerada, muito para E. depois de passar a linha para o sul, e justificando-se o desvio para oeste unicamente por vantagem da navegação, tinha a frota aproveitado aquella circumstancia favoravel do alargamento do vento, para barlaventear na direcção do Cabo da Boa Esperança; o que não fez, porquanto arribou para o occidente em direcção opposta áquella que deveria seguir pretendendo simplesmente montar o Cabo da Boa Esperança.²⁴

y) Além das instrucções conhecidas dadas a Pedro Alvares Cabral, nenhuma prova ha de que elle não levasse tambem instrucções verbaes e confidenciaes; é mesmo evidente que deviam existir para tão delicada empresa, e, portanto, estar entre estas incluída a de procurar terra ao occidente na sua travessia tão amarada do continente Africano.

z) A unica objecção até hoje apresentada contra a existencia de instrucções verbaes ou confidenciaes para procurar terra a oeste, é a de que em relação a este descobrimento, nada explica o segredo que d'ellas se fez anterior-

minha a el-rei D. Manuel, relatando que a frota seguiu o caminho indicado de antemão (*vosso caminho*), relacionada de mais a mais com a referencia de terem topado os primeiros signaes da terra, mostra claramente o proposito com que a expedição se afastou para oeste, trilhando uma derrota traçada em instrucções positivas que Pedro Alvares Cabral levava comsigo (nota 17) e dando conta do bom resultado que obtiveram em seguir essas instrucções que el-rei scientemente lhes ordenou.

²³ «... e tanto que comemos vieram logo todolos capitães a esta naao per mandado do capitam moor, com os quaes se ele apartou, e eu na companhia, e preguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a Vosa alteza pelo nauio dos mantiimentos, pera a melhor mandar descobrir, e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por birnos de nosa viagem e antre muitas falas que no caso se fezeram, foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem, e nisto comerudiram, . . . » *Carta de Pero Vaz Caminha* (já citada).—Na primeira viagem á India tinha Vasco da Gama mandado desfazer a ná dos mantimentos.—«Em vinte e cinco dias do dito mês de novenbro, huum sabado á tarde dia de Santa Caterina, entrámos em a angra de Sam Brás, onde estevemos trezes dias, porque nesta angra desfezemos a naoo que levava os mantiimentos e os rrecolhemos aos nauios».—*Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* (já citado).—N'esta segunda expedição, porém, tudo leva a crer que Vasco da Gama, tendo em vista não perder o navio, tivesse incluído não instrucções nauticas que deu a Cabral, a indicação de aproveitar a ná dos mantimentos para voltar para traz, dando conta da investigação que a frota ia fazer ao occidente na sua passagem para o Cabo da Boa Esperança.

²⁴ Vejam-se as notas (4) e (10).

mente, nem a falta de referencia posterior; mas esta razão contradictoria carece de fundamento, encontrando pelo contrario completa explicação na reserva que deveria haver nas explorações maritimas, desde que outras nações procuravam combater pela concorrência a notavel expansão de Portugal sobre o globo.

A 3.^a hypothese fica evidentemente prejudicada em face dos fundamentos que justificam a hypothese anterior.



Portanto em vista dos factos e razões apresentadas no decurso d'esta memoria, julgamos ter demonstrado com authenticidade e fundamento: que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil porque levava instrucções de se desviar para oeste, não só por vantagem da navegação, como tambem para na sua passagem explorar os mares occidentaes, onde havia toda a probabilidade de existir terra.

Lisboa 7 de maio de 1892.



CARTA DE EL-REI D. MANUEL
AO
REI CATHOLICO

NARRANDO-LHE AS VIAGENS PORTUGUEZAS Á INDIA DESDE 1500 ATÉ 1505

REIMPRESSA SOBRE O PROTOTIPO ROMANO DE 1505,
VERTIDA EM LINGUAGEM E ANNOTADA

POR
PROSPERO PERAGALLO

Seguem em appendice a Relação analoga de Lunardo Cha Masser
e dois documentos de Cantino e Pasqualigo



PROLOGO

EM o mez de outubro de 1505 o typographo João de Besicken imprimiu em Roma, vertida em mau italiano, uma carta de D. Manuel de Portugal ao rei catholico ácerca das suas expedições na India desde o anno 1500 até ao fim de março de 1505.

D'este documento, importantissimo não só pelo personagem que o firma, mas inclusivamente por ser a primeira noticia que a imprensa deu á Europa dos successos portuguezes na India, ¹ não existem actualmemente, segundo nos consta, senão tres exemplares: um na *Marciana* de Veneza, ² outro que Varnhagem ³ informa achar-se na *Bibliotheca Corsini* de Florença, e o terceiro que Gallardo menciona entre os livros da *Bibliotheca Colombina* de Sevilha, adquiridos por Fernando Colombo. ⁴

¹ Quer-nos parecer que não se imprimiu opusculo algum relativo ás expedições portuguezas na India anteriormente a esta carta da edição de Besicken.

² O sr. Burnell diz no *Prefacio*, pag. vi, da edição que cito mais abaixo, que este exemplar foi=*discovered by Varnhagem*=. Se assim fosse, é muito provavel, até natural, que o escriptor brasileiro o tivesse declarado na sua obra—*Nouvelles Recherches sur les derniers voyages etc de Vespucci*, pag. 18. Vienne, 1870—, aonde não só dá informação do tal exemplar da *Marciana*, mas transcreve mesmo um pequeno trecho d'elle. Ora nem uma palavra ali se encontra a respeito da descoberta.

³ Vide *op. cit.*, pag. 18.—Do outro existente na *Bibliotheca Corsini* ha dado noticia mr. H. Narducci=.

⁴ O mesmo sr. Burnell attribue a descoberta d'este exemplar ao sr. Harris= *disco-*

Em vista de tamanha raridade era urgente que d'este opusculo se fizesse uma edição em larga escala, para conservar á historia um monumento que, estando, como está, confiado a tão poucos exemplares, podia, perdendo-se elles por qualquer circumstancia, desaparecer para sempre.

Contra este perigo mui escassamente providenciou a edição que do mesmo opusculo fez o benemerito bibliophilo inglez sr. Burnell; pois ella, além de apenas constar de 25 exemplares, foi exclusivamente reservada para presentear amigos. ⁴ Tornava-se necessario portanto uma vulgarisação muito maior.

Perante a feliz casualidade de haver-se-me proporcionado o meio de tirar uma copia do prototypo romano de 1505, e outrosim perante a fortuna de comparal-o com a reproducção londrina de Burnell, pareceu-me que se prestaria bom serviço á historia, incluindo o opusculo na collecção dos documentos e Memorias que a Commissão Colombina portugueza tenciona publicar. E n'este sentido apresentei proposta, que foi logo acceita com favor.

Como, porém, eu não tivesse realisado estudo algum especial n'este campo, e me não sobrasse agora tempo para encetal-o, propunha-me fazer a reimpressão pura e simplesmente, deixando aos mais illustrados e mais habilitados do que eu a tarefa de verter em linguagem o opusculo, annotal-o e commental-o convenientemente. Houve entretanto quem muito

ered by Harrisse=(pag. vi). Ora, muitos annos antes que Harrisse fosse a Sevilha, o sr. Gallardo descrevia o exemplar da Colombina n'estes termos:—*Copia de una lettera del re de Portugallo mandata al re de Castilla, del Viago et successo de India* I «*Benche catholico re, et signore «D.» et aumento de nuestra santa fede»*. Imp. en Roma per Jo de Presichen à 23 de Outubro de 1505.—*Costó en Roma, por Setiembre de 1515, 3 cnatrines. Es en 4.º, en toscano.*—V. *Ensayo de una Bibliot. Española*, vol. II, p. 520, art. *Fernando Colon*. N.º de ordem 2428. Madrid, 1865-1866.

¹ A reproducção saiu com o seguinte titulo:—*The Italian version of a Letter from the King of Portugal (Dom Manuel) to the King of Castilla (Ferdinand), Written in 1505, giving an account of the voyages to and conquests in the East Indias—from 1500 To 1505. A. D.*

Reprinted from the Copy (printed by J. Besicken at Rome in 1505) in the MARCIANA LIBRARY AT VENICE (one of the three now in existence) with Notes etc by A. C. BURNELL. Ph. D.—London: Printed-not for sale—by messrs Wyman e Sons. 1881.

instasse commigo para desistir da minha primeira idéa, attribuindo a retrahimento exagerado o que tão sómente me era aconselhado pela consciencia de minha incompetencia no assumpto. Não houve pois remedio senão sujeitar-me a fazer, como se diz, de fraquezas forças: e fructo da minha perigosa condescendencia é o trabalho modestissimo que apresento, pelo qual, e particularmente pela traducção, peço encarecidamente toda a benevolencia do leitor; lembrando que é um italiano quem se atreveu a fazer fallar em portuguez o rei de Portugal.

O sr. Burnell crê que D. Manuel escrevesse a sua carta em latim, deduzindo isto de algumas palavras latinas que se encontram na versão italiana: como *preterea, tandem, solum, etiam*; ¹ ao passo que o sr. Varnhagem dá a entender que ella deveria ter sido escripta em linguagem castelhana. ² Não concordo.

Sem fazer caso das palavras latinas, phenomeno que se verifica em varias composições originaes italianas do tempo, direi não haver exemplo de que D. Manuel escrevesse jámais em latim aos reis de Castella, entendendo-se perfeitamente ambos os reis, fallando cada um a sua lingua materna.

E é por essa mesma razão que difficilmente se poderia admittir a hypothese do douto escriptor brasileiro, se ella não ficasse absolutamente excluida pelos documentos que possuímos, dos quaes consta que a correspondencia official de D. Manuel com os reis catholicos foi sempre em portuguez.

Em hespanhol, na verdade, é a carta d'elle incluída por Navarrete na sua grande obra; ³ mas deve-se advertir que foi ella tirada de uma copia, e que essa copia foi naturalmente vertida pelo amanuense hespanhol na sua propria lingua; exactamente como fez o illustre Muñoz, copiando em hespanhol ⁴ a carta que Antonio de Brito escreveu em portu-

¹ Vide *Preface*, p. vi, da reproducção citada.

²==Esperamos que com o tempo ainda se virá a encontrar o texto castelhano.=Vide *Nouvelles Recherches*, cit., p. 18.

³ Vide *Coleccion de los viajes y descubrimientos*, etc., vol. III, p. 94, n.º XIII.

⁴ *Coleccion* cit. de Navarrete, vol. IV, p. 305, n.º XXX, aonde vem um largo extracto da dita carta.

guez, e cujo original se conserva no *Archivo da Torre do Tombo*. E tanto isto assim foi que, ha pouco tempo, se encontrou no Archivo de Estado em Veneza o texto portuguez da dita carta de D. Manuel, publicada por Navarrete, texto que o erudito professor Belgrano, de Genova, illustrou e deu á luz em Roma em 1890.¹

Mas o que completa a demonstração são outras duas cartas portuguezas que D. Manuel escreveu em 1499 sobre a descoberta da India, uma das quaes dirigiu aos reis catholicos, sendo outra para o Cardeal Protector, das quaes deu conta pela primeira vez o meu douto amigo Dr. Teixeira de Aragão.²

Em o nosso prototypo romano ha um erro, que podia dar suspeita ou de uma fraude litteraria, aliás facil de se descobrir, quanto ao auctor a quem se attribue a carta, ou de uma fraude typographica quanto á data da edição 1505, se não fosse evidente que em 1515 já D. Fernando Colombo possuia um exemplar d'ella, e não menos evidente fosse tambem que mesmo n'aquella data ninguem estava no caso de apresentar tão minuciosas noticias sobre diversas expedições á India senão D. Manuel.

O erro consiste em que vem ali Pedro Alvares Cabral dado por capitão-mór da armada saída em 1502 para a India, quando todos sabem que esse capitão foi Vasco da Gama, o proprio que a havia descoberto. Podia D. Manuel commetter esse erro? Não. Como então explical-o?

Eu creio que o erro terá procedido do amanuense italiano, o qual copiando, ou talvez traduzindo apressadamente, a minuta portugueza da carta, para logo transmittil-a a Roma, e vendo-se em difficuldade de decifrar o nome do tal commandante, o interpretaria pelo de Pedro Alvares Cabral, induzido a tal engano por ler ali que o capitão-mór fôra o mesmo da *primeira* expedição. Ora do começo da carta de D. Manuel um leitor pouco experiente e pouco attento poderia talvez deduzir que o commandante da *primeira* armada fôra Pedro Alvares Cabral, pois d'ella principia effectivamente a narração do Rei Afortunado.

¹ Foi publicada no *Bolletino della Società Geografica Italiana*, serie 3.^a, vol. III, p. 271 e seg. Roma, 1890.

² Vide *Vasco da Gama e a Vidigueira, estudo historico*, etc., publicado no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, serie 6.^a, p. 693-694.

Eis o que se me offerece dizer com respeito á origem do referido erro, salvo melhores explicações.

Quanto a algumas variantes entre a relação do rei e a dos chronistas coetaneos, ou quasi, algumas annotações, que fiz muito á pressa, dão conta no fim da carta.

Desejando por ultimo que esta reproducção saisse fiel ao texto do prototypo romano, pedi ao mui esclarecido e douto bibliothecario-mór da *Marciana* o singular favor de rever as provas de imprensa: a resposta foi qual não podia deixar de esperar-se de um cavalheiro tão amavel, como é o sr. Castellani, a quem apresento aqui gostosamente os meus profundos agradecimentos; e a sua revisão foi tão cuidadosa, que bem se pode acreditar ser exacta ou diplomatica esta reimpressão.

A unica variante que me permitti fazer foi a de substituir por *et* um signal especial que não ha na imprensa; não valendo a pena que se fundisse de proposito para este serviço exclusivamente.

Lisboa, 6 de junho de 1892.

PROSPERO PERAGALLO.





(. Copia de una littera del Re de Portagallo mādata
al Re de Castella del viaggio et successo de India.

Benche catholico Re e signore dapoi il trafico e comertio in le parte de India a nome n̄ro comiciato piu volte del successo p̄ altre mie .v. Serenissima maiestade habbia advisato; pur al p̄sente pela venuta de certe n̄re nave me e parso cōdecevole de le loro nove far certa q̄lla. Et replicādo quāto p̄ le altre n̄re havemo scritto: acio del tutto sia optimamēte iformata: redurli a memoria dala p̄ma n̄ra armata p̄ iusino alla p̄sente. Furno le n̄re prime nave a q̄lla parte mādate .xn. de numero: e una garavella quale era carcha de victuarie. Queste de lo anno .md. a giorni octo de marzo se partirno del n̄ro porto de Lixbona p̄ andare in mercātia de speciarie et drogaria alle parte de India ultra il Mare rosso e persico ad una Citade chiamata Calichut: d'l Re Sito: costumi e modi de epsi diremo de sotto. De dicta armata fu Capitanio generale Petro alvez Cabrale. Navicando passato il capo verde scoperseno una terra novamēte a notitia de q̄sta n̄ra europa venuta: alla quale terra d' Santa croce pose il nome; e questo p̄che nel litto fece adrizare una altissima croce: altri la chiamono terra nuova overo mūdo nuovo. E q̄sta terra dove sorseno ultra il tropico d'l Cancro gradi .xliiii. come li marinari p̄ li suoi quadrāti e astrolabij tolsono laltura p̄ che cō instrumēti astrologici navicano a q̄lle parte. Partendosi dal dicto .C. verde e posta fra ponēte e le bechie venti p̄ncipali distante dal dicto .C. verde leghe .cccc. Deli habitatori: fertilitate: magnitudine: cōditiōe: e se sia Iusula o terra ferma p̄ altre n̄re havemo dato piena informatione a V. S. (. De li partendosi dicta armata lasso dui christiani alla ventura: portava vinti homini

Prima arma-
ta.

Anno md.

Capitanio ge-
nerale.

Terra d'santa
croce.

Sito de dicta
terra.



(. Copia de uma carta de el-Rei de Portugal enviada
ao Rei de Castella ácerca da viagem e successo da India.

Ainda que, Catholico Rei e Senhor, depois do resgate e commercio nas terras da India iniciado em nosso nome eu tenha por mais de uma vez informado a Vossa Serenissima Magestade do que succedeu, todavia tendo agora chegado alguns dos nossos navios, pareceu-me conveniente dar-vos aviso das novidades que soube. E repetindo o que em outras cartas nossas já temos escripto, a fim de que sejaes plenamente informado de tudo, repetiremos os factos desde a primeira nossa armada até á presente.

As primeiras náos que mandámos áquellas terras foram em numero de XII, além de uma caravella que levava mantimentos. E sahiram do nosso porto de Lisboa no anno de 1500, no dia 8 de março, para ir a negociar em especiarias e drogas nas regiões da India, além do mar Roxo e Persico, em uma cidade chamada Calicut, cujo Rei, costumes e usos de seus habitantes mais adiante contarei.

Da dita armada foi Capitão General Pedro Alvez Cabral. Navegando elle além do Cabo Verde descobriram uma terra que novamente veio á noticia d'esta nossa Europa, á qual terra puz o nome de Santa Cruz: e isto foi porque na praia arvorou uma cruz muito alta. Outros chamam-lhe terra nova ou novo mundo. Esta terra aonde elles fundearam é situada além do Tropico do Cancro em XIII grãos; pois os marinheiros com seus quadrantes e astrolabios tomaram a altura; porque sempre navegam para aquelles mares com instrumentos astrológicos. Sahindo do dito Cabo Verde esta terra jaz entre Oeste e Sud-oeste, ven-

Primeira armada.

Anno de 1500.

Capitão-mór.

Terra de Santa Cruz.

Situação da dita terra.

gia p iusticia condeñati a morte p poterli lassare dove meglio al Capitanio paresse. De q̄sti dui homini poi p unaltra n̄ra armata ch' direttivamēte mādamo a q̄ella terra torno uno il̄q̄le scia la loro lingua e detene informatiōe del tutto. De q̄sta terra il Capitanio ne remando indrieto quella garavella che portava

Capo d' bona speranza: terra ultra lo equinoctiale.

victuarie. (• Il secundo giouro del mese de Mayo feceno vela verso il capo de bona sperāza e al xii giorno furno a vista d'l dicto .C. ch'è lontano da dicta terra, mcc leghe. Questo C. de bona sperāza e ultro lo equinoctiale p xxxi grado et e quella terra che nelle confine de Aphrica Ptolomeo la lassa per terra incognita: la costa e tutta ben popolata d' gente nō molto negra fertile e abundāte d'ogni fructo e aque: perle observātie facte da marinari hañno conosciuto

Polo antartico.

lo antartico polo: il canopo et molte altre figure de stelle: le quale ne hañno portate: Quivi p x nocte cōtinne verso la Aphrica videno una grādissima Cometa: Preterea che a noi e cosa inaudita: videno nela meza nocte lo arco celeste. (• Il xxiiij giorno de dicto mese navigando cō buon tempo p montare dicto capo: subitamente se in cōtrorno ne un fortissimo vento ī tanto ch'ivi sumer

Quattro nave sunmerse.

merse quatro de dicta nave insieme cō tutta la gente: Due se smarirno le altre tolsino il vento ī poppa cō vele sarte: verge et arbori tronchati: et p cinq̄ giorni scorseno fortuna: tandē tranquillato il mare: et raccolte insieme che

Zaphala insula.

furno sei: navigaudo per la costa passorno Zaphala. Questa e una insula alla bocca dun fiume habitata da molti mercadāti: dove e auro infinito q̄ le gli vien portato da le mediterranee parte de la Aphrica: da huomini piccoli de corpo et forti: et molti mōstruosi: quali mangiano carne humana precipue de loro nemini: et hañno pocha voce. Cusi etiā viene portato lo auro alla mina n̄ra in Ginea: e posseduta questa insula dal Re de Quilloa: passata dicta iusula trovorno

Due nave pigliorno.

due grande nave: quale veniano da dicta Zaphala et andavano al Re: q̄ste due nave furno in potere del n̄ro Capitanio ma intendēdo cherano d' l dicto Re le fasso liberamēte andār et solū da epse piglio un piloto p Quilloa: dōde poi giungēdo in Quilloa citade principale d' dicto regno grādissimo et ben popolato cō salvo cōducto da dicto Re fu molto honorato: p havea littere n̄tre scripte ī

Acordo co il re d' Quilloa.

lingua arabica et n̄tra direttive al dicto Re: solū p acordār il tracto et comertio d' dicta īsula: et cusi fu acordato: ma p che due nave ch' haveano a restare li erano pse nō fece alcun riscato. (• Quilloa e cittade in Arabia in una insuletta giuncta a terra ferma ben popolata de homini negri et mercadanti: edificata al modo n̄ro. Quivi hanno abundantia de auro: argento: ambra: muschio: et perle ragionevolmente vesteno panni de seta: et bambaxi fini. (• Partendosi de li navicorno verso il regno de Melindi al Re del qual similmente portavano mie litte

Quilloa.

Melindi.

tere et ambasata: perche lui gratiosamente havea recevuto Don cascho che prima fu ascoprire q̄sta costa. Quivi nel porto d' Melindi trovoreno tre nave d'

Nave fabricate de canne.

Cambaia de botte .cc. ciascuna. Sono queste nave alla parte d' sopra de canne: et la carena de legni ligati con corde et bitume pche nō hanno chiodi: tutte

tos principaes, e dista do dito Cabo Verde quatrocentas leguas. Dos seus habitantes, de sua fertilidade, grandeza e condição, e se seja Ilha ou terra firme, com outras nossas cartas temos já dado a Vossa Serenissima larga informação.

Cabo da Boa Esperança: terra além da linha equinocial.

(. Sabindo a dita armada d'este logar, o capitão deixou ahi dous christãos á mercê de Deus: pois elle trazia vinte homens já condemnados á morte pela justiça para deixal-os aonde melhor lhe parecesse. D'estes dous homens, em uma outra armada que directamente mandámos áquella terra, voltou um que sabia a lingua dos indigenas, e nos informou de tudo. D'esta terra o capitão fez regressar a nós aquella caravella que levava mantimentos.

(. No segundo dia do mez de maio partiram em direcção ao Cabo da Boa Esperança; e no dia xii chegaram á vista do dito Cabo, que é distante mil e duzentas leguas da sobredita terra. Este Cabo de Boa Esperança está além da equinocial em xxxi grãos: e é aquella terra que Ptolomeu lá nos confins de Africa chama terra incognita. Toda a costa é mui bem povoada de gente não muito preta; é fertil, e abunda em fructos de toda a qualidade e em aguas. Pelas observações feitas pelos marinheiros, conheceu-se o Polo Antartico, o Canopo, e muitas outras figuras de estrellas: observações que elles me trouxeram: ahi por 10 noites continuas viram em direcção á Africa um grandissimo cometa, e além d'isso viram á meia noite o arco Iris, o que para nós é cousa inaudita.

Polo antartico.

Arco Iris.

(. No dia 24 do dito mez, navegando com bom tempo para montar o dito Cabo, levantou-se de repente um violentissimo vento, de fôrma tal que fez ahi sossobrar quatro das ditas náos juntamente com toda a tripulação. Duas d'ellas perderam-se; as outras tomaram o vento em popa com velas rasgadas, sarras, vergas quebradas e mastros desarvorados, e por cinco dias correram com o tempo, e por fim, tendo abonçado a tempestade, e juntando-se as seis náos, navegando ao longo da costa chegaram a Sophala.

Quatro náos sossobradas.

Esta é uma ilha ao pé da barra de um rio: é habitada por muitos mercadores; aonde ha ouro infinito, que ahi é introduzido do sertão da Africa por homens de baixa estatura, mas fortes, e monstruosos muitos d'elles; pois comem carne humana, principalmente de seus inimigos, e teem pequena voz. Da mesma fôrma é trazido o ouro á nossa mina em Guiné. Esta ilha é possuida pelo Rei de Quiloa. Além de esta ilha acharam duas grandes náos que vinham da dita Sofala, e eram dirigidas ao Rei, das quaes tomou posse o nosso capitão; porém tendo elle sabido que pertenciam ao dito Rei deixou-as livres navegar, tomando só para si um piloto para Quiloa: e chegado que elle foi a Quiloa, cidade principal do dito reino amplissimo e bem povoado, com salvo-conducto, foi muito honrado pelo dito Rei; pois tinha cartas nossas escriptas em lingua arabica e portugueza para o dito Rei, com o fim unico de nos conceder o resgate e o commercio da dita ilha. E assim foi concedido: porém,

Sophala ilha.

Tomaram duas náos.

Tratado com o Rei de Quilloa.

le nave de quelle parte sono di tal sorte: navicano sempre con vento in poppa pche non pono andare de la bulina: haño castello da poppa. Il prefato Re parlo per interpreti cō il nostro Capitanio in batelli: et firmorno buona amicitia fra noi: et dete al dicto Capitanio uno piloto che lo conducesse a Calichut; ivi res-torno due altri homini deli condeñati a iusticia: luno de li quali havea a stare in melindi: laltro cercare fra terra. Questi dui regni Quilloa et melindi sono de qua dal mare rosso: cōfinano cō gentili et con il prete Jani il quale in sua lingua chiamono Abechi: ch' vuole dire ferado pche cusi in effecto cō ferro affochato se segnano: et cusi sono baptizati sencia aqua. ¶ Il giorno septimo d' Agosto partirno p Calichut et passorno un Golfo de .Dcc. leghe arivorno a vista de Calichut a .xiii. giorni de Septēbre. Sei mesi dapoi la loro partita d' Lix-bona. Una legua lontano dal porto de Calichut gli vereno incōtra citadini et gentilhomini del Re con grandissima festa: sorseno nanti alla cittade et sparorno l'artelaria che fu de grande admiratione apresso loro.

¶ Calichut e in India terra popolata de gentili: dove sono portate tutte le speciarie et drogare: p q̄sto vi sono mercadāti d' tutte q̄lle parte e d' mercantia como Bruges ī Flandria: et Venetia ī Italia: il giorno sequēti mādō ī terra q̄tro indiani q̄li havea portato d' Lixbona et parlavano bñ la ligua portogallese liq̄li hebbe dal Re salvo cōducto ch' la gēte n̄ra potesse smōtare ī terra como il Capº gli havea iposto: et cusi smōto Alfonso furtado il q̄le cōpose cō il Re ch' mādasse cinq̄ obstadici antiq̄ gentilhomini suoi ī le nave: acio il Capº venesse ī terra a parlāmto cō lui et cusi il Capº discesse ī terra lassādo Sanchio Tovar ī loco suo ī le nave: il Re vene ala marina ī certe sue case a recevere il dicto Capº: il q̄le fu portato da certi gentilhōi de dicto Re ī le loro bracia isino

alla p̄sentia d'epso Re. Stava il Re ī una lectica colcato cōto d' uno pāno de seta purpurino. da zintura sopra era nudo: da indi abasso era cincto dun velo de bom-baxo lavorato de auro et argento: in capo havea una beretta d' brocado como una celata antiqua: dale orecchie gli pendeano due perle quāto avellane: luna tonda laltra piero: portava due brazaleti de auro cō molte gioie et perle: et in-finiti anelli nelle mane erano tutte gēme p̄ ciosissime et de summo valore: Quivi era una grande sedia de argento tutta: li brazalli et spallera de auro con molte gioie: quivi erano vinti trōbette de argento et tre de auro longe piu che nostre il terzo; et de grandissimo suono. In la sala erano sei grande lucerne de ar-gento alla moresca: quale il giorno et nocte abrusiavano: niuno de li circūstanti

se puo aiunctare al Re p̄ sei passi p̄ reverentia: ma lo Capitanio giungendo se acosto piu de li altri: et sedēdo fece la sue ambasata et dete le n̄re littere scri-pte arabico et n̄ra lingua: et subito mando p̄ il presente n̄ro: quale fu q̄sto:

¶ Prima un bacile et bochale de argento dorato grande lavorato a varie figure: Una copa grande coperta: et una taza grande de auro: lavorate a figure. Due maze de argento con sue cathene: Quatro Cusini dui de brocado: et dui de ve-

Parlamento
co il re de Me-
lindi.

Abechi il pre-
te Jani.

Giungono a
Calichut.

Calichut.

Il Capitanio
descēde in terra
a parlamento
col re de Cali-
chut.

Luoco d' lre.

Il Capitanio
parla co il Re.

Presente do-
nato al Re.

como duas náos que deviam ficar ahí tinham-se perdido, não fez commercio algum.

¶ Quiloa é uma cidade na Arabia, situada em uma pequena ilha junto á terra firme, mui bem povoada de homens negros e de negociantes, e é edificada ao nosso modo. Ahí ha abundancia de ouro, prata, ambar, musgo, e razoavel quantidade de perolas: vestem-se de pannos de seda e algodão finos. Quilloa.

¶ Saliendo d'ahí, navegaram em direcção ao reino de Melinde, para cujo Rei traziam egualmente cartas minhas e embaixada; pois elle graciosamente tinha recebido Dom Vasco, que foi o primeiro que descobriu essa costa. Ahí no porto de Melinde acharam tres náos de Cambaia, de 200 tonelladas cada uma. Estas náos são de canna na parte superior; e a sua querena é ligada com cordas e calafetada com betume, por falta de pregos: e d'esta fôrma são as náos todas d'aquelles sitios; navegam sempre tendo vento em popa, pois não podem andar de bolina, e tem o castello de popa. O sobredito Rei fallou por meio de interpretes com o nosso capitão em bateis: estabeleceu-se boa amizade entre nós, e elle deu ao dito capitão um piloto para o conduzir até Calicut: ahí ficaram outros dois degredados, um dos quaes devia estar em Melinde, e outro explorar terra dentro. Melinde.

Estes dois reinos Quiloa e Melinde estão áquem do Mar Roxo: e confinam com gentios e com o Preste João, chamado Abechi na lingua d'elles, que significa ferrado; porque com effeito elles com ferro escaldado se persigam; e assim são baptisados sem agua. Nãos fabricadas com cannas.

¶ No septimo dia de agosto partiram para Calicut, e atravessaram um golfão de setecentas leguas, chegando á vista de Calicut no dia 13 de setembro, seis mezes depois da sua sahida de Lisboa. Á distancia de uma legua do porto de Calicut foram ao seu encontro varios cidadãos e gentishomens do Rei, com muita festa; fundearam em frente da cidade e deram salvas de artilheria: o que foi motivo de grande espanto para elles. Falla com o Rei de Melinde.

¶ Calicut é na India uma terra povoada de gentios: alli ha commercio de todas as especiarias e drogas, e por isso acham-se ahí mercadores de todos aquelles sitios, e varias mercadorias, como Bruges em Frandes e Venecia na Italia. No dia seguinte mandou para terra quatro Indianos que tinha levado de Lisboa, e que fallavam bem a lingua portugueza, os quaes alcançaram do Rei salvo-conducto para que a nossa gente podesse desembarcar, como o Capitão lhes tinha ordenado. E assim desembarcou Affonso Furtado, o qual convencionou com o Rei que elle mandasse como refens para bordo cinco dos seus mais antigos fidalgos, a fim de que o Capitão desembarcasse para tratar com elle: e d'esta fôrma o Capitão veiu a terra, deixando Sancho Tovar em seu lugar em a náo. O Rei veiu á praia, alojando-se em umas casas suas para receber o dito Capitão, o qual foi levado nos braços de certos gentishomens do dito Rei Abechi o Preste João.

Chegam a Calicut.

Calicut.

O Capitão desembarca para tratar com o Rei de Calicut.

luto carmesino: Uno baldachino de brochado cō frangie d' auro et carmesine: Un Tapetto grande: Dui pāni de razo finissimi uno verdura laltro figure. (• Questo presente recevete il Re gratiosamēte pche la nō usano queste cose: et concluso seno pace et amicitia. In segno de qsto il dicto Re fece fare una littera in uno foglio de argēto batuto cō il suo sigillo facto de auro alla damaschino secūdo il loro costume la quale me portorono. Et altre littere scripti in foglie de arbori ch' pareno dataleri: nele quale cōmunamēte se scrive: de qli arbori se fa zuccaro: mele: olio: vino: aqua: aceto: carbone: et corde: et e grāde provisione da portare in nave. (• Dapoi il Re licentio il Capitaneo che tornasse in nave: et rimādasse li cinq obstadici in terra liqli in nave nō haveano mai mangiato: Dicti obstadici vedēdo ritornare il Capitano di paura che nō li retenessero se gittorno allaqua et parte fugirono i terra: alcuni furno p̄si da marinari. Et il Capitaneo nō li volse restituire fin tanto che il Re nō li mādasse Alfonso furtado cō octo christiāi et certe robe erano restati i terra: In qsta restitutiōe fu certa discordia pche luno nō se fidava de laltro. (• Dapoi la ql restitutiōe da volūtade de dicto Re et Capitano Aycias corea quale dove restare li p factore nro ando in terra: et i suo cambio veneno alle nave dui nepoti dun mercadanti Guzarate: il dicto factore passato dui mesi et mezo ch'era in terra cō sua grande faticia acordo il trafico: bench' fusseno multi mercadanti: et pcpue quelli de la mecha ch' nō voleano. In qsto acordo il Re cōsigno una casa grande al nro factore et era sopra lariviera: De la quale con la bandiera nra tolse la tenuta et cominciola adhabitare: et li dui mercadanti che erano in nave ritornorno in terra: et poi subitamente cominciò a carichare la nave perche il Re gli avea promesso il caricho prima che ad alcuno altro. (• Stando in questa cōcordia a preghere dil Re: il Capitano mando una garavella con LXX homini et una bombarda grossa et altra artelaria a pigliare una grande nave de mori: laquale passava li armata de .cccc. arceri: et così la pigliorno et presentorno al Re da parte del Capitano: al quale Re parse molta maraviglia essere presa da così piccolo legno. Era in dicta nave molta mercandaria: et cinque Elephanti molti pratici in guerra: liquali furno aprecati ducati Trentamillia. (• Il .xvi. giorno de Decembre essendo occupato il factore in computi de due nave quale erano caricate: il Capitano nro retene una nave de mori laquale caricha se volea nascosamente partire pche così era nella convention con il Re: incontinente tutti li mercadanti se poseron in arme et feceno levare la terra a rumore: et corse alla casa del factore dove erano circa .LXXX. christiani: et cōbattuta p hore tre: tandē la ruinorno benchè prima fusseno amazati molti mori. Il factore insieme cō laltra gente perduta la casa se volseno ritirare al mare dove erano venuti li batilli de le nave p il rumore sentuto: ma sōpiungendo multitudi de dicto factore et Cinquanta tri christiani furno morti: li altri feriti scamporno. (• In questo tēpo il Capitano era anialato et olduta dicta nuova

Amicitia del
Re.

Modo descri-
vere.

Discordia.

Nuovo acor-
do.

Una garavel-
la piglia una
nave de mori.

Cinque Ele-
phanti.

Nuova dis-
cordia.

Morte de
christiani.

até á presença do mesmo Rei. Estava o Rei deitado em um palanquim, e coberto com um panno de seda vermelha: da cintura para cima era nu, e da cintura para baixo estava coberto com um véo de algodão lavrado de ouro e prata: na cabeça tinha um barrete de brocado, á maneira de um capacete antigo: pendiam-lhe das orelhas duas perolas grandes como avellãs, sendo uma redonda, e a outra do feitiço de uma pera; trazia dois braceletes de ouro com muitas joias e perolas, e muitos anéis nas mãos ornados de gemmas preciosissimas e de muito valor. Ahi estava uma grande cadeira toda de prata, tendo os braços e o espaldar de ouro com muitas joias; havia assim mesmo vinte trombetas de prata, e tres de ouro mais compridas um terço do que as nossas, e que davam um fortissimo som. Na sala havia seis grandes alampadas de prata, segundo o uso mourisco, que estavam accesas noite e dia. Ninguem dos circumstantes pode chegar-se para o Rei senão a distancia de seis passos, por reverencia; mas o Capitão ao chegar aproximou-se mais do que os outros, e sentando-se deu sua mensagem, e entregou as nossas cartas escriptas em arabico e em portuguez. E logo mandou vir o nosso presente, que foi o seguinte:

Logar do Rei.

(.Primeiro: uma grande bacia e um jarro de prata dourada, lavrada com varias figuras: uma grande terrina coberta, e uma taça grande de ouro, lavradas com figuras: duas maçãs de prata com suas cadeias: quatro almofadas, sendo duas de brocado e duas de veludo carmesim; um docel de brocado com franjas de ouro e carmesim: um grande tapete: dois pannos de arraz finissimos, representando um flores e o outro figuras.

Presente entregue ao Rei.

(.O Rei recebeu gostosamente esta dadiva; porque ahi não usam d'essas cousas: e concluiu-se a paz e amizade. Em confirmação, o rei mandou fazer uma carta em uma folha de prata batida, com o seu sello feito de ouro, no estylo de Damasco, segundo o seu costume; a qual me trouxeram; e tambem outras cartas escriptas em folhas de arvores, que parecem folhas de palmeiras: nas quaes commummente se escreve. D'estas arvores fazem assucar, mel, azeite, vinho, agua, vinagre, carvão e cordas, e grande mantimento para trazer em as náos.

Amizade do Rei.

Maneira de escrever.

(.Em seguida o Rei deu licença ao Capitão que voltasse á sua ná, e que enviasse para terra os cinco refens que em a ná não quizeram comer nada. Estes refens, vendo voltar o Capitão, por medo de serem ahi retidos lançaram-se á agua, e parte d'elles fugiram para terra; alguns foram tomados pelos marinheiros. E o Capitão não os quiz restituir senão depois que o Rei lhe mandasse Affonso Furtado com oito christãos e algumas fazendas que tinham ficado em terra. Nesta restituição houve alguma discórdia; pois um não se fiava no outro.

Discórdia.

(.Feita a restituição, por vontade do Rei e do Capitão, desceu em terra Ayres Corrêa, que devia ficar ahi por feitor; e em sua troca vieram para as

sop̄stete un giorno espectando se il Re gli mandava excusatione alchuna de tali caso: et vedendo che il Re de questo nō curava: fece pigliare diece grossi nave q̄le erano li: et scargat̄le de quello tenevano dove trovorno tre Elephanti liquali dapoi per carestia de victuaria mangiorno: et amazata la magior parte dela ḡte il resto prese captivi: le fece nanti alla citade abrusiare. La nocte sequēte fece tirare tutte le n̄re nave giuncte alla terra: e in la aurora comincorno abōbardare la citade quale nō ha mura dove feceno grandissimo danno: in modo chel Re fu constretto partirse dele sue case. (• Dapoi feceno vela et in un porto de dicto Re chiamato Fundarane: amazorno molta ḡte cō artelaria et deliberorno andare verso il regno de Cuchin: il quale e ultra Calichut p̄ xl. leghe nel camino trovorno due nave d' l Re d' Calichut quale prese abrusorno. Il xliij. giorno d' Decembre arivamo a Cuchin: et da q̄llo Re gratiosamēte recevuti acordorno: et in .xvi. giorni furno carichiati: p̄che de quelle parte vanno le speciarie et drogare a Calichut: questo Re e potentissimo in tanto che dui mercadanti haveano l nave bone sne p̄imico al Re de Calichut. Et p̄ cōtracābio de .vij. homini n̄ri quali erano in terra per mercandare: mando in nave dui suoi gentilhomini: liquali sempre voleano mangiare: se mutavano: p̄che se mangiasseno in mare non potriano andare denanci al Re secondo le loro lege. In questo regno sono molti christiani de la conversione de santo Thoma: li sacerdoti de li quali segueno vita apostolica con molta devotione et stretteza hanno Ecclesie dove solamēte e la croce: et celebrano cō pane azimo et vino: quale fanno de uva passa et aqua perche non hanno altro: tutti li christiani vanno con capelli et barba sencia mai conciarli. De li inteseno che il corpo de santo Thoma e lontano da Cuchin .cl. leghe alla costa del mare in una cittade chiamata Mailapur de pocho populo et portorno terra de la sua sepultura: la quale per li molti miraculi e frequentata da christiani et da tutte quelle nationi: Et cusi hanno portato qui dui christiani sacerdoti: li quali con licentia del suo p̄lato sono venuti per andare a Roma et in Jerusalem: p̄che teneno che la Ecclia d' santo Petro sia meglio governata ch' la loro. (• Preterea inteseno che altra la dicta casa d' santo Thoma sono molte populationi de christiani: li quali veneno in peregrinatione al dicto sancto. Sono homini bianchi et de capelli zali: occhi verdi: et fortissimi: la lor principal terra chiamano Malchina: dove veneno vasi grandi et belli de porcellana: muschio: ambra: et legna aloes ch' haño del fiume Gange ch' e fra loro. (• Essendo caricate diete nave aparse una armata del Re d' Calichut d' .lxxx. vele cō quindici milia hōi pla vista de la q̄le il n̄ro Cap° fece vela et ivi i Cuchin lasso sette xp̄iani et porto sieco li dui gentilhomini obstadici: pensando perho d' ritornare: ma dapoi visto buon tempo delibero venire: et cusi sono li dui mori et li dui sacerdoti ap̄sso noi: et nō volse ivestire dicta armata d' Calichut p̄ avere lenave cariche et cō poca gente e p̄ essere il camino longo p̄che de Lixbona erano lōtani quatro mi-

Abrusano x
nave de mori.

Abrusano
due nave.

Amicitia cō il
re de Cuchin.
Caricho dele
nostre nave.

xp̄iani d' sã-
cto Thoma.

Il corpo de
santo Thoma.

Mailapur cit-
tade.

Malchina cit-
tade. Gange fiu-
me. Armata d' l
re de Calichut.

Partita dela
fira armata.

Distantia del

nãos dois sobrinhos de um mercador Guzerate. O dito feitor, ao fim de dous mezes e meio de sua estada em terra, com seu grande trabalho combinou o trafico; embora houvessem muitos mercadores, e particularmente os de Meca, que não queriam isto. Em consequencia d'esta convenção o Rei concedeu ao nosso feitor uma casa grande que estava á beiramar. E d'ella tomou posse, içando a nossa bandeira, e começou a habital-a; e os dous mercadores que estavam em a não voltaram para terra. E logo em seguida principiou a carregar a não; porque o Rei tinha-lhe promettido a carga com preferencia a outro qualquer.

Nova conven-
ção.

(. Estando n'esta concordia, o Capitão, a pedido do Rei, mandou uma caravella com setenta homens, e uma bombarda grossa e mais artilheria, para aprisionar uma grande não de monros, a qual passava por ali, sendo armada com quatrocentos archeiros: e com effeito tomaram-na e apresentaram-na ao Rei da parte do Capitão; e ao Rei pareceu cousa maravilhosa que fosse aprisionada por uma tão pequena embarcação. N'esta não havia muita mercadoria e cinco elephantes ensinados para a guerra, os quaes foram avaliados em trinta mil ducados.

Uma caravella
aprisiona uma
não de mouros.

Cinco ele-
phantes.

(. No dia dezeseis de dezembro, estando o feitor occupado em contas de duas nãos que já estavam carregadas, o nosso Capitão deteve uma não de mouros que, estando carregada, queria furtivamente partir; pois assim estava convencionado com o Rei: e logo todos os mercadores se armaram, e levantando sedição na terra correram para a casa do feitor, aonde estavam perto de oitenta christãos; e, tendo-a combatido por tres horas, finalmente a destruíram, embora muitos mouros tivessem ali perdido as vidas. O feitor, juntamente com os outros, tendo perdido a casa, quiz retirar-se para o mar, aonde já estavam os bateis das nãos por se ter ouvido o barulho; mas sobrevindo grande multidão de povo, o feitor e cincoenta e tres christãos foram mortos: os outros feridos escaparam.

Nova discor-
dia.

Morte de chris-
tãos.

(. N'este tempo o Capitão achava-se doente, e sabedor do que tinha acontecido esperou um dia para ver se o Rei lhe mandava pedir alguma desculpa do caso; vendo porém que o Rei nada se importava com isso, ordenou que fossem aprisionadas dez nãos grandes que alli estavam; e tendo-as descarregadas do que ellas continham, achando ali tres elephantes, que em seguida, por falta de mantimentos, comeram, e matando a maior parte dos marinheiros, captivando o resto, fel-as queimar diante da cidade. Na seguinte noite mandou que todas as nãos que estavam junto á terra se puzessem ao largo; e na alvorada começaram a bombardear a cidade, que não tem muralhas, aonde produziram grandissimos prejuizos; de forma tal que o Rei viu-se obrigado a abandonar suas casas.

Queimam dez
nãos de mou-
ros.

(. Em seguida fizeram-se de véla, e em um porto chamado Fundarane mataram muita gente com a artilheria, e resolveram navegar para o reino de

viaggio. Cana-
noro cittade.

Una fira nave
perduta.

Arivano in
Lixbona.

Sei nave ri-
torno.

mcccci.

Nave iiii par-
teno.

lia leghe: et cusi venēdo il xv giorno d' Zenaro .mcccci. passorno nāci a un al-
tro regno dicto Cananoro d' qua da Calichut: il Re del quale mando a offerire
al Capitanio il carcho volendoli fare credito fin tanto che ritornasse unaltra
fiata: ma il Capitanio ringratiandolo prese solum cento cantara de canella et
subitamente la fece pagare: la quale portorno alle nave li mori con suoi ba-
telli: et hanno mandato un suo gentilhomo con lettere et ambasata: il quale
e apresso noi: de questo regno quilli obstadici de Cuchin scrissero al suo Re
et a snoi parenti: et similmente il Capitanio scrisse alli nostri christiani che
erano restati la. ¶ Il giorno sequēti il Capitanio fece vela p venire a Melinde:
et lo ultimo d' Janaro trovasseno una grande nave carica de mercantie: le
q̄le p essere del Re de Cambaia lassorno andare pigliando uno piloto da epsa
per Melinde. ¶ A .xii. de Febraro in la meza nocte una de le nostre nave de
cc. tonelle dete in secco salvaronse li homini: de la q̄le era Cap^o Sanchio to-
var: et cusi rimanesseno cinq̄ nave de le q̄le il Cap^o nro mādo uno a Zaphala
p avere piena iformatiōe de epsa. Dapoi p fortuna smariteno unaltra nave
tandē il giorno de pasqua d' mayo mōtorno il C. de bona speranza tre nave:
et arivorno a Bezebiche giūcto con Capo Verde: et spalmorno de le nave: et
da poi vi giunse quella ultimamente smarita: et etiam arivo quella havea man-
dato a Zaphala il Capitanio de la quale disse haver mandato a Zaphala un cris-
tiano con obstadici de uno moro et aspetto tri giorni: et non havendo nuova
de epso se era partito: et ne ha portato il moro: il quale de dicta terra ne ha
dato buona informatione como di sopra havemo scritto. ¶ Dapoi veneno verso
Lixbona et arivorno a .xxi. de Julio .mccccci. et hanno portato speciarie et dro-
garie bone e per buono pretio: Et hora nuovamente e giuncto uno de li dui
navigli che se smarirno al montare del Capo de bona speranza: dove se su-
merseno le quatro nave: il quale per fortuna corse nel mare rosso: et ivi perso
il batello et la maggior parte de la gente miraculosamente e ritornato con sette
persone: et ha portato bona suma de vasi de argento: quali hanno comparate
in quelle parte: in modo che de .xij. nave che se partirno per India ne sono ri-
tornate sei: le altre sono perse: Le distantie de luochi qualitate del litto al-
teza et navigatione che se fanno in questo viaggio vostra Serenissima signoria
potra perfectamente conoscere per la Charta da navigare: quali li mando. Quello
medemo aṇo a .x. d'l mese d' Aprile nō havēdo nuova de q̄lla p̄na armata mandai
alla dicta parte quatro altre nave bene i ordine: leq̄le p avere gia noticia de
q̄lla terra chiamata d' Santa croce p pigliare refresco la andorno: pche certo
dicta terra e molto necessaria a tale viaggio: Et de li passorno il C. de bona spe-
ranza: et nō ritrovādo alcuna de le nre nave scencia fermarsi andorno alla vista
de India: Et non essendo āchora giūti a Calichut ritrovorno due nave d' mori
cariche de speciarie et drogare q̄le andavano p la mecha: da la q̄le p forza
pse inteseno la guerra e discordia era stata fra la nra armata e il Re de Ca-

Cochim, que está a quarenta leguas de Calicut: no caminho encontraram duas náos do Rei de Calicut, as quaes aprisionaram e queimaram. No dia vinte e quatro de dezembro chegaram a Cochim, e, tendo sido recebidos graciosamente por aquelle Rei, fizeram accordo com elle; e em dezeseis dias fizeram a sua carga: porque é d'estes sitios que as especiarias e drogas vão para Calicut. Este Rei é poderosissimo, a ponto que só dous mercadores tinham cincoenta boas náos para oppôr ao Rei de Calicut. E em troca de sete homens nossos, que foram a terra para negociar, mandou a não dous gentishomens seus, que mudavam de vestimenta cada vez que queriam comer; pois, comendo elles no mar, já não podiam apresentar-se ao Rei, segundo a sua lei. N'este reino ha muitos christãos da conversão de S. Thomé, cujos sacerdotes seguem a vida apostolica com muita devoção e rigor: tem egrejas aonde sómente é a cruz, e celebram com pão azymo e vinho, que fabricam com uva-passa e agua, por não ter outra cousa: todos os christãos usam cabello e barba, que nunca cortam. Ahi souberam que o corpo de S. Thomé está longe de Cochim cento e cincoenta leguas, na costa do mar, em uma cidade chamada Meliapur, mui pouco povoada, e trouxeram terra do seu sepulchro, que, pelos muitos milagres, é frequentado dos christãos e de todas aquellas nações. Outrosim trouxeram para aqui dous sacerdotes christãos, que, com licença de seu prelado, vieram para irem a Roma e a Jerusalem, pois crêem que a Igreja de S. Pedro é mais bem governada que a sua propria.

Queimam duas náos.

Anusade com o Rei de Cochim. Carregamento de nossas náos.

Christãos de S. Thomé.

O corpo de S. Thomé. Mailapur cidade.

(Souberam outrosim que, além da dita casa de S. Thomé, ha muitas povoações de christãos, que vão em peregrinação ao dito santo. São homens brancos e de cabellos louros, olhos verdes, e são fortissimos: a sua terra principal chama-se Malchina, d'onde veem jarras grandes e bonitas de porcellana; musgo, ambar e pão aloes, que tiram do rio Gange, que corre na terra d'elles.

Malchina cidade. Gange rio. Armada do Rei de Calicut.

(Sendo já carregadas as ditas náos, appareceu uma armada do Rei de Calicut, de oitenta vélas, com quinze mil homens: pelo que o nosso Capitão fez-se de vèla, deixando em Cochim sete christãos, e trazendo comsigo como refens os dois gentishomens, com intenção porém de voltar; mas visto que tinha bom tempo resolveu regressar, e é por isso que os dous mouros e os dous sacerdotes estão aqui no reino: e não quiz atacar a dita armada de Calicut por levar as náos carregadas e com pouca gente, e por ser grande o caminho, pois achavam-se distantes de Lisboa quatro mil leguas. E partindo-se no dia quinze de janeiro de 1501 passaram diante de um outro reino chamado Cananor, áquem de Calicut, cujo Rei mandou offerecer a carga ao Capitão, dando-lhe tudo a credito até elle voltar outra vez; mas o Capitão, agradecendo-lhe, não tomou senão cem arrobas de canella, que fez pagar logo, e que os mouros em seus bateis trouxeram para a não. E enviou um dos seus gentishomens com carta e mensagem, o qual está aqui. D'este nosso reino os refens de Cochim

Partida da nossa armada.

Distancia da viagem. Cananor cidade.

Gonzalvo ma-
letra Cap.^o
Abrusino due
nave d' mori.
Zudia Sibi-
gliana.

lichut pche epose veneano di la da carichare. Subito il Capitano d' dicte qua-
tro nave quale fu Gonzalvo maletra fece scaricare le dicte due nave: et parte
de la gente pose i terra: parte fece captiva: et le nave abrusio. In q̄ste nave
trovo una Zudia d' Sibillia q̄le gli disse essere fugita da Spagna p inquisitione
i Barbaria et Alexandria d' Egypto: et dapoi al Caiero et in India; et ch' alla
discordia dele n̄re nave cō il Re d' Calichut epsa era in terra: et ch' haveva
inteso ch' il Re fu causa d' dicta discordia: il q̄le se havea lassato psuad̄r ad
altri mercadāti ch' la n̄ra gente erano ladroni et andavano p destruere il paese:
preterea disse che i Calichut erano restati certi christiani feriti et captivi. Questa
Zudia pche il n̄ro Capitano nō la volse mettere in terra: da li a pochi giorni
se gito nel mare et affogosse. (C. Per q̄sta nuova nō restorno d' andar avāti et
giūti sop̄ Calichut ala boca d' l porto scaricorno tutta lartelaria la q̄le pose in
fundo tre nave de q̄lle erano nel porto et poi mostrorno partirse: et nō molto
lontano p̄seno una nave del Re de Calichut: dela q̄le me hañō portato certe
gioie de bon p̄cio: Perle mcccc de p̄cio d' ducati octo milia: tri instrumēti as-
troglogici d' arḡto fra li astrologi n̄ri inusitati grādi et ben lavorati quali a me
sono stati chiarissimi: Dicono che il Re d' Calichut havea mādato dicta nave ad
una insula chiamata Saponin p havere dicti instrumēti: et hebbero un bono
piloto et una charta da navicare p q̄lle parte: adesso e apresso noi: et li fo
insegnare la lingua n̄ra: pche lui mostra intēdere li dicti instrumēti astroglogici.
Il resto d' la gente d' dicta nave insieme cō epsa nanci al porto de Calichut
fu abrusata. (C. Il Re intendēdo q̄sto mando a pendarane porto di mare et fece
armare certe nave p venire sopra le quatro n̄re lequale p .xx. giorni mai nō
partirno dela costa de Calichut: dānegiando quanto potea. Vista dicta armata
il Capitano gli ando cōtra confidandose ch' le nave de mori nō vano dela bu-
lina: et cusi alli .xv. de Decēbre del dicto año passato il meggio giorno d' qua
da Calichut circa .xvi. leghe furno alle mani: et tolsono quella armata sottovento
quale era pocho: al primo incōtro passerō due nave i fundo p essere como di
sopra scrissi debile et d' cāne et poi cō artelaria et focho ne suffocorno et abru-
sorno tre altre et sopraiūgēdo lanocte fece fine alla battaglia. Et ringratiamo
Dio ch' de n̄ra gente niuno morete: anchora ch' alcuni fussero de saette im-
pieg(h)ati: et q̄sto fu pche mai se volserō cōiungere con li inimici como loro
cercavano. (C. La matina sequēte da niuna parte haveano vista de dicta armata
et p questo furno verso Calichut: et nel porto trovorno dicta armata posta alle
diffese: et tētatila cinq giorni cōtinni et nō volēdo uscire il Capitano delibero
ritornarsene per Lixbona nō se fidando de niuno a volere dismōtare. Bench'
fusse cō ambasciate richiesto dal Re d' Cananoro amico n̄ro: ma il Capitano q̄sto
nō sapea. Et cusi a .xx. de Zenaro .mdij. feceno vela p le parte nostre Almōtare
del C. de bona speranza p tormēto se smarite una nave dela q̄le fin hora non
habiamo nova: credemo sia persa: poi con prospero vento giuinseno le altre

Giungeno a
Calichut.

Nave tre de
mori.

Una nave de
mori abrusano.

Guerra con
larmata de Ca-
lichut.

Nave cinque
de mori se per-
dono.

Larmata nra
ritorna a Lix-
bona una nra
nave psa giūge-
no a Lixbona.

escreveram ao seu Rei e aos seus parentes; e egualmente o Capitão escreveu aos nossos christãos que lá tinham ficado.

(. No dia seguinte o Capitão navegou para Melinde; e no ultimo dia de janeiro encontraram uma grande não carregada de mercadorias, a qual, por pertencer ao Rei de Cambaia, deixaram em liberdade, tomando sómente um piloto para Melinde. Uma nossa não perdida.

(. No dia 12 de fevereiro, perto da meia noite, uma das nossas náos, de duzentas tonelladas, deu em um baixo, salvando-se os homens, tendo por Capitão Sancho Tovar, e por isso ficaram cinco náos, uma das quaes o nosso Capitão mandou para Sophala a fim de informar-se bem a seu respeito. Em seguida, por causa da tempestade, perderam de vista uma outra não: finalmente no dia da Paschoa de maio montaram o Cabo de Boa Esperança tres náos, e chegaram a Bezebiche, junto a Cabo Verde, e ahi calafetaram as náos, e d'ahi a pouco chegou aquella que ultimamente se tinha esgarrado, chegando tambem a que havia enviado a Sophala, cujo Capitão disse que tinha mandado a Sophala um christão com um mouro por refem, e esperou por tres dias, e não tendo tido noticia d'elle resolveu partir, trazendo a nós o mouro, o qual, como acima dissemos, nos deu boa informação da dita terra.

(. Em seguida largaram para Lisboa, e chegaram em vinte e um de julho de 1501, trazendo especiarias e boas drogas por bom preço. E agora mesmo chegou um dos dous navios que se tinham esgarrado ao dobrar o Cabo de Boa Esperança, aonde se submergiram as quatro náos, o qual navio, por causa da tempestade, correu até ao mar Roxo; e, tendo ahi perdido o batel e a maior parte da tripulação, milagrosamente tornou com sete pessoas, trazendo boa somma de vasos de prata, que compraram n'aquellas partes: de maneira que, de doze náos que saíram para a India, voltaram só seis; as outras perderam-se. As distancias dos logares, a qualidade das costas, altura, e a navegação que se faz n'esta viagem, Vossa Sereuissima Senhoria poderá perfeitamente conhecer pela Carta de marear que lhe envio. Chegam a Lisboa.

N'aquelle mesmo anno, em dez do mez de abril, não tendo noticia d'aquella primeira armada, mandei ás sobreditas partes outras quatro náos bem equipadas, as quaes, porque já havia noticia d'aquella nova terra chamada de Santa Cruz, ahi foram ter para tomar algum refresco, pois certo a dita terra é muito necessaria para essa viagem. E d'ahi foram montar o Cabo de Boa Esperança; e não encontrando nenhuma das nossas náos, foram sem demora até á India. Indo a caminho de Calicut encontraram duas náos de mouros carregadas de especiarias e drogas, que iam para Meca, das quaes se apoderaram, e souberam a guerra e a discordia que tinha havido entre a nossa armada e o Rei de Calicut; pois elles ahi tinham feito a sua carga. Logo o Capitão das ditas quatro náos, que foi Gonçalvo Maletira, fez descarregar as ditas duas náos; e parte Seis náos voltaram.

mccccj.
Náos iiij saem.

Gonçalves

tre nel porto nostro a xi de Septembre del dicto anno con quelle speciarie: drogare: gioie: et perle che tolsino a quelle tre nave preseno. (¶ Prima che de q̄ste nave havesse nuova temēdo nō fusseno perdute q̄llo anno medemo mdij a giorni tri de marzo mādaì unaltra armata p̄ quelle parte et furono nave xxv duodeci nostre e tredici de mercadāti: che la minore era de cc tonelli Capitano de epsa armata fu Petro alvez cabrale quale etiā fu Capitano d' la prima armata: et ordinai ch' sei de dicte nave andasseno alla bocca del mare rosso p̄ non lassare uscire nave niuna: le altre andasseno sopra Calichut: et sencia conditione de pace gli fecesseno tutto il dāno potesseno: et carichasseno a Cuchin overo Cananoro como meglio gli paresse: et al tēpo rimandasse x de dicte nave cariche: il resto rimanesse p̄ mantenere guerra a Calichut et partendosi portorono quilli dui obstadici de Cuchin et q̄llo messo da Cananoro quali veneno cō la p̄ma armata li q̄li se ne ādorno molto cōtenti et cō animo de ritornare. (¶ Arivorno tutte q̄ste nave la dove le mandava. Quelle sei ala bocha d' i mare rosso: de le q̄le fu Cap^o Rodrigo palares: de epse dapoi daro adviso a VM. (¶ Le altre prima furno al Re de Cananoro al q̄le māda littere cō il dicto suo nuncio: et da epso furno acarizati et reintegrata la amicitia. Il Cap^o nō tolse robe alcune p̄che p̄ma volea ādare a Calichut et a Cuchin: et cusi passo sopra Calichut cō xix nave dove p̄ molti giorni fece et i terra et i mare dāno inextimabile: a bench' gli fusse offerto da parte d' i Re cōdictiōe di pace: ma nō volse ascoltarle. (¶ Dapoi fu al Re d' Cuchin et gratiosamēte ricevuto mādō i terra li dui obstadici ch' havea et p̄ mezo dep̄si cō altri obstadici smonto il Cap^o in terra: et ritrovo il mio factore cō li vij. christiani ch' ristorno quali era stati ben tractati: Et al dicto Re dete le littere m̄re et il presente infrascripto; p̄ il bono portamēto havea facto cō la m̄ra p̄ma armata. (¶ Una corona d' auro cō smalti et gioie: una solana d' auro lavorata ad anelli lunati: dui bochali grādi de credentia d' argento ben lavorati: dui tapeti grādi et fini: dui pan̄i d' razo figurati: uno paviglione da campo cō tutti fornimenti ben lavorato: una peza d' cetino carmesino: et una de cendale: lequale cose furno molte grate a dicto Re: et maxime per vedere dicto paviglione fuora alla campagna steso; ivi firmorno pace et concordia: et consegnete una casa al nostro factore: con licentia de mercandare pienamente quanto volea: et ultra di questo me mando littere et il presente infrascritto: Dui brazaleti de auro con molte gioie secondo il loro costume: uno candaleri de argento alto x palmi ben lavorato: due pecie de panno de bambaxo subtilissime et bianche: una pietra grande quanto una avellana: quale me scrisse essere del capo duno animale rarissimo che loro chiamano Burgoldaf: contra ogni generatione de veneno: Et cusi li carichorno vij. nave de speciarie et drogare et etiam comprorno certe gioie. (¶ Mādasemo cō dicta armata dui zoileri italiani quali veneno da Roma; et volea res-tasseno li per comprare gioie al nome n̄ro: ma loro subito furno smontati fu-

mdij.

Nave xxv vā-
no in India.Sei nave vano
al mare rosso.Giungeno a
Calichut.Giuneta a Cu-
chin.Dono al Re
de Cuchin.Presente del
Re de cuchin al
Re de portugal-
lo.Pietra cōtra
veneno.Nave vij cari-
che.

Dui zoileri

da tripulação desembarcou, parte reteve como captiva, e queimou as náos. N'estas náos achava-se uma judia de Sevilha, que lhe disse como tinha fugido de Hespanha por causa da inquisição em Barbaria e Alexandria do Egypto, d'onde foi ao Cairo e d'ahi á India; e que no tempo da discordia das nossas náos com o Rei de Calicut ella estava em terra, e que tinha sabido que o Rei foi a causa d'esta discordia, por tel-o persuadido os mercadores que a nossa gente eram uns ladrões e que iam para destruir a terra: disse outrosim que em Calicut tinham ficado alguns christãos mal feridos e captivos. Esta judia, por o nosso Capitão ter-se negado a desembarcal-a, d'ahi a poucos dias lançou-se ao mar e afogou-se.

Maleta Capitão.
Queimam duas náos de mouros.
Judia Sevilhana.

¶ Por causa d'estas noticias não deixaram de ir para diante, e tendo chegado á entrada do porto de Calicut descarregaram toda a artilheria, que fez submergir tres náos das que estavam no porto, e em seguida fingiram de abalar, e não muito longe aprisionaram uma náó do Rei de Calicut, da qual tiraram certas joias de muito valor, as quaes me teem trazido: perolas mil e quinhentas, do preço de oito mil ducados; tres instrumentos astrologicos de prata, não conhecidos pelos nossos astrologos, grandes e mui bem trabalhados, que muito estimei. Dizem que o Rei de Calicut tinha enviado a dita náó para uma ilha chamada Saponin, a fim de possuir estes instrumentos; e tomaram um bom piloto e uma carta de marear n'estas partes; agora este piloto está aqui commigo, e faço-lhe ensinar a nossa lingua a fim de que possa explicar os ditos instrumentos astrologicos. O resto da tripulação da dita náó, juntamente com ella, mandou que se queimasse diante do porto de Calicut.

Chegam a Calicut.

Tres náos de mouros.

¶ O Rei, sabendo isto, mandou que a pendarane, porto de mar, se armassem algumas náos para aggredir as nossas quatro, que por vinte dias nunca se afastaram da costa de Calicut, fazendo o maior damno que podiam. Tendo visto a dita armada, o Capitão foi ao seu encontro, sabendo que as náos de mouros não andam de bolina; e portanto em quinze de dezembro do dito anno, depois do meio dia, dezeseis leguas pouco mais ou menos de Calicut, entraram em batalha, e tendo aquella armada a sotavento, que era pouco, no primeiro encontro metteram no fundo duas náos, por serem ellas, como acima disse, frageis e feitas de cannas, e depois com artilheria e fogo bateram e abrazaram outras tres, e sobrevivendo a noite deu-se por finda a batalha. E, graças a Deus, nenhum dos nossos marinheiros morreu, ainda que alguns tivessem sido feridos pelas settas: e isto foi porque nunca deixaram os inimigos abordar, como elles porfiavam.

Queimam uma náó de mouros.

Guerra com a armada de Calicut.

Cinco náos de mouros perdem-se.

¶ Na manhã seguinte tinha desaparecido completamente a dita armada: e por isso foram para Calicut, e no porto encontraram a dita armada em ordem de defeza. O Capitão, tendo esperado por cinco dias continuos que elle sáisse, e não querendo nunca sair, deliberou regressar a Lisboa, não se fiando

fugirno de la
fira armata.

Nave iij cari-
che,
Nave x per
Lixbona.

Costumi de
India.

girno al Re de Calichut: et havemo inteso usano arte de gettare artelaria. (• De li se partite larmata lassando il factore et certi altri christiani et passando per Calichut alla riviera preseno certi presoni: fra quali erano dui de quelli christiani che remaseron in terra feriti per la prima armata: et adesso sono apresso noi: li quali insieme con quelli remaseron a Cuchin: ne haño ad-visato de costumi et modi dequel paese: per esser stati loro questo tempo nele proprie case de mori. (• Arivo dicta armata a Cananor dove dacordo et con amicitia caricho tre altre nave: et cusi diece nave giuncte cariche partirno per Lixbona a xxviiij de Decembre del dicto anno mcccccij. Et venendo se smarite una de epse: la quale havemo inteso se perdetete nella costa de terra de Santa croce: le altre a di primo de Settembre mcccccij. sono arivate a salvamento con molte speciarie: dele quale piacendo adio intendiamo mandare una nave per la costa de spagna: e unaltra per la costa de Italia insino a Venetia: acio se conoscha che le armate et spese nostre non sono al vento. Tutte le altre nostre nave restorno la secondo il loro comandamento. (• Li costumi et maniere de Calichut et India como per li dui christiani rescutati: et quilli de Cuchin havemo intese sono questi. (• Calichut e cittade i terra firma capo d' mercantie d' India ha de alteza gradi v. grāde et nō murata cō le case sparse edificate d' marmo et calce cōpte d' palme cō legni lavorati a certe loro imagine: la gēte nō e molto negra: haño giardini abūdāti dogni fructo cō fontane dove se bagnano: pche ciascuno e obligato tre volte il giorno bagnarse. (• Il Re et gētilhōi sono idolatri q̄li chiamono Chaffer: vaño q̄sti nudi dal meggio sopra: da basso cōpti d' pañi d' bābaxo: et semp portano spada nuda et targa: leq̄le spade sono piu large alla pūcta ch' i altro luoco: le targe rotōde et molto legieri d' varii colori: et tutti q̄sti sono gētilhōi: portano le orecchie pforate cō gioie pendēte. Sono maritati piu ad una donā: et p q̄sto nō se curano d' le loro castitate le donē similmēte vaño nude come gli hōi con capelli belli et sparsi: le virgine q̄zto piu p̄sto puoteno cō ciascuno usano luxuria p ch' altrimēti nō trovariano mariti: et q̄u alcuno mena moglie: p̄ma vuole ch' uno de suoi sacerdoti deputati a q̄sto: p̄ma dorma con lei: tēgono a māchamēto macularse d' l sangue d' cui loro portano amore. Māgiano le donē nō piu ch' due volte il giorno: e mangiano riso: lacte: butire: zucaro: fructi: et beveno aqua et nō altra cosa: p̄ma mangino se lavano: et poi se fusseno toclate da uno nō lavato: bisogna unaltra volta se lavino: in q̄sto usano mirabile cerimonie: ciascuno ch' puote māgia ogni matina una herba chiamata betella: ch' fa le labra vermiglie et dēti neri et p melēconia se absteneno d' dia herba p certo tēpo. (• Il Re tene due moglie ciascuna acōpagnata da certi sacerdoti che in absentia del Re dormino con q̄lle: et p q̄sto li figli del Re nō succedono: ma li nepoti da fratelli. (• Sono in casa del Re infinite donne q̄le spazano et adaquano ovunqg vada il Re: et adaquano con drappi subtilissimi et lavorati. (• Il Re se

de ninguém para desembarcar, ainda que a isso o convidasse o Rei de Cananor, nosso amigo: mas o Capitão não o sabia. E portanto em vinte de janeiro de 1502 fizeram-se de vêla para o nosso reino. Montando o Cabo de Boa Esperança, por causa de tempestade esgarrou-se uma não, de que até agora não temos noticia, e cremos que se perdeu: depois com vento prospero chegaram as outras tres ao nosso porto a onze de setembro do dito anno, com aquellas especiarias, drogas, joias e perolas que encontraram nas tres náos que tomaram.

Nossa armada volta a Lisboa.

Uma não nos sa esgarra-se. Chegam a Lisboa.

• Antes que d'estas náos houvesse noticia, temendo que se tivessem perdido, n'aquelle mesmo anno 1502, em o dia tres de março, enviei outra armada áquellas partes, e foram vinte e cinco náos, doze nossas e treze de mercadores, sendo a menor de duzentas tonelladas. O Capitão d'esta armada foi Pedro Alves Cabral, que tinha sido Capitão da primeira armada; e ordenei que seis das ditas náos fossem estacionar ás portas do mar Roxo, a fim de que não deixassem sair não alguma; e que as outras fossem a Calicut, e sem condições de paz fizessem ali todo o damno que podessem, e tomassem carga em Cochim ou em Cananor, conforme melhor entendessem; e que em tempo opportuno nos enviassem dez das ditas náos carregadas, e o resto ficasse para fazer guerra a Calichut. E, partindo, levaram consigo aquelles dois refens de Cochim e o mensageiro de Cananor, que tinham vindo com a primeira armada, os quaes se foram muito contentes e com proposito de voltarem.

ccccccij.

Náos xxv partem para a Índia.

• Chegaram todas estas náos aonde as mandei: as seis ás portas do estreito do mar Roxo, das quaes foi Capitão Rodrigo Palares: e d'ellas darei em seguida informação a Vossa Magestade.

Seis náos dirigem-se ao mar Roxo.

• As outras primeiramente foram ao Rei de Cananor, a quem mandei cartas pelo dito seu mensageiro: e d'elle foram bem recebidos e confirmou-se a amizade. O Capitão não tomou cousa alguma, querendo antes de tudo ir a Calicut e a Cochim. Portanto foi a Calicut com dezenove náos, aonde por muitos dias causou em terra e no mar um damno inestimavel: e ainda que por parte do Rei lhe tivessem offerecido condições de paz, não quiz ouvir nada.

Chegam a Calicut.

• Depois foi ao Rei de Cochim, e, tendo sido graciosamente recebido, desembarcou os dois refens que tinha, e por meio d'elles, tendo outros refens, o Capitão saltou em terra, e achou o meu feitor com os sete christãos que tinham ficado, e que foram bem tratados. Ao dito Rei entregou as nossas cartas e o presente infrascripto, em reconhecimento do bom agasalho que tinha dado á nossa primeira armada.

Chega a Cochim.

• Uma corôa de ouro com esmaltes e joias: um collar de ouro lavrado em elos em fôrma de lua: dois jarros grandes de prata para aparador, bem trabalhados: dois grandes e finos tapetes: dois pannos de raz lavrados com figuras: uma tenda de campanha, com todos os seus pertences, bem traba-

Presente ao Rei de Cochim.

fa portare in una Barra quale chiamano Andora portata da homini: intorno vāno musici de varie sorte et molta gente: ma niuno se aproxima a lui p tre bracia: p che non se pnote tocare se nō da certi deputati: Chi parla cō lui tiene el capo basso et le mani nāci alla bocha: fan li reverentia giunctādo le mani sopra il capo. homini artesani et de bassa conditione presertim pescatori nō lo pono vedere ne parlarli: (• Il Re: gentilhomini: et donne morendo sono abrusiate: et il Re e abrusiato con legno Sandali: laltra gente sotterrano unate le spalle e il capo de cenere. (• Vanno rasi et aconci la barba et capelli le labra lōge et grandi incantatori: scrivono in foglie como palma con penna de ferro sencia inchiostro. (• Mercadanti chiamati Guzerati de cābaia ch' habitano i Calichut sono idolatri como qlli de Calichut: in tanto ch' fra epsi chi occide un bove e occiso lui: quisti nō mangiano cosa ch' possa morire et nō beveno vino: chi p errore ne māgiasse: anchora ch' fusse fanciulo e privo del suo linagio. Sono piu bianchi che li naturali de Calichut: portano barba et capelli longi raccolti como le donē nre. Sono castissimi: et un huomo ha una doña et nō piu: sono mercadāti da paūi d' lino bābaxo et gioie. (• Altri vi sono negri chiamati gētili: idolatri luxuriosissimi: mercadāti d' gioie: perle: auro: et argento: molto dediti ad incantatiōe: i modo ch' dicono parlare con spiriti ad ogni loro voglia. (• Quivi sono mori de Mecha: de Turchia: de Babylonia: et Persia: et altre parte et p qsto e trafico de ogni mercātia: como e: gioie: perle: peselli: muschio: ambra: belgivino: incenso: legno aloes: porcellane: reubarbaro: garofali: canelle: sandali: alacha: nucemoshate: emacis: zenzauro: pevere: tamarindos: mirabolani: et cassia: et molte altre mercantie: li paesi misure et precij dele quale per altre nre scriveremo. (• Quivi spendeno ducati d' auro Venetiani et monete de auro et argento et metalle. chiamano una moneta de argento fanone .xx. vagliono un ducato. Tara e unaltra moneta de metale .xv. vagliano un Fanone.

(• De Calichut del mese de novēbre parteno le nave perla mecha con speciarie: le quale per terra vanno a l' Caiero et in Alexandria: dove se carichano p Venetia. Infra terra e unaltro regno de idolatri cōfine a Calichut chiamano Narsingua abonda de cavalli et Elephanti in guerra pratici: le donne in questo regno se se abrusiano nella sepultura de mariti.

(• Il predicto anno mcccclij. nō mandamo nave niuna per qsto viaggio pche aspettavamo nuova dele xxv. nave il precedente anno mādate. Et dapoi furno giuncte le nuove d' le mese de Settembre predicto nō era tempo potere mādar per insino allo año sequēte. mcccclij, como mandassemo et disotto daremo adviso a V. M. ma il dicto nro Capitanio quale era in India cō le xxv. nave nō restete ppho che delo año mcccclij. nō mi mandasse sei nave cariche de speciarie le qle giunseno a xxvij d' Augusto d' l dicto año mcccclij. due dele qle erano de qle ch' stanno al stretto d' l mare rosso: laltre quatro erano

mcccclij.

Nave sei cariche tornano a Lixbona.

lhada: uma peça de setim carmesim; e uma de sendal: as quaes cousas foram muito caras ao dito Rei, e particularmente quando viu a dita tenda armada no campo aberto: ali assignaram paz e concordia, e el-Rei entregou uma casa ao nosso feitor com licença ampla de negociar no que quizesse. Além d'isso mandou-me cartas suas, e o presente infrascripto: duas pulseiras de ouro com muitas joias, segundo o seu costume: um candelabro de prata, alto dez palmos, bem lavrado: duas peças de panno de algodão subtilissimas e brancas: uma pedra grande como uma avellã, que o Rei me escreveu ser tirada da cabeça de um animal rarissimo, que elles chamam Burgoldof, contra toda a qualidade de peçonha. E ali carregaram de especiarias e drogas sete náos, comprando tambem algumas joias.

Presente do Rei de Cochim ao Rei de Portugal.

Pedra contra a peçonha. Náos vij carregadas.

(. Enviamos com a dita armada dois joalheiros italianos vindos de Roma; e eu queria que elles ficassem ali para comprar joias por nossa conta; porém elles, logo que desembarcaram, fugiram para o Rei de Calicut, e temos sabido que exercitam a arte de fabricar artilheria.

Dois joalheiros fugiram da nossa armada.

(. D'ahi partiu a armada, deixando o feitor e alguns christãos, e passando por Calicut tomaram na costa algumas pessoas, entre as quaes estavam dois d'aquelles christãos que na primeira armada ficaram feridos, e que agora estão no nosso reino, os quaes, juntamente com aquelles que tinham ficado em Cochim, nos informaram ácerca dos costumes e modos de vida d'aquelle paiz, por terem vivido durante este tempo nas proprias casas dos mouros.

(. A dita armada chegou a Cananor, aonde, de accordo e em boa amizade, carregou outras tres náos. D'esta fórma dez náos carregadas saíram juntas para Lisboa em 28 de dezembro do dito anno 1502. Na vinda esgarrou-se uma d'ellas, que temos sabido de como se perdeu na costa da terra de Santa Cruz: as outras chegaram a salvamento, no dia 1 de setembro de 1503, com muitas especiarias; e uma não d'ellas tencionamos, se Deus quizer, mandar á costa de Hespanha, e uma outra á costa de Italia até Veneza, a fim de que se saiba que as armadas e despezas nossas não são infructíferas. Todas as outras nossas náos lá ficaram, conforme tinhamos ordenado.

Náos iij carregadas.

Náos x para Lisboa.

(. Os costumes e modo de vida em Calicut e India, segundo informações dos dois christãos resgatados, e os de Cochim, são os seguintes:

(. Calicut é cidade em terra firme, emporio das mercadorias da India; está em altura de 5 grãos; é grande; não tem muralhas; as casas são edificadas com cal e marmore, dispersas, cobertas de palmeiras e de madeiras lavradas com algumas figuras; o povo não é muito negro; teem jardins abundantes de toda a casta de fructos, com fontes, aonde se banham; pois tres vezes cada dia teem obrigação de se lavar.

Costumes da India.

(. O Rei e os gentishomens são idolatras chamados Chaffer: estes andam nus da cintura para cima, cobrem-se com pannos de lã, e trazem sempre es-

delarmata del Capitano per q̄ste quatro nave intendessemo como tutto quel tēpo era stato il n̄ro Capitano i guerra cō il Re de Calichut cō grāde suo daño et vituperio in tãto ch' nō era nave ch' ardita fusse andare a Calichut: Et ch' il dicto Re piu volte gli avea mādato adimādare acordo: ma il Cap^o nō volea sentire cosa alcuna. (• In questo tēpo abrusiorno xxi. nave sopra il porto de Calichut: et da epse hebbe tãte drogare et speciarie che caricho le dicte sei nave. Pretearea me ha mandato sei vasi de porzellana excellētissimi et grādi: quatro bochali de argēto grandi cō certi altri vasi al modo loro per credentia. Uno adornamēto de suoi idoli de auro longo dui palmi cō molte pietre fine: fra q̄le e uno carbonculo finissimo de quātidade d' uno ducato doro: o pocho piu: Una imagine de uno suo idolo cosa assai deforme ma e de auro: et pesa circa libre trenta: et in locho de li occhi ha dui smiraldi fini et bene icastrati. Queste cose hañō portato le quatro nave delarmata del Capitaneo. Le due ch' sono state al stretto del mare rosso dicono che tutte q̄lle parte sono inpaurite: et niuna nave mai e uscita del stretto ne entrata: bench' due fiate larmata d'l Soldano sia venuta p caparle: ma sem̄p se e ritornata p̄duta alcuna nave in modo ch' in q̄sto tēpo hañō abrusati xvi. nave grande. Et alla loro partita haveano inteso ch' il Soldano preparava grāde armata dove erano christiani assai bōbardieri: et molta artelaria et galee suttile: piacēdo dio i breve gli provederemo. (• De la nave abrusate me hanno portati fra le altre cose circa libre .cccc. de perle minute: et circa libre xi. de perle ch' ciascuno e de precio. Octo conche cō le proprie perle dentro dele quale due ne mando a vostra serenissima M. dove la quantitate et qualitate de epse potra vedere: Uno adamāte como un piero grosso quanto una buona faba: et certe altre gioie: Dui leoni grandi et domestici come cani: con dui mori che li governa. Dui cavalli Persiani uno baio stellato: laltro leardo non molto grandi ma bellissimi et corredori piu che altri cavalli habbia veduto: Et altri animali nele parte nostre novi. (• Ultra diquesto per havere loro scorsa tutta la costa de Melindi a Calichut ne hanno facto intendere le infrascritte particularitate de q̄l litto. Prima e il regno de Magadasso cittade grande et bella de molta cavallaria et non molto mercadantevole: piu avanti e una insula chiamata Zugattera popolata et con uno ponte de uno miglio e mezo che ariva in terra ferma: poi e il stretto del mare rosso quale e sei mil. dove le nostre nave nō sono mai intrate. Dalaltra parte sta il mare de Persia: dove e una insula chiamata Gulfar abundante de perle dogni sorte. In la bocha de questo mare e unaltra insula dicta Agramuzo dove sono perle infinite: cavalli che p tutte quelle parte sono in grande precio. Queste due insule sono de un Re moro. Poi trovano Cambaia che e pos seduta de Re grande et poderoso: terra fertilissima dogni bianda cera: zuchero: incenso: panni de seda et bambaxo: cavalli et elephanti assai: Questo Re fu idolatro: ma pochi anni son se torno maumetano: Cittade de molta mercantia

Nave xxi de
mori abrusate.

Nave xvi de
mori abrusate.

Magadasso
cittade.
Zugattera in-
sula.

Agramuzo in-
sula.

Cambaia cit-
tade.

pada nua e adarga, as quaes espadas são mais largas em cima do que em qualquer outra parte; os escudos são redondos, muito leves, e de varias côres; todos elles são gentishomens, e trazem nas orelhas furadas brincos com joias. Teem mais de uma mulher, e por isso não se importam com sua castidade; as mulheres andam igualmente nuas como os homens, e teem cabellos bonitos e soltos; as virgens praticam a luxuria com os homens o mais cedo que podem, porque de outro modo não achariam maridos; e quando alguem se casa quer primeiramente que um de seus sacerdotes durma com ella: reputam uma grande falta manchar-se com o sangue de quem elles amam. As mulheres não comem senão duas vezes por dia, e comem arroz, leite, manteiga, assucar, fructa, e não bebem senão agua; antes da comida lavam-se, e acontecendo serem ellas tocadas por alguem que não seja lavado é preciso que tornem a lavar-se; e n'isso usam curiosas cerimoniaes. Pela manhã cada um masca, podendo, betel, que faz os beiços avermelhados e os dentes pretos, e sendo de nojo abstem-se d'esta herba por um certo tempo.

¶ O Rei tem duas mulheres, cada uma das quaes é acompanhada de alguns sacerdotes, que, na ausencia do Rei, dormem com ellas; e por isso os filhos do Rei não lhe succedem no throno, mas sim os sobrinhos filhos de irmãos.

¶ Estão em casa do Rei muitas mulheres, que varrem e lavam os logares aonde o Rei vae, fazendo isto com pannos finissimos e lavrados.

¶ O Rei faz-se transportar em um palanquim que chamam andor, levado por homens; de roda andam musicos com varios instrumentos e muito povo; mais ninguem pode approximar-se d'elle senão á distancia de tres braças, pois elle não pode ser tocado senão de certas pessoas determinadas. Quem falla com elle tem a cabeça baixa e as mãos diante da bocca; fazem-lhe cortezia juntando as mãos sobre a cabeça: os mechanicos e de baixa condição não o podem ver nem fallar-lhe.

¶ O Rei, os gentishomens e as mulheres quando morrem são queimados: o Rei é queimado com madeira de sandalo; a mais gente é enterrada, espargindo cinzas sobre os hombros e as cabeças d'ella.

¶ Usam o cabello e barba rapada, deixando só bigodes compridos, e são grandes feiticeiros; escrevem em folhas, que parecem de palmeiras, com uma penna de ferro, e não usam tinta.

¶ Os negociantes chamados Guzerates de Cambaia, moradores em Calicut, são idolatras como os de Calicut: de fôrma que quem entre elles mata um boi é elle mesmo morto; estes não comem cousa alguma que possa morrer, nem bebem vinho; quem o beba por engano, ainda que seja creança, é expulso da sua casta. São mais brancos que os naturaes de Calicut; trazem barba e cabellos compridos, que atam como as mulheres nossas. São castissi-

perche con Arabia et India confina: et per quella costa vaño a Calichut dove sono molti altri regni et citade: como se mostra nella charta de navicare.

MCCCCCiiij.
Nave xij vaño
in India.

Presente al
Re d' melinde.

Sacrificio de
mori.

Presente del
Re d' melindi al
Re de portogal-
lo.

Giungeno a
Calichut.

Nave xv abru-
sate.

¶ Non erano anchora arivate queste nave che io havea gia del mese de Febbraro mandato xij. nave dele quale fu Capitanio Loppo soarez: et hora sono tornate: quando de qui partirno gli dete littere che portasseno al Re de Melindi amico nostro: insieme conleinfascritte robe: Una Sella: testera: staffe speroni: pectorale da cavallo forniti de argento smaltati con cordoni de auro et carmesino: uno paramento da lecto de cetino carmesino lavorato de auro: con quatro cussini dui de brocado et dui carmesini: uno tapete grande fino: uno panno de razo figurato: due peze de scarlata: et una de cetino carmesino p fare una loro vesta che chiamano merlota: et una pecia de taffeta carmesino p fodrare dicia vesta. ¶ Fu ricevuto q̃sto presente dal Re gratiosamente: il quale descendente alla marina li suoi sacerdoti sacrificorno uno montone: sopra il quale lui passo: et era acompagnato da molta gente con molti bacili de perfumi et volse chel Capitanio stesse li in suo porto giorni ix. et sempre fece mantenere le victuarie de ogni sorte excepto pane che non hanno: a tutta la gente sencia pagamēto alcuno. Et vide mettere li fornimenti quali mandai ad uno cavallo: dil che hebbe grande piacere: perche non usano queste cose: Ha me remandato dui instrumenti de musica con li maestri ch' li sonano luno d' quelli chiamano Qualtref: laltro Mischatot molto piacevoli in sentire: et me ha mandato certe gioie et pañi de lino sottilissimi. ¶ Da poi larmata se partite p Calichut et congiuncta con quellaltra hebbeno ambasata dal Re de Calichut: et con lui il Capitanio fu a parlamento de acordo como gli havea dicto: ciascuno da epsi era a sedere in batelli in mare: Et prima adimando il mio Capitanio che li dovesse restituire li dui zoileri quali erano fugiti delarmata precedēte. Et uno cavallero chiamato Rodrigo Rainell (*sic*) che havea retenuto sopra la fede data: il Re volea prima acordare le altre cose: et cusi furno discordi et partironsi. ¶ Larmata ando a Cuchin et parte ando piu ultra a qulain dove stanno molti christiani che hanno molte speciarie: Et mentre carichavano seppeno che in Calichut erano xv. nave grosse quale carchavano de speciarie: hanta questa nuova furno verso Calichut dove trovorno dicte nave pparate et carichate de gente. per questo mostrorno andare a camino. la nocte voltorno et la matino furno sopra epse lequale per non essere proviste pigliorno: et conducte fuori del porto scaricorno et abrusorno: et poi feceno vela verso noi et le xii. che mandai sono ginncte carich' de speciarie a ij. del presente: laltre sono remasti como prima: Piacendo a nostro signore Dio: lo anno sequente mandaro due nave cariche de dicte speciarie verso levante: acio non dicono como disseno d' la nave che mandava Bertholomeo Fiorentino nostro mercadante carcha de speciarie: laquale dete atraverso in provenza.

¶ Et con questa armata sono venute due altre nave Capitanio dela una

mos: cada homem tem uma só mulher; negociam em pannos de algodão, linho e joias.

¶ Ha outros que são negros, chamados gentios: são idolatras, muito luxuriosos; negociam em joias, perolas, oiro e prata; são muito entregues a feitiços, de fôrma que dizem como fallam á vontade com os espiritos.

¶ Ali ha monros de Meca, da Turquia, da Babylonia, da Persia e de outras partes: e por isso ha commercio de todas as mercadorias, como são joias, perolas, missangas, musgo, ambar, benjoim, incenso, pau, aloes, porcellana, rhuibarbo, cravo, canella, sandalo, *alacha*, noz moscada, *macis*, gengibre, pimenta, tamarindos, myrabolanos e cassia, e muitas outras mercadorias: os pesos, medidas e preços das quaes cousas nós por outras nossas cartas diremos.

¶ Aqui correm ducados de oiro venezianos, e moedas de oiro e de prata e de metal: a uma moeda de prata dão o nome de fanão, e 20 fanões valem um ducado. Tara é uma outra moeda de metal, e 15 valem um fanão.

¶ De Calicut saem no mez de novembro os navios para Meca, com especiarias, que por terra são conduzidas ao Cairo e a Alexandria, aonde se carregam para Veneza. Terra dentro ha outro reino de idolatras, confinante com Calicut, a que chamam Narsingua; abunda ella em cavallos e elephantes adestrados para a guerra; n'este reino as mulheres são queimadas sobre a sepultura dos maridos.

¶ No anno sobredito 1503 não enviámos náó alguma para esta viagem porque estavam esperando noticias das 25 náos que tinhamos mandado no anno precedente, e depois que chegaram as noticias, no mez de setembro sobredito, já não havia tempo para envia-las até ao anno seguinte, 1504, como com effeito mandámos, e mais abaixo informaremos a Vossa Magestade; mas o dito nosso Capitão, que estava na India com as 25 náos, não se descuidou tanto que no anno de 1504 me não mandasse seis náos carregadas de especiarias, que chegaram no dia 28 de agosto do mesmo anno 1504, duas das quaes eram d'aquellas que estão no estreito do mar Roxo; as outras quatro pertenciam á armada do Capitão. Por estas quatro náos soubemos como em todo aquelle tempo o nosso Capitão tinha estado em guerra contra o Rei de Calicut, causando-lhe grande damno e affronta, de fôrma que não havia náó alguma que se atrevesse a ir a Calicut, e que o dito Rei lhe tinha por mais de uma vez mandado pedir paz, mas o Capitão não quiz ouvil-o.

¶ N'este tempo elle queimou 21 náos á vista do porto de Calicut, e d'ellas tirou tantas drogas e especiarias que carregou as ditas seis náos. Outrossim me enviou seis jarras excellentissimas e grandes de porcellana; quatro amphoras grandes de prata com algumas outras jarras do uso d'elles para apador; um enfeite de oiro pertencente a seus idolos, tendo dois palmos de com-

ccccccij.

Seis náos carregadas voltam a Lisboa.

Náos xxi dos mouros queimadas.

e Rui lorenzo: del altra Saldagna: quale gli altri anni se partirno de qui per andare de armata in quelle parte: et per fortuna se trascorse(n)o nel mare rosso: in certe insule dove sono state xvi. mesi: et mai l'altra nra armata ha habuto de epse noticia. In questo tempo hanno prese molti navigli et abrusiati: et facti molte correrie per terra: perche una de dicta nave e tafforea che porta xx. cavalli: et ha la poppa aperta cō uno ponte de xxx. bracia quale gietta ī terra: et p epso saglino et intrano li cavalli. In questo modo hañō facto grandissimo danno: in tanto che un Re de Canibar et il Re de Barbara grandi signori: p avere pace gli donorno trenta mila mitigali de auro: un mitigale vale un ducato e mezo deli nostri: li quali ne hanno portati: et molte altre richeze. (Nel anno presente del mese de Marzo mādassemo p le dicta parte

mcccccv.

Nave xxx: xxx, nave ben armate alle q̄le habiamo imposto remandino q̄lle che sono la vano in India.

(Impresso in Roma per maestro Joanni da Besicken. nel anno mcccccv. a di .xxij. de Octobre.



priminto, com muitas pedras finas, entre as quaes havia um carbunculo finissimo, do valor de um ducado do oiro, ou pouco mais; uma imagem de um seu idolo, muito disforme, mas de oiro, pesando perto de trinta arrateis. e tendo nos olhos duas esmeraldas finas e bem encastoadas. Estes objectos vieram nas quatro náos da armada do Capitão. As duas que foram ao estreito do mar Roxo dizem que em todas aquellas partes ficou um grande pavor, e que nunca nenhuma não saiu nem entrou no estreito, embora a armada do Sultão tivesse vindo para apresal-as. pois sempre se foi, tendo perdido alguma não; de modo que n'este tempo teem queimado 16 grandes náos. E quando saíram ouviram dizer que o Sultão preparava uma grande armada, aonde estavam muitos christãos como bombardeiros, e muita artilheria e galês subtis; mas em breve, se Deus quizer, daremos providência a isso.

Nãos xvi dos mouros queimadas.

(. Das náos que queimaram trouxeram-me, entre outras cousas, perto de 500 arrateis de perolas miudas e perto de 40 arrateis de perolas, sendo cada uma de valor; oito conchas com as proprias perolas dentro, duas das quaes envio a Vossa Serenissima Magestade, pois assim poderá avaliar o tamanho e a qualidade d'ellas; um diannante em fôrma de pera, grosso como uma grande fava, e algumas outras joias; dois leões grandes e domesticados como cães, e juntamente dois mouros para governal-os; dois cavallos persianos, um baio estrellado e outro branco com malhas, não muito grandes, mas de boa estampa, e mais corredores de quantos até agora tenho visto; e outros animaes nunca vistos nas nossas terras.

(. Além d'isto, por terem elles corrido toda a costa desde Melinde até Calicut, nos informaram ácerca das particularidades infrascriptas d'aquellas terras. Primeiramente ha o reino de Magadoxo, cidade grande e bonita, com abundancia de cavallos, mas de pouco commercio; mais adiante ha uma ilha chamada Zugaterra, povoada, e com uma ponte de milha e meia de comprimento, que a liga á terra firme; em seguida está o estreito do mar Roxo, de seis milhas de largo, no qual as nossas náos ainda não entraram. Do outro lado é o mar da Persia, aonde ha uma ilha chamada Gufar, abundante em perolas de toda a casta. Á entrada d'este mar ha uma outra ilha de nome Agramuzo, aonde se encontram perolas infinitas, e cavallos, que em todas aquellas regiões são muito apreciados. Estas duas ilhas pertencem a um rei mour. Em seguida encontra-se Cambaia, que é possuida por um Rei grande e poderoso; terra fertilissima de cereaes, cera, assucar, incenso, pannos de seda e de algodão, cavallos e muitos elephantes. Este Rei foi idolatra, mas ha poucos annos fez-se mahometano. É uma cidade muito commercial por confinar com a Arabia e India, e por aquella costa vae-se a Calicut, aonde ha muitos outros reinos e cidades, como se vê na carta de marear.

Magadoxo cidade.

Zugaterra ilha.

Agramuzo ilha.

Cambaia cidade.

(. Ainda não haviam chegado estas náos e já no mez de fevereiro eu ti-

mccccciij.

Nãos xii par- nha mandado outras doze, em que foi por capitão Lopo Soares, e que agora tem para a Índia. voltaram. Quando d'aquí sahiram dei-lhes cartas para entregarem ao Rei de Me-

Presente ao linde, amigo nosso, juntamente com os objectos que vou indicar: um selim, Rei de Melinde. freio, estribos, esporas e peitoral para cavallo, lavrados com prata e esmaltados, com cordões de ouro e carmesim; uma armação de setim carmesim bordada a ouro, para cama, com quatro almofadas, duas de brocado e duas de carmesim; um grande tapete fino; um panno de arrás com figuras; duas peças de panno escarlata e uma de setim carmesim para se fazer uma vestimenta a que chamam merlota, e uma peça de tafetá carmesim para forro da dita vestimenta.

☉ Esta dadiva foi recebida graciosamente pelo Rei, o qual, descendo á praia, fez pelos seus sacerdotes sacrificar um carneiro, sobre o qual elle passou, sendo acompanhado por muito povo, que trazia muitas caçoilas de perfumes, e quiz que o Capitão se demorasse no seu porto por nove dias, fazendo sempre fornecer mantimentos de todas as qualidades, á excepção de pão, que não teem, a toda a tripulação, sem remuneração alguma. E elle viu como se collocavam no cavallo os arreios que lhe tinha mandado, de que gostou muito, pois elles não usam estas cousas. Elle me enviou dois instrumentos de musica com os mestres que os tocam; a um d'elles chamam-lhe Qualtref e ao outro Mischetot; são muito agradaveis ao ouvido; e enviou-me algumas joias e pannos finissimos de linho.

☉ Em seguida a armada partiu para Calicut, e, tendo-se juntado outra a ella, tiveram uma mensagem do Rei de Calicut, e o Capitão foi ter com elle para concordar as pazes; cada um d'elles estava assentado em sen batel no mar. E, antes de tudo, o meu Capitão exigiu que lhe entregasse os dois joalheiros que tinham fugido da armada precedente, e um cavalleiro, por nome Rodrigo Reinel, que elle tinha preso contra a fê dada. O Rei queria primeiramente tratar de outras cousas, e assim foram discordes e separaram-se.

☉ A armada foi para Cochim, e uma parte foi mais atôm a Coullão, aonde estão muitos christãos que teem muitas especiarias. E enquanto carregavam souberam que em Calicut estavam 15 nãos grossas que carregavam especiarias. Sabendo isto, foram em direcção a Calicut, aonde encontraram as ditas nãos promptas e cheias de gente. Por esta razão fingiram seguir o seu caminho, mas de noite voltaram e pela manhã cahiram sobre ellas e aprisionaram-as por não estarem precavidas; e, tendo-as conduzido fóra do porto, descarregaram-nas e queimaram-nas, e em seguida partiram para o reino, e as doze nãos que tinha enviado chegaram com carregamento de especiarias a 2 do presente; as outras ficaram aonde estavam. No anno seguinte, querendo Deus, nosso Senhor, enviarei duas nãos carregadas das ditas especiarias para o levante, a fim de que não digam o mesmo que disseram da não de Bartholomeu Floren-

Nãos xv queimadas.

Chegam a Calicut.

Presente do Rei de Melinde ao Rei de Portugal.

Sacrifício dos mouros.

tino, nosso mercador, carregada de especiarias, a qual naufragou na costa de Provença.

(E com esta armada chegaram duas outras náos, sendo Capitão de uma Ruy Lourenço e da outra Saldanha, os quaes, nos annos passados, sahiram d'aquí para irem de armada áquellas terras, e por causa da tempestade foram impellidos no mar Roxo a certas illias, aonde estiveram 16 mezes, e nunca a outra nossa armada tinha tido noticias d'elles. N'este tempo aprisionaram e queimaram muitos navios, e fizeram muitas correrias em terra, pois uma das ditas náos é tafforea que leva 20 cavallos, e tem a popa aberta com uma ponte de 30 braças que lança em terra, e por isso sahem e entram n'ella os cavallos. D'este modo causaram gravissimo damno; de fórma que um Rei de Canibab e o Rei de Barbara, grandes senhores, a fim de terem paz lhe deram trinta mil mitigaes de ouro: um mitigal vale ducado e meio dos nossos; somnia que me trouxeram com muitas outras riquezas.

Náo tafforea.

Canibar Barbara.

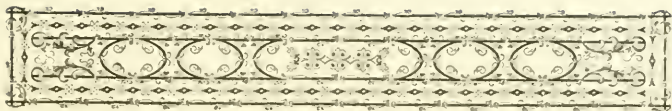
(No presente anno, no mez de março, temos mandado para aquellas regiões trinta náos bem armadas, ás quaes ordenámos que fizessem voltar as que lá estão de armada, e que duas d'ellas fossem a descobrir Taprobana, illia que dizem ser ali proxima. Quatro d'ellas devem ir até Sophala, aonde esperamos ter estabelecido commercio. Estamos aguardando os acontecimentos, e prepararemos alguma outra não para o anno seguinte. Deus Guarde a Vossa Serenissima Magestade por muitos e largos annos em tranquillo estado, e tambem a nós, para que possamos ver que esta nossa navegação se faça pacifica e ordenada em louvor e augmento da nossa santa Fé.

mccccv.

Nãos xxx sahem para a India.

(Impresso em Roma por mestre João de Besicken no anno de 1505 a 23 de outubro.





ESBOÇO DE ANOTAÇÕES

PARA UM ESTUDO COMPARATIVO

Pag. 8, lin. 8

De lo anno MD a giorni octo de Marzo

D. Manuel (V. *Carta del Rey D. Manuel* — em Navarrete. — *Coleccion de los viages y descubrim.* tom. III p. 95 — Madrid, 1823): = el dicho mi capitán com trece naos partio... a nueve de Marzo =. Barros (V. *Asia, Decada 1.^a* Liv. IV, cap. XX, fl. 89. Lisboa, 1752): = ao seguinte dia... nove do mes de Março... saio Pedralvarez. Damião de Goes (V. *Chron. do Seren. D. Manoel* etc., prim. parte, cap. LV, pag. 68. Lisboa, 1749): = ao outro dia pela menhã que foram nove de Março =. Castanheda, (V. *Historia dell'Indie Orient.* etc. Lib. 4.^o cap. XXVIII, fl. 45 verso. Venetia, 1578): = spedita questa armata una dominica otto Marzo. . l'armata non poté partirsi quel dì per cagione del tempo. E il dì seguente... all'alba... spiegarono le vele = —. Osorio, (V. *De Rebus Emman.* etc., fl. 42 — Colonia, 1597): = solvit autem Capralis... VIII Idus Martii =. Gandavo, (V. *Hist. da Prov. Santa Cruz*, etc., cap. I p. I. Lisboa, 1858): = partio... a nove de Março =. — Gaspar Correa (V. *Lendas da India* etc., pag. 150, unica edição de Lisboa, 1858): = recolhidas as naos que logo derão as velas, ElRey se metteo no seo batel, e os foy acompanhando até sahir da barra. O que foy em vinte e cinco de Março dia de Nossa Senhora, de 1500 = —. Anonymo, (V. *Naveg. do Capitão Pedro Alcares Cabral escripta por um piloto* etc. no vol. II da *Collecção de Notic. para a hist. e geogr. das Nações Ultram.* Lisboa, 1812, pag. 107): = em hum Domingo oito de Março daquelle anno... sahimos... a hum lugar chamado Rastello... No dia seguinte levantamos ancoras =. Leonardo Cá Mas-ser (V. a sua *Relazione*, que se publica n'esta memoria em *appendice*): = del 1500, alli 9 di Marzo mandò Sua Altezza navilii, tra grandi e pizoli, numero 13 =.¹

¹ Para não avolumarmos as citações, indicarei em seguida sómente as paginas, e, sendo preciso, os *lirros* ou *partes* da obra, que já está mencionada nas anotações anteriores.

Pag. 8, lin. 23

Santa croce pose il nome

Pero Vaz Caminha data a sua carta (V. em Manoel Ayres de Casal,— *Corograph. Brasilica*, tom. 1, pag. 26. Rio de Jan. 1845, 2.^a edição) d'esta forma: =d'este Porto Seguro da vossa Illia de Vera Cruz=—. Egualemente o mestre João conclue assim a sua carta: =fecha en Vera Cruz a primero de maio de 500=(V. *Revista Trim. de hist. e Geogr.* etc. tom. v. Rio de Jan. 1863.—Segunda edição, pag. 344.)¹—João da Empoli tambem escreve: =na altura da terra da Vera Cruz ou Brazil=(V. no vol. II da *Collecção de Notic.* pag. 221)—. Prevaleceu porém o nome de *Santa Cruz*.—Com effeito, D. Manuel (em Navarrete, pag. 95) diz: =tierra que nuevamente descubrio, a la qual puso nombre de Santa Cruz²=—. Castanheda: =gli pose nome *Santa Croce*==(fl. 46, verso): =Goes: =a qual pos nome de *Sancta Cruz*==(cap. LV, pag. 69)—. Osorio: =terra, quam Capralis *Sanctæ Crucis* nomine celebrari voluit=(fl. 49)—. Maffei: =regio *Sanctæ Crucis*.. dicta=(V. *Hist. Indic. lib.* 2.^o p. 40. Bergomi, 1747)—. A carta de Caminha foi tambem publicada no tom. IV da *Collecção de Noticias*, etc. pag. 179 até 180; e no om. XL, parte 2.^a da *Revista Trimensal*, etc. Rio de Janeiro 1877, pag. 43 até 37.

Pag. 8, lin. 14

Foce adrizare una altissima croce

Barros: =mandou arvorar huma cruz mui grande no maes alto lugar de hũa arvore=.(fl. 88)—. Castanheda: =fece mettere una Croce alta di pietra=(fl. 46, verso)—. Goes: =mandou poer em terra huma Cruz de pedra, quomo por padrão=(pag. 69)—. Pero Vaz Caminha: =chantada a Cruz com as armas e Deviza de Vosa Alteza que lhe primeiro pregaram=(pag. 24)—Anonymo: =mandou fazer huma Cruz de madeira muito grande=(*Collecção de Noticias*, etc. pag. 110)—Osorio: =Capralis... columnam marmorean, illis similem quam multis in locis Gama statui precepit, collocari jussit=(fl. 49)—.

Pag. 8, lin. 16

Gradi xliij

Varnhagem (*Nouvell. Recherch.* cit. pag. 18) julga que se deve ler XVII graus.

¹Esta carta do mestre João tinha sido impressa muito antes por Varnhagem na *Hist. Geral do Brazil* nas notas ao 1.^o volume, embora não muito exactamente: por onde se vê que este documento não era até hoje desconhecido. Foi novamente publicado em o n.º 1 do *Bolet. da Socied. de Geogr. de Lisboa*, pag. 69, 70 e 71.—Lisboa, 1877.

²Sigo o texto hespanhol dado por Navarrete, em lugar do portuguez publicado pelo Sñr. Belgrano, por serem mais á mão os volumes da *Coleccion* do primeiro auctor.

Pag. 8, lin. 19

Leghe CCCC

Barros: = terra firme, a qual... Ille pareceo que podia deitar... da costa de Guiné quatro centas cinquenta legoas = (Liv. 4, fl. 87, verso) —.

Pag. 8, lin. 21

Lassó dui christiani

Barros: = d'alguns degredados que hão n'armada leixou Pedralvarez ali dous, hum dos quaes veo depois a este reyno, e servia de lingua n'aquellas partes = (fl. 88, verso). Pero Vaz Caminha: = com estes dois degredados, que aqy ficam = (loc. cit. pag. 25) —. Castanheda: = spedi una caravella... al Re... raggugliandolo... che voleva lasciar quivi dui banditi, de venti, che conduceva = (fl. 46, verso). — Goes: = deixando ali dous degredados de vinte que levava = (pag. 69) —.

Pag. 10, lin. 4

Quella garavella che portava victuarie

Barros: = expedio hum navio, capitão Gaspar de Lemos = (fl. 88). — Goes: = despachou para o reyno Gaspar de Lemos no seu navio = (pag. 69, cap. LV) — Osorio: = unum... nomine Gasparem Lemnium in Portugaliā remisit = (fl. 49). — Maffei: = unus cum Gaspare Lenio in Lusitaniā extemplo missus = (pag. 40). — Anonymo: = despachou um navio que vinha... carregado de mantimentos... o qual trouxe a ElRei as cartas = (loc. cit. pag. 110, cap. III). — Correa porém discorda; pois escreve: = o Capitão Mór, por conselho de todos, d'aqui tornou a mandar ao Reyno o navio de André Gonçalves com a nova a ElRey desta nova terra que descobrira = (pag. 152) —; afirmando que na ida para o cabo de B. Esperança tinha sossobrado a não de Gaspar de Lemos: = vento tão forte, que logo sossobrou quatro naos... que forão Bertholomeu Dias, Symão de Pina, Vasco d'Ataide, Gaspar de Lemos (pag. 153) —.

Pag. 10, lin. 6

Gradissima cometa... a XII giorno

Barros: = a doze dias do mes de Maio appareceo no ar hum grande cometa... o qual foi visto por todos d'armada per espaço de oito dias = (fl. 88, verso) —. Anonymo: = aos doze do mesmo mez (Maio)... nos appareceo hum cometa... o qual vimos oito ou dez noutes a fio = (p. III) —. Castanheda: = a dodeci di Maggio... apparve una cometa, di lon-

ghissini raggi la quale si vide per lo spazio di dieci di =. (fl. 47) —. Maffei: = Cometes . . in decimum usque diem continenter apparuit = (pag. 44) —.

Pag. 10, lin. 7

Lontano da dicta terra MCC leghe

Castanheda: = discosto . . mille e ducente leghe =. (fl. 47) —. Maffei: = a Brasilia ad Bonæ Spei promontorium . . leucas numerant fere mille ducentas = (pag. 44) —.

Pag. 10, lin. 14

Il xxiij giorno de dicto mese

Castanheda: = la Domenica che furono ventiquattro di quello stesso mese = (fl. 47) —. Goes: = hum Domingo xxiii de Maio se armon hum bulcão = (pag. 94) —. Barros: = ao seguinte dia que forão vinte tres de Maio . . armon-se hum negrume no ar, a que . . chamão bulcão = (fl. 88, verso) —.

Pag. 10, lin. 16

Sumerse quatro de dicte nave

D. Manuel (*Carta em Navarrete* — pag. 95) = se annegaron quatro náos de que no escapó persona alguna =. Goes: = çoçobrarão quatro naos sem dellas escapar cousa viva = (pag. 74, cap. LVII) —. Barros: = rompendo . . tão furiosamente que sem dar tempo a que se mareassem as velas, çoçobrou quatro = (fl. 88, verso) —. Correa: = foy o pé de vento tão forte, que logo sosobrou quatro naos = (pag. 153) —. Castanheda: = sommerse quattro navi, delle quali non si salvó persona alcuna = (fl. 47, cap. XXIX) —. Osorio: = quatuor naves . . ita demerse ut nemo ex iis, qui illis vehebantur, evaderet = (fl. 52) —. Maffei: = quatuor naves . . momento ita evertit . . ut nemo prorsus evaserit = (pag. 44) —. Anonymo: = se perderão quatro naos com toda a sua matalotagem (p. III).

Pag. 10, lin. 19

Che forno sei

Goes: = estas seis naos = (pag. 74) —. Osorio: = sex tantum naves junctæ cursum tenuerunt = (fl. 52) —. Maffei: = Capralis e tredecim navium numero, cum sex dumtaxat . . ad Mosambicum accessit — (pag. 45) —.

Pag. 10, lin. 25

Troverno due grande nave

Carta de D. Manuel em Navarrete (pag. 95):=halló dos naos.. las cuales tomó en su poder=... Castanheda:=due navi surte le quali... presero=(fl. 48)—. Barros:=ouverão vista de duas naos... hũa tinha dado consigo em terra... e a outra foi tomada=(fl. 89, verso)—. Goes:=estavão surtas duas naos que Pedralvares por se alevantarem seguio, e as tomou=(pag. 94).—Osorio:=duas naves... Capralis insecutus coepit=(fl. 52)—. Anonymo:=depois de ser ter apoderado de duas náos=(*Navegação*, cit. pag. 112).

Pag. 10, lin. 27

Piglió un piloto p. Quilloa

Goes:=tomando pilotos até a ilha de Quiloa=(pag. 74)—. Barros:=Pedralvarez... ouve piloto maes facilmente do que se deu a dom Vasco da Gamma, quando por ali passou=(Liv. v, cap. II, fl. 89, verso)—. Osorio:=magistro qui eum Quiloam deduceret=(fl. 52, verso). Também na viagem de 1502, em que ia Thomé Lopes, tomou-se em Moçambique um piloto para pôr as naos em Quiloa:=partimos... levando connosco hum Piloto negro que nos pedio dez cruzados para pôr ambas as naos em Quiloa=(V. *Naveg. ás Indias Orient. por Thomé Lopes*—no vol. II da *Collecção de Notic.* cit. pag. 165).

Pag. 10, lin. 30

Littere nre scripte in lingua arabica et nra

D. Manuel em Navarrete (pag. 95):=reino de Quiloa... porque para el Rei dél llevaba mis cartas=. Goes:=lhe deu as cartas que levava del Rei, scriptas em Arabigo e em Portuguez—(pag. 75)—Castanheda:=vista... la lettera.. che il Re di Portogallo gli scriveva=(fl. 49)—Osorio:=Capralis... se jussu regis Portugalie ad eas partes pervenisse cum ipsius Regis... literis ad illum scriptis... literas Arabice scriptas accipit=(fl. 53 e verso).

Pag. 10, lin. 36

Melindi. . portavano mie littere

D.[Manuel em Navarrete (pag. 95):=reino de Melinde, para onde llevaba tambien mis cartas=. Barros:=leo a carta que lhe ElRey eserevia, a qual era em Aravigo=(fl. 92, verso)—Anonymo:=ElRei de Melinde... mandaria o Capitão Mór a sua embaixada com a carta que ElRei de Portugal lhe eserevia... a carta que... era escripta em portu-

guez e . . em Arabigo=(pag. 114 e 115)—Goes:=deu a el Rey as cartas que el Rei dom Emmanuel screvia em Arabigo e Portugues=(pag. 75)—Correa:=o Capitão Mór deu a ElRey as cartas. . . que vinhão escritas tambem na lingua dos pilotos=(pag. 163). —Castanheda:=gli hebbe data la lettera scritta . . in lingua Portoghese . . e . . in lingua Moresca=(fl. 49, verso).

Pag. 10, lin. 40

Ligati con corde

Anonymo:=naos . . são muito bem feitas . . e bem cosidas com cordas—(cap. v, pag. 114)—. Castanheda.=Questi navigli . . sono cuciti con funi di cuoio=(fl. 48, verso). Goes:=Has naos, ou zambuquos, em que navegação estes Mouros . . erão liadas com cavilhas de pão, e cordas de fio de palma, a que chamão cairo=(cap. xxvi, pag. 40).

Pag. 12, lin. 4

Dete al dicto Capitanio uno piloto

D. Manuel em Navarrete (pag. 96):—le dió los pilotos que le convenia para su viage. —. Goes:—Pedralvarez . . pedio dous pilotos a el Rei que lhe logo mandou dar=(pag. 76)—. Barros:=lhe deu dous pilotos Guzarates para o levarem á India=(cap. iii. fl. 92)—. Correa:=o Capitão Mór havia de levar dous pilotos=(pag. 166)—. Castanheda:=al Generale . . diede un Piloto, ehe il conducesse a Calicut—.(cap. xxxi, fl. 50)—.

Pag. 12, lin. 5

E dui altri homini deli condenati

Barros:=leixou dous degradados dos que levava . . para irem por terra descobrir o Preste João=(fl. 92, verso).—Goes:=deixou Pedralvarez alli dous degradados, para . . verem se podião ir per terra á corte do . . Rei do Abexi=(pag. 76)—Osorio:=duos tamen exules eo in loco reliquit, ut viderent an pedibus iter in Æthiopiam . . facere aliquo modo possent—(fl. 54)—. Anonymo:=o Capitão Mór deixou alli dous homens Portuguezes que hião degradados=(pag. 116, cap. v)—Castanheda:=lasciò al Re dui banditi accioche s'informassero dell'intiore di quella terra=(cap. xxxi, fl. 50).

Pag. 12, lin. 9

Il giorno septimo d'Augusto

Anonymo: = no dia seguinte, que se contavão sete de Agosto, fizemo-nos á vela = (pag. 116). — Barros: = a India, para onde partio a sete de Agosto = (fl. 92). — Goes: = partio do porto de Melinde aos vii dias do mes Dagosto = (pag. 76) — Castanheda: = parti... per Calicut á sette di Agosto = (fl. 50, verso). — Osorio: = septimo Augusti die Melinde profectus = (fl. 54). — Correa: = partirão, que forão dezasete dias d'Agosto = (pag. 167) —.

Pag. 12, lin. 10

Un Golfo de DCC leghe

D. Manuel em Navarrete, (pag. 96): = partio para Calecut, que és mas allá setecientas leguas =. Barros: = atravessando... aquelle grande golphão de mais de sete centas leguas = (fl. 92).

Pag. 12, lin. 11

Arivorno a vista de Calicut a xiii giorni de Setembre

Anonymo: = chegamos a Calicut aos treze de Setembro = (cap. viii, pag. 118). — Goes: = foi ter a Calicut aos treze dias do mes de Setembro = (pag. 76) — Barros: = chegou a seu porto (de Calicut) a treze de Setembro = (fl. 92). Castanheda: = a tredici di Settembre si trovò una lega discosto da quella città (Calicut) = (cap. xxxii, fl. 50, verso). — Osorio: = tertio decimo tandem die classem in Calecutiensi portu constituit = (fl. 54). — Anonymo: = chegamos a Calicut aos treze de Setembro = (cap. viii, pag. 118).

Pag. 12, lin. 13

Sparorno lartelaria

Anonymo: = principiamos logo a desparar a nossa artilheria = (pag. 118). — Barros: = mandou salvar a cidade = (fl. 92, verso). — Castanheda, = grande strepito dell'artiglieria che la salutò = (fl. 50, verso). —

Pag. 12, lin. 17

Como Bruges ī Flandria

D. Manuel em Navarrete (pag. 96):=ella és assi como Brujas en Flandes=.

Pag. 12, lin. 18

Quattro indiani. . quali parlavano. . la lingua portugallesse

Anonymo:=determinou Pedralvares mandar a terra os Indios que trouxeram os com-nosco de Portugal. . . quatro pescadores Gentios, e enviou-os=(cap. viii, pag. 119)—. Osorio:=quatuor ex illis Nairibus, quos Gama in Lusitaniam abduxerat. . . cultu et ornatu Lusitano vestitos ad Regem misit=(fl. 54)—. Goes:=quatro Malabares dos que levava Vasco da Gama, vestidos á Portuqueza=(pag. 76)—. Castanheda,=mandó quattro Malabari di quelli che Don Vasco della Gama haveva menato via de Calicut, tutti vestiti alla Portoghese=(cap. xxxii, fl. 50, verso).

Pag. 12, lin. 24

Il dicto Cap.º il q̄le fu portato. . da certi gentilhoi

Barros:=Pedralvarez. . . chegado com esta pompa á praia. . . foi levado em cõllos de homens em hum andor dos da terra=(cap. v, fl. 94)—. Castanheda:=fu ricevuto dal battello in una bara=(fl. 51, verso)—. Goes:=o qual em chegando á praia tomarão do batel em hum andor=(pag. 76)—. Osorio:=ubi primum terram attigit. . . lectica sublatu est=(fl. 54, verso)—.

Pag. 12, lin. 29

Il Re. . . portava dui brazaleti de auro, etc.

Anonymo:=ElRei. . estava nu da cintura para cima, e dalli para baixo envolvido em hum panno de seda e algodão muito subtil e branco. . . todo lavrado de ouro. Tinha na cabeça um barrete de brocado feito a modo de capacete. . . as suas orelhas erão furadas, e dellas pendião grandes brincos d'ouro, com rubins de muito preço, diamantes, e duas perolas muito grandes, huma redonda, outra do feitio de huma pera e maior que huma grande avelã: tinha tambem. . . braceletes d'ouro adornados de ricas joias e perolas de grande valor. . Os dedos das mãos estavam tambem cubertos de joias, como rubins, esmeraldas e diamantes. . Estava huma grande cadeira toda de prata, salvo o lugar aonde encostava os

braços, que era de ouro, e as suas costas engastadas de jóias e pedras preciosas. . . . tocavão de quinze a vinte trombetas de prata, e tres de ouro, huma das quaes era de grandeza e pezo tal. . . . Tinha junto de si quatro vasos de prata. . . e bastantes candieiros=(cap. ix, pag. 120 e 121)—. Castanheda:=il re era tutto nudo, salvo che haveva cento un faciello di bambagio. . . lavorato d'oro. In testa havea una berretta di broccato d'oro, fatta a guisa d'una celata. Dall' orecchie gli pendevano alcuni anelli con ricchissimi Diamanti, e Saffili, e finissime perle, fra le quali si vedevano due più grosse che avellane. Haveva le braccia piene di manili d'oro. . . e per grandezza haveva in un dito grosso de piedi un anello con un rubino così grande. . . una centola adorna di Gemme. . . Presso lui si vedeva una sedia regale di argento e d'oro. . dello stesso modo era la bara nella quale ne era venuto dal suo palazzo. . venti trombe, decissete d'argento e tre d'oro. . . un bacile d'oro. . . alcune lampade moresche che ancora erano di argento=(cap. xxxn, fl. 51, verso)—. Barros:=a pedraria das orelhas, barrete da cabeça. . . bracetetes dos braços etc.=(fl. 94)—. Goes:=vinte trombetas, dezasete de prata e tres d'ouro, etc.=(pag. 96)—.

Pag. 14, lin. 4

Una littera in uno foglio de argẽto

D. Manuel em Navarrete (pag. 96):=una carta escripta em pasta de plata.= Goes:=el Rei de Calecut. . mandou fazer o padrão em uma lamina douro, com letras talhadas ao boril, com o seu sinal sculpido=(cap. LVIII, pag. 77). Osorio:=hanc donationem literis in aurea tabula incisus ad sempiternam memoriam consignavit=(fl. 54, verso)—. Castanheda:=il Re ne fece donazione. . per publica scrittura, e. . volle, che gli (al Re di Portogallo) si mandasse in una tavola d'oro, sottoscritta dal Re, e sigillata col suo sigillo=(fl. 53, verso).

Pag. 14, lin. 10

No haveano mai mangiato

Barros:=refens erão velhos, e debilitados, e não podião comer segundo sua ley. . . rogava que os mandasse logo vir=(fl. 94, verso)—. Castanheda:=gli hostaggi. . non potevano star tanto tempo in mare: oltre, che loro non mangiarebbono, nè beverebbono mentre che fossero qui=(fl. 52, verso)—.

Pag. 14, lin. 18

Dui nepoti duu mercadanti Guzarate

Castanheda:=voleva mandargli dui nipoti d'un Guzarate mercante ricchissimo=(fl. 53)—.

Pag. 14, lin. 26

Pigliare una grande nave de mori . . armata de cccc arceri

D. Manuel em Navarrete (pag. 96):=tomó y la trujo a Calicut con quatrocientos hombres armeros=. Castanheda:=una grossa nave de Mori . . . che li farebbe piacere se prendesse quella nave . . . Venne il Re alla spiaggia per vedere la nave . . . e lodó molto i nostri=(cap. xxxiv; fl. 54, e verso)—. Goes:=humã nao, em que mercadores levãõ elephantos . . mandou pedir a Pedralvarez Cabral que a mandasse tomar=(cap. lviii, pag. 77)—. Osorio:=navem ingentem . . . misit ad Capralem qui nomine illius peteret . . . ut eam caperet=(fl. 55)—.

Pag. 14, lin. 29

Et cinque Elephanti

Castanheda:=alcuni Elefanti buoni, che in essa andavano=(fl. 54)—Anonymo:=humã nao . . . dentro da qual estavão sinco elefantes, hum delles . . pratico na guerra=(cap. xi, pag. 125). D. Manuel em Navarrete (pag. 97)=la tomó y la trujó á Calicut con quatrocientos hombres armeros . . e con siete elefantes ensinados de guerra . . que allá valdrian 30 mil cruzados=.

Pag. 14, lin. 31

Il XVI gioruo de Decembre

Anonymo:=aos dezeseis de Dezembro, estando Ayres Corrêa, etc.=(cap. 17, pag. 131)—. Castanheda:=E così a sedici di Dicembre=(cap. xxxvi fl. 57)—. Osorio:=fuit hoc . . . xvii die Decembris=(fl. 57, verso)—. Goes:=aconteceu aos xvi dias de Dezembro=(cap. lix, pag. 79)—. Barros, pelo contrario, refere este acontecimento aos *Dezeseis de Novembro*=(Liv. v, cap. vii, fl. 98); mas talvez seja erro de imprensa.

Pag. 14, lin. 35

Circa LXX Christiani . . cinquanta tri ebristiani furno morti

Anonymo:=eramõs cousa de setenta homens de espada e capa . . mataram Ayres Corrêa, e com elle cincoenta e tantos homens=(cap. xvii, pag. 132)—. D. Manuel em Navarrete, (pag. 38):=mataron el fator, y con él se perdieron cinquenta personas=. Goes:=poderia aver até setenta homens . . morrerão e ficarão captivos nesta peleja cinquenta dos nossos=(cap. lix, pag. 78 e 79)—. Osorio:=ceciderrunt ex nostris ad quin-

quaginta=(fl. 57)—. Castanheda:=cinquanta dei nostri si perderono tra i morti=(fl. 57, verso, cap. xxxvi)—. Maffei:=Lusitani septuaginta non amplius... ex iis ad quinquaginta partim capti, partim interfecti=(pag. 46)—.

Pag. 14, lin. 40

Il Capitano era amalato

D. Manuel em Navarrete:=el mi capitan, que entónces estaba doliente=(p. 98)—. Anonymo:=Pedralvarez estava doente=(p. 132)—. Barros:=Pedralvarez a este tempo estava com a sezão das quartaãs=(fl. 98 v.)—. Castanheda:=il Generale... si trovava in letto amalato=(p. 59 v.).

Pag. 16, lin. 2

fece pigliare diece grossi nave

D. Manuel em Navarrete:=tomóle diez naos gruesas=(p. 98)—. Anonymo:=o Capitão mór... mandou aprizionar dez naos de mouros=(p. 132)—. Goes:=cometeo dez naos de Mouros=(p. 79)—. Castanheda:=si misero in ordine per pigliare dieci navi grosse=(cap. 38, fl. 58 v.)—. Osorio:=ex ducum consilio, decem Arabum magnas naves... aggressus est=(fl. 59 v.)—. Barros:=forão queimadas maes da quinze velas... em que entravão oito naos grossas=(fl. 99)—. Maffei:=Capralis... onerarias decem in ipso portu... injectis flammis prorsus incendit=(p. 64).

Pag. 16, lin. 3

trovorno tre elefanti liquali... mangiorno

D. Manuel em Navarrete:=en las cuales estaban tres elefantes que alli murieron=(p. 98)—. Anonymo:=achando n'huma tres elefantes, que matamos e comemos=(cap. 17, p. 132)—. Castanheda:=fu trovata in quelle alcuna spetieria... e medesimamente tre elefanti, che il Generale fece amazzar, e insalar per munitione=(fl. 58 v.)—. Goes:=nas quaes se achou... tres elephantes que Pedralvarez mandou matar, e salgar pera provisão d'armada=(cap. 59, p. 79)—. Osorio:=tres elephanti fuerunt inventi, quibus occisis et salitis, nostri... vescerentur=(fl. 57 v.).

Pag. 16, lin. 10

andare verso il regno de Cuchin il quale è ultra Calicut p. XL leghe

D. Manuel em Navarrete (p. 98):=fizo vela la via del reino Chochim, que és... treinta leguas mas allá de Calecut=. Anonymo:=Partimos para Cochim distante trinta legoas de Calicut=(cap. 18, p. 134)—. Barros:=fez se á vela caminho de Cochij... que está abaixo de Calecut... trinta legoas=(liv. 5.º cap. 8, fl. 99 v.)—. Castanheda:=giunse a Cochim... decinove leghe oltre Calicut=(cap. 38, fl. 59)—. Osorio:=Cochimi Regem... abest autem urbs hæc Calecutio... circiter passuum septuaginta millia=(fl. 58)—. Maffei:=Cocini reguum a Caleuto leucas ferme triginta... distat=(p. 46).

Pag. 16, lin. 12

Il xxiiij giorno d' Decembre arivamo a Cuchin

Anonymo:=chegamos a Cochim aos vinte e quatro de Dezembro=(cap. xviii, pag. 133)—. Goes:=Cochim... aonde chegou aos vinte e quatro dias de Dezembro do mesmo anno de mil, e quinhentos=(pag. 79)—. Castanheda:=a ventiquattro di Decẽbre giunse a Cochim=(fl. 59).

Pag. 16, lin. 16

mando in nave dui suoi gentilhomini

Anonymo:=O Rei mandou logo dous homens dos principaes com outros mercadores=(pag. 133, 134)—. D. Manuel em Navarrete:=le dieron rehenes de hombres honrados=(pag. 98)—. Goes:=lhe mandava dous Naires dos principaes de sua casa, por arrefens=(cap. lx, pag. 80)—. Castanheda:=gli mandó dui Nairi per hostaggi=(fl. 59 v.)—. Barros:=mandou el Rey quatro pessoas honradas... por arrefens=(fl. 100 v.)—. Maffei:=datis ultro obsidibus nobilissimis=(p. 49).

Pag. 16, lin. 18

molti christiani de la conversione de santo Thoma

D. Manuel em Navarrete:=en aquel reino hay muchos cristianos... de la conversion de Santo Tomás, y los sacerdotes de ellos siguen la vida de los apostolos con mucha estrechura=(pag. 98)—. Castanheda falla largamente ácerca d'esta christandade n'aquella região. (Liv. i, cap. xxxix, fl. 60, 61).

Pag. 16, lin. 27

dui christiani sacerdoti: li quali. . . sono venuti per andare a Roma et in Jerusalem

Anonymo: = aquí vierão tambe ter connosco dous outros christãos, os quaes dizião que querião passar a Roma e d'ahi a Jerusalem=(cap. xix, pag. 134).— D. Manuel em Navarrete: = trujo dos cristianos los cuales vinieron. . . para que los enviassemos à Roma e Hierusalem=(pag. 99).— Goes: = Aquí se vierão pera Pedralvarez dous Indios irmãos christãos. . . pedindo-lhe que os quizesse levar consigo a Portugal pera ahí irem a Roma e a Hierusalem=(pag. 80).— Barros: = dos quaes Christãos. . . dous. . . quizerão vir com Pedralvarez a este Reyno, pera passarem a Roma e dahi a Hierusalem=(fl. 101).— Castanheda: = vennero a trovarlo dui huomini. . . Christiani. . . che volontà loro era di andarsene con lui in Portogallo, e di quindi a Roma a vedere il Papa, e poi in Gierusalemme=(cap. xxxix, fl. 60 v.).— Osorio: = advenere duo fratres Christiani. . . et a Caprali postularunt, ut vellet eos secum in Portugaliā ducere, ut inde Romam atque Jerosolymam petere possent=(fl. 58 v.)

Pag. 16, lin. 32

la lor principal terra chiamano Malchina

D. Manuel em Navarrete: = e llamase la tierra Malchima, de donde vienen las porcellanas, é asmisle é ambar é ligno aloe, que traen del rio Gange. . . y de las porcellanas hay vasos tan finos=(pag. 99).

Pag. 16, lin. 35

una armata del Re d' Calichut d' lxxx vele cō quindici milia hōi

D. Manuel em Navarrete: = una armada gruesa de Calicut venia sobre él, en que venian hasta quinze mil hombres=(pag. 99).— Anonymo: = veio de Calicut huma Armada de outenta ou outenta e cinco velas entre as quaes vinte e cinco muito grandes=(cap. xix, pag. 134).— Osorio: = factus certior, Calecutij Regem classem viginti magnarum navium, et navigiorum preterea minorum magnum numerum comparasse=(fl. 58, 59 v.).— Barros: = seriaõ até sesenta velas de que vinte cinco erão naos grossas=(fl. 102).— Goes: = de Calecut era saída huma armada de vinte naos, e outros navios. . . na qual vinhão quinze mil homens de guerra=(pag. 81).— Castanheda: = un'armata del Re di Calicut di venti cinque navi grosse, oltre altri legni di servitio. . . e che potevano venir su quell'armata quindecim mila huomini di guerra=(cap. 40, fl. 61, v.)

Pag. 16, lin. 40

de Lixbona erano lotani quatro milia leghe

D. Manuel em Navarrete: = la largueza del camino que tenian de andar, que eran quatro mil leguas de aqui = (pag. 99, 100).

Pag. 18, lin. 1

il xv d' Zenaro mcececi. passorno naci a... Cananoro

Anonymo: = aos quinze de janeiro chegamos a hum Reino... chamado Cananor = (pag. 135) —. Castanheda: = che erano quindecì di Gennaio scopri la città di Cananor = (fl. 62) —. Goes: = no porto desta cidade (Cananor) entrou Pedralvares Cabral aos xv dias do mes de Janeiro, de mil, e quinhentos, e hum = (pag. 81) —. Barros: = per espaço de hum dia que Pedralvarez se ali (Cananor) teve... fez-se à vela caminho deste Reyno a dezaseis dias de Janeiro = (fl. 103 v.)

Pag. 18, lin. 4

prese solum cento cantara de canella

Anonymo: = cem *bahares* de canella, que são quatrocentos quintaes, os quaes logo se lhe mandarão... O Capitão mór fez immediatamente pagar tudo = (pag. 135) —. Osorio: = Hic emit Capralis certum pondus zingiberis atque cinnamomi = (fl. 59) —. Castanheda: = e così ne tolse quattro cento quintali di quella (canella) = (fl. 63 v.) —. Goes: aqui tomou Pedralvarez algum gengivre, e quatrocentos quintaes de canella e outras drogas recolhidas tudo em hum só dia = (pag. 81).

Pag. 18, lin. 6

et hanno mandato un suo gentilhomo

Anonymo: = El Rei mandou-lhe hum Gentil-homem; e os dous de Cochim, que tinham ficado comnosco nas naos, escreveraõ ao seu Rei como vinhaõ para Portugal = (pag. 135) —. Barros: = el Rey... sabendo como Pedralvarez levava dous embaixadores del Rey de Cochij mandou tambem outro com elle com alguns presentes para el Rey Dom Manuel = (fl. 163 v.) —. Goes: = Pedralvarez partio... levando comsigo hum embaixador, que el Rei de Cananor mandava a el Rei dom Manuel = (pag. 81) —. Osorio: = Rex, ut cum Emma-nuele pacem firmaret, legatum cum Caprale in Portugalia misit = (fl. 59, v.)

Pag. 18, lin. 10

lo ultimo d' Jauaro trovasse noa... nave... lassaron andare pigliando uno piloto

Anonymo: = principiámos a atravessar o golfo para Melinde; no ultimo de Janeiro... encontrando huma nao... quando o Capitão mór vio que erão de Cambaya deixou-os seguir a sua viagem, excepto hum Piloto que lhe tirou = (pag. 135) —. D. Manuel em Navarrete: = hallando que la dicha nao era de Cabaia, la dejó = (pag. 100) —. Barros: = Seguindo Pedralvarez sua derrota... topou huma nao... e hia pera Cambaia:.. a leixou hir em paz... somente lhe tomou hum piloto Guzarate de nação por delle ter necessidade pera aquella costa de Çofala = (liv. 5, cap. ix, fl. 104) —. Goes: = tomou huma nao grande de Cambaia... com lhe não tomar mais que hum piloto, que lhe pedio pera o guiar ao caminho = (pag. 81) —. Castanheda: = prese l'ultimo di Gennaio una grande nave... e trovando essere del Re di Cambaia la lasciò andar libera... e dalla nave non fu tolta altra cosa, che un Piloto che il guidasse — (cap. xli, fl. 64).

Pag. 18, lin. 12

a xii de Febraro... una de le nostre nave... dele in secco

Anonymo: = aos doze de Fevereiro... Sancho de Tovar, que era Capitão de huma nao... pela volta da meia noute deu elle em secco... a nao era de duzentas tonelladas = (cap. xx, pag. 136) —. D. Manuel em Navarrete: = se le perdió una de las naos que traia cargada porque de noche fué á dar en tierra, y salvóse la gente = (pag. 100) —. Barros: = saltou com elle hum tempo travessão que deu com a nao de Sancho de Toar em hum baixo onde se perdeo, salvandose porém toda a gente = (fl. 104) —. Goes: = deu com tormenta a nao de Sancho de Toar em huns baixos... nenhuma outra cousa se salvou que a gente = (pag. 81) —. Castanheda: = una notte dodeci di Febraio si perdè la nave di Sancio di Touar, la quale... diede nella costa... la gente che si salvò = (cap. xli, fl. 64).

Pag. 18, lin. 17

tre nave: et arivorno a Bezebiche glucto con Capo Verde

Anonymo: = tivemos huma tormenta... perdendo huma nao de vista, per maneira que ficamos somente tres... Chegamos ao Cabo de Boa Esperança, dia de Pascoa de flores... abordamos na primeira terra junto com Cabo verde, que se chama *Besenegue*, aonde achamos tres navios que el Rei de Portugal mandara para descobrir a terra nova, que nos tinhamos achado quando hiamos para Calicut = (cap. 20 e 21, pags. 136, 139) —. Barros: = a primeira terra que (Pedralvarez) tomou foi a ilha do cabo Verde, onde achou Pero

Dias que era desaparecido=(fi. 104).— Goes=dalli veo ter ao Cabo verde, onde achou Pero Dias, que lhe desaparecera quando bia pera a India=(pag. 82).— Castanheda:==e di quindi seguendo la sua strada andò al Capo Verde, dove trovò Diogo Dias, che gli si era smarrito quando andava all' India=(cap. 41, fl. 64).

A phrase impressa em italico quer-me parecer que fornece uma prova cabal de que Americo Vespucci emprehendeu realmente em 1501 em navios portuguezes uma viagem de exploração para as terras novamente achadas por Pedro Alvarez Cabral em 1500. Não é aqui o lugar conveniente para abrir uma discussão a tal respeito; mas permitto-me apenas de lembrar que coincide o tempo em que se encontraram no porto de Besenegue as duas frota; coincide o numero dos navios em que ia Vespucci, dizendo elle que eram tres, exactamente como affirma o piloto de Cabral; e de mais a mais a noticia vem de um companheiro de Cabral que não tinha interesse algum em mentir, e que relatou o que ouviu dizer aos mesmos expedicionarios, emquanto estiveram todos juntos no porto de Besenegue. Em vista d'isso, creio que todos os esforços feitos pelo benemerito e doutissimo visconde de Santarem para annular o testemunho do piloto de Cabral são manifestamente baldados. (Vid. Santarem, *Recherch. hist. crit. et bibl. sur A. Vespucci*, pags. 7, 8 e seg., Paris). Quanto ás cartas de Vespucci, veja-se Varnhagem, *Nouv. Recher. cit.— Collecção de noticias para a hist. e geogr. das nações ultram.*, vol. II, pags. 111, 141 e seg.: e Navarrete, *Coleccion de los viages*, etc., vol. III, p. 183 e seg.)

Sustentando ser verdadeira a viagem sobredita de Vespucci, cumpre-me declarar que não sou movido por patriotismo, sempre mal cabido em questões scientificas, mas unicamente por convicção. Pois confesso até mui francamente que Vespucci é para mim pouco sympathico: tanto que, além de admitir ser falsa a sua viagem de 1497, e de concordar em como elle não teve em os navios portuguezes senão um lugar muito secundario, acho que é outrosim bastante censuravel pela vaidade extrema, revelada em todos os seus escriptos, occultando sempre os nomes dos seus chefes e companheiros, não falando senão do seu grande prestimo, de suas altas habilitações, e amesquinhando a todos em globo: chegando até a escrever que elle sabia mais do que todos os navegadores do mundo, = *navigandi disciplina magis callebam q. omnes naucleri totius orbis*.— (V. em Varnhagem: *Americo Vespucci*, pag. 16. Lima, 1865). Nem mesmo o seu antigo amigo, o seu glorioso patricio, o immortal iniciador do movimento das descobertas no occidente, Christovão Colombo, lhe merece uma palavra de saudade e de elogio; e a unica vez que o menciona, fal-o n'estes termos=*venimusque ad Antiglie insulam quam paucis nuper ab annis Christophorus Columbus discoveruit*—(V. em Navarrete, cit. p. 261): fingindo até de ignorar o nome que Colombo tinha dado á ilha de Haiti, e indo buscar á geographia lendaria um nome que ninguem na Hespanha, em França e na Italia tinha dado á ilha *Hespanhola*! É muitissimo digna de reparo esta linguagem: e para mim basta para caracterisar o homem!

Entretanto elle logrou de deixar o seu nome a todo o novo continente. Digo o seu nome, porque a these apresentada por Julio Marcou, e em seguida renovada com diversas variantes por F. H. Lambert, negando que a America tivesse recebido o nome do navegador florentino, não tem fundamento solido algum, e, a meu vér, não passa de um excentrico paradoxo, e de um exercicio mais ou menos habilidoso de pura e simples sophistica.

Voltando ao assumpto d'esta annotação, devo dizer que o termo *Bezebiche* usado por D. Manuel em relação a um porto junto de Cabo Verde, acha-se applicado á mesma locali-

dade por Giovanni da Empoli, na interessantissima carta dirigida a seu pae ácerca de sua viagem a Malaca em os navios commandados por Diogo Mendes de Vasconcellos, e publicada no *Archivio Storico Italiano*, Append., tom. III, Firenze, 1846, desde pag. 35 até pag. 84, juntamente com outra escripta¹ tambem por elle em data de Cochim, 15 de novembro de 1515, desde pag. 85 a pag. 91. — Diz pois Giovanni da Empoli=fummo... a vista del Capo Verde, chiamato *Bisighicci*, principio dell'Etiopia inferiore. Al quale luogo giunsi molto malato di grandissima febbre e fui di tal sorte aggravato della malattia... e navicando alla terra di Santa Croce, chiamata Brasil, sauai del tutto=(pag. 36 e 37). E a pag. 78:=ho já... detto che il Capo Verde, chiamato *Bisichicci*, é principio e capo dell'Etiopia inferiore=. Barros:=porto de *Bezequiche*=(fl. 114, v. liv. 6, cap. II).

Pag. 18, lin. 23

verso Lixbona et arivorno a xxi de Julio mececci

Anonymo:=chegamos a esta Cidade de Lisboa no fim de Julho=(cap. 31, pag. 137).— Barros:=depois de ser chegado a Portugal, que foi vespera de S. João Baptista=(cap. 9, fl. 104 v.).— Goes:=chegou a Lisboa ao derradeiro dia de Julho=(pag. 82).— Castanheda:=parti per Lisbona... dove giunse il secondo di di Luglio=(cap. 41, fl. 64 v.).— Osorio: Olysiponem tandem pervenit pridie Kalend. Augusti=(fl. 59 v.).— Maffei:=Capralis... Julio mense exeunte... in patriam retulit=(pag. 48).

Pag. 18, lin. 24

e giuncto uno de li dui navigli che se smarirno

Anonymo:=hum dia depois chegou a nao que perdemos de vista quando voltamos, e egualmente Sancho de Tovar com a caravella que foi a Çofala=(pag. 137).— Goes:=Pero Dias foi ter ao estreito Darabia... donde tornou a este regno com sós seis homens, depois de ter passado muitos perigos e trabalhos=(cap. 38, pag. 74).— Barros:=depois de ser chegado a Portugal... chegarão dous navios que ainda la leixava: hum dos quaes era de Pero de Taide que se delle apartou ante de chegar ao cabo das Correntes com hum temporal que alli teve, e o outro foi Sancho de Toar com nova do descobrimento de Çofala=(cap. 9, fl. 104 v.).— D. Manuel em Navarrete:=agora nos vino certo recado como

¹ Se me não tivesse faltado absolutamente o tempo, era minha intenção de reimprimir, n'esta collecção de Memorias, não só estas cartas de Empoli, senão tambem outros opusculos, que dizem respeito a descobertas e viagens portuguezas no seculo xv e xvi, e que andam dispersos em diferentes publicações, a fim de apresentar aos estudiosos da historia portugueza um conjunto de documentos importantes e curiosos, de difficil acquisição ás vezes, e ordinariamente caros. Mas o que eu não poudo realizar, talvez se effectue em breve por alguem, na proxima celebração do centenario da descoberta da India por Vasco da Gama. E não será pequeno serviço prestado á historia patria.

uno de los navios . . . que tenia per perdido, viene é será un dia destes aqui = (pag. 100) —. Osorio: = una (navis) . . . tempestate jactata, in sinum Arabicum penetravit, atque in Portugaliā rediit cum sex tantum hominibus = (fl. 52) —. Castanheda: = e poiche vi fu giunto (a Lisboa), vi giunse ancora la nave, che s'era smarrita con la fortuna . . . e dopo quella giunse Sancio di Toar, il quale era andato a scoprire Sofala = (cap. 42, fl. 64 v.)

Pag. 18, lin. 29

de xxij nave . . . ne sono ritornate sei

Anonymo: = de modo que da armada que foi a Calicut vierão seis naos, e todas as outras se perderão = (pag. 137) —. Castanheda: = tornaron sei nave . . . di dodeci che partirono per l'India. e le sei si perderono = (fl. 64 v.)

Pag. 18, lin. 33

quello medemo año a x d'l mese d'Aprile . . . mandai quatro altre nave

Castanheda: = questo anno 1501 . . . non vi volle mandar più di tre navi e una caravella . . . e diede il governo . . . a Giovanni della Nuova = (cap. 42, fl. 64 v.) —. Barros: = el Rey Dom Manuel . . . no mes de Março . . . mandou armar quatro velas. A Capitania Mór das quaes deu a João da Nova . . . os capitães dos outros navios erão Diogo Barbosa, . . . Francisco de Novaes . . . e Fernão Vinet Florentino . . . polo navio ser de Bartholomeu Marchioni = (cap. 10, fl. 104 v. e 105) —. Goes: = nam quis mandar no anno de mil e quinhentos e hum mais que tres naos, e huma caravella grande de que deu a capitania a Joam da Nova . . . Partio esta armada do porto de Bethelhem aos cinco dias do mes de Março do anno do Senhor de mil e quinhentos, e hum = (cap. 63, pag. 83 e 84) —. Correia: = el Rey armou duas naos, e os mercadores outras duas de seu dinheiro . . . el Rey despedio os Capitães em Belem . . . e partirão no primeiro de Março do ano de 501 = (pag. 234 e 235). — Porém Lunardo Cha Masser (Vide infra) escreve o seguinte: = del 501, del mese d'Aprile, mandò altre 4 caravelle, Capetanio Zuan da Nova =.

Pag. 18, lin. 36

lla terra chiamata d'Santa croce p pigliare refresco la andorno . . . et di li passorno

Correia: = fizeram seu caminho ao longo da costa do Brasil que era já toda descoberta por muitos navios que lá hião tratar, e forão delongo até o cabo de Santo Agostinho, e d'ahi forão atravessando para o cabo de Boa Esperança = (pag. 235, cap. II).

A phrase seguinte do texto: — *pche certo dicta terra e molto necessaria a tale viaggio* — encontra-se reproduzida na Carta de D. Manuel, em Navarrete: = *porque es muy conveniente y necessaria para la navegacion de la India* = (pag. 95).

Pag. 18, lin. 38

Ritroverno due nave d'mori

Correa:==Vindo a armada seu caminho para Cananor, toparão duas naos grandes que hão de Calecut carregadas para Meca, as quaes fizeram amainar=(pag. 244)—. Barros:==correndo a costa, té que tanto avante como o monte de Lij topou duas naos, hũa das quaes. . se pos em salvo, e a outra tomou elle=(fl. 106)—. Goes:==ir a Cochim, no qual caminho tomou por força huma nao de Calecut=(pag. 84)—.

Pag. 20, lin. 2

Gonzalvo maletra

Nome errado pelo amanuense; pois o Capitão Mór era, como dissemos, João da Nova, Gallego.

Pag. 20, lin. 4

Una Zudia d'Sibilia

Da mesma Judia de Sevilla falla o Anonymo, piloto da armada de Pedro Alvares Cabral=algum tanto affastado de Cochim. . . achamos huma Judia de Sevilha, a qual veio pela via do Cairo, e de Meca=(cap. XIX, pag. 134)—.

Pag. 20, lin. 26

Ali XV de Decēbre . . . forno alle mani

Goes:==Estando já prestes para partir, aos xvj dias do mes de Dezembro appareceram ala mar mais de oitenta paraos. . del Rei de Calecut=(cap. LXIII, pag. 84)—. Correa:==estando assi tudo prestes. . o Capitão mór deu fogo aos tiros, o que assi fizerão as outras naos, que o mais dos pelouros passando os zambucos se acenderão os materiaes. . . metterão ao fundo naos e zambucos.—Castanheda:==Et il dì seguente, che furono sedici di Decembre, il porto si trovò circondato da cento vele. . che il Re di Calicut mandava. . . i nostri gli fecero molto danno con l'artiglieria loro, cos' mettendogli a fondo alcuni parai=(cap. XLII, fl. 63)—. Barros:==metterão no fundo cinco naos grossas e nove paraos=(fl. 107).

Pag. 22, lin. 1

Ginuseno.. nel porto nostro a XI de Septembre

Barros: = João da Nova chegou a este Reyno a onze de Setembro de quinhentos e dous = (fl. 108—. Goes: = João da Nova... chegou a Lisboa com sua frota junta aos xj dias do mes de Septembre, de mil, e quinhentos, e dous = (pag. 86) —. Correa: = se partirão... até aportarem na ilha Terceira... onde... souberão que Dom Vasco da Gama era partido para a India... se partirão para Lisboa, onde chegarão em agosto do anno de 1502 = (pag. 260) —. Osorio: = Novius... Olysiponem pervenit xi die mensis Septemb. anno a Christo nato M. D. 11 = (fl. 62, verso) —.

Pag. 22, lin. 4

A giorni tri de marzo madai unaltra armata... et furno nave XXV

Barros: = no Março passado de quinhentos e dous era partido dō Vasco da Gama com huma frota de vinte velas = (Liv. 6.º, cap. 1, fl. 108, verso; porém no cap. n, fl. 113, diz = os capitães que partirão a dez de Fevereiro juntamente com Dom Vasco da Gama =) —. Castanheda: = D. Vasco della Gama, il quale parti da Lisbona a tre di Marzo, dell'anno 1502, menando nella sua conserva tredici navi grosse, e due caravelle... E oltre queste quindici vele, si mettevano in punto per mandarle poi cinque navi grosse = (cap. XLII, fl. 65 verso, e 66) —. Goes: = Além destas xv velas mandou el Rei aparelhar mais outras cinco... Dom Vasquo da Gama que partio de Lisboa a primeiro dabríl =. (cap. LXVII, pag. 88 e 89) —. Correa: = dez naos grossas... mais cinco caravellas latinas... dia de Nossa Senhora de Março... a armada se fez á vela = (pag. 269 e 270) —.

Pag. 22, lin 6

Capitania... fu Petro Alvez Caprale quale... fu Capitania d'la prima armata

No *Prologo* já fallei do erro que vem no texto a respeito do nome do Comandante d'esta armada, propondo uma hypothese para explical-o. Mas accode-me agora outra, que talvez seja ainda mais provavel; e é, de suppor que a mudança do nome de Cabral, em lugar do de Vasco da Gama, fosse obra exclusiva do traductor romano, por ignorar os factos recentissimos da historia portugueza, interpretando á letra as phrases da carta de D. Manuel. O Rei de Portugal com effeito, ao passo que diz que quer relatar os successos da India desde a primeira *armada* até á data da carta, começa todavia a sua relação com a expedição de Cabral. Um traductor estrangeiro e pouco sabido nas explorações portuguezas, não é para extranhar que d'ahi deduzisse como Cabral fôra effectivamente o Capitão Mór

da *primeira armada* E o que dizia a carta relativamente a esta nova expedição? Dizia que o Chefe d'ella foi o mesmo que o tinha sido da *primeira*. Em vista d'isto nada mais natural que o traductor italiano julgasse ser um erro de copia o nome de Vasco da Gama encontrado no manuscrito portuguez, e por sua conta e risco o substituisse com o de Cabral, pensando, já se vê, de acertar.

Pag. 22, lin. 12

Portorono quilli dui obstadici di Cuchin.. e de Cauanoro

Barros:—O Almirante... levava consigo... os embaixadores d'elRey de Cananor e d'elRey de Cochij=(fl. 113, verso)—.

Pag. 22, lin. 15

Rodrigo palares

Nome desconhecido. Os chronistas mencionam só como capitão de um navio a Fernam Rodrigues Badarças (Barros);—ou João Rodrigues Badarças (Correa)—.

Pag. 22, lin. 19

Calicut.. dove per molti giorni fece... dano inextimabile

Barros:—nestes dous dias que toda a armada se occupou em varejar a cidade=(fl. 120)—. Castanheda:—bombardô la città con l'artiglieria grossa, e vi fece grandissimo danno=(cap. XLVI, fl. 68)—Osorio:—Gama... ubi primum diluxit, tormentis urbem acerrime conquassari præcepit=. (fl. 65, verso)—.

Pag. 22, lin. 23

Le littere nre et il presente infrascripto

Castanheda:—Il Generale gli diede una lettera del Re di Portogallo... e un presente.. che era una ricca corona d'oro e di gemme smaltata: un monile pur d'oro, dui ricchi vasi di argento indorati, lavorati politissimamente; dui tapeti grandi e fini: dui arazzi fatti a figure: un padiglione di campo lavorato: una pezza di raso chremisino, e un'altra di sandalo=(fl. 68, verso)—. Correa:—O Capitão Mór... apresentou a ElRey huma copa de pé com sua cobertura, que tinha dous mil cruzados, e huma peça de brocado e vinte peças de veludos, cetyns, damascos de côres, e huma cadeira guarneçada de brocado

e cravação de prata branca e suas almofadas de teor. . . huma coroa de ouro. . . hum bacio de prata=(pag. 310 a 314)—. Goes:= Dom Vasco. . . lhe deu hum presente de muitas peças d'ouro, prata, brocado, e seda, entre as quaes avia huma coroa de ouro, dizendo-lhe que el Rei dom Emmanuel seu senhor lhe mandava aquelle presente=(cap. **LXIX**, pag. 90)—. Osorio:= ubi Cochimum pervenit. . . misit Emmanuelis nomine munera. . . partim aurea, partim argentea, et auream præterea coronam=(fl. 66)—.

Pag. 22, lin. 33

Me mando littere et il presente infrascritto

Castanheda:=diede al Generale, que portasse al Re di Portogallo dui braccialetti d'oro e di gemme ricchissimi; un facciolo moresco di tela d'argento di lunghezza di dieci quarte; due pezzi di bengala molto grandi e sottili: una pietra della grandezza d'una avelana che si trova nella testa d'un animale che gli Indij chiamano Bulgodalf. . . che giova contra ogni sorte di veleno=(fl. 68, v.)—. Goes:=El Rei de Cochim. . . em sinal d'amor mandou per Dom Vasco a el Rei outro presente em que entravam dous barceletes d'ouro com muita, e mui rica pedraria, e huma pedra do tamanho de huma avellã, que se acha na cabeça de huma alimaria. . . a que os Indios chamam Bulgodalf, a qual pedra tem gram virtude contra todo genero de peçonha=(cap. **LXIX**, pag. 90)—. Thomé Lopes: (*V. Naveg. ás Ind. Orient.* no vol. II, da *Collecção de Notic.* cit.—cap. XVII, pag. 134)= Igualmente deo ElRei ao Almirante bastantes joias, grandes e de muito valor=. Osorio: =Rex contra, ut eum Emmanuele magnificentia certaret. . . cum alia multa, tum duas aureas armillas gemmis distinctas, et una pregrandem gemmam ad Gamam ferri jussit, quam illius nomine Regi Emmanueli deferret=(fl. 66)—.

Pag. 22, lin. 39

Dui zoilieri italiani

Castanheda:=dñi Milanesi lapidarii, que stavano col Fattore, i quali v'erano andati con Dom Vasco della Gama per comandamento del Re di Portogallo. . . se ne andarono al Re di Calicut, e come ingrati del beneficio ricevuto dá nostri. . . tumultuariamente, e senza alcun ordine fuggivano. E appresso gli si offerirono di fargli tutta quell'artiglieria che volesse. . . Et a questi Milanesi il Re di Calicut fece molti favori, e gran doni perche gli fecero l'artiglieria=(cap. **LII**, fl. 77)—. Osorio:= multi a fide. . . nostris debita nefarie desciverunt. Inter quos duo Mediolanenses extitere, qui cum Gama in secundo illius in Indiam adventu, permissu Regis Emmanuelis venerant. Ii religionis immemores, ad Calicutensem transfugerunt, multaue detrimenta nobis intulerunt=(fl. 74, v.)—.

Infelicissimo foi o fim d'estes Milanezes, quando, arrependidos do mal que tinham feito, queriam abandonar o serviço do Rei de Calicut. Eis o que Goes narra a tal respeito.= Neste tempo (1506) veo ter com elle (D Lourenço) hum homem por nome Luiz Vuartman

(Varthema) natural de Bolonha em Lombardia. . o qual. . vinha de Calicut para avisar o Vicerei, de como el Rei de Calicut fazia huma grossa armada. . . e que allem disto lhe trazia recado dos Milanezes. . que arrependidos do que tinham feito como Christãos que eram, se queriam reconciliar com Deos e virse pera o serviço del Rei de Portugal. . assentarão os Milanezes de se vir pera os nossos, mas o trato foi descoberto, e elles ainho mortos pelos mouros, e Luiz Vuartman se salvou.= V. *Op. cit.* parte 2.^a cap. xii, pag. 194.— Luis de Varthema prestou aos Portuguezes relevantes serviços; tanto que Tristão da Cunha quiz armal-o cavalleiro.= V. *Itinerario de Ludovico de Varthema etc.* f. lxxxviii e f. xcvi, verso.— Roma per maestro Stephano Gillireti de Lorenzo etc. mxx.

Pag. 24, lin. 8

Diece nave giuncte cariche partirno per Lixbona a xviiij de Decembre. . mcccceij

Correa:=levando ancora de Melinde, a foi deitar dentro em Lisboa a salvamento com dez naos carregadas de muyto grande riqueza=(pag. 338)—. Goes:=Dom Vasquo da Gama. . se partio para o regno aos xxviiij dias do mes de Dezembro de mdij com treze naos carregadas=(pag. 92). Castanheda:=il Generale. . . parti per Portogallo con tredici navi a ventiotto di Decembre=(fl. 70, v. cap. xlviii)—. Osorio:=inde digressus est xxviii die mensis Decembris anno a Christo nato mdim(?)=(fl. 68)—. Este anno 1503 sahiu tambem erradamente na versão de Fr. Manuel do Nascimento.— *Da vida e feitos d'El-Rei D. Manuel*, Lisboa 1804). Lê-se com effeito a pag. 204=aos 28 dias do mez de Dezembro de 1503 sahio de Cananor=: porém, logo em seguida a pag. 205 diz=entrou o Gama. . . pela barra de Lisboa no primeiro de Setembro de 1503=: como dá o texto latino.

Pag. 24, lin. 11

A di primo de Septembre mcccceij sono arivate

Osorio:=Gama tandem Kalend. Septembris anno mdim in portum Olysiptonis cum duodecim navibus onustis feliciter invectus=(fl. 68)—. Goes:=o Almirante. . seguindo sua viagem lhe deu. . . hnm temporal, com que se perdeu da frota a nao Desteavam da Gama, e dom Vasquo chegou com outras a Lisboa ao primeiro dia do mes de Setembro do anno de m.d.iii=(pag. 92)—. Castanheda:=e la nave di Steffano della Gama. . si smarri dall'armata. . il Generale seguí il suo viaggio alla volta di Lisboa, dove giunse al primo di Settembre, dell'anno 1503=(fl. 71)—. Antonio de San Roman:=a primero de Setiembre de 1503. Ilegó al puerto de Lisboa=. (V. *Hist. de la India Oriental*, liv. 1.^o pag. 75. Valladolid, 1603).

Pag. 24, lin. 22

Il Re e gētilhōi . . vāno q̄sti nudi dal meggio etc.

Castanheda: = Questi Re vanno nudi dalla cintura in su, e dalla cintura in giù si coprono con alcuni panetti di seta e di bambascio . . portano rasa la barba e lunghi i mustacchi . . né hanno legge di matrimonio . . i figliuoli che hanno di esse (concubine) non gli hanno per figliuoli, né hereditano il regno . . . quando vengono a morte gli abruciano . . Calicut . . in essa si trovava ogni sorte di spetieria, droghe, noci e macis . . . gemme, perle grosse e minute, canfore, musco, sandali, aquila, laere, porcellane . . oro, ambra, cera, avorio, e alaqueque . . . allume di rocca, coralho = (Liv. 1.º, cap. xiii e xiv, ll. 20 v. e 21).

Pag. 26, lin. 33

Il predicto anno mcccceijj nō mandamo nave niuna per q̄sto viaggio

Sendo certo que D. Manuel n'este anno de 1503 mandou á India algumas naos, como então podia elle dizer o contrario na carta? O redactor da minuta não podia ignorar este facto, mesmo imaginando nós que D. Manuel, em vista de sua extensão, assignasse a carta sem primeiramente lê-la toda. Ha aqui portanto uma contradicção que por força ha de ser apparente. Havia por ventura um meio de conciliar isto? Suppondo que o texto portuguez tivesse a palavra *guerra*, aonde o traductor italiano, vendo que se tratava de viagens, julgou talvez mais apropriado traduzir pela palavra *viaggio*, parece-me que a phrase da carta podia ter uma explicação accetavel.

D. Manuel em todo o decurso da carta não dá ao Rei Catholico relação senão de suas expedições militares ou guerreiras á India. Ora a expedição que elle abi dirigiu em 1503 era de um caracter completamente diverso: pois todos os chronistas são concordes em dizer que D. Manuel, crendo que D. Vasco da Gama tivesse solidamente assentado paz e amizade com os Reis da India, enviara ahi alguns navios com o encargo exclusivo de fazer operações commerciaes, carregando de especiarias, e voltando logo para o Reino. E tanto assim era, que da esquadra faziam parte navios pertencentes a mercadores, como o de Bartholomeu Marchioni. Sendo pois uma expedição que sahia fóra do plano geral da carta, não seria para extranhar que D. Manuel não fallasse n'ella, como não tinha mencionado as expedições que tinha enviado para explorar o Brazil.¹

¹Não consta dos chronistas portuguezes da epocha, todos absortos na descoberta da India e nos prodigiosos resultados que d'ella manaram, que o commercio se aproveitasse muito da descoberta do Brazil, senão depois de largos annos. Contudo o contrario resulta da *Viagem ás Indias Orientaes* escripta por Giovanni da Empoli. Diz pois elle que, sahindo em 1503 para as Indias, achou-se engolfado na altura da terra de Vera Cruz ou Brazil . . da qual se tira

Quanto á nova expedição militar á India, como ella dependia das noticias que D. Manuel esperava, e como ellas chegaram sómente em Setembro de 1503, segundo diz a carta, é claro que se não podia enviar a frota senão no anno seguinte; pois tinha já passado o tempo opportuno. É portanto um facto que em 1503 D. Manuel não mandou á India navio algum em commissão militar.

Mantendo rigorosamente esta interpretação da phrase do texto, quem todavia pensasse que D. Manuel não deixaria de informar o Rei Catholico ácerca da sua expedição de caracter puramente commercial, parece-me que teria em que apoiar a sua hypothese.

D. Manuel, logo em seguida, passa a fallar de um Capitão Mór já por elle mencionado.—*Il dicto nro Capitano quale era in India*—, o qual lhe enviara seis naos carregadas de especiarias. Quem era este Capitão Mór residente na India em 1504, e do qual o Rei tinha anteriormente fallado? *il dicto*?—A carta não menciona senão o Capitão Mór da expedição de 1502: e este, segundo a mesma carta, tinha regressado a Lisboa em Setembro de 1503. Havia logo outro Capitão Mór na India em 1504: e não podia ser senão Affonso de Albuquerque, que partiu em 1503 com a expedição commercial, e que voltou a Lisboa no tempo exactamente indicado pela carta, isto é em agosto de 1504. Goes dá o dia 24 de Agosto—cap. LXXX, pag. 81:—trazendo a El-Rei muitas preciosidades—. Giovanni da Empoli, que era com D. Affonso de Albuquerque, escreve:—aos dezeseis de Setembro de mil quinhentos e quatro ontramos pela barra de Lisboa—. (V. *Viagem ás Ind. Orient.* cit. cap. IV, pag. 228)—. Et Affonso (escreve Castanheda) di Albuquerque e Antonio del Campo giunsero a Lisbona a ventitre di Agosto dell'anno che dico (1504). Et Affonso contò el Re come restava l'India: e gli diede quattrocenti aranti di perle minute, e 40 di grosse, di prezzo: e aneo gli donò otto ostriche, nelle quali nascono, piene di perle: e molte altre gioie e pietre fine: e dui cavalli Persiani grandi, e corridori—(cap. LXII, fl. 89)—. Goes:—o qual (Albuquerque) entre outras cousas que apresentou a El-Rei fôrão dous cavallos da Persia grandes, muito formosos e ligeiros—. (cap. LXXX, pag. 81)—.

Ora ácerca d'este Capitão não ha na carta menção alguma: o que dá grande suspeita de que logo em seguida ás palavras do texto—*daremo adriso a V. M.*—haja falta de algumas phrases com que D. Manuel desse ao Rei Catholico conhecimento da expedição commercial enviada á India em 1503.

grande quantidade de canafistula e de páo Brazil—. (V. na *Collecção de Noticias*, cit. vol II, pag. 220, cap. I). O mesmo vem em uma declaração do agente veneciano Lunardo de Chá Masser que estava em Lisboa em 1504 demorando-se ahi até 1506. Dando elle ao Chefe da Republica relação do que tinha visto e sabido em Lisboa, escreveu o seguinte:—*Da tre anni in qua, che fu scoperto Terra Nova, della quale se trae ogni anno Verzin da K. 20 mila, el qual verzi mostra sia stá taiado de uno arbero molto grosso, el quale è molto pesado e graxe*—. O testemunho d'este agente ou fiscal do governo veneciano é muito importante, mostrando quão rapidamente o commercio portuguez soube tirar partido da recentissima descoberta das terras de Vera Cruz. As navegações para o Brazil deviam-se repetir a miudo: pois o agente diz que *cada anno* as naos traziam cerca de 20 mil *kantara* de páo *verzim*, o qual deixou finalmente o seu nome á terra de Vera Cruz: como lamentam, com Barros, outros chronistas portuguezes. De Goes sabemos que no anno de mil e quinhentos e treze, George Lopes Bixorda tinha—o trato do páo brasil que trazem d'esta terra de Santa Cruz—. (Parte 1.^a, cap. LVI, pag. 70).

Pag. 28, lin. 11

Uno suo idolo assai deforme ma e de auro e pesa circa libre trenta
et in loco de li occhi ha dui smiraldi

Castanheda informa que este idolo foi achado em uma das duas naos que Vasco da Gama na segunda viagem tinha tomado aos inimigos.— Il Generale comandò che fossero discaricate quelle due navi. . Et fra le altre cose vi si trovarono queste: cioè, sei tavole grandi di porcellana finissima: quattro vasi di argento grandi come alcuni perfumatori, e bacili pur d'argento; un Idolo d'oro, che pesò trenta marche di figura molto mostruosa: il quale in vece di occhi haveva dui ricchissimi Smeraldi. Una veste di questo Idolo d'oro fino ricamata: di finissime gemme, con un Carbone, o Rubino al petto della grandezza del cerchio d'uno scudo: il quale rendeva splendore come una bragia di fuoco—(cap. XLVIII, pag. 70 e verso)—. Osorio:—Nostri cum naves spoliarent, signum ex auro factum, in speciem monstri cujusdam similem figuratum, invenerunt. Pondus erat librarum quadraginta. Pro oculis habebat in fronte duos ingentis pretii Smaragdos: similitar Pyropum miræ magnitudinis, instar prunæ incensæ collucentem, in pectus inclusum gestabat, et pallio aureo amiciebatur—(fl. 68)—.

Pag. 28, lin. 35

Insula dicta Agramuzo

É a ilha de *Ormus*, que antigamente era conhecida pelo nome de *Armuria*, *Armura* (V. *Dict. Hist. Geogr. etc.*, a *C. Stephano inch. etc.*—pag. 168. Genevæ, 1694)—; e também pelo nome de *Armuzia*: *Celebris unionum copia*—, diz o *Novum Lexicon Geogr.* de Ferrari e Baudrand—pag. 54. Venetiis, 1738 —, em conformidade do que diz igualmente a carta:—*dove sono perle infinite*—.

Zagaterra.— É a ilha *Socotora*.— Henischio:—*alia insula, quæ olim Dioscoriada, nunc Zocotora*; unde aloë *Zocotorina*—. (V. *Epitome Geogr. Vet. et Novæ*, pag. 115. Aug. Vindel. 1577).

Pag. 30, lin. 4

Havea gia del mese de Febraro (1504) mandato xij nave... Capitania Loppo Soarez

Barros:—ordenon de mandar este anno de quinhentos e quatro hũa grossa armada, a capitania môr da qual deu a Lopo Soares, filho de Ruy Gomez d'Alvarenga. . . partio a vinte dous de Abril deste anno—. (Liv. 9, cap. ix, fl. 141, v.)—. Goes:—no anno de mil e quinhentos e quatro. . . mandou huma armada â India de que deu a capitania a Lopo Soares Dalvarenga. . . partio do porto de Bethelém a xxij dias Dabril do dito anno—(cap. xcvi, pag. 129)—. Castanheda:—in questo anno 1504... mandò un armata di dodeci

navi grosse... Capitano Generale... Lope Suarez di Meneses... parti de Lisbona a ventidui di Aprile=(Liv. 1.^o, cap. lxxxix, fl. 123, ev.)— Correea:=ElRey... basteeo grande armada de nove naos grossas, e quatro somenos, navetas pequenas... e ordenon para Capitão Mór d'esta armada Lopo Soares... A armada despedio de Belem dia de Nossa Senhora de Março=(Parte 2.^a, tomo 1, pag. 494)—.

Osorio diz que Lopo Soares chegou a Calicut em Setembro de 1504:=ad Septembris mensis initium ejusdem anni... mmi... Eo tempore Lupus Suarius... eum classe tredecim navium in Indiam pervenit=(fl. 104, v.)— E de uma carta de Alvaro Vaz que li no *Archivo da Torre do Tombo* (Gav. 15. Março 2. n.^o 36) resulta que Lopo Soares chegou a Calicut em o dia 14 de Setembro: com o que deve-se emendar a data de *sete de Setembro*, assignada por Goes:=a hum sabbado sete de Setembro de m.d.iiij surgio diante da barra de Calicut— (cap. xcvi, pag. 130)—.

Pag. 30, lin. 25

Adimando il mio Capitaneo che li dovesse restituire li dui zoileri

Correea:=mandou... que... dissesse ao Regedor que... a paz... por nenhuma cousa deste mundo nom faria se lhe nom dessem os Italianos; e nom os pedia para lhe fazer nenhum mal=(2.^a parte, tom. II, pag. 499)—. Barros:=respondeu-lhe ao negocio da paz, que a primeira cousa que avião de fazer pera elle ouvir as condições d'ella, era entregarem-lhe os dous Gregos d'esclavonia que lá andavão=(Liv. 7.^o cap. ix, fl. 142 e v.)—. Castanheda:=esso gli rispose che egli non voleva fare cosa alcuna, se prima non gli mandavano quei dui Italiani, che scamparono in Calicut: e che quando gli li havessero dati farebbe allora quel, che ben fosse=(cap. xc, fl. 127, v.)— Osorio:=Dixit Suarius, se pacem minime daturum, nisi prius sibi Lusitani cum Mediolanensibus redderentur: et in eo perstitit=(fl. 103, v.)= Goes:=ao que lhes respondeo que antes de se fazer nenhum concerto lhe aviam de dar os Portuguezes que tinham captivos, e os dous Lombardos Milanezes=(cap. xcvi, pag. 130)—.

Pag. 30, lin. 26

Rodrigo Rainell che havea retenuto

Goes:=dos Portuguezes, que ficaram captivos, do tempo de Pedralvarez Cabral, os quaes Naubeadarim principe de Calicut levava de Cranganor, com Rodrigo Reinell, quando por mandado de Francisco Dalburquerque alli fora receber pimenta=(cap. xcvi, pag. 139)—.

Pag. 30, lin. 28

l'Armata . . . parte andô piû ultra a quâin

Goes: =Lopo Soarez. . mandou a Afonso Lopes da Costa, Pedrafonso Daguiar, Lionel Coutinho, e Rui Dabreu que fossem tomar carga a Coulam, por saber que tinha o feitor Antonio de Sá junta munita especiaria=(pag. 130 e 131)—. Castanheda: =e così comandò ad Alfonso Lopes di Acosta, a Pietro Alfonso d'Agniar, a Lionello Cotigno, e a Rui di Bren, che andassero a caricare a Colan; perché sapeva, che v'era là spetieria in abbondanza=(cap. xci, fl. 128)—. Correa: =O Capitão Mór . . . logo mandou lá Afonso Lopez da Costa, Pero de Mendoça, Simão d'Alcaçova, e Leonel Coutinho, e Lopo d'Abreu que. . . como lá chegarão logo começarão a carregar, assy que em Coulão e Cochim se dava grande aviamento á carga=(pag. 505)—.

Pag. 30, lin. 35

Le XII che mandai sono guinete carich' de speciariae a ij del presente

Castanheda: =E di qui (Quiloa) parti a dieci di Febraio, e senza che gli avvenesse cosa degna di memoria giunse a Lisbona a ventidui di Gíngno dell'anno 1505 con due navi di piû di quelle, che all'India haveva condotte, tutte cariche di molte, e grosse ricchezze=(cap. xcv, fl. 133, v.)—. Barros: =por derradeiro se ajuntarão com elle nas ilhas tercierras. Donde partio para este Reyno, e entrou no porto de Lisboa a vinte dons de Julho com treze velas juntas=(cap. xi, fl. 146, v.)—. Correa: =O Capitão Mór . . . chegaram a Lisboa a salvamento com treze naos carregadas. que na Ilha Terceira se ajuntarão todos. . . Entron em Lisboa a vinte de Julho=(pag. 516)—. Goes: =Lopo Soarez, o qual chegou a Lisboa. . . com toda a frota junta. . . aos xxij dias de Julho do mesmo anno de M. D. V. . . Lopo Soarez partio de Lisboa com treze naos e entron com quatorze=(cap. xcix, pag. 136)—. Leonardo Masser: =del 1505, a di 22 Luio tornò. . . Capitiano Lupo Soarez =(V. no Appendice a esta Memoria).

Esta phrase do texto —a *ij del presente*— dá a conhecer que D. Manuel escreveu a carta em Julho de 1505: posto que, não em Junho, mas em Julho, tivesse chegado Lopo Soarez a Lisboa. Talvez no texto fosse a xxij, e sahisse o numero por erro de imprensa, sem os dois xx.

Pag. 32, lin. 1

Capitania dela una Rui Lorenzo: del altra Saldagna

Ruy Lourenço Ravasco foi um dos capitães da pequena frota commandada por Antonio de Saldanha. (Veja Correia, parte 1.^a, pag. 413; Goes, parte 1.^a, cap. 61, p. 106).

Pag. 32, lin. 5

nave tafforea

Por este trecho da carta de D. Manuel sabemos o uso das naus *tafforeas*.

Francisco d'Andrada (V. *Chronica del Rey D. João III*, parte 3.^a, cap. 67, pag. 311, Lisboa 1796) faz menção das naos *tafforeas* no seguinte trecho: = O Viso Rey... fez sair... a sua armada, que era esta: oito naos grossas... a *tafforea* que era tamanha como cada *huma dellas*, treze navetas pequenas... cinco caravellas latinas, e oito redondas, quinze galés e galeotas... treze galés reais com a galé bastarda, onze bergantins de postiga como galeotas, latinos, duas albotasças, dezoito fustas grandes, e corenta e coatro catures e fustinhas=.

Quanto á utilidade das caravellas portuguezas para as viagens á Mina veja-se o que diz Lunardo Câ Masser no *Appendice*. Tambem Luiz de Cadamosto elogiava as caravellas portuguezas n'estes termos: = *sendo as caravellas de Portugal os melhores navios de vela, que andão sobre o mar*=(V. *Navegações*, etc., no vol. II, pag. 3, da *Collecção de noticias para a hist. e geogr.*, cit.—Lisboa, 1812). É um testemunho de muita valia, por ser de um estrangeiro e espertissimo navegador.

E não é menos importante o testemunho do celebre P. Fournier, o qual descrevendo os diversos typos de navios usados pelas nações europeas, confirma a fama das caravellas portuguezas: = Caravelle, vaisseau rond de medioere calibre, du port de six à sept vingt tonneaux, qui ont quatre masts et quatre voiles Latines ou d'Artimon, autrement d'oreilles de lievres; les Portugais et Espagnols s'en servent fort, à cause de leur vitesse: *Limbus auriti veli*, Lusitanorum proprius=(V. *Hydrographie*, etc. liv. I, chap. xxvi, pag. 40.—Paris, 1667). O mesmo repete o P. Riccioli: = Caravella, *navis Lusitana*, et Castellana valde velox cum 4 arboribus erectis... Potest dici *Dromon Lusitana*=(V. *Hydrogr.*, lib. X, caput xxx, § II, pag. 528.—Bononiæ, mdcxli). Estas phrases *Limbus Lusitanorum proprius*, e *Dromon Lusitana* veem em apoio da these sustentada pelo meu illustrado amigo Henrique Lopes de Mendonça, que os portuguezes deram ás caravellas um typo tão accentuado e caracteristico, que passaram a ser consideradas como de origem Lusitana (V. *Annaes do Club Militar Naval*, anno de 1890, tom. XX.—Lisboa 1890). E ellas foram largamente e utilmente empregadas nas descobertas.

Para operações militares eram em uso as *Caracas*, vulgarmente chamadas Naos. (V. Fournier, p. 40): e ainda em o seculo XVII consideravam-se como os maiores navios do mundo.= Elles se font (escreve Fournier) toutes à Lisbonne, et non ailleurs, à cause du Havre qui leur est fort propre... Ces Carraques sont ordinairement du port de quinze vens ou deux mille tonneaux, voire plus, de sorte que *ce sont les plus grands Vaisseaux du monde*, à ce qu'on estime=(*Op. cit.*, liv. III, chap. LVI, p. 138).—Com effeito, Monconys, que se achava em Lisboa em 1628, fallando de uma d'estas Carracas, deixava escripto o seguinte: = Dans ce port il n'y avoit qu'un de ces vaisseaux... nous fumes le voir, et y etant entrez nous fûmes ravis d'admiration: il y a six étages d'une demi-pique de hauteur de l'un à l'autre, et le dernier en a autant: sa longueur est de cent quatre vingts pas,

sa larguer de quarante: il avoit porté des Indes à Lisbonne cinque cens familles entieres, chacune avec ses menbles, ses serviteurs et ses enfans. . . Je croyais d'avoir vû, voyant le Galion de Malte, le plus beau vaisseau qui allât sur mer, mais il pourroit passer pour l'esquif de celui-ci=(V. *Les Voyages de Monsieur Monconys en Espagne*, quatr. part., pag. 30-31.—Paris MDCXCV).

Pag. 32, lin. 10

un mitigale vale un ducato e mezo deli nostri

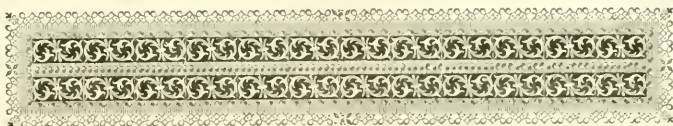
É preciosa esta informação que dá o Rei ácerca dos valor dos mitigaes em moeda portugueza d'aquelle tempo.

Pag. 32, lin. 11

Nel ano presente (mcccxcv) del mese de Marzo madassemo. . . xxx uave ben armate

Lunardo Cá Masser, que estava em Lisboa, escreve:—Del 1505 mandó nma armada; se parti a di 25 Marzo, Capitanio Don Francesco de Almada . . . el qual con vele 30 tra grande e piccole, delle qual una se perse qui in bocca del Porto de Lisbona=(Veja *Appendice*)—. Castanheda:—per questo carcio . . . elesse . . . Don Francesco di Almeida, . . . quell'armata, la quale fu di quindeci nave, e sei caravelle . . . essendo il Governatore per partirsi . . . si perdé la nave di Pietro di Agnaia. . . E bonazzando il tempo, il Governatore parti da Belem a venticinque di Marzo=(lib. 2.º, cap. 1.º, fl. 133, 134)—. Correia:—forão armadas por elRey oito naos grossas . . . seis navetas pequenas, e seis caravellas latinas, e madeira lavrada e acertada para na India alevantar duas galés e hum bargantym, e que com os que achasse na India perfizesse trinta velas. . . E toda armada sayo da foz em fóra . . . a 25 de Março, dia d'Anunciação de Nossa Senhora, do anno de mil e quinhentos e cinco=(pag. 529, 534)=. Barros:—naquella partida, que foi a vinte cinco de Março do anno de quinhentos e cinco . . . as quaes velas desta frota erão por todas vinte e duas . . . e alem das velas em que bião estes capitães estavam tambem outras seis pres-tes . . . que partirão . . . pera fazer a fortaleza de Çofala=(liv. 8.º, cap. 3.º, fl. 151 e verso)—. Goes:—partio dom Francisco Dalmeida do porto de Bethalem aos xxv dias do mes de Março de mil, e quinhentos, e cinco, sem a nao de Pero Danhaia, por quanto se perdeo no mesmo porto com tormenta=(2.ª parte, cap. 2.º, pag. 131).





APPENDICE

RELAZIONE ¹

DE

Leonardo da Chá Masser

Essendo stato, Serenissimo Principe, et Illustrissimo Dominio, doi anni continui in Portugallo, nella Città di Lisbona, per servizio della Sublimità Vostra, per veder et intendere quelle navigazioni di quello Serenissimo Re nell'India novamente navegata: visto et inteso, et essendo bene informato di tale navigazione con tutti qualli lochi, che se hanno notizia nell'India, che per loro Portoghesi sono praticati, e molti altri lochi mercadanteschi, e come fu trovato quello viaggio con il successo di quello fin al presente.

¹ Este documento foi pela primeira vez publicado em o vol. II, *Appendice do Archivio Storico Italiano*, — Firenze 1816, desde pag. 43 a 48, sendo seu editor o sr. Giovanni Scopolì que, juntamente com o douto Bibliothecario da *Palatina* de Firenze, Jacopo Gräberg di Hemsö, lhe poz notas elucidativas sobre algumas palavras de mais difficil comprehensão.

Como a Relação de Leonardo Masser diz respeito a Portugal no tempo de D. Manuel, e porque nos parece de grande interesse, além de encerrar noticias mui curiosas ácerca do Rei e de seu governo, entendemos que ella podia muito bem incluir-se n'esta memoria destinada a vulgarisar alguns documentos ou raros ou pouco conhecidos, mas que teem uma importancia bem accentuada na historia das descobertas e viagens portuguezas no fim do seculo xv, e principio do xvi. N'esta reimpressão iremos aproveitando só algumas notas illustrativas dos sabios editores da Relação do agente veneciano.

VIAGGIO PRIMO

Essendo in tempo del Serenissimo Re Don Manuel de Portogallo, del 1497, mandò ditto Re 4 caravelle, Capetanio Don Vascho de' Gamba, el quale è nativo portoghese, ancorchè lui non era molta maritico, tamen questo Serenissimo Re li dette tal cargo, con ordine, che il ditto Capetanio andasse a longo tutta questa costa della Ginea, e tanto inanzi quanto potesse per scoprire l'India, secondo l'informazione, che lui avea avuto; ita che furono fin a Cao di Bona Speranza, che se fanno da Lisbona leghe 2:000; e qui è la medietà del camino del viaggio di Colochut. E gionto qui il Capitanio, stevano le persone de tutte 4 caravelle in gran contrasto, erano d'una opinione di non andar più oltre; e dicevano al Capitanio, che andavano come perdnti perchè non tenivan più vittuaria, e molti delli marinari erano morti. Al ditto Capitanio li parse di andare più oltre, per essere più propinquo a trovare alcuno loco di vittuaria, che tornare indietro: e cusi montò el Cao con gran fortuna, e andò de longo zoso per costa, tanto che trovò uno loco par su la terra firma, che se chiama Meledin,¹ del qual loco el suo Re è moro; con el quale havè parlamento ditto Capetanio, e havè vittuaria al suo bisogno; el qual Re li dette uno poeta,² che informò ditto Capitanio de Colocut, e molti altri lochi sopra quella Costa d'India; ita che ditto poeta passò cum el ditto Capetanio e poetò sopra Colocut, e li a vista de Colocut in la spiazza³ sorze tutte 4 caravelle gionte. Visto quelli di terra Colocut questi tali navilii, si maravigliarono molto, conoscendo li navilii essere de Cristiani, per molti mercadanti mori che stevano li e che avevano pratica delli navilii nostri. De li a un poco venne uno Moro con uno croce in mano, per venire a nave per intendere che nave erano queste; el quale venne sopra la nave, Capitanio che fu uno Gaspar nativo Alemanno,⁴ zudeo, e da poi se fece Moro; el quale viveva li in Colocut, e fu mandato per el Re de Colocut, sapendo ditto Gaspar parlare in diversi linguagi, per inten-

¹ Melinde.

² Piloto.

³ Surgiu.

⁴ A respeito d'este Gaspar (a quem os portuguezes deram tal nome), V. Castanheda. — *Lib.* 1.º, cap. xxv, pag. 41 e v. — Osorio. — *Op. cit. lib.* 2.º, fol. 54. — Barros. — 1.ª *Decada*, liv. 4.º, cap. viii, fol. 75 e liv. 6.º, cap. ii, fol. 113, v.).

der che gente era questa, e de che nazione, e chi l'aveano menati in quelle parti. Montato in nave el ditto Gaspar, subito el Capitanio el fece prender, vedendo lui sapere parlare italiano, e mostrava essere prattichissimo di quelli paesi, e poselo in ferri, e li dete molte bote,¹ e pergotò cum lardo, perche non voleva dir la verità, nè informare il ditto Capitanio: per modo che per forza de bote disse la verità al Capitanio, e deteli ogni altra informazion de tutte quelle scale e lochi di questa Costa d'India. Dapoi ritornò ditto Capitanio con el ditto Gaspar in Lisbona, del 1499, con tutte 4 caravelle a salvamento, che stete a quello viaggio anni due; e de qui ditto Capitanio referi a Sua Altezza quanto avea seguito per scoperto, traendo con sì alcune mostre de spezierie; significando che de li in quelli lochi se ne avea abbondantissima quantità, e li precii valevano de li, sì come fece referir a questo ditto Gaspar a Sua Altezza, essendo lui ben pratico de quelli paesi; e de qui in Lisbona ditto Gasparo se fece cristiano: se chiamava in moresco Mamet, e se maridò in una donna portoghese nativa di questa città; e have provision de questo Serenissimo Re de ducati 170 de intrada all' anno per suo viver, per aver dato lui tall' informazione dell' India, essendo stato ditto Gaspar delli anni trentadue da poi che parti dal Caiaro per terra alla Mecha, e per molti altri lochi in quelle parti d'India. Essendo ben informato Sua Altezza de tale navigazione, e lochi e scale de trato de marcadanzia, dalle qual se poteva levar gran quantità de spezierie, deliberò de mandar a quello viaggio una frota.

VIAGGIO SECONDO

Del 1500, alli 9 di Marzo, mandò Sua Altezza navilli, tra grandi e pizoli, numero 13; Capitanio Pedralboro² et uno suo fattor, Ali Scorer,³ cum el ditto Gaspar, et andò al viaggio sopra el Cao de Bona Speranza: nell' andar li assaltò una fortuna subita, per la qual se perse nave 7, e scamporono solum nave 6, le quale seguirono el suo viaggio nell' India. Nella prima scala che loro haveno commercio, fu in Chuchim, e li trattò cum quello Re, el qual mostrò aver a grato el navegar loro in quelle parte, e se fece bono amico de questo Serenissimo Re, e li messe in terra detto fattor Ali Scorer, e li per sua se-

¹ Pancadas.

² Pedralvarez Cabral.

³ Ayres Correa.

gurtá li Portoghesi feceno una fortezza li sopra una ponta del rio de Chuchim, per abitazion del ditto fattor e segurtá delle sue merze; per modo che fevano ditti Portoghesi alquanto securi. E li contrattó con el Re de Chuchim rami et altre poche merze e danari, e levó all' incontro spezierie, el forzo pip. k. 2000; e tornó de qui in Lisbona del 1501, a di 29 Luio, nave 6, che stetenó al viaggio circa mesi diciotto. Pur in questo viaggio medesimo de retorno del Chuchim andó el ditto Capitanio cum el ditto fattor, Ali Scorer, in Colocut, e li havé parlamento cum quel Re, e messe in terra el ditto fattor cum certe merze, et il Re de Colocut li fece un certo fontego,¹ dove loro Portoghesi potessino abitar, e metter sicuramente le sue merze in terra; et essendo ben concertado cum el ditto fattor el Re de Colocut, mostrando aver a caro el trattare loro nella sua terra, et affirmato li el ditto fattor cum homini circa 47. Dapoi alcuni giorni, par che tre o quattro Portoghesi venissero a parole con certi Mori, che molti vivono in questa terra; e questo per aver fatto ditti Portoghesi alcune violenzie a certe More; per modo che ditti Portoghesi furono feriti, li quali subito corseño al suo fontego, e molti di loro uscirono fora armadi contra de Mori, e li tutti li Mori, che si atrovavano, essendoli sta' fatti molti oltrazi, e perso il giorno avanti uno sambuco de Mori ecc, el ditto Capitanio, tutti li Mori uniti con gran furia andoro contra ditti Portoghesi, et intrarono dentro suo fontego, e tagliogli tutti a pezzi da homeni 47, con el suo fattor; e de qui nascete la guerra del Re de Colocut con questo Serenisimo Re de Portogallo. Et avendo el Re de Colocut tre ostazi² portoghesi stavano in casa sua per sua segurtá, li quali fecero al Re intender come era intravenuto questo inconveniente per More; certo, ditto Re mostró avere grandissimo dispiacere di tall' inconveniente, e molto si dolse, cercando di fare alcuna provisione acció fussino puniti quelli li quali furono malfacenti; ma per essere stato tanto numero (che si dice erano stá da Mori 5000), e la terra stava tutta in rumore, el Re non poté seguire altro. El Capetanio della nave, visto quanto era seguito in terra, subito cominció a bombardare la terra, e ruinó molte case sopra la faccia della marina; e de qui nascete la guerra con el Re de Portogallo.

¹Feitoria.

²Refens.

VIAGGIO TERZO

Item, del 1501, del mese d'Aprile, mandò altre 4 caravelle, Capetanio Zuan da Nova; et andò al viaggio per andare in corso, e fu fin sopra la bocca del Mar Rosso; e da poi venne de qñi sopra la Costa de Colocut, e cargò in Chuchim e Chananor, e quelle scale, trasse spezierie da ¹ K. 1550 de ogni sorte, pur el forzo piper; et essendo ditto Capitanio sorto sopra Colocut con le sue ditte 4 caravelle, et avendo visto da 40 nave de Mori, e circa cento sambuchi; se levò et andò per investir quelle; per modo che fece scampare tutta quella armada solum con le ditte 4 caravelle, le quale tornorono in Lisbona del mese de Settembre 1502: e trasse spezierie K. 1550, e certi fazuoli² moreschi, e roche per valuta de ducati 4000.

VIAGGIO QUARTO

Del 1502, de Fevver et April seguente, mandò al viaggio nave 21, Capitano Dom Vasco da Gamba, che fu quello che discoperse l'India, el qual menò con si Gaspar Judeo; e nell' andar de li, del Cao de Bona Speranza, zouse in uno loco chiamato Ochilia³; la qual terra è dentro uno rio, e li domandò vittuaria per el suo viver. Visto quello Re tante nave e tante persone de Cristiani, steva stupefatto; che già tant' anni non furono visti tanti navilii, nè etiam Cristiani in quelli lochi; e quelli della terra non li volevan dar recapito nè vittuaria alcuna. Visto cusi, l' Armirante cominciò a bombardar la terra; ita che la gente da terra venne alla nave del Capitano, dicendo che li daria quanto comandasse Sua Signoria; e l' Armirante domandò al Re della terra, che in persona venire dovesse davanti Sua Signoria, facendoli bon salvo condoto: e cusi venne el ditto Re de Ochilia, el quale è Moro, a nave con el batelo del Capitano, e baso li piedi e le mani, dicendo che comandasse, che lni steva ad ogni suo servizio; per modo restorono concertadi, che li desse ogn' anno tributo a

¹ *Cantâra* — approximadamente alqueires, ou arrobas.

² Lenços.

³ Quiloa.

questo Serenissimo Re di Portogallo oro metechali 1500, e perle 5; e l' Armirante li dete uno stendardo con le arme del suo Re di Portogallo; e che quello riguardasse per suo Re; e di quì avanti, che capitando alcuna sua nave, over sua gente, fosse dato bon ricapito; e guardati come boni amici: e cusì promise, e tornò in terra el ditto Re con gran festa, e de quello in qua ogni anno li dà il suo tributo concertado. Da poi partito, se n'andò a Chuchim, e li contrattò, et in Cananor et in Colam cargò molte spezierie d'ogni sorte, e parte de quelle se persero in quelli mari; e dopo andorono in corso sopra la bocca del Mar Rosso. Tornò de quì solum nave 16, del 1503 a dì 11 Ottobre, e trasseno spezierie d'ogni sorte da K. 30 mila, forzo piper. Questo Capitano si prese uno sambuco molto ricco, veniva dalla Mecha per Colocut. Erano sopra quello molti marcadanti Mori; e fece uno botino de ducati 100 mila, per quello si pò intendere; perchè sopra quello era una ricchezza estrema; e fece tagliare tutta la gente a pezzi, e anegare, che non campò persona niuna. Se intende che erano Mori, che si voleano riscattare in Colocut per tre nave carghe de piper: non volse, che questo credo non fosse molto a grato a questo Serenissimo Re; e questo fece veramente, perchè non s'intendesse el butin che lui fece.

VIAGGIO QUINTO

Del 1503, a dì . . . Aprile, mandò al viaggio nave 12, Capitano Francesco dal Burchercher¹, delle quali tre s'affondarono, andando in corso; le altre andorono in Cananor a cargar con uno Veneziano che se chiama Bonavito d' Alban, el qual era stato molto tempo de lì: passò dal Caiaro² coll' ambasciator del Prete Giani a quel tempo che si ritrovava in el Caiaro, e lì in Cananor, et in Calanganor fu cargato el forzo piper; et una de queste caravelle tornò del 1504, a dì 15 Lnio, nno dì; la qual fu mandata per el Capitano, portando la nova della pace diceva essere concertada con el Re de Colocut, el qual s' intendeva li deva tutto el danno aveano avuto ditti Portoghesi quando fu morto Ali Scorer con el resto della gente; e s' intendeva, che ditto Re li deva tanto piper per valuta de ducati 30 mila: tamen, par che ditto Capitano non volse seguire accordo alcuno, e se mudò de proposito, e non volse far alcuno concerto, salvo cercare de ruinare el ditto Re.

¹ Albuquerque.

² Cairo.

³ Isto é.

VIAGGIO SESTO

Del 1504, a di 22 Aprile, mandò al viaggio nave 12, Capitano Lupo Suarez, delle quali una si brusò qui in porto. La maggior, la nave Capitania, se chiamava la Nonzià, carga de merze, che non se potè recuperar alcuna cosa: andò solum nave 11, le qual trasseno de merze: zoè³: rami K. 2800; corali, zoè, botoni 0.6500; piombo K. 500; cinabroi K. 300; arzeno vivo K. 300; de contati, omnibus computatis, da ducati 30 mila. Le qual nave stettero nell' andar mesi 5, et haveno commercio in Cuchim; cargò tutto el piper in Cananor, 22,⁴ e garofoli, e perle, e lache, et altre drogare in Chancolam, piper in poder de Cristiani marcadanti, in Culam piper poco, macis, piper longo, e camfora. Cumari uno loco, dove have tutte le cannelle.

Del 1504, a di 16 Settembri, tornò nave 3, Capitano Francesco dal Burchercher, carghe de spezierie: delle qual nave la maggior parte era de portà de botti 800, la seconda de botti 500, la terza de 400 in 500. Le qual spezierie veramente de quantità furono da K. 12 mila. La qualità, zoè: piper K. 10 mila, cannelle 500, garofoli K. 450, 22 K. 130, lache e verzin, alla summa de K. 750. Spezierie menude: camfora K. 7, cubebe K. 191, macis K. 2½, spigonardo K. 3, legno aloe K. 1¼; e lasciò in Cananor due altre nave grosse, quelle erano carghe de spizierie d'ogni sorte da k. 7 in 8 mila, le quale dovevassi partire doi giorni dopo questa. Le quali sono perse, e non se ha nova alcuna. Con quelle tre nave venne dall' India Bonavito d' Alban, Venezian, con sua moglie e suoi fioli; sua moglie si è nativa da Malecha; la qual de qui in Lisbona si fece cristiana. Et el ditto Bonavito have de provision da questo Serenissimo Re da ducati 70 all' anno, con la casa e formento per suo vivere; avendo dato a Sua Altezza bona informazione delle cose dell' India, essendo stato ditto Veneziano anni ventidue in quelle parte, da poi che el se parti dal Caiaro, in tempo che Misser Francesco Marcelo era Consolo in Alessandria: el quale veramente ha visto molto più in quelle parte che Gaspar Judeo.

¹ Interpretam esta cifra por *gengibre*.

VIAGGIO SETTIMO

Del 1505 mandò una armada; se parti a di 25 Marzo, Capitanio Don Francesco de Almada, abenchè avanti fu eletto, e doveva andar, signor Tristan da Cugna, el qual perse a quel tempo la vista, per modo che Sua Altezza fece elezione del ditto Capitanio Dom Francesco; el qual con vele 30 tra grandi e piccole, delle qual una se perse qui in bocca del Porto de Lisbona, la qual se ehiamava la Nunciá, con una gallia disfatta, che era sopra detta nave, con molte marcadanzie; e va questo Capitanio per Vice Re per tre anni dalle bande de li, e leva da persone 2500 e più; e leva molte artelarie per far tre fortezze nell' India, una sora in Zasale, et un'altra in Anzidiva, e l'altra in Cananor: le quall' artelarie sono passavolanti grandi, numero 40; bombarde grosse de ferro de pezzi, numero 65; falconeti con le sue carete, numero 100; e molte altre artelarie et arme infinite e bellissime; e mettono de li tre Capitani delle fortezze con 80 homeni per cadauna fortezza. El numero de queste vele era de nave 14; la prima de bote 1000; la seconda de bote 800; fin a 300 el resto; caravelle 71 de bote 200 in 150 l'una, et altre caravelle 7 de bote 80 fin a 100 l'una; gallie due sottile, quale portó disfatte sopra la nave: trasseno de merze, zoè, rami K. 3500 in 4000; cinabrii pochi, da K. 60; arzenti vivi K. 30; corali K. 42; cera bianca, e toro, e bastardo, corali bianchi K 1 $\frac{1}{2}$; ⁴ cofoli, e verderame K. 12; piombo K. 150 in 200: de contadi, computando patroni de nave e Capitanio, ducati 80 mila, e più: havè de spesa quest' armada (veramente che se pole intendere) da ducati 250 mila.

Del 1505, a di 22 Luio, tornó nave 10, Capitanio Lupo Suarez; et una venne avanti a di ultimo Zugno, e le due ultime gionsero a di 23 agosto; et una si perse sopra el Cao de Bona Speranza de qua de retorno: si che venne in tutto nave 13, le quali trasseno spezierie K. 24 mila. La qualità de quelle veramente: piper K. 22 mila, cannella 350, $\frac{2}{3}$ K. 450, garofoli 150 in 200, maceis 7, camfora 15, piper longo 10, lache 60, zenzeri 80, perle da onza, onze 750, per valuta de ducati 4000; merze che fè vendere la presente muda nell' India, cioè Rami 2800 a ducati 12 el K. li quali non se ponno vender né più né meno, per esser così tal concerto fra loro, el qual fece l'Armirante in Chuchim: $\frac{1}{5}$ de rami al ditto prezzo, e $\frac{3}{4}$ de contadi; questo solum s'intende nel piper: zinabrii K. 300 a ducati 20 el K; arzenti vivi K. 300, a ducati 18 in

⁴ Das palavras *toro*, *bastardo* e *cafoli* se ignora actualmente a significação.

19; piombo K. 500, a ducati 6 al K.; corali cioè botoni K. 6300, a ducati uno l'onza: e più contrattò ditto Capitanio in Cuchim; in Cananor, in Chaucoulam, in Chulam, in Cumari, in Belam, di ritorno da Chuchim. Questo Capitanio si trovò nave 17 de marcadanti Mori in uno porto se chiama Panidarani, e combattè con queste le quali se messeno in terra: per modo che questo Capitanio mandò tutti li soi copani ben armadi con un baril de polvere per cadaun copano, e mise fuoco dentro dette navi de Mori; e tutte quelle brusolle, con tutte quelle spezierie che erano carghe per la Mecha, e s'intende che erano molto ricche; e fece danno incredibile: erano carghe d'ogni sorte de spezierie. Furono morti de questi Portoghesi da homeni 22, e feriti de 70 in 80; dicono che fecero grandissima difesa quelli Mori, e che erano sopra quelle nave molti turcomani, quali fecero gran difesa. Dapoi si levò, e venne al suo camino, e possò a Monzanbich, in zorni 17, 800 leghe, con bellissimo tempo; fece il viaggio suo in mesi 18 cioè dell'andar in mesi 5, stete de li a cargar mesi $3\frac{1}{2}$, de ritorno in mesi $6\frac{1}{2}$: ben più presto seriano venuti, ma stetero in Monzanbich giorni 12 per conzare le sue nave ch'erano mal condizionate: la prima nave fece il viaggio in mesi 24 e giorni 8.

VIAGGIO OTTAVO

Del 1505, a di 17 Novembrio, de luni. Mandò questo Serenissimo Re due nave al viaggio di Mecha, civè una nave de bolte 300, et una caravella de bolte 150: le quale mandò per intendere delle nave, che se perseno sopra questa costa del Cao de Rona Spranza in quale venivano de retorno; e perchè molti di questi marinari hanno opinione, che le persone potriano esser salve sopra questa costa, overo a qualche isola li vicina; so che Sua Altezza mandò delle due nave a quest'effetto, e per dar notizia del navegar a terra, se li sono secche alcune, overo basse, perchè sono molti de opinione che sia poco fondi de 10 in 15 leghe da terra: le qual nave lievano molta vittuaria, etiam rami K. 800 per conto di Sua Altezza; e non avendo altra intelligenzia delle perdute persone, vadano de longo al viaggio. Fu Capitano Barbret,¹ abitador da Sage.

¹ Cide Barbudo e Pedro Quaresma foram effectivamente enviados em duas náos afim de obterem noticias das náos que na costa da Africa Oriental tinham desaparecido. V. Goes. — Parte 2.ª, cap. ix, pag. 167. Porém a pag. 169 Goes dá o nome de *Emmanuel* ao dito Quaresma.

VIAGGIO NONO

Del 1506, a di 6 Aprile, mandò questo Serenissimo Re una armada in India, Capitanio Signor Tristam da Cugna, con nave 14, delle qual 10 sono per conto di Sua Altezza, el resto per conto de marcadanti, cioè una de Sesto Fiorintino (1), et una de Genovesi, nella qual partecipa la facitura; due altre sono de navilii di questo regno di Portogallo. La portata di quelle veramente: la nave Capitana, de botte 1200; tre o quattro nave, 700 in 800; el resto de botte, 400 fin 300, e 250.

La qual armada lieva con si da persone 1000, e benissimo armada de diverse artelarie, e de bellissimi tiri de metalo, cisé passavolanti grandi numero 40, e molte altre bombarde grosse e falconeti; leva etiam una fortezza de legname quadra, cioè passa 16 per ogni quadro in altezza, passa 3 larga, dove ha ad esser el muro, passa uno; hanno 13 bombarde per ogni falconetti 60, cioè 15 per faccia, et homeni 250 per guardar quella, la quale é da esser messa in India alta bocca del Mar Rosso. Delle qual nave 14, ne vanno 4, cioè per conto del Re, Capitanio Alfonso dal Burchercher, a drittura per Malacha, per metter case de li; e la commission del Capitanio cioè, che el debba star de li fermo anni 6. Lieva de merze, rami. K. 4000, tutto per conto di questo Serenissimo Re, salvo K. 300, che sono del Capitanio Signore Tristam da Cugna: cinabrii et arzenti vivi K. 600 in 700 piombi 150 in 200; lume de rocca K. 35; verderami e risegali K. 25, botoni de corallo per conto del Re, O. 5000: de contadi, computando tutti li Capitani, saranno andatti ducati 40 mila. Questa armada ha avuto di spesa, per quello si può intender, poco più e meno, da ducati 120 mila, omnibus computatis. Questa armada fu molto difficile nell' armare, si per il soldo consueto, come etiam per causa de pestilenzia che regnava in quel tempo; per modo che non si trovava gente a supplimento; per armar li fu necessario dar più soldo del consueto, e rove 2 de spezierie de più de sua portata. Comandò Sua Altezza che tutti quelli che fusseno sbanditi per la isola di San Tome, ovvero nell' Africa, volendo andar quelli nel viaggio d'India con el soldo consueto, fusseno absolti dal bando: et ancora con questo mezzo con gran difficultá armó. Morite da peste, pochi giorni avanti el partir dell'armada sopra la nave Capitana, persone 14, etiam sopra altre nave: si che quest'armada andò a manifesto pericolo di perdersi, benché questo Serenissimo Re stava in gran dubio di mandarla o non; ma per mostrare che de li nell'India non sia per mancar ogni anno de navegar questo viaggio, determinò de mandarla con tal commission al Capitanio, che'l vadi sino al Cao

Verde; e che se fin a li questa mortalità fosse processa, non vadi più avanti, se non che'l torni de qua nell'Africa a uno loco dove si chiama Amazagan, nel qual loco altre volte Sua Altezza avea determinato di fare una fortezza per aver commodità e più segurtà delli suoi navilii, per esser quello loco abbondantissimo de formenti; e in quello loco detto Capitania metta in terra; e la detta fortezza, ch'andava per l'India, fesse, e la fortificasse in quello loco: si che questa nuova commissione li ha dato Sua Altezza per causa della mortalità, che era sora l'armada; tamen li marinieri tutti d'una opinione dicevano che, dapoi passato el ditto Cao Verde, non dubitan di tal mortalità, per esser stato visto altre volte l'esperienza, passato detto Cao, essere purificati quelli aeri, e non sopportar tall'infermità.

A di 22 Marzo 1506 venne nave 4 d'India dell'armada de Don Francesco; e a di 3 Zugno venne un'altra, che sono nave 3 pur di detta frota: delle qual ne sono due per conto di questo Serenissimo Re, e due d'Aleman, dove in quelle partecipa Bortolo Fiorentino, et una de Fernando dalla Rogna, cristian nuovo: le qual nave sono le maggiori che andorono in quel viaggio. La quantità che trasseno de spezierie veramente, visto per li libri delli scrivani, non computando quello che viene nelle casse de marinieri, K. 17 mila: cioè, la nave Capitana del Re trasse pevere K. 4000, zç. K. 700, garofoli K. 50, sandali rossi K. 40, camfora K. 40; nave de marcadanti, trasse pevere K. 5000; la nave Concezion del Re, pevere K. 3500; nave Buonfuogo de marcadanti, pevere K. 2800; la nave de Ferando dalla Rogna, cristian nuovo, piper K. 2000. Trassero in tutto queste navi, per quello se ha visto per la doana, per el quar-tizar, perle K. 700, cioè tutte perle menude etiam molti pani dal goton, i sazi, sinabassi, sesse, comessi, et altri pani per valuta de ducati 3500. La bontà delle spezierie al consueto; li prezii sono stá pagati pur al consueto de mó uno anno: le qual spezierie sono stá descargate in Sancruz, cioè in uno palazzo del Re fuori della città circa meza lega, sopra el rio de Lisbona, per causa di questa pestilenza, tutte in poder di Sua Altezza sotto pur all'ordenazian antescritta.

Quanto se intende veramente alle cose secrete nell'India per questo Capitania e Vice Re quello aver destruido el Re de Ochilia: e questo perché non li voleva dar obediencia al detto Vice Re; e fece nella detta terra uno butino de ducati 50 mila, e più; e messo uno altro Re nella detta terra d'accordo con quello, e fattolo tributario di questo Serenissimo Re de ducati 1500 all'anno: la qual terra e isola è de Mori: Etiam ha destruito Mombaze, che è una terra grandissima pur de Mori, et è isola; e messeli fuoco dentro, e fece morire molta gente; e lo Re fuggite alla Montagna. Da poi se levò de li, et andò sopra la Costa de li nell'India a dretura in Chuchim, dove li havè nova che li era stá morto el fattor di questo Serenissimo Re, e molti altri che stevano

li, da persone 20, vel circa, de Mori marcadanti; e questo perchè voleva detto fattor vietar alli detti marcadanti Mori, che non cargasseno spezierie in quella scala. Subito inteso questo, el detto Capitano mandò alcune nave in quello porto de Culam, e trovò molte nave de Mori carghe de spezierie; et in quelle messeli fuoco e brusolle, che s'intende erano recchissime. Da poi, el detto Capitano andò in Cannanor e li fece la sua fortezza de volontà del Re de Cannanor, e per suoi homeni Indiani mureri li fece aiutar, mostrando aver molto grato el trattar loro, e l'amicizia di questo Serenissimo Re; la qual fortezza è iusta el disegno che vi mando; et in ditto Cannanor contrattò e cargo dò nave de spezierie. Da poi andò in Anzidiva, e fece l'altra fortezza, che è in un'isola despopolata; ma per aver ottimo porto, stete appresso Cannanor; et è in loco di sopra il passo delle nave dove passano le nave che vieneno de Malacha, e d'altri lochi de quella India; la qual fortezza è iusta la forma del disegno che vi mandò. Da poi fortifico la fortezza de Cuchi tutta di pietre vive, e fecela in isola (che certo per quelli lochi resta fortissimo), de Zafale: loro fin al partir suo non havè nova alcuna de quello era seguito, salvo che mandò detto Capitano 4 nave a far la sua fortezza in detto luoco iusta la commissione di questo Serenissimo Re con le gente dovevano restar in quella. Questo frota ha contrattato solamente in Chnchi et in Cannanor: s'aspetta altre 4 nave, che se doveano partir de li a pochi giorni. Da poi che parti questa, stevano quasi cargate, si che non vien più di questa frota, che nave 9 in tutto. Vero è, che queste nave sono le maggiori che siano andate a quel viaggio; sì che venendo quelle a salvamento, si giudica che saranno in tutto spezierie da K. 20 in 30 mila, vel circa. Queste nave hanno fatto il viaggio suo in mesi 14, meno giorni 3, nell'andar. Quest'armata perse una nave grande del Re al Cao de Bona Speranza; andò a fondo, se discusite carza de rami, e salve tutte le persone: due altre caravelle se smarirono, non hanno nova di quelle fin ora, non si sa se siano perse. Al retorno de queste nave, se scontrorno quelle dò nave che se partirno questo Novembrio sopra el Cao de Bona Speranza, le qual nave sono quelle che andorno per intender nova delle nave perse de Lupo Soares da mo'un anno, e della nave de Francesco da Burchercher a longo questa Costa del Cao de Bona Speranza; le qual nave haveno parlamente con queste nostre, e disse non aver visto nave nè inteso nova alcuna di dette nave perse.

Visto el navigar di questi Portoghesi e questo viaggio, et essendo bene informato de tutte le scale loro hanno recapito, e molti altri tochi di quell'India, e dove nasce le spezierie e zoie, e scale marcadantesche; però ne farò nota per memoria.

El navigar de questa frota che va al viaggio d'India, se parteno de qui da Lisbona de Frever, de Marzo e anco d'Aprile; per esser questi tempi a loro propositi. Da poi el partir suo de qua, vanno tre mesi vel circa senza vista da

terra. El navegar suo si é per Altare per el sole, ovvero per el Polo artico con l'Astrolabio; e non radegano de niente, non avendo visto terra zà tre mesi; e iustamente dicono dove se trovano; et in capo de tanti giorni me trovarò sopra el tal loco; che certo é cosa bellissima, e de gran pratica de molti pedoti de qui che sanno quel camino, et in tanta pratica e com tanta facilità, come el viaggio de Levante. E passato el Cao da Boua Speranza in lá, vanno zoso per costa; fanno la prima scala a Zafale, la qual terra si é in terra ferma: el suo Re é cristiano, et é sotto Prete Giani, nella qual terra hanno loro Portoghesi bon recapito de vittuaria, de acqua, e de alcune cosete de merce de metali, cioè latoni spazano li, trazeno de li solun oro, par che ne sia gran quantità. In quella comarchia al presente mandó Sua Altezza a fare una fortezza bellissima in detta Zafale. Da poi se parteno de li a Mouzambich, che é una isola, et ha uno buon porto per ogni gran armada: la qual isola é appresso terra ferma, etiam li traze vittuaria et acqua ottima; e de qui passano el colfo de Colocut, che sono leghe 800 de pacizo; aspettano li tempi che sono nel principio dell'Autuno, e con le cole fatte passano, Tamen sopra questa costa de qui hanno molti altri lochi dove se ha recapito e cognoscenzia, che é più de longo se va a Colam pur isola, e suo Re é moro. Da poi se va a Chledem, la qual terra si é in terra ferma; el suo Re si é moro. Questo é quel che dete el poeta all'Armirante la prima volta che fu discoperto l'India. Da poi se trova un'altra terra che si chiama Mombaza, la quale terra è murada e granda, pur de' Mori in isola. Da poi se trova un'altra terra che se chiama Amodosi, pur nel terra ferma de Mori. Da poi se trova Azale, che é appresso el Mar Rosso, la qual é porto de Prete Giani, pur d'Mori. Da poi se trova Aden, che é alla bocca del Mar Rosso, fuora della terra ferma, e qui nasce zenzir. Da poi si trova Astici; qui nasce incensi, e mirra, la qual se vende fanemini 2 el farasolo: 4 farasoli fanno uno K., che é manzo peso di Venezia (L. 160 il K.). In Ormusso terra de marcadanti, e li se cattano perle in grandissima summa, le quale se pescano in un colfo a un'isola de' Mori Arabi in braza 4 de acqua; e li se trova perle d'ogni sorte bellissime, le quali sono in poder de quel Re Arabo Moro. In Combea é terra de' Mori, et il suo Re é Moro; et é una gran terra, e li nasce turbiti, e spigonardo e miló, lache, corniole, calcedonie, gotoni, a fanemini 12 el K., che é L. 150 nostre; e qui se trova pani de goton de tutte sorte assaissimi. In Dabul é una terra che ha porto; e li se trova molti pani de seda. In Cananor el suo Re si é zentil, e qui nasce 22.; ma li 22. pochi e non cusi boni come quelli de Colcut, e suo peso se chiama baar, che sono K. 4 da Lisbona: la sua moneda si chiama fanemini, e sono d'oro basso, valeno 18 al ducato; hanno un'altra moneta d'arzeno basso, che se chiama trari, 116 per uno fanemino: el baar del piper val fanemini 260; li 22, valeno fanemini 72. In Colocut el suo Re si é zentil; e questa é la principal scale

de' Mori, e li vivono molti mori che sono da persone 5000 e più; el sforzo delle nave de Malacha recapita li, e si vendono e trattano tutti mercadanti: la qual terra é a marina sopra la piazza, et assai gran terra.

Le case sue sono molto flache, fatte de cana con crea; si che qui trattano tutti li mercadanti della Mecha et Alcaiarini et Alessandrini e Damaschini; e li in quella terra nasce tutti li $\zeta\zeta$, e sono ottimi, e piper un poco, e zedoaria, e cardamomo: el suo peso se chiama pur baar, che sono K. 4 de questi da Lisbona; el baar del piper é K. 5. 2¹. 25., che è mazor che l'altri, che se vende tutte le altre sorte spezierie; e li nasce mirabolani, emblici, e chebuli, li quali valeno ducati dó el baar; $\zeta\zeta$. val ducati $3\frac{1}{2}$ el baar; el pevere val fanemini 330 el baar, che sono ducati 17, che sono K. $5\frac{1}{4}$; lache poche, valeno a fanemini 280 el baar; la zedoaria ducati 2 el baar; cardamomo ducati 24 al baar: né altra sorte di spezierie vien de qui, salvo nel zonzer delle nave de Malacha, le qual trazeno d' ogni sorte spezierie, et anche qualche zoia, cioè rubini e diamanti vien li. In Calanganor é terra a marina sotto il detto Re di Colocut; tamen vive li nella detta terra, el qual è pur zentil; e li in quel loco sono molti cristiani; e qui nasce uno poco de piper nella città medesima, non altro. In Cuchim, qui è una terra piccola, et in quella vive el suo Re; el qual è zentil, et è piccolo Re avanti ch' el fosse favorizado per questi de Portogallo: e li hanno lor Portoghesi una fortezza sopra la punta alla marina, e li de continuo tiene uno fattore della Maiestá de questo Re de Portogallo; e li entrano sue nave, et el forzo de tutte sue merze; e li circa intorno la terra nasce tutto el piper (la mazor somma che se traza dell' India), el qual vien zoso d'uno rio che va in fra terra leghe 250; el qual é basso in alcuni lochi uno passo e mezzo, e non più, e non troppo largo; e perchè stanno in guerra con el Re de Colocut, molte volte detto Re vien fin sopra detto rio, per depredar el piper che vien zoso a Chuchin; e se non fosse stato sempre el soccorso della gente portoghese, l'averia destrutto el detto Re de Chuchin; ma sempre è stá defeso, e datoli rota al Re de Colocut. El suo peso si é baar, el qual risponde solo K. 3 de questi de qui; né altra sorte de spezierie se traze de qui, salvo in caso che vegna alcuna nave de Malacha, over de altre scale de li per la costa. In Colam el suo Re si é zentil; et in questo loco etiam hanno recapito li Portoghesi, e contrattano in questa terra. E li nasce piper, et in questo regno vien molte perle, che nascono li circa; e de qui vien canella, garofoli camfora, cubebe e macis, che de molti altri lochi vien in questa scala: el suo peso si é baar, risponde K. $3\frac{1}{3}$; la sua moneda é fanemini 12 al ducato. A Silan li nasce le canelle, e li rubini, e safili, giacinti, e granate suriane: el qual Silan si é un' isola; et el suo Re si é zentil; la moneda sua si é d'ariento, se chiama fanemini, li quali valeno 72 al ducato. Pur in questo loco hanno avuto recapito detti Portoghesi. In Zunnando é terra ferma, e li nasce rixi, e trovasi molti

panni de gotton, e vi è li molte spizierie d'ogni sorte, quale vieneno da Malacha. A Banzelo, el suo Re è moro, e li se fa el forzo dè panni de gotton, tutti li sinabafi, e tutte le sesse, e gotton, piper longo uno poco, legno aloë. In Marchien, in questo loco nasceno tutti li elefanti; e qui è uno porto appresso uno loco, che se chiama Acaplen, dove li se trova molti rubini, e spinade, e zoie d'ogni sorte, in però li nasce molte lache: el suo peso se chiama bissi, che è lire 3 de Venezia. Questo è porto dove vi è etiam molti rubini, et in questa terra se conzano all' Indiana, e qui li ligano in anello tutti in cogoli, non li sanno aspianar a nostro modo; tamen a suo modo conzano benissimo. Etiam qui vi è molte sede e muschio, el qual muschio vien de terra ferma lonzi de qui circa 20 giornate, e sono li testicoli d' un animale, ch'è simile come la gazella, e quando se va appresso de quelli, egli per istinto di natura con i soi denti se tagliano i testicoli, che sono le vesiche de muschio. A Tenazar li nasce tutti li verzi, li quali valeno ducati $1\frac{1}{2}$ el suo baar, che è K. 4; la qual terra, abenchè-sia marina, è in terra ferma: el suo Re è zentil, e de li vien pevere, canella, garofoli, macis, nose, galanga, camfora de manzar, e de quella non se manza, e molto muschio, et infinite sede, che sono de quelle vieneno in Alepo; e perle, e verzi di dò sorte: el sutil val ducati 2 el baar, che risponde el suo baar K. $3\frac{1}{3}$; e molti sandali...; etiam molta terra oro et arzeno. Questa è veramente la prima scala di tutte sorte spezierie, che sia nell' India. A Samatra, che è un' isola, vien anche de li nose, piper longo, e un poco de seda; la qual è sottoposta a Malacha. Visto come se portino le spezierie d' India in questa terra. El piper portano a refuso, el qual veramente non patisce; solo, per l'acqua che le tocca da basso, è puzolente; l'altre sorte spezierie, zenzeri, canella, garofoli, portano nelle schibe sì come vien de li in Alessandria; e subito zonto de qui le nave, niun non pò desmontar in terra, in pena della forca; e sopra queste vanno di. de questo Serenissimo Re a far la zerca a Capitanì, scrivani, e marcadanti, e marinari, li quali vieneno con gran diligenza cercati fina sopra la carne e tutte sue casse; dapoì bollano quelle, e tutto vien descargato nella casa della Mina, cioè la sua doana fatta nuovamente a quest' effetto; et ogni nave ha el suo magazen. In detta doana sono magazeni 20, dove sta el piper tutto ordenatamente. Delle altre sorte de spezierie se parteno cadanna nave le sue: le qual spezierie, et ogn'altra cosa che se traze d'India, de quelle se ha a pagar de dreto a questo Serenissimo Re ss. per $\frac{6}{100}$; e questo s'intende fino nelli anni passati del 1503. Dapoì Sua Altezza fece una ordenazion a questo modo; che sia qual marcadante se voglia, che volesse mandar al viaggio d' India, manda cum hac tamen condizione, che quelli cioè marcadanti armasseno le nave del suo, sì li corpi delle nave, como etiam el soldo delli marinari e vittuaria, et ogni altra spesa accadesse per mesi 18, che se mette nel viaggio tra andar e tornar; e che relornade dette nave, e che de

quanto trazeranno, si de spezie come d'ogni altra cosa, paghi de dretto a questo Serenissimo Re un quarto e vintena; e chi voranno cargare sopra le nave armate per conto del Re, pagheranno el dretto, come se contien de sopra.

Le spezierie che de qui in Lisbona se vendono, tutte queste se vendono senza garbelare, cusi come vieneno dall' India e stá fatto la tara tre da 6 in 7 per $\%$ el K.: de questo risponde a nostro peso L. 168; el qual K. delle merze é K. grosso, risponde L. 132 nostre; al peso del qual se pesa tutte altre cose, e sorte de merze.

Ordenazion del Re de Portogallo

Del 1505, adi primo Zener questo Serenissimo Re fece una ordenazion sopra el comprare e vendere de queste spezierie: che tutti li marcadanti, di qual nazon si fusse, che venissero per comprare spezierie in questa terra, quelli si debbano presentare alla casa della Mina in termine di giorno 3, e far li a saper come sono venuti per comprar spezierie; et avendo fatto quelli alcun delitto, ovvero debito, siano sicuri in questa terra, che niuno li possa astrenzer, nè per civil nè per criminal, in tempo s'intende de mesi 6, non intendose corsaro, e che quello non possi entrare in questo porto; e tutti quelli che compreranno spezierie qui nella casa della Mina, el compradore non paghi dretto alcuno, salvo quelli de chi sono le spezierie pagano 5 per cento de dretto a questo Serenissimo Re; e le dette spezierie possino tenere quanto li piace, e quelle navigare e trare fuore si per terra come per mare, senza alcun altro dretto: le qual spezierie sono vendute per mano del Veridor della cassa della Mina, qual é Don Martino, che è per nome del Re; e quelle dette spezierie se vendeno per sua mano, che sono diversi marcadanti; e quelli mercadanti non ponno trazer nè navigar dette spezierie se non vendute per mano del detto fattor del Re; e vendute che saranno, li sarà date a lor mercadanti la sua parte aspettante delle sue spezierie a soldo por lira.

Assai rasonevolmente se ha detratto in questa terra de Lisbona de tutto se pono trazer de qui; cioè primamente spezierie d'ogni sorte mette cadauno solto sopra K. 33 mila, che certo è una summa grandissima, segnendo questo viaggio si come mostra. Item, traze della Mina da l'oro de Ginea ogn'anno ducati 120 mila, che vien ogni mese dò caravelle con ducati 10 mila. Item, traze i zuchari dall'isola de Medera, zone¹ 200 mila ogn'anno. Item, traze dalla Gi-

¹ Talvez, *cestos*.

nea malizete da K. 2000, quella spazase per Fiandra: rezeno inperó de ducati 10 el K. Item, traze dalla Ginea piper K. 2000, e qual è salvatico, pur quello se vende in Fiandra, reseno inperó d. ducati 10 el K.: tamen da poi questa navigazion d'India, l'è stá devedado de modo, che non ghe intra più in questo Regno. Item, dalla Ginea se traze Negri, da teste 2000 e più. Item, traze grane nel paese da K. 120, bone in tutta bontá con le sue polvere. Item, nel paese medesimo, mieli ottimi da K. 15 mila. Item, trazer melazzi, quali sono dell'isola de Medera, da tenelle 1500 all'anno, li quali se portano in Fiandra. Item, traze da Cao Verde gotton da K. 500, ma non cussi boni, come quelli de Levante. Item, traze dell'isola d'Instori guadi K. 10 mila. Item, traze qui nel paese molti sali in grandissima quantità, et ogli in somma bontá. Item, traze de pesce, cioè antonni e tonine del Regno de Relgarbi¹, per ducati 12, 13 mila. Item, traze del paese cuori de 60 grandi in somma bontá da pezi 40 mila. Item, cuori d'Irlanda e Ginea, traze per valuta de ducati 10 milla. Item, traze de Ginea denti d'avolio da K. 150. Item, traze del paese medesimo frutti una summa incredibile, cioè fighi, et altro per Fiandra, et in altre parte, e vini da nave 40.

Li dretti veramente sono grandi in questa terra, che non so come se possi sustentare la marcadanzia de qual sorte se voglia. Tutti pagano decima e sisa, che sono 20 per cento de tutto quello intra in questa terra; e de insida, da 5 per cento, salvo le galie veneziane, sono franche non pagano dritto alcuno. Nota, che oro o argento quello non se pol metter in questo Regno per via da terra, per esser devedado alli porti del Reame di Castiglia; si e de qui non se pol trazer né oro né arzeno per Castilia, essendo devedado per questo Reame dalli porti de Portogallo. Item, da tre anni in qua, che fu scoperto Terra Nova, della quale se traze ogni anno verzin da K. 20 mila, el qual verzi mostra sia stá taiado da uno arbero molto grosso, el quale é molto pesado e grave; tamen non tenze in quella perfezion come fa el nostro da Levante; niente de manco se ne spaza molto in Fiandra, e de qui in Castilia et in Italia per molti lochi; el qual valle ducati 2 $\frac{1}{3}$ in 3 il K., il qual verzi é appaltado per Firnando dalla Rogna,² cristian novo, per anni 10 da questo Serenissimo Re, per

¹ Reino do Algarve, aonde a pesca do atum foi e é abundantíssima, tanto que já no empo de D. Manuel havia um commercio activissimo a este respeito com a Sicilia. E no Livro 6.º de *Místicos*, fl. 163 e seguintes, encontrei um documento de D. Manuel, confirmando certos privilegios alcançados anteriormente pelos Silicianos:—que veem comprar os atuns ao Reino do Algarve= (Arch. da Torre do Tombo). Por isso, eu me afasto aqui da interpretação do editor d'esta *Relazione*, o qual julgou que se designava um lugar no Reino de Marrocos, denominado *D'el Gharb*.—(V. *Archivio Stor. Ital.*, p. 49).

² Fernando de Noronha.

ducati 4000 all'anno; el qual Firnando dalla Rogna manda al viaggio ogn'anno in detta Terra Nova le sue nave, et homeni a tutte sue spese, con questa condizione: che questo Serenissimo Re deveda che non ne sia tratto da qui avanti dell'India. El qual verzi, per quello si vede, fin condotto qui a Lisbona, con tutte spese li sta per ducati $\frac{1}{2}$ el K.; nella qual terra è tutti boschi de questo verzi. Se fa da Lisbona a li, per ostro e garbin, da leghe 800.

Visto la carta del navigar de questo viaggio d'India, e quanto per quella mostra tutti i lochi che per quesli Portoghesi hanno commercio, e praticato e scoperto fin ora, e che certo hanno scoperto assai, e sono per discoprir più avanti; et essendo io bene informato si per la carta, come e continuamente da molte persone di loro Portoghesi, e da diversi altri forestieri che sono stati in quelle parte; e ben considerato sopra tale navigazione, e fatto uno discorso per esser al proposito alla nazione nostra d'intender ogni particolarità di quello pò succeder de quel viaggio; però dirò (avendo fatto tal discorso, e tratto quello costrutto che da questo viaggio se ne pò trazer), vedo questo viaggio non dover esser per mancar da navegar, ma continuamente frequentando e stabilindo; e senza alcun dubio questo reveritissimo Re dominerà quello, e massime sopra el mar, perché chiaramente si vede quelli Indiani non poter difender tal navigazione, nè resister alli navigli, et artiglieria di questo Serenissimo Re de li in quella parte. Le sue nave de lor Indiani sono debele e flache, senza artellaria, benchè al presente alcuna de quelle ne portano, ma non che se possano reparar da quelle de questo Serenissimo Re; nè vedo el modo che de quelle se ne possano prevalere per altra parte, si etiam delle nave che hanno più forte delle sue contrade: vedo le sue fortezze nell'India, nelli lochi dove per loro Portoghesi hanno deliberato de assentarle el edificarle, saranno fortissime per esser quelle edificate in isola, dove a mi pare seranno signori, le quale non possono esser molestate de quelli de terra ferma. Però dico, loro Portoghesi sopra quelli mari esser poderosi. e dominar quelli senza alcuno contrasto. Certa cosa è se le dette fortezze fusseno fabricate nella terra ferma, quelle non seriano segure per forte che fussino, e per grande artellaria che avesseno, per molte rason; tamen al presente mostrano loro Indiani bona amicitia, et aver a grato el trattar loro nelle sue terre con li fattori de questo Serenissimo Re, che de continuo stanno de li de mercandanzia et altro che li vien ben per tutte le scale de quella costa d'India, salvo che in Colucut per aver guerra mortalissima con questo Serenissimo Re.

Quanto alle nave che manda Sua Altezza de li per restar tre over quattr' anni, non vedo rason, nè intendo che abbia loco da poterle metter a coverta, nè porto alcuno, che loro pacificamente possino fare tale effetto, dico nella costa d'India; perché a mi pare l'è necessario in questo tempo debbi dar concia alle sue nave, e massime in quelli mari de li, che abbianno le nave più che

in ogn'altra parte: si che vedo questo tal nave scorrino manifesto pericolo, e non esser l'opinion de Sua Altezza bona; ma ben parmi che sempre anderanno queste nave al suo viaggio, e torneranno come el consueto suole. Circa l'opinion de questo Serenissimo Re de voler dividir el navegar á Mor: per via della Mecha e per la bocca del Mar Rosso, mi pare impossibile, nè vedo el modo possi far tall'effetto, perché el seria necessario el tenisse infinita armada in quella banda de li da Commuo con una grandissima spesa, e divider l'armada in molti lochi, dove sono li passi che passano le nave de' Mori: la spesa seria insopportabile, si che per quanto aspetta a questo, la cosa è impossibile, e Sua Altezza è male informata; tamen al presente nell' armada del signor Trestan da Cugna parti ultimamente, ha levato con si una fortezza de legname per assentarla in una isola che si chiama Curitoras, la qual è alla bocca del Mar Rosso, dove lor dice esser il posto principal; e defeso quello, saranno totalmente serrate le speziarie per la Mecha e la Soria: la qual cosa, al mio iudizio, sarà difficile perché iudico averà constrasto nell' edificar detta fortezza, si che iudico non potrà esequir tall' effetto; benché fin ora questo viaggio sia andato molto avanti, et ha discoperto assai de quell' India: tamen non è niente, a comparazione de quello che è ignoto, e che se pol discoprir (che certo è cosa grandissima) de molte terre marcadantesche, ricchissime d'ogni sorte speziarie.

Visto et inteso certamente tutte le speziarie della quantità e qualità nelli lochi dove che nascono, nelle terre dove che per loro Portoghesi sono praticate, e che hanno in quelle commercio: certa cosa è che avemo una vera intelligenza, che la più summa del piper che nasce in quell' India, è sotto una montagna di Chuchim li a basso in tutta quella comarchia che è da Chuchin infino alli termini de Cannanor, che è in circuito de leghe 15 vel circa, cioè mia 45; del qual loco sempre se trarranno ogni anno da baar 10 mila de piper, che sono K. 30 in 35 mila; e questo se traze con certezza e senza dubio alcuno. El qual piper se puol far fondamento esser tutto in poder de questo Serenissimo Re, mediante le fortezze sue, e l'amiziaz con quel Re di Cuchim, e la fortezza de Cananor che tien guardado quel loco: e sempre se potrà defender e devedar che niuno vegni li a cargar; si che credo tal rason, che tutto quel piper sarà in poder de questo Serenissimo Re. Altre sorte speziarie poche nascono in quella scalla, dove per loro Portoghesi sono praticate fin al presente, salvo un poco de zenzeri in Cananor, li quali non sono in quella perfezion che sono quelli di Coliuchut; et un poco di canella: le qual speziarie seranno al più che se possi trazer, tra una sorte e l'altra, da baar 500. La bontà di quelle veramente non è in quella perfezione che sono le canelle che vengono da Malacha. Le altre sorte speziarie che pur per loro Portoghesi sono levate de li, le quale sono stá navegade in quelle scale che loro hanno commercio; si che chiaramente vedo et intendo le cose de questo viaggio

quelle che sono certe et incerte; benché al presente Sua Altezza ha mandado nave 4 a drettura per Malacha, nella qual terra certa cosa è che abbiano notizia, quella esser ricchissima de ogni sorte speziarie e gran quantità: la qual scala per Mori è navigata, e levato la mazor summa de speziarie, che vieneno de li in Alessandria. La qual scala è di sopra Chuchin leghe 800, e molto pericoloso camin da navegar non essendo ancor quella per questi Portoghesi navigata, nè avuto tratto alcuno: però non dichiarisso più avanti.

Non obstante questo viaggio esser molto pericoloso e se patisca grandemente de vittuaria, et altri sinistri, si come s'intende, e per molti sia stato referido; tamen considerando tanta l'utilità et il gran guadagno che de quello se traze, che posito che si perdesse la mità d'una frota, non se resteria per questo de seguir quel viaggio, perchè vegnando a salvamento la minor parte d'una frota, se recupera el danno perduto, e si resta con gran guadagno: si che concludendo dico, non ostante il manifesto pericolo della persona e delle facultà che score, sempre sarà frequentado da navegar tal navegazion. Vedo etiam, che sempre volendo questo Serenissimo Re dar licenzia a navegar in questo viaggio a suoi vassalli, ovvero altri stranieri, sempre senza scorrer pericolo de suo cavedal de uno ducato, largamente averà 25 por cento de tutto quello se trará d'India; che certo parmi questo partido seria più a questo proposito, senza scorrer tanto pericolo de suo cavedal, e lassar far la marcandanzia á marcadanti che la sanno fare e trattare (la qual cosa seria laudabile), e attender a conservar el suo stato; ma vedo al presente Sua Altezza esser aliena e fuora di tal opinione: sono de continuo stá sopra l'opinion sua de divedar nell' India le speziarie a Mori, et il navegar loro, e de sustentar tutto questo tratto in suo podere: della qual cosa non vedo rason, per la gran potenza che fosse la sua, possi operar tall' effetto che è il suo volere.

Vero è, che lui ha disegnato benissimo de tegnir questo tratto tutto in suo podere, possendo devedar le spezierie per la Soria: e questa è la sua opinione; ma vedendo non poter devedar quelle, leberar le speziarie cadauno in sua libertá, perché se vede non puol far altramente.

Dove nasce el piper tutto quanto in una comarchia leghe 15, cioè da Cudin fin a Cananor; el qual piper si è in poder d'uno Re infra terra alla montagna, el qual Re se chiama Matachaimal, el qual Re è zentil; e tutto el piper nasce sotto la montagna in quello loco del detto Re. Vere è, che se ha notizia d'un altro loco che pur produse piper, che se chiama Batachala, che è a marina; dal qual loco se traranno ogn'anno al più baar 1000 piper; la qual terra si è del Re de Narsin, abitada da Mori marcadanti.

Hasse notizia delli maggiori Re che hanno nell' India, che è el Re de Narsin, indiano zentil; confina in Estremadura con el regno de Comy, el qual Re si è Moro. El qual Re de Narsin tien grandò regno, harà ad ogni suo comando

10 mila elefanti, 30 mila cavalli, e infinito numero di gente. Da fatti, el regno suo s'estende in longitudine per la costa leghe 600, et infra terra leghe 300; li quali doi regni stanno di continuo in guerra con el ditto Re de Comj, ch' ancora lui è grandissimo Re, et è Moro, e molto possente: el qual Re de Comj confina con Cobova, e con la Persia; e Combagra confina con Adem, che è una città grandissima, dove in quello loco se desimbarcano le navigazione d'India per la Mecha e la Soria.

El zonzer mio de li in Portugallo nella città di Lisbona, fu alli 3 Ottubrio del 1504, venuto ad istanza dell' Eccellentissime Signorie Vostre per veder et intender el successo di questo viaggio d' India novamente da Portoghesi trovato e navegato: ma li maligni et inimicissimi della nazione nostra con la sua malignità cercano de disturbarmi e farmi patire qualche male, perchè universalmente le condizioni sue sono tanto pessime, che non voriano vedere alcuno in quella città, salvo, che loro; per modo che informò quel Serenissimo Re, dicendo che era venuto per danno de quello Serenissimo, Re, e molte altre opposizione, le quali non m'estenderò a dire particolarmente; adeo che me misero in grande sospetto. El giorno seguente da poi che gionsi de li in Lisbona, che fu a di 4 detto, che è il giorno, di S. Francesco, fui mandato a chiamar da Sua Altezza nel palazzo, che è in cima de questa città; dove Sua Altezza steva sola in capo d'una sala scrivendo sopra una tavola piccola; et io gionto li, fatto la debita reverenzia, disse, che comandava Sua Altezza; el qual me disse de che nazione era, e d'onde veniva, et a che fare era in quella città venuto. Non m'estenderò nella risposta: risposi quanto accadeva al bisogno. Da poi parlato lungamente con Sua Altezza, disse a uno suo che era poco distante da noi, el qual se chiama Piero da Lisbona, el qual è, come seria a dire, Capo de Consiglio de X; e le disse, che l me menasse in pregione orribile, senza che io potessi parlare a persona del mondo. Et in questo tempo mandò Sua Altezza per mi, e parlome tre o quattro volte: e vedendo ultimamente, che io steva saldo e costante su li primi parlari, mi pose in libertà, e disse mi ch'el stare in quella terra fosse a mio beneplacito. Et io liberato che fui, volsi diligentemente inquerire et intendere quali fussino stati quelli che mi fecero tale opposizione; et intesi da più persone degne di fede, li quali me dissero che già un mese inanzi el mio zonzer de li fu significato a Sua Altezza da Venezia da uno Benetto Tondo Fiorentino (nevodo de Bortolamio Fiorentino, el quale fa grandissime facende nella città de Lisbona), che el veniva uno ad istanzia della Signoria de Venezia, e del Gran Soldano, per veder et intender quel cose de quel viaggio d'India nel suo regno, e che la Signoria de Venezia mandava due nave carge d'artellarie al Gran Soldano per devedare a Sua Altezza il navegar loro.

Abbita continuamente quel Serenissimo Re in quella città di Lisbona, per

esser quella la prima di quel regno, e da equiparare, si de grandezza come de sito e de mercadanzia, e de abitazione d'universal generazione de mercadanti abitata. Si che parmi solum quella città sia per tutto il resto di quel regno, nella qual ha il suo palazzo in cima della terra nuovamente fabricato; ancora quello non è compiuto; non è molto di gran spesa, anzi una fabrica molto bassa, e con poco dessegno, e povera; assi rasonevolmente abitazione per sua corte a supplimento.

Uno Corezador di continuo sta in la detta città, cioè uno Vice Re, che è il primo officio in quella, et è in vita; el quale è zudese e corezador di quella città, si de criminal come de civil. Due officii haanno in detta città, delli quali uno se chiama la Casa della Relazion, la qual de continuo sta nella detta città, et in quella si trattano tutte le cose, si de civil come de criminal di tutto questo regno; nella qual casa entra la persona del Re con el Governador sopradetto doi volte alla settimana, et altri 20 zudesi, tutti però¹ dottori e litteradi. Visto et iudicato le cause, ghe hanno appellazion alli Agravi, cioè 6 zudesi, con la persona del Re, come saria a dire 6 aldidori; li quali sono li più vecchi, e dottori de questo numero 20 della detta casa a laudare le sentenzie, overo tagliare. El bisogna che siano 4 vose; tamen vedendo l'opinion del Re, gli altri se aderisseno a quella; e cusi fenisseno le sentenzie senz' altra appellazione. La seconda Casa se chiama la Supplicazione, la quale de continuo segue la Corte; dove etiam in quella se trattano le cose civil e criminal, intendendose le cause larghe, leghe 5, cioè, miglia 15; nella qual casa intra la persona del Re doi volte la settimana con el Corezador, che è questo il secondo officio di quella città, con 15 zudesi litterati e dottori de leze, i quali sono deputadi a questa audienza: tutti sono in vita: le qual sentenze hanno le appellazion sue alli detti 6 Agravi, con la persona del Re, senza alcun'altra appellazione; ut supra. Uno Corezador, che alde tutte le cause, si de civil come de criminal della detta città, de ogni summa de denari; tamen solum moreno le sue sentenze¹ da ducati 5 in zoso, senz' alcun' altra appellazione; de li in suso hanno appellazione alla Relazion. De criminal, hanuo larga libertà de justizia: puolleno far morire un uomo per sua sentenza senza alcun altro impedimento, salvo perla Maestà del Re assolutamente.

Sono tre Veadori della Intrada, como saria a dire tre Governadori delle intrade nostre, el qual officio è molto onoratissimo, el quale è dato alli più preziati da Sua Altezza, che sono al presente: primo, el Baron Don Diego Lopes, el secondo Don Martino, el terzo Don Pedro de Castro: per questi tal Veadori sono governate le intrade de Sua Alteza, e de tutte le sue spese, li quali fanno

¹ *Moreno le sue sentenze*: talvez se deva interpretar=*ficam firmes suas sentenças*=.

el tutto; etiam questi tali tieneno el cargo de receiver li danari della casa della Mina delle speziarie; e per loro sono fatte le spese dell'armade che se fanno per l'India. Questi 3 Veadori sono li priui Fidagli, cioè gentiluomeni di quel regno, e poleno molto con Sua Altezza.

Uno Armirante, cioè un Capitanio general da mar, el qual è Don Vasco da Gamba, quello che discoperse l'India; questo è officio molto onoratissimo, el qual officio ha dato questo Serenissimo Re a detto Don Vasco, e fattolo Armirante; benché lui non è molto grato a Sua Altezza, perchè lui è homo destemperado, senza alcuna ragione; ha fatto molte cose nell' India nel suo viaggio, che sono state poco grate a Sua Altezza: tamen essendo stà quello che ha illuminato questo viaggio d'India, e discoperto quello, questo Serenissimo Re el fece Armirante, e donnòli un castello, dal quale ha d'intrada da ducati 1500: ha al presente una intrada de ducati 4000; etiam ha questo privileggio da Sua Altezza, che può mandar al viaggio d'India ducati 200, li quali el può spenderli in qual sorte de spezierie che a lui pare, senza pagare dretto alcuno; che quest' è una grandissima intrada, quando non fusse altro: lui è de bassa condizione, tamen al presente è fatto Fidalgo, cioè gentiluomo, e vive onoratamente, et è reputado da molti Grandi di quello regno.

Uno Secretario mazor di Sua Altezza, che se chiama Antonio Carneiro,¹ il quale è assai discreto homo, e pratico, benché el non abbia littera alcuna; l' ha bon natural, è prattichissimo dell' officio suo; el qual è molto estimado da Sua Altezza: ha molti altri secretarii, li quali non tengono cargo delle cose segrete: hanno loro li suori offizii deputadi; non s'adopera altro secretario nelle cose d'importanzia e segrete, salvo el detto Antonio Carneiro.

Uno Scrivan de Puridade, che è un officio molto onoratissimo, che tien cargo d'assignar privileggi, et altri dispacciamenti reali; e non essendo affirmadi e segnadi di sua mano, i' non passano davanti Sua Altezza: el qual fu

¹ Antonio Carneiro. Por letra d'este secretario existe no Arch. da Torre do Tombo a minuta do debuxo de uns poucos de pannos de Arrás planeado por D. Manuel, a fim de perpetuar por um meio tão grandioso e opulento os maravilhosos successos alcançados pelas suas armadas no ultramar; minuta que pela primeira vez deu a publico o meu fallecido amigo J. A. da Graça Barreto em um opusculo não posto á venda. (V. *A Descoberta da India, ordenada em tapeçaria por mandado de El-Rei D. Manuel.*—Coimbra, 1880).

Attenta a importancia do documento, a Sub-Commissão, de que sou membro insignificante, resolveu incluil-o no volume — *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre Tombo acerca das Navegações e Conquistas Portuguezas*,— volume de cuja publicação está agora tratando.

Embora não conste onde hoje existem, se por ventura existem, esses pannos preciosos, não ha duvida alguma que elles foram executados: pois em Faria e Souza (*Asia Por-*

figlio del Marchese fradello de questo Serenissimo Re; è homo molto discreto e de bona condizione; e molte volte Sua Altezza conferisce e consulta li negozii con lui, per esser homo d'ottimo consiglio: sì che è molto prezziato da Sua Altezza, che certo è homo d'ottima condizione; dico di boni che abbia in quella Corte.

Un Contador maggiore di Sua Altezza, che è offizio onoratissimo, come seria a dir Revisidor de' Conti de tutte quelle persone che scodono et amministrano l'intrada di Sua Altezza; tutti quelli sono obbligati darli conto al detto Contador; el qual offizio val ducati 2000 all' anno, et è delli onoratissimi offizii di queslo regno. Hae molti altri offizii in questa città deputadi, cioè un Giudice dé mercadanti stranieri, letterado e dottore; il qual offizio è in vita, el qual tien cargo delle cose dependente dalla doana, cioè decima del dritto del Re de tutte merce se mettono dentro; il qual ha libertà de poder esaminar e sentenziar senz' alcuna appellazion per summa de Reali. . . in zoso. Item, uno Giudice dell' offizio della Sisa, cioè uno dotttor, el qual è Giudice delle cose dependente della Sisa, che sono il dretto del Re de tutte merce che intrano dentro di questa città: ha libertà de sentenziar ut supra.

Uno Fattor mazor de Sua Altezza, che tien cargo della casa della Mina, el qual se chiama Stefano Vaza, el qual è homo de mala e pessima condizione; e essendo ogn'altro homo che attendesse a quella casa, cioè doana, venderia più summa de spezierie, e seria de più frutto de Sua Altezza: non è homo pratico de tal cargo, poco intende quello importa la mercanzia; lamen per esser prezziato da Sua Altezza, li ha dato quell' offizio, il qual tien cargo di tutta quella casa della Mina, e per sue mani se vendono tute le spezierie; e tien le chiave di quella, e per lui sono ricepute le spezierie che vieneno d'India, e per lui sono dispatati li pagamenti redrezati allitre Veadori delle facende del Re antescritte; etiam lui riceve tutti li denari delle spèzierie che se comprano in la detta casa, e poi lui consegna quelli alli Veadori soprascritti. Questo offizio certo è molto

tuqueza, tomo 1, parte 1.^a cap. viii, pag. 75.— Lisboa, 1666) encontro menção d'elles, a proposito de um facto que se acha tambem indicado na minuta do debuxo dos pannos. Faria e Sousa falando da conquista de Quiloa por D. Francisco de Almeida, narra, que, alcançada a victoria, D. Francisco mandou chamar Mabomet Anconii, parente do rei de Quiloa: = y el temiendo algun peligro, ó miseria, prostrado a sus piés le pedia misericordia. Dom Francisco. . . le solevó en sus brazos, y le dixo que le nombrava Rey de aquella Isla, e. . . Dom Francisco. . . con alegre pompa le puzo una corona de oro, y le dexó colocado en el trono Real. *Acto fue este, que despues se vió encommendo a la pertuidad, en dibuxo de tapicerias preciosas que el Rey Don Manuel mandou labrar glorioso deste successo*=(loc. cit.)

Com effeito na minuta sobredita lê-se: = Em outro quylloa . . . com ha frota diante . . . e como se faz o Rey pelo capitam moor e lhe toma menajem e juramento de sogeyto =.

onorato; tutti vanno per le sue mani quelli che hanno il tratto pera, l'Indi overo per la mina dall' oro.

Sono molti uffizii onoratissimi in la casa di Sua Altezza: cioè el primo è Camerier mazor, che è al presente Don Martino, il qual è molto suo giurato, e puole molto con Sua Altezza; il quale fu figliolo d'un Arcivescovo. Questo Serenissimo Re li ha fatto molta mercede, e datoli molta intrada, e principalmente li ha dato, che niuno Cristian nuovo (che si po'dire tutti li Iudei) quelli non ponno uscire fuori di questo regno senza una licenzia; che per questa via s'intende l'ha guadagnato un tesoro dà Cristiani nuovi che sono usciti da questo regno, et ogni giorno uscisenno per paura dell' Inquisizion; sì che per questa via ha augmentato infiniti danari, et è per guadagnar molto più per questi Cristiani novi che restano, che sono li più ricchi.

Ha Sua Altezza molti altri camerieri, zoveni Fidalgi, cioè gentiluomini, d'età d'anni 14 fin 20; li quali non sono reputati: chiamansi mozi de camera, quali stanno di continuo alla tavola quando disna, overo cena, Sua Altezza; sono da otto in dieci a servirlo li alla tavola; e li nella sala medesima dove desina Sua Altezza, stano etiam tutti li suoi Grandi, fino che habbi compiuto di disnar; e dapoì lo accompagnano alla sua camera: intrano tutti al disnar, overo a cena; non sono molto grave né cerimoniose le cose sue, imo molto familiari e domestiche con tutti. Ha uno Mastro de casa, el qual tien cargo delle cose necessarie alla casa di Sua Altezza, che è uffizio onoratissimo. Ha uno Portier mazor, el qual tien cargo, e l'uffizio suo si è alla porta della camera di Sua Altezza, quando la medesima è ritirata in casa, et etiam alla porta principal della audienza; tamen non è exercitato per lui, salvo misso un'altro che fa l'uffizio. Uno Veador mazor de casa de Sua Altezza, el qual tien cargo de veder sopra le cose pertinenti al mangiare; sta di continuo al disnar et alla cena di Sua Altezza e comanda al Mazordomo della casa. Questo Veador è l'ultimo che sta fino che Sua Altezza vadi a dormir. Ha uno altro Camerier zovene, che se chiama Zorzi da Milo. Ha etiam uno Copier mazor, che tien cargo de dar da beber a Sua Altezza; il qual non è adoperato per lui, salvo per uno altro, che è uffizio onoratissimo. Ha molti altri uffizii in la casa di S. A. non reputadi.

Doi Duchi sono al presente in questo regno; cioè, il primo Duca si è il Duca di Braganza, che è nipote di questo Serenissimo Re, el qual tien molte fortezze e castelli da numero 30 in suso. La intrada sua veramente è vassalli 30 mila, per quello s'intende ducati 16 mila: è d'età d'anni 26 in 27, el qual è maridado in la fiola del Duca di Medina Sedonia de Castiglia; sono doi fratelli; uno vive in Castiglia, Don Dionisio, el qual è maridado li in Castiglia. El secondo Duca se chiama Don Zorzi, Duca de Ciubra, fu fiolo naturale del Re Don Zuanne, el qual pretendeva succeder a questo regno, e sperava de esser

Re: aspettava le sue bolle da Roma avanti el morir del Re Don Zuanne suo padre, per farlo legitimo; ma, come credo, che sia noto quanto sia stá perseguitado suo padre, Re Don Zuanne, per farlo morir, da tutti li Grandi di questo regno, e più sui prezati, dalli quali ultimamente non si potè difender, fu tossicato a termine; però restò questo Duca con poco favore: el quale è d'età d'anni 23 vel circa, et è di debole complessione, e mal sano; ha d'intrada ducati 17 mila, computando li due Magistradi che ha, uno de San Jacomo, e l'altro de Calatrava; ha molti castelli e fortezze et una città sotto il suo Ducato.

Uno Marchese, che se chiamò Ville Real, el qual è zerman cusin de questo Serenissimo Re, el quale è poco reputado in corte per esser leggiéro di cervello, e più tosto accusato per pazo che altramente; el qual ha d'intrada ducati 10 mila; tamen è sempre debitor in capo dell' anno sopra la persona.

Uno Contestabile, cioè Capitano general delle genti d'arme; el qual officio è nel Marchese soradito.

Dieci contadi sono in questo regno, con rasoneval intrada e valentissimi cavallieri. Il primo contado, si è il suo titolo Conte di Jole e da Madalva; ha d'intrada ducati 5000. El Conte de Tentagel, fiolo del signore Alvaro, ha d'intrada ducati 3000 in 3500. El Conte d'Alcoutin, fiolo del Marchese, ha d'intrada ducati 2500. El Conte de Cinmagueira ha d'intrada ducati 1500. El Conte de Farro ha d'intrada ducati 2000. El Conte de Brannes, fratello del Prior del Crato, ha d'intrada ducati 2100. El Conte de Borba, el qual è stá un valentissimo cavallier nell' Africa, et ha fatto de bellissime prove, e molto esistimato da Sua Altezza, ha d'intrada ducati 4000. El Conte de Tirocha ha d'intrada ducati 3200. El Conte de Ponela ha d'intrada ducati 1500. El Conte de Fera ha d'intrada ducati 2000.

Due Archiepiscopadi: il primo Archiepiscopo è de Lisbona, el qual ha d'intrada ducati 10 mila: e secondo archiepiscopo è de Braza; el qual archiepiscopado havé a Roma, essendo lui imbasciadore a Sua Beatitudine della obbedienza mando questo Serenissimo Re; el qual ha d'intrada ducati 9000, vel circa: el qual archiepiscopo è molto prezato da Sua Altezza, e puol molto.

Sette vescovadi pur in questo regno, e tre vescovadi nell' Africa. El primo vescovado è il vescovo de Bura, ha d'intrada ducati 12 mila; el secondo è episcopado de Lisbona, ducati 10 mila; episcopato de Coimbra, ducati 6000; vescovado de Braga, ducati 4000; vescovado della Mego, ducati 5000; vescovado de Sylves, 4500; vescovado de Guarda, 5000. Nell' Africa cittade tre: Tanger. Ceta et Argilla, delle qual terre non ha profitto né intrada alcuna, ma spesa continua per guardarle da Mori, con 400 cavallieri con il suo capitano; li quali vanno a servir Sua Altezza, el forzo de loro, gratis et amore; staranno de li anni dò, over tre, e dapoì tornano alla corte di Sua Altezza, sperando conseguir qualche onor e mercè dal Re. Li altri veramente, che non sono Gentiluo-

mini, che stanno pur de li nelle terre dell' Africa, el soldo suo si è archieri 6 formento per testa al mese, et archieri 12 di biava per il suo cavallo, e de dinari, ducati $\frac{1}{2}$ per la sua bocca: e questo è quanto stipendio hanno li detti; tamen loro stanno per speranza dè buttini che fanno da Mori, e dè cavalli quando fanno le correrie dentro de loro Mori infra terra.

Uno Prior, che se chiama Don N., Prior del Crato, el qual è molto onorato cavalier in questo regno, et è valentissimo della sua persona: el qual andò molto tempo in corso in Rodi, e per tutto quello levante; per modo che s'intende veramente ha fatto de grandissima presa d'Infedeli, cioè Mori e Turchi. El qual certo era molto estimado dal Gran Mastro de Rodi; da poi venuto de qui, dove ha qui el suo stato, et alcuni castelli fortissimi qui nell'Extremadure de Castiglia, e primato suo.

Due sono li Alchaldi, uno de criminal e l'altro de civil, li quali de continuo stanno in questa città, e due altri simili seguono la corte di Sua Altezza. con li sui dui aguzini. Questi due Alchaldi tienneno cargo, come a dir dō capi sopra li capi de Guardia, che è li aguzini: e comandano a quelli, e prendono le persone, e portano tanto quanto per li detti Alchaldi li è commesso. Sono salariati da questo Serenissimo Re ducati 200 all'anno, cioè, 200, che sono in guardia di Sua Altezza; el Capitano de quali si è il Camerier mazor, li quali cavalli sono ad ogni suo comando presti leghe 5 larghe dalla Corte.

La natura di questo Serenissimo Re parmi molto allegra; la complession sua si è flaca, debile, e de poco spirito. È molto sospettoso in tutte le sue cose; non si risolve per si, se non in tutto vuole consiglio e consulta con la Regina D. Elionora sua sorella, la qual è prudente, e con li suoi Grandi: e questo vien perché non se confida nel discorso et iudico suo. Mostra esser avaro e cupido di denaro; e maxime da poco tempo in qua, da poi che tratta delle cose de marcadanzia, ha gustato li frutti di quella. Dove el vede alcun profitto, in tutto el vuol intrar; e tira per si, e deveda ad altri; non ha rispetto al ben publico del suo populo, salvo el ben particolare suo; e questo vien per li maligni ch'el conseiano per acquistare benevolenzia con Sua Altezza; benché in si, lui parmi d'ottima condizion, e de somma bontà. Cattholichissimo e divotissimo, ha fatto far de bellissime e notabile opere; cioè monasteri de religiosi, che se chiama Santa Maria de Betlem, nel qual ha speso infiniti danari, et ancora non è compiuto, e spenderassi da suo compire da ducati 150 mila in suso; e molti altri monasteri et opere in questo suo regno, laudabile a Dio et alle persone del mondo. Non è molto stabile nelle sue cose, e molte volte si muda de proposito; e questo, perché ascolta cadauno, e facilmente crede ad ogni homo; e maxime in quelle cose che cognosce che li sia in suo proposito, non considerato altro contrario. Se delecta d'andar per mare per questi rii; e molte volte va in uno suo bregantino fatto per Sua Altezza, passando tempo vedendo

queste sue nave e monasteri: mostra aver gran spasso andar per mar con qualch'uno delli suoi primati, el qual è détà d'anni 36 in 37. Ha uno Principe d'età d'anni $3\frac{1}{2}$ in 4, el qual si chiama Don Zuanne; fu battezzato per la Magnificenza de messer Piero Pasqualigo, el quale era a quel tempo orator a Sua Altezza; fu zurato per principe per el Duca de Braganza, et el Duca de Coimbra, e per tutto el regno delli Grandi de questo regno; ha due infanti et uno infante: d'età uno sotto l'altro.

L'intrada sua veramente, per quello se vede e s'intende, é ducati 350 mila vel circa, che é una poca cosa; benché s'intende da poi fatto Re l'ha fatto molte mercè, et hasse privato de molta intrada, la quale ha dato a molti suoi Grandi, che erano fora usciti de questo regno, descazati per el Re Don Zuanne: non solamente li ha restituido li suoi stati, ma eziandio le sue intrade da quel tempo in qua, ch'erano scorse; per modo che Sua Altezza restò con poca intrada, come qui de sotto particolarmente é dichiarato. Finalmente, traze della mina dell'oro della Ginea, l'uno per l'altro ogn'anno, ducati 120 mila, che sono in tant'oro, che ogni caravelle vien in questa città.¹ Item, traze pure della Ginea per l'appalto delli Negri, ch'intrano in questa città da teste 2000, all'anno ducati 5000. Item, traze pur de ditta Ginea malagete, per l'appalto de quelle che se trazeno ogn'anno K. 2000 vel circa, ducati 6000. Item, traze da 4 anni in qua da Terranuova per l'appalto di verzi, el qual se traze ogn'anno K. 10 mila vel circa; é appaltado per ducati 5000. Item, traze dell'Isola delli Pastelli, cioè l'Isola delli Astori, e di quella si traze guadi, per essere appaltadi per anni 4, ducati 10 mila; metto all'anno ducati 2500. Item, traze dell'Isola della Medera per el suo quarto e decima per li zuccari, che de quella se traze ogn'anno rove 200 mila, poco più o meno; li quali metto ducati 50 in 60 mila per el $\frac{1}{4}$ e decima che li viene a Sua Alteza. Item, traze del regno d'Algarbi tonine, sotto sora, all'anno ducati 13 mila, vel circa. Item, se traze de questa città de Lisbona ducati 1000, vel circa. Item, se traze del ducado ch'el tien in sì de Viseo, et uno magistrato de Jesu Christo col... di questo regno, alla summa de ducati 40 mila vel circa, che é a supplimento di quella soprascritta intrada. Non metto el tratto dell'India, perché, seguendo quello, sì come mostra, saria una grand'intrada; che per quello si ha discorso, trazeriano ogn'anno ducati 35 o 40 mila; che volendo dar libertà navegar a quello viaggio n. 50 per cento, tocheria la mità delle spezierie metto sotto sopra a ducati 20 el baar, ghe tocheria per suo conto ducati 400 mila netti de spese: tamen fin al presente li é stata a Sua Altezza una grandissima spesa, peroché se pol

¹ Aquí não corre o sentido: o que faz suppor a falta de algumas palavras no manuscrito.

dir essere stata più la spesa et el danno, che l'utile conseguido. Questo Serenissimo Re povero, non si trova avere de contadi uno ducato, perchè in effetto sta di continuo su la spesa con quest'armada per l'India, che lo tien suto de danari; e non ha el modo de reuscir delle spese sue, perchè in effetto non è sua prattica, e la spesa dell'armada tutta corre per li contadi. Certa cosa è, che per un picciolo Re, e de quella poca intrada che ha, certo fa gran mercede e gran premio. A tutti i suoi Fidalgi, quelli li quali seguono la sua corte con tutti li Grandi, si dà la sua mesaria, ch'è una certa intrada de sua spesa, per suo vivere secondo le loro condizioni; la qual mesaria è di ducati 44 mila vel circa, li quali sono destribuidi ogn'anno in questi tali Fidalgi; e ha ogni mese questo suo soldo per dette sue spese, e de'suoi cavalli. Etiam, questo Serenissimo Re è obbligato della sua intrada dar la dota e maridar le fie de questi tal soi Fidalgi e Grandi della corte, secondo le loro condizioni, quelli contienneno mazor mesaria: tamen ordinariamente è la sua dote doble 40, che sono ducati 8000; le qual Fidalge sono obligade a servir la Maestà della Regina per sue dame, e vivono con quella, e seguono la corte fin a che se maridano con la detta dota, senza quello che li danno suoi padri di patrimonio; et etiam essendo una de quelle molto privata della Reina, la qual fa qualche segno de bon servire.

Essendo bisogno far gente d'arme per campo in questo regno, non ha altro ordine nè modo, salvo che tutti li suoi Fidalgi con tutti li suoi cavalli, e tutti li Grandi di questa corte con le sue persone, che vanno a servirlo, e maxime andando l'Altezza Sua in persona, senza alcun soldo nè premio. La guerra che loro hanno è nelle bande dell'Africa, contra Mori, in due terre che per loro sono mantenute, e castelli doi nelli quali sono de continuo 300 cavalli da fatti per cadauna terra, et altrettanti cavallieri, valentissimi homeni, e molte volte scorreno dentro in fra terra contra Mori, e fali correrie, e molti dauni infra terra. Li quali cavallieri, da poi stati due overo tre anni, vienneno de qui, e per Sua Altezza li vien fatto qualche mercede per el suo vivere: si che per zente de guerra da terra, poco spesa fa questo Serenissimo Re al presente. Parendoli cosa necessaria al suo regno, ha dato principio a far gente d'ordenanza da persone 3000 in tutto suo regno, si come se costuma in Italia, et etiam in Castiglia. Al presente ha dato questo a uno suo Portuguese, cioè suo Capitanio d'ordenanza, el qual è stato qualche tempo in Italia con Consalvo Fernando, et ha essercitado el mestier dell'arme gran tempo; el qual aveva grandissima fama de valentissimo homo: el qual fu mandato a chiamar ad istanza de Sua Altezza, ch'el vegnisse a repatriar, e che Sua Altezza li daria el viver onorevolmente; si che è afermato de qui con salario de ducati 200 all'anno, e mostra de continuo el modo che se costuma de questi fanti d'ordenanza, che sono tutti li ufficiali dell'arte mecanica de questa città: averanno da homeni

600 vel circa; el soldo suo é ducati 2 $\frac{1}{2}$ al mese, reduti che saranno in campo a servizio de Sua Altezza in Terra Ferma; e per mar averá ducati 3.

Questo regno é cosa piccola circa miglia 300 per longhezza, tutto per costa de mar; per latitudine, miglia 120 vel circa alla Extremadura de Castiglia. Sono grandissime parte de questo regno despopolade; lochi aridi e sterili, che non si pó trare de quelli cosa alcuna che sia d'utilità. Non hanno formenti che facciano a questo regno; sono soccorsi per via di Fiandra e dell'Isola degli Astori; che certo se non fosse li formenti de fuora, che intrano in questo regno, patiriano grandemente. Etiam patisseno de carne grandemente, perchè non hanno pascoli da nutrire bestiami. Tutte queste montagne sono aride. Vini, ogli, pesci e frutti assai rasonevolmente hanno nel regno; imo se traze fuora del regno assai quantità. Non hanno legnami, né altri navilii, salvo uno poco de pigner, delli quali bona parte sono destruidi e consumadi tutti li boschi della Communità, si etiam delle particular persone, per quest'armada d'India. La mazor quantità de legnami che sono per far nave e navilii, é nel porto, dove li se fa el forzo delle nave; tamen de tutto se servono per via di Fiandra, si delle nave come etiam dell'altre cose pertinenti de quest'armada per India.

Circa al trattar della mercadanzia in questa citá, poco per loro naturale é trattada, despreziando quella, parendoli cosa incivil e bassa; però sono poveri de danari universalmente tutti; né per Grando che sia in questo regno, né per grand'intrada che loro abbino, non s'altrovano uno ducato, perchè tutti vivono sopra quella poca d'intrada de questo Re, e spendono largamente senza alcuna ragione. Non ha industria alcuna da intramettersi de vadagnar uno ducato. Vero é, che dapoi che vanno a questa navegazion, molte case sono fatte ricche, che sono stá li Capitani che sono andati a quel viaggio d'India: che certamente, da poi scoperto questo viaggio, sono fatte più di 20 case ricchissime in questo regno; e tutti con gran desiderio, vedo, esser inclinati d'andar a quel viaggio, per el vadagno grandissimo, che se ha da quello, nonostante che sia de grandissimo pericolo, e molti altri sinistri se patiscano in quello.

L'arte del marinarezo. Assai rasonevolmente molti de loro sono ben dotadi, e la intendeno, e maxime li pedoti in questo regno sono eccellentissimi in questa arte, per el continuo navegar in questi mari, che sono molto bravi et asperti, navegando molto lontano; come all'Isola de San Tomé, che sono leghe 2000 vel circa; et alla Terra Nova, dove viene el verzi, che sono leghe 1200; navegando al presente a questo viaggio d'India, che son leghe 4000, che certo é una navigazione che se puol dir più tosto miracolosa che altramente, come per informazione de molti che sono stati a quello viaggio referiro de quanto manifesto pericolo scorreno, e de quelli mari quasi inavegabili. Concludendo dico, che loro, quanto all'arte della marinareza, essere benissimo adotati, tamen sono homeni ostinatissimi, e non stimano alcun pericolo; navigano

certe caravelle molto piccole, le quale sono de portá de bote 100 in 150, e non piú, peroché dicono essere quelle piú abile al navigare, e superar quelli mari, e con piú segurtá che ogni altra sorte nave de mazor portá: ch'in effetto hasse visto per esperienza, che zà molt'anni che navigano queste tal caravelle al viaggio della Mina et all'Isola di San Tomé (che sono da leghe 1000 in 1200), non è stá visto a perir alcuna de quelle; si che se pó dire con vera esperienza esser piú segure che ogn'altro navilio per quelli tal mari. Le nave et altri navilii che se servano in questo regno, sono la mazor parte fatte in Beschagia e de Fiandra, perché in questo regno poca commoditá hanno da far nave e navilii, per mancamento de legnami; salvo nel porto, dove li se faranno qualche nave: ma, come dico, in questo regno poco se fanno.

Quanto alli ordeni de questo regno, poco è ordinato, e senza alcun governo le loro condizione; sono ostinatissimi e litigiosi; con poca fè e meno veritá: potria dire molte cose pertinenti a questa materia, ma perché so certo che per altri ne sia stato fatto compiuta relazione all'Illustrissima Signoria Vostra, per non esser piú lungo, voglio pretermettere.

TABULA

	PAG.
Viaggio primo.....	68
Viaggio secóndo.....	69
Viaggio terzo.....	71
Viaggio quarto.....	71
Viaggio quinto.....	72
Viaggio sesto.....	73
Viaggio settimo.....	74
Viaggio ottavo.....	75
Viaggio nono.....	76
El navegar de questo viaggio, e tutte scale, e molti altri lochi dove nascono speziarie, zogie et altre mercanzie; e li nomi de quelli paesi, e la moneta sua, et il peso, suo, et altre cose.....	78
El modo come vengono portade le speziarie d'India in Portogallo.....	81
El modo como se vendono le speziarie in Lisbona.....	81
Ordine che mise il Re sopra el comprar e vender queste cose.....	82

	PAG.
El tratto de tutto quello se traze de Portogallo.....	83
El mio discorso sopra questa navigazione.....	84
Lochi dove nasce el piper.....	85
El Re de Narsin.....	86
El zonzer mio de li in Lisbona, e la retenzion mia.....	87
Abitazion del Re de Portogallo.....	87
Offizii della città di Lisbona, incominciando li dove dice: <i>el Corezador</i>	88
Duchi nel regno de Portogallo.....	91
Marchesi.....	92
Contestabili.....	92
Contadi.....	92
Archiepiscopati.....	92
Vescovadi.....	92
Priori.....	93
Alchaldi.....	93
La natura e complession del Re de Portogallo.....	93
L'intrada del Re de Portogallo.....	94
El modo come bisogna far zente d'arme.....	95
La grandezza del Regno de Portogallo.....	96
El modo che se tratta la mercanzia in Lisbona.....	96
L'arte del marinarezo.....	96





CARTAS

DE

ALBERTO CANTINO E DE PIETRO PASCUALIGO

PROLOGO

CONTEMPORANEAMENTE á descoberta do Brazil por Cabral, outro portuguez, Gaspar Corte Real, navegava para a America Septentrional em busca de regiões desconhecidas. De suas descobertas, porém, não me consta que D. Manuel dêsse noticia aos Reis Catholicos ou a outro qualquer potentado, talvez por julgal-as de mui pequena importancia debaixo do seu ponto de vista politico e commercial.

O que D. Manuel callou relataram-no todavia dois diplomatas italianos residentes n'aquelle tempo em Lisboa, Alberto Cantino e Pietro Pascualigo: vindo d'este modo as suas relações a confirmar largamente o que a respeito de Gaspar Corte Real escreveram em seguida Antonio Galvão (cujo manuscripto publicou o seu testamenteiro, Francisco de Sousa Tavares, em 1563), Danião de Goes e Jeronymo Osorio. Diz pois Galvão:—neste mesmo anno de 500 diz que pedio Gaspar Corte Real... pera ir descobrir a terra Nova... foi áquelle clima que está debaixo do Norte em cincoenta graos daltura... tornon a salvamento em Lisboa. Fazendo outra vez este caminho, se perdeu o navio em que elle hia, e o outro tornou a Portugal.—(V. *Tratado dos descobr. antig. e mod.*, p. 36. Lisboa, 1731.)—E Goes:—Gaspar corte Real... propos de ir descobrir terras pera banda do Norte... partio do porto de Lisboa no começo do veram do anno de mil e quinhentos. Nesta viagem descobrio, pera aquella banda do

Norte, huma terra... A gente da qual he muito barbara e agreste... sam alvos e tam cortidos do frio que a alvura se lhes perde com a idade... Sam... muito ligeiros... vestem-se de pelles de alimarias... vivem em cavernas... Depois que descobrio esta terra... se tornou ao regno, e logo no anno de m. d. i. desejoso de descobrir mais d'esta provincia... partio de Lisboa aos xv dias do mes de maio, mas... nunca mais appareceo.=(V. *op. cit.*, Part. i, cap. LXVI, p. 87.) —No mesmo sentido narra Osorio, copiando Goes:—Gaspar Corteregalis... anno autem m. d. Olysipone profectus, cursum in Septentrionalem plagam direxit. Ad terramque tandem pervenit, quam... viridem appellavit. Homines... sunt barbari et inculti, colore candido... Pellibus animantium vestiuntur... Corteregalis in Portugalam reversus... rursus anno, d. m. i se in eandem regionem contulit... Sed quid illi acciderit... nunquam scrii potuit.=(*Op. cit.*, p. 63 v.)

As cartas dos sobreditos italianos são em certos pormenores ainda mais explicitas do que os textos adduzidos dos auctores portuguezes, sendo por isso muito util, em meu entender, incluil-as na presente Memoria, tanto mais que entram perfeitamente no plano a que ella obedece. A iniciativa fecunda de Christovão Colombo produzia no mesmo tempo os seus effeitos para o Sul e para o Norte da America.

O texto d'estes documentos é reproduzido do erudito trabalho—*Os Corte Reaes*—que o benemerito e illustrado sñ. Ernesto do Canto publicou em o seu importante *Archivo dos Açores*, vol. iv. Ponta Delgada, 1882.

Escripta em Lisboa aos 17 de outubro de 1501.

ALBERTO CANTINO A HERCULES D'ESTE, DUQUE DE FERRARA

Ill.^{me} et Ex.^{me} et Princeps et Domine mi singularissime.

Già son nove mesi passati che questo Serenissimo Rè mandò alle parte de tramontana dui legni ben armati, solum per cherczare se possibil fusse, che a quella parte vi si possesse ritrovare terra ov. Insule alcune, cusi hora alli undeece del presente salvo, et con preda uno de epsi è ritornato, et ha portato gente et nove, le quale non me ha parso che sencia sentita de V. Ex. debbiano passare. et cusi precisamente tutto quello quel fù per il capitan al Re, me presente, raccontato qui di sotto distinctamente scrivo. In prima raccon-

tano che partiti che firon del porto de Lisbona, quattro mesi continui, sempre per quello vento et a quel polo caminarno, ne mai in tutto questo spacio haberno vista de cosa alcuna; et intraкти nel quinto mese volendo pure inanti sequire, dicono, che ritrovarno masse grandissime de concreta neve andare mosse da londe sopra il mare a galla; de la summità de le quale per la potencia del sole una dolce et chiara aqua se dissolvea, et disciolta per canaleti da epsa facti ruinando al basso qui cadea, onde, che havendo già le nave bisogno de aqua, con li battelli a quelle se acostarno, e per quanto fu a lor necessario ne prenderno, et temendo de stare in quel locho per il loro presente periculo volseno tornare indrieto, ma pur aiutati da speranza, deliberarno, come meglio potesseno. andare anchora alcun giorno inanti, et posseronsi al viaggio, nel secondo giorno del quale ritrovarno el mar gelato et constrecti ha abandonare la impresa, cominciarno a circundare verso maestro et ponente, ove tre mesi sempre con bon tempo, a quella volta continuarno. Et nel primo giorno del quarto mese haberno vista, fra questi dui venti, dun grandissimo paese, al qual con grandissima allegrezza se acostarno, el correndo molli et grande fiumi dolci per quella regione al mare, per uno de epsi, forsi una legua fra terra intrarno; et in quella dismantati trovarno copia de suavissimi et diversi fructi, et albori, et pini de si smisurata alteza et grosseza, che serebbono troppo per arboro de la piu gran nave che vade in mare. Ivi non nasce biada dalcuna sorte, ma gli homini di quel paese, dicono non vivere se non di piscasone et caza de animali, deli quali el paese abonda, cioè cervi grandissimi vestiti de longuissimo pelo, le pelle de li quali usano per veste, ne fanno case et barche; et cusi lupi volpe, tigri et zebellini. Affermano esservi, che mi pare miraculo, tanti falcuni peregrini, quante passare sono nel nostro paese, et io ne ho veduti, et sono belletissimi. Degli homini et de le donne de questo locho ni pigliarno circha da cinquanta per forza, et hannoli portati al Re, li quali io ho visti, tochi et contemplati, et cominciando alla loro grandezza, dico che sono alquanto più grandi del nostro naturale, con membre corrispondevole et ben formate, li capilli di machij sono longi, quanto noi ultri usiamo, et pendeno con certe inhanelate volveture, et hanno il volto con gran signi segnato, e li segni sono come quelli de li Indiani, gli occhi suoi tranno al verde, dali quali quando guardano, dona una gran fireza a tutto il viso: la voce non se intende, ma per ciò in se non ha alcuna aspreza anzi più presto è humana, la conditione et gesti loro son mansuetissimi, rideno assai e demonstrano summo piacere, et questo è quanto alli homini. La dona ha piccole poppe et bellissimo corpo, e tien un viso assai gentileasco, il colore de le quale piu presto se può dire bianco cha altro, ma il maschio e assai piu negro. In summa, salvo che la terribile guardatura de lhomo, in ogni altra cosa mi pareno eguali alla imagine et similitudine nostra. Da ogni parte sono nudi, salvo che le membra vergognose, che con una pelle di sopra-

dicti cervi se tengon coperti. Non hanno arma ne ferro niuno, ma ciò che lavorano, et ciò che fanno, con durissime pietre aguze, con la quale non è cosa sì dura che non taglino. Questo naviglio è venuto di là a qua in un mese et dicono esservi 2800. millia de distantia; laltro compagno he deliberato andar tanto per quella costa, che vole intender se quella è insula, o pur terra ferma. Et cusi il Re con molto desiderio et quello et altri aspecta, li quali venuti che siano, et pertanto cosa degna di V. Ex.^a subito ne darò noticia a quella.

Lisbonae, die XVII Octobris. 1501.

Ill. et Ex. Duc. D. V.

Servitor ALBERTUS CANTINUS.

No verso—*Ill.^{mo} Principi et Ex.^{mo} Domino Domino Herculi Estensi Duci Ferrarie dignissimo ac domino meo singularissimo.—Ferrarie.*

CARTA DE PIETRO PASCUALIGO AO SENADO DE VENEZA

Escripta em Lisboa aos 18 de outubro de 1501.

A dì 9 dìl presente arivò qui una di doe caravelle, quale l'anno passalo la majesta del ditto re mandò a discoprir terra verso le parte de tramontana, et ha conduto 7 tra homeni e femene et puti de terra per quella discoperta, era maistro e ponente, lontan di qui miglia 1800. Questi homeni de aspeto, figura et statura somigliano cingani; hanno signada la faza in diversi logi, chi de più chi de mancho segni, vestiti di pelle de diversi animali, ma *precipue* di lodre; el parlar suo è *penitus* alieno da ogni altro che fin hora se sia sentito in questo regno, nè vien inteso da persona alguna. Sono benissimo disposti ne li membri loro, et hanno faze mansuetissime, ma modi et gesti bestialissimi et come de homeni silvestri. Credeno questi di la caravella, la soprascritta terra esser terra ferma, et conjungersi con altra terra, la qual l'anno passato soto la tramontana fu discoperta da l'altre caravelle de questa majestà, *licet* non potesseno arivar a quella, per esser el mar agiazato con grandissima quantità di neve, in modo ch'è monti qual terra. *Etiā* credeno conjungersi con le Andilie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagà,

noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut.⁴ El creder questo se moveno, prima, perchè, havendo corso la costa de ditta terra per spazio de 600 più milia non hanno trovato fin alguno; poi perchè dicono haver trovato molte fiumare grossissime, che li meteno in mare. Expetasse di zorno in zorno l'altra caravella capetania, de la qual distinctamente se intenderà la qualità et condition ch'è le sopradita terra, per esser andata più avanti scorrendo per quella costa, per scoprir quanto più potrà de quella. De questa nova questa regia majestà ha auto gran piacer, perchè li par che questa terra serà molto a preposito de le cose sue, per più respeti, ma *precipue*, perchè, essendo molto vicina a questo regno, facilmente et in poco tempo potrà haver grandissima copia di lignami per fabrication di arbori et antene di nave, et homeni schiavi assai da ogni faticha, in perlio che dicono, quella terra esser populatissima et piena de pini et altri legni optimi. Et tanto ha piaciudo dita nova a sua majestà, chi li a fato venir volontà de mandar navilii iterum a ditto locho, et acrescer la flota sua per India, per conquistar più presto hormai cha per discoprir; perchè li par che Dio sii co sua majestà ne le opere sue et mandi ad effetto ogni suo disegno.

Do mesmo argumento trata a infrascripta

CARTA DE PIETRO PASCUALIGO A SEUS IRMÃOS

Escripta em Lisboa a 19 de outubro de 1501.

.....

Adjr. viii del presente arivo qui una de le doe Caravelle quale questo serenissimo Re lanno passato inando a discoprire terra verso tramontana Capitaneo Gaspar Corterat: et referissi havere trovato terra ii M. miglia lonzi da qui tra maestro et ponente qual mai per avanti fo cognita ad alcun; per la costa

⁴ Giovanni da Empoli dà a conhecer que corria tambem a tal respeito entre os navegadores a opinião de que «l'Antiglia del Re di Castiglia, e alsì la terra del Corte Reale si presume e giudicasi e fassi sia tutta una colla terra di Malaeca, perchè la gente, gli animali e ogni altra cosa sono simili; ma la distanza e il sito e la gran freddura non dà luogo al poterla navigare e discoprire». V. *Lettera mandata da Giovanni da Empoli a Lionardo suo padre, ecc.* no vol. iii, *Appendice*, cit. do *Archivio Storico Italiano*, pag. 98. Firenze 1846.

dela qual scorseno forsi miglia DC in DCC. ne mai trovoreno fin: per el che credeno che sia terra ferma la qual continue in una altra terra che lanno passato, fo discoberta sotto la tramontana, le qual caravelle non posseno arivar fin la per esser el mare agliazato et infinita copia de neve; Questo in stesso li fa credere la moltitudine de fiumare grossissime che anno trovato la che certo de una Insula none havia mai tante e così grosse: Dicono che questa terra e molto popolata et le case de li habitanti sonno de alcuni legni longissimi coperte de foravia de pelle de passi. Hanno conducti qui vii tra homini et femene et putti de quelli: et cum laltra Caravella che se aspecta d'ora in hora ne vien altri cinquanta.

Questi sono de equal colore, figura, statura, et aspecto, similimi a cingani, vestiti de pello de diversi animali voltando el pelle i suso, et de inverno el contrario; et queste pelle no sonno cusite insieme in alcun modo, ne couze, ma così como sonno tolte da li animali se le mettono intorno le spalle et braze; et le parte pudibunde lgate cum alcune corde facte de nervi de pesse fortissime. Adeo che pareno homini salvatichi: sonno molto vergognosi et mansueti; ma tanto ben facti de brazi e gambe e spalle che no se potria dire: Hanno signata la faza in modo de Indiani: chi da vi chi da vu chi da manco segni. Parlano ma non sonno intesi dalcuno: Ampo credo chi sia sta facto parlare in ogni lenguazo possibile: Nela terra loro no hano ferro: ma fanno cortelli de alcuno pietre: et similmente ponte de freze: et quilli anchora hanno porta de la uno pezo de spada rotta dorata laqual certo par facta in Italia: uno putto de questi haveva ale orecchie dui todini de arzentio, che senza dubio pareno sta facti a Venetia: il che mi fa creder che sia terra ferma, perche non e loco, che mai più sia andato nave, che se haveria hauto notitia de loro. Hanno grandissima copia de salmoni, arenge, Stochafis et simil pessi: Hanno etiam gran copia de legnami, e fo sopra tutto de Pini da fare arbori e antenne de nave, per el che questo Serenissimo Re desegna havere grandissimo utile cum dicta terra si per li ligni de nave, che ne haveva debesonno come per li homini che seranno per excellentia da fatiga, e gli meglor schiavi se habia hauti sinhora.¹

¹ Do *Archivo dos Açores*, cit., pag. 421, 422 e 423.









E
111
Al6c

Academia das Sciencias de
Lisboa. Commissao Portugueza
da Exposicao Colombina de
Madrid, 1892

Centenario do descobri-
mento da America

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 09 16 08 032 7